

José MARQUES DA CRUZ

Ex-prof. da "Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras" da Universidade de São Paulo. Da "Academia de Ciências e Letras" de São Paulo; do "Instituto Histórico e Geográfico" de São Paulo; ex-prof. de Filologia portuguesa na "Faculdade Paulista de Letras e Filosofia" (Faculdade livre hoje extinta).

PORTUGUÊS PRÁTICO

GRAMÁTICA

Para as quatro séries do curso ginásial,
para o ciclo colegial e para os
exames vestibulares

25.^a EDIÇÃO

1955



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Todos os direitos reservados pela
Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal 8120 — São Paulo

10/V-5

166.º MILHEIRO

Nos pedidos telegráficos basta citar o cód. 43



ÍNDICE

Linguagem-Gramática	25	Participios duplos	76
Gramática (Divisão)	26	Verbos irregulares	77
Oração, sujeito e predicado ..	26	Alguns verbos em <i>ar</i>	77
Figuras de metaplasmo	29	Verbos em <i>ear</i> e em <i>iã</i>	82
Categorias gramaticais	31	Alguns verbos em <i>er</i>	83
a) Substantivos	32	Alguns verbos em <i>ir</i>	89
Alguns coletivos	33	Estudo lógico do pronome <i>se</i>	94
Graus dos substantivos	35	Emprêgo freqüente das formas	
Feminino de alguns substan-		verbais mais comuns, espe-	
tivos	36	cialmente do imperativo ..	97
Plural de alguns substantivos	38	O idiotismo "infinito pessoal"	102
Plural dos substantivos com-		O gerúndio e o particípio pre-	
postos	39	sente	107
b) Adjetivos	42	e) Advérbios	109
Graus dos adjetivos qualifica-		f) Preposições	111
tivos	42	g) Conjunções	111
Alguns superlativos absolutos		h) Interjeições	114
sintéticos	44	Palavras sinônimas, homôni-	
Plural dos adjetivos que indi-		mas, etc.	114
cam côr	47	Sintaxe	116
Adjetivos determinativos	47	Análise lógica ou sintática ..	116
c) Pronomes	51	Nomes das orações	120
d) Verbos	54	Três espécies de cláusulas ou	
Conjugação dos verbos auxi-		orações ou sentenças ou pro-	
liares	62	posições subordinadas	124
Conjugação dos paradigmas ou		A partícula <i>que</i>	126
modelos regulares	65	Os elementos essenciais da ora-	
Voz passiva	69	ção	129
Conjugação do verbo pronomi-		Os complementos na oração .	131
nal <i>queixar-se</i>	72		

PARTE PRÁTICA

Análise lógica de alguns pe-		Transformação de orações coor-	
ríodos	135	denadas em subordinadas e	
Análise lógica por diagramas	144	vice-versa	155
Alguns diagramas especiais ..	150	Passagem de orações conjun-	
Substituição de frases por ou-		cionais a reduzidas e vice-	
tras de formas diversas e sen-		versa	156
tido equivalente	153	A concordância	158
Conversão de frases compostas		Concordância do verbo com o	
em frases simples	154	sujeito e outras observações	158

Concordância do adjetivo com o substantivo	165	Sufixos para substantivos ...	327
Concordância do apóstrofo ou continuado	168	Sufixos para adjetivos	328
Concordância do atributo com o sujeito	168	Sufixos para verbos	329
Concordância do pronome com o nome	169	Derivação imprópria	329
Sintaxe das categorias gramaticais	171	Formas convergentes	330
Sintaxe do substantivo	171	Etimologia dos sufixos nominais	331
Sintaxe do adjetivo	172	Sufixos verbais	337
Sintaxe dos numerais	177	Prefixos latinos	338
Sintaxe dos pronomes	178	Alguns prefixos gregos	341
Sintaxe dos advérbios	185	Alguns radicais gregos	341
Sintaxe das preposições	193	Palavras compostas de numerais gregos	344
Sintaxe das conjunções	198	Alguns nomes próprios de origem tupi	344
Figuras de sintaxe	202	Fonologia	346
Figuras literárias ou tropos ..	207	Moderna divisão das consoantes	348
Regência — O bom uso das preposições	209	Prosódia	350
Colocação dos pronomes oblíquos (ou Síncrise pronominal, ou Topologia pronominal)	212	Ortografia	351
1) Êncrise	214	Estudo elementar de fonética histórica	352
2) Próclise	216	As consoantes homorgânicas ..	356
3) Mesóclise	221	Leis fonéticas	356
Questões Diversas	223	A passagem de vogais e consoantes do latim popular para o português	359
A Crase	223	1) Vogais	359
Como se escrevem "Cartas" ..	234	2) Consoantes	360
Algumas abreviaturas usadas em cartas, e outras ainda ..	236	3) Grupos consonantais ..	363
Esquema dos tratamentos ...	238	Formas divergentes: suas causas	365
Exemplos { Tu	239	Leis da semântica	366
de cartas { Ele	240	As três declinações do latim popular	368
{ Vós	241	O caso lexicogênico (ou gerador)	368
Cartas comerciais	241	O desaparecimento do neutro	368
Pontuação	244	Fatos devidos à analogia	369
Vícios de linguagem ou barbarismos	246	Justificação das regras referentes às flexões de gênero e de número, e à graduação sintética	369
Principais galicismos	251	As três conjugações do Latim Popular (<i>sermo vulgaris</i>) ..	371
Coleção de vícios de linguagem	262	1. ^a — Paradigma: Cantar	372
A questão ortográfica	310	2. ^a — Paradigma: Dever	373
Instruções para a organização do Vocabulário da Língua Portuguesa	313	3. ^a — Paradigma: Partir	374
Etimologia (formação de palavras)	326	Perdas sofridas pelo latim literário	376
		Criações românicas	376

Fatos devidos à analogia	377	Verbo <i>ser</i>	389
Etimologia das categorias gramaticais	378	Algumas palavras e expressões arcaicas	390
Significado de alguns nomes .	379	Observações sobre a ortografia	393
Etimologias curiosas e duvidosas	384	Estudo de Português Histórico por meio de trechos característicos dos séculos XII, XIII, XIV, XV, XVI e XVII	425
Origem de artigos, adjetivos, pronomes, verbos, etc.	385		

PORTUGUÊS HISTÓRICO

1.º <i>Português arcaico (séculos XII, XIII, XIV e XV)</i>	427	Tromba marinha	463
O documento mais antigo em verso	427	Episódio do Adamastor ...	465
O documento mais antigo em prosa	431	Os doze de Inglaterra	466
SÉCULO XIII:		Soneto (Camões)	470
Cantiga de amigo (D. Denis)	431	Auto da Mofina Mendes (Gil Vicente)	470
Cantiga de amigo (D. Afonso Sanches)	436	SÉCULO XVII:	
Pastorela (D. Denis)	439	Descrição do Polvo (Vieira)	474
Documentos apócrifos	443	O Estatuário (Vieira)	474
Trova dos Figueiredos ou canção do figueiral	444	Degeneração de Portugal (Bernardes)	475
SÉCULO XIV:		Os Três Risos (Bernardes) .	475
Memórias	445	Doença e morte de Fr. Bartolomeu de São Domingos	476
Batalha do Salado	445	Anjo Bento (Gregório de Matos Guerra)	477
SÉCULO XV:		SÉCULO XVIII:	
Cantiga (Tristam Teyxeyra)	446	<i>Escritores portugueses:</i>	
Cantiga (J. Rodrigues de Castelo Branco)	446	Combate do Gama com Timoja	478
A dom Manuel (Ruy de Pina)	449	Epigramas de Bocage	479
Virtuosa benfeitoria (Infante D. Pedro)	449	Soneto ditado na agonia (Bocage)	482
Duas estâncias de "Os Lusíadas" (século XVI)	449	Diálogo (Curvo Semedo) ..	482
2.º <i>Português clássico (séculos XVI, XVII e XVIII)</i>	453	Soneto (Nicolau Tolentino)	483
SÉCULO XVI:		<i>Escritores brasileiros:</i>	
Alguns episódios de "Os Lusíadas"	453	Belezas e opulência do Brasil (Rocha Pita)	483
Canto I	453	Carta a um enviado de Portugal na Corte de Inglaterra (Alexandre de Gusmão)	484
Episódio de Inês de Castro	453	Lira I (Tomás Antônio Gonzaga)	485
Batalha de Aljubarrota	460	O Caramuru (Frei José de Santa Rita Durão)	486
Partida da Armada, de Lisboa	461		

O Uruguai (Basílio da Gama)	486	O domínio do português (o português, seus codialeto, dialetos e subdialetos)	504
Soneto (Cláudio Manuel da Costa)	487	O português do Brasil	507
Liras (Alvarenga Peixoto) ..	487	Literatura	519
O cajueiro (Silva Alvarenga) ..	488	a) Narração	520
Madrigal (Silva Alvarenga) .	488	b) Descrição	521
Cartas chilenas (Critillo) ..	489	c) Dissertação	522
É tarde (Frei Mont'Alverne) ..	490	Gêneros de composição em prosa e verso. Gêneros em prosa	523
Português Histórico (traços gerais)	492	Gêneros em verso	524
O grego e o latim (Garret) .	495	Versificação	537
Origem da língua portuguesa (famílias lingüísticas)	496	Regras para contar as sílabas ..	537
Outras famílias lingüísticas (nas outras partes do mundo) .	498	Rimas. Estâncias ou estrofes .	544
O domínio do português (constituição do léxico português; as línguas românicas)	500	Estilo. Virtudes estilísticas ...	547
		Variedades de estilo	551
		Defeitos de estilo	552
		Índice alfabético	555

PROGRAMA DE PORTUGUÊS

Curso Ginásial

1.^a SÉRIE

1. a) Leitura e interpretação de excertos breves e fáceis de prosadores e poetas brasileiros dos dois últimos séculos. b) Vocabulário. c) Exposição oral. d) Recitação de pequenas poesias. e) Exercícios escritos de redação. f) Ortografia.
2. Com apoio no texto lido se tratará da seguinte matéria gramatical: a) A oração. b) Categorias gramaticais. c) Gênero, número e grau. d) Conjugação; vozes do verbo. e) Concordância e regência. f) Emprego dos pronomes átonos. g) O período de duas orações; valor das orações substantivas, adjetivas e adverbiais.

2.^a SÉRIE

1. a) Leitura e interpretação de excertos de prosadores e poetas brasileiros dos dois últimos séculos. b) Vocabulário. c) Exposição oral. d) Recitação de pequenas poesias. e) Exercícios escritos de redação. f) Ortografia.
2. Tratar-se-á da seguinte matéria, somente a propósito da leitura dos textos: a) Período composto. b) Categorias gramaticais. c) Gênero, número e grau. d) Conjugação; vozes do verbo. e) Concordância e regência. f) Sintaxe do verbo *haver*. g) Emprego dos pronomes átonos. h) Noções preliminares de composição e derivação.

3.^a SÉRIE

1. a) Leitura e interpretação de textos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses dos dois últimos séculos. b) Vocabulário. c) Exposição oral. d) Exercícios escritos de redação.

2. Partindo sempre dos textos lidos em aula, tratará o professor do seguinte: *a)* Recapitulação sistemática e estudo complementar da matéria gramatical das séries precedentes. *b)* Sintaxe de colocação. *c)* Emprego dos tempos e dos modos. *d)* Sintaxe do pronome *se*. *e)* Colocação dos pronomes átonos. *f)* Estudo elementar de versificação.

4.^a SÉRIE

1. *a)* Leitura e interpretação de textos de prosadores e poetas brasileiros e portugueses dos dois últimos séculos. *b)* Vocabulário. *c)* Exposição oral. *d)* Exercícios escritos de redação.
2. Revisão: *a)* Quadros dos conectivos coordenativos e dos subordinativos; *b)* Quadros sinóticos da classificação das orações.
3. A propósito da leitura feita em aula, tratar-se-á dos seguintes assuntos: *a)* Análise sintática. *b)* Figuras de sintaxe. *c)* Linguagem afetiva. *d)* Linguagem figurada. *e)* Noções elementares de fonética fisiológica. *f)* Estudo complementar da formação de palavras. *g)* Comentário gramatical. *h)* Versificação.

INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS PARA A EXECUÇÃO DO PROGRAMA DE PORTUGUÊS

O programa desta cadeira tem por objetivo:

- a) habilitar o estudante a falar e escrever corretamente.
- b) despertar-lhe o amor da língua portuguesa e o gosto literário.
- c) contribuir para a sua educação moral e intelectual;
- d) cooperar para a formação de sua consciência patriótica e de sua consciência humanística.

Leitura expressiva, vocabulário e ortografia

Nas duas primeiras séries, escolher-se-ão para a leitura textos muito simples de prosa e de verso, que tenham por assunto, principalmente, a terra natal, a escola, a família, exemplos de feitos heróicos e virtudes cívicas. Aconselham-se, por mais acessíveis à inteligência dos alunos, os contos populares, fábulas, poesias líricas, pequenas descrições de paisagens brasileiras, breves narrativas de fatos de nossa história, os quais ao mesmo tempo despertem o amor do idioma e concorram para a boa formação do espírito e da consciência patriótica.

Com esse caráter predominantemente educativo prosseguirá a leitura por todo o curso secundário; mas tão cedo quanto possível começará o professor a tirar dela tudo o que seja necessário para a cultura intelectual dos alunos, esforçando-se por estimular nêles o gosto literário e exigindo-lhes, cada vez mais, expressão correta e elegante não só no falar, senão também no escrever.

Em tôdas as aulas, antes de se ocupar com as questões de gramática, deverá o professor pedir a interpretação do texto lido, a análise das idéias, a significação das palavras, a reprodução resumida e oral do pensamento do autor. Assim, além de habituar seus discípulos à observação e ao raciocínio, terá sempre ensejo de submetê-los a proveitosos exercícios de elocução e de lhes corrigir a linguagem, proporcionando-lhes simultaneamente contribuições preciosas para os trabalhos escritos de redação, no Curso Ginásial, e de composição literária no segundo ciclo.

O vocabulário será objeto de exercícios freqüentes e progressivos. A princípio insistirá o professor nos métodos de aquisição por sinonímia, antonímia, definição, emprêgo em frases curtas, organização de pequenos grupos analógicos. Quando verificar que os alunos já conhecem boa parte do vocabulário latino e os processos de formação de palavras, deverá propor-lhes questões referentes às famílias etimológicas mais importantes.

É indispensável a adoção de um dicionário da língua portuguesa.

O ensino da ortografia merecerá todo o cuidado e derivará naturalmente da leitura e das redações. Uma ou outra vez poder-se-á recorrer ao ditado de pequenos trechos adequados e atraentes, que serão escritos no quadro prêto e copiados nos cadernos de aula.

Redação, composição e análise literária

Os trabalhos de redação, sempre muito fáceis, devem ser executados de preferência na aula, individual ou coletivamente, orientados pelo professor ou sugeridos pela leitura explicada. Como exercícios subsidiários são recomendáveis, entre outros, os seguintes:

- a) formação de frases com aplicação do vocabulário ensinado;
- b) substituição de frases por outras de forma diversa e sentido equivalente;
- c) conversão de períodos compostos em períodos simples;
- d) transformação de orações subordinadas em coordenadas e vice-versa; substituição de subordinadas adjetivas por adjuntos atributivos ou por apostos; de subordinadas de forma conjuntiva pelas reduzidas correspondentes, etc.;
- e) conversão da voz passiva na ativa e vice-versa;
- f) exercícios de concisão;
- g) resumo oral de leituras feitas fora da classe;
- h) paráfrases de textos breves;
- i) correção de trabalhos apresentados pelos alunos, feita pela turma, sob a direção do professor.

Começará na 4.^a série ginásial a composição livre, para a qual, além das indicações do professor, muito servem como recursos preliminares os exercícios de estilo e a análise literária elementar de textos breves, de preferência modernos.

A análise literária, que já se pode esboçar nesta série, não considera só o gênero da obra, o plano, o desenvolvimento, os processos estilísticos. Cabe-lhe principalmente interpretar o pensamento do autor, examinar as relações entre o conteúdo e a forma, fazer sobressair a idéia ou o sentimento fundamental, apreciar em seguida as idéias ou os sentimentos acessórios e conduzir ao juízo crítico, estudando a obra em seu conjunto e situando-a no seu tempo.

Gramática expositiva

Nas duas primeiras séries do Curso Ginásial, o ensino de gramática será acentuadamente prático, ministrado à medida que os fatos ocorrerem, sempre baseado na leitura de textos já interpretados com a possível minúcia.

Recomendam-se pequenos exercícios orais e escritos de aplicação, sobretudo os referentes às flexões, às regras de concordância e regência e ao emprêgo das formas verbais mais freqüentes.

As observações gramaticais devem partir da oração para as suas partes. A análise sintática será feita com razoável sobriedade: convém evitar os excessos de nomenclatura, os pormenores, os subentendidos, as construções que, embora usuais e corretas, não estão sujeitas aos rigores da lógica. Não se perca de vista que o objetivo da análise é orientar o estudante na inteligência dos textos e na correção dos erros que êle comete. Excelente processo de raciocínio, deve ela, entretanto, intervir com oportunidade, sem prejuízo do ensino prático e literário da língua.

São mais apropriados à análise léxica os períodos já analisados sintaticamente. Como é óbvio, não se pode, muitas vezes, sentir a categoria de uma palavra sem o conhecimento prévio de sua função na frase.

A sistematização dos fatos gramaticais, tratados até a 2.^a série pelo método indutivo, começará na série imediata, quando prosseguirá com algum desenvolvimento o ensino da morfologia e da sintaxe, motivado por exemplos colhidos no livro de aula ou formulados pelo professor.

O estudo das palavras invariáveis, da colocação dos pronomes, particularidades de construção, tropologia, linguagem afetiva, como em geral dos demais fatos do idioma, será feito ocasionalmente, sem a memorização de listas e definições, abundância de termos técnicos ou complicações inúteis. Antes de tudo a atenção dos alunos deve ser solicitada para a significação e a forma.

Gramática histórica

Caberá na 1.^a série do 2.^o ciclo, pelo estudo elementar da gramática histórica, a justificação de várias normas ortográficas e de certos preceitos da gramática expositiva. A feição arcaica da língua portuguesa será conhecida pela leitura explicada de alguns textos breves, seguida de ligeiro comentário filológico.

Literatura

Freqüentemente serão interpretados e comentados textos escolhidos, em prosa ou em verso, tendo-se em vista habituar o aluno a observar as qualidades estilísticas de autores exemplares, e ainda despertar-lhe e desenvolver-lhe assim o gosto das boas leituras como o interesse pelos vultos mais representativos de nossas letras.

Na 2.^a série, já se considera, em linhas gerais, a história da literatura portuguesa. A divisão em épocas é apresentada de maneiras diversas nos

compêndios mais em uso, pelo que terá o professor de esclarecer dúvidas, mostrando como pode ela variar, sem que isso impeça criteriosa apreciação dos fatos, desde que é lícito tomar como base ora acontecimentos políticos e sociais, ora a evolução dos próprios gêneros literários, das idéias filosóficas e dos processos artísticos. Além disso, a interpretação dos elementos admitidos a exame pode também variar, conforme o ponto de vista em que se coloque o historiador ou o crítico.

Escolhida e justificada cabalmente uma divisão, passar-se-á ao estudo das escolas e correntes literárias, insistindo-se em explicar as origens e caracteres de cada uma.

Poderá o professor indicar os autores que deverão ser estudados durante o ano. Aconselha-se, todavia, que aos alunos se dê liberdade de escolher autores e obras, nos gêneros de sua preferência, para os seus trabalhos de pesquisa e de crítica.

É de toda a conveniência, ao iniciar-se o estudo da literatura brasileira, seja ela considerada em face das literaturas hispano-americana e norte-americana.

Recordados aos alunos os aspectos característicos do meio americano na época do Descobrimento e da vida nas colônias; explicada sumariamente a luta entre as línguas indígenas e as línguas européias, refletindo ora o simples encontro, ora a fusão das civilizações que representavam; evidenciadas as condições em que se foram formando econômica, social e politicamente a América Latina e a América Inglesa, apontar-se-ão as fontes intelectuais que nutriam, obrigatoriamente, antes da Independência, o espírito das Américas: de um lado, Portugal, Espanha, Itália, França; do outro, a Inglaterra.

Serão reavivadas então as noções fundamentais de História da Civilização, nos séculos XVII, e XVIII, do pensamento filosófico e político da Inglaterra e dos países europeus de língua latina, mostrando-se como penetraram em França as doutrinas inglesas, sob cuja influência se preparou, através da literatura, a Revolução de 1789, que tanta importância teve nos destinos dos povos da América.

Observar-se-á que, nos tempos coloniais, a literatura brasileira e as literaturas hispano-americanas apresentam os mesmos panoramas gerais, porque recebiam todas das mesmas fontes e quase sempre pelas mesmas vias as influências européias. Na América do Norte, onde, aliás, bem cedo se estabeleceu a imprensa e se desenvolveu o ensino popular, outro teria de ser, e realmente foi, o rumo das atividades intelectuais, graças ao espírito liberal inglês e às lições de cultura científica e assuntos de educação que a Inglaterra lhe oferecia.

Até a Independência pode ser a literatura brasileira estudada em comparação com a portuguesa, visto que dela não diverge em orientação. Apenas haverá o cuidado de assinalar em autores nossos o que mais diga respeito ao meio brasileiro e interesse à nossa história, como os poemas *Ilha de Maré*, de Manuel Botelho de Oliveira, *Descrição da Ilha de Itaparica*, de Fr. Itaparica, o *Caramuru*, de Santa Rita Durão, *Os Rondós*, de Silva Alvarenga, e mais uma ou outra produção. Notar-se-á que a *História da América Portuguesa*, de Rocha Pita, é toda animada de profundo entusiasmo patriótico.

Prestar-se-á justiça à grande obra civilizadora dos Jesuítas, salientando-se a figura de Anchieta, a quem devemos, além de tantos outros benefícios, a primeira gramática e o primeiro vocabulário de língua brasileira, e a de Antônio Vieira, o maior orador de seu tempo em língua portuguesa defensor incansável dos direitos dos nossos indígenas.

No estudo da época verdadeiramente nacional de nossa literatura, a qual começa depois da Independência, com o Romantismo, usar-se-á o mesmo processo indicado para a 2.^a série, sendo de notar, porém, que já se hão de requerer dos alunos observações mais profundas dos fatos literários e apreciações completas de autores e de obras. Além disso, convirá exercitá-los, quando possível, em trabalhos de seminário, para esclarecimento de assuntos que exijam investigação e possam suscitar debates.

Entre os estudos especiais da literatura brasileira, além dos relativos a autores e obras, sugerem-se os seguintes:

- a) O nativismo na poesia e na prosa da época clássica (tôda a época colonial).
- b) O indianismo na poesia romântica.
- c) O indianismo na prosa romântica.
- d) A poesia social de Castro Alves.
- e) A poesia popular do Romantismo.
- f) Tendências românticas dos nossos parnasianos.
- g) O teatro nacional.
- h) Lendas indígenas e africanas do folclore brasileiro.
- i) O regionalismo no romance, no conto e na poesia.
- j) A crítica literária na época realista-naturalista.

DO MESMO AUTOR:

- LIS E LENA (versos; 1911).
CIENCIA FINANCEIRA (de colab. com Sousa Batista e A. Rebêlo, 1911, esgot.).
RESUMO DA LITERATURA GREGA, LATINA, PORTUGUESA, BRASILEIRA, etc. (1915, esgot.).
ORAÇÃO A PORTUGAL (em prosa, 1922, esgot.).
ORAÇÃO A PORTUGAL (poema; 2.^a edição, 16.^o milheiro).
REDONDILHAS (versos; 2.^a edição, 1943).
VICIOS DE LINGUAGEM (1920, esgot.).
MEMÓRIAS DE FULGÊNCIO CLARO (novela de costumes, assinada com o pseudônimo de Fulgêncio Claro; 1923).
"PROFECIAS DE NOSTRADAMUS E DA BÍBLIA", com comentários históricos científicos e filosóficos; 10.^a edição, 1952).

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

- ÁGUA DA FONTE (versos; 2.^a edição, 1932).
ALMA LUSA (versos; 1935 — 1.^a edição, 3 milheiros).
"N.^a SENHORA APARECIDA", "A VIRGEM DE FÁTIMA" e "A MARCHA DA HUMANIDADE" (poemetos; 1954 — 2.^a ed.).
PORTUGUÊS PRÁTICO (para a 1.^a e 2.^a séries ginasiais). Esgotado.
PORTUGUÊS PRÁTICO (para a 3.^a série ginasial). Esgotado.
PORTUGUÊS PRÁTICO (para a 4.^a série ginasial). Esgotado.
PORTUGUÊS PRÁTICO (para a 5.^a série ginasial). Esgotado.
PORTUGUÊS PRÁTICO — Gramática.
HISTÓRIA DA LITERATURA ORIENTAL, GREGA, LATINA, PORTUGUESA, BRASILEIRA E OUTRAS (para os exames vestibulares de Direito e Filosofia; 7.^a edição).
GRAMÁTICA LATINA de Ladislau Peter, (remodelada, revista e aumentada por Marques da Cruz) — 40.^a edição.
SELETA (para a 1.^a e 2.^a séries ginasiais; 11.^a edição) — 1954.
SELETA (para a 3.^a e 4.^a séries ginasiais; 7.^a edição) — 1954.
PORTUGUÊS PRÁTICO (para a 1.^a série do "Colégio") 7.^a edição — 1953.
PORTUGUÊS PRÁTICO (para a 2.^a série do "Colégio") 5.^a edição — 1954.
PORTUGUÊS PRÁTICO (para a 3.^a série do "Colégio") 3.^a edição — 1954.
SIGLAS DO LIRISMO PORTUGUÊS — 1.^a edição — 1945.
EÇA DE QUEIRÓS, A SUA PSIQUE — 1.^a edição — 1949.

A LINGUA PORTUGUÊSA

« *Portugal e Brasil* — permiti-me a imagem — são as duas capas de um livro imenso, unidas pela carneira verde do Oceano, contendo, em texto, o mesmo poema, que é a Bíblia vernácula dos dois povos, e esse poema, que ocupa o centro do altar da Raça, não é outro — vós o sabeis — senão os *Lusíadas*! »

COELHO NETO

« Na vergonhosa metamorfose, por que está passando o português, entre nós, homens aliás muito instruídos, verdadeiros sábios em outras matérias, cometem crassos erros de linguagem ».

RUI BARBOSA

A língua é um organismo vivo, sempre em evolução. Quando aparece em formas literárias, surge a *gramática*. Esta é, pois, posterior. O seu papel é o de *disciplinadora*, para que a linguagem não se abastarde em desleixos e impurezas. Deve, porém, ser clara. As idéias têm que se apresentar de cara lavada. As sociedades também preexistiram à lei. A lei é posterior. Mas as sociedades têm que ser *disciplinadas* pela lei.

A pátria é o idioma criado ou herdado pelo povo. Um povo só começa a perder a sua independência, a sua dignidade, a sua existência autônoma, quando começa a perder o amor do idioma natal.

OLAVO BILAC

Escrever a língua com pureza já é muito. Escrevê-la com pureza e arte é próprio de espíritos privilegiados. E' difícil encontrar um *gramático*, que seja, ao mesmo tempo, um artista, um *estilista*.

Um fato curioso: Os escritores começam, em geral, a lançar livros, levados pelo seu pendor artístico. Os críticos elogiam-nos *mas* apontam-lhes erros gramaticais. Os escritores, então, enchem-se de brio (já muitos mo confessaram), e começam a estudar gramática.

Já Boileau disse: « Sem o conhecimento da língua, o autor é sempre um mau escritor ».

— «Floresça, fale, cante, ouça-se e viva a portuguesa língua».

(ANTÔNIO FERREIRA)

*

— «Língua que tem a ironia grave e sã de Machado de Assis, a graça e sobriedade fidalgas de Afonso Arinos, o espumegar cantante, nervoso e colorido de Bilac e Alberto de Oliveira, a arte austera de Rui Barbosa e Euclides da Cunha.»

(JOÃO LÚCIO)

*

— «Transladada ao sul da América, não perdeu o caráter grave, nem a ténpera máscula, nem o tom de funda melancolia que lhe imprimiu a esforçada e trágica aventura de nossos avós; e ainda adquiriu preciosos elementos de encantadora suavidade, de frouxa, dolente e maviosa ternura.»

(ANTÔNIO CÂNDIDO)

*

— «Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra; — tôdas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquêle acento chato e falso, que denuncia logo o estrangeiro. Na língua verdadeiramente reside a nacionalidade. O cosmopolitismo do verbo irremediavelmente lhe dá o cosmopolitismo do caráter. Por isso o poliglota nunca é patriota.»

(EÇA DE QUEIRÓS)

*

— «De tôdas as artes, a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil é, sem dúvida, a arte da palavra. De tôdas as mais se entretêce e compõe. São as outras como ancilas e ministras: ela, soberana universal.»

(LATINO COELHO)

*

— «Eu amo tanto a minha língua, esta nossa querida língua portuguesa! — fidalga de nascença pelos pais, cedo emancipada e logo rica, modesta no aspecto, dada no trato, grave no som, sóbria na tinta, gentil de linhas, e, por ser desembaraçada de partículas inúteis, precisa nos conceitos, rápida nas máximas, evidente nos contrastes; e, ao mesmo tempo, cândida para bucólicas, terna para lirismos, altiloquente nas estrofes das epopéias sonoras, esquiva no diálogo curto, avolumada no discurso lento, sacudida no remoque vivaz do termo popular, e culta em pausada escrita de humanistas.»

(ANTERO DE FIGUEIREDO)

*

— «Há por aí uns chorões, que não perdem oportunidade de mostrar as suas lágrimas de tristeza, porque herdamos, para nosso uso, uma língua fechada e difícil.

Ainda não era, porém, conhecido o Brasil, hoje povoado com muito mais de 30 milhões de habitantes, e Portugal e suas possessões tinham muito menos gente que hoje a falar-lhe a língua, quando Camões escreveu «Os Lusíadas». Estaria, portanto, a língua portuguesa muito mais «fechada»... Pois, assim mesmo, os «Lusíadas» foram apreciados em Espanha, onde se fizeram 7 traduções desde 1580; na França, onde há 25 traduções desde 1735 até hoje; na Itália, 11, sendo a primeira em 1658; na Inglaterra, 18, sendo a primeira em 1655; na Alemanha, 16; enfim, na Holanda, na Polónia, na Boémia, na Dinamarca, na Hungria, na Suécia, na Rússia, na Grécia... e, até, em hebraico e em latim o poema foi traduzido. Era a mesma língua, que os chorões agora xingam de «fechada e difícil», mas não escapou às nações cultas o monumento literário... »

(FERREIRA DA ROSA)

— «Assim como a gente não escolhe os seus parentes (e, mercê de Deus, os nossos foram ilustres), também não escolhe a linguagem que balbucia; e bem-aventurados os brasileiros porque essa é a ilustre língua portuguesa. Deu-nos Portugal esta casta e sonora, forte e polida língua portuguesa, para a honrarmos e acrescentarmos na divulgação do grande povo que havemos de ser.»

(AFRÂNIO PEIXOTO)

«A que hei de exatamente igualar-te, ó floresta?

«Só posso comparar-te à língua portuguesa:

Porque ela é que possui os tesouros da tua
Basta, e brava, e brutal, e bárbara beleza,
Que a língua mãe, na terra virgem, perpetua!

«Consagrando a beleza, eternizando a graça,
Ela reflorirá como um verde renôvo!

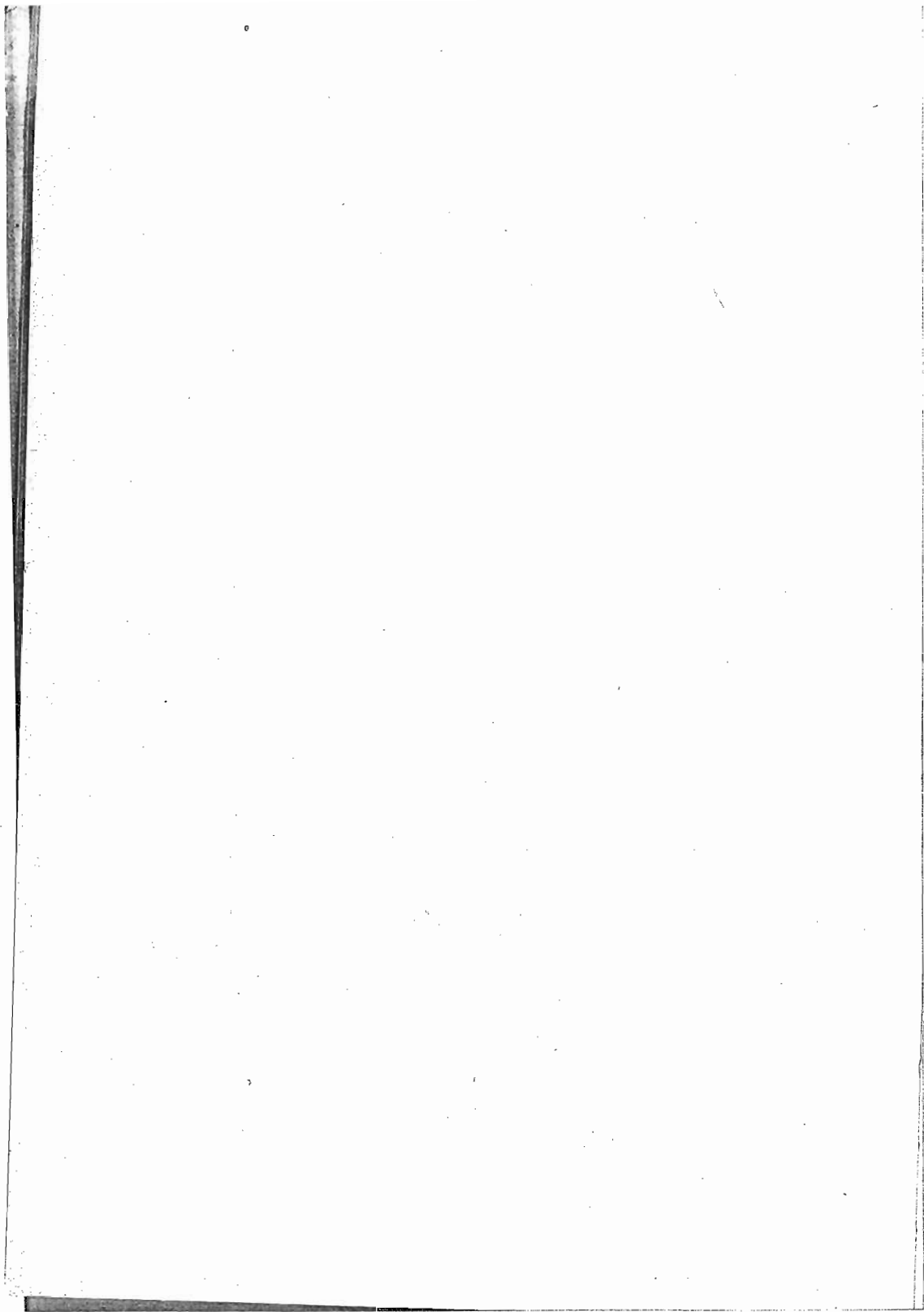
— E os poetas cantarão, para glória da raça,
Na língua de ouro velho, a terra de ouro novo! »

(MARTINS FONTES)

— A língua portuguesa é o espelho da alma do nosso povo: forte e meiga. Tem rudeza e meiguice raciais: — a rudeza do celta e a meiguice do ibero. Tem a voz rude das procelas e o cicio da ternura e do amor. A doçura melíflua dos seus *diminutivos* é única. E' *meiga* como um gorjeio soluçante de rouxinol; *forte* como uma rajada rábida de tufão.

E' a única língua que tem a expressão: «*ele é muito dado*», isto é, franco e afetuoso. E' a língua de um povo *que se deu*, no seu destino colonizador, que não fez nunca distinções de raças, na formação social dos novos mundos, que descobriu.

(MARQUES DA CRUZ)



LÍNGUA PORTUGUÊSA

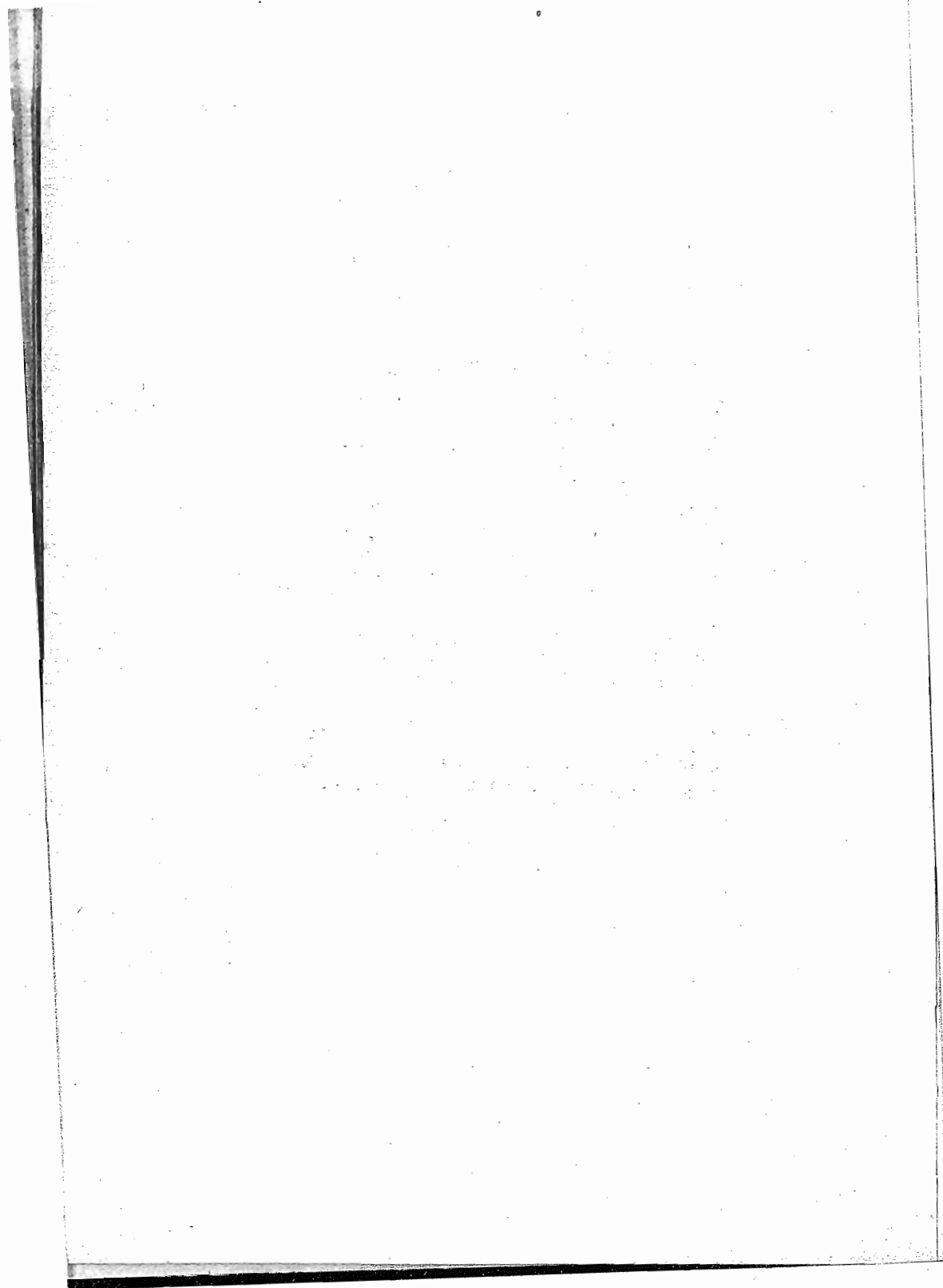
Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura;
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrôlo da saudade e da ternura.

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: «meu filho!»
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem-ventura e o amor sem brilho!

BILAO



LINGUAGEM - GRAMÁTICA

Linguagem

é o meio, de que nos servimos, para comunicar nossas idéias e pensamentos.

- a) *gesticulada* ou *mímica* — por meio de *gestos*;
- b) *falada* — por meio de *palavras faladas*;
- c) *escrita* — por meio de *palavras escritas*.

Idéia — é a representação, em nosso espírito, de um ser (pessoa, coisa ou animal).

Palavra ou vocábulo ou termo — é um som oral ou combinação de sons, que exprimem uma *idéia*. Ex.: *Pedro*; *lápiz*; *cão*.

Pensamento — é a combinação de *idéias* em nosso espírito.

Frase — é a combinação de palavras, que exprimem um *pensamento*

- a) *incompleta*. Ex.: *lápiz azul*;
- b) *completa*. Ex.: *Este lápis azul é bom*.

Oração ou proposição ou sentença ou cláusula — é a frase completa, isto é, de pensamento, de sentido completo. É a expressão verbal de um pensamento, de um juízo. Ex.: *Este lápis azul é bom*. *Pedro é bonito*. *Este cão é fiel*.

Língua ou idioma — é o conjunto sistemático de palavras, de que se serve um povo, para comunicar idéias e pensamentos.

- a) *língua viva* — quando falada por um povo, como: a *portuguesa*, a *inglesa*;
- b) *língua morta* — quando já não é falada; só tem documentos escritos. Ex.: o *latim*, o *hebraico*;
- c) *língua extinta* — quando nem sequer tem documentos escritos.

Dicionário ou vocabulário ou léxico ou léxicon — é a lista, em ordem alfabética, dos vocábulos ou palavras de uma língua, acompanhadas de sua significação.

Gramática

(do grego: *gramma* = letra) — é a ciência das palavras e suas relações, e a arte de as usar bem, quando exprimimos os nossos pensamentos:

- a) *gramática expositiva* — quando expõe, com método, os fatos *atuais* de uma língua;
- b) *gramática histórica* — quando expõe, com método, as *transformações* de uma língua, na sua *evolução histórica*. Uma língua é um organismo vivo que evoluciona.

GRAMÁTICA

Divisão

GRAMÁTICA:	1) Lexiologia (trata das palavras isoladamente)	a) Fonologia (estuda os sons articulados)	a) Fonética (os sons isoladamente como elementos constitutivos das palavras)
			b) Prosódia ou ortoépia (a pronúncia dos sons já em palavras)
		b) Morfologia (estuda as formas das palavras, na sua significação)	c) Ortografia (os sons escritos, formando palavras)
			a) Taxinomia (as classes das palavras)
			substantivo adjetivo pronome verbo
			advérbio preposição conjunção interjeição
			variáveis invariáveis
			b) Etimologia (a origem e formação das palavras).
	2) Sintaxe (trata da combinação lógica das palavras no período).		
	* Semântica ou semiótica — trata da mudança no sentido das palavras, através do tempo.		

ORAÇÃO, SUJEITO E PREDICADO

Oração ou proposição ou sentença ou cláusula — é a expressão verbal de um pensamento, de um juízo. Ex.: *Levantei-me cedo, tomei café e fui para a rua*. Há aqui três orações:

- 1) *levantei-me cedo*
- 2) *tomei café*
- 3) *e fui para a rua*

Cada uma é a expressão de um pensamento. As três formam um *período*. *Período* é uma oração ou muitas orações, que formam um sentido completo.

As orações ligam-se, geralmente, umas às outras pelas *conjunções* (palavras invariáveis, que ligam orações).

A 3.^a oração do período (*e fui para a rua*) está ligada às outras pela conjunção copulativa: *e*.

*E' preciso, pois, saber bem as *conjunções*, para classificar as *orações*.

Os elementos essenciais da oração são o *sujeito* e o *predicado*

a) *sujeito* — é o ser, o termo, de quem se diz alguma coisa.

Ex. de uma oração:

João estuda muitas matérias.
— *Quem* estuda muitas matérias?
— João. (*João* é o sujeito).

Outra oração:

O trem partiu agora.
— *O que* é que partiu agora?
— O trem (*o trem* é o sujeito).

* Para se achar o sujeito, pergunta-se ao verbo:

quem (para pessoas);
o que (para cousas).

* Pode haver oração sem sujeito. Ex.: *Vou já* (o *sujeito* é: *eu*).

Pode haver oração sem verbo. Ex.: — *Você gostou?* — *Não*. (*Você gostou* é uma oração; *não* é outra; o verbo subentende-se: *gostei*). A 2.^a oração completa é: «*eu não gostei*».

b) *predicado* — é aquilo, aquela coisa que é dita do sujeito. (Do latim *praedicare* veio *predicar* ou *pregar*, que significa: dizer em voz alta, clamar. Do participio passado *praedicatus* veio *predicado*, que quer dizer *pregado*, *clamado*, *dito em voz alta*). Ora, o predicado da 1.^a oração é: *estuda muitas matérias*. Isto é, nós *pregamos*, *clamamos*, dizemos: «*estuda muitas matérias*».

* O *predicado* pode ser expresso por um *verbo*. E' o *predicado verbal*. Ex: João *vive*. Pode ser expresso por um verbo mais um *nome*, um *pronome*, ou um *advérbio*. E' o *predicado nominal*.

Ex.: { João é um encanto (nome).
 O fim da carta é este (pronome).
 João vai bem (advérbio).

O SUJEITO PODE SER:

a) *simples* — constituído por um único ser, ou sêres da mesma natureza.

Ex.: O homem é bom.

Os homens são bons.

Convém que tu estudes (Que tu estudes é uma oração; serve de sujeito à oração *convém* = Que tu estudes convém = o estudo convém-te).

b) *composto* — constituído por sêres diversos.

Ex.: O azeite e a água são alimentos.

Pedro e Paulo são bons.

A fé, a esperança e a caridade são virtudes.

O sim e o não têm grande valor.

c) *gramatical* — é o sujeito sem complemento nenhum.

Ex.: João é bom.

d) *total* ou *lógico* ou *ampliado* — é o que tem complemento.

Ex.: João, filho de Pedro é bom (o sujeito total é: João, filho de Pedro). Filho é um *apôsto* de João. (Apôsto é um substantivo que explica outro). De Pedro é um *complemento restritivo*, isto é, *restringe*, particulariza: é filho de Pedro (mas podia ser de Júlio, de Rui, ou de outra pessoa).

e) *expresso* — se está na oração. Ex.: Eu estudo (sujeito: eu).

f) *elíptico* — se se subentende. Ex.: Estudo (sujeito: eu).

O PREDICADO PODE SER:

a) *gramatical* — é o simples verbo.

Ex.: João *estuda* com afino (predicado gramatical: *estuda*). João *há de obter* grandes glórias (predicado gramatical: *há de obter*: são dois verbos, que formam uma conjugação perifrástica).

b) *total* ou *lógico* — é o verbo com seus complementos.

Ex.: João há de obter grandes glórias na sua vida (predicado total ou lógico: *há de obter grandes glórias na sua vida*. «Grandes glórias» é o *complemento direto*. «Na sua vida» é o *complemento circunstancial de tempo*).

FIGURAS DE METAPLASMO

(só as mais simples)

São alterações feitas nas palavras, ficando, contudo, perfeito o seu sentido. Essas alterações podem ser por:

1) ADIÇÃO

1) *Prótese* (no princípio da palavra). Ex.: alevantar por levantar; assentar-se por sentar-se.

2) *Epêntese* (no meio da palavra). Ex.: Do latim *fre-num* veio *freo* e, depois: *freio*.

3) *Paragoge* (no fim da palavra). Ex.: Mártire por mártir (usa-se em verso, às vezes, para fazer mais uma sílaba, como licença poética). A palavra *bond* inglesa (= senha, bilhete) foi acrescentado, no fim, um *e*: *bonde*.

2) POR SUBTRAÇÃO

1) *Aférese* (no princípio). Ex.: Zé por José⁽¹⁾.

2) *Síncope* (no meio). Ex.: mor por maior.

3) *Apócope* (no fim). Ex.: mui por muito.

4) *Sinalefa* — quando à preposição *de* se segue uma palavra começada por vogal, como: o, a, os, as, êste, êsse, etc.

Ex.: de + o = do;

de + êste = dêste;

de + esta + arte = destarte = desta maneira.

Eclipse é a junção do vocábulo *com* aos adjetivos e pronomes *o, a, os, as, um, uma, uns, umas* (usa-se em verso como licença poética).

Ex.: com + o = co'o = co

com + uma = co'uma = cuma

com + os = co'os = cos.

(1) Zé escreve-se com *z*, embora José tenha *s*. Se escrevêsemos Sé, haveria confusões.

3) POR PERMUTA

1) *Crase* — E' a fusão de dois sons vogais idênticos.

Ex.: Vou *à* cidade = a + a cidade.

preposição
artigo

NOTA: Os literatos, até ao século XVI, escreviam: *aa*. «Baterom *aa* porta (Fernão Lopes)».

2) *Assimilação* — E' a atração de uma consoante sôbre a outra.

Ex.: *in* + revogável = irrevogável.

Pode ser: a) *perfeita*. Ex.: *in* + revogável = irrevogável (Ficam duas consoantes iguais).

b) *imperfeita*. *In* + pio = Impio (o *n* transformou-se em *m* por influência do *p*; as consoantes *m*, *b* e *p* são labiais; portanto são produzidas pelo mesmo órgão: são homorgânicas).

Pode ser: *progressiva* (se se opera de um fonema anterior para o posterior). Ex.: *nostrum* — nosto — nosso; *regressiva* (no caso contrário). Ex.: *persicum* — pêssego; *ipsum* — isso.

3) *Dissimilação* — E' o contrário de assimilação; dá-se entre dois sons idênticos, que se tornam diversos.

Ex.: de *Massilia* veio *Marselha*.

4) POR TRANSPOSIÇÃO

1) *Hipértese* — E' a transposição entre duas sílabas; desvairar por desvariar.

2) *Metátese* — E' a transposição numa só sílaba.

Ex.: cravão por carvão.

Hoje, a metátese é vício de linguagem. Camões escreveu: *que a ela só por prêmio pretendia*.

Hoje, diz-se: pretendia.

CATEGORIAS GRAMATICAIS

Categorias gramaticais — são as palavras classificadas *quanto à idéia*, que representam. Assim como na zoologia, classificamos os animais, e na botânica as plantas, assim também na expressão lógica do nosso pensamento, classificamos as palavras em *categorias* (1).

- | | |
|---|---|
| { | <p>1) São variáveis ou flexivas — se a desinência variar, para indicar o <i>gênero</i>, o <i>número</i>, o <i>grau</i>, o <i>tempo</i>, a <i>pessoa</i>, o <i>modo</i>.</p> <p>2) São invariáveis ou inflexivas — se a desinência não variar.</p> |
|---|---|

- | | | | |
|---|---|---|--|
| { | <p>1) Variáveis</p> <table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr> <td style="vertical-align: middle; font-size: 3em;">{</td> <td> <p><i>substantivo</i> (nome dos seres: pessoas, cousas e animais)</p> <p><i>adjetivo</i> (palavra que qualifica e determina os nomes)</p> <p><i>pronome</i> (palavra que está em vez do nome)</p> <p><i>verbo</i> (palavra que indica a <i>ação</i> e o <i>estado</i> do <i>sujeito</i>; e o tempo da <i>ação</i>)</p> </td> </tr> </table> | { | <p><i>substantivo</i> (nome dos seres: pessoas, cousas e animais)</p> <p><i>adjetivo</i> (palavra que qualifica e determina os nomes)</p> <p><i>pronome</i> (palavra que está em vez do nome)</p> <p><i>verbo</i> (palavra que indica a <i>ação</i> e o <i>estado</i> do <i>sujeito</i>; e o tempo da <i>ação</i>)</p> |
| { | <p><i>substantivo</i> (nome dos seres: pessoas, cousas e animais)</p> <p><i>adjetivo</i> (palavra que qualifica e determina os nomes)</p> <p><i>pronome</i> (palavra que está em vez do nome)</p> <p><i>verbo</i> (palavra que indica a <i>ação</i> e o <i>estado</i> do <i>sujeito</i>; e o tempo da <i>ação</i>)</p> | | |
| { | <p>2) Invariáveis</p> <table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr> <td style="vertical-align: middle; font-size: 3em;">{</td> <td> <p><i>advérbio</i> (palavra que modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio)</p> <p><i>preposição</i> (que liga palavras)</p> <p><i>conjunção</i> (que liga orações)</p> <p><i>interjeição</i> (que exprime um sentimento repentino da alma)</p> </td> </tr> </table> | { | <p><i>advérbio</i> (palavra que modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio)</p> <p><i>preposição</i> (que liga palavras)</p> <p><i>conjunção</i> (que liga orações)</p> <p><i>interjeição</i> (que exprime um sentimento repentino da alma)</p> |
| { | <p><i>advérbio</i> (palavra que modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio)</p> <p><i>preposição</i> (que liga palavras)</p> <p><i>conjunção</i> (que liga orações)</p> <p><i>interjeição</i> (que exprime um sentimento repentino da alma)</p> | | |

(1) Aristóteles, o grande filósofo grego, o criador da *Lógica*, classificou as *idéias universais* em relação aos objetos que representam. Essas *idéias universais* são as *categorias*: 1) *substância* (substantivos); 2) *quantidade* (numerais); 3) *qualidade* (adjetivos qualificativos); 4) *relação* (preposições e conjunções); 5) *ação* (verbos ativos); 6) *paixão* (verbos passivos); 7) *lugar*; 8) *tempo*; 9) *estado* e 10) *hábito* (advérbios). As *interjeições* são propriamente gritos que exprimem sentimentos. Os *pronomes* estão em vez dos *nomes*, portanto em vez dos *substantivos*, que formam a 1.^a categoria.

a) SUBSTANTIVOS

Substantivo é o nome dos sêres, isto é, pessoas, cousas e animais: João, lápis, beleza, cão.

a) *próprio* — (quando designamos *um* ou *vários* sêres de uma mesma classe) João, Dulce, São Paulo. Chama-se *patronímico*, se pela terminação *ez* (hoje escreve-se *es*), indicar a filiação. Ex.: Sanchez (hoje: Sanches) = filho de Sancho; *Rodriguez* (hoje: Rodrigues) = filho de Rodrigo; e outros;

b) *comum* ou *apelativo* — (quando designamos *todos* os sêres da mesma classe) livro, leão, homem, beleza;

c) *abstrato* — (um ser que não subsiste por si só) saudade, amor, justiça, brancura;

d) *concreto* — (um ser que subsiste por si só) livro, Pedro, Brasil;

e) *primitivo* — livro;

f) *derivado* — livraria (deriva, vem de: livro + aria);

g) *simples* — couve;

h) *composto* — (que tem dois ou mais elementos) couve-flor;

i) *comum de dois* — é o que tem a mesma forma para o masculino e feminino; o artigo muda.

Ex.: o artista a artista
 o intérprete a intérprete

NOTA: A palavra *cônjuge* (= espôso ou espôsa) é só masculina. Só se diz: o *cônjuge*.

j) *epiceno* ou *promíscuo* — é o que tem a mesma forma para o masculino e feminino; o artigo não muda.

Ex.: o jacaré, a onça, a cobra.

Querendo nós designar o sexo, diremos: o jacaré macho, o jacaré fêmea; a onça macho, a onça fêmea;

k) *coletivo* — é o que está no singular, mas dá a idéia de plural.

Coletivo: { *geral* — ex.: exército
 partitivo — ex.: batalhão (é uma parte do exército)
 determinado — ex.: centena (indica um número exato)
 indeterminado — ex.: multidão (não se diz quantas pessoas ou cousas são).

ALGUNS COLETIVOS

Acervo de tolíces.
Alcatéia de lobos, de panteras, de hienas e outros animais ferozes.
Antologia, coleção de trechos literários, florilégio, crestomatia.
Apeiragem, conjunto das correias necessárias ao carro de bois ou à charrua.
Armada, marinha de guerra, frota.
Armento ou armentio de bois.
Atilho de espigas amarradas.
Baixela, conjunto dos utensílios para serviço de mesa.
Bando de ciganos, de aves.
Batelada de arroz, de feijão, etc.
Bateria de peças de artilharia; bateria elétrica, etc.
Braçada ou braçado de flores, de feno.
Cabido, conjunto dos cônegos de uma catedral.
Cáfila de camelos.
Cambada de vadios.
Cancioneiro, coleção de canções.
Caravana de viajantes, montados em camelos, que se reúnem para atravessar o deserto.
Cardume de peixes.
Carrada de razões, de argumentos.
Caterva de vagabundos, de desordeiros.
Cavalgada, grande número de cavaleiros.
Cenáculo, reunião de pessoas, que tratam de assuntos religiosos ou literários.
Chafardel de ovelhas.
Choldra ou choldrabortra de assassinos.
Chorrilho de asneiras.
Chusma de criados.
Cingel, junta de bois, jugo.
Coorte, gente armada: multidão de pessoas.
Coligação, aliança de várias pessoas ou de várias nações.
Colmeal, grande número de colmeias.
Colmeia, grande quantidade de abelhas.
Concílio, assembléia de prelados católicos.
Congérie de angústias, de paus em desordem, etc.
Conclave, reunião de cardeais para eleger o papa.
Conselho de ministros, de jurados.
Consistório, reunião de cardeais, sob a presidência do papa.
Constelação, grupo de estrelas.
Conventículo, reunião secreta de pessoas para mau fim.
Cordoalha, conjunto dos cabos de um navio, enxárcia.
Corja de velhacos, de bêbedos, de vadios.

Corso, cardume de sardinhas.
Elenco, conjunto dos artistas de uma companhia teatral.
Enxame de abelhas.
Enxárcia, cordoalha de navios, cordame.
Equipagem, tripulação do navio.
Espicha de sardinhas, de peixes miúdos.
Esquadra, certa quantidade de navios de guerra.
Falange de heróis.
Farândola, ou frandulagem de maltrapilhos.
Fato de cabras.
Fauna, conjunto de animais, próprios de uma região.
Festão, ramalhete de flores e folhagens.
Fieira de dentes.
Folclore, conjunto de tradições populares, expressas em cantigas.
Frota, grande quantidade de navios de guerra; armada.
Galeria de quadros, de estátuas.
Gavela, feixe de espigas; paveia.
Girândola de foguetes.
Herbário, coleção de plantas, para exposição ou estudo.
Horda de vândalos, de salteadores.
Hoste, exército; multidão.
Jolda de velhacos.
Jugada de bois, uma junta de bois.
Junta de credores, de médicos, de bois.
Júri de sentença, etc.
Legião de soldados, de anjos, de demônios.
Leva de degredados.
Magote de gente, etc.
Malhada ou rebanho de ovelhas.
Malta de ladrões, de trabalhadores.
Maltesia, rancho de trabalhadores.
Manada de vacas.
Mancheia, mão-cheia de nozes, etc.
Manga de arcabuzeiros.
Mare-magnum (expressão latina que significa: grande quantidade).
Maciço, de verdura, de plantas.
Mastreação, conjunto de mastros de um navio.
Matilha de cães.
Matula de malandrins.
Meda, de feixes de trigo, de palha.
Mó ou mole de gente.
Molho de chaves, etc.
Miríade de insetos, etc.
Ninhada de pintos, de ratos, etc.
Nuvem de gafanhotos, etc.
Oviário, rebanho de ovelhas.

Palamenta, conjunto de mastros, vêrgas, etc., de uma embarcação pequena.
Pandemônio, conluio de indivíduos para um fim mau.
Paveia, feixe de palha ou de feno.
Piara, bando de animais.
Pilha de livros, de tábuas.
Plêiade de poetas, etc.
Poliantéia, coleção de escritos em homenagem a alguém.
Ponta de mulas.
Praga de percevejos, de gafanhotos.
Quadrilha de ladrões.
Ramallete ou ramilhete de flores.
Rancho de trabalhadores.
Récova ou récuá, de cavalgaduras.
Renque de colunas.
Réstia de cebolas, de alhos.
Revoada de pardais.
Roda de homens.
Rol de roupa, de testemunhas.
Ruma ou rima de papéis, de pratos.
Séquito, conjunto de pessoas que acompanham outra.
Súcia de velhacos.
Sínodo, assembléia religiosa.
Tertúlia, reunião de parentes, literatos.
Teoria de anjos.
Trôço de soldados.
Tropel de cavalos.
Turbamulta de malfeitores.
Vara de porcos.

Graus dos substantivos

Grau é a propriedade que o substantivo tem de indicar as dimensões do ser, por meio de terminação ou flexão especial.

- 1) *Positivo ou normal* — mulher, menino.
- 2) *Aumentativo* — mulherão, menino, homenzarrão, mulherona, casarão, barçaça, ricaço, cartaz, chapeirão, ladravaz.
- 3) *Diminutivo* — mulherzinha, menininho, papelinho ou papelzinho, papeizinhos, rapazinho, rapagote, rapazote ou rapazito, Antonico ou Tonico, pelica, cintilho, flautim, camarim.

4) *Pejorativo* (que deprime) — fidalgote, mulheraça.

NOTA: As vezes, em família, um indivíduo é *Julinho* aos 2, 10, 20, 30 e 80 anos. É um tom *afetivo*. Do mesmo modo se diz: *mãezinha, amiguinho, mulherzinha, noivinha*, etc.

NOTA: As vezes, diz-se, pejorativamente: João é *canalhinha... pestinha...* (isto é, é perigosíssimo, muito velhaco). «*Canalhinha* (disse Castilho) não é diminutivo: — é *aumentativo...*»

Feminino de alguns substantivos

o senhor	a senhora	o peão	a peã
» consorte	» consorte	» cirurgião	» cirurgiã
» intérprete	» intérprete	» ladrão	» ladra (ladrona e ladroa são formas populares)
» regente	» regente	» pardal	» pardoca (e pardaloca)
» ministro	» ministra	» perdigão	» perdiz
» monge	» monja	» herói	» heróina
» hóspede	» hóspeda	» imperador	» imperatriz
» parente	» parenta (e parente)	» czar	» czarina
» filho-família	» filha-família	» sultão	» sultana
» páter-famílias	» máter-famílias	» cidadão	» cidadã (e cidadoa)
» castelão	» castelã (e casteloa; e castelona)	» mocetão	» mocetona
» aldeão	» aldeã	» elefante	» elefanta, e <i>aliá</i> (G. Viana; vem do singalês: <i>alyā</i>)
» papa	» papisa	» varão	» varoa (virago = mulherão, mulher forte)
» prior	» priora e priora	» ator	» atriz
» frade	» freira	» macho, mu-lo ou mu	» mula
» duque	» duquesa	» abegão	» abegoa
» conde	» condessa	» réu	» ré
» abade	» abadessa	» barão	» baronesa
» ermitão	» ermitã (e ermitoa)	» ilhéu	» ilhoa
» gigante	» gigante	» cantor	» cantora (e cantora, desusado)
» estudante	» estudante	» cônsul	» consulesa
» juiz	» juíza	» tabaréu (= homem a-canhado)	» tabaroa
» diácono	» diaconisa	» javali	» javalina (e giron-da)
» sacerdote	» sacerdotisa	» vilão	» vilã (e viloa)
» poeta	» poetisa	» general	» generala
» genro	» nora	» embaixador	» embaixatriz
» lobo	» loba	» escrivão	» escrivã
» anão	» anã		
» ancião	» anciã		
» charlatão	» charlatona		
» maganão	» magana		
» bonacheirão	» bonacheirona		
» pedinchão	» pedinchona		

o veado	a veada, corça	o melro	a méloa e melra
» gamo	» corça		(Samuel Usque,
» carneiro	» ovelha		« Consolaçam às
» bode	» cabra		tribulações de
» zângão	» abelha		Israel »).
» ateu	» atéia	» sandeu	» sandia
» Frei João	» Sórora Joana	» judeu	» judia

NOTA: Há palavras, que são femininas ou masculinas, conforme a significação. Ex.: *o língua* (= intérprete) e a língua; *o corneta* (= corneteiro) e a corneta; *o cabeça* (= dirigente) e a cabeça; *o guarda* e a guarda.

São apenas masculinos: o fantasma, o radical, o esquema, o aneurisma, o apostema, o cônjuge, o Gênesis (livro da Bíblia).

Gênese (= origem) é feminino.

São apenas femininos: a foca (no tempo de Camões era masculino, pois escreveu nos *Lusíadas*: *os feios focas*), a faringe, a laringe, a filoxera. (O voc. bras. traz: *laringe* fem. e masculino).

E' masculino e feminino: personagem.

Trama é feminino, significando *fião de tecer*; é masculino, no sentido de *ardil*.

Cisma é feminino no sentido de desconfiança.

Cisma significando separação numa coletividade, é masculino.

Tapa — Em Portugal é feminino; no Brasil, é masculino no sul. Nalguns Estados do Norte é feminino. (O voc. bras. traz: *tapa* s. fem.).

Gramma (pêso) é masculino (do grego: *gramma*). Diz-se: *o grama* mas é comum dizer-se: quinhentas gramas, duzentas gramas, etc.

Gramma não existe em português.

Deve-se dizer: «a cólera-morbo» (feminino). (Voc. bras.).

Plural de alguns substantivos

cristão	cristãos
sacristão	sacristães
cidadão	cidadãos
pão	pães
ermitão	ermitães
capitão	capitães
tabelião	tabeliães
escrivão	escrivães
sol	sóis
paul	pauis
órfão	órfãos
sótão	sótãos
bênção	bênçãos
zângão	zângãos
(forma popular: <i>zangão, zangões</i>)	
cortesão	cortesãos
folião	foliões
guardião	guardiães e guardiões
charlatão	charlatães
faisão	faisões
corrimão	corrimãos (e corrimões, popular)
* aldeão	aldeões, aldeãos e aldeães
* ancião	anciões, anciães e anciãos
artesão	artesões
truão	truões
alão (= cão grande de fila)	alões, alãos e alães
vulcão	vulcões
vilão	vilões e vilãos
mal	males
cal (s. f.: mineral)	cales e cais
real	réis
pires	pires
alferes	alferes
(Camões escreveu: alféreses: mas hoje não se usa)	
ourives	ourives
(ouríveses é arcaico)	
o cais	os cais
o ônus (dever, encargo)	os ônus

caráter	caracteres
dólar	dólares
ureter	ureteres
gérmen ou germe	
abdômen ou abdome	
cânon ou cânone	
líquen	
certâmen ou certame	
dólmen	
espécimen ou espécime	

NOTA: O plural, segundo o Voc. ortogr. brasileiro, é: gérmen, abdômen, líquens, certâmen, dólmen e espécimen.

fóssil	fósseis
álcool	álcoois (Voc. bras.)
mel	meles e méis
cós	cós
cálce	cálces
cálix	cális
apêndice	apêndices
índice ou índice	índices
o ônix	os ônix
» sílex	» sílex
» sílice	» sílices
» cóccix	» cóccix
» pólex	» pólex
» pólice	» pólices
» tórax	» tórax
fogo (ô)	fogos (ô)
cachopo (ô)	cachopos (ô)
fôro	foros

(o *forum* ou *foro* é tribunal, no Brasil; significava, em Roma, a praça pública, onde havia reuniões públicas).

môlho (de cozinha)	môlhos
molho (de chaves)	molhos
ave-maria	ave-marias
padre-nosso	padre-nossos
café-concêrto	café-concêrto
(para concêrto)	
escola-modêlo	escolas-modêlo
(para modêlo)	
vaivém	vaivéns
filho-família	filho-famílias

guarda-portão	guarda-portões (um verbo e um subst.)	grão-mestre	grão-mestres
guarda-casaca	guarda-casacas (um verbo e um subst.)	aguardente	aguardentes
*guarda-marinha	guardas-marinhas (dois substantivos)	pão-de-ló	pães-de-ló
*guarda-mor	guardas-mores (um subst. e um adjet.)	bem-te-vi	bem-te-vis
subdelegado	subdelegados	malmequer	malmequeres
sempreviva	semprevivas	surdo-mudo	surdos-mudos
vice-rei	vice-reis	couve-flor	couves-flores
grão-cruz	grão-cruzes	o bota-fora	os bota-fora
(ou grã-cruz)	ou grã-cruzes	o leva-e-traz	os leva-e-traz
		o ganha-perde	os ganha-perde
		o pisa-mansinho	os pisa-mansinho
		o papa-figos	os papa-figos
		a lengalenga	as lengalengas

Plural dos substantivos compostos

- 1) Se as duas palavras forem *variáveis*, ligadas por um *hífen* (-), vão as duas para o plural:

carta-bilhete	cartas-bilhetes
cirurgião-dentista	cirurgiões-dentistas
guarda-marinha	guardas-marinhas
guarda-mor	guardas-mores
sexta-feira	sextas-feiras
mestre-sala	mestres-salas
gentil-homem	gentis-homens

— Exceto:

escola-modelo	escolas-modelo
café-concêrto	cafés-concêrto
navio-escola	navios-escola

Razão:

Aqui, há idéia de *fim*:

para modelo,
para concêrto,
para escola.

- 2) Se as duas palavras estiverem *justapostas* (isto é, unidas), ou se a 1.^a for *invariável*, só a 2.^a vai para o plural:

pontapé	pontapés	ave-maria	ave-marias
madressilva	madressilvas	padre-nosso	padre-nossos
vanglória	vanglórias	guarda-chuva	guarda-chuvas
clarabóia	clarabóias	pára-raios	pára-raios
vice-rei	vice-reis	beija-flor	beija-flores
subdelegado	subdelegados	grão-mestre	grão-mestres
passatempo	passatempos		

- 3) Se as duas palavras forem *invariáveis em número*, ou se a 2.^a (ou a última) já estiver no plural, ficam *invariáveis*:

o bota-fora	os bota-fora	bem-te-vi	bem-te-vis
o ganha-perde	os ganha-perde	contrafé	contrafés
o papa-figos	os papa-figos		
4) Se as duas palavras forem <i>ligadas por preposição</i> , só a 1. ^a vai para o plural:			
pão-de-ló	pães-de-ló	dente-de-alho	dentes-de-alho

NOTA: Os nomes próprios têm plural, embora muitos suponham que não. Diz-se: Os Afonsos, os Maias, os Albuquerque, os Napoleões e outros. Camões escreveu nos *Lusiadas*, canto I: o quarto e quinto *Afonso*; os Almeidas. «Os Maias», obra de Eça de Queirós. Escreveu Rui Barbosa na «*Réplica*» pág. 57: «Conheço tão bem, a este respeito, os escritos dos *Littés*, dos *Rénans*, dos *Bréals*, dos *Brachets*, dos *Hovelacques*, dos *Diez*, dos *Bopps*, dos *Max Müllers*, dos *Whitneys*, como os dos *Bluteaus*, os dos *Sousas*, os dos *Bernardes*, os dos *Castilhos*, os dos *Herculanos*». Diz-se: os Eças de Queirós, os Sás de Miranda. Diz o povo: os *Andradas* (José Bonifácio, Martim Francisco e Antônio Carlos); Rua dos *Gusmões* (Bartolomeu e Alexandre).

NOTA: As palavras que se empregam como substantivos, também se empregam no plural.

Ex.: os prós, os contras, os sins.

Há substantivos só usados no plural: as alvíssaras, os avós, os maiores (= antepassados), as calendas, as nonas, os idos, as humanidades, as efemérides, as cãs, os penates, as núpcias, as primícias, os manes, os pósteros, as fezes, as férias (a *féria* é o dinheiro que o negociante apura na caixa, cada dia), os fastos, as exéquias, os esponsais, as endoenças (solenidades da quinta-feira santa), as matinas, as vésperas, as completas (última parte das horas canônicas), as belas-artes, as belas-letras, as arras, os arredores, os anais, as andas.

Calças, ceroulas, tesouras. Hoje é mais comum: a calça, a ceroula, a tesoura.

NOTA: As letras do alfabeto também têm plural:

Ex.: os *ff* (os efes) — os *ii* (os is).

Observem-se as expressões comuns: «Ponha os pontos nos *ii*»; «é um homem todo cheio de *ff* e *rr*».

Sobre o plural de palavras estrangeiras, uns acrescentam-lhes um *s* (o que é comum); ex.: *memorandum memoranduns*; *album albuns*; *ultimatum ultimatuns*; *te-deum te-deuns*; *verdictum veredictuns*; *deficit deficits*; *superavit superavits*; *shilling shillings*; *lazarone lazarones*; *cicerone cicerones*; *dilettante dilettantes*. Outros (mas poucos) fazem o plural conforme a língua, de que as palavras são oriundas. Ex.: Os *lazaroni*, os *dilettanti* (como usou Garrett), os *ciceroni*, os *memoranda*. Segundo G. Viana o plural de *memorandum* ou *memorando* é *memoranda*. O Vocab. bras. registra, apenas, no singular: *o memorando*.

Fazem o plural com o aberto as seguintes palavras:

Em geral, quando o *feminino* tem o *o* aberto, o plural também o tem. Ex.: Um fôssso. No feminino é: uma fôssa. O plural é: fôssos.

fogo	— fogos	destrôço	— destroços
jôgo	— jogos	osso	— ossos
rôgo	— rogos	poço	— poços
escolho	— escolhos	fôssso	— fôssos
ôlho	— olhos	tremôço	— tremoços
abrôlho	— abrolhos	trôço	— troços
tijolo	— tijolos	pôsto	— postos
côrno	— cornos	impôsto	— impostos
forno	— fornos	despôjo	— despojos
socorro	— socorros	tojo	— tojos
renôvo	— renovos	corvo	— corvos
povo	— povos	porco	— porcos
ôvo	— ovos	esfôrço	— esforços
tôrno	— tornos	corpo	— corpos
pôrto	— portos	côro	— coros
trôco	— trocos	fôro	— foros
caroço	— caroços	molho	— molhos
		(de chaves)	

Fazem o plural com o fechado as seguintes:

môlho	— molhos	gôsto	— gostos
(de cozinha)		rosto	— rostos
pilôto	— pilotos	bôjo	— bojos
contôrno	— contornos	polvo	— polvos
cachorro	— cachorros	pedagogo	— pedagogos
morro	— morros	ferrôlho	— ferrolhos
côco	— côcos	encôsto	— encostos
piolho	— piolhos	sôpro	— sopros
bôlo	— bolos	côlmo	— colmos
rôlo	— rolos	sogro	— sogros

Plural dos nomes terminados pelos sufixos zinho ou zito: Pê-zinho — pêzinhos; cãozinho — cãezinhos; botãozinho — botõezinhos; farolzinho — farõezinhos; pèzito — pèzitos.

b) ADJETIVOS

São palavras que *qualificam* ou *determinam* os substantivos.

- | | |
|--------------------------|---|
| 1) <i>Qualificativos</i> | { 1) <i>explicativos</i> — que indicam uma qualidade essencial. Ex.: leite branco; o <i>frio</i> gelo da morte; a estrela <i>brilhante</i> , etc.
2) <i>restritivos</i> — que indicam uma qualidade accidental. Ex.: livro amarelo (podia ser azul, roxo, etc.). |
| 2) <i>Determinativos</i> | { articulars (ou artigos)
possessivos
demonstrativos
relativos ou conjuntivos
interrogativos
indefinidos
numerais |

Graus dos adjetivos qualificativos

- | | |
|-------------------------------------|---|
| 1) <i>Positivo</i> ou <i>normal</i> | — lindo — João é <i>lindo</i> . |
| 2) <i>Comparativo</i> | { 1) superioridade — mais lindo que (ou: do que) — João é <i>mais</i> lindo <i>que</i> Pedro
2) igualdade — tão lindo como — João é <i>tão</i> lindo <i>como</i> Pedro
3) inferioridade — menos lindo que (ou: do que) — João é <i>menos</i> lindo <i>que</i> Pedro |
| 3) <i>Superlativo</i> | { 1) absoluto { 1) sintético — lindíssimo
2) analítico — muito lindo
2) relativo { 1) de superioridade — o mais lindo
2) de inferioridade — o menos lindo |
- 1) O *positivo* ou *normal* designa a *qualidade* simplesmente — João é *lindo*.
2) O *comparativo* designa a *qualidade*, *comparativamente* (*mais*, *tão*, *menos*).
3) O *superlativo* designa a *qualidade*, *elevando-a* para mais ou para menos.
a) *absoluto sintético*, quando não há relação com outros seres — João é *lindíssimo*.

b) *absoluto analítico*, quando há uma análise, a mesma idéia em duas palavras — João é *muito* *lindo*.

c) *relativo de superioridade*, quando há relação com outros seres, elevando a idéia para mais.

Ex.: João é *o mais* *lindo* de todos.

d) *relativo de inferioridade*, quando há relação com outros seres, elevando a idéia para menos.

Ex.: João é *o menos* *lindo* de todos.

* Há adjetivos com *grau aumentativo*. Ex.: sábio — *sabichão*; santo — *santarrão*; pobre — *pobretão*.

* Há-os também com *grau diminutivo e afetivo*, ao mesmo tempo. Ex.: bom — *bonzinho*; bonito — *bonitinho*.

* Não se diz, em português, *mais grande*; mas diz-se *mais pequeno*; é comuníssimo na literatura e na linguagem do povo português. Ex.: E tu, disse Alba à mais pequena (Coelho Neto); «desde a formiga ao mais pequeno inseto» (Junqueiro).

* *Adjetivos pátrios ou gentílicos* são os que indicam a nacionalidade ou a terra onde se nasce:

brasileiro, brasiliense, brasiliense
 paulista (do E. de S. Paulo)
 paulistano (da cid. de S. Paulo)
 mineiro (de Minas Gerais)
 sueco (da Suécia)
 austriaco (da Austria)
 húngaro (da Hungria) (pronun-
 cia-se *Hungria*)
 polaco (ou *polônio* usado por
 Camões) (da Polónia)
 polono (por Damião de Góis)
 polonês (registrado por Gonçalves
 Viana)
 árabe (da Arábia)
 japonês, japoa (formas an-
 tigas), japonense, japonês, a
 chinês, chím, chino (antigo: um
 china, uma china)
 belga (da Bélgica)
 javanês, jau (de Java)
 hebreu ou judeu ou israelita (da
 Judéia ou Palestina)
 carioca (da cidade do Rio)
 fluminense (do Estado do Rio)
 conimbricense
 • coimbrão } de Coimbra
 coimbrã (fem.) }
 português (de Portugal)

galego (da Galiza, província da
 Espanha)
 duriense (do Douro)
 londrino (de Londres)
 macaísta, macaense (de Macau)
 madrilenho (de Madrid)
 maiorquino (de Maiorca)
 malaguenho, malaguês (de Málaga)
 manchego (de Mancha)
 manchú (da Manchúria)
 marroquino (de Marrocos)
 milanês (de Milão)
 mongol (da Mongólia)
 nazareno (de Nazaré)
 hierosolimitano (de Jerusalém)
 congues, congo (do Congo)
 parmesão (de Parma)
 patagão (da Patagônia)
 ródio (de Rodas)
 salmantino, salamanquino (de
 Salamanca)
 samaritano (de Samaria)
 sardo (da Sardenha)
 siamês (de Sião)
 tangerino (de Tânger)
 tunisino, tunesino (de Tunis)
 tudense, tudino (de Tui)
 veneziano (de Veneza)

dálmata (da Dalmácia)
 damanense (de Damão)
 damasceno } (de Damasco)
 e
 damasquino }
 eborense (de Évora)
 etíope fem. } (da Etiópia)
 etiopisa }
 equatoriano (do Equador)
 gascão (da Gasconha)
 granadino (de Granada)
 indiano }
 e } (da Índia)
 indu ou hindu }
 limenho (de Lima)
 Chamam *turcos* aos sírios
 (porque a Síria foi outrora da
 Turquia); mas os *sírios* são da
 Síria, os *turcos* da Turquia.
 sírio (da Síria)
 turco (da Turquia)
 bracarense (de Braga)
 vimaranense (de Guimarães)
 escalabitano (de Santarém) ou
 santareno
 goês ou goense (de Goa)
 catalão, ã (da Catalunha)
 torresão (de Tórres Vedras)
 italiano (da Itália)
 sorocabano (de Sorocaba)
 portuense (do Pôrto)
 lisbonense, lisboeta (de Lisboa)
 norte-americano ou ianque (*yankee*)
 chileno (do Chile)
 algarvio (do Algarve)
 andaluz (da Andaluzia)
 aretino (de Arezzo)
 bordelês (de Bordéus)
 singalês (de Ceilão)

correntino (de Corrientes)
 corso (da Córsega)
 dominicano (de São Domingos)
 estremenho (da Estremadura)
 flamengo (de Flandres)
 flaviense (de Chaves)
 sintrão, ã (de Sintra)
 cipriota (de Chipre)
 afegane (do Afeganistão)
 fueguino (da Terra do Fogo)
 gaditano (de Cadix)
 oriental (do Uruguai)
 portenho (de Buenos-Aires)
 platino (do Rio da Prata)
 malgaxe (de Madagáscar)
 marajoara (de Marajó)
 romeno (da România ou Romê-
 nia). *Romaico* é o nome da
 língua grega moderna.
 suíço (da Suíça).

NOTA: *Brasileiro* era no sé-
 culo XVI o que negociava em
 pau-brasil, fôsse qual fôsse a
 sua nacionalidade. O sufixo *eiro*
 não serve para formar adjetivos
 pátrios.

Devia ser: *brasiliense*, *bra-
 silense* ou *brasilês*.

Brasileiro está, porém, já
 arraigado na língua, significando
 o *nacional* e o *português*, que,
 tendo vivido no Brasil, vai mo-
 rar, depois, em Portugal. Por
 isso é que Camilo escreveu: «Os
 brilhantes do brasileiro» e «A
 brasileira de Prazins», referin-
 do-se a êsses portugueses de
 torna-viagem, isto é, que, tor-
 naram, voltaram a Portugal.

Alguns superlativos absolutos sintéticos:

(Começaram a usar-se, depois do século XVI, os superlativos em
íssimo, *rimo* e *lmo*. Nasceram na Itália, na Renascença, indo depois
 para a Espanha e Portugal. Antes, dizia-se em espanhol e português:
mui muito em vez de *muíssimo*).

pequeno	—	mínimo
baixo	—	ínfimo
grande	—	<i>máximo</i> e <i>grandíssimo</i> (e não: <i>gran- dessíssimo</i> . Também não se deve

dizer: «de *primeiríssima* ordem», «*cousíssima* nenhuma», porque *primeira* é um numeral e *cousa* é um substantivo, não tendo, pois, superlativo). São superlativos *famíliares* usados até por escritores, mas em estilo familiar; é preciso grifá-los, isto é, pôr um traço por baixo.

amigo	—	amicíssimo (do latim: <i>amicissimus</i>)
cruel	—	crudelíssimo (do latim: <i>crudelissimus</i>)
fiel	—	fidelíssimo (do latim: <i>fidelissimus</i>)
íntegro	—	integérrimo (do latim: <i>integerrimus</i>)
áspero	—	aspérrimo (do latim: <i>asperrimus</i>)
celebre	—	celebérrimo (do latim: <i>celeberrimus</i>)
negro	—	nigérrimo (também negríssimo) (do latim: <i>nigerrimus</i>)
pobre	—	paupérrimo (também pobríssimo) (do latim: <i>pauperrimus</i>)
fácil	—	facílmo (do latim: <i>facillimus</i>)
ágil	—	agílmo (e agilíssimo)
humilde	—	humílmo (também humildíssimo) (do latim: <i>humillimus</i>)
frio	—	frigidíssimo (<i>frigidissimus</i>)
benéfico	—	beneficentíssimo (<i>beneficentissimus</i>)
benévolo	—	benevolentíssimo (<i>benevolentissimus</i>)
agradável	—	agradabilíssimo (de agradável + íssimo)
visível	—	visibilíssimo (<i>visibilissimus</i>)
sábio	—	sapientíssimo (derivado de sapiente = sábio) (<i>sapientissimus</i>)
pudico	—	pudicíssimo (<i>pudicissimus</i>)
(a pronúncia é: <i>pudico</i>)		
amável	—	amabilíssimo (<i>amabilissimus</i>)
audaz ou		
audace	—	audacíssimo (<i>audacissimus</i>)
soberbo	{	soberbíssimo
	e	superbíssimo (<i>superbissimus</i>)
feroce		
ou feroz	—	ferocíssimo (<i>ferocissimus</i>)
felice		
ou feliz	—	felicíssimo (<i>felicissimus</i>)
doce	—	dulcíssimo (<i>dulcissimus</i>)
nobre	—	nobilíssimo (<i>nobilissimus</i>)
amargo (= amargo)	—	amaríssimo (<i>amarissimus</i>)
amargo	—	amarguíssimo (amargo + íssimo)
livre	—	libérrimo (<i>liberrimus</i>)
comum	—	comuníssimo (<i>communissimus</i>)
simples (ou smplice)	—	simplicíssimo (<i>simplicissimus</i>)
sagrado	—	sacratíssimo (<i>sacratissimus</i>)
antigo	—	antiquíssimo (<i>antiquissimus</i>)

incrível	—	incredibilíssimo (<i>incredibilissimus</i>)
cristão	—	cristianíssimo (<i>christianissimus</i>)
geral	—	generalíssimo (<i>generalissimus</i>)
pulcro	—	pulquérrimo (<i>pulcherrimus</i>)
(= lindo)		
bom	—	boníssimo, ótimo e muito bom (bonus + íssimo) (<i>optimus</i>)
pagão	—	paganíssimo (<i>paganissimus</i>)

NOTA: Estas formas são assim por causa do latim. Encontram-se em português clássico as formas *felice*, *audace*, *feroce*, etc. (do latim *felicem*, *audacem*, *ferocem*); e também *visibil*, *terribil*, etc. (do latim: *visibilem*, *terribilem*), etc. Encontram-se, na língua, também as formas populares, como *humildíssimo*, etc., mas as pessoas cultas timbram sempre em empregar as formas *eruditas*. *Sublime* é adjetivo, que já encerra em si ideia de superlativo, mas vê-se, às vezes, «o mais sublime ato», etc. *Ínfimo* é o superlativo absoluto de *inferior*. *Mínimo* é o superlativo absoluto de *pequeno*. Dizem os gramáticos: «não se deve dizer: o mais ínfimo, o mais mínimo, etc.». Há, porém, exemplos sempre contra as boas regras, nos bons escritores: Ex.: mais ínfimo (Camilo, Memórias do cárcere, Vol. I, pág. 138); o mais mínimo (Filinto, Obras, Vol. XIII, pág. 38); tão perigosíssimo (Bernardes, N. Floresta, Vol. II, pág. 326); «os jesuítas foram os mais acérrimos defensores dos índios» em vez de «os mais acres», etc.

NOTA: O plural de *fácil*, *difícil*, *grácil*, *têxtil*, *tátil* (com o acento na penúltima sílaba), é: *faceis*, *dificeis*, *gráceis*, *têxteis*, *táteis*.

Mas o plural de *civil* (e outros adjetivos, com o acento na última sílaba) é: *civis*. A razão vem do latim. Em latim: *fácilis*; plural: *fáciles* = fácil, *faceis*. Em latim: *civilis*; plural: *civiles* = civil, *civis*.

* A posição do adjetivo influi no sentido da frase.

1) Grande homem (homem ilustre)	1) Homem grande (alto)
2) Pobre homem (infeliz)	2) Homem pobre (sem dinheiro)
3) Simples homem (vulgar, mero)	3) Homem simples (modesto)
4) Santo homem (bom)	4) Homem santo (puro)
5) Verdadeiro homem (real)	5) Homem verdadeiro (que diz a verdade)
6) Rico-homem (um nobre)	6) Homem rico (abastado)
7) Bom homem (ingênuo)	7) Homem bom (sério, caridoso)

Vê-se em português antigo, por ex.: «O rei convocou os homens bons da cidade».

Plural de adjetivos, que indicam côr

1) *adjetivos compostos de 2 adjetivos*:

Em geral, o 1.º *adjetivo* fica invariável, no masculino do singular; o 2.º concorda com o substantivo.

Ex.: Quadros *verde-claros* e *verde-escuros* (Eça)

As ondas *negro-azuis* (Herculano)

Olhos *pardo-escuros* (Afonso Arinos)

* As *vêzes*, os 2 *adjetivos* concordam:

Ex.: listas *azuis-claras* (Ramalho Ortigão)

linhas *azuis-ferrêtes* (Eça)

* As *vêzes*, a 2.ª palavra pode ser substantivo ou adjetivo.

Ex.: dêsses *lábios* *escarlata* (João de Deus)

(*escarlata* é substantivo; quer dizer: lábios de *côr escarlate*)

Ex.: pintas *escarlates* (Ramalho)

(*escarlates* é adjetivo)

2) *expressões adjetivas compostas* (1 *adjetivo*, que indica *côr* e 1 *substantivo*, que lhe restringe a significação). Ficam invariáveis.

Ex.: ramagens *verde-garrafa* (Eça)

um par de luvas *verde-gaio* (Camilo)

NOTA: Encontram-se exceções a estas regras nos escritores. O que é comum, porém, na nossa língua é usar-se a preposição *de*; ou as locuções *de côr*, *da côr de*, *côr de*:

Ex.: { ramagens *da côr verde* de garrafa
um par de luvas *da côr verde* de gaio
Olhos *de verde-mar* (Gonçalves Dias)
Olhos *côr de esperança* (Gonçalves Dias)
Olhos verdes *da côr do prado* (Gonçalves Dias)

(Exemplos colhidos em «Trechos seletos», de um ponto de Sousa da Silveira).

ADJETIVOS DETERMINATIVOS

Adjetivos são palavras que *qualificam* ou *determinam* os substantivos. Dividem-se, pois, em: *qualificativos* e *determinativos*.

Os *determinativos* juntam-se ao substantivo, para de-

terminá-lo, indicando circunstância especial externa, delimitando-o bem.

determinativos:	
<i>articulares</i> (ou <i>artigos</i>)	<i>relativos</i> ou <i>conjuntivos</i>
<i>possessivos</i>	<i>interrogativos</i>
<i>demonstrativos</i>	<i>indefinidos</i>
	<i>numerais</i>

1) Articulares definidos (ou artigos)

São palavras que se põem antes do substantivo, particularizando-lhe o sentido, individualizando-o.

1) de um modo preciso: *Definidos*: *o, a, os, as*.

2) de um modo vago: *Indefinidos*: *um, uma, uns, umas*.

Exemplos:

<i>o</i> homem, <i>a</i> mulher
<i>os</i> homens, <i>as</i> mulheres
<i>um</i> homem, <i>uma</i> mulher
<i>uns</i> homens, <i>umas</i> mulheres

NOTA: *el* é um artigo em espanhol e em português = *o*. Ex.: *el-rei* = *o rei*. Hoje, só neste caso é que se emprega *el* em português.

NOTA: Os artigos têm importância no sentido da frase. Ex.: *João, o filho de Pedro* = João, o *único* filho de Pedro. Se dissermos: *João, um filho de Pedro*, quer dizer que há outros filhos de Pedro. Se dissermos: *João, filho de Pedro*, não sabemos se há ou não mais filhos de Pedro.

Veja-se o sentido diferente nestas frases:

Este é *meu* filho (isto é, há vários filhos). Este é *o meu* filho (isto é, só há um filho).

2) Possessivos

(*dão a idéia de posse*)

Meu, minha, meus, minhas.	* Pode-se dizer: <i>meu</i>
Teu, tua, teus, tuas.	livro ou <i>o meu</i> livro;
Seu, sua, seus, suas.	<i>teu, seu, nosso, vosso</i>
Nosso, nossa, nossos, nossas.	livro, ou: <i>o teu, o seu,</i>
Vosso, vossa, vossos, vossas.	<i>o nosso, o vosso</i> livro.

NOTA: *seu, sua, seus, suas* significam cada um: *seu* (dêle), *seu* (dela), *seu* (dêles), *seu* (delas); *sua* (dêle), *sua* (dela), *sua* (dêles), *sua* (delas); *seus* (dêle, dela, dêles, delas); *suas* (dêle, dela, dêles, delas). Às vezes, porém, há ambigüidade de sentido, e os escritores, então, põem à frente do substantivo: *dêle, dela, dêles, delas*.

Ex.: «O seu grande amigo (dela)» Garrett.

3) Demonstrativos

(indicam a posição ou a identidade)

Este, esta, êstes, estas.
Êsse, essa, êsses, essas.
Aquêle, aquela, aquêles, aquelas.
Mesmo, mesma, mesmos, mesmas.
Próprio, própria, próprios, próprias.
Estoutro, essoutro, aqueloutro.

4) Relativos ou conjuntivos

*(determinam um substantivo conseqüente,
relacionando-o com um antecedente)*

Cujo, cuja, cujos, cujas (= do qual, da qual, dos quais, das quais).

Ex.: o meu pai, *cujas* ordens eu cumpro = as ordens *do qual* eu cumpro. Estas obras, *cuja* ciência eu admiro... = a ciência *das quais* eu admiro...; meu professor, *cujo* saber é grande... = o saber *do qual* é grande...

O qual, a qual, os quais, as quais.

5) Interrogativos

(servem para interrogar direta ou indiretamente)

Que, qual, quais, quanto.

6) Indefinidos

(determinam um substantivo de um modo vago)

Algum, alguma, alguns, algumas.
Nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhuma.
Certo, certa, certos, certas.
Pouco, pouca, poucos, poucas.
Todo, tôda, todos, tôdas, etc.

7) Numerais

(indicam a quantidade ou a ordem numérica)

1) *Cardinais* — que indicam só o número.

Ex.: 1, 2, 10, 20, 50.

2) *Ordinais* (que indicam a ordem) — primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo, nono, décimo,

- 11.º décimo primeiro (ou: undécimo)
- 12.º décimo segundo (ou: duodécimo)
- 13.º décimo terceiro
- 14.º décimo quarto
- 15.º décimo quinto

- 20.º vigésimo
- 30.º trigésimo
- 40.º quadragésimo
- 50.º quinquagésimo
- 60.º sexagésimo
- 70.º setuagésimo
- 80.º octogésimo
- 90.º nonagésimo
- 100.º centésimo
- 200.º ducentésimo
- 300.º trecentésimo
- 400.º quadringentésimo
- 500.º quingentésimo
- 600.º sexcentésimo
- 700.º setingentésimo
- 800.º octingentésimo
- 900.º nongentésimo
- 1 000.º milésimo.

O S soa como Z e não como S

N. B. — Quando se fala dos séculos, papas e reis, diremos até 10 os ordinais; de 10 para a frente, os cardinais.

Ex.: Pedro primeiro
 Pedro segundo
 Pedro décimo
 Pedro onze
 Leão décimo
 Leão onze
 Leão treze
 século primeiro
 » segundo
 » décimo
 » onze

3) *Multiplicativos ou proporcionais:*

Ex.: *duplo ou dúplice, triplo ou tríplice, quádruplo, quántuplo, sêxtuplo, sétuplo, óctuplo, nônuplo, décuplo, undécuplo, duodécuplo, cêntuplo.*

NÚMEROS ROMANOS:

I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX.

30 XXX
40 XL
50 L
60 LX
70 LXX
80 LXXX
90 XC
100 C
200 CC
300 CCC
400 CD
500 D
600 DC
700 DCC
800 DCCC
900 CM
1 000 M

c) PRONOMES

São palavras que se põem em vez do nome.

NOTA: As vezes o adjetivo e o pronome são iguais na forma; o adjetivo, porém, está junto do substantivo, e o pronome está sozinho (em vez do nome). Ex.: *Meu* livro. (*Meu* é adjetivo). Este livro é *meu* (*Meu* é pronome).

Ex.: — Quem está aí?

— *Eu.*

— *Eu,* quem?

— *João.*

Como se vê, *eu* é um pronome, que está em vez do nome (João).

Pessoais

(ou **pronomes substantivos**, porque substituem apenas os *nomes*)

1) Caso reto:

Eu (1. ^a pessoa, singular)	Nós (1. ^a pessoa, plural)
Tu (2. ^a pessoa, singular)	Vós (2. ^a pessoa, plural)
Ele ou ela (3. ^a pessoa, singular)	Êles ou elas (3. ^a pessoa, plural).

2) Caso oblíquo:

me, a mim, comigo
te, a ti, contigo
se, a si, consigo, lhe, o, a
nos, a nós, conosco
vos, a vós, convosco
lhes, os, as.

NOTA: *me, te, se, lhe, nos, vos* substituem, às vêzes, os respectivos possessivos. Ex.: Dói-lhe a cabeça? = *a sua* cabeça dói? Dói-me a cabeça = *a minha* cabeça dói.

NOTA: Até ao século XVI, encontramos as formas *migo, tigo, sigo, nosco* e *vosco* derivadas do latim *mecum, tecum, secum, nobiscum* e *vobiscum*. Ex.: e será *vosco* (= estará convosco) ante o prazo marcado (D. Diniz).

NOTA: Diz-se: *êle vai conosco, convosco*.

Mas dir-se-á: *êle vai com nós mesmos, com nós mesmas; com vós mesmos, com vós mesmas* (embora haja alguns exemplos em contrário).

Diz-se: *eu mesmo, eu mesma; nós mesmos, nós mesmas*. Eles discutiam entre *si mesmos*; elas discutiam entre *si mesmas* (porque *si* vem do latim *sui-sibi-se-se*, que é tanto do singular como do plural).

*

Pronomes adjetivos (os que equivalem a um substantivo com um adjetivo determinado. Ex.: *isso* = essa cousa; *alguém* = alguma pessoa).

1) Possessivos

Meu, minha, meus, minhas	ou: o meu, a minha, os meus, as minhas;
Teu, tua, teus, tuas	o teu, a tua, os teus, as tuas, etc.).
(como os adjetivos).	

2) Demonstrativos

Este, esta, êstes, estas
 Êsse, essa, êsses, essas
 aquêle, aquela, aquêles, aquelas
 isto, isso, aquilo
 estoutro, essoutro, aqueloutro
 o, a, os, as

NOTA: *o, a, os, as* podem apresentar-se com os seguintes aspectos:

a) *Artigos definidos:*

Ex.: o homem, a mulher, os homens, as mulheres.

b) *Pronomes pessoais, caso oblíquo:*

Ex.: vi-o, vi-a, vi-os, vi-as (o João, eu vi-o; a Júlia, eu vi-a).

c) *Pronomes demonstrativos:*

Ex.: Meu livro e o de João

Minha pena e a de João

Meus livros e os de João

Minhas penas e as de João.

NOTA: *êste, esta* indicam que o objeto está perto; *êsse, essa*, mais longe um pouco; *aquêle, aquela*, mais longe ainda.

3) Relativos ou conjuntivos

Que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, quanto.

Cujo também se empregava antigamente como pronome. Ex.: *Cujo é êste livro?* = De quem é êste livro? Tendo-se encontrado um animal e não se sabendo *cujo* é... (= não se sabendo de quem é) (Código Civil português).

* *Quem* refere-se, em geral, a *peessoas*. Ex.: A Maria, a *quem* dei um livro... Pode também referir-se a *cousas*. Ex.: «Esta Braga, por *quem* êste servo de Deus fêz extremos (Frei Luís de Sousa)». «Os verdes olhos, por quem morro» (Diogo Bernardes).

4) Interrogativos

Que? quem? qual? quanto?

5) Indefinidos

algum, alguém

nenhum

certo

pouco

todo

alguém, fulano (do árabe: fulan), béltrano, si-
crano, algo (= alguma coisa. Ex.: eu sei algo
da lição = eu sei *alguma* coisa da lição).

d) VERBOS

Verbo — é a palavra que indica a *ação* ou o *estado* atribuídos ao sujeito, e, ainda, o *tempo*, em que se faz a ação. Ex.: Estudo, estudei, estudarei. Antônio vive.

* Quanto à *conjugação*, o verbo
pode ser:

regular e irregular
(conforme segue ou não
os modelos)

auxiliar
(= que *auxilia* a
conjugação de outros)

defectivo
(= *defeituoso*;
verbo, a que faltam tem-
pos, pessoas, etc.)

* Quanto ao *sujeito*, o verbo
pode ser:

ativo
passivo
reflexivo
neutro ou de ligação

* Quanto ao *complemento*:

transitivo
intransitivo
relativo
transitivo-relativo
neutro ou de ligação

Verbo transitivo (ou de *predicação incompleta*) — é
aquêles, cuja ação passa do sujeito que é o agente para
o objeto que é o paciente. Ex.: Comprei um livro.

Objeto direto

Avisei-o	Eu bem <i>no</i> vi	Encontrei-o
Certifiquei-o	(êste <i>n</i> é eufônico; é	Cumprimentei-o
Cientifiquei-o	para soar bem)	Preveni-o
Vi-o	Não <i>o</i> vejo há muito	Informei-o
Comprei-o	O amigo que <i>o</i> estima	Já <i>o</i> conhecia
Comeram-no	O médico assistiu <i>o</i> doente	Abracei-o
Bons olhos <i>o</i> vejam!	Deus <i>o</i> ajude!	Visitei-o

Muita gente confunde *lhe* e *o* constantemente, dizendo *vi-lhe*, *abraçei-lhe*, etc., o que é um erro. (*o*, *a*, *os*, *as* são, em geral, atributos e objetos diretos; *lhe*, *lhes* indiretos, em geral. As vezes *lhe* é igual a *seu*, *sua*. Ex.: Dói-*lhe* a cabeça? = A *sua* cabeça dói?)

O verbo *transitivo* pede um complemento chamado *objeto direto* ou *complemento direto*. Nos exemplos acima expostos, o objeto direto é: *o livro* (no 1.º exemplo) e o pronome *o* (nos outros).

* *Sujeito* é o ser, de quem se diz alguma cousa.

Ex.: João esbofeteou o soldado. O sujeito é *João*.

João foi esbofeteado pelo soldado. O sujeito é *João*.

João esbofeteou-se a si mesmo. O sujeito é *João*.

João é bom, anda triste. O sujeito é *João*.

* *Para se achar o sujeito e o objeto direto*, pergunta-se ao verbo:
quem? antes de pessoa.
o quê? antes de cousa.

Ex.: João esbofeteou o soldado. — *Quem* esbofeteou o soldado? — João (sujeito).

Dói-me a cabeça. *O que* é que me dói? — A cabeça (sujeito).

Comprei um livro. — Comprei *o quê?* — Um livro (objeto direto).

João matou o soldado. — João matou *quem?* — O soldado (objeto direto).

O *objeto direto* em geral não tem preposição antes de si; mas, às vezes, tem, antes dos nomes de pessoas.

Ex.: Amar *a Deus*.

Objeto direto

Louvou João *a Pedro*.

Objeto direto

Se nós disséssemos: «Louvou João, Pedro», não se poderia saber qual era o sujeito. Dizendo-se, pois: Louvou João a Pedro, sabe-se que o sujeito é: João.

Não obstante Camões escreveu: «Quando Augusto o capitão venceu; gente que segue o torpe Mafamede», como fazem, hoje, em geral os escritores, pois dão à 1.ª palavra da frase o valor de sujeito, naturalmente.

Verbo intransitivo (ou de *predicação completa*) — é aquê, cuja ação não passa do sujeito para o objeto. Ex.: Antônio morreu. Eu vivo, João passeia.

tempos da Antigüidade clássica, dizia-se que o sujeito de *chove*, *troveja*, etc., era *Júpiter*, pai dos deuses e dos homens; por isso o verbo está sempre na 3.^a pessoa do singular; *Júpiter chove*, *troveja*, etc.).

Faz (=há) 20 anos que o não vejo.

Faz frio, faz calor.

Já havia (=já fazia) 3 anos que não o via.

Houve homens que...

O sujeito é indeterminado; 20 anos, 3 anos, frio, calor, homens são objetos diretos.

O VERBO EXISTIR NÃO É IMPESSOAL

Dir-se-á, pois: Existiram homens que... (o sujeito é: *homens*).

	impessoal	ou: pessoal
Observe-se	Nesta sala há livros	ou: existem livros
	Aqui há livros	» » »
	Ali » »	» » »
bem:	Lá » »	» » »
	Acolá » »	» » »
	* Objeto direto: <i>livros</i>	* sujeito: <i>livros</i>

NOTA: Mas diz-se: *Esta sala tem livros*. Pode-se dizer *esta sala há* (=tem) *livros*, *eu hei* (=tenho) *um lápis* (com o verbo *haver* pessoal), porque os clássicos assim fizeram, mas, hoje não se encontram estas frases na linguagem vulgar.

Na frase: *Nesta sala há livros*, o sujeito é indeterminado; *livros* é o objeto direto.

Vê-se que é objeto direto, observando frases como esta: *Nesta sala há livros?* — *Há-os*. Repare: *há-os*; e não: *há eles*. O pronome *os* é forma oblíqua, isto é, a forma do objeto direto. Em francês: *il y en a*.

Estas frases: *nesta sala há livros*; *há livros aqui*, etc., formadas com o verbo *haver* impessoal, surgiram do *latim popular* ou *sermo vulgaris* da Idade Média, base das línguas neolatinas: português, espanhol, francês, italiano, romeno, rético ou romanche, provençal, catalão, sardo e dalmático.

Ex.: *Há livros*. No *sermo vulgaris* era: *Aliquis habet libros*. *Aliquis* = alguém (sujeito indeterminado); *habet* = há; *libros* (liber-libri; no acusativo do plural, objeto direto). Em *latim de ouro* ou *sermo eruditus* era: *Libri sunt* (*Libri* no nominativo plural, sujeito; *sunt* = existem). *Livros existem*. A frase *há livros* formou-se no *latim popular* e não no *latim de ouro*.

* Entre o povo português e brasileiro, e até nos escritores portugueses e brasileiros, aparecem, às vezes, os verbos impessoais precedidos do pronome *ele* como sujeito fictício (como em francês: *il pleut* = chove; *il tonne* = troveja; *il y a* = há; etc.).

Ex.: *Ele há marotos muito grandes na tropa* (Camilo). *Ele*

também há eleições no Amazonas (Machado de Assis, «Crítica», pág. 192). *Ele hoje não chove.* São frases vernáculas.

* Em sentido figurado, os verbos impessoais podem tornar-se pessoais.

Ex.: *Chovam* as bênçãos de Deus sobre vós (sujeito: *as bênçãos*).

Se o céu chove, a todos molha (Vieira) (sujeito: *o céu*).

Os bêbedos trovejaram desaforos... (sujeito: *os bêbedos*).

* Os verbos auxiliares dos verbos *impessoais* tornam-se também *impessoais*.

Ex.: *Vai haver* festas (e não: *vão haver*).

Há de haver trovoadas (e não: *hão de haver*).

* *E' noite, é tarde*, etc.; *são 9 horas*; *deviam ser 9 horas*.

O verbo *ser*, nestes casos, é também *impessoal*. O sujeito é indeterminado. O nome predicativo é: *noite, tarde, 9 horas*. «Era uma vez um príncipe...» «Era uma vez dois príncipes...» Nestes casos, o sujeito é também indeterminado. *Havia uma vez um príncipe...; havia uma vez dois príncipes...*

* *Deram 6 horas. Deram as 11 horas* ao entrarmos na pousada (Castilho). *Deram 9 horas na igreja do Loreto* (Rebêlo da Silva). São frases vernáculas. Alguns dizem que o verbo *dar* também é *impessoal* nestes casos, embora esteja no plural. Outros dizem que *deram* = *soaram*; *9 horas* é o sujeito. O relógio deu 6 horas (Camillo). O relógio é o sujeito de *deu*. Aqui *deu* é pessoal; *6 horas* é objeto direto.

Verbo defectivo — é o que só tem alguns tempos, e, às vezes, só pessoas.

Ex.: *soer* = costumar

Ind. pres.: *sóis, sói, soemos, soeis, soem*.

Imperf.: *soía*, etc.

Ex.: João levanta-se cedo, como *sói* acontecer (= como costuma acontecer).

Verbos pronominais ou **reflexivos** — são os que se conjugam com *dois pronomes* (daí o nome de *pronominais*); chamam-se *reflexivos* também, porque a ação *se reflete* sobre a própria pessoa, que a pratica.

Dividem-se em:

1) *Essenciais* — quando aparece sempre o pronome pessoal caso oblíquo. Ex.: *Suicidar-se, arrepender-se, zangar-se, condoer-se, queixar-se, abster-se, dignar-se*, e poucos mais.

2) *Acidentais* — quando pode aparecer o pronome ou não. Ex.: *Lavar-se*.

Se dissermos *lavei o rosto*, o verbo é só transi-

tivo; se dissermos *lavei-me*, o verbo é reflexivo (=lavei-me a mim mesmo).

3) *Recíprocos* — quando duas ou mais pessoas praticam a ação entre si.

Ex.: *Ele e ela amavam-se*

Ele amava-a >< = amavam-se.
Ela amava-o >< = amavam-se.

Verbo imitativo ou onomatopaico. Ex.: cacarejar (das galinhas); galarr (dos urus); trinfar e trissar (das andorinhas); coaxar, grasnar, grasnir (da rã, pato, corvo); zumbir (das abelhas); blaterar (dos camelos); glotorar (das cegonhas); arensar (dos cisnes); barrir (dos elefantes); balar ou balir (ovelhas); uivar, latir, ganir (cão, lobo); zurrar, ornear, ornejar (burro); relinchar, rinchar, nitrir (cavalo); mugir (vaca) (* *mungir* = ordenhar, tirar leite da vaca); grunhir (porco, javali); crocitar, grasnar (corvo); piar (pintinho ou pintainho); silvar (cobra); vagir (criança); cucuritar, cucuricar (galo); palrar (papagaio); rechinar (cigarra); regougar (rapôsa); atitar (= chilrear, assobiar agudamente, em geral); pipitar (das aves).

Verbo causativo ou factitivo — é o que tem uma atividade que se comunica ao objeto. Ex.: O sol secou a roupa = = *fêz* que a roupa secasse.

Verbo incoativo — (Do latim *inchoare* = começar) é o que indica o começo da ação. Ex.: alvorecer, entardecer.

Verbo freqüentativo ou iterativo — é o que indica freqüência de ação. Ex.: saltitar (do verbo saltar).

Verbo aumentativo — Ex.: *esganiçar-se* (= ganir muito alto).

Verbo diminutivo — Ex.: *lambiscar* (de lamber); *dormitar* (de dormir).

Há 3 vozes:

1) *Ativa* — O sujeito pratica a ação. Ex.: João esbofeteou o soldado. O sujeito é: João.

2) *Passiva* — O sujeito sofre a ação. Ex.: João foi esbofeteado pelo soldado. O sujeito é: João.

3) *Média ou reflexa* — O sujeito pratica e sofre a ação. Ex.: O João esbofeteou-se a si mesmo. O sujeito é: João.

Verbos auxiliares — *Ter* ou *haver* — para a voz ativa e reflexa. Ex.: (o João *teria esbofeteado*; *tinha-se esbofeteado*). *Ser* e *estar* — para a voz passiva (o João *foi esbofeteado*).

*** O verbo HAVER (que é o mais difícil)
pode ser impessoal e pessoal:**

VERBO HAVER

- 1) IMPESSOAL
(o sujeito
é indeter-
minado)

Ex.: Nesta sala *há* livros
Há homens que...
Houve colegas que...
Lá deve haver muitos alunos
(e não *devem haver*, porque
o auxiliar *deve* fica também
no singular).

a) *auxiliar*. Ex.: Eu *havia* estuda-
do = Eu *tinha* estudado. *Hei* de
estudar = *Tenho* de estudar.

b) *transitivo* (hoje pouco usado).

Ex.: Os Brâmanes hão medo de
perder a autoridade (Ca-
mões) = *têm* medo...

Eu *hei* um lápis = eu *tenho*
um lápis.

... fazenda que João e
Maria *houveram* por doa-
ção... = *tiveram*.

Ele é tido e *havido* por
prudente = é *julgado*.

Bem haja, Senhor! = Haja
ou tenha bem (= felicida-
de) Senhor!

- 2) PESSOAL
(tem sem-
pre sujei-
to)

c) *reflexivo*. *Houve-se* amor comigo
tão brando... (Camões) = *por-
tou-se*...

Fui fazer exame e *houve-me*
bem = e *portei-me* bem. Ele há
de se *haver* comigo = *liquidar*
contas comigo. (Cândido de Fi-
gueiredo, Moraes, Constâncio).

* Há também o verbo reflexivo *avir-se* = entender-se, acomodar-se, pôr-se de acôrdo, liquidar contas, com o mesmo sentido de *haver-se*.

Ex.: gostava de ver como se *avinha* para isso com o pastorinho (Castilho).

Com meu gado me *avenha eu* e estou contente (Camões).

Lá vos *avinde!* (popular).

* Observe: — Não *há* ou não *havia* (seguidos de infinito) = *não é*, ou *não era possível*.

Ex.: Não *há* faltar um mouro, se come em mesa alheia (Frei Luís de Sousa) = *não é possível* faltar um mouro.

* Observe: Hoje, em Portugal, usam-se muito expressões como: «*há que fazer-se isso*», «*há que distinguir-se*», etc., por influência do espanhol. Equivalem a: «*tem que fazer-se isso*», «*tem que distinguir-se*», etc.

Há 3 modos de formar a voz passiva:

1) *Com os verbos ser e estar.*

Ex.: João *foi esbofeteado* pelo soldado.

2) *Com a partícula apassivadora se:*

Dão-se 4 vales = 4 vales *são dados*.

Não *se* devem fazer intrigas = intrigas *não devem ser feitas*.

Aluga-se um quarto (= um quarto *é alugado*).

Alugam-se dois quartos (= dois quartos *são alugados*).

3) *Com o infinito de certos verbos na ativa correspondente ao infinito da passiva.*

Ex.: Lição fácil de estudar (= de *ser estudada*).

Conjugação perifrástica — é a que é formada com dois ou mais verbos. Faz-se geralmente com *ser*, *estar*, *ter*, *haver*, *andar*, *ir*, *vir*.

Ex.: Antônio vinha conversando.
 Hei de falar-lhe.
 João andava a brincar.
 Ele vem vindo; vai indo (expressões vernáculas, comuns, embora curiosas).
 Ele deve de fazer ou deve fazer isso, elas *parecem ser* boas (também se diz: elas *parecem ser* boas = parece que elas são boas).
 João julgou poder fazer isso.
 E *vinha* com o Imperador *entrando* em Roma (Bernardes).

NOTA: Em Portugal são mais comuns as formas: *andava a brincar*, *estava a cantar*, etc. No século XVI, como se vê nos autores portugueses, eram mais comuns as formas: *estava cantando*, *andava brincando*, etc. Estas formas são também preferidas no Brasil. Certamente, por influência dos primeiros colonizadores. Caso curioso: os caipiras de todo o Brasil, para indicarem *ação muito repetida*, usam as duas formas, ao mesmo tempo: *Vinha (a) pular-pulando*, *ia (a) cair-caindo*, etc. («O Dialeto caipira» de Amadeu Amaral).

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS AUXILIARES

Ter	Haver	Ser	Estar
INDICATIVO			
<i>Presente</i>			
S. Tenho	Hei	Sou	Estou
Tens	Hás	Ês	Estás
Tem	Há	Ê	Está
P. Temos	Havemos	Somos	Estamos
Tendes	ou hemos	Sois	Estais
Têm	Haveis ou heis	São	Estão
	Hão		
<i>Imperfeito</i>			
S. Tinha	Havia	Era	Estava
Tinhas	Havias	Eras	Estavas
Tinha	Havia	Era	Estava
P. Tínhamos	Havíamos	Éramos	Estávamos
Tínheis	Havíeis	Éreis	Estáveis
Tinham	Haviam	Eram	Estavam

Pretérito perfeito

S. Tive	Houve	Fui	Estive
Tiveste	Houveste	Fôste	Estiveste
Teve	Houve	Foi	Estêve
P. Tivemos	Houvemos	Fomos	Estivemos
Tivestes	Houvestes	Fôstes	Estivestes
Tiveram	Houveram	Foram	Estiveram

Pretérito mais-que-perfeito

S. Tivera	Houvera	Fôra	Estivera
Tiveras	Houveras	Foras	Estiveras
Tivera	Houvera	Fôra	Estivera
P. Tivéramos	Houvéramos	Fôramos	Estivéramos
Tivéreis	Houvéreis	Fôreis	Estivéreis
Tiveram	Houveram	Foram	Estiveram

Futuro imperfeito

S. Terei	Haverei	Serei	Estarei
Terás	Haverás	Serás	Estarás
Terá	Haverá	Será	Estará
P. Teremos	Haveremos	Seremos	Estaremos
Tereis	Havereis	Sereis	Estareis
Terão	Haverão	Serão	Estarão

CONDICIONAL

Imperfeito

S. Teria	Haveria	Seria	Estaria
Terias	Haverias	Serias	Estarias
Teria	Haveria	Seria	Estaria
P. Teríamos	Haveríamos	Seríamos	Estariamos
Teríeis	Haveríeis	Seríeis	Estaríeis
Teriam	Haveriam	Seriam	Estariam

IMPERATIVO

Presente

Tem	Há	Sê	Está
Tende	Havei	Sêde	Estai

SUBJUNTIVO

Presente

S. Tenha	Haja	Seja	Esteja
Tenhas	Hajas	Sejas	Estejas
Tenha	Haja	Seja	Esteja
P. Tenhamos	Hajamos	Sejamos	Estejamos
Tenhais	Hajais	Sejais	Estejais
Tenham	Hajam	Sejam	Estejam

Imperfeito

S. Tivesse	Houvesse	Fosse	Estivesse
Tivesses	Houvesse	Fossem	Estivessem
Tivesse	Houvesse	Fosse	Estivesse
P. Tivéssemos	Houvéssemos	Fôssemos	Estivéssemos
Tivésseis	Houvésseis	Fósseis	Estivésseis
Tivessem	Houvessem	Fôssem	Estivessem

Futuro

S. Tiver	Houver	Fôr	Estiver
Tiveres	Houveres	Fores	Estiveres
Tiver	Houver	Fôr	Estiver
P. Tivermos	Houvermos	Formos	Estivermos
Tiverdes	Houverdes	Fordes	Estiverdes
Tiverem	Houverem	Forem	Estiverem

INFINITIVO

Presente impessoal

Ter	Haver	Ser	Estar
-----	-------	-----	-------

Presente pessoal

S. Ter	Haver	Ser	Estar
Teres	Haveres	Sêres	Estares
Ter	Haver	Ser	Estar
P. Têrmos	Havermos	Sermos	Estarmos
Terdes	Haverdes	Serdes	Estardes
Terem	Haverem	Serem	Estarem

Gerúndio e Participio presente

Tendo	Havendo	Sendo	Estando
-------	---------	-------	---------

Participio passado

Tido	Havido	Sido	Estado
------	--------	------	--------

CONJUGAÇÃO DOS PARADIGMAS OU MODELOS REGULARES

1. ^a Conjugação	2. ^a Conjugação	3. ^a Conjugação	4. ^a Conjugação
Louv-ar	Vend-er	Part-ir	P-ôr

NOTA: Antigamente, havia só 3 conjugações: em *ar*, *er* e *ir*. Depois, apareceu a 4.^a conjugação (dos verbos em *ôr*). Esta é formada só do verbo *pôr* e seus compostos, como *compor*, *depor*, etc. Havia só 3 conjugações antigamente, porque não se dizia *pôr*, mas *poer* (do latim *pōnere* = *poer*). *Poer* era, pois, da 2.^a conjugação. Ainda hoje se diz sol *poente*, galinha *poedeira*, etc.

INDICATIVO

Presente

S. Louv-o	Vend-o	Part-o	P-onho
Louv-as	Vend-es	Part-es	P-ões
Louv-a	Vend-e	Part-e	P-õe
P. Louv-amos	Vend-emos	Part-imos	P-omos
Louv-ais	Vend-eis	Part-is	P-ondes
Louv-am	Vend-em	Part-em	P-õem

Imperfeito

S. Louv-ava	Vend-ia	Part-ia	P-unha
Louv-avas	Vend-ias	Part-ias	P-unhas
Louv-ava	Vend-ia	Part-ia	P-unha
P. Louv-ávamos	Vend-íamos	Part-íamos	P-únhamos
Louv-áveis	Vend-feis	Part-feis	P-únheis
Louv-avam	Vend-iam	Part-iam	P-unham

Pretérito perfeito

S. Louv-ei	Vend-i	Part-i	P-us
Louv-aste	Vend-este	Part-iste	P-useste
Louv-ou	Vend-eu	Part-iu	P-ôs
P. Louv-amos	Vend-emos	Part-imos	P-usemos
Louv-astes	Vend-estes	Part-istes	P-usestes
Louv-aram	Vend-eram	Part-iram	P-useram

Pretérito perfeito composto

S. Hei	ou tenho	}	louv-ado
Hás	ou tens		vend-ido
Há	ou tem		part-ido
P. Havemos	ou temos		p-ôsto
Haveis	ou tendes		
Hão	ou têm		

Preterito mais-que-perfeito

S. Louv-ara	Vend-era	Part-ira	P-usera
Louv-aras	Vend-eras	Part-iras	P-useras
Louv-ara	Vend-era	Part-ira	P-usera
P. Louv-áramos	Vend-êramos	Part-íramos	P-uséramos
Louv-áreis	Vend-êreis	Part-íreis	P-uséreis
Louv-aram	Vend-eram	Part-iram	P-useram

Mais-que-perfeito-composto

S. Havia	ou tinha	} louv-ado vend-ido part-ido p-ôsto
Havias	ou tinha	
Havia	ou tinha	
P. Havíamos	ou tínhamos	
Havíeis	ou tínheis	
Haviam	ou tinham	

Futuro imperfeito

S. Louv-arei	Vend-erei	Part-irei	P-orei
Louv-arás	Vend-erás	Part-irás	P-orás
Louv-ará	Vend-erá	Part-irá	P-orá
P. Louv-aremos	Vend-eremos	Part-iremos	P-oremos
Louv-areis	Vend-ereis	Part-ireis	P-oreis
Louv-arão	Vend-erão	Part-irão	P-orão

Futuro perfeito

S. Haveréi	ou terei	} louv-ado vend-ido part-ido p-ôsto
Haverás	ou terás	
Haverá	ou terá	
P. Haveremos	ou teremos	
Havereis	ou tereis	
Haverão	ou terão	

CONDICIONAL

Imperfeito

S. Louv-aria	Vend-eria	Part-iria	P-oria
Louv-arias	Vend-erias	Part-irias	P-orias
Louv-aria	Vend-eria	Part-iria	P-oria
P. Louv-ariamos	Vend-eríamos	Part-iríamos	P-oríamos
Louv-arieis	Vend-erieis	Part-iríeis	P-oríeis
Louv-ariam	Vend-eriam	Part-iriam	P-oriam

Imperfeito composto

S. Haveria	ou teria	} louv-ado vend-ido part-ido p-ôsto
Haverias	ou terias	
Haveria	ou teria	
P. Haveríamos	ou teríamos	
Haveríeis	ou teríeis	
Haveriam	ou teriam	

IMPERATIVO

Presente

S. Louv-a	Vend-e	Part-o	P-õe
P. Louv-ai	Vend-ei	Part-i	P-ondo

SUBJUNTIVO

Presente

S. Louv-e	Vend-a	Part-a	P-onha
Louv-es	Vend-as	Part-as	P-onhas
Louv-e	Vend-a	Part-a	P-onha
P. Louv-emos	Vend-amos	Part-amos	P-onhamos
Louv-eis	Vend-ais	Part-ais	P-onhais
Louv-em	Vend-am	Part-am	P-onham

Imperfeito

S. Louv-asse	Vend-esse	Part-isse	P-usesse
Louv-asses	Vend-esses	Part-isses	P-usesses
Louv-asse	Vend-esse	Part-isse	P-usesse
P. Louv-ássemos	Vend-éssemos	Part-issemos	P-uséssemos
Louv-ásseis	Vend-ésseis	Part-isseis	P-usésseis
Louv-assem	Vend-essem	Part-issem	P-usessem

Pretérito perfeito composto

S. Haja	ou tenha	} louv-ado vend-ido part-ido p-ôsto
Hajas	ou tenhas	
Haja	ou tenha	
P. Hajamos	ou tenhamos	
Hajais	ou tenhais	
Hajam	ou tenham	

Mais-que-perfeito composto

S. Houvesse	ou tivesse	} louv-ado vend-ido part-ido p-ôsto
Houvesse	ou tivesses	
Houvesse	ou tivesse	
P. Houvéssemos	ou tivéssemos	
Houvésseis	ou tivésseis	
Houvessem	ou tivessem	

Futuro imperfeito

S. Louv-ar	Vend-er	Part-ir	P-user
Louv-ares	Vend-eres	Part-ires	P-useres
Louv-ar	Vend-er	Part-ir	P-user
P. Louv-armos	Vend-ermos	Part-irmos	P-usermos
Louv-ardes	Vend-erdes	Part-irdes	P-userdes
Louv-arem	Vend-erem	Part-irem	P-userem

Futuro perfeito composto

S. Houver	ou tiver	}	louv-ado vend-ido part-ido p-ôsto
Houveres	ou tiveres		
Houver	ou tiver		
P. Houvermos	ou tivermos	}	
Houverdes	ou tiverdes		
Houverem	ou tiverem		

INFINITIVO OU INFINITO

Presente impessoal

Louv-ar	Vend-er	Part-ir	P-ôr
---------	---------	---------	------

Presente pessoal

S. Louv-ar	Vend-er	Part-ir	P-ôr
Louv-ares	Vend-erês	Part-ires	P-ores
Louv-ar	Vend-er	Part-ir	P-ôr
P. Louv-armos	Vend-ermos	Part-irmos	P-ormos
Louv-ardes	Vend-erdes	Part-irdes	P-ordes
Louv-arem	Vend-erem	Part-irem	P-orem

Perfeito impessoal

Haver ou ter	}	louv-ado
		vend-ido
		part-ido
		p-ôsto

Perfeito pessoal

S.	Haver	ou ter	}	louv-ado vend-ido part-ido p-ôsto
	Haveres	ou teres		
	Haver	ou ter		
P.	Havermos	ou têrmos	}	
	Haverdes	ou terdes		
	Haverem	ou terem		

Gerúndio e Participio presente

Louv-ando	Vend-endo	Part-indo	P-ondo
-----------	-----------	-----------	--------

Participio passado ou perfeito

Louv-ado	Vend-ido	Part-ido	P-ôsto
----------	----------	----------	--------

Participio passado composto

Havendo ou tendo	}	louv-ado
		vend-ido
		part-ido
		p-ôsto

VOZ PASSIVA

INDICATIVO

Presente

S. Sou	ou estou	} louvado, a
És	ou estás	
É	ou está	
P. Somos	ou estamos	} louvados, as
Sois	ou estais	
São	ou estão	

Pretérito imperfeito

S. Era	ou estava	} louvado, a
Eras	ou estavas	
Era	ou estava	
P. Éramos	ou estávamos	} louvados, as
Éreis	ou estáveis	
Eram	ou estavam	

Pretérito perfeito

S. Fui	ou estive	} louvado, a
Fôste	ou estiveste	
Foi	ou esteve	
P. Fomos	ou estivemos	} louvados, as
Fôstes	ou estivestes	
Foram	ou estiveram	

Pretérito perfeito composto

S. Hei	ou tenho sido	ou estado	} louvado, a
Hás	ou tens sido	ou estado	
Há	ou tem sido	ou estado	
P. Havemos	ou temos sido	ou estado	} louvados, as
Haveis	ou tendes sido	ou estado	
Hão	ou têm sido	ou estado	

Pretérito mais-que-perfeito

S. Fôra	ou estivera	} louvado, a
Foras	ou estiveras	
Fôra	ou estivera	
P. Fôramos	ou estivéramos	} louvados, as
Fôreis	ou estivéreis	
Foram	ou estiveram	

Mais-que-perfeito composto

S. Havia	ou tinha sido	ou estado	} louvado, a
Havias	ou tinhas sido	ou estado	
Havia	ou tinha sido	ou estado	
P. Havíamos	ou tínhamos sido	ou estado	} louvados, as
Havíeis	ou tínheis sido	ou estado	
Haviam	ou tinham sido	ou estado	

Futuro

S. Serei	ou estarei	} louvado, a
Serás	ou estarás	
Será	ou estará	
P. Seremos	ou estaremos	} louvados, as
Sereis	ou estareis	
Serão	ou estarão	

Futuro composto

S. Haveréi	ou terei sido	ou estado	} louvado, a
Haverás	ou terás sido	ou estado	
Haverá	ou terá sido	ou estado	
P. Haveremos	ou teremos sido	ou estado	} louvados, as
Haveréis	ou tereis sido	ou estado	
Haverão	ou terão sido	ou estado	

CONDICIONAL

Imperfeito

S. Seria	ou estaria	} louvado, a
Serias	ou estarias	
Seria	ou estaria	
P. Seríamos	ou estaríamos	} louvados, as
Serieis	ou estaríeis	
Seriam	ou estariam	

Imperfeito composto

S. Haveria	ou teria sido	ou estado	} louvado, a
Haverias	ou terias sido	ou estado	
Haveria	ou teria sido	ou estado	
P. Haveríamos	ou teríamos sido	ou estado	} louvados, as
Haveríeis	ou teríeis sido	ou estado	
Haveriam	ou teriam sido	ou estado	

IMPERATIVO

Presente

S. Sê	louvado, a
P. Sêde	louvados, as

SUBJUNTIVO

Presente

S. Seja	ou esteja	} louvado, a
Sejas	ou estejam	
Seja	ou esteja	
P. Sejamos	ou estejamos	} louvados, as
Sejais	ou estejais	
Sejam	ou estejam	

Pretérito imperfeito

S. Fosse	ou estivesse	} louvado, a
Fosses	ou estivesse	
Fosse	ou estivesse	
P. Fôssemos	ou estivéssemos	} louvados, as
Fôsseis	ou estivesseis	
Fôssem	ou estivessem	

Perfeito composto

S. Haja	ou tenha sido	ou estado	} louvado, a
Hajas	ou tenhas sido	ou estado	
Haja	ou tenha sido	ou estado	
P. Hajamos	ou tenhamos sido	ou estado	} louvados, as
Hajais	ou tenhais sido	ou estado	
Hajam	ou tenham sido	ou estado	

Mais-que-perfeito composto

S. Houvesse	ou tivesse sido	ou estado	} louvado, a
Houvesse	ou tivesses sido	ou estado	
Houvesse	ou tivesse sido	ou estado	
P. Houvéssemos	ou tivéssemos sido	ou estado	} louvados, as
Houvésseis	ou tivésseis sido	ou estado	
Houvessem	ou tivessem sido	ou estado	

Futuro imperfeito

S. Fôr	ou estiver	} louvado, a
Fores	ou estiveres	
Fôr	ou estiver	
P. Formos	ou estivermos	} louvados, as
Fordes	ou estiverdes	
Forem	ou estiverem	

Futuro perfeito composto

S. Houver	ou tiver sido	ou estado	} louvado, a
Houveres	ou tiveres sido	ou estado	
Houver	ou tiver sido	ou estado	
P. Houvermos	ou tivermos sido	ou estado	} louvados, as
Houverdes	ou tiverdes sido	ou estado	
Houverem	ou tiverem sido	ou estado	

INFINITIVO

Presente impessoal

Ser ou estar louvado, a, os, as

Presente pessoal

S. Ser	ou estar	} louvado, a
Sêres	ou estares	
Ser	ou estar	
P. Sermos	ou estarmos	} louvados, as
Serdes	ou estardes	
Serem	ou estarem	

Perfeito impessoal

Haver ou ter sido ou estado louvado, a, os, as

Perfeito pessoal

S. Haver	ou ter sido	} louvado, a
Haveres	ou teres sido	
Haver	ou ter sido	
P. Havermos	ou têmos sido	} louvados, as
Haverdes	ou terdes sido	
Haverem	ou terem sido	

Particípio passado composto

S. Havendo ou tendo sido ou estado louvado, a, os, as.

NOTA: Regra geral: — Torna-se **variável** o particípio passado com os verbos *ser* e *estar*; e **invariável** com os verbos *ter* e *haver*.

CONJUGAÇÃO DO VERBO PRONOMINAL QUEIXAR-SE

Presente

S. Eu me queixo	P. Nós nos queixamos
Tu te queixas	Vós vos queixais
Ele se queixa	Eles se queixam

NOTA: Pode também conjugar-se assim: Queixo-me, Queixas-te, Queixa-se, Queixamo-nos, Queixais-vos, Queixam-se. *Imperf.*: Queixa-va-me, etc. *Fut.*: Queixar-me-ei, etc., etc.

Pretérito imperfeito

S. Eu me queixava	P. Nós nos queixávamos
Tu te queixavas	Vós vos queixáveis
Ele se queixava	Eles se queixavam

Pretérito perfeito

S. Eu me queixei	P. Nós nos queixamos
Tu te queixaste	Vós vos queixastes
Ele se queixou	Eles se queixaram

Pretérito perfeito composto

S. Eu me hei	ou tenho	} queixado
Tu te hás	ou tens	
Ele se há	ou tem	
P. Nós nos havemos	ou temos	
Vós vos haveis	ou tendes	
Eles se hão	ou têm	

Pretérito mais-que-perfeito

S. Eu me queixara	P. Nós nos queixáramos
Tu te queixaras	Vós vos queixáreis
Ele se queixara	Eles se queixaram

Mais-que-perfeito composto

S. Eu me havia	ou tinha	} queixado
Tu te havias	ou tinhas	
Ele se havia	ou tinha	
P. Nós nos havíamos	ou tínhamos	
Vós vos haveis	ou tínheis	
Eles se haviam	ou tinham	

Futuro imperfeito

S. Eu me queixarei	P. Nós nos queixaremos
Tu te queixarás	Vós vos queixareis
Ele se queixará	Eles se queixarão

Futuro perfeito composto

S. Eu me havierei	ou terei	} queixado
Tu te haverás	ou terás	
Ele se haverá	ou terá	
P. Nós nos haveremos	ou teremos	
Vós vos haveis	ou tereis	
Eles se haverão	ou terão	

CONDICIONAL

Imperfeito

S. Eu me queixaria	P. Nós nos queixaríamos
Tu te queixarias	Vós vos queixaríeis
Ele se queixaria	Eles se queixariam

Imperfeito composto

S. Eu me haveria	ou teria	} queixado
Tu te haverias	ou terias	
Ele se haveria	ou teria	
P. Nós nos havíamos	ou teríamos	
Vós vos haveríeis	ou teríeis	
Eles se haveriam	ou teriam	

IMPERATIVO

Presente

S. Queixa-te tu
P. Queixai-vos vós

SUBJUNTIVO

Presente

S. Eu me queixe	P. Nós nos queixemos
Tu te queixes	Vós vos queixeis
Ele se queixe	Eles se queixem

Pretérito imperfeito

S. Eu me queixasse	P. Nós nos queixássemos
Tu te queixasses	Vós vos queixásseis
Ele se queixasse	Eles se queixassem

Pretérito perfeito composto

S. Eu me haja	ou tenha	} queixado
Tu te hajas	ou tenhas	
Ele se haja	ou tenha	
P. Nós nos hajamos	ou tenhamos	
Vós vos hajais	ou tenhais	
Eles se hajam	ou tenham	

Mais-que-perfeito composto

S. Eu me houvesse	ou tivesse	} queixado
Tu te houvesse	ou tivesses	
Ele se houvesse	ou tivesse	
P. Nós nos houvéssomos	ou tivéssemos	
Vós vos houvésseis	ou tivésseis	
Eles se houvessem	ou tivessem	

Futuro imperfeito

S. Se eu me queixar	P. Se nós nos queixarmos
Se tu te queixares	Se vós vos queixardes
Se ele se queixar	Se eles se queixarem

Futuro perfeito composto

S. Se eu me houver	ou tiver	} queixado
Se tu te houveres	ou tiveres	
Se êle se houver	ou tiver	
P. Se nós nos houvermos	ou tivermos	
Se vós vos houverdes	ou tiverdes	
Se êles se houverem	ou tiverem	

INFINITIVO

Presente impessoal

Queixar-se

Presente pessoal

S. Queixar-me eu	P. Queixarmo-nos nós
Queixares-te tu	Queixardes-vos vós
Queixar-se êle	Queixarem-se êles

Pretérito impessoal

Haver ou ter-se queixado

Pretérito pessoal

S. Haver	ou ter-me eu	} queixado
Haveres	ou teres-te tu	
Haver	ou ter-se êle	
P. Havermos	ou têrmo-nos nós	
Haverdes	ou terdes-vos vós	
Haverem	ou terem-se êles	

Gerúndio e Participio presente

Queixando-se

Participio passado composto

Havendo-se ou tendo-se queixado

PARTICÍPIOS DUPLOS

Considerações sôbre certos verbos

Particípios duplos — Alguns verbos têm 2 particípios passados. Ex.: *aceitar*: — *aceitado* e *aceito*.

Regra geral: — Usa-se o *particípio regular* com os verbos *ter* e *haver*; usa-se o irregular com *ser* e *estar*.

Ex.: Ele tinha *aceitado* o presente. O presente foi *aceito*.

VERBO	P. REGULAR	P. IRREGULAR
<i>entregar</i>	— entregado	— entregue
<i>soltar</i>	— soltado	— sôlto
<i>salvar</i>	— salvo	— salvo
<i>pagar</i>	— pagado	— pago
<i>gastar</i>	— gastado	— gasto
<i>ganhar</i>	— ganhado	— ganho
<i>expulsar</i>	— expulsado	— expulso
<i>enxugar</i>	— enxugado	— enxuto
<i>matar</i>	— matado	— morto (particípio de <i>morrer</i>)
<i>imprimir</i>	— imprimido	— impresso
<i>extinguir</i>	— extinguido	— extinto
<i>frigir</i>	— frigido	— frito
<i>eleger</i>	— elegido	— eleito
<i>suspender</i>	— suspenso	— suspenso
<i>prender</i>	— prendido	— prêso

Frigir — Dizemos: *tinha frigido* e *tinha frito*.

Matar — Dizemos: *tinha matado* e *tinha morto*, mas acho que se devia preferir *tinha matado*, porque *morto* é particípio do verbo *morrer*.

Eleger — Dizemos: *tinha elegido* e *tinha eleito*.

Gastar — Dizemos: *tinha gastado* e *tinha gasto*.

Ganhar — Dizemos: tinha *ganhado* e tinha *ganho*, mas *tinha ganho* é mais usado. (Repare no rifão antigo: «Vintém poupado, vintém ganhado»).

Pagar — Dizemos: *tinha pago*.

NOTA: Antigamente, usaram-se participios, que desapareceram da língua; *absolto* e *absoluto* (de absolver); *resoluto* (de resolver); *cinto* (de cingir); *comesto* (de comer, etc.).

VERBOS IRREGULARES

ALGUNS VERBOS EM AR

Resfolegar

(a variante mais usual é: *resfolgar*)

Ind. pres.: Resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolegamos, resfolegais, resfolgam (o *e* aparece, quando o acento tônico passa para a sílaba seguinte. *Resfolgo* não tem *e*; o acento está na raiz, na sílaba *fol*; *Resfolegamos* tem *e*; o acento está à frente, na sílaba *ga*). Em filologia diz-se: forma *rizotônica*, quando a palavra tem o acento tônico na raiz; *arrizotônica*, quando a palavra tem o acento tônico fora da raiz. *Resfolgo* é forma rizotônica; *resfolegamos* é arrizotônica.

Imperf.: resfolegava, etc.

Perf.: resfoleguei, etc.

M.-q.-perf.: resfolegara, etc.

Futuro: resfolegarei, etc.

Condicional: resfolegaria, etc.

Imperativo: resfolga tu, resfolegai vós.

Subj. presente: resfolgue, resfolgues, resfolgue, resfoleguem, resfolegueis, resfolguem.

Imperfeito: resfolegasse, etc.

Futuro do subj.: se resfolegar, etc.

Gerúndio: resfolegando.

Part. passado: resfolegado.

* NOTA: Se preferirmos *resfolgar*, conjuga-se todo regularmente.
Ex.: resfolgo, resfolgas, resfolga, resfolgamos, resfolgais, resfolgam.

Apiedar-se

(a forma antiga e popular era: *apiadar-se*)
(de *piidade* ou *piadade* que era a forma antiga)

Ind. pres.: Eu me apiado, tu te apiadas, êle se apiada, nós nos apiedamos; vós vos apiedais, êles se apiadam.

Imperf.: eu me apiedava, etc.

Perf.: eu me apiedei, etc.

M.-q.-perf.: eu me apiedara, etc.

Futuro: eu me apiedarei.

Condicional: eu me apiedaria.

Imperativo: apiada-te; apiedai-vos.

Subj. pres.: que eu me apiade, que tu te apiades, que êle se apiade, que nós nos apiedemos, que vós vos apiedeis, que êles se apiadem.

Imperf.: que eu me apiedasse, etc.

Fut. do subj.: se eu me apiedar, etc.

Gerúndio: apiedando-se.

Part. passado: apiedado.

NOTA: Como se vê, quando o acento está na 2.^a sílaba, há um *a*; quando passa para a seguinte, há um *e*. «Nenhuma cousa me *apiada* as entranhas como achar...» (Castilho).

Moscar

(= fugir das mûscas, sumir-se, desaparecer)

Ind. pres.: musco, muscas, musca, moscamos, moscais, muscam (o *o* aparece, quando o acento tônico passa para a 2.^a sílaba).

Imperf.: moscava, etc.

Perf.: mosquei, etc.

M.-q.-perfeito: moscara, etc.

Futuro: moscarei, etc.

Condicional: moscaria, etc.

Imperativo: musca, moscai.

Subj. pres.: musque, musques, musque, mosquemos, mosqueis, musquem.

Imperf.: moscassee.

Fut. do subj.: se moscar.

Desaguar

Indicativo presente, 3.^a pessoa, singular: desagúa (a forma antiga e popular era: *desagóa*). O Tejo *desagúa* no Atlântico (e não *deságua*). Observe: *êle clínica*, *êle história* (dos verbos *clinar* e *historiar*); e *clínica* e *história* (substantivos).

Imperfeito: desagava, etc.

Conj. pres.: desagúe, úes, úe, etc.

* O Voc. bras., contudo, traz:

Ind. pres.: deságua, deságuas, deságua, etc.

Pres. conj.: deságüe, deságües, deságüem, etc.

Aguar

Ind. pres.: aguo(ú), águas(ú), agua(ú), aguamos, aguais, aguam(ú).

Conj. pres.: agúe, agúes, agúe, agüemos, agüeis, agüem, etc.

Perfeito: agüei, etc.

* *Aguar* quer dizer «*misturar com água*» e «*adquirir o mal de aguamento*». Diz-se, por exemplo: «*dê um doce à criança, se não ela água(ú)*» = se não, ela pode ficar doente. «*Dê água ao cavalo, se não êle água(ú)*» = se não, fica doente (quando um cavalo está com sede e está a ver água perto). Entre os tropeiros, são comuns frases como esta.

* O Voc. bras., contudo, traz:

Pres. ind.: águo, águas, água, aguamos, aguais, águam.

Perf.: agüei, etc.

Pres. conj.: ágüe, ágües, ágüe, agüemos, agüeis, ágüem.

Enxaguar

Ind. pres.: enxagua(ú), enxaguas(ú), enxagua(ú); etc.

Conj. pres. enxagúe, enxagúes, enxagúe, enxagüemos, enxagüeis, enxagüem.

* O Voc. bras., contudo, traz: *enxágua, etc., enxágüe, etc.*

Magoar (de *mágoa* + *ar*)

Indicativo presente: eu magôo, tu magoas, êle magoa, etc.
Subj. presente: que eu magoe -oes, oe, oemos, oeis, oem.
 Etc.

Minguar

Ind. pres.: minguo(ú), minguas(ú), mingua(ú) (com o acento no *u*), minguamos, minguais, mingua(ú). (A forma antiga e popular era *mingôa* e *mingôam*).

Conj. pres.: mingúe, mingúes, mingúe, mingüemos, mingüeis, mingüem.

* O Voc. bras., contudo, traz:

Ind. pres.: mínguo, mínguas, míngua, etc.

Conj. pres.: míngüe, etc.

Apaziguar

Ind. pres.: apaziguo(ú), apaziguas(ú), etc.

Perf. indic.: apazigüei, etc.

Subj. pres.: apazigúe, apazigúes, apazigúe, apazigüemos, apazigüeis, apazigüem.

Do mesmo modo: *averiguar*.

Apropinuar (= aproximar)

Ind. pres.: apropinquo(ú), apropinquas(ú), apropinqua(ú), etc.

Perf.: apropinqüei.

Conj. pres.: apropinqué, apropinqués, apropinqué, apropinqüemos, apropinqüeis, apropinqüem.

* O Voc. bras., contudo, traz:

Ind. pres.: apropinquo, etc.

Subj. pres.: apropinqüe, etc.

Crear ou criar?

(pela reforma ortográfica só se deve escrever:

criar, criança, criador, etc.)

(do latim: *creare*)

No Brasil, houve quem dissesse (mas não os grandes filólogos) que havia diferença entre *crear* (= inventar) e

criar (= alimentar; criar por ex. galinhas). Não havia razão para essa diferença. Em latim, há apenas: *creare*.

Crear e *criar*, escreveram sempre os mestres da nossa língua, fôsse qual fôsse a significação; e conjugavam-no dêste modo:

* Se preferiam *crear*, escreviam assim:

<i>Ind. presente</i>	<i>Subjuntivo presente</i>	<i>Imperativo</i>
* <i>Crio</i> (e não: <i>creo</i>)	Que eu crie	cria tu
* <i>Crias</i> (e não: <i>creas</i>)	» tu cries	crie êle
* <i>Cria</i> (e não: <i>crea</i>)	» êle crie	<i>creemos</i> nós
<i>Creamos</i>	» nós <i>creemos</i>	<i>creai</i> vós
<i>Creais</i>	» vós <i>creeis</i>	criem êles.
* <i>Criam</i> (e não: <i>cream</i>)	» êles criem	

NOTA: A lei de Lavoisier foi sempre assim dita e escrita: « Na natureza nada se perde e nada se *cria* » (e não: *crea*).

* Se preferiam *criar*, conservavam o *i* em tôda a conjugação. Ficava mais fácil, porque ficava o verbo regular. Os filólogos aconselharam êste 2.º modo, que a reforma adotou: *criar*, bem como: *criança*, *criatura*, *criado*, *criador*.

Passear

Ind. presente: passeio, passeias, passeia, passeamos, passeais, passeiam.

Subj. presente: que eu passeie, passeies, passeie, passee-mos, passeeis, passeiem.

Imperativo: passeia tu, passeie êle, passee-mos nós, passeai vós, passeiem êles.

Imperf.: passeava, etc. *Perf.*: passeei, etc. *M.-q.-perf.*: passeara, etc. *Futuro*: passarei, etc. *Condicional*: Passearia, etc. *Imperf. subj.*: passeasse, etc. *Futuro do subj.*: se eu passear, etc.

Do mesmo modo: *cear*, *idear*, *rodear*.

VERBOS EM *EAR* E EM *IAR*

* Os verbos em *ear* têm as seguintes terminações no *indicativo pres.*: *eo, eas, eia, eamos, eais, eiam*; no *subj. presente*: *ei, eies, eie, eemos, eeis, eiem*; *imperativo*: *eia, eie, eemos, eai, eiem*.

Ex.: *passear, cear, idear, assear, arrear, semear, vadear*, (= passar a *vau*, a pé, um rio, um regato).

* Os verbos em *iar* têm as seguintes terminações no *ind. presente*: *io, ias, ia, iamos, iais, iam*; no *subj. presente*: *ie, ies, ie, iemos, ieis, iem*; no *imperativo*: *ia, ie, iemos, iai, iem*. Surge sempre o *i*, porque os substantivos e adjetivos, de que se formaram, têm um *i* também.

Ex.:

variar (de *vário*) *Ind. pres.*: *vário, varias, varia, variamos, variaís, variam, etc.*)

vadiar (de *vadio*) (= ser *vadio*)

(* *vadear* = passar a *vau*, a pé, um rio, um regato. *Ind. pres.*: *vadeio, eas, eia, eamos, eais, eiam*)

vigiar (de *vigia*)

copiar (de *cópia*)

iniciar (de *início*), etc.

alumiar

ampliar

fiar

confiar

saciar

extasiar

apreciar

agraciar

abreviar

anuviar

aviar

Estes conjugam-se também como *variar*. Têm sempre um *i* na conjugação, embora não se relacionem com substantivos ou adjetivos em *io* e *ia*. *Alumiar* fazia antigamente *alumeio, alumeias, alumeia*; hoje: *alumio, alumias, alumia, alumiamos, alumiais, alumiam*.

Exceções:

premiar (de prêmio)
odiar (de ódio)
ansiar (de ânsia)
mediar (de mediar)
incendiar (de incêndio)
remediar (de remédio)
obsequiar (de obséquio)

Estes fazem assim: *premeio*,
odeio, *anseio*, *medeio*, *incendeio*,
remedeio, *obsequeio*. (Quanto a
 êste último, o Voc. bras. traz:
obsequio).

(Segundo o Vocab. brasil.)	{	* <i>negociar</i> (de negócio)	→ negocio
		* <i>comerciar</i> (de comércio)	→ comercio
		* <i>licenciar</i>	→ licencio
		* <i>presenciar</i>	→ presencio
		* <i>sentenciar</i>	→ sentencio.

NOTA: Na língua, encontram-se as duas formas: obsequio e obsequeio; negocio e negoceo; comercio e comerceio; licencio e licenceio; presencio e presenceio (sobretudo presenceio); sentencio e sentenceio.

ALGUNS VERBOS EM *ER*

Caber

Ind. pres.: caibo, cabes, cabe, etc.

Perfeito: coube, etc.

Subj. presente: caiba, etc.

Crer

Ind. pres.: creio, crês, crê, cremos, credes, crêem.

Imperfeito: cria, crias, etc.

Perfeito: cri, crêste, creu, cremos, crêstes, creram

M.-q.-perf.: crera, etc.

Imp. subj.: cresse, etc.

Imperativo: crê, crede.

Part. pass.: crido.

Etc.

Do mesmo modo: *ler*.

Querer

Ind. pres.: quero, queres, quer, etc.

Imperfeito: queria, etc.

Perfeito: quis, quiseste, etc.

Imperativo: não há; houve antigamente: *querei* (usado por Vieira: «querei só o que podeis»).

Subj. presente: que eu queira, etc.

Futuro do subj.: se eu quiser.

Particípio passado: querido. Usa-se *quisto* nas formas justapostas, como *benquistos*, *malquistos*.

Nota: No indicativo presente, na 3.^a pessoa do singular, há, às vezes, a forma *quere*. Ex.: *Você quere-o?* Ele *quere-o*. (Muitos estranham esta forma: *quere*, dizendo que os brasileiros não a empregam. Mas, neste caso, empregam-na, como Sílvio de Almeida, ilustre filólogo brasileiro, provou na «Revista de Filologia portuguesa»).

Gonçalves Viana escreveu («Pronúncia normal portuguesa», pág. 66): — «E' manifesto erro de ortografia escrever *quer* em vez de *quere*; basta acrescentar-se-lhe o acusativo do pronome da 3.^a pessoa (*o, a, os, as*) para se tornar evidente que a verdadeira escrita é *quere*, pois que no dialeto culto ninguém dirá de certo *qué-lo*, mas *sim quere-o*, como *sare-o, doure-o, tire-o*, etc... A conjunção porém, nenhum inconveniente há em que se escreva *quer*, diferenciando-se assim do verbo, como a conjunção-advérbio *ora* se diferencia do substantivo *hora*, o advérbio *eis* da linguagem *heis* por *haveis*: se é que este tem essa origem, visto que a sua derivação do latim *ecce* oferece dificuldades insuperáveis».

Leite de Vasconcelos escreveu, numa polémica com Când. de Figueiredo: — «Assim como o Autor não defende *val* por *vale* (do verbo *valer*), não deve condenar *quere* e *requere*, tanto mais que ainda hoje se diz *quere-o* e *requere-o*, o que prova a existência antiga do *e*. Bernardes escreveu: «Com a vontade íntegra que se *requere*». Arraís escreveu: «e a dura fortuna *requere* socorro».

O próprio Francisco José Freire escreveu: «antes de João de Barros se dizia *quere*. Cfr. também o espanhol *quiere*».

Todavia não quebro armas nem pelo *quere* (do latim *quaerit*) nem pelo *requere* (do latim *requirit*), onde o *i* final deu o *e* das nossas palavras. Quis só justificar com exemplos e razões essas formas».

Quere e *requere* (3.^a pessoa do sing. do indicativo presente) são formas adotadas pela Reforma Ortográfica Portuguesa, de 1911, porque vêm do latim *quaerit* e *requirit*, e porque há frases, em que o *e* aparece na pronúncia, como: «o lápis, você *quere-o?*» «Ele *requere-o* já». Realmente é assim que se pronunciam em Portugal e no Brasil, frases como estas; não se podem pronunciar de outro modo; há, porém, muitas pessoas que acham que, nos outros casos, se deve

escrever *quer* e *requer*, porque é essa a tradição de muitos anos, tanto em Portugal como no Brasil. Veja nos « Lusíadas », canto VIII, est. 90 a 93, a forma *quer*. Eis por que Leite de Vasconcelos escreveu: « Não quebro armas nem pelo *quere* nem pelo *requere* ».

Estância 90: « Que antes *quer* sôbre si tomar o pêso ».

» 92: « Que quem não *quer* comércio, busca guerra ».

» 93: « Que os seus batéis não *quer* aventurar ».

* Como se vê, Gonçalves Viana só tem razão, em parte. João Ribeiro, no Brasil, também perfilhou a restauração de *quere*, mas não teve êxito.

Requerer

Ind. pres.: requeiro, requeres, requer, etc.

Perfeito: requeri, requereste, requereu, etc.

M.-q.-perf.: requerera, etc.

Imperativo: requer tu, requerei vós.

Subj. pres.: que eu requeira, etc.

Imperfeito: que eu requeresse.

Futuro do subj.: se eu requerer.

Poder

Perfeito: eu *pude* (Do verbo saber: eu *soube*; de trazer: eu *trouxe*), pudeste, pôde, pudemos, etc.

Imperativo: Não há; houve antigamente: *podei* (usado por Vieira).

Etc.

Jazer

Ind. presente: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem.

NOTA: O verbo é regular: *jazia*, *jazi*, *jazerei*, etc.; antigamente, escrevia-se:

joue, jouveste, jouve, jouvemos, jouvestes, jouveram. Jouvera, jouvesse; jouver. « Dissemos-lhes que jouvessem = jazessem » (Carta de Pêro Vaz de Caminha).

Nos cemitérios, encontra-se êste verbo comumente errado em ricos túmulos de mármore: « *Aqui jaz os restos mortais de...* ». Deve ser, é claro: « *aqui jazem os restos mortais de...* ».

Prazer

<i>Ind. presente:</i> praz	(na 3. ^a pessoa)
<i>Imperfeito:</i> prazia	(» » »)
<i>Perf.:</i> prouve	(» » »)
<i>M.-q.-perf.:</i> prouvera	(» » »)
<i>Fut.:</i> prazera	(» » »)
<i>Condic.:</i> prazeria	(» » »)
<i>Subj. pres.:</i> praza	(» » »)
<i>Imperfeito:</i> prouvesse	(» » »)
<i>Futuro do subj.:</i> se prouver	(» » »)

Praza (= agrade) aos céus que eu siga êste caminho!; *praza* (= agrade) a Deus que eu seja feliz!; Se *prouver* (= agradar) a Deus que eu seja feliz...

Praz-vos? (= agrada-vos?).

NOTA: *Aprazer* e *desprazer* conjugam-se do mesmo modo.

Comprazer — Uns conjugam-no regularmente em tôdas as pessoas: comprazo, comprazes, compraz, etc.; comprazia, etc.; comprazi, etc.: «Valem mil festins, nos quais sabeis que nunca me *comprazi*» (Herculano).

Outros conjugam-no como *prazer*. Ex.: «só a ela se *comprouve* de a dedicar» (Castilho).

Valer

Ind. pres.: valho, vales, vale, valem, valeis, valem.

Subj. pres.: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham.

Imperf.: valia. *Perfeito:* vali. *M.-q.-perf.:* valera, etc.

Prover

Ind. pres.: provejo, provês, provê, provemos, provedes, provêem.

Imperfeito: provia, etc.

Perfeito: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram.

M.-q.-perfeito: provera, etc.

Subj. pres.: proveja, etc.

Imperfeito: provesse, etc.

Futuro do subjuntivo: se eu prover, etc.

Gerúndio: provendo.

Particípio passado: provido.

E' célebre a frase de Comte: «saber para *prever* a fim de *prover*» (=saber para *ver antecipadamente e tomar providências*).

Haver (pessoal; pouco usado)

Ind. pres.: hei, hás, há, havemos (ou hemos), haveis (ou heis), hão.

Perf.: houve, etc.

M.-q.-perf.: houvera, etc.

Futuro: haverei, etc.

Imperativo: há tu, havei vós.

Subj. pres.: haja, etc.

Imperfeito: houvesse.

Futuro do subj.: se eu houver.

NOTA: haver (impessoal) só se conjuga na 3.^a pessoa: há, havia, houve, etc. E' muito usado

Reaver

Conjuga-se como *haver*, mas só quando houver no tempo a letra *v*.

Ind. pres.: nós reavemos, vós reaveis (sòmente).

Imperf.: reavia, etc.

Perfeito: reouve, etc.

M.-q.-perfeito: reouvera, etc.

Futuro: reaverei, etc.

Condicional: reaveria, etc.

Imperativo: reavei vós (sòmente).

Subj. pres.: não há.

Imperfeito: reouvesse, etc.

Futuro do subj.: se reouver.

Gerúndio: reavendo.

Part. passado: reavido.

Precaver-se

Ind. pres.: nós nos precavemos, vós vos precaveis (sòmente).

Imperfeito: eu me precavia, etc.

Perfeito: eu me precavi, tu te precaveste, êle se precaveu, nós nos precavemos, vós vos precavestes, êles se precaveram.

M.-q.-perfeito: eu me precavera, etc.

Futuro: eu me precaverei, etc.

Condicional: eu me precaveria, etc.

Imperativo: precavei-vos (sòmente).

Subj. pres.: (não há).

Imperfeito: que eu me precavesse, etc.

Futuro do subj.: se eu me precaver, etc.

Gerúndio: precavendo-se.

Particípio passado: precavido.

NOTA: Há muita gente culta, que escreve e diz êstes horríveis disparates, pensando que *precaver-se* tem que ver com o verbo *vir*: «*precavenha-se o povo contra os bcaleiros*»; «*precavenhamo-nos contra o boato...*» em vez de: *acautele-se o povo...*; *acautelemo-nos...*

Soer (do latim *solére* = costumar)

E' defectivo:

Ind. pres.: sóis, sói, soemos, soeis, soem.

Imperfeito: soía, etc.

Ex.: Como *sói* acontecer = como costuma acontecer.

Rever

{ * quando significa *tornar a ver*, conjuga-se como *ver*.
 { * » » *ressumar, transpirar*, usa-se na 3.^a pessoa. Ex.: a parede *revê* = ressuma, transpira.

Conjuga-se assim, mas usa-se pouco: *revê, revêem; reveu, reveram; revera, reveram; revesse, revessem; se rever, se reverem.*

ALGUNS VERBOS EM *IR*

Instruir

Ind. presente: instruo, instruis, instrui, instruímos, instruíis, instruem.

Subj. presente: instrua, instruas, instrua, instruamos, instruais, instruam.

Etc..

NOTA: Do mesmo modo *obstruir*. *Construir* e *destruir* fazem: construo, constróis, constrói, construimos, construíis, constroem; destruo, destróis, destrói, destruimos, destruíis, destroem; mas, antigamente, as formas usadas eram de harmonia com o latim: construis, construi, construem; destruis, destrui, destruem. Também se dizia antigamente: sumes, sume, sumem (de *sumir*); consumes, consume, consomem; subes, sube, subem (de *subir*); acudes, acude, acudem; fuges, fuge, fugem. *Acudir* é no indicativo presente, hoje: acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem; no imperativo: acode tu, acudi vós (antigamente era: acude tu, acudi vós).

Ferir

Ind. pres.: firo, feres, fere, ferimos, feris, ferem.

Subj. pres.: fira, firas, fira, firamos, firaís, firam.

Imperf.: feria, etc.

Etc.

Do mesmo modo: vestir, aderir, seguir, sentir, mentir, despir, refletir, repelir, *competir* (eu compito, tu competes, etc.), *discernir*, convergir, divergir, inserir, *immergir*, emergir, servir, preterir, sugerir, gerir, repelir, impelir.

Dormir

Ind. pres.: durmo, dormes, dorme, dormimos, dormis, dormem.

Subj. pres.: durma, durmas, durma, dormamos, dormais, durmam.

Imperf.: dormia, etc.

Etc.

Do mesmo modo: *cobrir* e *tossir*.

Frigir

Ind. pres.: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

Subj. pres.: frija, as, a, amos, ais, am.

Imperativo: frege, frigi. Etc.

Ir

Ind. pres.: vou, vais, vai, vamos (ou imos), ides, vão.

Imperf.: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam.

Perf.: fui, foste, foi, etc.

M.-q.-perf.: fôra, etc.

Futuro: irei, etc.

Condicional: iria, etc.

Subj. presente: que eu vá, que tu vás, que êle vá, que nós vamos, que vós vades, que êles vão.

Imperativo: vai tu, vá êle, vamos nós, ide vós, vão êles.

Forma negativa: não vás, não vá, não vamos, não vades, não vão; (não se estranhe esta forma: *não vades; não vades à guerra; não vades pensar que...*; muita gente *culta* pensa que é um disparate; a forma negativa do imperativo forma-se do subjuntivo presente).

Imperf.: fôsse, etc.

Futuro do subj.: se eu fôr, etc.

Pedir

Ind. pres.: peço, pedes, pede, pedimos, etc.

Subj. pres.: peça, peças, peça, peçamos, etc.

Do mesmo modo: ouvir, medir, impedir, despedir, expedir.

NOTA: *Impedir, despedir e expedir* conjugam-se do mesmo modo. Antigamente, de harmonia com a origem latina (*impedio*), dizia-se: *ind. pres.:* impido; *subj. presente:* impida. E também: *expido, despido; expida, despida*. Mas, por influência de *peço, peça* do verbo *pedir* começou-se a dizer: *impeço, impeça, expeço, expeça, despeço, despeça*.

Argüir

(censurar, acusar, perguntar argumentando)

Ind. pres.: arguo, argúis, argúi, argüimos, argüis, argüem, etc.

Subj. pres.: argua, as, a, amos, ais, am.

Imperf.: argüia, etc.

Perf. Ind.: argüi, argüiste, argüiu, etc.

Rir

Ind. pres.: rio, ris, ri, rimos, rides, riem.

Subj. pres.: ria, as, a, ríamos, riais, riam.

Imperf.: ria, as, a, ríamos, rieis, riam.

Etc.

Do mesmo modo: *sorrir*.

Vir (e seus compostos)

(é o único verbo, em que o gerúndio e o
particípio passado são iguais)

Ind. presente: venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.

Perfeito: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.

* *Gerúndio:* vindo.

* *Particípio passado:* vindo.

NOTA: Repare no particípio passado, que é igual ao gerúndio, (ex.: tendo vindo de casa; tendo intervindo; tendo-lhe convindo...). Do mesmo modo se conjugam: *avir-se, desavir-se, sobrevir, convir, intervir, provir, advir* (lá vos avinde; eles se desavieram; eles que se avenham. *Avir-se* = ajustar contas).

Repelir

(como o verbo: *ferir*)

Ind. pres.: repilo, repeles, repele, repelimos, repelis, repelem.

Imperf.: repelia, etc.

Imperativo: repele, repeli.

Subj. presente: repila, repilas, repila, repilamos, repilais, repilam.

Remir

(= redimir, salvar, resgatar.

Ex.: remir escravos = resgatar escravos)

Ind. pres.: redimo, redimes, redime, remimos, remis, redimem (e não: *rimo...* etc.).

Imperf.: remia, etc.

Perf.: remi, etc.

M.-q.-perf.: remira, etc.

Fut.: remirei, etc.

Condic.: remiria.

Imperat.: redime tu, remi vos.

Subj. presente: redima, redimas, redima, redimamos, redimais, redimam.

Imperfeito: remisse, etc.

Fut. subj.: se eu remir, etc.

Gerúndio: remindo.

Part. passado: remido.

NOTA: Como se vê, às vezes surgem as formas do verbo *redimir*, que significa o mesmo que *remir*.

Atrair

Ind. pres.: atraio, atrais, atraí, atraímos, atraís, atraem.

Subj. pres.: atraia, atraias, atraia, atraíamos, atraiais, atraiam.

Imperf.: atraía, ías, ía, íamos, íeis, íam.

Etc.

Do mesmo modo: cair, trair, sair, esvair, abstrair, subtrair.

falir
combalir
abolir
demolir
aguerir
delinqüir
extorquir
empedernir
florir
embair
fornir
adir
 (entrar na posse
 da herança)
adir
 (= juntar)
condir
polir
poir
colorir
renhir
haurir
delir
exaurir
emolir
exinanir
retorquir
banir
capir
brandir
fulgir
ganir
latir
munir
cernir
bramir
explodir
languir
revelir
ruir

Regra para *falir* e semelhantes

Só têm a 1.^a pessoa e a 2.^a do plural no indicat. presente. Ex.: *falimos*, *falís*.

Só se conjugam nos tempos em que houver um *i* acentuado, e nos futuros e condicionais. Ex.: *falia*, etc.; *falir*, etc.; *falirei*, *faliria*. Não há, portanto, subj. presente.

NOTA: Encontram-se alguns escritores, como exceção: tu *colores*, êle *colore*, êles *colorem* (do verbo *colorir*). Há, *polir* = lustrar, que é regular: eu *pulo* tu *pules*, êle *pule*, nós *polimos*, vós *polis*, êles *pulem*, etc.

Alguns verbos encontram-se no presente, nas formas *em* e *e* em *em*.

Ex.: *freme*, *fremem*; *late*, *latem*; *carpe*, *carpem*; *bane*, *banem*; *explode*, *explodem*; *ruí*, *ruem*; *brame*, *bramem*; *mune*, *munem*; *brande*, *brandem*; *fulge*, *fulgem*; etc. São apenas, alguns desta lista e, assim mesmo, alguns são raramente usados nestas formas.

ESTUDO LÓGICO DO PRONOME **SE**

(Este ponto vem neste lugar, porque só se compreende, conhecendo-se os verbos quanto ao sujeito e ao complemento)

Vejamos o pronome *se* perto das várias espécies de verbos.

- 1) *Ele feriu-se, êle lavou-se, sentou-se.* — Os verbos são reflexivos accidentais. *Se* é objeto direto.
- 2) *Ele suicidou-se, êle arrependeu-se, condoeu-se, absteve-se.* Os verbos são reflexivos essenciais. *Se* faz parte intrínseca do verbo. Não se pode desligar dêle. Muitos o consideram também objeto direto.

Ex.: do Dicionário de Saraiva: Si imber *se* abstinēat... = se a chuva *se* abster... (= se não chover).
 Consules *se* abstinebant multum = os cônsules *se* abstinham muito (= se continham). O pronome pessoal, em latim (*se*) está no acusativo; é objeto direto.

- 3) *Ele e ela amavam-se.* O verbo é reflexivo recíproco. *Se* tem em si dois objetos diretos.

Ele amava-a
 Ela amava-o >< = amavam-se.

- 4) *Ele arroga-se o direito de me mandar.* O verbo tem um tom reflexivo apreciável. *Se* é complemento indireto. A expressão: «Ele arroga-se o direito» é igual a: Ele arroga o direito a si mesmo. Ele reservou-se o melhor lugar = ele reservou para si o melhor lugar.
- 5) *Ele vai-se embora.* *Se* é partícula expletiva, decorativa ou de realce. Pode-se tirar, ficando perfeito o sentido; — *êle vai embora.*
- 6) *Alugam-se quartos, dão-se 4 vales, vêem-se passarinhos, vendem-se estampilhas, não se devem fazer intrigas.* *Se* é partícula apassivadora. Os verbos *alugar*, *dar*, *ver* e outros são transitivos. Quartos são alugados; 4 vales são dados; passarinhos são vistos; estampilhas são vendidas; intrigas não devem ser feitas.

N. B. — *me, te, nos e vos* são também, às vezes, partículas apassivadoras.

Ex.: *Batizei-me em São Paulo* =

Fui batizado em São Paulo

(porque não podemos batizar-nos a nós mesmos).

Tu chamas-te João = Tu és chamado João.

7) *Precisa-se de 2 criados, depende-se dos nossos superiores, obedece-se às leis, assiste-se a sessões de cinema, responde-se a cartas; passeia-se, brinca-se, fuma-se, joga-se... etc.* Estes verbos são *relativos e intransitivos* (e alguns são até *transitivos* como *fumar*).

— Que é este *se*?

* — Dizem uns: *se* é sujeito; corresponde a *on* (pronome indefinido francês) = *a gente*.

* — Dizem outros (os maiores filólogos brasileiros e portugueses): *se* não pode ser sujeito na língua portuguesa, porque em latim é:

Nominativo — (não há)

Genitivo — *Sui*

Dativo — *Sibi*

Acusativo — *Se*

Ablativo — *Se*.

O nominativo é o caso do sujeito; não há nominativo; logo *se* não pode ser sujeito.

Dizem eles que, nestas frases, em que há verbos *relativos e intransitivos* e em frases como *fuma-se, joga-se, etc.*, (de sentido vago), *se* dá uma **passiva impessoal**, sendo o *sujeito indeterminado*. Esta passiva impessoal também existia em latim. Só os verbos *transitivos*, como *se* sabe, é que *se* põem na passiva; contudo, os latinos punham, às vezes, os verbos *intransitivos* na passiva, à força, por assim dizer, formando a *passiva impessoal*. Ex.:

Per aspera **itur** ad astra =

Per angusta **itur** ad augusta =

Por caminhos ásperos **vai-se** aos astros.

Por coisas apertadas **vai-se** às coisas augustas.

Itur é o verbo *eo, is, ire, ivi* (ou *ii*), *itum* = ir; como verbo intransitivo, não tem passiva; mas os latinos formavam *passivas impessoais*, pondo-o na passiva, à força: *itur* é forma passiva do verbo *eo*.

Outro exemplo: *Vivitur parvo bene* (Horácio) = Vive-se bem com pouco.

- 8) *Ama-se a Bernardes* — Há aqui outra passiva impessoal. Se se disser: «ama-se Bernardes», então diremos que *há reflexibilidade* (Bernardes *ama-se a si mesmo*, isto é, *narcisa-se*; *se* é objeto direto; *narciso* = planta que cresce à beira das fontes e se curva sobre a água, mirando-se); ou *passividade* (Bernardes é amado). Mas *ama-se a Bernardes* não está nestes casos; há, pois, uma *passiva impessoal*, cujo sujeito é indeterminado. *A Bernardes* é objeto indireto.

Note-se que o verbo *amar* é transitivo. Este caso de passiva impessoal, com verbos transitivos é muito raro em português. Outro exemplo de Castilho: *Admira-se a Vieira*.

- 9) *Se pode ser sujeito?* — Não, dizem os melhores filólogos pelas razões que acima apontamos.

— E quando o *se* está perto do verbo *ser* ou *estar*? Nestes casos, o *se* é sujeito, mas é um vício de linguagem: galicismo ou francesismo ou francesia. É igual a *on*. *On* é forma contraída de *homme* = homem.

Alguns escritores têm cometido este vício. Os gramáticos dizem que se deve evitar. Está, porém, tão arraigado na língua que ninguém o poderá fazer sair. Basta observar a seguinte frase de Castilho, o maior purista dentre os românticos:

Ex.: Assim *se era amado* em Portugal (Castilho).

(*on était aimé*; *était aimé* é forma passiva; *on* é sujeito). Está-se bem aqui (sujeito: *se* = *on*).

Nunca *se* é assim (Pinheiro Chagas).

Não *se o diz* (*on ne le dit pas*). Não o dizemos. Não *se* pode combinar o pronome *se* com os pronomes *o* e *a*. A Júlia não *se* pode vê-la daqui. A Júlia não *se* pode ver daqui (*se* é partícula apassivadora = a Júlia não *pode ser vista* daqui).

- 10) *Um caso curioso*. Às vezes, há frases ambíguas, como esta:

Castigaram-se os frades.

*Pode haver *reflexibilidade*. Os frades castigaram-se *a si mesmos*, com cilícios ou cintos ásperos, para obter o perdão de Deus. *Se* é objeto direto.

* Pode haver *passividade*. Os frades *foram castigados* pelo guardião (= diretor de um convento de frades). *Se* é partícula apassivadora.

- 11) *Outro caso*: «Chega-se o prazo assinalado» (Camões). Esta frase é igual a: «O prazo assinalado é chegado». Segundo alguns, *este se* é partícula expletiva, decorativa ou de realce, podendo-se dizer apenas: «o prazo assinalado chega».

EMPREGO FREQUENTE DAS FORMAS VERBAIS MAIS COMUNS, ESPECIALMENTE DO IMPERATIVO

Imperativos

Na linguagem comum e em cartas, vêem-se constantemente os imperativos errados. Vejamo-los, pois:

1) *Afirmativos*

<i>ar</i> <i>amar</i>	<i>er</i> <i>comer</i>	<i>ir</i> <i>vestir</i>	<i>ôr</i> <i>pôr</i>
* ama tu	* come tu	* veste tu	* põe tu
ame você, ou o snr.	coma você, o snr. comamos nós	vista você, o snr., etc.	ponha você, o snr.
amemos nós	* comei vós	vistamos nós	ponhamos nós
* amai vós	comam vocês, os snrs.	* vesti vós	* ponde vós
amem vocês, os snrs.		vistam vocês, os snrs.	ponham vocês, os snrs.

Formação: As 2.^{as} pessoas, assinaladas pela estrelinha (*) vêm das 2.^{as} pessoas do indicativo presente, tirando-se-lhes o *s*.

Ex.: *Indicativo presente*:

Eu amo	Nós amamos
Tu amas → *ama tu	Vós amais → *amai vós
Ele ama	Eles amam.

As outras pessoas (*ame você, amemos nós, amem vocês*) vêm do subjuntivo presente:

Ex.: *Subjuntivo presente:*

Que eu ame

Que tu ames

Que êle ame* → ame você

Que nós amemos* → amemos nós

Que vós ameis

Que êles amem* → amem vocês

NOTA: Os verbos *dizer*, *fazer*, *trazer*, *produzir*, e outros em *uzir*, empregam-se no imperativo, na 2.^a pessoa do singular, do seguinte modo:

Diz (ou dize tu)

Faz (ou faze tu)

Traz (ou traze tu)

(Hoje, em Portugal, onde o tratamento de *tu* é constante, todos dizem: *diz tu*, *traz tu*, *produz tu*, *traduz tu*).

NOTA: O verbo *ser* tem o seguinte imperativo:

Sê tu Sejam nós

Seja você Sêde vós

Sejam vocês

* *Poder* não tem imperativo. *Querer* só se usa nas 3.^{as} pessoas: *queira* Você, o Snr., fazer isto; *queiram* Vocês, os Snrs. fazer isto. *Queira* perdoar-me. *E' o imperativo *brando*, *maneiroso*.

2) *Forma negativa*

<i>ar</i> <i>amar</i>	<i>er</i> <i>comer</i>	<i>ir</i> <i>vestir</i>	<i>ôr</i> <i>pôr</i>
Não ames tu	Não comas tu	Não vistas tu	Não ponhas tu
» ame você, o snr.	» coma você, o snr.	» vista você, o snr.	» ponha você, o snr.
» amemos nós	» comamos nós	» vistamos nós	» ponhamos nós
» ameis vós	» comais vós	» vistais vós	» ponhais vós
» amem vocês, os snrs.	» comam vocês os snrs.	» vistam vocês os snrs.	» ponham vocês, os snrs.

Formação: As formas negativas do imperativo vêm do subjuntivo presente, como se pode ver:

*Subjuntivo presente**Forma negativa do imperativo*

Que eu ame

» tu ames

» êle ame

» nós amemos

» vós ameis

» êles amem

→ Não ames tu

→ » ame êle (você, o snr.)

→ » amemos nós

→ » ameis vós

→ » amem êles (vocês, os snrs.).

Diz-se, portanto: Não faças (tu) isso; não façais (vós) isso; não vás (tu) à cidade; não vades (vós) à cidade; não estudes; não estudeis; não comas; não comais; não vistas (tu); não vistais (vós); não ponhas (tu); não ponhais (vós). Há até escritores que erram estas formas negativas, sobretudo no verbo *ir*, grafando, por ex.: não *ide* à cidade, em vez de não *vades* à cidade. E' claro que o subjuntivo presente do verbo *ir* é: que eu vá, que tu vás, que ele vá, que nós vamos, que vós vades, que eles vão. Ora, o subjuntivo presente é que serve para as formas negativas do imperativo. Portanto, deve dizer-se: não *vades* vós à cidade.

Futuros do subjuntivo

Futuros do subjuntivo de alguns verbos:

de ver	→	se eu vir	
» vir	→	» » vier	
» intervir . .	→	» » intervier	
» saber . . .	→	» » souber	
» poder . . .	→	» » puder	
» estar	→	» » estiver	
» ser	→	» » fôr	
» ir	→	» » fôr	
» fazer	→	» » fizer	
» querer . .	→	» » quiser	
» requerer .	→	» » requerer	
» dar	→	» » der	
» caber . . .	→	» » couber	
» convir . . .	→	» » convier (usa-se comumente na	
		» » 3. ^a pessoa: <i>se me convier</i>)	
» pôr	→	» » puser	
» prazer . . .	→	» prouver (na 3. ^a pessoa, exemplo:	
		se prouver, ou aprovar a Deus	
		que isto aconteça...)	
» aprazer . .	→	» aprovar (na 3. ^a pessoa)	
» trazer . . .	→	» » trazer ;	
» prover . . .	→	» » prover	
» haver . . .	→	» » houver (mais usado na 3. ^a pes-	
		soa, impessoalmente; exem-	
		plo: <i>se houver festa</i>)	
» reaver . . .	→	» » reouver	
» rever	→	» » revir	
(= tornar a ver)			
» precaver-se	→	» » me precaver (=se eu me	
		acautelar).	

**Emprêgo do mais-que-perfeito simples do indicativo
com o valor de condicional e de imperfeito
do subjuntivo**

E^a comum, na língua portuguesa, êste emprêgo. Os clássicos usaram-no constantemente; hoje, é menos usado.

Exemplo (de Camões; século XVI):

«...começou a servir outros sete anos, dizendo: — Mais *servira*, se não *fôra* para tão longo amor tão curta a vida.»

Mais *servira* = eu mais *serviria*
(m.-q.-perfeito) (condicional)

se não *fôra* = se não *fôsse*
(m.-q.-perfeito) (imperfeito do subjuntivo)

Ex.: de *Pêro de Andrade Caminha* (século XVI):

«Da paga me temi; se a não *temera* (= *temesse*), muitas vêzes meus versos já te *lera* (= *leria*; *teria lido*).»

Ex.: *Prouvera* a Deus que eu sarassel (= *prouvesse*).

Ex.: *Fôra* eu estudioso, e não *seria* reprovado (= se eu *fôsse* estudioso, não *seria*, ou *teria sido*) reprovado.

Verbos conjugados com o pronome LO ou O enclítico

Os pronomes *lo*, *la*, *los*, *las* vieram do latim *illum*, *illam*, *illos*, *illas*.

Os nossos clássicos escreviam, por exemplo: *amallo*, *escrevello*, *ouvillo*, *pollo*.

Do latim *amare illum* > *amallo* > *amá-lo* (o 1.º *l* cai, naturalmente).

REGRAS:

- | | |
|---|--|
| { | <p>1) Se o verbo terminar em vogal ou ditongo oral, os pronomes tomam a forma simples: <i>o</i>, <i>a</i>, <i>os</i>, <i>as</i>.</p> <p>Ex.: <i>tenho-o</i> (vogal)
 <i>amai-o</i> (ditongo oral)
 <i>comei-o</i> (ditongo oral)</p> |
|---|--|

2) Se terminar em *r*, *s* ou *z*, estas letras caem, e os pronomes tomam a forma: *lo*, *la*, *los*, *las*.

em *r*: *amare illum* > *amallo* > *amá-lo*.

em *s*: *tu amas illum* > *âmallo* > *ama-lo*. *Ei-lo* (vós haveis ou *heis-lo*). *Pu-lo* (*pus lo*). *Qui-lo* (*quis lo*).

em *z*: *fá-lo andar* (= *faz lo andar*); *trá-lo* (*traz lo*).

3) Se terminar em vogal nasal ou ditongo nasal, os pronomes têm a forma: *no*, *na*, *nos*, *nas* (este *n* é eufônico, isto é, harmonioso):

Ex.: Ele tem-*no* comido (vogal nasal)

Eles põem-*no* (*na*, *nos*, *nas*) (ditongo nasal)

O vinho, beberam-*no*...

A fruta, comeram-*na*...

* Os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*, podem ter também as formas *no*, *na*, *nos*, *nas* junto aos advérbios *bem*, *não*, e à conjunção *nem* (o *n* é eufônico):

Ex.: Eu *bem no* disse (= eu bem o disse)

Essas cousas *não nas* sei (= não as sei)

O favor... *não no* dá a pátria, *não* (Camões, «Lusíadas») (= *não o* dá)

O João... *nem no* conheço... (= *nem o* conheço)

* Podem ter a forma *lo*, *la*, *los*, *las* junto à preposição *per* (*pelo*, *pela*); e à preposição *por* (*polo*, *pola*).

Ex.: Vou *pelo* jardim (*per lo*)

«*Pola* lei e *pola* grei» (máxima de D. João II)
(= *pela* lei e *pela* grei). (*Pola* vem de *pro illam*; *pro* deu *por*; *pola* é forma antiga, como *polas*, *polo*, *polos*).

Vários exemplos:

Di-lo (diz-lo)

dir-vo-lo-ei

di-lo-ei

Fá-lo (faz-lo)

far-vo-lo-ei

fá-lo-ei

Trá-lo (traz-lo)

trar-vo-lo-ei

trá-lo-ei

di-lo-ia

dir-vo-lo-ia

fá-lo-ia

far-vo-lo-ia

trá-lo-ia

trar-vo-lo-ia

temo-lo (*temos lo*); tende-lo (*tendes lo*); tínhamo-lo; vós tínhei-lo (*tínheis lo*); tivemo-lo; tiveste-lo; tenhamo-lo.

E' bom *conhecerno-lo* (*conhecemos lo*).

E' bom *conhecere-lo* tu (*conheceres lo*) (Antônio Ferreira; século XVI) (= que tu o conheças).

E' bom vós *terde-lo* (*terdes lo*) (= que vós o tenhais).

E' bom *conhecerde-lo* (*conhecerdes lo*) (= que vós o conheçais).

Vós *achai-lo* bonito (*achais lo*).

Tu *pode-los* ver já (*podes-los*); ou: tu *podes vê-los* já (ver los).

Fi-lo dizer isso (*fiz lo*) (= fiz que êle dissesse isso).

Pú-lo no lugar (*pus lo*).

Fê-lo estudar. *Pô-lo* no lugar.

Viamo-lo (víamos lo) todos os dias.

Tu *induziste-o* a pecar.

Vós *induziste-lo* a pecar (*induzistes lo*).

Vós *amai-la* por acaso? (*amais-la*).

Conhece-lo? (*conheces lo*).

«Cede à fôrça; os teus vassallos o querem; *qué-lo* (*quer lo*) o teu povo» (Herculano; («Lendas e Narrativas»)) (*hoje, é mais comum: *quere-o* o teu povo = o teu povo *quere-o* (1)).

Qué-lo (*queres lo*) mais claro? (Castilho; «O Avarento»).

Qué-lo saber? (*idem*).

NOTA: São raras algumas destas construções na fala brasileira. São, porém, usadas pelos escritores. O que mais as usou foi Machado de Assis, grande mestre de vernaculidade. Alguns exemplos (apud Sousa da Silveira, «Trechos seletos») de Machado de Assis:

Damas *tem-las* (tens las) aqui («Poesias»).

A vida é um sonho mau; *façamo-la* um idílio («Poesias»).

Sente-lo? («Poesias»).

Que batalhal (Vós) *venceste-la* (vencestes la) («Poesias»).

Um farfalhar de sêdas *fê-lo* erguer-se («Quincas Borba»).

Rita *fá-lo* lavar todos os meses («Memorial de Aires»).

Pô-la no tronco? (*idem*).

O IDIOTISMO «INFINITO PESSOAL»

— Que quer dizer *infinito*?

— Que *não tem fim*. Ex.: *estudar... cantar...*

— Que quer dizer *infinito pessoal*?

— Que *tem pessoas*, que se flexiona.

Ex.: Estudar eu	(1. ^a pessoa do singular)
Estudares tu	(2. ^a » » »
Estudar êle	(3. ^a » » »
Estudarmos nós	(1. ^a » » plural)
Estudardes vós	(2. ^a » » »
Estudarem êles	(3. ^a » » »

Em francês, italiano, inglês e outras línguas, dizemos apenas o infinito *impessoal*: *estudar, cantar, beber*, etc.

(1) A respeito da forma *quere*, veja o verbo *querer* no ponto: «Verbos irregulares».

- Que quer dizer *idiotismo*?
- Que é uma particularidade da língua. Vem do grego *idios* (=próprio de).

O infinito pessoal existe em português e no dialeto galego (dialeto da língua espanhola, falado na província da Galiza).

* *Os escritores nunca tiveram uniformidade no emprego do infinito pessoal.*

Devemos aplicar, quando surgir uma dificuldade, a regra de Soares Barbosa, combinada com outras.

Regra de Soares Barbosa

Emprega-se o *infinito pessoal*, quando o sujeito do verbo regente e o do infinito forem diversos; emprega-se o *impessoal*, quando forem os mesmos.

Ex.: *Convido-te a vires* passar comigo uns dias.

Verbo	Infinito
regente:	pessoal:
<i>convido</i>	<i>vires</i> :
sujeito: <i>eu</i>	sujeito: <i>tu</i>

Nós *convidamos* V. Ex^a e Ex^{ma} Família a *assistirem* ao baile...

Os sujeitos são diferentes. O infinito é *pessoal*.

E *folgarás* de ver.

Verbo	Infinito
regente:	impessoal:
<i>folgarás</i>	<i>ver</i>
sujeito: <i>tu</i>	sujeito: <i>tu</i>

Os sujeitos são os mesmos. O infinito é *impessoal*.

Camões, no canto VII, estância 72, dos «Lusíadas», escreveu:

E folgarás de veres.

Camões, como noutras passagens de «Os Lusíadas» (ex.: «não te espantes de Baco nos teus reinos *receberes*») afastou-se do seu modo normal de empregar o infinito, liberdade muito natural em verso. Deve ser: E *folgarás de ver*; «não te espantes de... *receber*».

Outro exemplo: O *louvares-me* tu, *causa-me* admiração.

O sujeito de *louvares* (infinito pessoal) é: *tu*. O sujeito de *causa* (verbo regente) é: *O louvares-me tu*. E' como se disséssemos: *O teu louvor causa-me* admiração. Os sujeitos são diversos; o infinito é pessoal.

A regra de Soares Barbosa é boa, mas não atende a certos exemplos de português vernáculo (= puro) usados desde a fundação da monarquia portuguesa.

Ex.: Não nos deixeis *cair* em tentação.

Aplicando a regra de Soares Barbosa, deveria ser:

Não nos deixeis cairmos em tentação.

— Por quê?

— Porque o sujeito do verbo *regente* **deixeis** é: *vós* (ó Deus!) e o sujeito do infinito *cair* é: *nós*.

Como os sujeitos são diferentes, deveria ser, pois: *cairmos*.

Ora, nunca ninguém disse: *não nos deixeis cairmos em tentação*.

Outros exemplos:

O pai e a mãe verão morrer com fome os filhos (Camões).

Deixai vir a mim os pequeninos.

Vejam, pois, mais algumas regras, que completarão as de Soares Barbosa.

- 1) *Quando o infinito serve de objeto direto ao verbo regente, o infinito é geralmente impessoal.*

Ex.: Não nos deixeis *cair* em tentação.

Objeto
direto de
deixeis

Napoleão viu *tombar* seus batalhões.

Objeto
direto de
viu

Deixai *vir* a mim os pequeninos.

O pai e a mãe «verão *morrer* com fome os filhos caros» (Camões, *Lusíadas*, canto V).

NOTA: Quando, porém, o infinito está longe do verbo regente, é geralmente pessoal. Ex.: Napoleão viu seus batalhões valorosos, ao longe, *tombarem*...

Um exemplo de Camões (canto V dos *Lusíadas*):

E *verão* mais os olhos, que escaparem... os dois amantes míseros *ficarem*... (note-se: *escaparem* é futuro do subjuntivo; *ficarem* é infinito pessoal).

- 2) *Quando o infinito está antes do verbo regente e é regido de preposição, é geralmente pessoal.*

Ex.: Para *cumpirmos* os nossos deveres, com exatidão, *precisamos* de trabalhar muito.

NOTA: Pondo-se o verbo regente em primeiro lugar, aplicar-se-á, então, a regra de Soares Barbosa, ficando o infinito *impessoal*, porque os sujeitos de *precisamos* e de *cumprir* são iguais: *nós*. Fica, pois, assim: *Precisamos* de trabalhar muito para *cumprir* os nossos deveres com exatidão.

3) Quando o infinito tem antes de si a preposição *a*, os escritores usam ora o *peçoal*, ora o *impessoal*.

Ex.: Estavam, nessa tarde, na praia a *verem* passar o navio. (Deve ser *ver*, pela regra de Soares Barbosa).

Ex.: Viam-se muitos sacos de farinha a *rolarem*. (Devia ser *rolar*, pela regra de Soares Barbosa).

Conclusão: Os escritores nunca tiveram uniformidade no emprêgo do infinito pessoal. Ele é o grande esquizofrênico da família verbal das línguas novilatinas.

Ex.: Aqui os mancebos fingiam *acometer-se*, *combaterem*, *vencerem*, *serem* vencidos (Herculano).

Como se vê, *um infinito é impessoal* (*acometer*) e os outros *três são pessoais*.

Corrijamos esta frase:

O sujeito do verbo regente *fingiam* é: *mancebos*. O sujeito dos infinitos é: *mancebos*.

Os sujeitos são iguais: logo os infinitos são *impessoais*. Herculano devia ter escrito assim:

Aqui os mancebos fingiam *acometer-se*, *combater*, *vencer*, *ser* vencidos.

Outros exemplos errados, e que Rui Barbosa apontou na «Réplica», a páginas 255 e 256.

Deleites que *servem* de *escurecerem* a razão (Lucena).
Foram forçados a lançar ferro e *estarem* sôbre ele 20 dias (Lucena).

Tentaram *difamarem* de mim para *indignarem* a V. Alteza (João de Barros).

Resistiram a *submeterem-se* (L. Soriano).

Viram-se constrangidos a *buscarem* refúgio (Herculano).

Bastam os frios de Coimbra para *satisfazerem* a vontade de meus amigos (Vieira).

Não te *espantes* de Baco nos teus reinos *receberes* (Camões).

Foram dois amigos *a* casa de outro *a* fim de *passarem* as horas da sesta (Bernardes).

* Às vêzes o infinito está muito distante do verbo regente, e o escritor, esquecido da lógica da linguagem, emprega o infinito *peessoal*, quando devia ter empregado o *impessoal*. Exemplos:

Possas tu, descendente maldito de uma tribo de nobres guerreiros, implorando cruéis forasteiros, *seres* prêsa de vis Aimorés (Gonçalves Dias).

Os conflitos *deviam* ser aí mais freqüentes e *ligarem-se* de modo mais direto (Herculano).

Neste último caso, o do contato imperfeito, *podem* ainda os órgãos fatôres interceptar a passagem do ar em um ponto e *deixarem-na* livre no outro (Gonçalves Viana).

* Há ainda uma regra muito citada, que considero de pouca importância, para se empregar o infinito pessoal. É de *Frederico Diez* (filólogo alemão). Diz o seguinte:

«Emprega-se o infinito pessoal, quando êle puder ser convertido num modo finito.»

Ex.: Peço-te encarecidamente mandares-me o livro
(= que me mandes).

Folgarás de veres (= folgarás *de que vejas*).

Como se vê, quase todos os infinitos pessoais errados, conforme a regra de Soares Barbosa, estão certos, segundo a de Diez, porque todos se podem converter em modos finitos. É o que igualmente Rui Barbosa afirma na «Réplica», pág. 256.

Ex.: E folgarás de veres =
E folgarás de que vejas.

Ora, Camões devia ter escrito: *ver*, conforme a regra de Soares Barbosa.

NOTA: Nota-se na literatura que a maior parte dos escritores não ligam importância a esta matéria. Por isso os erros são freqüentes. Nota-se ainda que muitos confundem o *infinito pessoal* com o *futuro do subjuntivo*. É tão curiosa esta confusão, que o célebre Silva Túlio, tratando d'este assunto, em que deveria ensinar bem,

porque foi mestre de português, cita como exemplo de um *infinito pessoal*, um *futuro do subjuntivo*. Carlos de Laet corrige-o na « Antologia Nacional ». E' o seguinte exemplo: « *se abaterdes os olhos e os puserdes em Amarante* ».

Abaterdes e puserdes estão no *futuro do subjuntivo* (*se eu abater, se eu puser*); Os infinitos pessoais são: *abater, abateres, abater, abatermos, abaterdes, abaterem; pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem*.

O GERÚNDIO E O PARTICÍPIO PRESENTE

* O *gerúndio* e o *particípio presente* diferiam pela sintaxe e pela forma. O *ger.* terminava em *ndo* (*amando, pedindo*); o *part. pres.* em *nte* (*amante, pedinte*). O *ger.* era sempre adverbial; o *part. pres.* tornou-se um adjetivo qualificativo: homem amante, dinheiro corrente, etc. Hoje o *gerúndio* tomou as funções do *part. pres.* Como se distinguem? O *gerúndio* indica modo, causa, tempo, etc.; tem um tom adverbial. O *part. pres.* é adjetivo (*amante*); preposição (*durante, salvante*); e pode converter-se numa oração relativa (o que é um galicismo, tolerado hoje em parte).

O *gerúndio* produz, *gera* uma idéia, expressando-a numa oração *curta, reduzida*. A idéia pode ser de *modo, causa, tempo, condição e concessão*. Portanto essas orações curtas podem ser: *modais* (as mais comuns), *causais, temporais, condicionais, e concessivas*.

Exemplos:

A disciplina não se aprende, | *sonhando* (modal) (=a sonhar).

Sendo já tarde, | saíram (causal) (=visto que era já tarde).

Dizendo isso, | foi-se embora (temporal) (=depois que disse isso).

Triunfarás, | *querendo* (condicional) (=se quiseses).

Chamam-te ilustre, ó fama, | *sendo* digna de vitupérios (concessiva) (=se bem que sejas digna de vitupérios).

* Há um caso do *gerúndio*, que é considerado por alguns puristas um *galicismo* ou *francesismo*, isto é, um vício de linguagem (que consiste em empregar, na nossa língua termos ou expressões de sabor francês). É, porém, tão usado por escritores clássicos e contemporâneos, que não podemos dizer que é francesismo. E' *quando corresponde a uma oração relativa*.

Ex.: Foi banhado em azeite e pez *fervendo*. *Fervendo* quer dizer *ferventes, que ferviam*. Neste caso, o *gerúndio* corresponde a uma *oração relativa: que*

ferviam (os quais azeite e pez ferviam). Os escritores usam o gerúndio, para evitar a dureza das orações relativas. A partícula *que* é muito dura.

Ex.: Os seus olhos, semelhantes ao sol, *fulgindo* (= que fulgia; é oração relativa) (Herculano).

Ex.: Ouvia-se o patear dos animais e o sussurro dos servos *conversando* e *rindo* (= que conversavam e riam) (Herculano).

Ex.: Que singular impressão a de um trem *atraves-sando* a mata! (= que atravessa) (Afonso Arinos).

Ex.: Lá vai água *fervendo* (= que ferve) (Bernardes).

Ex.: «Manual Etimológico da Língua Portuguesa *con-tendo* (= que contém) a significação e a prosó-dia» (Adolfo Coelho).

Ex.: «Novo Dicionário da Língua Portuguesa *com-preendendo*... (= que compreende)» (1.^a edição, 1899; Cândido de Figueiredo).

Ex.: Criou-se uma vasta associação, *tendo* por fim astudar... (= que tem) Eça de Queirós).

Júlio Moreira critica esta e outras frases de Eça, dizendo que «modernamente se manifesta grande tendência para largo emprêgo abusivo das formas do gerúndio». Carlos Pereira, porém, apresenta exemplos de Vieira, Castilho e outros mestres, onde êsse emprêgo se verifica: «Que cousa é um Rei dando audiência pública?» (= que dá) («Arte de Furtar»).

Nestas condições, acho que não podemos tachar de galicismo tal construção. Demais, ela é tão usada pelos escritores realistas, como Eça, Ramalho Ortigão, Fialho, Coelho Neto e outros, que não há força que consiga desarraigá-la.

Penso, porém, que, nas *frases curtas*, nas *epígrafes* ou *cabeçalhos*, se deve evitar esta construção, porque tem um sabor acentuadamente francês. Exemplo: O cabeçalho da fábula de Lafontaine: *Le lion allant en guerre* não se deve traduzir: *O leão indo à guerra*, mas sim: *o leão que vai à guerra*. Do mesmo modo: *Le cheval s'étant voulu venger du cerf*. A tradução será: *O cavalo que quer vingar-se do veado*. *L'âne portant des reliques*. A tradução será: *O burro que levava relíquias*. Não se diga: *Lei organizando o ensino*; mas sim: *Lei orgânica do ensino*.

e) ADVÉRBIOS

Advérbio — é a palavra que modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio e, às vezes, o *substantivo*; e a *locução adverbial*. Ex.: João é *muito* homem (subst.); falei muito à puridade (locução adverbial).

Ex.: muito sofre (verbo)
muito bom (adjetivo)
muito bem (advérbio).

iam atônitos de ver tornar *tão cordeiro* quem *tão leão* viera (=tão manso como um cordeiro; tão feroz como um leão (« Gramática Filosófica de Soares Barbosa).

a) *de lugar* — aqui, aí, ali, lá, acolá, cá, aquém, al-
gures (=em algum lugar), alhures (=em outro lugar), ne-
nhures (=em nenhum lugar), fora, dentro, perto, longe.

b) *de tempo* — hoje, ontem, amanhã, depois, logo.

c) *de modo* — bem, mal, assim, também.

d) *de quantidade* — muito, pouco, quão.

e) *de ordem* — primeiramente, antes.

f) *de afirmação* — sim, deveras.

g) *de dúvida* — talvez, quiçá, porventura.

h) *de negação* — não, nunca, jamais.

i) *de designação* — eis, eis aqui, eis aí. *Eis* vem do latim *ecce* — segundo uns. Segundo Gonçalves Viana, de *haveis* ou *heis* (indicativo presente do verbo: *haver*).

Ex.: Eis aqui o livro = Vós *haveis* (vós *heis* = eis) aqui o livro = Vós *tendes* aqui o livro.

O João?! Ei-lo (de *habetis illum*, em latim: heis-lo = ei-lo). *Ecce* usou-se, em latim, com o *nomínativo* (ex.: *ecce homo*, =eis o homem). E com o *acusativo* (ex.: *ecce me* = eis-me (Terêncio). Na passagem do latim para o português, o *c*, de *ecce* devia dar *z*, mas não deu. A 2.^a origem parece ser a certa. Ex.: de um período difícil de analisar: «Eis que surgem, de repente, vossos pais». Oração principal: Eis (vos *habetis* = vós *haveis* = vós *heis* = vós *eis* = vós *tendes*) vossos pais. Oração relativa: os quais (pais) surgem, de repente.

NOTA: Formam-se advérbios de modo, acrescentando-se *mente* à forma feminina dos adjetivos. Ex.: *Lindamente* (de linda + mente).

* *Português* faz *portuguêsmamente*, *francês* faz *francêsmamente*, etc., porque

em português antigo se dizia: Um homem português, uma mulher *português* (*).

Era invariável, como são ainda hoje certos adjetivos em *ês* (homem cortês, mulher cortês) por isso formou-se o advérbio *portuguêsmemente*, que ainda hoje se conserva; como *cortêsmemente*, (de um modo cortês; *soezmente* = de um modo soez, reles, torpe), etc.

NOTA: Às vezes, um adjetivo pode servir de advérbio.

Ex.: Ele falou *alto* (=altamente).

Locuções adverbiais — são duas ou mais palavras com o valor de um advérbio.

Ex.: às claras, às cegas, às tontas, à pressa (*às pressas* é locução usada no Brasil, por analogia com: *às cegas, às tontas, às claras*, etc.), tintim por tintim, etc.

NOTA: Há também advérbios e locuções adverbiais latinos usados em português.

Ex.: *Máxime* (=principalmente), *inclusive* (=que inclui), *exclusive* (=que exclui), *infra* (=em baixo), *supra* (=em cima), *gratis* (=de graça), *bis* (=duas vezes).

NOTA: Há advérbios com graus.

Ex.: Mais longe.

Há, às vezes, também grau diminutivo.

Ex.: Cedinho, pertinho, poucochinho.

* Às vezes, é preciso empregar dois advérbios terminados em *mente*.

— Como faremos?

— Põe-se o primeiro na forma feminina, sem *mente*.

Ex.: Linda e graciosamente.

Poder-se-á escrever também: Lindamente, graciosamente? — Sim.

Há escritores que usam também:
lindamente e graciosamente.

NOTA: Repare-se nas locuções *pois não* e *pois sim*, que têm valor negativo ou afirmativo, conforme o tom, em que forem proferidas.

Ex.: Quer ir comigo à cidade? — Pois sim (= pois sim, eu vou).
— Empresta-me mil cruzeiros? — Pois sim... (= pois sim...; será possível que Você me peça isso?) Quer dizer, portanto: *não*.

NOTA: As expressões: *nem eu não vou; ninguém não pensa nisso* não se usam hoje, em Portugal. Gil Vicente, no século XVI, escreveu: *nem as cabras não nas vi*, mas desapareceu tal construção.

(*) Um exemplo extraído da *Vita Christi*, edição de 1495: Acaba-se ho primeiro livro intitulado xpo, em linguagem *português*.

f) PREPOSIÇÕES

Preposição é uma pequena palavra invariável, que liga palavras (a 1.^a palavra é o *antecedente*; a 2.^a é o *consequente*).

Ex.: Livro *de* Pedro.

As preposições principais são: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás, durante, conforme, consoante, salvo, segundo, mediante, exceto, tirante, salvante*.

NOTA: A preposição *per* usa-se hoje somente na frase: *de per si*, e nas contrações com artigo.

Ex.: *per + o = pelo*.

Pode sair cada um *de per si* (isto é, *um por um*).

Exceto era antigamente particípio passado do verbo *excetuar*: *exceto, exceta, excetos, excetas*. Ex.: Saíam todos, *excetos* os que estão à direita (= *excetuados* os que estão à direita).

Durante, tirante, salvante são formas antigas dos particípios passados dos verbos *durar, tirar* e *salvar*, que passaram a ser preposições.

Locuções prepositivas — São duas ou mais palavras com o valor de uma preposição.

Ex.: Além de, fora de, junto a, junto de, etc.

g) CONJUNÇÕES

(é preciso sabê-las bem, para a divisão das orações de um período)

Conjunções — São palavras que ligam *orações*, isto é, sentenças.

Locuções conjuntivas — São duas ou mais palavras com o valor de uma conjunção. Ex.: *logo que, se bem que*.

Umás e outras se dividem em:

1) COORDENATIVAS

a) copulativas ou aproximativas — e⁽¹⁾, nem, não só, mas também, *que*. Ex.: Outro, *que* não eu (=e não eu) falará com mais eloquência.

b) disjuntivas ou alternativas — ou ou, ora ora, quer quer, já já.

c) adversativas — mas, porém, todavia, contudo, senão.

d) conclusivas — logo, portanto, pois, por conseguinte.

e) explicativas — isto é, por exemplo, *verbi-gratia* (expressão latina = por exemplo).

f) continuativas — ora, pois.

2) SUBORDINATIVAS

a) condicionais — se, no caso de⁽²⁾.

b) causais — que, porque, visto que, pois que, pois, porquanto.

c) finais — que, para que, a fim de que. Às vezes *porque* é também conj. final = *para que*. Ex.: «buscas o perigo porque a fama te exalte» (Camões) = para que a fama te exalte.

d) concessivas — ainda que, se bem que, apesar de que, pôsto que, embora.

e) consecutivas — que, (tão) que, (de tal modo) que, (de maneira) que.

f) temporais — quando, logo que, apenas que, depois que.

g) integrantes — que, se, como, quando.

h) comparativas — que, do que, como, assim como.

i) modais — como, bem como, assim como.

(1) Quando dizemos «2 e 2 são 4», o *e* não é conjunção. Parece-me que é preposição = *com*: dois com dois são quatro. Ou um advérbio: dois *mais* dois são quatro.

(2) *No caso de* é uma locução prepositiva, equivalente a uma conjunção.

Outras palavras correspondentes a conjunções:

a) adjetivos e pronomes relativos (ou *conjuntivos*, pois servem de *conjunções*):

{	quem			{	* As orações são <i>subordinadas relativas</i> .
	que	cujo	do qual		Ex.: O livro, que vê, é bom.
	o qual	cujá	da qual		<i>Oração principal</i> : O livro é bom.
	a qual	cujos	dos quais		<i>Oração subordinada relativa</i> : que vê
	os quais	cujas	das quais		(= o qual livro você vê).
	as quais				

b) os advérbios de lugar:

{	onde	{	* As orações são <i>subordinadas relativas</i> .
	de onde		Ex.: A sala, onde estou, é boa.
	aonde		<i>A sala é boa</i> — <i>oração principal</i> .
	para onde		onde estou (= na qual estou) — <i>subordinada</i> .
	por onde		nada relativa.

c) os gerúndios, isolados, (isto é, não formando conjugação perifrástica): *orações reduzidas* (v. pág. 107).

{		{	* As orações são <i>subordinadas gerundiais</i> .
			Ex.: Espalharei as armas e os barões assinalados, <i>cantando</i> .
	cantando		<i>Espalharei as armas e os barões assinalados</i> — <i>oração principal</i> .
	bebendo		<i>Cantando</i> — subordinada gerundial, (= a cantar) modal (<i>oração reduzida</i>).
	ouvindo		(* Se dissermos: <i>João estava cantando</i> , há uma conjugação perifrástica; o conjunto forma uma só oração).
	pondo		

d) os participípios passados, isolados, (isto é, não formando uma conjugação perifrástica): *orações reduzidas*.

{		{	* As orações são subordinadas <i>participiais</i> .
			Ex.: <i>Cantado</i> o hino, os alunos saíram.
	cantado		<i>Oração principal</i> : os alunos saíram.
	bebido		<i>Sub. participial temporal; reduzida</i> : cantado o hino, (= depois que cantaram o hino).
	ouvido		(* Se dissermos: o hino foi <i>cantado</i> , há uma conjugação perifrástica; o conjunto forma uma só oração).
	pôsto		

h) INTERJEIÇÕES

Interjeições — são palavras que exprimem sentimentos repentinos da alma.

Ex.: ai! ui!

ah! oh!

oxalá (do árabe: in + xa + Allah! = por Alá! = deus dos maometanos).

eia! sus! coragem!

bravo!

irra! apre! cáspitel! chi!

ó, olá, pst!

psiu! caluda! zás-trás!

NOTA: Emprega-se *oh!* quando há uma exclamação. Ex.: *Oh!* que beleza! Emprega-se *ó*, quando há um vocativo. Ex.: Como passas, *ó* João?

Locuções interjetivas — são duas ou mais palavras com o valor de uma interjeição. Ex.: *Aqui-del-rei!* (expressão antiga, quando alguém chamava pela polícia ou pela justiça); «venha aqui a justiça do rei!». *O' da guarda!*

PALAVRAS SINÔNIMAS, HOMÔNIMAS, ETC.

1) *Sinônimas* — são palavras diversas na forma e semelhantes no sentido.

Ex.: lábio e beijo

ir *ao* Rio (para voltar logo)

ir *para o* Rio (para demorar-se)

2) *Homônimas* — são palavras que têm a mesma forma e significação diferente.

Dividem-se em *homófonas* e *homógrafas*:

a) *homófonas* — idênticas no som.

Ex.: cessão (= ato de ceder) e sessão (= tempo que dura uma reunião). (Note que *secção* (= corte) pode-se pronunciar: *sec ção* ou *seção*, segundo o Voc. bras. Vem do latim: *sectionem*).
sexta e cesta.

ascender (subir) e acender (pôr fogo); acento (pronúncia) e assento (banco); acêrto (ato de acertar) e asserto (afirmação); área (superfície) e ária (cantiga); atestar (abarrotar) e atestar (provar); bucho (estômago) e buxo (planta); caça (do v. caçar) e cassa (tecido); cartucho (invólucro) e cartuxo (frade da Cartuxa); cédula (bilhete) e sédula (cuidadosa); cegar (privar da vista) e segar (ceifar); cela (cubículo) e sela (arreio); cerrar (fechar) e serrar (cortar); cesta (caixa de vime) e sexta (6.ª); cheque (ordem de pagamento) e xeque (lance de xadrez); concelho (circunscrição territorial) e conselho (opinião); coser (costurar) e cozer (cozinhar); estilo (maneira de escrever) e estilo (base, coluna); incipiente (principiante) e insipiente (ignorante); mole (colosso) e mole (brando); silha (assento) e cilha (cinta); sumo (de limão) e sumo (máximo); tenção (propósito) e tensão (expansão); têsto (tampa) e texto (tratado).

b) *homógrafas* — idênticas na forma escrita.

Ex.: manga (fruta) e manga (de paletó), manga (de candeeiro) e manga (do verbo mangar = trocar, zombar).

3) *Antônimas* — palavras diversas na forma e opostas diametralmente na significação.

Ex.: Sim e não.
Amor e ódio.

4) *Parônimas* — palavras parecidas na forma, isto é, que têm certas relações mórficas.

Ex.: mantilha (de senhora).
matilha (de cães).

5) *Cognatas* — palavras derivadas da mesma raiz.

Ex.: ferro, ferrinho, ferrão, ferreiro, etc.

A sucessão dos sucessos que sucederam sucessivamente...

SINTAXE

A *Sintaxe* trata da combinação lógica das palavras no período. *Período* é uma oração ou muitas orações, que formam um sentido completo. *Oração* ou *proposição* ou *cláusula* ou *sentença* é a expressão verbal de um juízo; é um simples pensamento. As orações ligam-se geralmente umas às outras pelas conjunções. Ex.: Levantei-me cedo, tomei café e fui para a rua. *Levantei-me cedo* é uma oração. *Tomei café* é outra. *E fui para a rua* é outra, ligada pela conjunção copulativa *e*.

ANÁLISE LÓGICA OU SINTÁTICA

Análise lógica é o estudo minucioso que fazemos do sentido de uma só oração ou de muitas orações, que constituem o *período*.

Há outras *análises* ainda: *análise fonética* é a que estuda os sons de cada palavra; *análise léxica* é a que estuda cada palavra isoladamente, na sua categoria e significação; *análise etimológica* é a que estuda a origem e a formação de cada palavra.

* O aluno deve saber bem as *conjunções* (pág. 111), porque elas ligam as orações umas às outras, geralmente. Cuidado com a partícula *que*, pois tem 21 funções.

* No período, há uma *oração principal*, que exprime o sentido essencial, mais importante. Geralmente, não começa por conjunção.

* As *conjunções coordenativas* dão origem a *orações coordenadas*, orações que estão ligadas por uma certa *ordem*, pronunciadas no mesmo tom de voz. Se a oração estiver ligada por *conjunção*, chama-se *sindética*. Se não estiver, chama-se *assindética*.

* As *conjunções subordinativas* dão origem a *orações subordinadas*, orações dependentes da *ordem*, subalternas, pronunciadas, geralmente, num tom de voz mais baixo. *Sub* quer dizer *sob*, *por baixo de*.

Exemplo: *Levantei-me cedo, tomei café e fui para a rua, se bem que estivesse chovendo.*

<i>Oração principal</i> (não começa por <i>conjunção</i>).	— Levantei-me cedo
<i>Oração coordenada</i> * é <i>assindética</i>, porque não está ligada por <i>conjunção</i> à principal. * é pronunciada no mesmo tom de voz.	— tomei café
<i>Oração coordenada aproximativa ou copulativa</i> * é <i>sindética</i>, porque está ligada pela <i>conjunção aproximativa</i> e às orações anteriores. * é pronunciada no mesmo tom de voz.	— e fui para a rua
<i>Oração subordinada concessiva</i>, porque está ligada pela <i>conjunção subordinativa concessiva</i>: <i>se bem que</i>, à oração anterior. * é pronunciada num tom mais baixo.	— se bem que estivesse chovendo.

* Repare no tom de voz, com que se pronuncia o período:

orações pronunciadas no mesmo tom de voz:	<i>Levantei-me cedo, tomei café e fui para a rua</i>
oração subordinada, pronunciada num tom mais baixo (<i>sub</i> = sob por baixo de)	<i>se bem que estivesse chovendo</i>

* Os pronomes relativos ou conjuntivos (*conjuntivos*, porque servem de *conjunções*) *que, o qual, cujo, quem*, também dão origem a orações subordinadas; chamam-se *subordinadas relativas*. Ex.: Comprei um lápis, *que é bom*

Oração principal	Comprei um lápis
Oração subordinada relativa	<i>que é bom (= o qual lápis é bom).</i>

* Os advérbios pronominais *onde, donde, aonde, para onde* e *por onde* dão origem a orações subordinadas relativas. Ex.: Amo a terra, *onde nasci*.

Oração principal	Amo a terra
Oração subordinada relativa	<i>onde nasci (= na qual terra nasci).</i>

* Quando a oração começa por um *gerúndio* isolado (*cantando, bebendo, ouvindo, pondo*) chama-se *subordinada gerundial*; mas pode ter uma idéia de *modo*, de *causa*, de *tempo*, de *condição* e de *concessão*; diz-se, por isso: *subordinada gerundial modal, causal, temporal, condicional, concessiva*, conforme o sentido.

Ex.: A disciplina não se aprende, *sonhando* (Camões).

Oração principal	A disciplina não se aprende
Oração subordinada gerundial, modal	<i>sonhando (= a sonhar, num modo indolente de quem sonha).</i>

Outro exemplo: *Sendo já tarde*, saíram.

{	<i>Oração principal</i>	{ saíram
	<i>Oração subordinada gerundial, causal</i>	{ <i>sendo já tarde</i> (= porque, visto que era já tarde; por causa de ser já tarde)

Outro exemplo: *Dizendo isso*, foi-se embora.

{	<i>Principal</i>	{ foi-se embora
	<i>Subordinada gerundial temporal</i>	{ <i>dizendo isso</i> (= depois que disse isso)
	* <i>O gerúndio com a prepos. em:</i>	{ * <i>em chegando lá</i> , tremeu (= quando chegou lá)

Outro exemplo: Triunfarás, *querendo*.

{	<i>Principal</i>	{ triunfarás
	<i>Subordinada gerundial, condicional</i>	{ <i>querendo</i> (= se quiseses; dada a condição de tu querer)

Outro exemplo: Chamam-te ilustre, ó fama, *sendo digna* de vitupérios (= de repreensões).

{	<i>Principal</i>	{ chamam-te ilustre, ó fama,
	<i>Subordinada gerundial, concessiva</i>	{ <i>sendo digna</i> de vitupérios (= se bem que, apesar de que, embora sejas digna de vitupérios. Permite-se, concede-se que sejas digna de vitupérios).

NOTA: Se o gerúndio vier acompanhado de outro verbo, formando uma conjugação perifrástica, então não se faz oração à parte. Os dois verbos juntam-se, porque equivalem a um verbo só.

Ex.: O imperador *vinha entrando* em Roma (Bernardes)
= O imperador *entrava* em Roma, nesse momento.

* Quando a oração começa por um *particípio passado*, isolado (*cantado, bebido, ouvido, pôsto*), chama-se *subordinada participial*; mas tem uma idéia de *tempo* (ou outra idéia), e então, chamar-se-á *subordinada participial temporal* (ou terá outro nome conforme o sentido).

Ex.: *Feitas as partilhas*, | o leão disse: (= depois que as partilhas foram feitas...)

Cantado o solo, | a festa acabou (= depois que o solo foi cantado...)

Ouvido o conselho, | João chorou (= depois que ouviu o conselho...)

Posta a mesa, | almoçaram (= depois que a mesa foi posta...)

NOTA: Se o *particípio passado* vier acompanhado de outro verbo, formando uma conjugação *perifrástica*, então não se faz oração à parte, pois há um sentido só, uma oração ou sentença só.

Ex.: A mesa *estava posta*.

O João *tinha partido* para o Rio.

* Quando a oração, às vezes, começa por *quão, quanto, qual*, chama-se *subordinada correlativa*, porque há as *palavras correlativas* (tão... quão...; tanto... quanto...; tal... qual...), sendo, portanto, o sentido *correlativo*, pois está na mesma *relação*. Outros chamam-lhe *comparativas*, pois há uma *comparação*.

Ex.: João era *tão* feio | *quão* simpático.

{ *Principal* { João era tão feio

{ *Subord. correlativa* { quão simpático (era)

NOMES DAS ORAÇÕES

PRINCIPAL — Exprime o sentido essencial, mais importante. Em geral, não começa por conjunção.

ABSOLUTA — Quando o período tem uma só oração.
Ex.: João morreu. Alvoreceu brilhante o dia 11 de junho de 1865.

* Não se deve dizer: *Principal absoluta*, pois há uma só,

1) **Coordenadas** (ligadas pelas conjunções *coordenativas*).

a) *aproximativas ou copulativas* — São as mais comuns. *Aproximam* ou *ligam* naturalmente uma sentença à outra.

Ex.: Eu estudo | e tu brincas
Não sabes | nem queres saber
Não só fui | mas também lhe levei um presente.

b) *disjuntivas ou alternativas* — Contrapõem um fato a outro: *disjuntivas* (do latim *disjunctivus-a-um* = *que separa*) porque *separam* um fato de outro; *alternativas*, isto é, alternam, revezam; sucede cada fato, por sua vez).

Ex.: Ou vencerás | ou morrerás
Ora se levantava | ora se sentava.

c) *adversativas* — Restringem um pensamento; têm um sentido *adverso*, contrário ao anterior.

Ex.: És bom rapaz, | mas não estudas.

d) *conclusivas* — Indicam uma *conclusão* de um fato.

Ex.: Queres ser doutor; | portanto (por consequência) estuda.
Mandaram-me ir; | vou, pois (= portanto, por consequência).

e) *explicativas* — Expõem, *explicam*, com mais clareza, um sentido anterior.

Ex.: João estuda pouco, | isto é, não tem grande entusiasmo pelos estudos.

f) *continuativas* — Prolongam, *continuam* o sentido anterior.

Ex.: Ora sucedeu então | que...
Pois, (como eu estava dizendo), sucedeu | que...

2) **Subordinadas** (ligadas pelas conjunções *subordinativas*).

a) *condicionais* — Indicam uma condição.

Ex.: Você irá passear, | se fôr bom (= no caso de ser bom, dada a condição de ser bom, de se portar bem).

b) *causais* — Indicam a razão, a *causa*.

Ex.: Você irá passear, | *porque* foi bom (= pois, porquanto, visto que, pois que foi bom).

c) *finais* — Indicam uma intenção, um *fim*.

Ex.: Você irá passear, | a fim de que melhore (= para que melhore, com o *fim* de melhorar).

d) *concessivas* — Indicam uma permissão, uma *concessão*.

Ex.: Você irá passear, | *se bem que* se tenha portado mal (= ainda que, apesar de que, embora se tenha portado mal; concede-se, permite-se o ter-se ele portado mal, e deixa-se que vá passear).

e) *consecutivas* — Indicam a *consequência* de um fato anterior, expresso noutra oração (tão...) que...; (de tal modo...) que...

Ex.: João é *tão* bôbo, | *que* todos se riem dêle (= João é de tal modo, de tal maneira bôbo, *que* todos se riem dêle).

f) *temporais* — Indicam *tempo*.

Ex.: Você irá passear, | *quando* seu Pai chegar (= logo que, apenas, apenas que, depois que seu Pai chegar).

g) *integrantes* — Completam, *integram* ou *inteiram* o sentido de outra oração.

Ex.: Diga-me | *que* horas são (= diga-me uma cousa; diga-me que horas são. *Diga-me* é uma oração (principal), mas não tem o sentido completo; *que horas são* é a oração que *integra* ou *inteira* o sentido da anterior: *diga-me*).

| Diga-me | *que* horas são (integrante *objetiva*; serve de objeto direto à 1.^a oração).

| E' verdade | *que* ele é bom (integrante *subjetiva*; serve de sujeito à 1.^a).

| Dir-vos-ei uma cousa, | *que* é | *que* vós sois mau (= a qual cousa é | *que* vós sois mau) (é integrante *predicativa*; serve de nome predicativo à oração relativa: *que é*).

| Previno-o | *de que* ele morre (é integrante *terminativa*; serve de complemento terminativo à 1.^a).

h) *comparativas* — *Comparam* um sentido com outro.

Ex.: João é mais lindo | *que* Pedro (= João é mais lindo | *que* ou *do que* Pedro é lindo).

Ex.: João é tão lindo | *como* Pedro (= João é tão lindo | *como* Pedro é lindo).

i) *modais* — Indicam o *modo*.

Ex.: O trem esmagou-o | *como se esmagasse* um réptil (=do mesmo *modo* como se esmagasse um réptil).

j) *relativas* — Indicam a *relação*, que há com a oração anterior.

Ex.: Comprei um lápis, | *que é bom* (=o *qual* lápis é bom).
Amo meu Pai, | *cujas* ordens sempre cumprio (as ordens *do qual* sempre cumprio).
Amo a terra, | *onde* nasci (=na *qual* terra nasci).
É este o caminho | por onde sempre vou (=pelo *qual* caminho sempre vou).

l) *gerundiais* (*modais, causais, temporais, condicionais, concessivas*) — Começam por um *gerúndio* isolado, e têm a idéia de *modo, causa, tempo, condição* e *concessão*. O *gerúndio* produz, *gera*, portanto, uma idéia, expressando-a numa oração curta, reduzida.

Exemplos:

{ A disciplina não se aprende, | *sonhando* (modal).
Sendo já tarde, | saíram (causal).
Dizendo isso, | foi-se embora (temporal).
Triunfarás, | *querendo* (condicional)
Chamam-te ilustre, ó fama, | *sendo* digna de vitupérios (concessiva).

NOTA IMPORTANTE: Há um caso do *gerúndio*, que é considerado por alguns puristas, um *galicismo* ou *francesismo*, isto é, um vício de linguagem, que consiste em empregar, na nossa língua, termos ou expressões de sabor francês. É, porém, tão usado por escritores clássicos e contemporâneos, que não podemos dizer que é francesismo.

Ex.: Foi banhado em azeite e pez *fervendo*. *Fervendo* quer dizer: *que ferviam*. Neste caso, o *gerúndio* corresponde a uma oração relativa: *que ferviam* (os quais azeite e pez ferviam).

Ex.: Os seus olhos, semelhantes ao sol, *fulgindo* (=que fulgia; é oração relativa) (Herculano).

m) *participiais* (são temporais, relativas, etc.) — Começam por um *particípio passado*, isolado.

Ex.: *Feitas as partilhas, | o leão disse: (= depois que as partilhas foram feitas, o leão disse:).*

n) *correlativas* — Há uma *correlação*, uma relação mútua entre as idéias. Outros chamam-lhes *comparativas*.

Ex.: João era *tão* feio | *quão* simpático (=era *tão* feio *quão* simpático era).

o) *infinitivas* — Quando há um *infinito* na oração, o qual se transforma num tempo do modo *finito*.

Ex.: Basta | sermos bons (=basta que sejamos bons; *sermos bons* é uma oração infinitiva; *que sejamos bons* é a mesma oração transformada, chamada também: *integrante subjetiva*, porque serve de sujeito à 1.^a).

Mandei | -o vir (=mandei | que ele viesse).

Fiz | -lhe ver isso (=fiz | que ele visse isso).

Deixai | vir a mim os pequeninos (=deixai | que os pequeninos venham a mim).

Não nos deixeis | cair (=não deixeis que nós caiamos).

NOTA: Muitas vezes, o *infinito impessoal* forma com o verbo anterior uma conjugação perifrástica. Não se pode, neste caso, transformar noutra oração.

Ex.: Ele *foi viajar* (*viajar* é infinito impessoal; o sujeito é *êle*; o sujeito de *foi* é também: *êle*).

Três espécies de cláusulas ou orações ou sentenças ou proposições subordinadas:

1) *adverbiais* — (indicam uma circunstância; equivalem a um advérbio: são as subordinadas condicionais, causais, finais, concessivas, consecutivas, temporais, comparativas e modais).

2) *adjetivas* — (equivalem a um adjetivo; são as relativas).

3) *substantivas* — (equivalem a um substantivo; são as integrantes). Chamam-se *integrantes*, porque integram ou inteiram ou completam o sentido de outra oração. (São as mais difíceis de compreender).

| Ex.: Diz-me *que horas são*.

| «*Diz-me*»: — é uma oração principal.

«*Que horas são*» — é uma oração integrante, porque completou o sentido da oração «*diz-me*», servindo-lhe de complemento direto. Diz-me o quê? — *que horas são*. (Quem diz, diz alguma coisa a alguém).

As integrantes constituem, como dissemos, as *cláusulas substantivas*.

As cláusulas substantivas dividem-se em:

1) *subjativas* — quando servem de *sujeito* à oração anterior ou posterior. Ex.: É verdade *que ele é bom*.

«*Que ele é bom*» é o sujeito da oração «*é verdade*»; isto é, «o fato de ele ser bom | é uma verdade».

2) *objetivas* — quando servem de *objeto direto* a uma oração. Ex.: Diz-me *que horas são*. Diz-me o quê? — *Que horas são*. (Quem diz, diz alguma coisa a alguém).

«*Que horas são*» é o objeto direto da oração «*diz-me*».

3) *predicativas* — quando servem de *nome predicativo* ou *atributo* a uma oração. Ex.: Dir-vos-ei uma coisa, que é *que vós sois mau*. (= Dir-vos-ei uma coisa, | a qual coisa é | que vós sois mau. O verbo *é* (verbo *ser*) pede atributo ou nome predicativo).

«*Que vós sois mau*» é o nome predicativo da oração relativa: *que é* (=a qual coisa é).

4) *terminativas* — quando servem de *complemento terminativo* a uma oração. Ex.: Previno-o *de que ele morre*. Previno-o de quê? — *De que ele morre*. «*De que ele morre*» é o complemento terminativo da oração «*Previno-o*». (Quem previne, previne alguém de alguma coisa. O verbo *é* relativo; pede um complemento terminativo).

Como se vê, aparece, várias vezes, o *que* como conjunção. As funções mais comuns são de *pronome relativo* e *conj. integrante*. Como, porém, se pode apresentar no período, com outras funções, vejamo-las:

A partícula QUE pode ser:

- 1) *Um substantivo*. Ex.: A lição tem um *quê* de difícil.
- 2) *Partícula de realce* (que se pode tirar, ficando bom o sentido). Ex.: Oh! que saudades *que* eu tenho (= oh! que saudades eu tenho).
- 3) **Pronome relativo*. Ex.: O lápis, *que* me deste, é bom.
- 4) *Adjetivo interrogativo*. Ex.: *Que* horas são? (Neste caso, alguns dizem: *que* é adjetivo indefinido).
- 5) *Pronome interrogativo*. Ex.: *Que* dizes? (= que coisa dizes?)
- 6) *Advérbio*. Ex.: *Que* bom! = *Quão* bom!
- 7) *Preposição*. Ex.: Tenho *que* fazer isso = Tenho *de* fazer isso. (Se dissermos apenas: *tenho que fazer*, este *que* é um pronome relativo). «Tenho *que* fazer isso» equivalente a «tenho *de* fazer isso» não é clássico, mas é muito usado hoje.
- 8) *Interjeição*. Ex.: *Quê!* vocês revoltam-se?!
- 9) *Adjetivo indefinido*. Ex.: *Que* beleza! = *Quanta* beleza! (Também se encontra seguido da preposição *de*). Ex.: *Que de* primores! = *quantos* primores!
- 10) **Conjunção integrante*. Ex.: *Que* saltem para este lado! (Nesta frase e outras, que são ditas com certa energia, subentende-se sempre: *eu quero, eu digo* ou expressões semelhantes). A conjunção *que* integrante é comuníssima na linguagem: eu quero que tu saibas, eu digo-lhes que saltem para este lado, etc.
- 11) *Conjunção causal*. Ex.: Não chores, meu filho, *que* a vida é luta renhida = *porque* a vida é luta renhida (Gonçalves Dias).
- 12) *Conjunção consecutiva*. Ex.: É de tal maneira idiota *que* todos se riem dêle.
Na expressão de Eça de Queirós, que se encontra em «A Cidade e as Serras», na pág. 75, *rijas que nem cerdas*, o *que* é conjunção consecutiva. A expressão é

igual a: (*tão*) rijas que nem cerdas são tão rijas. São muito comuns expressões, como esta, em português. A expressão: *êle é que nem eu* não é vernácula.

13) *Conjunção copulativa*. Ex.: A aranha mexe *que* mexe = mexe e mexe. Outro, *que* não eu, poderá falar com mais eloquência (=outro, e não eu, poderá...).

14) *Conjunção comparativa*. Ex.: João é mais bonito *que* Pedro. (Também se pode dizer: é mais bonito *do que* Pedro; os clássicos preferiam *do que*).

15) *Conjunção final*. Ex.: Criarei estas relíquias, que aqui viste, *que* refrigerio sejam da mãe triste (Camões) = *para que; a fim de que, as quais* (relíquias) sejam refrigerio da mãe triste. (Neste caso, como em muitos outros, este *que* é pronome relativo e *conjunção final*, ao mesmo tempo; é um vestígio de *construção latina*, muito comum nos autores romanos).

16) *Conjunção temporal*. Ex.: Porém já cinco sóis eram passados *que* dali nos partíramos (Camões) = quando *dali* nos partíramos.

17) *Conjunção adversativa* (quase *que* foi só empregada por Vieira no século XVII). Ex.: A força dos argumentos não consistia em outro fundamento *que* no crédito de vosso nome = *senão* no crédito de vosso nome. (Vieira).

18) Um caso curioso: «É outro *que* tal» (expressão popular). Que é este *que*? Há opiniões diversas. Creio que a preferível é a que considera o *que* um advérbio, que vem do latim *aeque* = igualmente, como.

19) *Conjunção condicional*. Ex.: Não fui eu que quebrei o copo; mas, *que* fôsse, que tem você com isso? (=mas, *se* fôsse).

20) *Conjunção concessiva*. Ex.: Gosto de goiabas, verdes *que* estejam (=ainda *que* estejam verdes).

21) *Conjunção disjuntiva*. Ex.: Irei a Santos, chova *que* não chova (=chova *ou* não chova).

As orações podem ser ainda:

a) *declarativas* — quando há uma simples afirmação ou negação: *declaram*, enunciam, expõem, exprimem apenas uma idéia.

Ex.: «João estuda muito». «João não vai à aula, hoje».

b) *enfáticas* — as que são ditas com ênfase: quando há desejo (*optativas*), admiração (*exclamativas*), interrogação (*interrogativas*).

Ex.: «Deus o ajude!» «Saúde!» «Que linda tarde!» «Como vai você?»

c) *diretas* — quando os termos estão em ordem simples, natural: sujeito, verbo e complementos.

Ex.: «O professor mandou estudar o problema, logo à noite, com calma».

d) *inversas* — quando os termos não estão em ordem natural.

Ex.: «Mandou estudar o problema, logo à noite, com calma, o professor».

e) *plenas* — quando todos os termos estão na oração, bem expressos.

Ex.: «Eu vi um passarinho».

f) *elípticas* — quando se subentende algum termo.

Ex.: «Vi um passarinho» (subentende-se *eu*).

g) *implícitas* — quando são apenas um grito, uma interjeição, uma exclamação (subentende-se uma palavra ou palavras).

Ex.: «Saúde!» (= desejo-lhe saúde) «Olá! João!» (= olá! folgo de o ver, João!) «Oh!» «ui!» «Irra!»

h) *independentes, intercaladas ou interparentéticas* — quando uma oração fica suspensa no período, *entre parênteses*, por assim dizer.

Ex.: João, levante-se imediatamente — *intimou o Pai* — e vá pôr esta carta no correio».

Oração principal: João, levante-se imediatamente. Oração coordenada copulativa, sindética Oração intercalada, independente ou interparentética.	}	e vá pôr esta carta no correio
	}	(<i>intimou o Pai</i>)

Os elementos essenciais da oração

São o *sujeito* e o *predicado*

a) *sujeito* — é o ser, o termo, de quem se diz alguma coisa.

Ex.: de uma oração:

João estuda muitas matérias.

— *Quem* estuda muitas matérias?

— João. (*João* é o sujeito).

Ex.: outra oração:

O trem partiu agora.

— *O que* é que partiu agora?

— O trem (*o trem* é o sujeito).

* Para se achar o sujeito, pergunta-se ao verbo:

quem? (para pessoas);

o quê? (para cousas).

* Pode haver oração sem sujeito. Ex.: *vou já* (o sujeito: *eu*).

* Pode haver oração sem verbo. Ex.: — Você gostou? — *Não*. (*Você gostou* é uma oração; *não* é outra; o verbo subentende-se: *gostei*). A 2.^a oração completa é: «*eu não gostei*».

b) *predicado* — é aquilo, aquela coisa que é dita do sujeito. (Do latim *praedicare* veio *predicar* ou *pregar*, que significa: dizer em voz alta, clamar. Do particípio passado *praedicatus* veio *predicado*, que quer dizer *pregado, clamado, dito em voz alta*). Ora, o predicado da 1.^a oração é: *estuda muitas matérias*. Isto é, nós *pregamos, clamamos, dizemos*: «*estuda muitas matérias*».

* O *predicado* pode ser expresso por um *verbo*. É o *predicado verbal*. Ex.: *João vive*. Pode ser expresso por um verbo mais um *nome*, um *pronome*, ou um *advérbio*. É o *predicado nominal*.

Ex.: { João é um encanto (nome).
O fim é este (pronome).
João vai bem (advérbio).

O SUJEITO PODE SER:

a) *simples* — constituído por um único ser, ou sêres da mesma natureza.

Ex.: *O homem é bom.*

Os homens são bons.

Convém que tu estudes (*Que tu estudes é uma oração; serve de sujeito à oração convém = Que tu estudes convém = o estudo convém-te*).

b) *composto* — constituído por sêres diversos.

Ex.: *O azeite e a água são alimentos.*

Pedro e Paulo são bons.

A fé, a esperança e a caridade são virtudes.

O sim e o não têm grande valor.

c) *gramatical* — é o sujeito sem complemento nenhum.

Ex.: *João é bom.*

d) *total ou lógico ou ampliado* — é o que tem complemento.

Ex.: *João, filho de Pedro, é bom* (o sujeito total é: *João, filho de Pedro*). *Filho* é um *apôsto* de João. (*Apôsto* é um substantivo que explica outro). *De Pedro* é um *complemento restritivo*, isto é, *restringe*, particulariza: é filho de Pedro (mas podia ser de *Júlio*, de *Rui*, ou de outra pessoa).

e) *expresso* — se está na oração. Ex.: *Eu estudo* (sujeito: *eu*).

f) *elíptico* — se se subentende. Ex.: *Estudo* (sujeito: *eu*).

O PREDICADO PODE SER:

a) *gramatical* — é o simples verbo.

Ex.: *João estuda com afinco* (predicado gramatical: *estuda*). *João há de obter grandes glórias* (predicado gramatical: *há de obter*; são dois verbos, que formam uma conjugação perifrástica).

b) *total ou lógico* — é o verbo com seus complementos.

Ex.: *João há de obter grandes glórias na sua vida* (predicado total ou lógico: *há de obter grandes glórias na sua vida*. «Grandes glórias» é o *complemento direto*. «Na sua vida» é o *complemento circunstancial de tempo*).

Os complementos na oração

(*Para compreender bem este assunto, é preciso saber latim)

a) *adjunto atributivo* — é o adjetivo qualificativo ou determinativo. (Em latim vai para o caso do substantivo, a que se refere).

Ex.: A águia *altiva* voa na amplidão (sujeito: *a águia altiva*, adjuntos atributivos: *a*, *altiva*).

b) *atributo ou nome predicativo* — é o complemento dos verbos neutros ou de ligação: *ser*, *estar*, *parecer*, *ficar*, *permanecer*, etc. A gente *atribui* uma qualidade ou estado ao sujeito. Vai para o *nominativo*, em latim, normalmente.

Ex.: João é *bom*.

João está *triste*, ficou *contente* (atributos: *bom*, *triste*, *contente*).

*NOTA: Se dissermos: Pedro I da Rússia foi chamado «o Grande», há aqui também um *atributo*, que é: *o Grande*. Em latim, «*o Grande*» vai para o *nominativo*, que é o caso do sujeito e do atributo, normalmente.

c) *apôsto ou continuado* — é um substantivo, que explica outro, antecedente. *Apôsto* = pôsto junto de; *continuado* = que continua o sentido anterior). Em latim, vai para o caso do substantivo anterior.

Ex.: João, *filho* de Pedro...

«Os Sertões», *obra* imortal...
(*filho* e *obra* são apostos).

d) *vocativo* — é um chamamento. Em latim vai para o *vocativo*.

Ex.: Ó João, que fazes? *Meu Deus*, valei-me!

e) *complemento restritivo* — é o que modifica o substantivo, isto é, *restringe* a sua significação. (Em latim vai para o *genitivo*). Começa pela preposição *de* e é pedido por um substantivo.

Ex.: Livro *de* Pedro; o lápis *de* João; nas lutas *da* vida (*de* Pedro, *de* João, *da* vida são restritivos).

* NOTA: «Preciso de dois lápis», «João depende de Pedro». Aqui, os complementos: *de dois lápis*, *de Pedro* começam pela preposição *de*, mas são pedidos pelos verbos: *preciso* e *depende*. Estes complementos chamam-se *terminativos*.

* NOTA: Se dissermos: *estátua de bronze, de cobre, coluna de mármore*, etc., os complementos *de bronze, de cobre, de mármore*, não são restritivos: são *complementos circunstanciais de matéria* (matéria de que são feitas a estátua e a coluna; vão, em latim, para o ablativo).

f) *complemento terminativo ou indireto* (ou *objeto indireto*) — é o que completa, isto é, *termina* o sentido de um verbo. É pedido pelos *verbos relativos*, isto é, que têm uma *relação* com a palavra ou palavras seguintes. O *complemento terminativo tem sempre preposição antes de si*. Vai para o *dativo*, em latim, geralmente.

Ex.: Dei um livro *a Pedro*.

Deu-me um livro (*me* = a mim: «deu um livro *a mim*»).

Obedeço *a isso*.

Obedeço-lhe (lhe = a êle; quem obedece, obedece *a alguém*).

Comunico-lhe.

Respondi *à carta* (quem responde, responde *a uma carta*).

A sua carta, *à qual* respondo.

Assisti *a uma sessão*.

João depende *de Pedro*.

Preciso *de dois lápis*.

* Os complementos terminativos são: *a Pedro; me; a isso; lhe; à carta; à qual; a uma sessão; de Pedro; de dois lápis*.

* Há grande confusão no emprêgo das palavras *indireto* e *terminativo*. Alguns dizem *terminativo* quando o complemento é *restritivo* (como: livro *de Pedro*), o que é um erro. Os antigos, que sabiam latim profundamente, diziam *complemento indireto*, quando êste correspondia em latim ao *dativo*, como: «dei um livro *a Pedro*». *Dedi librum Petro*. *Petro* está no *dativo*. Quando o complemento era regido de preposição e correspondia em latim ao *ablativo* ou ao *acusativo*, e a circunstância era clara, diziam: *Complemento circunstancial de causa, de tempo, de modo, de lugar, de companhia*, etc. Quando a circunstância não era clara, diziam apenas: *Complemento circunstancial*. Neste 2.º caso, acho que podemos dizer *terminativo*, porque o *complemento terminativo termina*, completa o sentido do verbo. Exemplo: *Preciso de dois lápis*. *De dois lápis* é um *complemento terminativo*, porque *termina* o sentido do verbo *Preciso*.

g) *Complemento direto* (ou *objeto direto*) — é o termo essencial, que recebe a ação do verbo *transitivo* (do latim *transire* = *passar além*); no verbo transitivo a ação *passa* do sujeito, que é o agente, para o objeto que é o paciente; ex.: «eu esbofetei o soldado». O agente ou o

sujeito: *eu*; o paciente ou objeto direto: *o soldado*. A ação passa *diretamente*. O objeto direto não tem preposição antes de si, geralmente.

Ex.: Eu esbofetei *o soldado*.

Comprei *um livro*.

Vi-*o*.

Abracei-*o*.

Informei-*o*.

Já *o* conhecia.

O vinho, beberam-*no* (este *n* é eufônico; é para soar bem, por causa do *m* que está antes, no verbo: *beberam*).

O amigo que *o* estima.

Deus *o* ajude!

(* Objetos *diretos*: *o soldado*; *um livro*; nos outros casos, o objeto direto é o pronome *o*).

* Para achar o objeto direto, pergunta-se ao verbo:

quem? (para pessoas)

o quê? (para cousas)

Ex.: Eu esbofetei o soldado. *Esbofetei quem?* — O soldado (o soldado é o objeto direto).

Comprei um livro. *Comprei o quê?* — Um livro (*um livro*, é o objeto direto).

h) *complementos circunstanciais* — os que indicam uma circunstância (vão, em latim, para o *ablativo*, geralmente):

1) *de tempo*. Ex.: *Ontem*, estive de cama. *No dia 13*, irei lá. *Na Idade Média*, houve muitas guerras.

2) *de lugar* (pode ser *real*: Venho *da sala*. Pode ser *virtual*: Saí bem *da dificuldade*.

Ex.: $\left\{ \begin{array}{l} \text{lugar onde: Estou na sala} \\ \text{lugar donde: Venho da sala} \\ \text{lugar aonde: Vou à sala (vou e volto logo)} \\ \text{lugar para onde: Vou para a sala (vou e fico lá)} \\ \text{lugar por onde: Vou pela sala} \end{array} \right.$

(* Quem está, está *em algum lugar*; quem vem, vem *de algum lugar*; quem vai, vai *a algum lugar*, *para algum lugar* ou *por algum lugar*).

(* Não se deve dizer: Vou *na cidade*, cheguei *na cidade*, mas sim: vou *à cidade*, cheguei *à cidade*).

3) *de modo*. Ex.: Ele falou *suavemente*. Ele falou *alto* (= *altamente*). Feijoadá *à brasileira*. Trabalha *com calma*. Ele foi *sózinho a pé*, à cidade. Ele foi, *de pé*, no automóvel. Ele *foi a cavalo* num burrico, à fazenda. Ele trabalha *à pressa*, *às tontas*.

- 4) *de causa*. Ex.: Brigaram *por uma coisa ridícula* (= por causa de uma coisa ridícula).
- 5) *de companhia*. Ex.: Fui *com meu Pai*. Não jogue as pêras *com teu amo*. Duro *com duro* não faz bom muro.
- 6) *de fim*. Ex.: O Novo Mundo foi talhado *para as grandezas, para crescer, para criar, para subir* (= com o fim de...).
- 7) *de meio*. Ex.: Mandou-lhe a notícia *por um mensageiro* (= por meio de um mensageiro).
- 8) *de instrumento*. Ex.: Quem *com ferro* fere, *com ferro* será ferido. Cavo *com a enxada* da ciência.
- 9) *de matéria*. Ex.: Estátua *de bronze, de cobre*; coluna *de mármore*; bengala *de cabriúva*.
- 10) *de preço*. Ex.: Vendi este livro *por 4 mil cruzeiros*.
- 11) *de distância*. Ex.: A escola está *a dois quilômetros* daqui.
- 12) *de medida*. Ex.: Lança *de dois metros de comprimento*.
- 13) *de exclusão*. Ex.: Está tudo perdido, *exceto a honra* (= excluída a honra).
- 14) *de origem*. Ex.: Este cavalo vem *de boa raça* (= vem, provém, tem origem de boa raça). Este complemento confunde-se, às vezes, com o *de lugar donde*.
- 15) *de idade*. Ex.: João, solteiro, *de 24 anos...*
- 16) *de oposição*. Ex.: Lutou *contra a adversidade*.
- 17) *agente da passiva* (ou *complemento circunstancial de causa eficiente*). É um complemento da *voz passiva*. Para passar uma oração da *ativa* para a *passiva*, faz-se do seguinte modo: O *sujeito* da *ativa* passa para *agente da passiva*. O *objeto direto* da *ativa* passa para *sujeito* na *passiva*.

Ex.:	João esbofeteou o soldado (ativa)	
	sujeito	objeto direto
	O soldado foi esbofeteado por João (passiva)	
	sujeito	agente da passiva

* Por João é o agente da passiva ou complemento circunstancial de causa eficiente (*agente*, porque foi João que agiu, que esbofeteou o soldado).

* O agente da passiva tem antes de si a preposição *por*, geralmente. Os clássicos usavam, porém, muito a preposição *de*. Ele é amado *de todos* (ou: *por todos*). Crivado *de facadas* (*por facadas*). Eleitos *de Deus* (= *por Deus*).

PARTE PRÁTICA

Análise lógica de alguns períodos

João estudou a lição.

É um *período*. Tem uma só oração. Esta oração é *absoluta* (não se deve dizer: *principal absoluta*, pois que há apenas *uma*; portanto, não é *principal*).

João estudou a lição	
<i>sujeito</i>	— João
<i>predicado gramatical</i> (só o verbo)	— estudou
<i>predicado lógico</i> (tudo, menos o sujeito e a conjunção)	— estudou a lição
<i>objeto direto</i>	— a lição
<i>adjunto atributivo</i>	— a

* Outro período:

{ *Bilac, príncipe dos nossos poetas, deixou ao Brasil, meus amigos, lindas poesias, / e foi o autor da « Oração à bandeira », em prosa.*

(2 orações: a 1.^a é *Principal*; a 2.^a é coordenada copulativa).

* Para dividir orações, há dois modos: 1.^o — marcam-se com uma cruz os verbos, pois cada verbo (ou conjunto de verbos, se houver uma conjugação perifrástica) é o sinal de uma idéia, de um pensamento, de uma sentença ou oração; 2.^o — marcam-se com uma cruz as *conjunções* (os *conetivos*, isto é, as partículas que ligam as orações umas às outras; a *conjunção* dá o nome à oração).

No período, acima, há 2 verbos: *deixou* e *foi*; há, portanto, 2 orações.

Há 1 *conjunção*: *e*; há, portanto, 2 orações: uma que é *Principal* (que não começa por *conjunção*), e outra que começa por *e*, que é uma *conjunção copulativa* ou *aproximativa*; há, portanto, uma oração *Principal* e uma *coordenada copulativa*.

* O período acima é *composto por coordenação* (isto é, tem, além da oração *Principal*, uma outra, que é *coordenada*).

Bilac, príncipe dos nossos poetas, deixou ao Brasil,
meus amigos, lindas poesias (Principal)

<i>sujeito gramatical</i>	— Bilac
<i>sujeito lógico</i>	— Bilac, príncipe dos nossos poetas
<i>apóstro</i>	— príncipe (o <i>apóstro</i> é um substantivo, que explica o substantivo anterior)
<i>complemento restritivo</i>	— dos nossos poetas
<i>predicado gramatical</i> (só o verbo)	— deixou
<i>predicado lógico</i> (tudo, menos o sujeito e a conjunção)	— deixou ao Brasil, meus amigos, lindas poesias
<i>objeto direto</i>	— lindas poesias
<i>objeto indireto ou complemento terminativo vocativo</i>	— ao Brasil
<i>adjuntos atributivos</i> (os adjetivos)	— meus amigos (= ó meus amigos!) — os nossos. o, meus, lindas

e foi o autor da «Oração à Bandeira», em prosa
(Coordenada copulativa)

<i>sujeito</i>	— (<i>êle</i> = Bilac). (E' elíptico ou oculto; sub-entende-se)
<i>predicado gramatical</i>	— foi (outros dizem: <i>foi o autor</i> , ligando também o atributo ou nome predicativo ao verbo neutro ou de ligação: <i>foi</i>)
<i>predicado lógico</i>	— foi o autor da «oração à bandeira», em prosa
<i>atributo ou nome predicativo</i>	— o autor
<i>complemento restritivo</i>	— da «oração à bandeira»
<i>adjunto circunstancial de modo</i>	— em prosa
<i>atributivos</i>	— o. a

* Outro período, que tem uma só oração (oração absoluta) e em que há muitos complementos circunstanciais:

Eu, em companhia de meu amigo Carlos, fui atacado pelo Ernesto, com uma bengala de cabriúva, por causa de uma intriga, à bruta, ontem, na Praça da República, a 6 metros de minha casa.

(Oração absoluta)

<i>sujeito</i>	— eu
<i>predicado gramatical</i>	— fui atacado (está na voz passiva; é conjugação perifrástica)
<i>predicado lógico</i>	— fui atacado, em companhia de meu amigo Carlos, pelo Ernesto..... (até ao fim da oração)
<i>complemento circunstancial de companhia</i>	— em companhia de meu amigo Carlos
<i>restritivo</i>	— de meu amigo Carlos
<i>apôsto</i>	— Carlos (o substantivo anterior é: <i>amigo</i>)
<i>agente da passiva</i>	— pelo Ernesto
<i>complemento circunstancial de instrumento</i>	— com uma bengala
<i>de matéria</i>	— de cabriúva
<i>de causa</i>	— por causa de uma intriga
<i>de tempo</i>	— ontem
<i>de modo</i>	— à bruta
<i>de lugar</i>	— na Praça da República
<i>de distância</i>	— a 6 metros de minha casa
<i>adjuntos atributivos:</i>	— meu, o, uma, uma, a, a, a, minha

* Orações com verbos impessoais: *Chove, / faz três dias.*

— *Nesta sala há livros? / Há-os, sim.*

Chove	
<i>sujeito</i>	— (indeterminado)
<i>predicado gramatical e lógico</i>	— chove

faz três dias (=há três dias) (esta oração pode ser considerada um complemento circunstancial de tempo)	
<i>sujeito</i>	— (indeterminado)
<i>predicado gramatical</i>	— faz (ou há)
<i>predicado lógico</i>	— faz (ou há) três dias
<i>objeto direto</i>	— três dias
<i>adjunto atributivo</i>	— três
Nesta sala há livros?	
<i>sujeito</i>	— (indeterminado)
<i>predicado gramatical</i>	— há
<i>predicado lógico</i>	— há livros nesta sala?
<i>objeto direto</i>	— livros
<i>adjunto circunstancial de lugar</i>	— nesta sala
<i>adjunto atributivo</i>	— esta
Há-os, sim.	
<i>sujeito</i>	— (indeterminado)
<i>predicado gramatical</i>	— há
<i>predicado lógico</i>	— há-os, sim
<i>objeto direto</i>	— os (não se diz, é claro, <i>há eles</i> . Diz-se <i>há-os</i> . <i>Os</i> é o pronome oblíquo, usado para os objetos diretos. O aluno só compreenderá isto bem, quando estudar, no 4.º ano, <i>português histórico</i>).
<i>adjunto circunstancial de modo</i>	— sim
É noite	
<i>sujeito</i>	(indeterminado)
<i>predic. gram.</i>	é
<i>predic. lógico</i>	é noite
<i>n. predicativo</i>	noite
Faz frio	
<i>sujeito</i>	(indeterminado)
<i>predic. gram.</i>	faz
<i>predic. lógico</i>	faz frio
<i>objeto direto</i>	frio

São 9 horas	
<i>sujeito</i>	(indeterminado)
<i>predic. gram.</i>	são
<i>predic. lógico</i>	são 9 horas
<i>n. predicativo</i>	9 horas
<i>atributivo</i>	nove

* Uma oração curiosa, em que o sujeito é elíptico ou oculto: Bateram à porta.

Bateram à porta	
<i>sujeito</i>	— elíptico ou oculto (êles bateram à porta; ou <i>alguém</i> bateu à porta). O sujeito não é bem determinado: pode estar no plural, ou no singular
<i>predicado gramatical</i>	— bateram
<i>predicado lógico</i>	— bateram à porta
<i>adjunto circunstancial de lugar</i>	— à porta

* Oração com um verbo reflexivo essencial:

João arrependeu-se	
<i>sujeito</i>	— João
<i>pred. gram. e lógico</i>	arrependeu-se (o pronome <i>se</i> faz parte integrante do verbo; não se pode desligar dêle; muitos consideram <i>se</i> objeto direto)

* Oração com um verbo reflexivo accidental:

João feriu-se	
<i>sujeito</i>	— João
<i>predicado gramatical</i>	— feriu
<i>predicado lógico</i>	— feriu-se
<i>objeto direto</i>	— <i>se</i> (Quem fere, fere alguém; feriu-se a si mesmo)

* Oração com um verbo reflexivo recíproco:

O Pai e a filha abraçaram-se	
<i>sujeito composto</i>	O Pai e a filha
<i>predicado gramatical</i>	abraçaram
<i>predicado lógico</i>	abraçaram-se (= êle abraçou-a; ela abraçou-o)
<i>objeto direto</i>	se (= o, a)

* Oração com um verbo de tom reflexivo apreciável:

Ele arrogou-se êsse direito	
<i>sujeito</i>	êle
<i>predicado gramatical</i>	arrogou
<i>predicado lógico</i>	arrogou-se êsse direito
<i>objeto direto</i>	êsse direito
<i>objeto indireto</i>	se (= a si; a si mesmo)

* Oração com *partícula apassivadora* (*passiva pessoal*): alugam-se quartos = quartos são alugados; aluga-se um quarto = um quarto é alugado; vendem-se selos = selos são vendidos (os verbos são transitivos).

vendem-se selos	
<i>sujeito</i>	selos
<i>pred. gram. e lóg.</i>	vendem-se (= são vendidos; é voz passiva; conjugação perifrástica; são vendidos por alguém; por alguém é o agente da passiva)
<i>partícula apassivadora</i>	se

* Orações em que há *passivas impessoais* (precisa-se de 2 criados; depende-se dos mestres; assiste-se a sessões (os verbos são *relativos*). Também há *passiva impessoal* com verbos *intransitivos* como *ir*, *chegar*, *passear*; e com *transitivos* como *fumar*, *estudar*, quando o sentido é vago;

exemplos: *vai-se* aos astros, *fuma-se*, *estuda-se*, *passeia-se*, *brinca-se*, etc.

precisa-se de 2 criados	
<i>sujeito</i> <i>predicado gramatical</i> <i>predicado lógico</i> <i>complemento terminati- vo</i>	(indeterminado) precisa-se (passiva impessoal) precisa-se de 2 criados de 2 criados
por caminhos áspers vai-se aos astros	
<i>sujeito</i> <i>predicado gramatical</i> <i>predicado lógico</i> <i>complemento circums- tancial de lugar por onde</i> <i>de lugar aonde</i>	(indeterminado) vai-se (passiva impessoal) por caminhos áspers vai-se aos astros por caminhos áspers — aos astros
fuma-se (em frases, como: — Que faz Você? — Fuma-se... brinca-se... passeia-se...)	
<i>sujeito</i> <i>pred. gram. e lógico</i>	(indeterminado) fuma-se (passiva impessoal)

* Oração com a partícula **de** realce *se*:

Ele vai-se embora	
<i>sujeito</i> <i>predicado gramatical</i> <i>predicado lógico</i> <i>complemento circums- tancial de tempo</i> <i>partícula de realce ou expletiva, ou decora- tiva (pode tirar-se, ficando perfeito o sentido: ele vai em- bora).</i>	ele vai vai-se embora embora (= em boa hora) se (dizendo-se: <i>ele vai-se embora</i> , a oração fica mais expressiva, mais espontânea)

* Um período *composto por coordenação e subordinação*. Dêste período podem fazer-se vários períodos. As orações seguem-se umas às outras.

[O Carlos surgia nesse momento; | *ora* me fitava, | *ora* desviava os olhos, | *e* tentou falar, | mas perturbou-se; | *portanto* estava irrequieto, | *isto é*, estava nervoso; | *ora* sucedeu | *que* eu lhe mostrei brandamente fortes razões, | *que* o teriam convencido da minha inocência, | *se* êle prestasse atenção, | *porque* bastava isso, | *para que* tudo ficasse claro; | ficou tão zangado, | *ainda que* eu usasse de brandura, | ao falar-lhe, | *que* começou a gritar | *como* um possesso, | *logo que* eu acabei, | *bramindo* tão brutalmente | *quanto* um louco, || *metido* em camisa-de-fôrças, na sala especial dos manicômios, | *onde* se prendem os furiosos.]

* As conjunções, o pronome relativo *que*, o advérbio *onde*, o *gerúndio* isolado, o *particípio passado* isolado e o correlativo *quanto* estão grifados; por estas palavras começam as *orações*; estas têm o nome das conjunções, que estão expressas ou que se subentendem pelo sentido.

NOMES DAS ORAÇÕES:

<i>Principal</i> (não começa por conjunção)	— O Carlos surgia nesse momento
<i>Coordenada disjuntiva</i>	— <i>ora</i> me fitava
<i>Coordenada disjuntiva</i>	— <i>ora</i> desviava os olhos
<i>Coordenada copulativa</i>	— <i>e</i> tentou falar
<i>Coordenada adversativa</i>	— <i>mas</i> perturbou-se
<i>Coordenada conclusiva</i>	— <i>portanto</i> estava irrequieto
<i>Coordenada explicativa</i>	— <i>isto é</i> , estava nervoso
<i>Coordenada continuativa</i>	— <i>ora</i> sucedeu (o sujeito desta oração é a oração seguinte: <i>que eu lhe mostrei brandamente fortes razões</i> . (Isto tudo... <i>sucedeu</i>)
<i>Subordinada integrante subjetiva</i> (<i>íntegra</i> ou inteira o sentido da anterior)	— <i>que</i> eu lhe mostrei brandamente fortes razões (<i>é subjetiva</i> , porque serve de sujeito à oração anterior: <i>sucedeu</i>)
<i>Subordinada relativa</i>	— <i>que</i> o teriam convencido da minha inocência (= <i>as quais razões</i> o teriam convencido da minha inocência)
<i>Subordinada condicional</i>	— <i>se</i> êle prestasse atenção
<i>Subordinada causal</i>	— <i>porque</i> bastava isso
<i>Subordinada final</i>	— <i>para que</i> tudo ficasse claro
<i>Coordenada assindética</i>	— ficou tão zangado (esta não começa por conjunção; é, pois, assindética)
<i>Subordinada concessiva</i>	— <i>ainda que</i> eu usasse de brandura

<i>Subordinada infinitiva</i> (temporal)	— ao falar-lhe (= <i>quando</i> lhe falei)
<i>Subordinada consecuti-</i> <i>va</i>	— <i>que</i> começou a gritar (<i>tão zangado.. que...</i> começou a gritar)
<i>Sub. comparativa</i>	— <i>como</i> um possesso (grita)
<i>Sub. temporal</i>	— <i>logo que</i> eu acabei
<i>Sub. gerundial</i> (modal)	— <i>bramindo</i> tão brutalmente (= <i>a bramar...</i> ; indica o modo)
<i>Sub. correlativa</i> (ou comparativa)	— <i>quanto</i> um louco (brame) (= <i>como</i> um louco brame)
<i>Sub. participial</i> (relativa)	— <i>metido</i> em camisa-de-fôrças na sala espe- cial dos manicômios (= <i>o qual</i> louco é metido em...)
<i>Sub. relativa</i>	— <i>onde</i> se prendem os furiosos (= <i>na qual</i> sala se prendem os furiosos)

* Um período composto por coordenação e subordinação. As orações não se seguem umas às outras:

— João, *que* é meu amigo e me conta tudo o *que* faz, disse-me, *quando* estivemos ontem no colégio, *que, se* Deus quiser, fará, este ano, exame vestibular.

* As conjunções e o pronome relativo *que* estão grifados.

NOMES DAS ORAÇÕES:

<i>Principal</i> (não começa por conjunção)	— João disse-me (o <i>objeto direto</i> desta oração é a oração seguinte; quem diz, diz <i>alguma coisa</i>)
<i>Subordinada integrante</i> <i>objetiva</i> (<i>íntegra</i> ou <i>íntegra</i> o sentido da anterior)	— <i>que</i> fará, este ano, exame vestibular (<i>é objetiva</i> , porque serve de <i>objeto direto</i> à oração anterior)
<i>Sub. relativa</i>	— <i>que</i> é meu amigo (= <i>o qual</i> João é meu amigo)
<i>Coordenada copulativa</i>	— e me conta tudo o (= <i>e</i> me conta tudo aquilo)
<i>Sub. relativa</i>	— <i>que</i> faz (o <i>qual</i> aquilo <i>ele</i> faz)
<i>Sub. temporal</i>	— <i>quando</i> estivemos ontem no colégio
<i>Sub. condicional</i>	— <i>se</i> Deus quiser

* Outro período composto por subordinação.

— Quem diz a verdade, não merece castigo = *aquêle*, *que* diz a verdade, não merece castigo.

NOMES DAS ORAÇÕES:

<i>Principal</i>	— <i>Aquêle</i> não merece castigo
<i>Subordinada relativa</i>	— <i>que</i> diz a verdade (<i>o qual</i> <i>aquêle</i> diz a verdade)

ANALISE LÓGICA POR DIAGRAMAS

(Diagrama, em grego, significa: *representação por meio de linhas*)

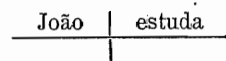
* É um processo moderno, prático, muito claro, de expor a análise lógica das orações. Atribui-se aos norte-americanos, povo essencialmente prático. Alguns professores não gostam deste processo, porque *mecaniza* um trabalho, que é apenas de inteligência, de compreensão. Os alunos, às vezes, sabem fazer as linhas e dispor as palavras, mas não sabem o sentido lógico dos elementos da oração. O trabalho da divisão das orações de um período longo, de uma estância arrevesada por exemplo dos «Lusiadas», (o qual trabalho é o mais difícil da análise) nem sempre o diagrama o resolve facilmente. A análise lógica é a grande tortura do aluno; é, porém, utilíssima, como ginástica do espírito. Dá-lhe sobretudo agilidade.

Apresentarei vários diagramas. O aluno verá, em qualquer diagrama, uma *linha horizontal* e um *traço vertical*, que a corta.

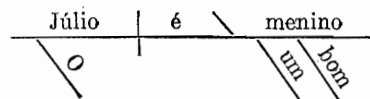
* *Em cima da linha*, põem-se os elementos essenciais da oração (sujeito e predicado.) *Antes do traço vertical*, põe-se o *sujeito*; *depois do traço*, põe-se o *predicado gramatical* (e o *nome predicativo* ou o *objeto direto*, se os houver).

* *Por baixo da linha*, põem-se os adjuntos atributivos e os outros complementos.

João estuda

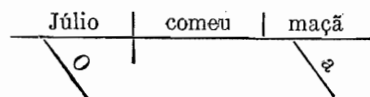


O Júlio é um bom menino



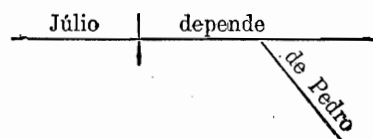
(*menino* é o nome predicativo; separa-se do verbo (*é*) por um traço inclinado (\)).

O Júlio comeu a maçã



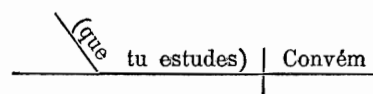
(*maçã* é o objeto direto; separa-se do verbo (*comeu*) por um traço vertical (|)).

Júlio depende de Pedro



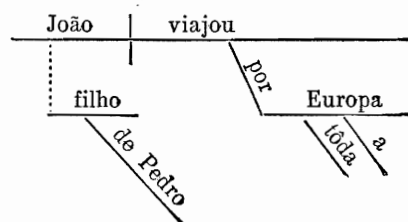
(*de Pedro* é objeto indireto ou complemento terminativo).

Convém que tu estudes



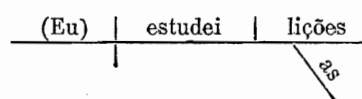
(*que tu estudes* é outra oração; é integrante subjetiva, porque serve de *sujeito* à oração *convém*; *que* é uma conjunção integrante; liga; põe-se num traço inclinado, antes).

João, filho de Pedro, viajou por toda a Europa



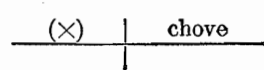
(*filho* é um *aposto*, isto é, um substantivo que explica o anterior; *de Pedro* é complemento restritivo).

Estudei as lições



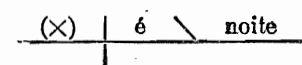
(o *sujeito* é elíptico ou oculto: *(Eu)*).

Chove



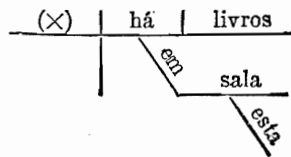
(o *sujeito* é indeterminado; o verbo é impessoal).

É noite



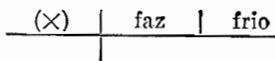
(o *sujeito* é indeterminado; *noite* é nome predicativo).

Nesta sala há livros



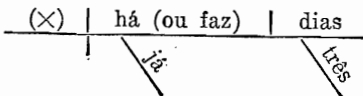
(o sujeito é *indeterminado*; o verbo é *impessoal*; *livros* é o objeto direto; *nesta sala* é complemento circunstancial de lugar *onde*).

Faz frio



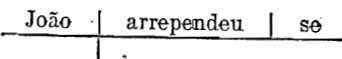
(o sujeito é *indeterminado*; *frio* é objeto direto).

Já há (ou faz) três dias



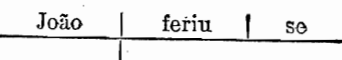
(o verbo é *impessoal*; o sujeito é *indeterminado*; *dias* é o objeto direto; *já* é um complemento circunstancial de tempo; é advérbio; modifica, pois, o verbo (*há*)).

João arrependeu-se



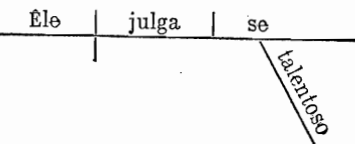
(o verbo é reflexivo essencial; *se* é objeto direto).

João feriu-se



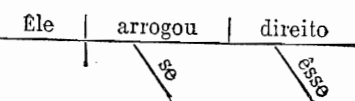
(o verbo é reflexivo acidental; *se* é objeto direto).

Ele julga-se talentoso



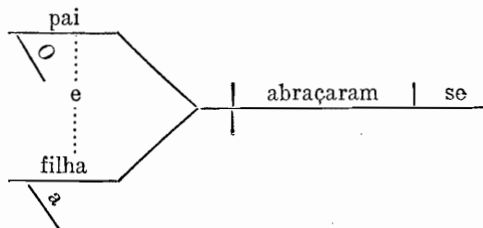
(o verbo é reflexivo acidental; *se* é objeto direto; *talentoso* é adjunto atributivo de *se* = julga-se (a si mesmo) talentoso).

Ele arrogou-se esse direito



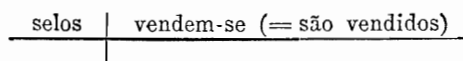
(o verbo tem um tom reflexivo; *se* é objeto indireto = *a si*: ele arrogou o direito *a si* mesmo).

O pai e a filha abraçaram-se



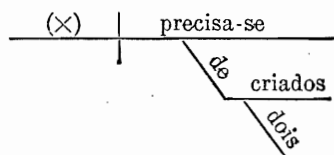
(O verbo é reflexivo o recíproco. *Se* = *a* e *o*. *Se* tem em si 2 objetos diretos: o pai abraçou-a; a filha abraçou-o; o sujeito é composto).

Vendem-se selos



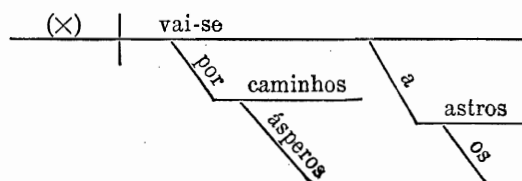
(*se* é partícula apassivadora; há uma *passiva pessoal*).

Precisa-se de 2 criados



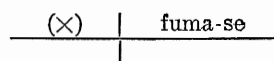
(é uma *passiva impessoal*; o sujeito é indeterminado; *de 2 criados* é o complemento terminativo ou indireto).

Por caminhos áspers vai-se aos astros



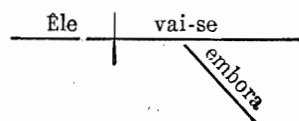
(é uma *passiva impessoal*; o sujeito é indeterminado).

fuma-se



(é uma *passiva impessoal*; o sujeito é indeterminado).

Ele vai-se embora

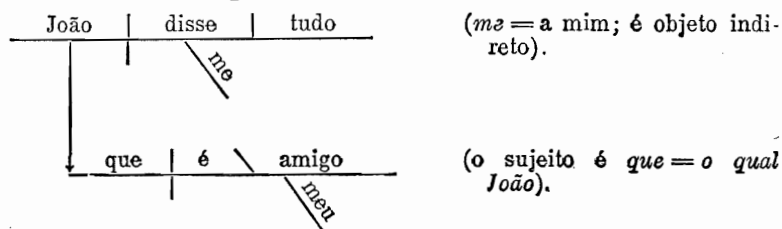


(*se* é partícula de realce; pode tirar-se, ficando perfeito o sentido).

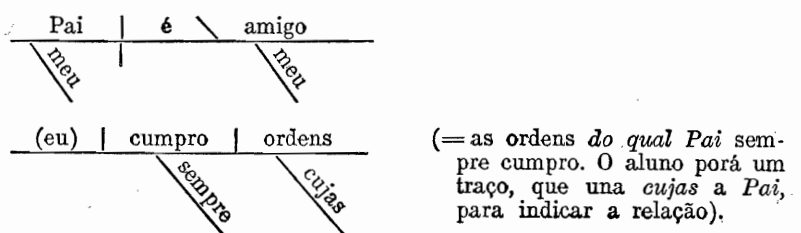
João, que é meu amigo, disse-me tudo

Principal : *João disse-me tudo*

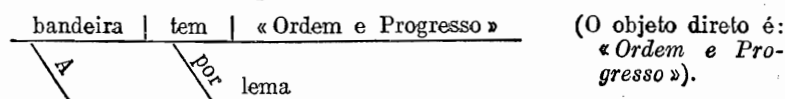
Sub. relativa: *que é meu amigo*



Meu Pai, cujas ordens sempre cumpro, é meu amigo



A bandeira tem por lema: « Ordem e Progresso »



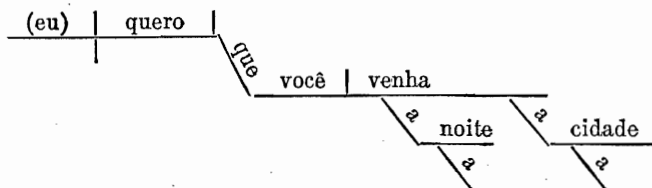
Orações integrantes ou substantivas: 1) objetivas; 2) subjetivas; 3) predicativas; 4) terminativas. (São as mais difíceis de ser compreendidas pelo aluno).

1) OBJETIVAS (são as mais comuns)

Ex.: *Quero que Você venha, à noite, à cidade*

Principal : — Quero

Sub. integrante ou substantiva objetiva. { que Você venha, à noite, à cidade (esta serve de objeto direto à 1.ª, a *quero*). Quem *quer*, quer alguma coisa. Quero o quê? — Que você venha... *Que Você venha* é o objeto direto. A oração é, pois, *objetiva*.

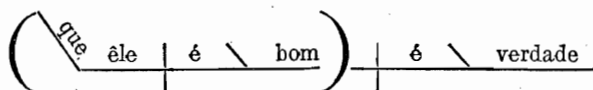


2) SUBJETIVAS

Ex.: *É verdade que ele é bom*

Principal : é verdade

Sub. integrante ou substantiva subjetiva. { que ele é bom (é *subjetiva*, porque serve de sujeito à 1.ª. *Que ele é bom* é verdade = o fato de *ele ser bom* é verdade).



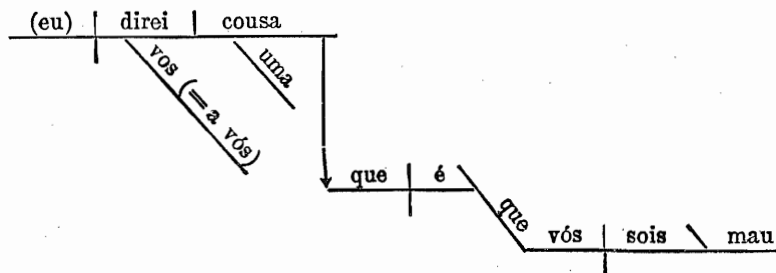
3) PREDICATIVAS

Ex.: *Dir-vos-ei uma coisa, que é que vós sois mau*

Principal : dir-vos-ei uma coisa

Sub. relativa : que é (a qual coisa é)

Sub. integrante ou substantiva predicativa. { que vós sois mau (a *qual coisa é* é oração relativa; *é* é o verbo *ser*, que pede nome predicativo. O nome predicativo é o que vem à frente: — que vós sois mau. Esta última oração é, pois, *predicativa*, porque serve de *nome predicativo* à anterior).



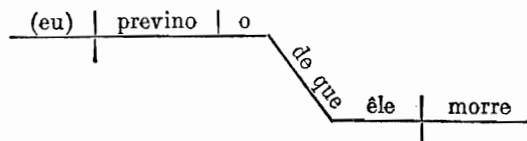
4) TERMINATIVAS

Ex.: *Previno-o de que êle morre*

Principal : previno-o

Sub. integrante ou substantiva terminativa

de que êle morre (quem previne, previne alguém de alguma cousa. *Alguém* é objeto direto; *de alguma cousa* é indireto ou complemento terminativo. Portanto, *o* é objeto direto; *de que êle morre* é complemento terminativo. A oração é, pois, *terminativa*).

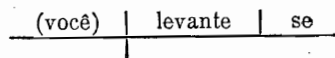


ALGUNS DIAGRAMAS ESPECIAIS:

O' João, levante-se

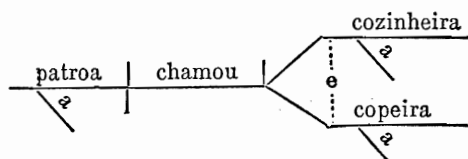
Ó João!

(ó João é um vocativo; coloca-se por cima).



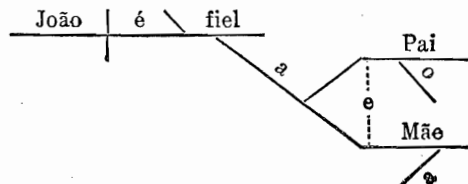
A patroa chamou a cozinheira e a copeira

(objeto direto composto).

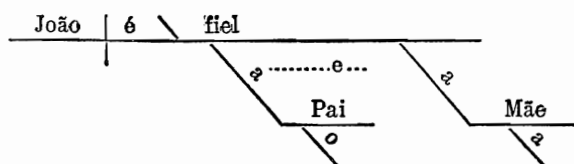


João é fiel ao Pai e à Mãe

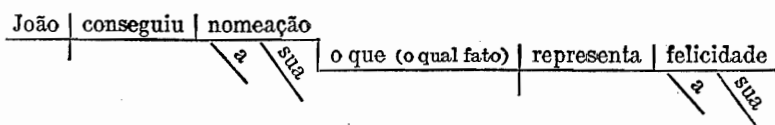
(complemento terminativo composto).



ou assim:

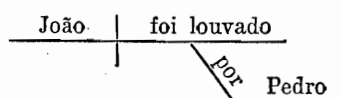


João conseguiu a sua nomeação, o que representa a sua felicidade



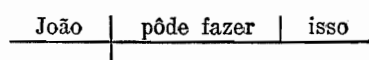
(o *que* = o qual fato; o *que* (pronome relativo), abrange o sentido da oração anterior, isto é: o fato de ele conseguir a sua nomeação representa a sua felicidade).

João foi louvado por Pedro



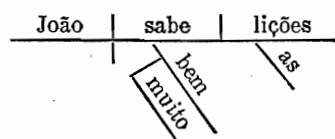
(*por Pedro* é agente da passiva; *foi louvado* é voz passiva, conjugação perifrástica).

João pôde fazer isso



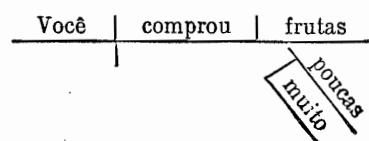
(*pôde fazer* é uma conjugação perifrástica).

João sabe muito bem as lições



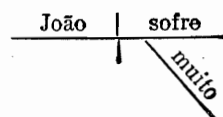
(o advérbio *muito* modifica o outro advérbio: *bem*).

Você comprou muito poucas frutas



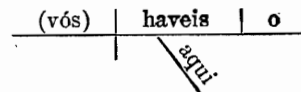
(o advérbio *muito* modifica o adjetivo: *poucas*).

João sofre muito



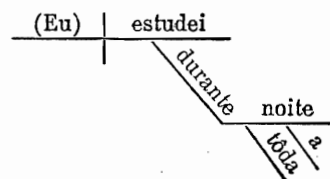
(o advérbio *muito* modifica o verbo: *sofre*).

Ei-lo aqui



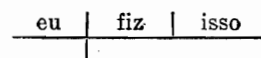
(= vós *haveis* ou *heis* o aqui (segundo Gonçalves Viana); haveis ou heis = tendes).

Estudei durante tódá a noite



(há uma preposição: *durante*).

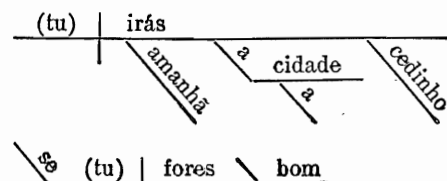
Eu é que fiz isso



(*é que* é uma expressão de realce; pode tirar-se, ficando o sentido perfeito).

* *As conjunções* (isto é, os *conetivos*), que ligam orações umas às outras, põem-se em *linha inclinada* antes da oração. Acho que assim a colocação é mais simples.

Ex.: *Irás à cidade, amanhã, cedinho, se fores bom.*



(há a conjunção condicional: *se*).

Ergui-me, logo que o mestre chegou

(eu)	ergui	me
------	-------	----

(há a conjunção subordinativa *logo que*).

<i>logo que</i>	mestre	chegou
	o	

Irás, se bem que não o mereças

(tu)	irás
------	------

(há a conjunção: *se bem que*) (o = isso: se bem que não mereças *isso*).

<i>se bem que</i>	(tu)	mereças	o
			não

Substituição de frases por outras de formas diversas e sentido equivalente

(O estudante deve ir ao dicionário e substituir certas palavras por outras, por sinónimos. Deve procurar, sobretudo, desenvolver o mesmo pensamento, que está numa frase, usando uma forma sua, com traços pessoais, com colorido seu).

Ex.: «Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba! Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda, aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias, ensombradas de coqueiros! Serenai verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro, manso resvale à flor das águas!» (José de Alencar).

(jandaia = um pássaro; fronde = ramagem; carnaúba = uma palmeira; esmeralda = pedra preciosa, verde; perlongar = costear; resvalar = deslizar).

(SUBSTITUIÇÃO)

Ondas *verdes e rebeldes*, que banhais o meu berço querido, onde, por sôbre as ramagens da carnaúba, a jandaia arisca solta a harmonia branda do seu cânto matinal!

Ondas verdes, que resplendeis como uma grande esmeralda liquefeita, sob as flechas do sol levante, costeando as areias claras da minha terra, pontilhadas pela esguia sombra de altíssimos coqueiros!

Abrandai a vossa rebeldia, ondas verdes, e alisai suavemente a crista do trêfego escarcéu, a fim de que o batel, que vai à ventura, deslize brandamente à tona da água mansal!

(à ventura = à-toa, ao acaso; pontilhadas = pontuadas, marcadas com pontos; trêfego = irrequieto; escarcéu = onda enorme; à tona de = = à flor de, ao lume de).

Conversão de frases compostas em frases simples

(O estudante deve atender à *clareza*. Se um período é, por exemplo, longo, deve transformá-lo em vários períodos, com o sentido mais simples, mais claro, mais evidente, conforme o seu gosto literário).

Ex.: «Pelo límpido azul já sem sol, antes que se lhe esvaia, de todo, o ouro dos seus átomos de luz, mas quando o crepúsculo entra a desmaiar do seu brilho a safira celeste, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se acentua em negro na cúpula do firmamento, lá, bem no alto, bem de cima, como se a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente do além, varasse ali a redondeza anilada («As andorinhas de Campinas», Rui Barbosa).

* Rui Barbosa refere-se a enorme bando de andorinhas, que chega a Campinas, numa tarde, ao pôr do sol. A *safira celeste* é a abóbada azul do céu. O *ponto retinto*, isto é, de côr carregada, é o bando de andorinhas. A redondeza *anilada* = *azulada*.

(CONVERSÃO)

É ao pôr do sol. O ouro dos átomos de luz ainda não se esvaiu por completo, do límpido azul do céu. O crepúsculo começa a desmaiar do seu brilho a safira celeste. Um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se acentua em negro na cúpula do firmamento, lá, bem no alto, bem de cima, como se a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente do além, varasse ali a redondeza anilada.

(átomos de luz = partículas muito pequeninas de luz; esvair = = dissipar-se, desmaiar, desaparecer; crepúsculo = pequena claridade depois do sol pôsto; os longes mais remotos = lugares distantes, mais afastados; cúpula = abóbada).

Transformação de orações coordenadas em subordinadas e vice-versa

(O estudante deve dar uma forma ao período, em que apareçam *as conjunções subordinativas*, as quais dão origem a orações subordinadas).

Ex.: [«Nosso céu tem mais estrêlas,
[nossas várzeas têm mais flores,
[nossos bosques têm mais vida,
[nossa vida mais amôres»]

(Gonçalves Dias)

(TRANSFORMAÇÃO)

A primeira oração é *Principal*: «Nosso céu tem mais estrêlas». As outras são *coordenadas assindéticas* (não começam por conjunção).

Podemos transformar a *Principal e coordenadas*, em *subordinadas*, da maneira seguinte, por exemplo:

Vejam todos (*principal*) / *que* nosso céu tem mais estrêlas, / *que* nossas várzeas têm mais flores, / *que* nossos bosques têm mais vida, / *que* nossa vida (tem) mais amôres. (*Orações subordinadas integrantes, objetivas*).

* *Transformação de subordinadas em coordenadas.* (O estudante deve dar uma forma ao período, em que apareçam as *conjunções coordenativas*, as quais dão origem a *orações coordenadas*).

Ex.: «Pelo límpido azul já sem sol, antes que se lhe esvaia, de todo, o ouro dos seus átomos de luz, mas quando o crepúsculo entra a desmaiar do seu brilho a safira celeste, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se acentua em negro na cúpula do firmamento, lá, bem no alto, bem de cima, como se a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente do além, varasse ali a redondeza anilada» (Rui Barbosa).

(TRANSFORMAÇÃO)

O límpido azul está já sem sol, / e não se lhe esvaiu de todo o ouro dos seus átomos de luz, / *mas* o crepúsculo entra a desmaiar do seu brilho a safira celeste; / um ponto retinto perde-se nos longes mais remotos, / acentua-se em negro na cúpula do firmamento, lá, bem no alto, bem de cima, / (parece) uma seta, / desfecha-se perpendicularmente do além / *e* vara ali a redondeza anilada.

A 1.^a Oração é principal; as outras são *coordenadas sindéticas* e *assindéticas*.

Passagem de orações conjuncionais a reduzidas e vice-versa

* *Orações conjuncionais*, isto é, que começam por *conjunções*. Ex.: *Logo que o jantar acabou* / , saímos.

A primeira oração é conjuncional: (é subordinada temporal).

* *Orações reduzidas*, isto é, orações implícitas, sintéticas, concisas, curtas, em poucas palavras. Usam-se com o *infinito*, com o *gerúndio* (isolado) e com o *particípio passado* (isolado).

(TRANSFORMAÇÃO)

de conjuncionais
a reduzidas:

Ex.: *Logo que o jantar acabou, / saímos*
(a 1.^a oração é conjuncional: é subordinada temporal).

= *Acabado o jantar, / saímos*
(a 1.^a oração, agora, é reduzida; é participial).

Ex.: *Basta / que sejamos bons*
(a 2.^a oração é subordinada integrante).

= *Basta / sermos bons*
(a 2.^a oração, agora, é reduzida; é infinitiva, equivalente a uma integrante).

Ex.: *Triunfarás, / se quiseres*
(a 2.^a oração é subordinada condicional).

= *Triunfarás, / querendo*
(a 2.^a oração, agora, é reduzida; é subordinada gerundial, equivalente a uma condicional).

de reduzidas a
conjuncionais:

Acabado o jantar = logo que o jantar acabou.

Feitas as partilhas = logo que as partilhas foram feitas.

Chegando a casa = logo que chegou a casa.

É preciso / dizeres a verdade = que digas a verdade.

NOTA: As *gerundiais modais* não têm transformação, porque não se podem dizer de outro modo. Ex.: A moça saiu da sala, *bailando*.

Bailando é uma oração subordinada gerundial, modal. A oração reduzida *bailando*, não tem transformação, a não ser: *a bailar*. Mas *a bailar* é também uma oração reduzida infinitiva.

A CONCORDÂNCIA

CONCORDÂNCIA DO VERBO COM O SUJEITO; E OUTRAS OBSERVAÇÕES

REGRA GERAL: Concorda em número e pessoa.

1

Eu, *tu* e *ele* somos *bons*.

Os sujeitos são do singular e um é da 1.^a pessoa.
O verbo vai para a 1.^a pessoa do plural.

2

Tu e *ele* sois *bons*.

Os sujeitos são do singular. Não há nenhum da 1.^a. Há um da 2.^a; o verbo vai para a 2.^a do plural.

NOTA: É, porém, comum nas cartas: «Estimo que *tu* e tua família *estejam* de saúde».

Há alguns exemplos de bons escritores que contrariam esta regra e a anterior. Ex.:

«Dize-lhe que não há sobre a terra um lugar onde *caibam* ele, eu e o meu ódio» (Herculano; «O Bôbo», pág. 179).

«E assim tu agora sacrificas, para que nós e os Deuses te *honrem*», (Bernardes, «Estímulo prático», pág. 89).

«A ver se tu e outros se *convencem* e se *fazem* também pregadores» (Castilho, «Colóquios», pág. 193).

«A viscondessa, tu e quanta mulher há, *vão-se* com Belzebu» (Castilho, «Avarento», ato V, Cena VII).

«De que me serve a minha inocência, de que Deus e tu *são* testemunhas?» (Garrett, «Alfageme»).

«E S. Ex.^a respondera, declarando que aceitaria sob a condição de *amurem* o Barão do Rio Branco e eu». (Carta; Rui Barbosa).

3

A pena e o lápis fazem bom serviço.

Os sujeitos são da 3.^a pessoa do singular. O verbo está depois dêles; vai para a 3.^a do plural.

NOTA: Encontram-se, porém, raramente exemplos em contrário, quando o sujeito é constituído por palavras com *sentido semelhante* ou tomadas como um *todo*. Ex.: «A vida e o tempo nunca pára» (Vieira). «Que ameaço divino ou que segredo *este clima e este mar* nos apresenta?» (Camões). «Roma e Pavia não se fez num dia» (antigo *rifão português*). «*Casamento e mortalha* no céu se talha» (*rifão antigo*).

Faz ou fazem bom serviço a pena e o lápis.

Se a tanto me *ajudar* (ou *ajudarem*) o engenho e a arte (Camões). (Se Camões tivesse escrito *ajudarem*, o verso teria ficado errado).

Passará ou passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.

Os sujeitos são da 3.^a do singular. O verbo está antes dêles; vai para a 3.^a do singular ou 3.^a do plural.

4

As penas e os lápis fazem bom serviço.

Fazem bom serviço as penas e os lápis.

Os sujeitos são da 3.^a pessoa do plural. Quer o verbo esteja antes, quer esteja depois, vai para a 3.^a do plural.

5

a) *As penas e o lápis fazem bom serviço.*

Há um sujeito da 3.^a pessoa do plural (as penas) e um da 3.^a pessoa do singular (o lápis); o verbo está depois; vai para a 3.^a pessoa do plural.

b) *Fazem bom serviço as penas e o lápis.*

O verbo *está antes*; como o sujeito da 3.^a pessoa do plural (as penas) está primeiro, o verbo vai para a 3.^a do plural (fazem).

c) *Faz ou fazem bom serviço o lápis e as penas.*

O verbo *está antes*; como o sujeito da 3.^a pessoa do singular (o lápis) está primeiro, o verbo vai para a 3.^a do singular ou 3.^a do plural (faz ou fazem).

6

Nós é que fizemos isso (= Nós fizemos isso).

Eu é que fiz isso (= Eu fiz isso).

Nestas frases, *é que* é uma expressão de realce ou locução expletiva ou decorativa. Pode-se tirar, ficando bom o sentido.

Eu fiz isso.

Nós fizemos isso.

Outros dizem: *que* é conjunção integrante. É fato *que* nós fizemos isso.

NOTA: Há partículas expletivas, como: *que, lá, cá, não*. Ex.: Que saudades *que* eu tenho = que saudades eu tenho! Você *lá* sabe o que lhe convém = Você sabe o que lhe convém. Eu *cá* não sei nada disso = eu não sei nada disso. Há três dias *que* ele disse *que* vai = ele disse há três dias *que* vai. Quantos *não* morreram na luta! = Quantos morreram na luta!

7

1) *Qual de vós é feliz?*

2) *Quais de vós sois felizes?*

3) *Quantos de vós sois felizes?*

No 1.º exemplo, o verbo (*é*) concorda com *qual*; no 2.º e no 3.º, o verbo (*sois*) concorda com o pronome *vós*.

8

1) *O Amazonas é largo* (= O rio Amazonas é largo).

2) *Penas é um substantivo* (= A palavra penas é um substantivo).

3) *Os Estados-Unidos declararam-lhe guerra*.

No 1.º e no 2.º exemplo, o verbo (*é*) concorda, respectivamente, com *rio* e *palavra*, termos subentendidos. No 3.º exemplo, a concordância é regular, isto é, o verbo (*declararam*) concorda com *Estados-Unidos*.

Não se deve dizer: Os Estados-Unidos *declarou-lhe* guerra.

9

1) *Sou eu quem paga.*

2) ou: *Sou eu que pago.*

No 1.º caso, a frase é igual a: *Sou eu aquêlle que paga* ou: *sou eu a pessoa que paga*. No 2.º caso, o verbo (*pago*) concorda com o pronome *eu*.

NOTA: Poder-se-á dizer:

Sou eu quem pago?
És tu quem pagas?
Somos nós quem pagamos?
Sois vós quem pagais?
São êles quem pagam?

Muitos dizem que não, porque o pronome *quem* é da 3.ª pessoa do singular, e, portanto, o verbo deve sempre estar na 3.ª pessoa do singular (ex.: *sou eu quem paga; és tu quem paga, somos nós quem paga, etc.*).

Mas são abundantes os exemplos de bons autores, apresentados pelo eminente Rui Barbosa na «Réplica», que provam que também se pode dizer: (*sou eu quem pago; és tu quem pagas, somos nós quem pagamos, etc.*)

Nós fomos *quem* no berço o *embalamos* (Filinto Elísio).

Ou sou eu *quem sei* concluir prodígios tais? (Castilho).

Sois vós *quem* lha *deveis* (Castilho).

Ex.: E em nome tal és tu *quem falas* (Garrett).

Não foram êles só *quem* vos *imitaram* (Manuel Bernardes).

Pois fui eu *quem* lhe *vali* (Camilo).

(Estes dois últimos exemplos são citados por Mário Barreto nos «Novos Estudos»).

1) *Sou eu o que paga*

2) ou: *Sou eu o que pago.*

- 1) *Sou eu aquêlê que paga.*
- 2) ou: *Sou eu aquêlê que pago.*

São abundantes os exemplos dos bons mestres, que provam a legitimidade destas expressões.

10

Quatro mil cruzeiros é pouco.

Quinhentos cruzeiros é muito.

Estas frases, que se referem a quantidade, e em que o verbo não concorda com o sujeito, são comuns no linguajar do povo e nos bons escritores.

NOTA: É comum e vernáculo dizer-se: *Faltam 3 dias; quantos são hoje? (e não: quanto é hoje?); hoje, são 23; bastam 3 dias.*

*Dir-se-á: — Quantos são hoje? — Hoje são 23. Ou então: Que dia é hoje? — Hoje, é 23. A resposta é dada conforme a pergunta. *Hoje são 23 dias do mês, ou: hoje é o dia 23 do mês.*

11

- 1) *Fui eu um dos que fizeram isso.*
- 2) *Fui eu um dos que fêz isso.*

Muitos dizem que apenas se pode dizer: *fui eu um dos que fizeram isso*, isto é, o verbo depois de *um dos que* (ou: uma das que) vai para a 3.^a pessoa do plural.

É certo, porém, que se encontram também exemplos nos grandes mestres a favor do 2.^o exemplo: *fui eu um dos que fêz isso*, como Rui Barbosa mostra na «Réplica».

Ele foi um dos que muito *contradissee* (Fernão Lopes).

Um dos capitães que nesta peleja se *achou* (Damião de Góis).

Esta ilha... é uma das maiores que se *sabe* em todo o descoberto (*idem*).

Uma das maiores ditas que se *viu* (Jorge Ferreira).

Esta cidade foi uma das que mais se *corrompeu* (Frei Luís de Sousa).

Uma das cousas que *dava* o principal ser... (João de Barros).

Uma das cousas que *derrubou* a Galba (Manuel Bernardes).

Uma das felicidades que se *contava* entre as do tempo presente (Vieira).

Foi um dos governadores que mais *impulsionou* (Camilo).

Eu sou um dos que *fiz* (Garrett).

(Acrescenta Rui Barbosa: «Nem se trata, nesses casos, de uma anomalia portuguesa. Os franceses têm a mesma construção. Se-

{ gundo a *Academia francesa*, tanto se poderá dizer: « L'astronomie est une des sciences qui *fait* le plus d'honneur à l'esprit humain », como: « L'astronomie est une des sciences qui *font*... »).

12

{ <i>Um e outro sabe isso</i>	ou: <i>Um e outro sabem isso.</i>
{ <i>Nem um nem outro sabe isso</i>	ou: <i>Nem um nem outro sabem isso.</i>
{ <i>mais de um sabe isso</i>	ou: <i>Mais de um sabem isso.</i>

NOTA: *Mais de dois estão armados* } Nestes casos, o verbo irá
Mais de mil estão armados } para o plural

13

O João com todos os amigos tinha ou tinham frio.

NOTA: Mas dir-se-á apenas:

Tinha frio o João com todos os amigos.

14

{ 1) <i>João, como Pedro, tinha frio</i>
{ 2) ou: <i>João como Pedro tinham frio.</i>
{ 1) <i>João, assim como Pedro, tinha frio</i>
{ 2) ou: <i>João assim como Pedro tinham frio.</i>

NOTA: Estas frases são vernáculas. No 1.º caso, a frase é igual a: *João tinha frio, como Pedro tinha frio.* No 2.º caso, a frase é igual a: *João e Pedro tinham frio.* Razão: Dá-se a *como* (ou: *assim como*) o valor de *e*.

15

{ <i>Nem... nem...</i>
{ <i>Ou... ou...</i>

Em frases, em que haja estas disjuntivas, o verbo irá para o singular, se houver *exclusão*; se não houver, irá para o plural.

Ex.: Ou o pai ou o filho *será* eleito presidente (há exclusão, porque só um pode ser presidente). Ou o pai ou o filho *lhe poderão* dizer a verdade (não há exclusão).

16

- { { E' tempo de eles partirem... } (bem)
 { No caso de os mandar para lá... }
 Não se pode escrever: *No caso dêles partirem...*; *no caso dos mandar para lá*, porque o *sujeito* (êles), ou o *objeto direto* (os) não podem ser regidos de preposição.

17

- { *Elas parecem ser boas*
 ou: *Elas parece serem boas*. Esta frase é igual a:
Parece que elas são boas.

18

- { *Custa-me muito aprender isto* { (bem) = Aprender isto custa-me muito.
Custou-me muito aprender isto { = Aprender isto custou-me muito.
 NOTA: E' erro grosseiro dizer-se: *Eu custo* ou *eu custei* muito para aprender isto.

19

- { *O Presente histórico.*
 Emprega-se, às vezes, o *presente* em vez de *passado* e do *futuro*.
 Ex.: Napoleão *diz* aos soldados: «Do alto destas pirâmides 40 séculos vos contemplam!»
Diz está em vez de *disse*.
 Amanhã, *levanto-me* cedo e *vou* à cidade. Em vez de: *amanhã, levantar-me-ei* cedo e *irei*...

20

- { *Mais-que-perfeito do indicativo.* Usa-se, às vezes, em vez do *imperfeito do subjuntivo*. Ex.: Se *eu fizera* isso, não estaria agora assim = se *eu fizesse* isso...

21

- { *O Infinito em vez do imperativo.*
 Ex.: *Deixar* falar modernos e modernices (Garrett) (em vez de *deixai* falar...)

22

Talvez.

Diz-se em português: *Talvez* isto *seja* bom (o verbo está depois; vai para o subjuntivo). Isto *é* talvez bom (o verbo está antes; vai para o indicativo).

23

Não me ofendeu só a mim; parece-me a mim.

Disse-lho a ele.

São expressões puras, pleonásticas, para haver mais realce.

CONCORDÂNCIA DO ADJETIVO COM O SUBSTANTIVO

1

	<i>lápiz bom</i>	<i>pena boa</i>
	<i>lápiz bons</i>	<i>penas boas</i>

A concordância, como se vê, faz-se em gênero e número.

NOTA: Os adjetivos têm sentido diferente conforme estão antes ou depois do substantivo. Ex.: um *homem grande* (=alto) e um *grande homem* (=ilustre). Rui foi um *homem pequeno* e um *grande homem*.

2

O pai, a mãe e a filha, cheios de fome.

Havendo vários substantivos masculinos e femininos do singular, o adjetivo vai para o masculino plural, que é o gênero mais nobre.

NOTA: As vezes, o adjetivo só se refere a um dos substantivos, e, nesse caso, concordará só com esse. Ex.: «O casaco e o chapéu *redondo* pertenciam-me». (*Redondo* só se refere a *chapéu*).

3

	<i>Eu mesmo</i>	<i>Nós mesmos</i>	<i>Eu próprio</i>	<i>Nós próprios</i>
	<i>Eu mesma</i>	<i>Nós mesmas</i>	<i>Eu própria</i>	<i>Nós próprias</i>

Os adjetivos *mesmo* e *próprio* concordam com o nome, que os pronomes *eu* e *nós* representam: — *eu*

(homem) *mesmo*; *eu* (mulher) *mesma*. Diz-se *conosco*, *convosco*; mas dir-se-á: *com nós mesmos*, *com vós mesmos*. (Contudo, escreveu Bernardes: *conosco mesmos*).

4

Um e outro moço.
Uma e outra moça.
 Os substantivos *moço* e *moça* ficam no singular.

5

- 1) As Literaturas brasileira e portuguesa.
 - 2) ou: A Literatura brasileira e portuguesa.
- São concordâncias perfeitas.

NOTA: Observem-se, porém, as seguintes frases legítimas, em que há apenas substantivos.

Os meus cunhados Pedro e Paulo
Os meus irmãos José e Jorge.

6

Na página trinta e duas.
 ou: *Na página trinta e dois.*
A páginas duzentas e quarenta e duas.

São numerais cardinais que não concordam, senão pelo sentido, com o substantivo *página*. Se empregássemos numerais ordinais, o que não se usa, diríamos:

Na página trigésima segunda.
Na página ducentésima quadragésima segunda.

NOTA: Os advogados, nos tribunais, também dizem constantemente: A folhas vinte e *duas* do processo; a folhas vinte e *uma*, etc.

7

Qual... tal...

Qual é qualificativo quando se emprega como correlativo de *tal*. Ex.: «*Qual* o rei, *tal* a grei». «*Qual* é Maria, *tal* filha cria» (aforismos).

* *Qual* usa-se também como pronome indefinido

Ex.: *Qual* do cavalo voa que não desce;

Qual, co cavalo em terra dando, geme; (Camões).

Qual = um (do cavalo voa..)

Qual = outro (co cavalo em terra dando, geme).

* *Qual* é também interjeição. Ex.: *Qual!* Você engana-se.

* A *qual*. Em português, ainda do século XIX, usava-se *o qual*, *a qual*, com o sentido da *cada qual*.

Ex.: Um sistema de regras, *a qual* mais desvairada (= *cada qual* mais desvairada) (Garrett).

8

{ *Como se a não tivera merecida...*

Repare nestes versos de Camões:

« Vendo o triste pastor que com enganos

Assim lhe era negada a sua pastora,

como *se a não tivera merecida*, »

Merecida, no participio passado, concorda com o pronome feminino *a*, objeto direto que está antes. É concordância antiga, que ainda hoje se vê em francês (ex.: la lettre que j'ai écrite), pois o objeto direto está antes do verbo.

Hoje, dir-se-ia: « como se a não tivera (ou tivesse) *merecido* ».

9

São e *Santo*. Diz-se *Santo* antes dos nomes começados por vogal. Ex.: Santo Antônio. Diz-se *São* antes dos começados por consoante. Ex.: *São Pedro*.

Há exceções: *Santo Tirso*, *Santo Cristo*, *Santo Padre*, *Santo Jó*, *Santo Gral*, *Santo Rio* (= Rio Ganges). *São Tiago* vem de Santo + Iago. *Santo Tomás* era muito usado outrora, como se vê em Vieira: « argumenta assim Santo Tomás »; mas hoje, em Portugal, quase todos dizem *São Tomás*; ouve-se também *Santo Tomás*, devido à importância atual da neo-escolástica, para se distinguir o grande filósofo cristão.

CONCORDÂNCIA DO APOSTO OU CONTINUADO

Apôsto (= *pôsto junto de*) ou *continuado* (= que continua o sentido da palavra anterior) é um substantivo que explica o substantivo que o precede. A concordância faz-se em gênero e número; há inúmeros casos, porém, em que tal se não dá.

A inveja, causa de tantas questões...

(*causa* concorda com *inveja*)

João, filho de Pedro, moderava a rédea leve do reino (Camões).

(*filho* concorda com *João*)

Ex.: *Este monumento, obra admirável.*

(*obra* não concorda com *monumento*)

A lua, pastor bendito (Guerra Junqueiro).

(não concorda)

As minhas filhas, orgulho da minha alma.

(não concorda)

CONCORDÂNCIA DO ATRIBUTO COM O SUJEITO

Atributo é o complemento dos verbos *ser*, *estar*, *parecer*, *ficar* e outros chamados *neutros* ou de *ligação*.

1

A concordância faz-se, geralmente, em gênero e número.

Ex.: { *Júlia é a autora do livro.*
 Jorge é o autor do livro.

2

- { 1) *Estes bravos são o orgulho do Brasil.*
 2) *Este livro é os encantos de Júlia.*

No 1.º caso, *orgulho*, que é o atributo, está no singular, e o sujeito (*estes bravos*) está no plural.

No 2.º caso, *encantos*, que é o atributo, está no plural, e o sujeito (*este livro*) no singular.

3

E' *preciso* *cautela* (Camilo).
Maçã é *bom* para o estômago.

Nestes dois casos, os atributos *preciso* e *bom* não concordam com os sujeitos *cautela* e *maçã*. O sentido é abstrato, vago; *preciso* e *bom* estão, por assim dizer, no gênero neutro; êstes casos são um vestígio do gênero neutro latino.

Se dissermos, concretamente:

Essa maçã é *boa* para o estômago,
Essa cautela, que você teve, foi *boa*,
 a concordância, então, é regular.

4

Estes rapazes e estas moças são *cuidadosos*.

Cuidadosos está no gênero masculino plural, porque o gênero masculino é o mais nobre.

5

A sua melhor obra são «Os Sertões».

Muita gente pensa que seria melhor: «a sua melhor obra é «Os Sertões». Em português, o que é comum, é: «A sua melhor obra são «Os Sertões» = «Os Sertões» (sujeito) são a sua melhor obra (atributo). A melhor obra de Camões são os «Lusiadas» = os «Lusiadas» são a melhor obra de Camões.

CONCORDÂNCIA DO PRONOME COM O NOME

Regra geral: Concorda em gênero e número.

Ex.: O melro eu conheci-o (Guerra Junqueiro).

Júlia eu vi-a na rua.

1

O filho e as filhas eu vi-os na rua.

O pronome *os* está no gênero masculino plural, porque o gênero masculino é o mais nobre.

2

Êles estão tristes, mas eu não o estou.

Esta frase é igual a: *êles estão tristes, mas eu não estou isso* (não estou *triste*). O pronome *o* está, por assim dizer, no gênero neutro; é um vestígio do gênero neutro latino.

3

Tudo e tudo o (= tudo aquilo).

Diz-se normalmente: *Tudo o que disse o rei, tudo o que fizeste* (= *tudo aquilo* que disse o rei, *tudo aquilo* que fizeste). Encontram-se, porém, exemplos em bons escritores, em que se vê apenas: *tudo*. Ex.: «Em *tudo* que fôr possível (Castilho).

SINTAXE DAS CATEGORIAS GRAMATICAIIS

Sintaxe do substantivo

1

Às vêzes, o substantivo adjetiva-se.

Ex.: Haviam de achar homens *troncos* (entroncados), homens *pedras* (petrificados) (Vieira).

2

Às vêzes, o adjetivo substantiva-se.

Ex.: Os *brutos* (= os homens brutos) vencem, mas não convencem.

3

O substantivo é, às vêzes, modificado por um advérbio.

Ex.: A vida *assim* (dêste modo) é boa.

Desceu rio *abaixo*...; navegou rio *acima*...

4

A *Bahia* é boa terra.

O *Pôrto* foi cercado por D. Pedro (cidade do Pôrto).

Bebi um *Pôrto* de honra.

A *Guarda* é bela (a cidade da Guarda).

Os nomes próprios, que vêm de nomes comuns, conservam, às vêzes, o gênero destes (como *baía*, *pôrto*, *guarda*).

5

O *filho-famílias*. Neste substantivo antigo, *famílias* representa o *genitivo* latino = *filho de família* (como *pater-famílias* = pai de família; *mater-famílias* = mãe de família).

Ex.: Quanto ao consórcio dos *filhos-famílias*... (Herculano).

NOTA: O Voc. brasil. traz: *filho-família* ou *filho-famílias*.

6

Às vêzes, o substantivo é repetido, para dar mais ênfase à idéia.

Ex.: Levei horas e horas, dias e dias, a fazer isto.

Sintaxe do adjetivo

1

Nas comparações, escreve-se *que* ou *do que*.

Ex.: João é mais lindo *que* Pedro (ou *do que* Pedro).

2

As expressões *bom senso*, *bom gosto*, *bom humor*, *mau humor*, *boa fé*, *boa vontade* são consideradas como substantivos compostos. Por isso nas comparações não se deve estranhar o advérbio *mais* antes de *bom*, *boa* (mais bom, mais boa).

Ex.: Na discussão mostrou *mais bom senso* do que ele (João Francisco Lisboa). Por *mais boas obras* que fizesse, nem o mesmo Cristo o podia absolver (Vieira).

3

Nos superlativos não se deve dizer por exemplo: O homem *o mais sábio do mundo* deve ser humilde. É um galicismo. Deve dizer-se: *O homem mais sábio do mundo* deve ser humilde.

4

Às vezes, encontra-se, em português antigo, o superlativo absoluto sintético em vez do relativo. É vestígio do latim.

Ex.: Brandão, *o judiciosíssimo* dos nossos historiadores (Castilho). Em vez de: *o mais judicioso*.

5

Algo de lindo, *nada de novo*, *o que há de bom*, *um pouco de água* (e também: *uma pouca de água*). São expressões puras, vestígios de construção latina como: *nihil novi* = nada de novo: *aliquid pulchri* = algo de lindo.

6

Plural de adjetivos que indicam côr

1) *adjetivos compostos de 2 adjetivos*:

Em geral, o 1.º adjetivo fica invariável, no masculino do singular; o 2.º concorda com o substantivo.

Ex.: Quadros *verde-claros* e *verde-escuros* (Eça)

As ondas *negro-azuis* (Herculano)

Olhos *pardo-escuros* (Afonso Arinos)

* As vêzes, os 2 adjetivos concordam:

Ex.: listas *azuis-claras* (Ramalho Ortigão)

linhas *azuis-ferrêtes* (Eça)

* As vêzes, a 2.ª palavra pode ser substantivo ou adjetivo.

Ex.: dêsses lábios *escarlata* (João de Deus)

(*escarlata* é substantivo; quer dizer: lábios de côr *escarlata*)

Ex.: pintas *escarlates* (Ramalho)

(*escarlates* é adjetivo)

2) *expressões adjetivas compostas* (1 adjetivo, que indica côr e 1 substantivo, que lhe restringe a significação). Ficam invariáveis.

Ex.: ramagens *verde-garrafa* (Eça)

um par de luvas *verde-gaio* (Camilo)

NOTA: Encontram-se exceções a estas regras nos escritores. O que é comum, porém, na nossa língua é usar-se a preposição *de*; ou as locuções *de côr*, *da côr de*, *côr de*:

Ex.: { ramagens *da côr verde* de garrafa
um par de luvas *da côr verde* de gaio
Olhos *de verde-mar* (Gonçalves Dias)
Olhos *côr de esperança* (Gonçalves Dias)
Olhos verdes *da côr do prado* (Gonçalves Dias)

(Exemplos colhidos em «Trechos seletos», de um ponto de Sousa da Silveira).

7

Artigos ou adjetivos articulares

Os artigos têm importância no sentido da frase.

{ João, *filho de Pedro* (não sabemos se há ou não mais filhos de Pedro).

João, *o filho de Pedro* (= há só um filho).

João, *um filho de Pedro* (= há outros filhos).

8

Os artigos arcaicos *lo*, *la* ficaram nas frases feitas inteiramente desusadas hoje: *a la fé*, *a la par*, *a la mira*, *a l'obra*.

Ex.: *A la fé* que não o sei eu (Herculano).

9

Possessivos

1) Diz-se *o meu livro*, ou só: *meu livro*; *o teu livro*, ou só: *teu livro*; etc.

2) Em vez dos possessivos, pode empregar-se o pronome oblíquo.

Ex.: Dói-me a cabeça (= a minha cabeça dói).

Quebrei-lhe os dentes (= os seus dentes).

3) *Seu, sua, seus, suas* { Cada um destes possessivos tem 4 significações: *dêle*, *dela*, *dêles*, *delas*.

NOTA: As vêzes, há ambigüidade, e o escritor põe à frente do possessivo: *dêle*, *dela*, *dêles*, *delas*.

Ex.: O seu grande amigo (*dela*) (Garrett).

10

Demonstrativos

1) *Este* livro é bom (está perto)
Esse livro é bom (está afastado)
*Aquê*le livro é bom (está ainda mais afastado).

2) *Mesmo* (adjetivo demonstrativo).

Ex.: Eu *mesmo* fiz isso.

Mesmíssimo — é o grau superlativo.

Ex.: Usou os *mesmíssimos* argumentos.

Mesmo (pronome demonstrativo).

Ex.: Quem fez isto é *o mesmo* que esteve aqui ontem.

Mesmo (advérbio) = nem sequer, ainda assim, até.

É um galicismo já arraigado.

Ex.: Mesmo assim não creio nisso (= ainda).

3)

Eu mesmo *Nós mesmos*

Eu mesma *Nós mesmas*

Eu próprio *Nós próprios*

Eu própria *Nós próprias*

Os adjetivos *mesmo* e *próprio* concordam com o nome, que os pronomes *eu* e *nós* representam.

NOTA: *Vai com nós mesmos* | *Vai com vós mesmos*
Vai com nós mesmas | *Vai com vós mesmas*

Encontram-se exemplos, como: *êle vai conosco mesmo*, mas raramente.

NOTA: Eles discutiam entre *si mesmos*.
 Elas discutiam entre *si mesmas*.

O pronome *si* vem do latim *sui*, *sibi*, *se*, *se*, que tem a mesma forma, tanto no singular como no plural.

11

Relativos ou conjuntivos

1) *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais* são adjetivos, quando estão junto dos substantivos; são pronomes, quando estão sòzinhos, em vez do nome; equivalem ao pronome relativo *que*.

Ex.: Havia peões e cavaleiros; uma parte *dos quais* cavaleiros eram fidalgos.

Ex.: Júlio, *o qual* me deu um livro, é bom (= *o qual* Júlio; ou simplesmente: *que*).

2) *Qual* é *qualificativo*, quando empregado como correlativo de *tal*.

Ex.: *Qual* é Maria, *tal* filha cria.
Qual o rei, *tal* a grei.

NOTA: As vezes, subentende-se *tal*, *tais*.

Ex.: Soldados briosos, *quais* são os portugueses, não usam cousa de faiança. = Soldados briosos, *tais quais* são os portugueses... («Arte de Furtar»).

3) *a qual*, às vezes, equivale ao pronome *cada qual*.

Ex.: Um sistema de regras, *a qual* mais desvairada (Garrett) = *cada qual* mais desvairada.

4) *cujo*, *cuja*, *cujos*, *cujas* (há um substantivo antecedente, a que se referem = *do qual*, *da qual*, *dos quais*, *das quais*).

Ex.: O professor, *cujo* saber é grande... (= *o saber do qual* é grande).

Os homens, *cujos* pecados são grandes... (= *os pecados dos quais* são grandes).

Os homens, *de cujos pecados* se fala... (= dos pecados dos quais se fala).

5) *cujo* antigamente era pronome relativo e interrogativo. Hoje, não se usa, nestes casos:

Ex.: *Cujo* é este livro? = *de quem* é este livro?

O poeta lírico, *cujo* sou intérprete (Castilho) (= *de quem* sou intérprete).

12

Interrogativos

Que equivale aos adjetivos indefinidos: *quanto*, *quanta*, *quantos*, *quantas*.

Que horas são? = *Quantas* horas são?

13

Indefinidos

1) *Todo* e *todo o*.

Pode-se dizer: *Todo* homem é mortal.

ou: *Todo o* homem é mortal.

NOTA: Alguns querem que se distinga, como em francês. *Todo* = qualquer; *todo o* = completo.

Ex.: *todo* homem é mortal (= qualquer);
cobriu *todo o* homem de palha (= cobriu-o inteiramente).

Não há razão para se fazer esta distinção. Em português, a forma comum é: *todo o*.

NOTA: *Todo* depois do substantivo é adjetivo qualificativo = *total*, *inteiro*.

Ex.: O *homem todo* não é mortal = o homem *total* não é mortal (porque a alma não morre).

NOTA: Às vezes *todo* é advérbio.
Ela está *tôda molhada* = (totalmente).
Ele é *todo* doce = (totalmente).

2) *outro*, *outra*.

Às vezes, a estes antepõem-se outros adjetivos determinativos:

Ex.: *Algumas* outras cousas.
Nenhumas outras cousas.

NOTA: Às vezes, são adjetivos qualificativos.

Ex.: A questão é *outra*, muito *outra* (= *diferente*, muito diferente).

3) *Mais, menos*, podem ser adjetivos indefinidos.

Ex.: *Mais* amor e *menos* confiança.

NOTA: Podem ser substantivos, precedidos do artigo *o*.

Ex.: O *que é fiel no menos*, também é *no mais*.

4) As vezes *que*, seguido de *de*, é adjetivo indefinido (= *quanto*).

Ex.: *Que de* primores! (= quantos primores!)

Sintaxe dos numerais

1

Empregam-se os *cardinais* em vez dos *ordinais*.

Ex.: A *páginas* 34 (em vez de: na página *trigésima quarta*).

Ex.: A *página* 1943 (em vez de: na página milésima nongentésima quadragésima terceira).

2

Quando se fala de *reis, papas e séculos*, usam-se os *ordinais* até 10; para a frente, os *cardinais*.

Pedro primeiro (I)

Pedro onze (XI)

Leão primeiro (I)

Leão treze (XIII)

Século primeiro (I)

Século vinte (XX)

3

Ambos é dual (= relativo a *dois*; número que, nalgumas línguas, como o grego, designa 2 pessoas ou 2 coisas).

Ex.: *Ambos os homens; ambas as mãos*, ou: *as mãos ambas*.

NOTA: É comum ouvir-se o *galicismo*; «*todos os dois*» em vez de *ambos* ou *ambos os dois*. Muita gente acha esquisita a expressão *ambos os dois*, mas é pura, vernácula. Vê-se em escritores portugueses e brasileiros. O povo, em Portugal, ainda hoje diz: *ambos de dois*. O português culto diz: *ambos os dois*. Camões nos *Lusíadas*, canto IV, empregou: «*de ambos de dous a fronte coroadas*». «E *ambos os dois* (disseram): é uma mocetona». («Dom Casmurro», Machado de Assis). «Cega eu seja dos olhos *ambos de dous*» (Camilo, «Anátema», pág.

299). «Quebradas tivesse eu as pernas *ambas de duas*» (Camilo, «Sentimentalismo», pág. 173).

«O certo é que *ambos os dois* monges caminhavam juntos...» (Herculano, «O Monge de Cister», pág. 105). «Parecem-nos castiças *ambas as duas* formas» (Mário Barreto, «De Gram. e de Linguagem», tomo I, pág. 37). «Ambas as formas são gramaticais? São-no *ambas as duas*» (Rui, «Réplica», pág. 68).

Muita gente, até culta, ri zombeteiramente, quando ouve dizer *ambos os dois*. E acrescenta: «Não; haviam de ser *ambos os três*!» A ignorância foi sempre muito atrevida... *Ambos* é uma forma perfeita; mas, dizendo-se *ambos os dois*, a forma é *pleonástica*, tendo, portanto, mais expressão, pois o pleonasmo legítimo é uma figura de sintaxe para esse fim.

Sintaxe dos pronomes

1

Pessoais

a) <i>caso reto</i>	eu	(1. ^a pessoa singular).
	tu	(2. ^a pessoa singular).
	êle ou ela	(3. ^a pessoa singular).
	nós	(1. ^a pessoa plural).
	vós	(2. ^a pessoa plural).
	êles ou elas	(3. ^a pessoa plural).
b) <i>caso oblíquo</i>	1. ^a pessoa do singular: <i>me, mim, migo</i> (comigo).	
	2. ^a pessoa do singular: <i>te, ti, tigo</i> (contigo).	
	3. ^a pessoa do singular: <i>se, si, sigo</i> (consigo) <i>lhe, o, a</i> .	
	1. ^a pessoa do plural: <i>nos, nosco</i> (conosco).	
	2. ^a pessoa do plural: <i>vos, vosco</i> (convosco).	
	3. ^a pessoa do plural: <i>se, si, sigo</i> (consigo), <i>thes, os, as</i> .	

NOTA: *Se, si, sigo* (*consigo*) podem ser do singular ou do plural. Em latim: *sui, sibi se, se* (declinação igual, no singular e no plural). Ele lavou-se (a si mesmo). Eles lavaram-se (a si mesmos).

Ele e ela abraçaram-se (êle abraçou-a; ela abraçou-o).
 Eles não *se* falam (não falam um com o outro; estão desavindos).
 Eles discutiam entre *si* mesmos.

NOTA: Os pessoais caso reto servem para indicar o *sujeito*:

Eu estudo
 Tu estudas

e para indicar o *nome predicativo*:

Eu sou *tu* e tu és *eu* (Bernardes).

Expressões *arcaicas*, { Se eu fôsse *a ti*, quebrava-lhe a cara.
 e ainda hoje popu- { Se eu fôsse *a êle*, quebrava-lhe a cara.
 lares, em Portugal: { Eu se fôsse *a ti*... (Eça de Queirós).

As formas mais puras são: «Se eu fôsse *tu*...»; «Se eu fôsse *êle*...»

NOTA: Os pessoais caso oblíquo servem para *complementos*:

Encontra-*se* bem (objeto direto).

Deu-*se* ares de valente (objeto indireto) (=a si mesmo).

Encontrou-*me* (objeto direto).

Encontrou-*o* (objeto direto).

Disse-*lhe* (objeto indireto).

Obedeci-*lhe* (objeto indireto) (quem obedece, *obedece a alguém*).

Perdoei-*lhe* (objeto indireto) (quem perdoa, *perdoa algo a alguém*).

Quero-*lhe* bem (objeto indireto) (quem quer bem, quer bem a alguém (felicidade)).

* — A Senhora é *a professora*? (com o artigo *a*).

— Sou-*a* (ou simplesmente: *sou*); *a* é pronome pessoal oblíquo; é *nome predicativo* (=a professora).

* — A Senhora é *professôra*? (sem o artigo *a*).

— Sou-*o* (ou simplesmente: *sou*); *o* é pronome demonstrativo, neste caso = *isso*; *sou isso*. Como *professôra* não é determinada pelo artigo *a*, esqueçemo-nos da *pessoa* e temos em mente apenas o *cargo*, que ela exerce.

NOTA: Emprega-se *nós* em vez de *eu* (silepse de número; concordância, não com o que está escrito, mas com o sentido):

a) por modéstia, o escritor e o orador assim se expressam:

Nós apresentamos esta teoria... (= *eu* apresento...).

Nós julgamos que o povo... (= *eu* julgo que...).

b) como representantes de uma coletividade, o *Papa*, o *Bispo* e o *Rei* dizem:

Nós queremos que os nossos amados filhos... (= *eu* quero...).

Nós havemos por bem nomear... (= *eu* hei por bem...).

NOTA: Ele vai *conosco*, *convosco*. Mas dir-se-á, por eufonia:

{	Ele vai com nós mesmos, com nós mesmas.
	Ele vai com vós mesmos, com vós mesmas.
	Ele vai com nós próprios, com nós próprias.
	Ele vai com vós próprios, com vós próprias.

NOTA:

{	Vi-os todos, na festa	e não: vi <i>todos êles</i> , <i>tôdas elas</i> na festa, porque <i>êles</i> e <i>elas</i> não podem exercer a função de ob- jeto direto.
	Vi-as tôdas, na festa	

{	Todos êles são bons	está bem; aqui <i>todos êles</i> , <i>tôdas</i> <i>elas</i> exercem a função de sujeito.
	Tôdas elas são boas	

NOTA: Não se podem juntar os pronomes *o* e *se*.

Ex.: Isso não *se o* deve dizer. Isso não *se* deve dizê-lo. Em português puro é: isso não se deve dizer (isso não deve ser dito).

Isso não *se* pode encontrá-lo (o certo é: isso não se pode encontrar = isso não pode ser encontrado).

NOTA: V.^a Ex.^a, V.^a Senhoria, V.^a Majestade, V.^a Santidade, Fulano, Beltrano, Sicrano, Vossemecê, Você, Snr., etc., representam os pronomes pessoais da 3.^a pessoa. São *pronomes de tratamento*, de *reverência*. O verbo vai para a 3.^a pessoa.

V.^a Ex.^a *disse*...

Você é bom.

NOTA: *Se*, *si*, *consigo* são casos oblíquos, da 3.^a pessoa. São pronomes reflexivos; referem-se ao próprio sujeito do verbo.

Ex.: Ele suicidou-se.

Ele referia-se a *si* mesmo.

Ele foi-se e levou os livros *consigo*.

* Como, porém, dizemos: *vou contigo*, *vou convosco*, começou-se a dizer, por *analogia*, ao falar-se com uma pessoa, na 3.^a pessoa, por exemplo: Você vai à cidade? pois eu vou *consigo* (em vez de: *vou com você*). O Snr. não sabe? o Pedro não gosta de *si* (não gosta do Snr.). A carta queimei-a; não é por mim: é por *si* (Herculano).

Estas expressões são comuníssimas nos bons escritores e na linguagem corrente de Portugal; no Brasil, raramente se vêem.

NOTA: Os antigos usavam as formas *dêles*, *delas* como pronomes partitivos (= *alguns dêles*, *algumas delas*, *uma parte dêles*, *uma parte delas*); hoje, não se usam.

Dêles fazem que não ouvem, (= *alguns dêles* fazem...) e *êles* ouvem muito bem;

dêles fazem que não vêem (= *alguns dêles*...) e *dêles*... (= e *alguns dêles*...) (Gil Vicente) (Século XVI).

2

Possessivos

- 1) O pronome possessivo pode ser substantivado.

Ex.: «A justiça consiste em dar *o seu* a seu dono» (*o seu* = o que é seu; a sua coisa, a sua propriedade).

- 2) Às vezes o artigo antes dos possessivos (tanto adjetivos como pronomes) muda o sentido da frase.

Ex.: $\left\{ \begin{array}{l} \text{Este é } \textit{meu} \text{ filho (há mais filhos).} \\ \text{Este é } \textit{o meu} \text{ filho (há só um filho).} \\ \text{Este livro é } \textit{teu} \text{ (pertence-te).} \\ \text{Este livro é } \textit{o teu} \text{ (há livros de várias pessoas, e há um} \\ \text{que pertence a determinada pessoa).} \end{array} \right.$

- 3) Observem-se estas expressões, em que os possessivos têm sentido diferente, conforme estão antes ou depois de *certos substantivos, que indicam afeição*:

João, as *minhas* saudades são muitas (= as saudades que eu tenho de ti).

E tu tens saudades *minhas*? (= tens saudades de mim?).

3

Demonstrativos

- 1) *Isto, isso, aquilo* são pronomes demonstrativos neutros.

Sei *isto* (= esta coisa).

Sei *isso* (= essa coisa).

Sei *aquilo* (= aquela coisa).

NOTA: Às vezes, são adjetivos, antes de outros pronomes neutros:

Ex.: *isto* tudo, *isso* tudo, *aquilo* tudo, *isto* mesmo, *isso* mesmo, *aquilo* mesmo.

- 2) *Mesmo* é pronome neutro, às vezes.

Ex.: $\left| \begin{array}{l} \text{Pense bem ou mal de mim, é } \textit{o mesmo} \text{ (= isso é o mes-} \\ \text{mo = isso é a mesma coisa).} \end{array} \right.$

- 3) *Tal* é pronome, às vezes.

Ex.: $\left| \begin{array}{l} \text{Você pensa que houve fraude; não houve } \textit{tal} \text{ (= não houve} \\ \textit{tal coisa).} \end{array} \right.$

NOTA: Às vezes, é adjetivo (posto antes ou depois de substantivo, ou quando é correlativo de *qual*).

Ex.: *Tal* rei, *tal* grei (= como é o rei, assim é o povo).

Qual a mãe, *tal* a filha.

Casos *tais* são raros.

- 4) Às vezes, põe-se a conjunção *como*, entre o demonstrativo e o substantivo; e também entre o artigo *um*, *uma* e o substantivo.

Ex.: Este *como* grito de ódio impressionou o povo.
Sinto passar em volta de nós uma *como* aura fugitiva (Herculano).

4

Relativos

- 1) $\left\{ \begin{array}{l} o \text{ que } (= \text{aquêle que}) \\ a \text{ que } (= \text{aquela que}) \\ os \text{ que } (= \text{aquêles que}) \\ as \text{ que } (= \text{aquelas que}). \end{array} \right.$

* Há um pronome demonstrativo (*o*, *a*, *os*, *as*), e um relativo (*que*).

NOTA: *o que*, quando significa *aquilo que*, também contém dois pronomes: 1) *o* = *aquilo*; é pronome demonstrativo neutro; 2) *que* é pronome relativo.

Ex.: Sei *o que* dizes (= sei *aquilo que* dizes).

NOTA: *o que* também equivale, às vezes, só a um pronome relativo (= a qual coisa), resumindo o sentido de uma frase anterior.

Ex.: Procedeste mal, nesse caso, *o que* muito me admira (= *a qual coisa, o qual fato muito me admira*).

- 2) *Quem* (= *aquêle que*, *o que*, *a pessoa que*).

Ex.: Sou eu *quem* paga (= ou eu *aquêle que* paga).

* *Quem* refere-se, geralmente, a *pessoas*.

Ex.: A Maria, *a quem* dei um livro... (= *à qual*).

* Pode referir-se também a *cousas*.

Ex.: Esta Braga, por *quem* êste servo de Deus fêz extremos (Frei Luís de Sousa).

Os verdes olhos, por *quem* morro (Diogo Bernardes).

* Observem-se estas frases:

Eu amo *o* de *quem* falas (= eu amo *aquêle de quem* falas; não se pode dizer: eu amo *de quem* falas).

Ele é *o* de *quem* eu gosto mais (= é *aquêle, a pessoa, de quem* eu gosto mais).

* Às vezes, *quem* é igual a *que*, *o qual*.

Ex.: O advogado, de *quem* te falei... (= de *que* te falei; ou *do qual* te falei).

* As vezes, repete-se *quem* para indicar: *êste*, *aquêle*, *aqueloutro*.

Ex.: *Quem* se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar e o deita juntamente (Camões); (= *êste* se afoga...; *aquêle* bebe...).

* *quem*, objeto direto, pode ter a preposição *a*.

Ex.: A Júlia, *a quem* tu amas... (ou: a Júlia, *que* tu amas...).

3) *qual*, repete-se, às vezes, para indicar: *êste*, *aquêle*, *aqueloutro*.

Qual do cavalo voa, que não desce;
Qual, co'ô cavalo em terra dando, geme:
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas (Camões) (= *êste* voa...; *aquêle* geme...; *aqueloutro* faz...; *aqueloutro* açouta...).

* *qual*, às vezes, é igual a *como*.

Ex.: Ele devaneia *qual* poeta (=êle devaneia *como* um poeta).

* As vezes emprega-se *qual a qual* no sentido de *cada qual*, *cada um*.

Ex.: Rompam já aí portentos e portentos, *qual a qual* mais possante a enfeitiçar-me... (Castilho) (= *cada qual*, *cada um* mais possante...).

4) *cujo* antigamente podia ser pronome relativo.

Ex.: Tendo-se encontrado um animal e não se sabendo *cujo* é... (Código Civil português) (=e não se sabendo *de quem* é...).

5) A partícula *que*.

As funções mais comuns de *que* são: *pronome relativo* e *conjunção integrante*.

Ex.: O livro, *que* vejo (=o qual vejo), é bom; (*que* é pronome relativo).

Ex.: João disse *que* vai à cidade; (*que* é conjunção integrante).

Interrogativos

1) *Cujo* também se empregava antigamente como *pronome*.

Ex.: *Cujo* é êste livro? (= *de quem* é êste livro?).

Cujo é êsse nome? (Herculano) (= *de quem* é êsse nome?).

- 2) E' comum nos escritores e no povo empregar-se o *que*, interrogativamente, em vez do simples pronome *que*.

Ex.: *O que* era isto? (Camilo) (= *que* era isto?).
O que dizem eles? (= *que* dizem eles?).

Indefinidos

- 1) *Tudo* é forma neutra = *todo*.

Vê-se na linguagem antiga: *tudo* o contrário (Vieira); *tudo* o precioso (Bernardes). Hoje, dir-se-á: *todo* o contrário; *todo* o precioso.

* $\left\{ \begin{array}{l} \textit{Tudo que} \\ \textit{Tudo o que.} \end{array} \right.$

Encontra-se nos escritores, às vezes, *tudo que* (*tudo*, pronome indefinido; *que*, pronome relativo):

Ex.: Em *tudo que* fôr possível (Castilho).

mas, hoje, é mais comum: *tudo o que* (*tudo*, pronome indefinido; *o*, pronome demonstrativo; *que*, pronome relativo).

Ex.: Em *tudo o que* fôr possível (= em *tudo aquilo*, *o qual* (aquilo) fôr possível).

* *Tudo*, precedido de artigo, é substantivo.

Ex.: *O tudo* e o nada.

Um *tudo-nada* de cobres (Castilho).

Sirva-me um *tudo-nadinha* de arroz (popular).

- 2) $\left\{ \begin{array}{l} \textit{algo} (= \textit{alguma coisa}) \text{ é pronome.} \\ \textit{algo} (= \textit{um tanto}) \text{ é advérbio.} \end{array} \right.$

Ex.: Sei *algo* da lição (= alguma coisa da lição).

Sei *algo* (= alguma coisa).

algo (= um tanto) é advérbio.

Ele está *algo* triste (= *um tanto* triste).

- 3) *nada*

* é pronome:

Não sei *nada* (= nenhuma coisa)

Uma coisa de *nada*.

* é substantivo (precedido de artigo):

Um *nada* o irrita.

* é advérbio (modificando adjetivo ou verbo):

Ele é *nada* fino.

Pois não é médico? *Nada*; qual médico! (Castilho) (=de modo nenhum é).

* forma locução adverbial:

Ele disse isso, *há nada* (= há pouco tempo).

E foi-se a tempo, que *por um nada* o pilho (Garrett) (= por um triz).

Antes de mais nada, ele é louco.

* é advérbio negativo reforçativo de *não*:

Não é nada mau.

* é advérbio negativo junto à preposição *de* (= *não*);

Nada de chamar quem está quêdo (Camilo).

4) *outrem* refere-se a pessoas:

Ele refere-se *a outrem* (= a outra pessoa).

5) *al* (do latim *aliud* = outra coisa, o mais). É pronome arcaico; existe ainda nalguns provérbios populares).

Ex.: «As mãos no pandeiro, e em *al* o pensamento» (= em outra coisa).

Ex.: Deixaram aquilo e falaram em *al* (= em outra coisa) (Fernão Lopes).

6) *homem* (= a gente).

Homem, pronome indefinido, corresponde a *on* francês (do latim *homo* veio *home*, *hom*, *hon* e *on*, que é o francês de hoje). *Homem* (do latim *homo*) significava, com sentido indeterminado, *a gente*. Desapareceu da língua, embora se encontre ainda em Filinto, Camilo e Castilho.

Ex.: Grão trabalho é fazer *homem* (= a gente) o que deve (Frei Luís de Sousa).

Sintaxe dos advérbios

1

O advérbio é uma palavra sintética, que quase sempre se pode desdobrar numa expressão analítica.

Ex.: *aqui* (= neste lugar); *airosamente* (= de modo airoso).

2

Em geral, o advérbio modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio.

Ex.: *Muito sofre* quem ama (verbo).
Muito bom (adjetivo).
Muito bem (advérbio).

* Às vezes, porém, vê-se o advérbio modificando um substantivo, ou uma locução adverbial.

Ex.: E' *quase* mulher.
E' *muito* verdade.
A vida *assim* é boa.
Sòmente João me compreende.
Falei *muito* à puridade (= muito em segredo) (locução adverbial).

3

Formam-se advérbios de modo, acrescentando-se *mente* à forma feminina dos adjetivos. *Mente* foi outrora um substantivo, que significava *modo*, *maneira*, como se vê nas locuções usadas ainda hoje:

De boa mente
à boa mente.

Ex.: *lindamente*, *graciosamente*.

* Para se empregarem dois advérbios terminados em *mente*, faz-se assim:

Bailou *rápida* e *graciosamente* (o 1.º fica na forma feminina).

ou: Bailou *ràpidamente* e *graciosamente*.

ou: Bailou *ràpidamente*, *graciosamente*.

* De *português*, *francês*, *inglês*, *cortês*, *burguês*, *soez* e outros adjetivos em *ês* e *ez*, formam-se os advérbios *portuguêsmemente*, *francêsmemente*, *cortêsmemente*, *soezmente* (= de um modo soez, reles), porque, como êsses adjetivos eram todos antigamente invariáveis (dizia-se um homem *português*, uma mulher *português*), a formação adverbial continuou até hoje.

Ex.: Carta escrita em português e *portuguêsmemente* (Castilho).

* Pode-se acrescentar *mente* ao superlativo.

Ex.: Portou-se *lindíssimamente*.

* Encontra-se *mente* junto a *mor* (= *maior*) e *melhor*.

Ex.: Compreendo tudo, *mormente* (= *maiormente*, principalmente) agora.

Ex.: Dos seus coevos, ainda os *melhormente* aproveitados (Camilo, « Introdução aos Estudos da Língua Pátria », de Silva Túlio, pág. 3).

4

Antes de um *participio passado*, é mais comum verem-se as formas analíticas *mais bem* e *mais mal* do que as sintéticas *melhor* e *pior*.

Ex.: Este romance é *mais bem* idealizado, mas *mais mal* escrito do que aquele.

Ex.: Para serem *melhor* estudados... (Herculano).

Santarém é das terras de Portugal a *melhor* situada (Garrett).

5

Há advérbios com *graus*:

cedo, cedinho, mais cedo, tão cedo;

perto, pertinho, mais perto;

pouco, pouquinho, pouquinho, pouquíssimo;

muito; muitíssimo (em português antigo, dizia-se *mui muito* = muitíssimo).

6

Há advérbios e locuções adverbiais *latinos* usados em português:

máxime (= principalmente)

inclusive (= que inclui)

exclusive (= que exclui)

infra (= embaixo)

supra (= em cima)

ibidem (= ali mesmo, no mesmo lugar)

gratis (= de graça)

bis (= 2 vezes)

retro (= atrás)

primo (= em 1.º lugar)

secundo (= em 2.º lugar)

ex-vi (= por força; *ex-vi* do decreto... = por força do decreto...)

ex-abrupto (=de repente)
ex-officio (=por dever)
a priori (=antes da experiência; ex.: não faça afirmações *a priori*)
a posteriori (=depois da experiência)
vice-versa (=em sentido inverso)
ipso facto (=por esse mesmo fato)
ex-professo ou: *de professo* (=claramente, francamente)
per fas e per nefas, ou: por *fas* e por *nefas* = pelo direito ou pelo torto)
mutatis mutandis (=mudados os termos)
currente calamo (=ao correr do cálamo, da pena)
ad referendum (=para relatar, para ser discutido e aprovado)
in perpetuam (=para perpétua memória, para sempre)
exempli gratia (=por exemplo)
verbi gratia (=por exemplo)
inter pocula (=entre copos; bebendo)
ex-corde (=do coração).

7

Às vêzes, empregam-se *adjetivos na forma masculina* como advérbios (são vestígios do gênero neutro latino).

Ex.: Ele falou *alto* (=altamente).

Vendeu *caro* as propriedades (=caramente, por alto preço).

8

Melhor e pior podem ser:

1) comparativos dos adjetivos *bom e mau*

João é *pior* que Pedro.

Ex.: *Melhor* é calar que falar mal (*melhor* = mais bom; mas esta forma não se diz).

2) comparativos dos advérbios *bem e mal*

Ex.: Quanto *pior*, *melhor* (=quanto *mais mal*, *mais bem*; mas estas formas não se dizem).

* Cuidado com *bem e mal*, que podem ser substantivos.

Ex.: Quero *bem* a João. Não lhe quero *mal*.

Ex.: Se não fôsse o Snr. me conhecer malmente (Taunay, « *Inocência* »).

9.

Aquí, cá (= neste lugar; relaciona-se com a 1.^a pessoa)
aí (= nesse lugar; com a 2.^a)
ali (= naquele lugar; com a 3.^a)
lá, acolá (indicam maior afastamento)
aquém (= da parte de cá)
além (= da parte de lá)

Ex.: Eu *cá* me entendo... (=sei bem o que hei de fazer).
Tu *lá* sabes o que te convém...

Ex.: Tu perguntas bem; mas eu sei *lá* o que te hei de dizer!
(= não sei o que te hei de dizer).

10

Ex.: Navegou rio *acima*..
Navegou rio *abaixo*..
Saiu pelos campos *fora* ou *afora* ou *em fora*..
O navio saiu barra *fora* ou *afora* ou *em fora*..
Dias *depois*, morreu.
Dias *antes*, sentia-se bem.
Velejou oceano *além*..

Ex.: Saíram todos, *fora* ou *afora* os criados (exceto).

11

Aliás (= *de outro modo*). É advérbio de modo. Usa-se depois de uma palavra ou de uma frase escrita ou pronunciada por engano, seguindo-se-lhe a emenda.

Ex.: Disposição, em que, *aliás*, tanto tinham insistido os representantes de França (Herculano).

Ex.: Lisboa, 3 de fevereiro, *aliás* de março (Caldas Aulete).

12

<i>onde</i>	A sala <i>onde</i> estou (estar <i>em</i>) (lugar <i>onde</i>)
<i>donde</i>	A sala <i>donde</i> venho (vir <i>de</i>) (lugar <i>donde</i>)
<i>aonde</i>	A sala <i>aonde</i> vou (ir <i>a</i>) (lugar <i>aonde</i>)
<i>para onde</i>	A sala <i>para onde</i> vou (ir <i>para</i>) (lugar <i>para onde</i>)
<i>por onde</i>	A sala <i>por onde</i> vou (ir <i>por</i>) (lugar <i>por onde</i>)

São advérbios *pronominais relativos* e interrogativos; têm um *antecedente* expresso ou oculto.

Ex.: A sala, *onde* estou, é boa (= *na qual* sala; *sala* é o antecedente).

Onde estás? (= *em que* lugar estás? *lugar* é o antecedente oculto).

* *Onde* e *aonde* são, muitas vezes, confundidos pelos escritores clássicos e modernos e pelo povo. Mas o melhor é fazer a devida distinção: *Onde* estás? *Aonde* vais? (e não: *aonde* estás? *Onde* vais?).

Ex.: *Aonde* os maus estavam temerosos (Camões (em vez de: *onde*)).

* *Adonde* vais? *Adonde* estás? (*Adonde* é forma do povo inculto, que se deve evitar).

* Vou *ao* Rio (= para voltar logo); vou *para o* Rio = para demorar-me algum tempo ou para ficar).

13

Agora, ora são advérbios de tempo. (*Agora* vem de *hac hora* = nesta hora; *ora* vem de *hora*).

Ex.: *Agora*, vou estudar.

O Snr. Professor, *ora* presente nesta festa, dirá... (= agora).

* Às vèzes, repetem-se *agora* e *ora*, passando a ser *conjunções disjuntivas*.

Ex.: *Ora* se levantava, *ora* se sentava.

Ex.: « *Agora* lhe pergunta pelas gentes de tôda a Hespéria última, onde mora;

agora pelos povos seus vizinhos;

agora pelos úmidos caminhos » (Camões) (= *ora* lhe pergunta pelas gentes...; *ora* pelos povos...; *ora* pelos úmidos...).

* *Agora* pode ser *conjunção adversativa* (= mas, todavia).

Ex.: Poderás mentir-me; *agora*, enganar-me, isso nunca! (Cândido de Figueiredo) (= *mas* enganar-me...).

14

não é advérbio de negação.

* às vèzes repete-se *não*, *nada*, *nunca*, *jamaiz* para mais ênfase, para refôrço.

Ex.: *Não* vou lá, *não*.

Não vejo *nada*.

Não irei *nunca*, *jamaiz*.

* Antes de *não*, não deve haver refôrço. Não se deve dizer: *nem* eu *não* fiz isso; mas sim: *nem eu fiz isso*; *ninguém não* pensa nisso; mas sim: *ninguém pensa* nisso, ou: *não* pensa nisso *ninguém*.

(Gil Vicente, no século XVI, escreveu: « *nem* as cabras *não* nas vi »; hoje, porém, não se usa tal construção).

* Às vèzes, *não* é partícula de realce.

Ex.: Quantos *não* morreram na peleja! (= quantos morreram na peleja!).

NOTA: Há uma regra em latim, que diz: « duas negativas fazem uma afirmativa ». Em latim é verdadeira. Em português, as duas negativas *ninguém... nada*; *não... nada*; *nem... nada*; *nunca... nada*, etc. dão mais vigor à expressão. Ex.: A agulha *não* disse *nada* (Machado de Assis). Ninguém viu *nada*.

15

pois sim; *pois não*

Repare-se nas locuções *pois não* e *pois sim*, que têm valor negativo ou afirmativo, conforme o tom, em que forem proferidas.

Ex.: Quer ir comigo à cidade? Pois sim (=pois sim, eu vou).
 — Empresta-me mil cruzeiros? — Pois sim... (=pois sim...; será possível que Você me peça isso? Quer dizer, portanto, *não*). — Dá-me licença? — Pois não (=pois sim; eu dou).

16

tão quão

São advérbios, nas formas apocopadas de *tanto* e *quanto*.

Júlia é *tão* linda *quão* modesta.

Ama-o *tanto* *quanto* o repreende.

* São correlativos, isto é, $\left\{ \begin{array}{ll} \textit{tão...} & \textit{quão...} \\ \textit{tanto...} & \textit{quanto...} \end{array} \right.$
 relacionam-se reciprocamente:

17

Pode ser:

- | | | |
|-------------|---|--|
| <i>meio</i> | { | 1) <i>substantivo</i> . |
| | | Ex.: no <i>meio</i> está a virtude. |
| | | 2) <i>adjetivo</i> (significando <i>metade</i>). |
| | | Ex.: <i>meia-noite</i> ; <i>meio-dia</i> ; paredes- <i>meias</i> ; porta <i>meia</i> aberta (=metade). |
| | | 3) <i>advérbio</i> (significando <i>um tanto</i>). |
| | | Ex.: Ficou <i>meio</i> louco; ela ficou <i>meio</i> louca; eles ficaram <i>meio</i> loucos; elas ficaram <i>meio</i> loucas; porta <i>meio</i> aberta (=um tanto). |

NOTA: Há, porém, exemplos de bons escritores, que provam que se pode dizer, devido a uma lei de sintaxe, chamada *atração*, por exemplo: ele está *meio* louco; ela está *meia* louca; eles estão *meios* loucos; elas estão *meias* loucas (sendo *meio*, *meia*, etc., um adjetivo). Ex.: Uns caem *meios* mortos (Lusíadas, canto III, est. 50); onde *meios* mortos se afogavam (Lusíadas, canto III, est. 113), «Seis *meias meias* feitas e outras *meias* por fazer quantas *meias* vêm a ser?» (Adivinha popular); «*meia* quebrada, ó cruz!» (Garrett).

18

- | | | |
|---------------|---|---|
| <i>alerta</i> | { | 1) <i>advérbio</i> : A sentinela estava <i>alerta</i> (=atentamente) |
| | | 2) <i>interjeição</i> : Sentinela, <i>alerta</i> (=atenção!) |
| | | 3) <i>substantivo masculino</i> : Um <i>alerta</i> ecoou entre as fileiras (=aviso) |
| | | * Não se emprega o termo <i>alertas</i> , no plural, a não ser como substantivo, como: Houve muitos <i>alertas</i> durante a noite. |

19

1) *advérbio de exclusão*

Ex.: *Só* João foi valente, entre todos (= *sòmente*, *ùnicamente*).

João foi *só* valente, mas não foi ladino (*ùnicamente*).

João resolveu *só* um dos problemas (*sòmente*).

2) *adjetivo*

só

Ex.: João foi *só* (= *sòzinho*).

Eles estão *sós* (= *sòzinhos*).

Elas estão *sós* (= *sòzinhas*).

Os Naires *sós* são dados ao perigo das armas
(= *sòzinhos*) (*Camões*).

* Note a diferença:

« O homem é salvo *só* pela fé; porém não pela fé *só* » (apud Carlos Pereira) = O homem é salvo *sòmente* pela fé; porém não pela fé *sòzinha*.

20

Repete-se, às vezes, o advérbio para haver *intensidade*.

Ex.: *Aí, aí!*; *depressa, depressa!* vá já, já!

21

Talvez.

Diz-se em português: *Talvez* isto *seja* bom (o verbo está depois; vai para o subjuntivo). Isto *é* talvez bom (o verbo está antes; vai para o indicativo). Vêem-se raros exemplos em contrário.

Sintaxe das preposições

1

Preposição é uma palavra que liga palavras.

A 1.^a palavra é o *antecedente*; a 2.^a é o *conseqüente*, geralmente.

Ex.: O livro *de* Pedro é bom (*livro* é o antecedente; *Pedro*, o conseqüente).

* Às vezes, o *antecedente* ou o *conseqüente* não estão imediatamente *juntos* à preposição.

Ex.: De mim, que o estimo, nunca se lembrou. (O antecedente é: *lembrou*; o conseqüente é: *mim*. Em ordem direta, vê-se bem: — Nunca se lembrou de mim, que o estimo).

2

A mesma preposição pode indicar *estado*, *quietação* e *movimento*.

Ex.: João está à porta	} estado, quietação.
João está ao sol	
João está à janela	
Chegou à cidade	} movimento.
Foi à cidade	

3

Duas ou mais preposições podem indicar a mesma relação ou relações semelhantes.

Ex.: Crivado *de* facadas (= *por* facadas).
 Eleito *de* Deus (= *por* Deus).
 Cercado *de* polícias (= *por* polícias).
 Fico *de* pé (= *em* pé).
 Vou *a* pé à cidade.
 Vou *de* pé, no automóvel, à cidade.
 O exército está *em* pé de guerra.

4

Às vezes, repete-se a preposição para dar *realce*, ou para *pormenorizar*, ou para indicar *contraste*.

Trabalha sempre, *de* dia e *de* noite, à chuva, e *ao* sol.
 Trabalha *com* esforço, *com* ambição e *com* inteligência.
 Trabalha *nos* momentos felizes e *nos* adversos.

5

a, *para* indicam, em geral, movimento.

Ex.: Cheguei cedo à missa.
 Voltou *para* a fazenda.
 Foi à fazenda (para voltar).
 Foi *para* a fazenda (para demorar-se, ou para ficar).

* As várias relações da preposição *a* vêm-se bem no estudo da *crase*.

6

Pode ser:

1) *advérbio*, quando significa *ainda, mesmo*.

Ex.: Disse isto, e afirmou, *até*, (=ainda), que o há de matar.

2) *preposição*.

Fui *até* o rio.

até Fui *até* a estação.

Vendo ora o mar *até* o inferno aberto (Camões).

* Os clássicos preferem usar apenas *até*; hoje, é mais comum a locução prepositiva *até a*.

Ex.: Fui *até* à estação.

Fui *até* ao rio.

Vendo ora o mar *até* ao inferno aberto.

7

1) indica *tempo*.

Ex.: *em* abril; *modo*: canteiro *em* flor; *divisão*: drama *em* 3 atos; etc.

2) indica o *lugar onde*, com verbos de *quietação*.

Estou *em* São Paulo.

Vivo *na* fazenda.

* Não significa *aonde* (movimento).

Não se deve dizer: Vou *na* fazenda; mas sim: vou *à* fazenda.

em * As vezes, vê-se *em*, entre os clássicos, sobretudo quando o espírito do escritor liga a idéia de *onde* (quietação) à de *aonde* e *para onde* (movimento).

Ex.: Correu de rua *em* rua.

Atirou-se *no* rio (ou *ao* rio).

«Triste ventura e negro fado os chama neste terreno meu» (Camões).

(Hoje, dir-se-ia: — «...os chama *a* este terreno meu»).

* Contrai-se *em* com *o, a, os, as, êle, ela, êste, êsse, aquêle, aquilo*.

Estive *no* jardim

Pensou *no* nosso caso

Pensou *naquilo*

(Também se vê: *em o jardim; em o nosso caso*, etc., mas raramente).

Acha-se isto *em* «*Os Lusíadas*» ou *n* «*Os Lusíadas*». Está escrito *em* «*A Gazeta*», ou *n* «*A Gazeta*».

* Junto do gerúndio, *em* não se contrai com o pronome *o*.

Ex.: Ele alegrou-se, *em o* encontrando (= quando *o* encontrou).

8

com { *Com* junto a um infinito, tem função de conjunção concessiva.
Ex.: *Com ser* sábio, não deixa de errar (= ainda que, embora seja sábio...).

9

sem { *Sem* junto a um infinito, tem função de conjunção condicional.
Ex.: Não saia, *sem pedir* licença (= *sem que* peça licença; *se* não pedir licença).

10

entre { 1) Diz-se *entre mim e ele*.
Ex.: «houve discussão *entre mim e ele*». *Inter* (=entre) rege acusativo em latim: *inter me*; o que deu *entre mim*.
2) Mas dir-se-á: *entre ele e eu*. Como *eu* está depois, perdeu-se a influência da regência da preposição *entre*.
Ex.: *Entre ele e eu* existe separação formal (Castilho).
* Há exemplo contra: *Entre ti e mim* está a cruz (Herculano); mas, hoje, é mais comum a 1.^a maneira.

11

por e per { * Outrora, na língua, havia diferença entre *por* e *per*. *Por* indicava *causa*; *per* indicava *meio, agente*. Hoje, desapareceu a diferença.
* *Per* contrai-se com os artigos *o, a, os as* (*per + lo* = pelo; *per + la* = pela).
Ex.: *Pelo* campo vou eu.

* Usa-se *per* nas locuções *de per si* e *de permeio*.

Ex.: Saia cada um *de per si* (= um por um).

* Os clássicos contraíam *per* com os pronomes *o, a, os, as*, antes de infinito.

Ex.: Forcejam *pelo* explicar (Castilho) (hoje dir-se-á: forcejam por explicá-lo).

12

Segundo, conforme, consoante são preposições derivadas imprópriamente de adjetivos.

Ex.: Procedeu *consoante* (ou *segundo*) o decreto.

* Os clássicos usavam, às vezes, as locuções prepositivas *consoante a, conforme a*. Hoje, não se usam.

Ex.: *Conforme a* estes exemplos (Arte de Furtar).

* Às vezes, estas 3 preposições passam a ser conjunções.

Ex.: João procedeu *conforme* lhe mandaram (= como lhe mandaram) *João procedeu* é oração principal; *como lhe mandaram* é subordinada modal.

13

Exceto era antigamente particípio passado do verbo *excetuar*: *exceto, exceta, excetos, excetas*.

Ex.: Saíam todos, *excetos* os que estão à direita (= *excetuados* os que estão à direita).

Durante, tirante, salvante são formas antigas dos particípios passados dos verbos *durar, tirar* e *salvar*, que passaram a ser preposições.

Ex.: Procedeu bem, *tirante* este caso (= *excetuado, exceto*).

Sintaxe das conjunções

1

Conjunção é uma palavra que liga *orações*.

Ex.: João levantou-se *e* saiu (a 1.^a oração é: «João levantou-se»; a 2.^a é: «*e* saiu»; a conjunção copulativa ou aproximativa *e* liga as duas orações).

* Às vezes, as conjunções parecem ligar *palavras*; mas, realmente, ligam *orações*.

Ex.: Estudei grego *e* latim (= Estudei grego *e* estudei latim).

* Há casos, porém, em que se vê a conjunção *e* com o valor da preposição *com*.

Ex.: Misturou alhos *e* bugalhos (= com).

Dois *e* dois são quatro (= dois *com* dois são quatro); (ou com o valor do advérbio *mais*: «dois *mais* dois são quatro»).

2

* é a conjunção mais comum, na língua.

* Às vezes, em literatura, é empregada, abundantemente, para maior ênfase.

e

Ex.: *E* o céu, *e* a terra, *e* o mar, *e* as estrelas, *e* os homens, tudo irradiava alegria!

(A linguagem da Bíblia revela comumente este emprêgo; por isso o estilo, em que avulta a conjunção *e*, é chamado «bíblico»).

3

também

1) é conjunção copulativa junto a *mas*, *senão*, *porém*, *como*.

Ex.: Não só cresceu, *mas também* engordou.

2) é advérbio *de modo* (=do mesmo modo).

Ex.: Se aprecias o azul, deves apreciar *também* o branco (=do mesmo modo).

3) é interjeição (usada pelo povo, mas com o valor de advérbio).

também

Ex.: *Também!* Que desavergonhado! (= que desavergonhado também és tu!).

* *Tão bem* é locução adverbial.

Ex.: Sei *tão bem* a lição!

4

nem,

nem que

1) *nem* é advérbio (= não).

Ex.: *Nem* o vi. *Nem* se mexeu.

2) *é conjunção copulativa*.

Ex.: Não respondeu, *nem* gesticulou levemente (Camilo).

3) *nem que* é locução conjuntiva concessiva (= ainda que).

Ex.: *Nem que* me batesse, eu iria (= ainda que me batesse...).

4) *nem que* é locução comparativa (= como se).

Ex.: Era altivo, *nem que* fôsse um rei (= como se fôsse um rei).

5

E' locução conjuntiva consecutiva

Ex.: O João é tímido, *que nem* eu, quando faço exame (= (tão) tímido... *que...* *nem* eu sou, quando...)

Estes dois meus irmãos gêmeos são tão parecidos, *que nem* eu os distingo, às vezes.

O erudito fez-se vermelho, *que nem* uma romã (Rebêlo da Silva) (= fez-se (tão) vermelho, *que nem* uma romã é tão vermelha). Puxadeiras de metal amarelo luziam *que nem* ouro (Herculano) (= de tal modo, *que nem* ouro luz).

que nem

Tem cabelos rijos, *que nem* cerdas (Eça) (= (tão) rijos, *que nem* cerdas são tão rijas).

* Alguns julgam que a locução *que nem* é igual a *como* (*conjunção comparativa*); mas não é este o sentido das frases, expostas acima, e de outras, em português puro. Não se pode, pois, dizer, sêcamente: «*êle é que nem eu*»; mas sim: *êle é como eu*.

A maneira portuguesa de pronunciar as expressões acima revela isso. Há uma *forte pausa*,

antes de «*que nem*». Quando o povo diz: *êle é que nem eu*, não há uma locução comparativa (= como); não há pausa nenhuma; há uma locução consecutiva, com um tom comparativo.

6

São *adversativas*.

- 1) *mas* emprega-se sempre antes da palavra que ela coordena.

Ex.: Quero ir, *mas* não posso, neste momento.

- 2) *porém* coordena com mais força, e emprega-se, geralmente, depois do termo que ela coordena.

Ex.: Quero ir; não posso, *porém*, neste momento.

- 3) *senão*.

Não gosta *senão* de peras.

Ex.: Assinavam, não como testemunhas, *senão*, (= *mas*) como consentidoras (Frei Luís de Sousa).

mas,
porém,
senão

* Note-se a diferença entre *senão* e *se não*: *senão* é conjunção adversativa; *se não* é a conjunção condicional *se* e o advérbio *não*.

Ex.: Confessa tudo; *se não*, morres (= *se não* confessas, morres).

* *Senão* pode ser substantivo.

Ex.: Pedro só tem um *senão*: é feio.

* O povo rude junta, às vezes, as duas conjunções *mas porém*. É uso arcaico, que desapareceu.

Ex.: *Mas porém*, quando as gentes Mauritanas... (Camões).

* *Senão quando* é locução adverbial.

Eis *senão quando* (= de repente, quando menos se esperava), vê uma serpente... (João de Deus).

- logo* { 1) *é advérbio* (=imediatamente; em seguida).
 Ex.: Ele veio *logo*.
 E *logo* vem a corporação dos alfaiates (Herculano).
 2) *é conjunção conclusiva* (=portanto, por consequência).
 « Penso; *logo* existo » (=portanto).

8

- pois* { 1) *é conjunção conclusiva* (=portanto). (Neste caso, é, geralmente, pospositiva).
 Ex.: Mandaste-me ir; vou, *pois*, já (=portanto).
 2) *é conj. continuativa* (continua o sentido de uma frase anterior).
 Ex.: *Pois*, como eu ia contando, o João resolveu partir...
 3) *é conjunção causal* (=porque, *pois que*, *visto que*).
 Ex.: Fico, *pois* estou doente.
 * *Pois sim*, *pois não* são locuções adverbiais.
Pois qué! é locução interjetiva.

9

- que* { A partícula *que* tem 21 funções diferentes. Vêem-se no ponto «A partícula *que*», exposto na matéria da «Sintaxe dos pronomes».
 As funções mais comuns são:
 1) *pronome relativo*.
 Ex.: O livro, *que* me deu, é bom.
 2) *conjunção integrante*.
 Ex.: Disse-lhe *que* saísse.

10

- mal* { 1) *serve de conjunção temporal* (= logo que).
Ex.: *Mal* cheguei aqui (= logo que).
2) *é advérbio de modo*.
Ex.: Soube *mal* a lição.
3) *é substantivo*.
Ex.: Evitemos o *mal*.

11

- apenas* { 1) *serve de conjunção temporal* (= apenas que, logo que).
Ex.: *Apenas* me levantei, segui para a fazenda (= logo que).
2) *é advérbio de modo*.
Ex.: Levava no bolso apenas 1 cruzeiro (= somente).

12

- em que* { *E' locução conjuntiva concessiva*, antiga, mas ainda hoje se usa (= *ainda que*).
Ex.: *Em que* pese a meu pai, irei para longe (= ainda que pese...).

FIGURAS DE SINTAXE

- 1) *Elipse* — quando se subentende um termo.
Ex.: Vejo bem (= *Eu* vejo bem).
Pede a V.^a Ex.^a se digne mandar ou: se digne de mandar, inscrevê-lo (= pede a V.^a Ex.^a *que* se digne...).
- 2) *Zeugma* — quando se subentende um termo já expresso anteriormente.
Ex.: A mim dás o lápis e ao João, a pena (= e ao João *dás* a pena).
- 3) *Pleonasmo* — quando repetimos palavras numa frase, ou ampliamos o seu sentido, para lhe dar mais ênfase. Uns são *legítimos*; outros, *ilegítimos*.

Ex.:

legítimos { *Vi claramente visto o lume vivo (Camões).*
Viver uma vida feliz; cantar uma canção suave.
Parece-me a mim.
Rolou pelas escadas abaixo.
Vi com estes olhos (Castilho).
Vi com estes olhos que a terra há de comer.
Cantar uma canção alegre.
Chorar lágrimas sentidas.
Disse-lhe a ele.

NOTA: Não se devem dizer frases como *pescar peixe, entre para dentro, suba para cima*, porque são viciosas, são pleonasmos ilegítimos.

4) *Anacoluto* — quando um termo está na frase, sem ligação aparente.

Ex.: *Eu parece-me que você é mau* (*)

* A expressão *eu parece-me* é vernácula, como todos têm demonstrado, inclusive Rui Barbosa. «O que me *eu parece* é que nós temos cedo muita facada rija» (Garrett, ap. Carlos Pereira).

E o *desgraçado* tremiam-lhe as pernas (Garrett).

* Nos «*Lusiadas*» há muitos *anacolutos*, bem como nos livros clássicos.

Ex.: *Lusiadas*, canto IV, est. 77: «*Eu, que bem mal cuidava que em efeito..... me pôe o ínclito rei nas mãos a chave dêste comestimento grande e grave*».

5) *Idiotismo* (do grego *idios* = próprio de) ou *idiotismo* — quando se empregam termos ou expressões peculiares, ou expressões, que, embora sem lógica, são contudo vernáculas, devido ao largo uso que os bons mestres e o povo delas fizeram.

Alguns idiotismos:

a) O *infinito pessoal*, que apenas existe em português e no dialeto galego (dialeto da língua espanhola, falado na Galiza).

b) A expressão *eu parece-me que...*, que é vernácula, como todos os filósofos têm provado.

c) A palavra *saudade* (que significa *lembrança triste e gostosa*), que tem tradução exata em poucas línguas, como na russa, onde existe a palavra *toská* conforme um russo ilustrado me asseverou, e na língua alemã: *sehnsucht*. Também em romeno: *dor*; em árabe

shauck; em armênio: *garod*; em japonês: *koishii*; em sérvio: *jal*; em leto: *ilgas* (= saudades). Estas palavras significam o mesmo que a nossa saudade; mas nenhuma tem a suavidade dela, pelo menos. A italiana *ricordo*, a espanhola *recuerdo* e a francesa *souvenir* significam apenas: *lembrança*.

A palavra *saudade* foi apresentada pela primeira vez pelo rei D. Duarte, que, por isso, ficou sendo chamado «Rei-saudade». Ele escreveu *suydade*; depois apareceu *soidade* (como o aldeão lusitano ainda hoje diz) e depois: *saudade*. *Saudade* é uma alteração da palavra *soledade* (do latim *solitatem*). Há quem afirme que vem do árabe: *suai-dâ* que significa melancolia. Zoran Ninitch (iugoslavo de nascimento) publicou em 1939 um folheto, intitulado *Saudade*, onde afirma que a origem desta palavra é árabe, dizendo que, na Bósnia, Herzegovina e Novitsazar, que estiveram outrora sob a influência dos árabes, há a palavra *sevdah* e também *savdah*, que exprime o sentimento representado em português pela palavra *saudade*.

As definições mais belas de saudade são:

Saudade — «gosto amargo dos infelizes». (Garrett).

Saudade — «presença dos ausentes» (Bilac).

Saudade — «espinho cheirando a flor» (Bastos Tigre).

d) As expressões *pobrezinho dêle*, *coitado dêle* e congêneres, que fogem à análise lógica.

e) *Os anacolutos*, em geral.

6) *Anástrofe* — quando há inversão simples de duas palavras.

Ex.: Parou o carro.

Em ordem direta: o carro parou. Das rosas o perfume = o perfume das rosas.

7) *Hipérbato* — quando a inversão é maior, havendo, entre as palavras, que deveriam suceder-se, uma ou mais palavras.

Ex.: O estilo claro, *deslizando*, musical = o estilo claro, musical, *deslizando*...

8) *Sinquise* — quando a transposição é demasiadamente forte.

Ex.: No tempo que do reino a rédea leve, João, filho de Pedro, moderava (Camões).

Em ordem direta: No tempo (em) que João, filho de Pedro, moderava a rédea leve do reino.

NOTA: As transposições são comuníssimas nos clássicos; hoje, raras.

As vezes a *sinquise* é tão forte que o sentido não é claro; neste caso, é viciosa.

9) *Tnese* (do grego *tnesis* = corte) — quando os futuros e condicionais são cortados, pondo-se-lhes o pronome no meio.

Ex.: Dir-lhe-ia	dir-lhe-ei
Far-lhe-ia	far-lhe-ei
Trar-lhe-ia	trar-lhe-ei
Contar-lhe-ia	contar-lhe-ei

Sintaxe ideológica e afetiva

10) *Silepse* ou *concordância latente* — quando se concorda um termo, não com aquele que está expresso, mas com o sentido. É a chamada *sintaxe ideológica* (isto é, concordância apenas com a *idéia*).

a) SILEPSE DE GÊNERO

Ex.: *quando a gente fica zangado...*

V.^a *Majestade está constipado* (falando com o Rei)

V.^a *Exc.^a é bom* (falando com um homem)

Zangado é masculino; não concorda, pois, com *gente* que é feminino: *Zangado* concorda com um termo latente ou escondido: *homem*.

Quando é uma mulher que fala, diz: *Quando a gente fica zangada*. Neste caso, não há *silepse*, porque a concordância é regular.

* Há também o chamado *complemento de interesse*, correspondente, às vezes, ao *dativo ético* latino, dativo de relação moral. É a *sintaxe afetiva*. Ex.: «Digam-me a êsse homem que eu já vou». *Digam-me* quer di-

zer: «*façam-me o favor de dizer* a êsse homem que eu já vou». Um exemplo de Garrett: — «Sim, eu agora ando bom... E *tu*, meu Luís, como *vamos* de saúde?» (E *tu*... como *vamos nós*...; neste caso, muda a concordância, porque a pessoa que fala, tem um interesse afetivo, particular (*nós*) pela saúde daquela, com quem fala).

É necessário uma derradeira prova de esforço (Herculano; Eulico, pág. 245). Subentende-se um verbo: é necessário (*dar*) uma derradeira prova...

b) SILEPSE DE NÚMERO

Ex.: Se não queres que esta gente *padeçam* vitupério (Camões).

Mas dos onze a ilustríssima companhia, cortam do mar do norte as ondas frias (Lusiadas, canto VI).

A silepse é: a gente *padeçam*; a *companha* (= companhia) dos onze *cortam* as ondas frias do mar do norte.

Como *gente* indica *muitas pessoas*, o verbo *padeçam* está no plural; como *companhia* indica *muitas pessoas*, o verbo *cortam* (no plural) concorda, não com *companhia* (do singular), mas com o seu sentido: *muitas pessoas*.

Hoje, não se vêem frases como esta nos escritores; mas os clássicos usavam-nas constantemente, escrevendo, por exemplo: o povo ficaram *inquieta*, etc. «Se não queres que esta gente *padeçam* vitupério» (Lusiadas).

Mais exemplos usados ainda hoje:

A *maior parte* dos homens são *maus*.

Grande número de borboletas *vivem* pouco.

Tudo são flores (*tudo* = tôdas as cousas).

Isso são histórias (*isso* = essas cousas).

A *maioria* dos homens são *maus*. (Também se vê a *maioria* dos homens é *má*).

A *maioria* dos condenados *acabou* nas plagas africanas (Camilo: «O Demônio do ouro», pág. 195).

c) SILEPSE DE PESSOA

«*Fomos* bem *recebido*, quando apresentamos a 1.^a edição do nosso livro.»

O escritor diz *recebido*, concordando esta palavra,

{ não com *nós fomos*, mas com o pronome *eu* subentendido. Muitos assim fazem, por modéstia. Outros escrevem: *Fomos bem recebidos* (sem silepse).

{ Outros escrevem, sem silepse e sem modéstia: *Eu fui bem recebido, quando apresentei a 1.^a edição do meu livro*. (*Em inglês, escreve-se *eu* (I) com maiúscula, no meio de um período).

FIGURAS LITERÁRIAS OU TROPOS

(= emprêgo de palavras em sentido figurado)

1) *Metáfora* — quando uma palavra é empregada com uma significação *semelhante* à significação natural. A base é a *semelhança*.

Ex.: Na *flor* dos anos (= na juventude).
O menininho era um botão de rosa.
O passo fôfo do gato (Eça de Queirós).
Um bigode plangente (Eça de Queirós).

2) *Sinédoque* — quando se toma o gênero pela espécie, a espécie pelo gênero, o todo pela parte, a parte pelo todo, o concreto pelo abstrato, o abstrato pelo concreto, o singular pelo plural, o plural pelo singular, o continente pelo conteúdo, o conteúdo pelo continente.

Ex.: Havia apenas 8 *velas* no mar (por: 8 navios).
Praticar a *caridade* (por: atos de caridade).
Este chapéu não me cabe na *cabeça* (a cabeça é que não cabe no chapéu); *chumbei um dente a ouro* (*chumbar* é palavra genérica, correspondente a *obturar*); comprei três *azulejos verdes* (*azulejos* é palavra genérica); andar a *cavalo* num *burro*, numa *égua*, etc. (a *cavalo* é uma locução adverbial, genérica).

3) *Metonímia* — quando se emprega um termo pelo outro, havendo entre os dois uma racional conexão.

Ex.: Medita, ó *mortal*, nas tristezas da vida (por: homem). (Todo homem é mortal).
No *bronze* do campanário soou o *Angelus* (por: no sino). (Os sinos são de bronze).

4) *Hipérbole* — Consiste em exagerar o sentido, para maior realce. Ex.: um talento *vulcânico*; tem *carradas* de razão.

NOTA: O contrário da *hipérbole* é a *litotes*, que consiste em diminuir o sentido.

Ex.: O João não é tolo, não... (= é inteligente). João é *hábil*, vivo (é inteligente).

5) *Eufemismo* — consiste em empregar palavras, que evitem o resultado desagradável que as *verdadeiras palavras* produziriam. Em vez de se dizer: *o João é orgulhoso*, dir-se-á: *João tem muito amor-próprio*. Você faltou à verdade (é mentiroso). O caipira diz «o cabeça-baixa» em vez de «porco».

6) *Ironia* — consiste em dizer o contrário do que se pensa ou escreve. Ex.: o amável algoz. (O escritor mais irônico da Lit. portuguesa foi Eça de Queirós). A ironia insultante chama-se *sarcasmo*.

Ex.: «Tu, que tudo podes, desce da cruz!» (disseram os judeus).

* Quando se quer dar um bom agouro, para evitar idéias funestas, chama-se: *antífrase*. Ex.: Cabo da Boa Esperança (em vez de cabo das Tormentas).

7) *Antítese ou contraste* — (muito usada por Vieira) — consiste em pôr, lado a lado, idéias opostas. Ex.: Tu és um pé de camélia; eu sou triste pé de alface (Artur Azevedo).

8) *Antonomásia* — quando há a substituição de um nome próprio por um nome comum ou por uma perífrase.

Ex.: O príncipe dos poetas brasileiros (por: Bilac).

O orador romano (por Cícero).

9) *Apóstrofe* — é a invocação a pessoas ou cousas (reais ou fictícias). Ex.: «*Deus, ó Deus, onde estás, que não respondes?*» (Castro Alves). «*Peço a palavra, Snr. Presidente!*»

10) *Prosopopéia* — consiste em atribuir ações a cousas inanimadas; e faz falar os ausentes e até os mortos.

Ex.: «O' mar, por que não apagas este borrão?»

(Castro Alves; refere-se à escravidão).

«Camões, ensina-me a tua arte».

11) *Onomatopéia* — é o emprêgo de palavras, que *imitam* o ruído daquilo, que descrevemos.

Ex.: «O vento *baila, baila e assobiá...*»; «o trovão *ribomba*»; «o sino a *bimbalhar*»; «a galinha *cácareja*».

12) *Catacrese* — é o desvio do significado natural de uma palavra.

Ex.: Haverá *sabatina* na segunda-feira (a *sabatina* era, outrora, feita só aos sábados).

13) *Anáfora* — é a repetição da mesma palavra no começo de muitas orações.

Ex.: *Qual* do cavalo voa, que não desce;
Qual, co cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

CAMÕES

14) *Epístrofe* — é a repetição da mesma palavra no fim de muitas orações.

Ex.: Tudo acaba com a *morte*, e tudo se acaba com a *morte*, até a mesma *morte* (Vieira).

Regência. O bom uso das preposições

A *regência* é a relação entre duas palavras, a influência de uma palavra na seguinte. (Pode ser também entre duas orações). Ex.: *Vou à cidade*. Quem vai, vai *a* (ou *para*) algum lugar. É êrro, pois, dizer-se: «Vou *na* cidade», porque *vai* (verbo *ir*) relaciona-se com a palavra seguinte, por meio da preposição *a* (ou *para*).

Vi <i>êle</i>	por vi-o
vou <i>na</i> cidade, no carro de João	» vou <i>à</i> cidade, no carro de João
cheguei <i>na</i> cidade	» cheguei <i>à</i> cidade
para <i>mim</i> fazer	» para <i>eu</i> fazer
agradei-o	» agradei- <i>lhe</i> (quem agrade, agrada <i>a</i> alguém)
O amigo que <i>o</i> quer	» que <i>lhe</i> quer
O amigo que <i>o</i> quer bem	» que <i>lhe</i> quer bem (quem quer bem, quer bem <i>a</i> alguém)
O amigo que <i>lhe</i> estima	» que <i>o</i> estima (quem estima, estima alguém)
Obedeci meu pai	» obedeci <i>a</i> meu pai
Assisti uma sessão	» assisti <i>a</i> uma sessão
A lei atinge <i>a</i> todos os cidadãos	» <i>a</i> lei atinge todos os cidadãos
Respondi uma carta	» respondi <i>a</i> uma carta

Pisei no soalho	por pisei o soalho
mandei <i>êle</i> entrar	» mandei-o entrar
fiz <i>êle</i> rir	» fi-lo rir
O Júlio está <i>na</i> mesa	» está à mesa (a sopa está <i>na</i> mesa — está bem, pois, está em cima da mesa)
Vi- <i>lhe</i>	» vi-o
<i>Custo muito</i> para apren- der isto	» <i>custa-me muito</i> apren- der isto
avisei- <i>lhe</i>	» avisei-o
certifiquei- <i>lhe</i>	» certifiquei-o
cientifiquei- <i>lhe</i>	» cientifiquei-o
Deus <i>lhe</i> ajude	» Deus <i>o</i> ajude (Deus <i>lhe</i> pague está certo; quem ajuda, ajuda <i>alguém</i> ; quem paga, paga alguma cousa <i>a alguém</i>)
preveni- <i>lhe</i>	» preveni-o
informei- <i>lhe</i>	» informei-o
já <i>lhe</i> conhecia	» já <i>o</i> conhecia
abraçei- <i>lhe</i>	» abraçei-o
atirei um pássaro	» atirei <i>a</i> um pássaro = (atirei um tiro <i>a</i> um pássaro)

ajudei-o à missa (está bem).
deve estudar ou deve de estudar.
tem que fazer isso ou tem de fazer isso.
saiu a espairecer (está bem).
Nunca *o* vi sorrir (está bem).

* Fiz-*lhe* ver isso (está bem; é frase comuníssima
em português = fiz ver isso *a êle*).

Fi-lo estudar (está bem = fiz que *êle* estudasse).

* assisti *a* uma sessão (quem assiste, assiste *a* algu-
ma cousa).

* Caso especial: O médico assiste o *doente* (o mé-
dico ou o enfermeiro assistem o *doente*; aqui o verbo
é transitivo; a ação passa diretamente do sujeito para
o objeto).

* *assisto em* São Paulo (=moro em São Paulo; não é comum esta frase, mas é portuguesa).

* *assisti no processo* (=intervim no processo, não como parte principal, mas como interessado).

Chamei-o (está bem; =disse-lhe que viesse).

chamei-lhe mau (está bem).

ou: chamei-o mau (menos usado).

* chamei-o *de* mau (do povo inculto).

O rei D. João I, que chamam de Boa Memória (está bem) = que chamam (rei) de Boa Memória.

NOTA: Repare nestas frases: «...ser o rei, que *chamam de* «Boa Memória», o fundador...» (Latino Coelho). Isto quer dizer que (o qual rei) chamam «*rei de Boa Memória*». O rei D. João I é chamado pela história: «Rei de Boa Memória». Outro exemplo: «Ali na capela, que chamam *do fundador* e está representada em nossa estampa...» (Latino Coelho). Isto quer dizer: «ali na capela, que (a qual capela) chamam «*a capela do fundador*»... No Mosteiro da Batalha há a chamada «Capela do fundador».

* O melhor dicionário, para se ver a *regência* das palavras, é o de Aulete.

* *Diz-se, com dupla, tripla e quádrupla regência*: usar *boa-fé* e *de boa-fé*; *chamei-o sábio* e *chamei-lhe sábio*; *cumprir o dever* e *cumprir com o dever*; *fiz que ele viesse* e *fiz com que ele viesse*; *usei isto* e *usei disto*; *pegar a pena*, *da pena* e *na pena*; *tirar a espada* e *da espada*; *subir a escada* e *pela escada*; *passar a ponte*, *na ponte* e *pela ponte*; *presidir o congresso*, *no congresso* e *ao congresso*; *preciso estudar* ou *de estudar*; *creio isso* e *creio nisso*; *esperei o amigo*, *esperei pelo amigo*, *esperei do amigo* um outro procedimento; *espero em Deus salvar-me*; *tenho-o por honesto*, e *como honesto*; *entrar a barra*, e *na barra*; *não beberei esta água*, e *desta água não beberei*.

* *Diz-se: arrancou da espada e arrancou a espada; peguei da pena e peguei a pena*. *Espada* e *pena* são objetos diretos. A preposição *de* dá espontaneidade à frase.

Ex.: *Arrancam das espadas de aço fino* (Camões).

* Repare na expressão *querer bem*.

Quem quer bem, quer bem a alguém. Portanto: *Receba um abraço do amigo que lhe quer bem*. *Bem é objeto*

direto; e *lhe* é indireto. Diz-se: Quero *mais bem* a João do que a Pedro. Diz-se: João sabe *melhor* a lição do que Pedro (e não: sabe *mais bem*, porque *melhor*, neste caso é um advérbio no grau comparativo).

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS (ou Síncrise pronominal, ou Topologia pronominal)

Vejamos as regras da colocação dos pronomes sob três aspectos: **ênclise** (o pronome está depois do verbo); **próclise** (o pronome está antes do verbo); **mesóclise** (o pronome está no meio do verbo):

Em geral, o pronome oblíquo é colocado antes do verbo (em 75 % dos casos, mais ou menos).

E' matéria que tem dado origem a largas controvérsias. Dentre os estudiosos, que dela trataram, avultam Rui Barbosa e o Dr. Ernesto Carneiro (1904-1905), que muito discutiram a propósito da redação do « Projeto do Código Civil », e Cândido de Figueiredo que, em 1909, publicou **O problema da colocação dos pronomes**, uma das suas melhores obras, consoante a opinião de vários autores e professores, com a qual, baseado em inúmeros exemplos de bons clássicos e românticos, refutou as idéias do jornalista paraense, Paulino de Brito.

Eis um trecho do Prólogo desta obra: « Evidentemente, **o assunto interessa especialmente ao Brasil**; mas não se suponha que **Portugal** está isento de incorreções sobre a colocação de pronomes. A cada passo, os jornais vulgarizam erros de construção como estes:

- « Todos os eleitores juntaram-se às portas da igreja. »
- « Alguém murmurou e dirigiu-se ao chefe. »
- « E logo envolveram-se em desordem. »

Mas isto, nos jornais, não importa grande responsabilidade, conhecido o descarinho, com que, muitas vezes, se redigem gazetas. O que mais importa é, por exemplo, lermos num publicista, muito ilustrado, e bem conceituado, expressões como estas, que, pela **má colocação dos pronomes**, não têm construção portuguesa:

- « ... a quinta de Vila Velha do Ródão, que, segundo ele dizia, fazia-lhe muita conta. »
- « ... duas escrituras, a primeira das quais lavrou-se em 25 de junho de 1773. »

E o que mais importa ainda é lermos em obras de um dos nossos mais famigerados escritores contemporâneos frases como esta:

— «O mesmo pecado manifesta-se nos outros musicógrafos.»

Não cito nomes, porque me ocupo de doutrinas e fatos, e não de pessoas. Mas os citados exemplos bastarão, entre milhares, para se evidenciar que não falo dos pronomes só para o Brasil, senão também para Portugal, e que aos nossos professores primários e liceais impende o grato dever de ir anotando os seus compêndios com as regras que lá faltam, e algumas das quais ressaltarão do contexto deste volume».

Cândido de Figueiredo faz ver aos professores de Portugal que é preciso tratarem desta matéria. E' que, em Portugal, nenhuma gramática, até hoje, tratou dela. Nem tão pouco os professores dão regras, nas suas aulas. E a razão advém de que, sendo Portugal o berço da língua e tendo poucos estrangeiros, o emprêgo tradicional da colocação dos pronomes continua. Um camponês analfabeto coloca tão bem os pronomes como um intelectual; excetuaremos apenas os casos de mesóclise, que o aldeão em geral não sabe empregar, como, por exemplo, na seguinte quadra popular do Norte:

«Zezinho, por tua via,
Leva-me à noite ao serão:
Farei-me tão pequeninha
Que caiba na tua mão.»

Devia ser, é claro: Far-me-ei.

A colocação de pronomes no Brasil é mais perfeita no Norte, sobretudo no Maranhão, e isto é devido ao influxo da cultura literária mais intensa e ao contato com a corrente imigratória portuguesa, que para lá aflui em maior número; é defeituosa nos Estados do Sul, onde as correntes italiana e alemã são mais fortes.

* Há quem diga, que, em verso, se podem pôr os pronomes à vontade, devido à necessidade da boa metrificação. Não é verdade. Nos bons poetas, vê-se o pronome em geral bem colocado. Há apenas os casos em que, não havendo partícula nenhuma que atraia o pronome, o poeta o coloca ora antes, ora depois.

* Há quem diga que a eufonia é que determina a colocação de pronomes. Cândido de Figueiredo diz a este respeito:

«A eufonia, em regra, envolve uma idéia absolutamente relativa. E de fato; que é eufonia em gramática? E' a pronúncia suave e corrente (*coulante*, dizem os franceses). Pois bem, o que, para mim, é suave e grato ao ouvido, pode ser que o não seja para outrem ou para mais ninguém. E o conceito que eu formo de eufonia não é novidade: tem pelo menos, século e meio, porque Rousseau já tinha dito no seu «Ensaio sobre a origem das línguas»: *L'euphonie n'a rien d'absolu, et chaque langue a la sienne propre*. Se tal pretensão fôsse racional, nunca haveria erro na colocação dos pronomes, porque naturalmente, soam sempre bem a quem os coloca mal.»

1. ÊNCLISE (o pronome está depois do verbo):

a) Quando se começa o período pelo verbo

Ex.: Diga-me que horas são
Dê-mo
Passe-me o pão.

NOTA: Há três exemplos na língua que são contrários à regra, mas que devemos observar com um critério superior. São: **Me melem, T'arrenego (do povo) e Me avisaram em muito secreto...** (de Vieira).

As duas primeiras expressões são usadas pelo povo inculto de algumas províncias de Portugal. **Me melem**, por exemplo, nunca a ouvi dizer ao povo da Extremadura. Ouvi dizer **T'arrenego** aos incultos que, num ímpeto súbito de raiva e fazendo uma figa, soltam a frase elíptica: **T'arrenego em vez de Eu te arrenego**. Por isso é que diz Cândido de Fig.: **Me melem**, é uma elipse pinturesca que, em Portugal, ninguém empregaria a sério, em vez de: **Vocês Me melem**.

E' verdade que Herculano, expressando a linguagem do povo, escreveu: «**Me melem se entendo o doutor**»; do mesmo modo, Castilho: «**Me melem se eu percebo o tal conluio**». Mas os escritores, quando querem empregar a linguagem popular, nos diálogos, escrevem-na, para dar um traço *realista*, *ipsis verbis*. Camilo, por exemplo, diz Cândido de Fig., escreveu:

— «Indas q'ê mal prêcure, p'ra donde vai Vossioria? Num vá pra riba, q'ê tenho ovisto dizer q'anda lá a alma penada do sôr Padre Antoino.»

A última expressão é de Vieira: **Me avisaram em muito secreto que Espanha tem resolutio romper a guerra com França**.

E' êste o único exemplo de um grande clássico, mestre da língua, que foge à regra, mas que a não pode alterar. E por que escreveu Vieira uma só vez assim, nos seus 26 volumes, que contêm 200 sermões e mais de 500 cartas? Foi um descuido certamente.

b) Nas orações intercaladas ou interparentéticas, pode-se pôr o pronome antes; alguns clássicos assim fizeram, mas, hoje, é mais comum, depois.

Ex.: Dá-me, te rogo, alguma luz (Bernardes).
Hoje, é mais comum: Dá-me, rogo-te, alguma luz.

c) nos imperativos.

Ex.: O' João, levante-se.

NOTA: Notam-se, porém, em bons escritores, raros exemplos em contrário, sobretudo em verso:

Ex.: Agora, tu Caliope me ensina (Camões, Lusíadas).
O pão nosso de cada dia nos dai hoje...

d) quando o verbo está no infinito.

Ex.: Para servir-vos (Camões).
Para cantar-vos (Camões).

NOTA: Quando o predicado é composto, isto é, há dois verbos, sendo o segundo um infinito impessoal, pode-se pôr -o pronome entre os dois, ou no fim do infinito.

Ex.: Deve-se dizer
ou: Deve dizer-se.

NOTA: Quando o predicado é composto, sendo o segundo verbo um infinito impessoal, e há partícula que atraia o pronome, como **que**, **cujo**, **não**, **nunca**, **quando**, **logo que**, **tudo**, **já**, **bem**, etc., pôr-se-á o pronome antes do primeiro verbo ou depois do segundo:

O que se deve dizer (forma mais comum na língua)
ou: O que deve dizer-se

(mas nunca se pode colocar no meio dos dois verbos:
o que deve-se dizer)

NOTA: Deve-se tomar cuidado com o futuro do subjuntivo, que, às vezes, é igual ao infinito, e, outras vezes, não é.

EXEMPLOS DE FUTUROS DO SUBJUNTIVO:

de ver:	se eu vir	de cantar:	se eu cantar
» vir:	» » vier		
» estar:	» » estiver	» beber:	» » beber
» querer:	» » quiser	» vestir:	» » vestir
» requerer:	» » requerer		
» saber:	» » souber	» comer:	» » comer
» trazer:	» » trazer	» estudar:	» » estudar

Não se pode, pois, dizer: **A lição, se eu estudá-LA; a lição, quando eu estudá-LA**, porque se e quando são conjunções que atraem os pronomes, e porque estudar, neste caso, não é infinitivo; é futuro do subjuntivo. Há muitos escritores, que se descuidam, neste caso.

Deve-se pois, dizer:

A lição, se eu a estudar
A lição, quando eu a estudar

{ Se eu a vir...
» » a souber
» » a quiser...

*É claro que não se pode dizer:

{ se eu *estudá-la*
» » *vi-la*
» » *soubé-la*
» » *quisé-la*.

e) junto aos gerúndios.

Ex.: O sol, pondo-se...

NOTA: Observem-se três casos:

1) o gerúndio está sozinho. Ex.: «O sol, pondo-se, vai acordar outros povos». Se houver as partículas **não**, **em** e **nem**, o pronome vai antes:

Ex.: Não se pondo o sol...

Em **lhe** passando o furor (Castilho).Não se emendando, **nem** se afastando dela.

(D. Duarte, «Leal Conselheiro»).

2) o gerúndio forma com um verbo anterior uma conjugação perifrástica: «O sol ia-se pondo».

3) há uma conjugação perifrástica, mas há uma partícula que atrai o pronome, como **não**, **nunca**, **que**, **cujo**, **o qual**, **onde**, etc.

«O sol não se ia pondo.»

Disse que o sol se ia pondo.

f) nas orações, em que não houver nada que atraia os pronomes.

Ex.: ...mas esta vida esvai-se (Castilho).

...e figurou-se-me que... (Castilho).

...Ora, quero-me ir ver os filhos (Castilho).

NOTA: Neste caso, os escritores contemporâneos portugueses colocam os pronomes depois; os clássicos ora os empregavam antes, ora depois, no que os acompanham ainda hoje alguns escritores brasileiros.

Ex.: ...convocou-os e **lhes** disse (Bernardes).E, investindo ao pobrezinho, **o** levou nos dentes (Bernardes).O aroma, as côres **lhe** dão realce (Castilho).

g) *Com os particípios passados, não pode haver ênclise. Não se diz, por exemplo: *tendo levado-lhe*; mas sim: *tendo-lhe levado*.

2. PRÓCLISE (o pronome está antes do verbo):

a) com as negativas:

*nem**nada**nenhum**ninguém**jamais**nunca**não*Ex.: Não *lho* disse.Nunca *o* vi.

NOTA: Às vezes, sobretudo nos clássicos, vê-se o pronome antes do advérbio *não*.

Ex.: E' possível que o leitor *me não creia* (Machado de Assis).
Uma causa que *te não* honrasse (Rui Barbosa).
O que *se não* deve dizer.

* Há 3 modos certos de dizer esta frase:

- { O que *não se* deve dizer
- { O que *se não* deve dizer
- { O que não deve dizer-se.

b) *com os adjetivos numerais:*

Um *só* termo me ocorre (Vieira).

Na *primeira se* procura comunicar... (Bernardes).

NOTA: Há muitos exemplos, em contrário.

Ex.: O *primeiro* reparo funda-se (Vieira).

c) *com ambos e mesmo:*

Ambos *o* estavam vendo (Camilo).

Ele mesmo *se* deliciava em recordar... (Latino Coelho).

d) *com os adjetivos e pronomes indefinidos:*

<i>todo</i>	<i>tamanho</i>
<i>muito</i>	<i>tanto</i>
<i>cada</i>	<i>tal</i>
<i>cada qual</i>	<i>outro</i>
<i>pouco</i>	<i>tudo</i>
<i>qualquer</i>	<i>nenhum</i>
<i>quanto</i>	<i>ninguém</i>
<i>nada</i>	<i>quem quer que</i>

Ex.: *Todos* os sacrifícios *lhe* são devidos (Castilho)

Muitos séculos *te* rejeitaram... (Rui Barbosa)

Cada um a tem (Bernardim)

Cada qual se desengane (D. Francisco Manuel)

Poucos se lembram hoje (Latino).

e) *com os advérbios:*

<i>já</i>	<i>só</i>	<i>pouco</i>	<i>quase</i>
<i>ainda</i>	<i>mal</i>	<i>mais</i>	<i>talvez</i>
<i>sempre</i>	<i>bem</i>	<i>tanto</i>	<i>acaso</i>
<i>antes</i>	<i>até</i>	<i>quanto</i>	<i>porventura</i>
<i>onde</i>	<i>debalde</i>	<i>quão</i>	<i>etc.</i>
<i>tarde</i>	<i>também</i>	<i>tão</i>	

Já *o* viste hoje?

Ainda não *o* vi

Sempre *se* vê o João atarefado

Muito antes *o* tinha já dito (Vieira)
 A praça, onde *se* encontram jornalistas
 A serra, donde *se* avista o mar.

NOTA: Os advérbios, como *se* vê, atraem os pronomes oblíquos: notam-se, porém, casos, em que tal não se dá, porque, às vezes, há uma pausa depois do advérbio, o que faz perder a atração.

Ex.: Agora, acho-me bem disposto.

Hoje, sinto-me bem disposto.

Antigamente, amarravam-se cachorros com lingüiça (Expressão popular).

f) Nota-se a próclise e a ênclise
 com as preposições antes
 dos infinitos:

para	em
por	sem
de	com
até	

{ Para *vos* dizer
 { ou: Para dizer-*vos*

{ Forcejo *pôr me* acostumar (Garrett)
 { Por poupar-*me* (Bernardes)

{ Acabou de *se* quebrar
 { ou: Acabou de quebrar-*se*

{ Até *se* formar
 { ou: Até formar-*se*

{ Erro agora em *lhe* permitir (Bernardes)
 { Não tardou em espalhar-*se* (Herculano)

{ Sem *lhe* dar de comer
 { ou: Sem dar-*lhe* de comer

{ Com ver-*se* assim (Bernardes)
 { Com *se* fazer sempre mercador delas (Vieira)
 { * Com grande fundamento *se* pode crer (Vieira).

NOTA: As preposições *segundo* e *conforme* atraem sempre os pronomes oblíquos.

Ex.: Segundo *se* vê...

Conforme *se* vê...

g) com as conjunções coordenativas:

nem
não só
mas também
quer quer
já já

Ex.: Não foi nem *se* lembrou...

Não só *me* disse que eu ia, mas também *me* pagou a passagem).

* Onde todos *se* conhecem e *se* dizem amigos (como onde atrai o pronome *se*, também a conjunção *e* da oração coordenada o atrai; é como se estivesse assim: onde todos *se* conhecem e onde todos *se* dizem amigos).

NOTA: As conjunções disjuntivas *quer quer, já já*, atraem os pronomes oblíquos; as disjuntivas *ou ou, ora ora*, atraem geralmente.

Ex.: Os demais ou *a* perderam ou *a* mancharam (Vieira).

Ora *se* levantava, ora *se* sentava.

Quer *se* arrependa quer não...

Já *se* erguia, já *se* sentava.

NOTA: A copulativa *e*; as adversativas *mas, porém, todavia, contudo*; as conclusivas *logo, portanto, pois*; as explicativas *isto é, por exemplo* e as continuativas *ora, pois*, não atraem os pronomes oblíquos. Os clássicos, *contudo, davam-lhes, às vezes, força* atrativa.

h) com as conjunções e locuções conjuntivas subordinativas:

CONDICIONAIS

<i>se</i>	<i>exceto se</i>	<i>a não ser que</i>	<i>contanto que</i>
<i>sem que</i>	<i>salvo se</i>	<i>a menos que</i>	

CAUSAIS

<i>que</i>	<i>pois</i>	<i>como</i>	<i>uma vez que</i>
<i>porque</i>	<i>pois que</i>	<i>visto como</i>	
<i>visto que</i>	<i>porquanto</i>	<i>já que</i>	

FINAIS

<i>que</i>	<i>para que</i>	<i>a fim de que</i>
------------	-----------------	---------------------

CONSECUTIVAS

<i>que</i>	<i>(de tal maneira) que</i>	<i>(tão) que</i>	<i>(de tal jeito) que</i>
<i>(de tal modo) que</i>			

CONCESSIVAS

<i>ainda que</i>	<i>pôsto que</i>	<i>por mais que</i>	<i>mesmo que</i>
<i>se bem que</i>	<i>embora</i>	<i>por menos que</i>	<i>dado que</i>
<i>apesar de que</i>	<i>quando mesmo</i>	<i>por pouco que</i>	<i>conquanto</i>

TEMPORAIS

<i>que</i>	<i>apenas</i>	<i>até que</i>	<i>sempre que</i>
<i>quando</i>	<i>enquanto</i>	<i>antes que</i>	<i>ao tempo que</i>
<i>logo que</i>	<i>como</i>	<i>depois que</i>	<i>ao passo que</i>
<i>apenas que</i>	<i>mal</i>	<i>assim que</i>	

INTEGRANTES

<i>que</i>	<i>se</i>	<i>como</i>	<i>quando</i>
------------	-----------	-------------	---------------

COMPARATIVAS

que *do que* *como*

MODAIS

como *bem como* *assim como* *como que*

Ex.: Se *me* disser (condicional).
 Não vou, porque *me* sinto mal (causal).
 Para que *o* visse (final).
 Ainda que *mo* não digas (concessiva).
 Portou-se tão bem que *o* elogiaram (consecutiva).
 Quando *te* vi (temporal).
 Disse que *se* ia embora (integrante).
 Diga-me como *se* chama (integrante).
 Isto é assim, como *se* vê claramente (modal).
 Ele é mais bonito do que *lhe* parece (comparativa).

NOTA: Notam-se *exceções* com as conjunções *porque* (causal), *que* (causal), *que* (integrante) e *que* (consecutiva).

Ex.: ... porque os estrangeirismos afogam-nos (Cândido de Fig., Lições, volume II, pág. 299);
 ... porque a mim basta-*me* saber (Bernardim Ribeiro);
 Fiquem com o Senhor *que* eu vou-*me* (oração causal = *porque eu vou-me*) (Castilho);
 E' *que* a civilização impunha-*se* (Oliveira Martins);
 E' verdade *que* V. Ex.^a pede-*me* apenas... (oração integrante (Herculano));
 João era tão lindo que *dir-se-ia* um Apolo passeando na terra.

NOTA: Às vezes, embora haja palavras que atraíam os pronomes, sucede que entre a palavra e o pronome há grande distância, desaparecendo a atração. São casos anormais:

Ex.: ... *enquanto* os séculos da Espanha restaurada revelam-*nos* (Herculano, citado por Carlos Pereira).

NOTA: Às vezes, há orações, em que se subentende a conjunção integrante *que*; neste caso, o pronome põe-se antes do verbo.

Ex.: ... pede a V. Ex.^a *se* digne (= pede a V. Ex.^a que *se* digne).

i) com os adjetivos e pronomes relativos	<i>que</i> <i>quem</i> <i>cujo</i> <i>o qual</i>
--	---

O livro que *me* deu, é bom.
 Quem *lhe* disse isso, mentiu.
 Este livro, cujas folhas *se* podem estragar.
 Este homem, do qual *se* afirma...

j) *nas orações optativas* (isto é, que exprimem desejo).

Ex.: Boas fadas *te* fadem!
 Deus *o* abençoe!
 Bons olhos *o* vejam, Senhor compadre!
 Raios *o* partam!
 Deus *o* ajude!
 Deus *lhe* pague!
 Jesus *me* valha!

1) *A respeito dos pronomes pessoais caso reto* (*eu, tu, êle, nós, vós êles*), muitos supõem que êles atraem sempre os oblíquos nas orações principais e coordenadas, quando não há partícula atrativa, e até há uma Gramática, que assim diz. Não é verdade, como se poderá ver:

Eu amava-*te* muito (Herculano).
Eu encaminhei-*me* sozinho (Herculano).
 O melro *eu* conheci-*o* (Guerra Junqueiro).
Elz sentou-*se* (Camilo).
Eu divirto-*me* (Machado de Assis, « D. Casmurro »).
 ... e *eu*, padre nosso, posso-*a* muito bem escusar (Fr. Luís de Sousa, « Vida do Arcebispo », livro IV, pág. 27).

NOTA: Encontram-se, porém, exemplos, em que o pronome se vê antes, sobretudo nos clássicos. Hoje, em Portugal, o pronome é colocado depois, geralmente. Todos dizem: *eu amo-te*, *eu lembro-me*, *eu levantei-me*, *eu vi-o*, *eu encontrei-o*. No Brasil o mais comum é: *eu te amo*, *eu me lembro*, *eu o vi*, etc.

m) *Com participios passados* não pode haver *próclise*.

Ex.: Não se pode dizer: « Como ontem tivesse *lhe* levado »; mas sim: « como ontem *lhe* tivesse levado ».

3. MESÓCLISE (o pronome está no meio do verbo):

Dá-se nos futuros e condicionais, quando não houver palavra nenhuma que atraia os pronomes.

Ex.: Dir- <i>lhe</i> -ei	Far- <i>lhe</i> -ei	Trar- <i>lhe</i> -ei
Dir- <i>lhe</i> -ia	Far- <i>lhe</i> -ia	Trar- <i>lhe</i> -ia

Essas cousas contar-*tas*-ia, se... (2 pronomes no meio).
 Essas cousas contar-*has*-ia, se... (2 pronomes no meio).
 Essas cousas contar-*vo-las*-ia, se... (2 pronomes no meio).
 Ele contar-*lhe*-á o que sucedeu.
 João poder-*lhe*-ia dizer...

NOTA: Não se pode dizer: *farei-me, dirá-lhe, diria-lhe*, etc.

NOTA: Se houver palavra que atraia o pronome, então haverá próclise.

Ex.: Tenho a honra de convidar V. Ex.^a e Ex.^{ma} Família para assistirem ao baile, *que se* realizará... (e nunca: *que realizar-se-á*).

Não *lho* direi
Ninguém *lho* dirá
Tudo *se* fará
Nunca *lho* poderá dizer.

NOTA: Um exemplo curioso: — ...crânio humano, *cujas* bordas negras *dir-se-ia* haverem sido queimadas (Herculano).

Frases como esta são comuns nos escritores portugueses. *Cujas* devia atrair o pronome; mas «*dir-se-ia*» é uma oração sóla no meio da oração integrante e relativa; «*cuja*s bordas... haverem sido queimadas».



* Colocação de um pronome em relação ao outro:

a) em próclise:

quando *mo* deram (= quando *o* deram a mim)
quando *to* deram (a ti)
quando *lho* deram (a êle)
quando *no-lo* deram (a nós)
quando *vo-lo* deram (a vós)

quando *se me* ofereceu a ocasião...
(quando a ocasião *se* ofereceu a mim...)

quando *se te* ofereceu a ocasião...
quando *se lhe* ofereceu a ocasião...
quando *se nos* ofereceu a ocasião...
quando *se vos* ofereceu a ocasião...
quando *se lhes* ofereceu a ocasião...

b) em ênclise:

Ofereceu-se-me a ocasião...	Ofereceu-se-nos a ocasião...
Ofereceu-se-te a ocasião...	Ofereceu-se-vos a ocasião...
Ofereceu-se-lhe a ocasião...	Ofereceu-se-lhes a ocasião...

*

Exemplo de um *convite para baile* com vários erros de português: «Ex.^{mo} Snr. e Ex.^{ma} Família».

Temos a honra de convidar a V.^a Ex.^a e Ex.^{ma} Família (*deve ser: convidar V.^a Ex.^a e Ex.^{ma} Família*) para assistir o baile, *que* realizar-se-á (*deve ser: para assistirem ao baile, que se realizará*) no sábado, no Salão do Trianon, as 9 horas da noite (*deve ser: às 9 horas da noite*).

QUESTÕES DIVERSAS

A CRASE

A crase é uma figura de metaplasmo que consiste na fusão de dois sons vogais idênticos. Ex.: vou à cidade.

Deu-se, como se vê neste exemplo, a fusão da preposição **a** com o artigo **a**.

Os escritores anteriores ao século XVI (e alguns, como Camões, no século XVI) grafavam os dois **aa** juntos, como se vê no seguinte exemplo:

«...baterom **aa** porta, e o porteiro, como entrou o Meestre, quis çarrar a porta» (Fernão Lopes, «Crônica de D. João I»).

Depois, a preposição **a** fundiu-se com o artigo **a**, o que é indicado pelo acento grave (**à**).

Nota-se uma grande dificuldade para se empregar convenientemente a crase, o que atribuo à pronúncia lenta da língua, sobretudo desde São Paulo até ao Amazonas, isto é, na região que fica na zona tórrida. Sendo o clima muito quente, a pronúncia torna-se vagarosa, aparecendo sempre acentuadas as vogais. Nalguns casos, é preciso primeiro corrigir a linguagem dialetal para depois se ensinar a crase. Ex.: E' preciso dizer primeiramente: «não se deve dizer, vou *na* cidade»; mas sim: «vou *à* cidade». Nestas condições, só pelo estudo se pode saber como ela se emprega convenientemente. Em Portugal, nos Liceus, o professor apenas diz o que é crase, porque a pronúncia rápida de qualquer português, embora seja um aldeão, distingue sempre o **a** complemento surdo do **a** aberto. Assim, por exemplo, se um português disser: Vou *à* cidade, o **a** é de tal modo forte que ninguém, ao escrever, se esquece de que o **a** deve levar um acento. Se, pelo contrário, disser vou *a* casa, este **a** é tão surdo, que ninguém, ao escrever, lhe põe um acento.

Note-se que, neste exemplo: vou *a* casa, em que a palavra **casa** é feminina, não há crase por motivos que adiante serão expostos. E' este o caso mais curioso que aparece nesta matéria (pág. 231).

CRASE (vem do grego **krasis** = mistura).

Não pode haver crase nas expressões que servem de sujeito, de atributo e de objeto direto.

Ex.: **A noite** é bela (sujeito: *a noite*). Se dissermos **À noite, vou passear**, então há crase. **Maria é a alegria** de seus pais (atributo: *a alegria*). Amo **a vida** (objeto direto: *a vida*).

A crase faz-se com a preposição «a» e as seguintes palavras:

- a) **Os artigos «a», «as».** Ex.: Vou **à** cidade (= vou *a* (preposição) + *a* (artigo) cidade).
- b) **Os pronomes «a» «as».** Ex.: Refiro-me **à** pena de João e **à** de Pedro (= *a* (preposição) + *a* (pronome) de Pedro).
- c) **Os adjetivos e pronomes demonstrativos, «aquele», «aquela», «aqueles», «aquelas».**
Ex.:
Refiro-me **àquele** livro (= *a* + *aquele* livro)
Refiro-me **àquela** pena (= *a* + *aquela* pena).
- d) **O pronome «aquilo».** Ex.: Refiro-me **àquilo** (= *a* + *aquilo*).

1) Regra prática para se empregar a crase:

Deve-se ver se há o artigo **a** antes da palavra feminina. Ex.: Vou **à** cidade. Há crase? — Sim, porque dizemos **«a» cidade é bonita. Vou a Roma.** Há crase? — Não, porque não dizemos **«a» Roma é bonita**, mas sim: **Roma é bonita.** Não há o artigo **a**; logo, não há crase.

Para haver crase, é preciso que a preposição **a** caia sobre o artigo **a**.

Ex.: Vou **à** cidade = Vou **a** + **a** cidade = Vou **aa** cidade = Vou **à** cidade.

*** Outra regra:** Quando se puder dizer **para a**, antes de palavra feminina, também se pode dizer **à** (crase). Ex.: Vou **para a** cidade. Logo: vou **à** cidade. Vou **para** Roma. Logo: vou **a** Roma. (Como não se diz **para a** Roma, não se pode dizer «vou **à** Roma»; não pode haver crase).

* Outra regra muito conhecida é a que diz que devemos ver se podemos dizer **ao** antes de palavra masculina. Ex.: Dizemos: Vou **ao** jardim; logo diremos: Vou **à** cidade. Prefiro as duas primeiras regras, porque se podem aplicar mais vezes.

2) **Emprega-se a crase antes dos nomes das partes do mundo, nações e províncias.**

Ex.:

Vou **à** Ásia, **à** África, **à** América.

Vou **à** França, **à** Argentina, **à** Inglaterra, **à** Espanha.

Vou **à** Extremadura, **à** Bahia, **à** Beira.

Razão: porque há o artigo **a** antes destas palavras, porque dizemos: a Ásia é bonita, a França é bonita, etc.

* **NOTA:** Pode-se dizer também: Vou a França, a África, a Inglaterra e a Espanha (sem crase).

Razão: Porque, muitas vezes, não empregamos o artigo **a**, porque dizemos, por exemplo:

Estive em França, estive em África, em Inglaterra, em Espanha.

Note-se que não se diz: Estive em Rússia, em Ásia, em América, em Argentina. São apenas alguns casos excepcionais, o que é devido ao fato de a África e aquelas nações estarem mais perto de Portugal, falando-se constantemente nelas, não sendo, pois, preciso determiná-las com o artigo **a**.

NOTA: Diz-se Vou «a» Santa Catarina (sem crase), porque não dizemos:

A Santa Catarina é bonita, mas sim: Santa Catarina é bonita. Não há o artigo **a**; logo, não há crase.

3) **Há crase em locuções adverbiais, prepositivas, conjuntivas e expressões como as seguintes (pois indicam circunstâncias de modo, em geral, que em latim vão para o ablativo, regido em geral de preposição):**

à parte
à vista de
às claras
às tontas
à força

às cegas
às ocultas (= a ocultas)
à vontade
à mão
à-toa

às rebatinhas	à flor dos lábios
à roda	à flor da água
à socapa	à mão tente (= com muita fôrça)
à certa	relativo à partida
à pureza (= em segrêdo)	devido à falta
à boca pequena (= em se- grêdo)	à medida que
à boca cheia	à pressa (<i>às pressas</i> é lo- cução usada no Brasil, por analogia com: <i>às cla- ras, às escuras</i> , etc.)
à sorrelfa	à uma (Todos se ergueram à uma = juntamente)
à proporção que	às escuras
à sôlta	às apalpadelas
à noite	à laia de
à porta	à feição de
à janela	à maneira de
às vêzes	à imitação de
à fiveleta (= a descoberto)	à semelhança de
à vista	à guisa de
à surdina	à procura de
à justa	
à farta	
à ventura	
quanto à forma	
quanto à idéia	

à 1 hora da tarde (Razão: — Porque empregamos o artigo *a* antes do numeral *uma*; ex.: «espere-me na Rua de São Bento d«a» 1 às 2»)

às 2 horas

às 3 horas

às 8 horas, etc.

vou até à cidade

até à volta (Também podemos dizer: **até «a» cidade**, porque há a locução prepositiva **até a** e a simples preposição **até**; sendo **até a**, este *a* cai sôbre o artigo *a*, havendo crase; sendo apenas a preposição **até**, haverá apenas a seguir o artigo *a*, não havendo crase. O que é corrente, porém, é: vou até à cidade; até à volta, etc. O sentido da frase torna-se mais claro.

- { bifes à inglesa (= à moda inglesa).
 { escrever à Rui (= à moda de Rui Barbosa).

NOTA: Em «escrever a Rui» há a seguinte frase completa: «Escrever uma carta a Rui»; não há, pois, crase.

bigodes à Kaiser (= à moda dos do Kaiser).

- { Assisti a uma sessão (sem crase; **uma** é artigo; a pre-
 posição **a** não se pode fundir, é claríssimo, com o
 artigo **uma**)
 { Assisti à festa
 { Respondi à carta
 { Ajudei à missa (mas note: Ajudei a Júlia a lavar a
 roupa (sem crase)
 { Compareci à sessão
 { Obedeci à ordem
 { Refiro-me à pena
 { Dirigi-me à Igreja
 { Voltei à Igreja
 { Fui à Igreja
 { Faltei à aula

e há crase empregando-se outros verbos que têm, como regência, a preposição **a**, vindo à frente uma palavra feminina)

- { um à parte (= a + a + parte = à parte; esta expressão foi
 depois substantivada)
 { à cerca de (= a + a + cerca de = à cerca de = à cerca de)
 { amanhã (= a + a + manhã = à manhã = amanhã).

NOTA: O acôrdo ortográfico manda grafar, no Brasil: *aparte* (subst.); *aparte* (do verbo *apartar*); *à parte* (locução adverbial); *amanhã*; *à cerca de*; *acerca* (do verbo *acercar*).

4) Geralmente, não há crase antes dos nomes de cidades, porque não há o artigo «a».

Ex.: Vou a Roma
 Vou a Lisboa
 Vou a Pindamonhangaba.

NOTA: Se houver o artigo **a**, antes da palavra, há crase.

Ex.:

Vou à Bahia (Dizemos: a Bahia é bonita).

Vou à Guarda (cidade português; dizemos: a Guarda é bonita). As palavras *baía* e *guarda* são também substantivos comuns.

NOTA: Às vezes, quando queremos designar uma época histórica, empregamos o artigo *a*. Dizemos, por exemplo: *A Roma dos Césares; a Lisboa de D. João V.*

Neste caso, há crase.

Ex.:

Refiro-me à Roma dos Césares.

Refiro-me à Lisboa de D. João V.

5) Não há crase quando a idéia é indeterminada.

Vê-se um barco a distância (idéia indeterminada).

Vê-se um barco à distância de 2000 metros (a idéia é determinada).

O sino toca a boda.

Este café sabe a fava (Eça de Queirós).

Escrever a tinta (sem crase, porque a idéia é indeterminada e porque não dizemos: escrever ao lápis, mas sim a lápis).

De aurora a aurora

Abriu uma a uma as fôlhas

Face a face

Frente a frente

De parte a parte

Ribeira a ribeira

Frente a frente (Lusíadas, canto V, estância 56).

NOTA:

Diz-se: escrever à mão (à *mão* é locução adverbial = *manualmente*. E, por analogia, diz-se: escrever à *máquina* = *maquinalmente*).

Navegar à vela (e: a vela)

E no mesmo ponto se fará à *vela* (Vieira).

De perna à vela (= de saia arregaçada; «lavadeiras, no rio, de perna à vela»)

Matar à faca

Charutos à mão

Baile à fantasia.

NOTA: É mais comum: à bala, à faca e à vela, como se pode ver nos bons escritores.

Dizem muitos que deve ser: a faca, a bala, porque, empregando palavras masculinas como *cacête*, *canivete*, etc., escrevemos: Matou

a *cacêfe*, a *canivete*; e não: ao *cacête*, ao *canivete*. A observação é bem feita, mas o que é comum, é: à *faca*, à *bala*, (Floriano Peixoto disse: «recebo-os à bala!») devido ao fato de a expressão ficar com mais energia, mais ênfase, e de se evitarera ambigüidades. Por exemplo se escrevermos num jornal: «Matou-o a faca», podemos interpretar: A *faca* matou-o. Pondo-se «matou-o à *faca*», não haverá confusões (=um homem matou outro à *faca*).

- 6) E' opinativa a crase (isto é, pode-se ou não empregar) antes de «minha», «tua», «sua», «nossa», «vossa».

Ex.: Dei um livro à minha prima; ou: a minha prima.

Razão: Porque dizemos, por exemplo: A minha prima é bonita: ou sòmente: Minha prima é bonita.

Pode haver o artigo a ou não. Havendo o artigo a, há crase; não havendo, não. Dir-se-á, porém: «*está à minha espera*»; «*à tua, à sua, à nossa, à vossa espera*». Igualmente: *à minha procura, à minha vontade, à minha porta, à minha mão, à minha moda*, pois o sentido fica mais expressivo.

NOTA: Diz-se: Rezei uma oração a Nossa Senhora (sem crase), porque não dizemos: A Nossa Senhora é bonita. Não há o artigo a; logo, não há crase.

- 7) Não há crase antes das expressões de tratamento, como V.^a Ex.^a, V.^a S.^a, V.^a Majestade, V.^a Alteza, V.^a Reverência, V.^a Ex.^a Rev.^{ma}, V.^a Eminência, etc.

Ex.: Dei um livro a V.^a Ex.^a.

NOTA: Não há o artigo a; não se diz, por exemplo: A V.^a Ex.^a é bonita; logo, não há crase.

NOTA: Exceto antes de Senhora, porque dizemos, por exemplo: A senhora é bonita; há o artigo a; logo, há crase.

Ex.: Dei um livro à Senhora.

- 8) Não há crase antes de «ela», «elas», «esta», «estas», «essa», «essas», «quanta», «quantas», «certa», «certas», «nenhuma», «nenhumas», «tôda»,

«tôdas», «alguma», «algumas», «cada», «cada uma».

Razão: porque não há o artigo *a*, antes destas palavras.

Ex.:

Estudar *a* tarefa e meter mãos *a* ela (Rui Barbosa)
 Refiro-me *a* esta gramática
 Refiro-me *a* essa gramática
 Refiro-me *a* quantas gramáticas há
 Refiro-me *a* certa gramática — (Note-se, porém: ganhar *à* certa; neste caso, há uma locução adverbial)
 Refiro-me *a* tôdas as gramáticas
 Refiro-me *a* algumas gramáticas
 Refiro-me *a* cada gramática
 Refiro-me *a* cada uma.

9) Não há crase antes dos relativos «que» e «cuja», porque não há o artigo «a» antes.

Ex.:

Esta gramática, *a* que faltam páginas
 A bandeira, *a* cuja sombra me acolhi (Rui Barbosa)

NOTA: Às vêzes, antes do pronome *que* há crase; quando a preposição *a* se funde com o pronome *a*.

Ex.: Estas meninas são estudiosas, mas eu darei um prêmio *à* que fizer melhor exame (= *a* menina que fizer melhor exame).

NOTA: Antes de *a* qual, as quais, há naturalmente crase, porque há o artigo *a*.

Ex.: Recebi sua carta, *à* qual respondo.

10) Não há crase antes de substantivo feminino no plural, com ou sem adjetivos, quando queremos dar ênfase à expressão.

Ex.:

Vamos *a* cenas menos agitadas (Rui Barbosa)

Não se entenece a lágrimas (Camilo)
Entregou-se a férteis cogitações.

- 11) Não há crase antes da palavra «casa» (de moradia) com os verbos de movimento, como «ir», «dirigir-se», «voltar», «tornar», etc. É o caso mais curioso nesta matéria.

Razão: Empregamos constantemente expressões como **estive em casa, venho de casa**, etc., de maneira que não precisamos de determinar este substantivo com o artigo **a**; a preposição **a**, não encontrando o artigo **a**, não se pode, é claro, fundir com **ê**le. Do mesmo modo se diz: «vou **a** palácio», quando se quer designar o palácio do rei ou do presidente da República; e não: «vou **ao** palácio». Dizemos: estive *em* palácio (e não *no* palácio).

Não empregamos realmente o artigo **a** antes de **casa**, nestas expressões: Onde esteve você? — Em casa (e não: **na casa**); venho **de** casa (e não: **da casa**); vou **para** casa (e não: para **a casa**); dizemos, contudo, empregando outras palavras: Vou para **a** fazenda, vou para **a** pátria, vou para **a** rua, etc.

Em italiano escreve-se também: Io vado **a** casa (e não: **alla casa**; **alla** corresponde ao nosso **à**).

Em inglês, escreve-se igualmente: I am going home (e não I am going **to** home; **to** corresponde ao nosso **à**). Em inglês, diz-se, contudo: I am going **to** town = vou **à** cidade.

(Note-se, porém, que, se se disser: vou **a** casa de João, já se encontra **to**: I am going **to** John's).

NOTA: Não se deve dizer; vou em casa; vá lá em casa. São erros grosseiros. Quem vai, vai **a** (ou para algum lugar).

Exemplos:

Vou **a** casa
Vou **a** casa do João
Dirigi-me **a** casa
Chegaram alguns deles **a** casa de um homem (Fernão Lopes, Crôn. de D. Fernando)
Recolhiam-se **a** casa os lavradores (Guerra Junqueiro, «O melro»)
Recolheu-se **a** casa (Camilo, «A Neta do Arcediago»)

Camões voltou a casa (Oliveira Martins)
 E' melhor levar-lha a casa (Júlio Diniz)
 Foram dois amigos a casa de outrem (Padre Manuel Bernardes)
 Chegando mais cedo a casa (Eça de Queirós, « Relíquia »)
 Cheguei a casa tão sombrio (Eça de Queirós, « Relíquia »)
 Veio passar o S. João a casa (Eça de Queirós, « Relíquia »)
 Eu chegarei a casa ainda a horas (Eça de Queirós, « Relíquia »)
 Quando cheguei a casa (Eça de Queirós, « Relíquia »)
 Voltei a casa (Júlio Dantas, « Mulheres »)
 Chegou a casa (Júlio Dantas, « Mulheres »)
 O caso que a um rei deve parecer mais grave é ir a casa de
 outro rei (Duarte Nunes, Chron. del Rey D. Aff. V, pág. 424,
 ed. de 1870; ap. Rui Barbosa).

Podem-se ver inúmeros exemplos em escritores portugueses.

Diz Rui Barbosa, na « Réplica », pág. 456: « Há muito quem escreva fui à casa, mandei à casa, voltei à casa, recolhi à casa. São grafias erradas, porque ninguém, aludindo à casa de alguém, sem complemento que a determine, escreveria: saí da casa, dormiu na casa, passou-lhe pela casa, oh! da casa, mas: oh! de casa, passou-lhe por casa, dormiu em casa, saí de casa ».

NOTA: Quando a casa é de negócio, então há crase. Razão: porque há o artigo a antes.

Ex.: Estive na Casa Alemã; há o artigo a; logo, há crase: Vou à Casa Alemã.

NOTA: Vê-se crase nas seguintes expressões: Fui à casa de campo; de volta à casa paterna; pois a casa é determinada pelos complementos de campo e paterna.

* Outro caso curioso: Quando fazemos viagem num navio ou, noutras circunstâncias, queremos designar a terra firme, dizemos, empregando verbos de movimento, sem crase: Aportou a terra, dirigiu-se a terra, etc. Um exemplo de Camões, Lusíadas, canto X, est. 110: « e não duvida poder tirá-lo a terra... » Razão: porque dizemos vou para terra (e não: para a terra); estive em terra (e não: na terra). Na Antologia Nacional e nalgumas edições dos Lusíadas encontra-se este exemplo com o a acentuado. E' um descuido dos revisores, porque Camões não o acentuou, como se pode ver na edição *princeps*.

Se nos referimos à terra, onde nascemos, então há crase. Ex.: Vou à terra, dirigiu-se à terra, etc.

Razão: Porque dizemos: estive na terra, vou para a terra, etc.

12) É opinativa a crase antes dos nomes próprios de pessoas.

Ex.: Dei um livro à Júlia ou a Júlia

— Por quê? — Porque dizemos:

A Júlia é bonita, ou só: Júlia é bonita

NOTA: Diz-se: Peço a Maria Santíssima (sem crase)

Porque não dizemos, por exemplo: A Maria Santíssima é bonita; mas só: Maria Santíssima é bonita. A anteposição do artigo ao substantivo próprio indica intimidade. Por isso é que em português puro se diz apenas: *Cristo* (e não: o *Cristo*). *Cristo* veio ao mundo... *Cristo* disse...

Exceto quando se quer frisar uma época histórica: o *Cristo* da Idade Média; o *Santo Cristo* da Renascença; o *Cristo*, o Ungido do senhor. (*Cristo* quer dizer Ungido (vem do grego *Christós*); *Jesus* = Salvador).

NOTA: Peço à Virgem Santíssima (com crase)

— Por quê? — Porque dizemos:

A Virgem Santíssima é bonita.

COMO SE ESCREVEM "CARTAS" (1)

As cartas devem-se escrever, obedecendo sempre ao mesmo *tratamento*. É vulgar ler-se uma carta, às vezes de pessoas cultas, em que se encontram três tratamentos: *tu*, *você* e *vós*. Isto é devido aos erros constantes da linguagem familiar, em que se ouvem expressões, como: *Se você me amolar, eu te parto a cara*. Deve ser, é claro: *Se você me amolar, eu parto-lhe a cara*.

Quase todos supõem que *tu* e *você* são tratamentos iguais. Não o são, porque *tu* é da 2.^a pessoa do singular e *você* é da 3.^a.

Deve-se, pois, fixar:

«*Tu e você não são tratamentos iguais.*»

Na linguagem familiar e nas cartas entre casados, entre amigos íntimos, entre irmãos, entre primos, e de avós, pais, tios e patrões, para netos, filhos, sobrinhos e criados, usa-se, em Portugal, o tratamento de *tu*.

O mesmo se dá, segundo creio, em tôdas as línguas européias.

No Brasil, o tratamento comum, nas circunstâncias atrás referidas, é *você*; mas, de vez em quando, aparecem também misturados os pronomes e adjetivos correspondentes à 2.^a pessoa, como *teu*, *tua*, *teus*, *tuas*, *te*, *a ti*, *contigo*, o que é um erro.

(1) Não se diz: «*como se respondem cartas*» mas sim: «*como se responde a cartas*». (Quem responde, responde a uma carta; o verbo, nesta acepção, é intransitivo; logo não pode haver voz passiva). *Como se escrevem cartas* está bem. Há uma voz passiva = «*como cartas são escritas*».

Diz Júlio Nogueira («O Exame de Português», pág. 349):

«A carta é um gênero muito fácil quanto à sua produção, mas perigoso pelos ensejos que oferece a lapsos e erros graves. Infelizmente, o nosso falar comum é muito descuidado. Cometem-se os mais feios solecismos por simples desídia, e, no momento de escrever, torna-se preciso um grande esforço para reagir contra essa lamentável tendência. Pessoas cultas, que conhecem perfeitamente a conjugação dos verbos e o emprego dos pronomes, não se socorrem das inúmeras variantes de construção ao seu alcance. A nossa frase é dura, uniforme, e o vocabulário exíguo. Afeiçoar a língua, dar uma aparência límpida, pura à nossa linguagem, é arriscar-se a gente a incorrer na balda da pedantaria.»

Vejamos como se empregam os tratamentos:

* Os dois tratamentos comuns no Brasil são: o *Snr.* (quando há respeito); *Você* (quando há intimidade, ou quando se trata um empregado subalterno).

Tu — (muito usado em Portugal) — entre casados, entre amigos íntimos, entre irmãos, entre primos, e de avós, pais, tios e patrões, para netos, filhos, sobrinhos e criados.

Você — (vem de Vossa Mercê que deu *Vossemecê* e, depois, *Você*); era pouco usado em Portugal, entre pessoas mais ou menos da mesma idade, e que não eram muito íntimas. Generalizou-se no Brasil, porque vieram para aqui portugueses de tôdas as classes, e, como havia pouca intimidade entre elles, tratavam-se por você, como é natural, nas mesmas condições em Portugal. E' comum no Brasil, entre amigos, irmãos e primos, e de avós, pais, tios e patrões, para netos, filhos, sobrinhos e criados. O tratamento de *Você* está-se usando, hoje, muito em Portugal.

Vós — (pouco usado). Usava-se, em Portugal, em cartas e em mensagens ao Rei e Príncipes. Dava-se, com êste tratamento, um fato curioso. O missivista ou missivistas escreviam, por exemplo, diz Cândido de Figueiredo: «Vimos aos pés de *Vossa Majestade* apresentar-vos os nossos atos, etc.». Misturavam, portanto, *Vossa Majestade* (tratamento da 3.^a pessoa do singular com *vós* (tratamento da 2.^a do plural). «O tratamento de *vós*, continua Când. de Fig., dirigido a uma só pessoa, foi muito usado entre Portuguezes, e ainda se usa no Brasil, mas quase ninguém o conhece hoje em Portugal; e, mesmo dirigido a muitas pessoas, não é vulgar ouvir-se. Quando muito, serve-se d'êles um ou outro orador, em ocasiões solenes, perante um auditório respeitável».

Senhor (em abreviatura: *Snr.*) — E' um tratamento de respeito, comuníssimo no Brasil e em Portugal.

Vossa Excelência (em abreviatura: *V.^a Ex.^a*) ou *Vosselência* ou *Vossência* — E' muitíssimo usado em Portugal; é

dirigido a altas personagens, a homens formados, a Senhoras e a pessoas distintas. Passa por incorreto quem disser, dirigindo-se a uma Senhora distinta, por ex.: *A Senhora como vai?* Deverá dizer: *V.^a Ex.^a como vai?*

As formas abreviadas: *Vosselência* e *Vossência* começaram a usar-se em Portugal, mais ou menos de 1907 para cá. No Brasil, usa-se a primeira forma, *V.^a Ex.^a*, quando alguém se dirige ao Presidente da República, aos Presidentes e Governadores dos Estados e a pessoas de elevada categoria social. Os dois tratamentos comuns no Brasil são: *o Snr.* (quando há respeito); *Você* (quando há intimidade, ou quando se trata um empregado subalterno).

Vossa Senhoria (em abreviatura: *V.^a S.^{ia}*) — Usa-se na correspondência comercial, tanto no Brasil como em Portugal. A este tratamento corresponde hoje: *Ilustríssimo Senhor*.

Vossa Reverência (em abreviatura: *V.^a Rev.^a*), ou *Vossa Reverendíssima*. — E' dirigido aos padres.

Vossa Excelência Reverendíssima (em abrev. *V.^a Ex.^a Rev.^{ma}*) — E' dirigido aos bispos e arcebispos.

Vossa Eminência (em abrev.: *V. E.*) — E' dirigido aos cardeais.

Vossa Santidade (em abrev.: *V. S.*) — E' dirigido ao Papa.

Vossa Paternidade — E' usado entre os padres franciscanos.

Vossa Caridade — E' usado entre os franciscanos leigos.

Vossa Majestade (em abrev.: *V. M.*) — E' dirigido aos Reis.

Vossa Alteza (em abrev.: *V. A.*) — E' dirigido aos Príncipes.

Soror — E' dirigido a uma freira.

Algumas abreviaturas usadas em cartas, e outras ainda:

Il. ^{mo} Snr.	— Ilustríssimo Senhor.
Ex. ^{mo} Snr.	— Excelentíssimo Senhor.
Rev.	— Reverendo.
P.	— Padre.
Fr.	— Frei.
V.	— Você.
Dr.	— Doutor.
B.	— Bacharel.

D. D.	— Digníssimo.
M. D.	— Muito Digno.
Cr.º At.º, Obg.º	— Criado, Atento, Obrigado.
P. E. F.	— Por especial favor.
etc.	— <i>et caetera</i> = e outras cousas.
E. C.	— Era cristã.
s/c	— sua carta; sua conta.
2 do c/	— 2 do corrente.
D. G.	— Deus guarde.
id.	— <i>idem</i> (= a mesma cousa)
ib.	— <i>ibidem</i> (= no mesmo lugar).
S. E. O.	— salvo êrro ou omissão.
cf.	— <i>confer</i> = confere (tu).
cp.	— compara (tu).
e. g.	— <i>exempli gratia</i> = por exemplo.
v. g.	— <i>verbi gratia</i> = por exemplo.
i. e.	— <i>id est</i> = isto é.
q. v.	— <i>quod vide</i> : vê o qual; o que seja visto.
s. v.	— <i>sub voce</i> = sob a voz; estudado com este nome.
vide	— vê (tu).
n/c	— nossa conta.
c	— conta.
c/c.	— conta corrente.
fl. fls.	— fôlha, fôlhas.
p/c	— por conta.
pg.	— pago.
P. p.	— por procuração.
s/	— sua.
S. S.	— Santíssimo.
A.	— autor.
R.	— réu.
R.º	— <i>Récipe</i> = recebe (usado pelos médicos no comêço da receita).
V.ºr	— venerador.
V. M.	— Vossa Majestade.
V. A.	— Vossa Alteza.
V. Ex.ia	— Vossa Excelência.
V. S.ia	— Vossa Senhoria.
V.ª Em.ia	— Vossa Eminência.
A. C.	— antes de Cristo.

N. T.	— Novo Testamento.
V. T.	— Velho Testamento.
A. m. D. g.	— Ad majorem Dei gloriam = para maior glória de Deus. (É o lema dos jesuítas).
A. D.	— <i>Anno Domini</i> (=no ano do Senhor).
P. S.	— <i>Post-scriptum</i> (usado no fim, após a assinatura, quando houve esquecimento de dizer alguma coisa no corpo da carta). O voc. bras. traz <i>pós</i> -escrito.
P. D.	— Pede deferimento (usado nos requerimentos).
E. R. M.	— Espera receber mercê (usado nos requerimentos).
N. B.	— <i>Nota bene</i> (=nota-bem).

Esquema dos tratamentos

Quando empregamos TU (2. ^a pessoa do singular)	devemos empregar: te, a ti, contigo, teu, tua, teus, tuas.
--	--

Às vezes, no meio da carta, dizemos, por exemplo: amigo Pedro, peço-te a fineza de arranjares um emprego para o João; como sabes a *sua* família está na miséria. Neste caso, está bem *sua*, porque *sua* se refere à família do João.

Quando empregamos VO- CÊ, ou Snr., ou V. ^a S. ^a , ou V. ^a Ex. ^a ou V. ^a Alteza, ou V. ^a Majestade, ou V. ^a Emi- nência, ou V. ^a Rev. ^a , ou V. ^a Ex. ^a Rev. ^{ma} , ou V. ^a Santi- dade (3. ^a pessoa do singu- lar).	devemos empregar: se, a si, consigo, seu, sua, seus, suas, lhe, lhes, o, a, os, as.
--	--

NOTA: Neste caso, muitos escrevem: *Vou consigo ao Rio, dei um livro a si, tenho pena de si* (por analogia com *contigo, convosco*). Até bons escritores assim têm feito: alguns filólogos, porém, dizem que estas construções não são puras, porque, *se, a si, consigo* se referem

apenas à 3.^a pessoa. Estão, pois, bem, expressões como estas: João foi-se embora e levou *consigo* todos os livros (= levou consigo mesmo); "êle dizia de si para si", etc.

Em 1922, Junqueiro disse a um jornalista brasileiro: "Tome lá dois abraços: um é para o Brasil e outro é *para si*". Como se vê, Junqueiro empregou a expressão correntíssima em Portugal, que alguns filólogos consideram impura.

Quando empregamos VÓS (2. ^a pessoa do plural)	{	devemos empregar: vos, a vós, convosco, vos- so, vossa, vossos, vossas.
---	---	---

As vêzes, no meio da carta, dizemos, por exemplo: Peço-vos a fineza de arranjardes um emprêgo para meu amigo João; como sabeis, a *sua* família está na miséria. Neste caso está bem *sua*, porque *sua* se refere à *família* do João.

* NOTA: As vêzes, notam-se mudanças de tratamento, quando se passa de um tom brando para um severo. Ex. (o pai, falando ao filho): — Que *estás* fazendo, João? Por que não *estudas*? O senhor *precisa* de tomar juízo, *ouveiu*?

Um exemplo de Herculano (Lendas e Narrativas): — "Ora, pois; não *chores*: Deixa o caso por minha conta. *Volte* para casa, e não me torne a rondar pela beira do rio. *Entende*? Olhe que...".

* Um exemplo de Garrett, que indica o interêsse de quem fala. É o chamado *complemento de interêsse*: — "Sim, eu agora ando bom... E *tu*, meu Luís, como *vamos* de saúde?"

Exemplos de cartas

TU (2.^a pessoa do singular)

Meu caro amigo (à frente de *amigo*, não se põe nada; ou põem-se 2 pontos (:).

Sendo amanhã o dia de teu aniversário natalício, apresso-me em apresentar-te os meus sinceros parabéns e, conjuntamente, os votos fervorosos, que faço a Deus pela *tua* *felicidade*.

Abraça-te afetosamente o teu amigo certo.

ou	}	Aceita um abraço do amigo, que muito te quer, Recebe um abraço do amigo, que te estima.
----	---	--

NOTA: Diz-se *certo*, porque, em latim, há uma frase célebre, que diz: *Amicus certus in re incerta cernitur* = o amigo certo conhece-se na ocasião infeliz.

NOTA: Não se pode escrever, como, às vezes, se vê em cartas:

{ Aceites um abraço...
 { Recebas um abraço...
 { Queiras receber um abraço...

São erros grosseiros, que todos têm a obrigação de evitar.

ÊLE (3.^a pessoa do singular)

(Você, ou Snr., ou V.^a S.^a, ou V.^a Ex.^a, ou V.^a Rev.^a, ou V.^a Ex.^a Rev.^{ma}, etc.).

Meu caro amigo (quando se trata alguém por Você ou Snr.).

Ex.^{mo} Snr. (quando se trata alguém por V.^a Ex.^a).

Il.^{mo} Snr. (quando se trata alguém por V.^a S.^a).

Rev.^{mo} Snr. (quando se trata alguém por V.^a Rev.^a), etc.

Sendo amanhã o dia de *seu* aniversário natalício, apresso-me em apresentar-*lhe* os meus sinceros parabéns e, conjuntamente, os votos fervorosos, que faço a Deus pela *sua* felicidade.

Abraça-o o *seu* amigo certo, X.

{ Receba um abraço do amigo que *o* estima, (não se diz: que *lhe* estima; quem estima, *estima alguém*).
 { Queira receber um abraço do amigo que muito *lhe* quer, (=que *lhe* quer muito bem; quem quer bem, *quer bem a alguém*).
 { Aceite...

NOTA: Neste caso, pode-se empregar o verbo *querer*, assim como no plural:

Queira Você, ou o Snr., ou V.^a Ex.^a receber...

Queiram Vocês, ou os Snrs., ou V.^{as} Ex.^{as} receber...

O verbo *querer* não tem imperativo. Vieira escreveu: *Querei só o que podeis*, mas, hoje, não se emprega. Há, apenas, as formas do subjuntivo presente: *Queira* e *queiram*. Há também a forma negativa do imperativo, que se forma do subjuntivo presente:

Não queiras tu

- » queira você, ou o Snr., etc.
- » queiramos nós
- » queirais vós
- » queiram vocês, ou os Snrs., etc.

* Muita gente emprega o tratamento de V.^a Ex.^a, mas põe os possessivos: *vosso, vossa, vossos, vossas* (2.^a pessoa do plural). E' êrro. Deve empregar: *seu, sua, seus, suas* (da 3.^a pessoa do singular).

VÓS

Prezadíssimo amigo

Sendo amanhã o dia de *vosso* aniversário natalício, apresso-me em apresentar-*vos* os meus sinceros parabéns e, conjuntamente, os votos fervorosos, que faço a Deus pela *vossa felicidade*.

Abraça-*vos* o *vosso* amigo certo, X.

ou { Recebei um abraço do amigo que vos estima.
 { Aceitai um abraço do amigo que muito vos quer.

NOTA: Não se pode escrever, como, às vêzes, se vê em cartas:

{ Queirais receber um abraço...
 { Recebais um abraço..
 { Aceiteis um abraço...

Cartas comerciais

O tratamento é V.^a S.^a, quando a firma é *individual*.

O tratamento é V.^{as} S.^{as}, quando a firma é *coletiva*.

V.^a S.^a

Santos, 4 de fevereiro de 1919.

Il.^{mo} Snr. Augusto Rodrigues (em comércio, diz-se

Il.^{mo} Snr. e não *Ex.^{mo} Snr.*)

São Paulo

Amigo e Snr.

Tenho presente s/ estimada carta de 2 do c/, à qual respondo.

Louça: Informo V.^a S.^a de que chegaram ao meu armazém 50 dúzias de pratos, marca «Estrêla», se-

gundo o meu pedido n.º 29; tenho, porém, que certificá-lo de que alguns chegaram partidos, o que eu atribuo à falta de cuidado de seus empregados no acondicionamento. Peço-lhe, pois, que dê as necessárias providências para que tal fato não se reproduza.

Pedido: Envio-lhe, incluso, o pedido n.º 30.

Aguardando a remessa, subscrevo-me com a mais alta consideração

de V.^a S.^a At.^o Cr.^o e Obg.^o
AUGUSTO TEIXEIRA

V.^{as} S.^{as}

Santos, 4 de fevereiro de 1919.

Il.^{mos} Snrs. Augusto Rodrigues & Cia. (em comércio diz-se Il.^{mos} Snrs. e não Ex.^{mos} Snrs.)

São Paulo.

Amigos e Snrs.

Temos presente s/ estimada carta de 2 do c/, à qual respondemos.

Louça: Informamos V.^{as} S.^{as} de que chegaram ao nosso armazém 50 dúzias de pratos, marca «Estrêla», segundo o nosso pedido n.º 29; temos, porém, que certificá-los de que alguns chegaram partidos, o que nós atribuímos à falta de cuidado de seus empregados no acondicionamento. Pedimos-lhes, pois, que dêem as necessárias providências para que tal fato não se reproduza.

Pedido: Enviamos-lhes, incluso, o pedido n.º 30.

Aguardando a remessa, subscrevemo-nos com a mais alta consideração

de V.^{as} S.^{as} At.^{os} Cr.^{os} e Obg.^{os}
AUGUSTO TEIXEIRA & C.^{ia}

NOTA: São comuns, entre os comerciantes, os erros seguintes:

Deve ser:

{ Avisamos-lhe que... { Avisamos a V. ^a S. ^a que...	{ Avisâmo-lo de que ou Avisâmo-lo que... Avisamos V. ^a S. ^a de que ou Avisamos V. ^a S. ^a que...
{ Informamos-lhe que... { Informamos a V. ^a S. ^a que	{ Informâmo-lo de que ou Informâmo-lo que Informamos V. ^a S. ^a de que ou Informamos V. ^a S. ^a que...
{ Prevenimos-lhe que... { Prevenimos a V. ^a S. ^a que...	{ Prevenîmo-lo de que ou Prevenîmo-lo que Prevenimos V. ^a S. ^a de que ou Prevenimos V. ^a S. ^a que...
{ Certificamos-lhe que... { Certificamos a V. ^a S. ^a que...	{ Certificâmo-lo de que ou Certificâmo-lo que... Certificamos V. ^a S. ^a de que ou Certifica- mos V. ^a S. ^a que...
{ Cientificamos-lhes que... { Cientificamos a V. ^a S. ^a que...	{ Cientificâmo-lo de que ou Cientificâmo-lo que... Cientificamos V. ^a S. ^a de que ou Cientifi- camos V. ^a S. ^a que...

Estes verbos são transitivos, como se pode ver em exemplos de bons escritores.

O verbo *comunicar*, muito usado em comércio, está bem empregado: { Comunico-lhe que...
Comunico a V.^a S.^a que...

RAZÃO: Quem comunica, comunica alguma coisa a alguém.

PONTUAÇÃO

Vírgula (,) — indica pequena pausa. Ex.: O pai, a mãe, a filha, e o filho foram à cidade.

NOTA: Depois de *filha*, há a conjunção *e*; por isso, não há vírgula. Põe-se vírgula antes da conj. *e*, se o sentido que vem fôr diferente do anterior. Ex.: «Dá lembranças aos teus, *e* recebe um grande abraço do teu amigo, José».

As vezes, o escritor quer dar ênfase, e por isso separa tudo por vírgulas, ainda que haja conjunção. Ex.: «E o céu, e a terra, e o mar, e as estrelas, e os homens, tudo irradiava alegria».

Ponto e vírgula (;) — indicam pausa maior que a da vírgula.

Ex.: «Queria ir à cidade; há, porém, um negócio que me obriga a ficar em casa».

«Considerando que o requerente fez ;
que usou de um direito previsto ;
que, nessas circunstâncias, agiu ;
que o seu procedimento ;
hei por bem deferir o seu pedido».

Dois pontos (:) — indicam pausa grande: servem para citação, enumeração e desenvolvimento do que está antes: Ex.:

«Os filhos do snr. Carvalho são: José, Pedro e Júlia».

«Barroso disse na batalha do Riachuelo: «O Brasil espera que cada brasileiro cumpra o seu dever».

«Não há nada como um dia depois do outro: — o tempo cura tudo».

Ponto final (.) — é a pausa natural no fim de um período, isto é, de uma oração ou muitas orações ligadas, formando um sentido completo.

Serve também para abreviaturas. Ex.: Dr. Subst.
E. R. M. P. D.

Ponto de interrogação (?) — serve para indicar uma pergunta direta. Ex.: Como te chamas?

Ponto de exclamação (!) — serve para indicar admiração.

Ex.: Que beleza! oh!

NOTA: As vezes, usam-se o ponto de interrogação e de exclamação juntos, porque há duas expressões na nossa alma. Ex.: Ah! És tu?!

Reticências (...) — indicam suspensão do pensamento. Ex.: Ah! Se tu soubesses tudo...

Parêntese () — indica frases explicativas, que, ditas, são proferidas em tom mais baixo.

Ex.: Abolida a escravidão, (13 de maio de 1888), resolveu o governo...

Aspas (« ») — indicam citações de frases, ou chamam a atenção para certas expressões.

Ex.: Napoleão disse: «Do alto destas pirâmides quarenta séculos vos contemplam».

Travessão (—) — risco maior que o hífen. Serve para indicar que alguém fala, e para chamar a atenção do leitor para uma palavra ou para uma expressão.

O Voc. bras. manda empregar o *travessão*, e não o *hífen*, para ligar palavras ou grupos de palavras que formam, por assim dizer, uma cadeia na frase: O trajeto Mauá — Cascadura; a estrada de ferro Rio — Petrópolis; etc.

Ex.: — João, como passas? — Bem, obrigado.

Hífen (-) — serve para ligar palavras. Ex.: «escola-modelo».

Parágrafo ou alínea (§) — são dois ss entrelaçados = *signum sectionis* = sinal de seção. Indica as separações pequenas de certos períodos nos livros. Há uma interrupção, começando a linha além do ponto em que começam as outras.

VÍCIOS DE LINGUAGEM OU BARBARISMOS

1) *Vício prosódico* — quando se pronuncia mal uma palavra.

Ademitir	por admitir
Adevir	» advir
Substantivo	» substantivo
Adevogado	» Advogado
Faz frio (fri-u)	» faz frio (fri-o)
Abisolutamente	» absolutamente
Rúim	» ruim
Adequirir	» adquirir

2) *Vício ortográfico* (ou cacografia — do grego *kakos* = mau) — quando se escreve mal uma palavra.

Advinhar	por adivinhar (do latim: <i>divinare</i>)
Contricto	» contrito (do latim: <i>contritum</i>)
Degladiar	» digladiar (do latim: <i>digladiari</i>)

3) *Solecismo* — quando se erra a concordância ou a regência. *Regência* é a influência de uma palavra na seguinte. Ex.: Vi-o (e não *vi êle*). É o maior dos vícios. Chama-se *solecismo*, porque em *Soles*, colônia grega, havia muitos vícios de linguagem desta natureza.

Nóis vai	por Nós vamos
Foi eu que fiz	» Fui eu que fiz (ou: Fui eu quem fêz)
Houveram homens	» Houve homens
Fazem 3 semanas que não <i>lhe</i> vejo	» Faz 3 semanas que não <i>o</i> vejo
Vi êle	» Vi-o
Laranja para mim comer	» para eu comer

Vou na cidade	por Vou à cidade
Ceguei na cidade	» Ceguei à cidade
Vi-lhe	» Vi-o
Agradei-o	» Agradei-lhe

NOTA: Têm cometido este vício grandes escritores, pondo os verbos *haver* e *fazer*, impessoais, no plural. Álvares de Azevedo escreveu algures: *Fazem 20 anos*. Castro Alves, na «Cachoeira de Paulo Afonso», página 75, escreveu: *Fazem hoje muitos anos*. Deve ser: *faz hoje muitos anos*. Filinto Elísio, Fernão Mendes Pinto, Vieira e Camilo escreveram frases como: *Houveram homens*. Até Camões, no fim do «El-rei Seleuco», grafou: *Hajam festas de prazer*. Deve ser: *haja* (v. impessoal) *festas de prazer*.

C. de Fig. e Rui Barbosa assim afirmaram. Ernesto Carneiro contestou, dizendo que o verbo *haver*, neste caso, é *peçoal*; o sujeito é *êles*: «*êles* (dois apaixonados) *hajam*, tenham festas...» Lendo-se o trecho todo, vê-se que pode ser *impessoal* (*haja*) e também *peçoal* (*hajam*). Parece-me, porém, que Camões quis dar um sentido *impessoal* à frase.

Apesar disto, devemos seguir as boas normas, porque, segundo Cândido de Figueiredo, «raro será o solecismo, de que se não possa citar exemplo em algum clássico».

E' claro que o verbo *haver*, como *chover*, *anoitecer*, *trovejar*, etc., são *impessoais*, sendo o sujeito indeterminado.

UM CASO CURIOSO: Entre o povo português e brasileiro, e até nos escritores portugueses, aparecem, às vezes, os verbos impessoais precedidos do pronome *êle*, como sujeito fictício.

Ex.: *Êle sempre há cada matuto!*

Êle agora não chove.

Êle há marotos muito grandes na tropa (Camilo).

Estas frases são legitimamente portuguesas.

Os verbos impessoais, como *chover*, *relampejar*, *anoitecer*, *trovejar*, *nevar*, etc., podem-se tornar *peçoais* quando o sentido é figurado.

Ex.: *Chovam as bênçãos de Deus sobre vós!*

O bêbedo trovejou dois desaforos.

O verbo *haver* pode ser:

a) *impessoal*. Ex.: *Há homens*.

b) *auxiliar*. Ex.: *Êle havia estudado* = *Êle tinha estudado*.

c) *transitivo* (hoje quase só usado nos documentos judiciais).

Ex.: *Os Brâmanes hão medo* (= têm medo) (*Lusíadas*, canto X).

d) *reflexivo*. Ex.: *Houve-se amor comigo tão brando* (*Camões*) = *portou-se*. *Fui fazer exame e houve-me bem* (= portei-me bem).

4) *Arcaísmo* — quando se usam palavras ou locuções obsoletas, isto é, desusadas.

Ex.: Fuão (hoje: fulano)
começar fazer (hoje: começar a fazer).

5) *Neologismo* — quando se empregam palavras novas, mal formadas no seio da língua.

Ex.: *Evoluir*, *imiscuir-se* (muito usadas).

E' claro que do latim *evolvere*, só pode vir a palavra portuguesa *evolver* (e não *evoluir*); do latim *immiscere* não pode vir a palavra *imiscuir*. Em vez de *imiscuir*, diremos *envolver-se*, *intrometer-se*. Cândido de Figueiredo não registra estas duas palavras no dicionário.

NOTA: Há neologismos que são bem formados, como *vesperal*; neste caso, não se pode dizer que sejam erros, mas os gramáticos aconselham o máximo cuidado no seu emprêgo. Há neologismos absolutamente necessários, devido ao progresso científico, para cujos processos novos são precisas designações novas. Ex.: fonógrafo, velódromo, telepatia, etc.

6) *Anfibologia* ou *ambigüidade* — quando a expressão tem dois ou mais sentidos.

Ex.: Ama o povo o bom rei
Para se saber qual é o sujeito, far-se-á:
Ama o povo ao bom rei (sujeito: o *povo*)
ou: Ama ao povo o bom rei (sujeito: o *bom rei*).

7) *Lambdacismo* — quando se troca o *r* pelo *l*.

Ex.: colda por corda.

8) *Rotacismo* — quando se troca o *l* pelo *r*.

Ex.: O' sordado *marvado*, *sarta* para fora da *carçada*, se não vai *pórvora*. Os banhos de *mal* fazem-me um *mar*... (=os banhos de *mar* fazem-me um *mal*...)

NOTA: *Gíria* (ou *plebeísmo*) é a linguagem especial de boêmios, soldados, estudantes, gatunos, povo de uma cidade, dos que exercem uma profissão ou arte. Ex.: *encrenca*; *não amole*; *isso é cacête*; *é pau*; *frege*, etc. E' *calão* quando a linguagem é baixa. O estudo da *gíria* é útil, porque nos ensina as relações sociais, e porque, nos tribunais, ajuda os juizes a interpretar a natureza dos crimes; como diz Leite de Vasconcelos, o grande compilador das *gírias* em Portugal.

9) *Cacofonia* ou *cacófaton* (ou melhor: *cacófato*) — quando, da união de duas ou mais palavras, surge outra ridícula ou obscena.

Ex.: *Ela trina, bôca dela; acêrca dela.* As idéias como as *concebo... Uma minha prima, uma prima minha; é questão de fé de mais ou fé de menos.*

Alma minha gentil... (Camões escreveu assim, porque eram próprias da época estas expressões: *Tágides minhas, alma minha, amigo meu, Senhora minha*, etc. É que o estudo do latim era intenso nessa época, e, em latim, os possessivos vão depois do substantivo: *amicus meus, anima mea, domina mea*, etc.).

NOTA: Rui Barbosa, na «Réplica» mostra inúmeros cacófatos em bons escritores. Deve-se, pois, considerar como erro, quando a palavra fôr obscena ou ridícula. Em Portugal, liga-se pouca importância aos pequenos cacófatos, àqueles, cujo sentido não encerra idéia suja (*acêrca dela, bôca dela*, etc.). Em França, sucede a mesma cousa, e nem de outro modo poderia ser, pois a língua francesa se presta extraordinariamente à cacofonia. Dêste modo, não devemos ligar importância ao seguinte cacófato empregado por Olavo Bilac, no discurso que fez em São Paulo a Alfredo Pujol, em 30 de dezembro de 1917, e que se pode ver no «Estado de São Paulo» de 31 de dezembro: «Amar os livros é *como amar* as flores».

Atacaram, a meu ver, injustamente Bilac, porque no soneto «Ouvir estrêlas» escreveu *só quem ama* (soquem — do verbo *socar*). E' claro que a pronúncia é *só quem*; há dois acentos: logo, não há cacófato. Assim, quando dizemos: *três cruzeiros por cada livro*, não há o cacófato *porcáda*, como muita gente supõe, porque a pronúncia é *por cáda*. A pronúncia *lenta* do português no Brasil, a partir do Trópico de Capricórnio para cima, faz aparecer *cacófatos*, que passam absolutamente despercebidos a quem tem uma pronúncia rápida. Os exemplos são inúmeros. Há também cacófatos formados *dentro de uma palavra* por algumas de suas sílabas. São inevitáveis e indispensáveis.

10) *Eco* — quando se empregam palavras que rimam desagradavelmente.

Ex.: No fim da *sessão*, procederam à *nomeação* da *comissão* que devia tratar da *organização* de uma *coleção* de selos do Japão.

NOTA: Hoje, em literatura, vêem-se trechos de prosa rimada. E' uma feição original, de que muitos gostam. Literariamente, encontra-se ainda o eco para produzir um efeito onomatopaico, isto é, imitativo.

11) *Colisão* — quando se empregam palavras, em que predominam as mesmas consoantes.

Ex.: *Se se soubesse* sentir um sentimento suavíssimo de saudade...

Zunindo as asas azuis.

NOTA: Às vezes, os literatos empregam a colisão para produzir um efeito onomatopaico, isto é, imitativo.

12) *Hiato* — quando se empregam palavras, em que as vogais concorrem desagradavelmente.

Ex.: *Vai o aio à aula*.

NOTA: Há hiatos, porém, que não são vícios, porque não podemos exprimir-nos de outra maneira.

Ex.: *A água; a Ásia*. (O camponês das Beiras, em Portugal, diz: *a i água; Rafa i el; trinta i anos*, etc., para suavizar a pronúncia).

13) *Provincianismo* — quando há palavras ou expressões próprias de uma província. *Regionalismo* — quando próprias de uma certa região.

Alguns são perfeitos: quando têm formação lógica.

14) *Estrangeirismo* ou *barbarismo* ou *peregrinismo* — quando se empregam palavras ou expressões oriundas de outras línguas. Assim, se vierem da Alemanha, chamam-se *germanismos*; da Inglaterra, *anglicismos*; da França, (antiga *Gália*), *galicismos*; da Itália, *italianismos*; etc.

Os Romanos diziam: «Tudo o que não é romano é bárbaro». Daí a palavra *barbarismo* significar *estrangeirismo*. Tem, porém, também a significação lata de *vício de linguagem*.

Há, porém, estrangeirismos necessários em português, e, neste caso, ou os aportuguesamos, ou os escrevemos exatamente, grifando-os; há, apesar disto, alguns que já são tão usados que nem é preciso grifá-los, como, por exemplo *lanchar*, *lanche* (do inglês: *lunch*), *túnel* (do inglês *tunnel*); *desapontamento* (anglicismo introduzido por Garrett); *bonde* (de *bond* = senha, bilhete) é anglicismo usado no Brasil; em Portugal, diz-se «elétrico».

Os estrangeirismos mais comuns em português são os *galicismos*, *francesismos* ou *francesias*, devido à influência enorme da literatura francesa, a partir do século XVIII. Esta influência é notável em todas as línguas, embora todas reajam. Aos que os empregam, deu o escritor Filinto, Elísio, no mesmo século, o nome de *galiciparlas*. Também são

chamados *francelhos*. Ninguém poderá evitar que o francês, o inglês (hoje línguas dominantes no mundo, o francês na diplomacia, e o inglês no comércio e no cinema) e outras línguas imponham termos e expressões aos povos, pois a rapidez de comunicações e as necessidades provenientes do cosmopolitismo não de produzir fatalmente línguas mescladas de estrangeirismos. No século XV e XVI, com o esplendor de Portugal, também a língua portuguesa deu muitas palavras a várias línguas, como ao japonês, chinês e outras línguas orientais.

— «A língua portuguesa só um mal tem, e é que pouco lhe querem seus naturais e a trazem mais remendada que capa de pedinte.»

(Rodrigues Lôbo)

«A nossa português casta linguagem que em tantas traduções anda envasada (traduções que merecem ser queimadas) em mil termos e frases galicanas.»

(Cruz e Silva)

— «Sacudamos das falas, dos escritos tôda a frase estrangeira e frandulagem dessa tinha, que, comichona, afeia o gesto airoso do idioma luso.»

(Filinto Elísio)

Principais galicismos

a) *vocabulares* — os que são constituídos por um só vocábulo.

b) *fraseológicos* — constituídos por uma frase.

c) *reais* — termos franceses importados diretamente: *cache-col*, *bibelot*, *manteau*, *tailleur*, *chambre*, *rouge*, *garage*, *brevet*, *clichê*, etc.

d) *reflexos* — importados de outras línguas, através do francês: *quermesse*, *quiosque*, etc.

e) *nacionalizados* — que já tomaram formas portuguesas: *avenida*, *usina*, *bicicleta*, *bandó*, *controlar*, *felicitação*, etc...

f) *semânticos* — que têm uma significação em português e outra em francês: *bizarro*, em português, tem a significação de «garboso»; em francês, «esquisito»; *banal*, em português, significa «pertencente a senhor feudal e de que o vassalo usa, pagando fôro»; em francês, «vulgar», «fútil».

(Os que tiverem um asterisco (*), estão introduzidos já na língua).

* Afazeres (les affaires) por serviço, tarefa.

NOTA: *Afazeres* com dois *ff* é galicismo, dizem Gonçalves Viana e Cândido de Figueiredo. *Afazeres* com um *f* pode-se justificar, dizendo-se que a locução *a fazer* (tenho muitas cousas *a fazer*) se pluralizou, dando o substantivo: *afazeres*. Cândido de Figueiredo assim o registrou no seu Dicionário. Houve também jornalistas que, em Portugal, escreveram *os que fazeres*, a que Cândido de Figueiredo chamou «temeridade morfológica».

* garçon	por garção
* abat-jour	» quebra-luz, sombreira, pantalha
affixe	» edital
avançar (Ex.: Ele contou isso, e avançou que...)	» afirmar (Ele contou isso, e afirmou ainda que...)
coalizão	» coligação
* constatar	» certificar
deboche	» devassidão
debutar	» estrear
* governante	» aia, mestra
avalanche	» alude, avalanche
nuança	» matiz, cambiante, claro-escuro
petimetre	» pedante, casquilho, porralvilho
madama	» Senhora, Dona
gaffe	» rata
rendez-vous	» entrevista
afroso	» espantoso
barricar	» entrincheirar
bouquet	» ramalhete, ramilhete

NOTA: *Ramilhete* vem de *ramilho* (usado no Norte de Portugal) + *ête*).

carnagem	por matança, carnificina
comité	» junta, comissão
dessert	» sobremesa
* desolado	» aflito
* departamento	» distrito, seção
ecluse	» dique, represa
coqueluche	» tosse convulsa

NOTA: Em São Paulo, diz-se também: *tosse comprida*.

corbeille	por corbelha (do latim <i>cor-bícula</i>)
* brusco	» súbito

NOTA: *Brusco*, em português, significa *turvo*. Ex.: céu brusco.

aplomb	por aprumo, imponência
* conduta	» procedimento
êle conduziu-se mal	» êle procedeu mal
coté	» quarto independente
* cotillon	» cotilhão
couplet	» copla, canção
crayon	» lápis
* detalhe	» pormenor, minúcia, minudência
* detalhar	» pormenorizar, especializar
détraqué	» desequilibrado
douche	» duche ou ducha
emboscada	» emboscada
bijouteries	» quinquilharias
* assassinato	» assassinio
os ancestrais	» antepassados
rails	» carris, trilhos
* emoção	» comoção

NOTA: Todos dizem que *emoção* é galicismo; é, porém, difícil tirá-lo, porque é comumente empregado por todos os literatos e críticos nas apreciações de obras de arte. Realmente, em latim, não se encontra *emotio*, palavra donde derivaria logicamente o termo *emoção*. Foi, pois, do francês *émotion* que ela veio, origem antipática aos puristas.

embalagem	por enfardamento, empacotamento
* toilette	» traje ou trajo, toucador, mesa-toucador, gabinete de vestir
* matinée	» vespéral

NOTA: Cândido de Figueiredo propõe *matinada*; será, porém, difícil evitar que se diga *matinée*, porque o uso geral é muito forte. No Rio, o ilustre comediógrafo Cláudio de Sousa propôs ultimamente, *vesperal*, que granjeou grande simpatia.

étape	por refeição militar, etapa
* bivaque	
* tafetá	
fauteuil	» poltrona
soirée	» serão, sarau
* envelope	» sobrescrito, carta
Algéria	» Argélia
Alger	» Argel
* funerais	» funeral

NOTA: Alguns assim dizem, isto é, que o vernáculo é *funeral*, embora alguns escritores tenham grafado *funerais*, entre os quais Rebêlo da Silva: « Achava uma espécie de doçura acre em orvalhar destas pérolas... os *funerais* dos amôres e da juventude ».

gare	por estação, plataforma
esquiçar	» esboçar, bosquejar
étagère	» prateleira, cantoneira
feeria	» magia
feérico	» mágico, fantástico
flanar	» passear ao acaso
groseille	» groselha
* iodureto	» iodeto (iodo + êto).

NOTA: Do mesmo modo: *brometo*, *carboneto*, etc. Têm *r* as seguintes palavras, porque o têm na raiz, usadas em química: fluor + êto = *fluoreto*; sulfú + êto = *sulfureto*; fósforo + êto = *fosforeto*; boro + êto = *boreto*.

* proeza	por façanha
plateau	» planalto
plantão	» serviço de prontidão
* hotel (já está introduzido na língua; em vez de <i>hospedaria</i>)	

habitué	por freqüentador
legenda	» lenda

NOTA: *Legenda*, em português, significa *inscrição*.

massacre	por carnificina
massacrar	» trucidar, matar com crueldade
* isolado	» insulado, solitário
obsedar	» vexar, importunar
paysagem	» paisagem

reprochar. Alguns dizem que é galicismo. Não o é. Encontra-se em antigos escritores, mas é rarissimamente usado. Significa *censurar*. (Veja Dicion. de Când. de Figueiredo).

para-sol	por guarda-sol
pelisse	» peliça
boutonière	» botoeira
pose	» pretensão, imponência.
peluche	» pelúcia
penível	» penoso
* chic	» distinto, elegante, fino
plombagina	» plumbagina (do latim <i>plumbum</i> = chumbo)
pochade	» farsa, peça burlesca
menu	» lista de pratos

NOTA: No Brasil, Castro Lopes propôs «cardápio», que tem tido bastante aceitação. Em Portugal, propuseram *ementa*, mas não vingou.

Mesmo (como advérbio é considerado galicismo por alguns, quando significa: *realmente, ainda, até, também, sequer*). Pode ser:

1) *Advérbio*: Não digas isso nem *mesmo* a brincar (=nem sequer). *Mesmo* assim, não creio nisso (=ainda assim). Até *mesmo* a mim me enganou (*mesmo* = *até*; é um pleonismo). *Mesmo* com tais gentilezas se vê que não é fino (*mesmo* = apesar de).

* Seja ou não seja galicismo, está profundamente arraigado na língua.

2) *adjetivo demonstrativo* = próprio. Ex.: Eu *mesmo* fiz isso (=eu próprio fiz isso). Ele disse consigo *mesmo*: tudo é ilusão (=consigo próprio).

3) *pronome demonstrativo*. Ex.: Quem fêz *isto* é o *mesmo* que estêve aqui ontem.

* O adjetivo *mesmo* tem superlativo. Ex.: Ele usou os *mesmíssimos* argumentos de Pedro.

amerissar	por amarar (a + <i>mar</i> + ar)
amerissagem	por amaragem (a + <i>mar</i> + agem)
aterrissar	por aterrar (a + <i>terra</i> + ar)
aterrissagem	por aterragem (a + <i>terra</i> + agem)

As 1.^{as} formas, apesar de galicismos, são mais usadas.

* guichet por postigo

NOTA: Nos teatros diz-se *bilheteira*, em Portugal; *bilheteria*, no Brasil.

Quichote por *Quixote*

NOTA: Aparece em francês *D. Quichote*; o termo, porém, é espanhol; foi *Quijote* (= *Quixote* em português) que Cervantes escreveu.

* fortuna por haveres, riqueza, opulência

NOTA: *Fortuna* quer dizer: *sorte*, mas *fortuna* no sentido de *riqueza* é comumente empregado.

esclavagista por escravista ou escravaturista

reclame » reclamo

restaurant » restaurante

siflo, siflar » silvo, silvar

silhouette » perfil, silhueta

tournée » digressão artística

traineau » trenó

troupe » bando, grupo

bizarro » esquisito

NOTA: *Bizarro*, em português, tem a significação de *garboso, elegante*.

à negligé por à vontade, à frescata

révanche » desforra

tourismo » excursionismo, turismo

touriste » excursionista, turista

truc » truque

vitrail, vitraux » vitral, vitrais

vitrine » vitrina

montra » vitrina, mostruário

* sucesso » bom êxito

* viveres » mantimentos

NOTA: É impossível tirá-lo, se é que é realmente galicismo. Segundo Aristeu Seixas, o vocábulo foi registrado por Bluteau no seu Dicionário, no século XVII.

appartement por aposento, apartamento

viveur » folgazão

elancsar-se » arremessar-se

embelecer
empalecer
tocante
surmontar
supercheria
sortida
remarcável
interdito

por embelezar
» empalidecer
» comovente
» vencer
» embuste, ardil
» investida
» notável
» enleado, suspenso

NOTA: *Interdito*, no sentido jurídico, é bom português; significa o que é privado da administração de seus bens.

grimaça
paletot
bonnet
chalet
pret

por trejeitos, caretas
» paletó
» boné } formas
» chalé } aportuguesadas
» pré (uma «praça de
pré» é um *soldado*)

mise-en-scène
croquis

» encenação
» esbôço

O pendão auriverde drape-
java ao vento

» O pendão auriverde
flutuava ao vento

Abordei a questão

» Tratei da questão

A elite da sociedade

» A flor, o escol da so-
ciedade

Tirar partido de...

» Tirar proveito de...

A chefe-de-obra de Bilac
(chef-d'œuvre)

» A obra-prima de Bilac

Estar ao fato de

» Estar ciente de

Num golpe de vista

» Num relance

Grande mundo

» Alta sociedade

Guardar o leito

» Estar doente

*Eu brincava, enquanto que
êle lia

» Eu brincava, enquanto
êle lia

Erigiui-se em censor

» Arrogou-se o direito de
censor

Através os campos

» Através dos campos

Redator em chefe

» Redator-chefe

Mais eu penso, mais me
convenço

» Quanto mais eu penso,
tanto mais me con-
venço

Vestido feito sôbre modelo

» Vestido feito conforme
o modelo

* Não chove mais (muito usado)	por Já não chove
Aluga-se quartos	» Alugam-se quartos
Dá-se 4 vales	» Dão-se 4 vales
Conserta-se relógios	» Consertam-se relógios
As cousas as mais simples	» As cousas mais simples
Vem de publicar-se	» Acaba de publicar-se
Ele vem de morrer	» Ele acaba de morrer.

NOTA: Quando na frase o verbo *vir* indica *movimento*, que alguém *vem* de algum lugar, então não é *galicismo*. Ex.: Venho de dar aulas. Ex.: *vêm de jornadear* (Castilho). Lusitanos, que *vêm de descobrir* o novo mundo (Camões refere-se à chegada dos lusitanos à Ilha dos Amôres, no canto IX dos «Lusiadas»).

Foi ao baile em costume de cigana	por Foi ao baile em traje (ou traje) de cigana
-----------------------------------	--

*Todos os dois (*tous les deux*). O certo é: *ambos* (ou *ambos os dois*). O povo, em Portugal, ainda hoje diz: *ambos de dois*. O português culto diz: *ambos os dois*. Esta expressão é legitimamente portuguesa. Camões nos *Lusiadas*, canto IV, empregou: «*de ambos de dous a fronte coroadas*». «E ambos os dois (disseram): é uma mocetona». («Dom Casmurro», Machado de Assis). «Cega eu seja dos olhos *ambos de dous*» (Camilo, «Anátoma» pág. 299). «Quebradas tivesse eu as pernas *ambas de duas*» (Camilo, «Sentimentalismo», pág. 173).

«O certo é que *ambos os dois* monges caminhavam juntos...» (Herculano, «O monge de Cister», pág. 105). «Parecem-nos castiças *ambas as duas* formas» (Mário Barreto, «De Gram. e de Linguagem», tomo I, pág. 37). «Ambas as formas são gramaticais? São-no *ambas as duas*» (Rui, «Réplica», pág. 68).

Muita gente, até culta, ri zombeteiramente, quando ouve dizer *ambos os dois*. E acrescenta: «Não; haviam de ser *ambos os três*!» A ignorância foi sempre muito atrevida... *Ambos* é uma forma perfeita; mas, dizendo-se *ambos os dois*, a forma é pleonástica, tendo, portanto, mais expressão, pois o pleonasmo legítimo é uma figura de sintaxe para esse fim.

Veja-se, em algumas línguas, a expressão pleonástica correspondente à portuguesa *ambos os dois*:

em francês: *tous les deux*
 em espanhol: *ambos á dos*
 em inglês: *both the two* (ou só: *both*)
 em italiano: *ambedue*
 em húngaro: *mindkettő*
 em japonês: *futari tomo*
 em sérvio: *oba doá*
 em leto: *abi divi*
 em romeno: *amândoi*

A sessão acabada, todos saíram por Acabada a sessão, todos saíram
 O Pedro, perdendo a fazenda, todos os criados saíram » Perdendo o Pedro a fazenda, todos os criados saíram

NOTA IMPORTANTE: Hoje nestas cláusulas gerundiais, diz Carlos Pereira, é de rigor a posposição do sujeito ao predicado. Até o século XVII não se observou isto, como se vê em Bernardes: «Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença... se lhe ajuntou no caminho um moço mui confiado».

Se empregarmos primeiramente *O Pedro*, depois a oração gerundial *perdendo a fazenda*, e, a seguir, um verbo, de que *O Pedro* seja sujeito, não se cometerá erro.

Ex.: *O Pedro*, perdendo a fazenda, *saiu meio louco* (O Pedro saiu meio louco).

Criou-se uma vasta associação, tendo por fim estudar... (Eça de Queirós) por Criou-se uma vasta associação, que tem por fim estudar...

NOTA: Júlio Moreira critica esta e outras frases de Eça, dizendo que «modernamente se manifesta grande tendência para largo emprêgo abusivo das formas do gerúndio». Carlos Pereira, porém, apresenta exemplos de Vieira, Castilho e outros mestres, onde êsse emprêgo se verifica: «Que cousa é um Rei dando audiência pública?» (= que dá) («Arte de Furtar» atribuída a Vieira) e ainda êste: «foi banhado em azeite e pez *ferendo*» (= que fervia).

Nestas condições, acho que não podemos tachar de galicismo tal construção. Demais, ela é tão usada pelos escritores realistas, como Eça, Ramalho Ortigão, Fialho, Coelho Neto e outros, que não há força que consiga desarraigá-la. Veja página 107.

Não se o diz (on ne le dit pas) por Não o dizemos

NOTA: Não se pode combinar o pronome *se* com as formas pronominais *o* e *a*.

Tenho a dizer-lhe por Tenho que dizer-lhe

NOTA: Esta forma é muito usada em cartas comerciais, tanto em Portugal como no Brasil. João Ribeiro diz que é galicismo. Cândido de Figueiredo acha melhor a forma: *tenho que dizer-lhe*, e cita D. Francisco Manuel de Melo: «Eu que tenho que dizer-vos do que obrastes?»

Tomar luto por ficar de luto
 Tomar alguém pela mão » segurar alguém pela mão

Tomar armas	por pegar em armas
Tomar o hábito	» fazer-se frade
Tomar o véu	» fazer-se freira
Tomar a palavra	» usar da palavra
Hoje, teve lugar a festa	» Hoje, realizou-se a festa

NOTA: Poder-se-á dizer: Isso *deu lugar* a brigas? Pode-se; é clássico. Ex.: Não *dê* tanto *lugar* à dor crescida (Camões).

Estar sôbre as suas guardas	por Estar precavido
Jogos de espírito.	» Ditos jocosos
Peça de eloquência	» Discurso magnífico
Picar-se de nobreza	» Gloriar-se de nobreza
*Tenho respeito por êle	» Tenho-lhe respeito

NOTA: Herculano, porém, escreveu: «O gosto que reinava pela nova ciência e a veneração que os homens *tinham pelas* máximas...». A forma vernácula é realmente: *ter respeito a alguém, a alguma coisa*, como se vê em Vieira: «Nos requerimentos de meus parentes *se haverá respeito aos meus serviços*».

Êle declinou o seu nome	por Êle declarou o seu nome
Foi criada uma associação de forma (ou de maneira ou de modo) a poder...	» Foi criada uma associação de forma que possa...
Bal masqué	» Baile de máscaras
* De resto	» Quanto ao mais, demais, ademais
Fazer a Avenida	» Passear na Avenida
Fazer música	» Tocar, cantar
Fiz as malas e parti	» Arranjei as malas e parti
Ficou vis-à-vis	» Ficou frente a frente
* No fundo, êle tem razão	» Na essência, no substancial, êle tem razão
Relógio em prata	» Relógio de prata
Vestido em sêda	» Vestido de sêda
Um adresse de brilhantes	» Um aderêço, adôrno, enfeito de brilhantes
O adresse desta carta é: Rua...	» O enderêço desta carta é: Rua...

Fêz um verdadeiro tour de force	por Fêz um demasiado es- fôrço
Fiz um passeio	» Dei um passeio

NOTA: Os Ingêleses *tomam*, os Franceses, Italianos e Alemães *fazem*, e os Brasileiros e Portugêses (e quantos falam bem a língua) dão um passeio.

Bater em retirada	por desandar a fugir
Gente de bom tom	» gente de boa educação
Ter em vista	» ter em mente, em mi- ra, projetar

* *O emprêgo abusivo dos indefinidos um, uma.*

Deve evitar-se, diz Mário Barreto, o emprêgo abusivo dos indefinidos *um* e *uma* antes de *tão*, *outra*, *tal*, *certa*, *semelhante*:

Estava em *um* tão mau estado.
Dobramos *uma* outra fila.
Disseram-me *uma* certa cousa.
Um semelhante trabalho é longo.
Diante de *um* tal chefe.

O emprêgo constante do pronome EU (*e dos pronomes pessoais, caso reto*).

Em português não se deve dizer constantemente *eu* fiz, *eu* disse, *êle* disse, etc. A nossa língua tem êsse grande traço de modéstia, que outras não têm, como a francesa. A inglesa usa *eu* com letra grande (I) até no meio de um período (a Inglaterra é a pátria do *individualismo*).

Há ainda dezenas de galicismos que as pessoas cultas conhecem e que devem repelir com energia; há, porém, galicismos inevitáveis, sobretudo os que se referem ao vestuário das senhoras, pois que Paris é o centro da moda feminina. Os estrangeirismos penetram cada vez mais em tôdas as línguas, devido à rapidez de comunicações que unem hoje todos os povos.

* *Os nomes históricos e geográficos* escrevem-se como os nossos antepassados os escreveram: *Londres* (e não: *London*); *Marselha*, *Bordéus*, etc. Aquêles que não estão aportuguesados, escrever-se-ão conforme a língua, de que são oriundos.

COLEÇÃO DE VÍCIOS DE LINGUAGEM

Observações sobre certas palavras e expressões

NOTA: Muitos dos vícios apresentados são apenas ditos por pessoas incultas. Aquêles que são mais grosseiros, têm a nota à frente (*gente inculta*). Há pessoas, às vezes instruídas, que dizem que o certo é como o povo diz, porque *quem faz a língua é o povo*, porque « quand tout le monde a tort, tout le monde a raison » (La Chaussée) = « quando toda a gente não tem razão, toda a gente tem razão ». Essas pessoas deviam dizer: « quem faz a língua é o povo *culto*, e, às vezes, o *inculto*, quando o culto adota as suas palavras ou expressões defeituosas ». Ex.: O povo *inculto* diz: *Vi êle*; mas o *culto* repele a expressão e diz: *vi-o*. O povo *inculto* disse outrora, na gíria, *recuar*; o *culto* repeliu êste verbo, porque era um plebeísmo grosseiro, mas, depois, cedendo, adotou-o, e hoje o verbo *recuar* é dito e escrito por toda a gente culta e inculta. O povo culto diz *pântano*, e o inculto no Brasil diz *panâtano* que é a pronúncia certa; (do castelhano: *pañtano*); mas como o culto diz *pântano*, esta é que é a pronúncia respeitada. Em todas as línguas há dialetos, provincianismos e plebeísmos; mas as classes cultas falam a língua vernácula: No Brasil há duas linguagens: a dialetal e a vernácula. Por isso é que Rui Barbosa escreveu na « Réplique »: « Em meio a essas vestais do vernáculo, tais quais o escalracho no meio das sementeiras, pululam, como cogumelos, os prosélitos e propagandistas do falso dialeto brasileiro — surrão amplo, onde cabem, à larga, desde que o inventaram para sossêgo dos que não sabem a sua língua, todas as escórias da preguiça, da ignorância e do mau gosto ». « Usado a buscar nas fontes antigas os veios preciosos de ouro fino, que elas escondem ao modernismo pretensioso e ignaro, amo e uso também a linguagem do meu tempo, esforçando-me, entretanto, por lhe evitar os defeitos ».

Ademitir	por admitir
adevir	» advir
Advinhar	» adivinhar (do latim <i>divinare</i>)
Substantivo	» substantivo
Faz frio (friú)	» faz frio (fri-o)

NOTA: Separam-se distintamente as vogais *i* e *o* como em *tio*, *rio*. Este vício é também comum em Lisboa.

Adevogado	por advogado
Abisolutamente	» absolutamente
Adequirir	» adquirir

NOTA: *Adequar*, *adequado* são formas perfeitas, pois vêm do latim: *adaequare*, *adaequatus*.

Sicologia por Psicologia (do grego: *psyche* + *logos*)

NOTA: Deve, na pronúncia, aparecer o *p*; o vocábulo *psalmo*, porém, pronuncia-se *salmo*.

Púdico por pudico (= que tem pudor) (do latim: *pudicum*)

Pégada » pegada (= o rasto) (do latim: *pedicatum*)

Décano » decano (= membro mais antigo de uma classe) (do latim: *decānum*)

NOTA: Às vezes, por necessidade, os poetas deslocam o acentoônico da palavra. Ex. de Bocage: Oh! se me crêste, gente *impia* (em vez de *ímpia*). A *sístole* faz recuar o acentoônico. Ex.: Téseu por Tesêu (em Camões). A *diástole* fá-lo avançar. Ex.: *impia* por *ímpia* (Bocage); *idolátras* por *idólatras* (Camões).

E' preciso que nós põnhamos isto no lugar	por E' preciso que nós ponhâmos isto no lugar
E' preciso que nós façamos isto	» E' preciso que nós façâmos isto
E' preciso que nós sêjamos honestos	» E' preciso que nós sejâmos honestos
Já estudamos a lição (feito)	» Já estudâmos a lição

NOTA: Há diferença de escrita e de pronúncia entre *nós amamos* (presente) e *nós amâmos* (perfeito) (verbos da 1.^a conjugação). Já em latim havia essa diferença:

PRESENTE

Amo	<i>Amamus</i> (nós amamos)
Amas	Amatis
Amat	Amant

PERFEITO

Amavi	<i>Amāvimus</i> (nós amâmos)
Amavisti	Amavistis
Amavit	Amaverunt

NOTA: O Voc. bras., porém, manda tirar o acento, neste caso, uniformizando a pronúncia do *presente* e do *perfeito*; mas contrariando a pronúncia geral no sul do Brasil.

Note-se o seguinte:

também	(advérbio = outrossim, da mesma forma, igualmente: Eu <i>também</i> sei a lição)
tão bem	(tão — advérbio + <i>bem</i> — advérbio): Eu sei <i>tão bem</i> a lição! Este vestido fica-lhe <i>tão bem</i> !
pára	(verbo <i>parar</i>)
para	(preposição; o primeiro <i>a</i> é surdo)
pôr	(verbo <i>pôr</i>)
por	(preposição; o <i>o</i> é surdo)
a	(é artigo, pronome ou preposição; o <i>a</i> é surdo)
à	(é a contração da preposição <i>a</i> com o artigo ou o pronome <i>a</i> ; esta figura chama-se <i>crase</i>)
mas	(conjunção adversativa; o <i>a</i> é surdo)

NOTA: Muitas pessoas pronunciam esta conjunção *más*, outras *mais*, e outras *mans*; tôdas estas maneiras são erradas.

más	(adjetivo qualificativo)
mais	(advérbio de quantidade).

Senhóra

por Senhōra

NOTA: Todos os subst. e adjet. terminados em *ôr* têm o feminino em *ôra*. *Senhóra*, é, porém, usual no Brasil. E' possível que alguém, para defender a pronúncia de *Senhóra*, cite passagens de Gil Vicente, Camões e outros clássicos, onde há as rimas *mora*, *namora*, *adora*, *embora* com *Senhora*.

Não é plausível este argumento, porquanto é lícito aos poetas (e todos o têm feito) rimar, por exemplo, *donzela* com *estrêla*, e até *loura* com *outrora* (Eugênio de Castro). Camões escreveu: «Cheios de terra e crespos os cabelos, a bôca negra e os dentes amarelos».

* *Acadêmia* (do latim: *academia*; a pronúncia certa seria *académia*, mas ninguém assim diz). Platão ensinava, em Atenas, filosofia junto ao *Jardim de Academus* (donde veio *academia*) como Aristóteles a ensinava junto ao Templo de Apolo Lício (donde veio *Liceu*). É, pois, uma palavra respeitável; em São Paulo, porém, empregam-na desrespeitosamente, pondo nas placas: «Academia de corte», por ex.

boemía

por boêmia (derivado de:
boêmio)

projétíl

» projétil (do latim: *pro-
jéctilis*).

projétis	por projéteis (do latim: <i>projectiles</i>)
indústrias textís	» indústrias têxteis (do latim <i>téxtilis</i> ; no plural: <i>téxtiles</i>)
inaúdo	» inaudito (do latim: <i>inauditus</i>)
longíquo	» longínquo do (latim: <i>longinquus</i>)
hóstil	» hostil (o plural é: <i>hostis</i> — do latim: <i>hostilis</i>)
imbécil	» imbecíl

NOTA: Embora no latim haja *imbécillis*, a pronúncia *imbecíl* tem-se conservado através dos tempos, mandando os dicionários que assim pronunciemos. O mesmo acontece com *pântano*, que devia ser antes *pantâno* (do castelhano: *pantâno*) como alguns caipiras brasileiros pronunciam, segundo o testemunho de Taunay no seu romance «Inocência». Também se devia pronunciar *océano*, *Oceânia*, *miópe*, *nível*, *benção* (com o acento na última sílaba), e, contudo, a pronúncia ainda hoje normal é *oceâno*, *Oceanía*, *míope*, *nível*, *bênção*.

subtender por subentender (de sub + entender)

NOTA: Também há *subtender* (do latim *subtendere*), mas significa *estender por baixo de*.

agápe por ágape (do grego: *ágape*) — Esta palavra é masculina e fem., e significa banquete, refeição em comum. E' mais empregada no gênero masculino.

percalço (êrro cometido por gente culta) » percalço (do latim: *per + calcem*)

promenor » pormenor (de por + menor)

Anchieta

NOTA: A pronúncia é *Anxieta*; o *x* tem o valor que tem na palavra *roxo*; o nome é espanhol, onde o *ch* vale *x*. Anchieta, «apóstolo do Novo Mundo», nasceu na ilha de Tenerife (Canárias); o pai era espanhol e a mãe, canarina.

secção, sessão, cessão, secessão.

NOTA: Observem-se as seguintes palavras:

- 1) *secção* (a pronúncia é *sekção*). Diz-se *secção* de correios, de gravataria, de jornal, etc. Vem do latim *sectionem* = corte. (O Vocab. ort. bras. traz *seção* e *secção*).
- 2) *sessão*. Exemplo: Assisti a uma sessão de cinema. Vem do latim *sessionem* = ação de sentar-se, tempo que dura uma reunião.
- 3) *cessão*. Exemplo: Fiz a cessão do meu direito à minha irmã. Vem do latim *cessionem* = ato de ceder.
- 4) *secessão*. Diz-se *guerra da secessão* nos Estados-Unidos, porque, de 1861 a 1864, houve uma luta civil, sendo os Estados do norte contra a escravidão, e os do sul a favor. Vem do latim *secessionem* = divisão.
- 5) *cessação*. Significa ação de cessar. Vem do latim *cessationem* = repouso.

Virgílio

por Vergílio (do latim: *Vergilius*)

compania

» companhia (pronuncia-se a consonância *nh*)

ruína

» ruína (do latim: ruína)

ruím

» ruím (de ruína, segundo uns; do hebraico, segundo outros)

Dão Pedro

» Dom Pedro (do latim *dóminus* veio *dono* e *Dom*)

*Percentagem (de *per* + *centum* + *agem*). Em português puro é: *percentagem*. No Brasil, vê-se também a forma popular: *porcentagem*.

zangão (pronúncia popular)

por zângão (acentua-se a 1.^a sílaba; vem do espanhol: *zângano*)

NOTA: É esta a verdadeira pronúncia, embora os poetas, às vezes, devido às liberdades que têm, rimem *zangão* com *prisão*, como, por exemplo, Guerra Junqueiro:

« Eis as crianças vermelhas.
Na sua hedionda *prisão*:
Doirado enxame de abelhas,
O mestre-escola é o *zangão*. »

Convém notar, todavia, que Gonçalves Viana no seu Vocabulário, acima citado, apresenta as duas pronúncias *zangão* e *zângão*, dando a indicar que o povo português inculto pronuncia também *zangão* no plural *zângãos*; dá, porém, apenas a seguinte legítima pronúncia para as seguintes palavras: *órfão*, *órgão*, *Estêvão*, *frângão*, *sôtão*.

* Há *penitenciária* (= prisão) e *penitenciária* (tribunal pontifício). Há igualmente *secretária* (= mesa para escrever e mulher que exerce funções de secretário); e *secretaria* (sala de expediente de um colégio, etc.)

fenónemo (gente inculta)	por fenômeno (do grego: phainomenon)
gratuito	» gratuito (do latim: gratuitus)
circuito	» circúito (do latim: circuitus)
simúlacro	» simulácro (do latim: simulacrum)
Sorôr Mariana (popular)	» Sórór Mariana (do latim: Sórór)
ajutório	» adjutório (do latim: adjutorium)
um mólho de chaves	» um mólho de chaves

NOTA: *mólho* de cozinha; plural: *mólhos*
mólho de chaves, etc.; plural: *mólhos*

catastrófe (gente inculta)	por catástrofe (do grego: katástrophe)
uma chavêna de chá	» uma Chávezna (do chinês: chakvan)
pirú	» peru (tem origem incerta)
Gibráltar	» Gibraltár (de Gibel + al-Tárik)
exôdo	» êxodo (= saída; do grego: exodos)
degote (popular)	» decote (empregado por gente culta; do latim: decotes)

Solôn por Sólôn (do grego: Sólôn)
treis, nós (gente inculta) » três, nós

NOTA: Nas *letras de comércio* usa-se por extenso *treis* (assim como *hum* e *huma*) para evitar fraudes.

Via Látea por Via-Láctea (pronuncia-se o *c*; do latim *lác-tea*)

*O rio Tejo deságua no Atlântico » O rio Tejo *desagúa* no Atlântico

Dê o doce ao menino; se não *agúa* (está bem).

NOTA: Deve-se observar, por ex., que *clínica* e *história* são substantivos, e que o indicativo presente dos verbos *clínica* e *historiar*, é: eu *clínico*, tu *clínicas*, êle *clínica*; eu *historio*, tu *historias*, êle *história*, etc. *Água* é subst.; o verbo *desaguar* faz *desagúa* na 3.^a pessoa do singular do indic. presente; *água* é subst.; o verbo *aguar* (de *água* + *ar*) faz na 3.^a pessoa do indicativo presente: *agúa*. Veja os verbos *aguar* e *desaguar*, atrás, na conj. dos verbos irreg. pág. 79).

Eu não sube, não truxe por Eu não soube, não trouxe

Eu não pôde » Eu não pude

NOTA: A 3.^a pessoa do pretérito perfeito é que é: *ela não pôde*.

**Pária*. A pronúncia certa é *pariá* (do tâmul *pareyan*), mas a pronúncia comum é *pária* como se vê constantemente nas poesias de Junqueiro.

E' míster por E' mistér (=é preciso) (do latim: *ministerium*)

Ocê como vai? » Você como vai?
questão (cuestão) » questão (na pronúncia não soa o *u*)

distinguir » distinguir (na pronúncia não soa o *u*)

quatorze (cuatorze) » catorze (a pronúncia é *catorze*; do latim *quatordecim*). O Vocabulário ortográfico brasileiro traz: *catorze* e *quatorze*.

NOTA: Muitos acham esquisita esta pronúncia; devem, porém, notar que muitos clássicos escreveram *catorze*, o que prova que a pronúncia foi sempre assim; todos os portugueses assim pronunciam. A Reforma Ortográfica Portuguesa de 1911 registra *catorze* (e também *quatorze*, mas só quanto à escrita, porque a pronúncia registrada é *catorze*).

Também em português antigo se escrevia *quaderno* (do latim *quaterni*) embora a pronúncia fôsse sempre *caderno*.

ibero (gente culta)	por ibéro (do latim: <i>ibérus</i>)
Ele róba	» Ele rouba
Tá bom	» Está bom
Cúpido	» Cupído (deus do amor) (do latim: <i>Cupído</i>)

NOTA: Em português há *cúpido*, mas é adjetivo; significa *ávido, desejoso...*

ilucidar	por elucidar (do latim: <i>elucidare</i>)
crisantêmo	» crisântemo (do latim: <i>chrysanthemum</i>)
erúdito	» erudíto (do latim: <i>eruditus</i>)
previlégio	» privilégio (do latim: <i>privilegium</i>)
cérebro	» cérebro (do latim: <i>cerebrum</i>)
carcar a pena no papel	» <i>calcar</i> (do latim: <i>calcare</i>)
espêssso (adjetivo)	» espêssso (do latim: <i>spissus</i>)
púgilo	» pugílo (do latim: <i>pugillus</i>)
* <i>infligir</i> quer dizer:	<i>aplicar um castigo</i>
* <i>infringir</i> quer dizer:	<i>violar, transgredir</i> . Ex.: Ele infringiu a lei.
orquidéa	por orquídea (do grego: <i>orkhis + eidos</i>)
azalêa	por azálea (do grego: <i>azaleos</i>)

quatrocento réis
 bisorro (gente inculta)
 quadriênio (popular)

mindoin (gente inculta)
 largato (gente inculta)

ourinol (gente inculta)
 espécimen

* *prègar* (um sermão) (*e* aberto; do latim: praedicare)

* *pregar* (um prego) (*e* fechado; do latim: plicare)

jinjum (gente inculta)

quinto-anista de direito

o gastão da bengala

o cônjuge

camapé

palheta (em pintura)
 caracteres

»* quatrocentos réis
 » besouro
 » quadriênio (do latim: *quadriennium*)
 » amendoim
 » lagarto (do latim: lacartus)
 » urinol
 » espécimen ou espécime (plural: espécimenes ou espécimes) (do latim: spécimen)

NOTA: O Voc. ort. bras. manda grafar só *pregar* (sem acento) nos dois casos.

por jejum (do latim: jejunium)

» { quintanista de direito
 primeiranista de direito
 segundanista de direito
 terceiranista de direito
 quartanista de direito
 (O Vocabulário assim registra).

por o castão da bengala (do alemão: kasten)

» o cônjuge (lat.: *conjugem*)

» canapé (do latim: *canopeum*)

» paleta (de pala)

» caractéres (do latim *charácter, caractéris*. No plural latino: *caractéres*).

NOTA: E' sempre *caractéres*, seja qual fôr a sua significação.

Quimera = fantasia — pronuncia-se *quiméra* (e não *ximera*) (do latim: chimaira). Chimera = peixe dos mares do Sul — pronuncia-se *ximéra*.

mobiliário (forma brasileira popular) e mobilar (de móbil + ar)
chiculateira (gente inculta) por chocolateira

tampar (forma brasileira popular) e tapar

Lucifer e Lucifer por Lúcer (do latim: Lú-
cifer)

protótipo » protótipo (de proto +
tipo)

ôro » ouro

estratégia » estratégia (do grego:
stratégia)

olimpíadas » olimpíadas (do latim:
olympias, olympiadis)

rectaguarda » retaguarda (de retro +
guarda)

descarrilhar, descarrilhar » descarrilar (des + carril
e descarrilar (formas + ar)
populares)

*degladiar (quase todos os » digladiar (do latim: di-
escritores grafam mal gladiari)
esta palavra)

*de *fêcho* + ar = fechar; de *em* + *feixe* + ar = enfeixar

* *Emérito* (do latim: *eméritus*) — significa: *aposentado*. Hoje, porém, generalizou-se a significação de *ilustre*, *eminente*. Ex.: escritor *emérito* = escritor ilustre. C. de Figueiredo já registra também esta significação.

* *Intemerato* (do latim: *intimeratus*) — significa: *incorruptível*. Vê-se, porém, no sentido de *valente*, *intimorato* (=sem temor); foi até usado por Camilo, neste sentido, na «Boêmia do Espírito», 213.

Isto é prêle (gente inculta)	por isto é para êle
réfens	» reféns (= prisioneiros de guerra; do árabe: <i>rahên</i>)
gracíl	» grácil (do latim: <i>grácilis</i> (plural: <i>gráceis</i>))
Romênia (ou România) os habitantes são os <i>Romenos</i> ; a língua é o <i>romeno</i> . <i>Romaico</i> é o grego moderno.	
Húngria	» Hungria (foi sempre assim a pronúncia, com o acento tônico no <i>i</i>)
impingem	» impigem (do latim <i>impetigo</i>)
inquérito (incuérito)	» inquérito (Não se pronuncia o <i>u</i>) (do radical do latim: <i>quaeritare</i>)
sanscrito (pronúncia comum)	» sânscrito (= língua antiga dos Brâmanes; do sânscrito: <i>sânskrita</i>)
reverbéro	» revérbero (= reflexo; de <i>reverberar</i>)

NOTA: eu *reverbéro* é o indicativo presente do verbo *reverberar*.

Peroneu ou *perônio* do latim: *peronaeum*. É o osso ao lado da tibia.

NOTA: diz-se *peritônio* (do grego: *peritónion*) ou *peritoneu* (do grego: *peritonáion*) — é a membrana serosa que reveste interiormente o ventre.

rúbrica	por rubrica (do latim: <i>rubrica</i> ; = assinatura de uma pessoa)
---------	---

NOTA: Há quem diga que o substantivo é *rúbrica* e o verbo *rubrica* (3.^a pessoa do indicativo presente). Não é verdade. Quer seja verbo, quer seja substantivo, é sempre *rubrica*.

* Diz-se *a miúdo* ou *amiúde* (estão bem as duas formas)

O deserto do Saára

por Saará (é a pronúncia em português e a usada em todo o norte da África)

Tenho ouvido dizer

» Tenho ouvido dizer

Não faz isso

» Não faça isso

Como vai o vosso pai?

» Como vai o seu pai?

NOTA: Os tratamentos comuns, no Brasil, são *Você* e *Senhor*; deve-se, pois, dizer: *não faça* (Você, o Snr.) *isso*; como vai o *seu* pai?

Não amola (expressão da *gíria*) (Você, o Snr.)

por Não amole, (Você, o Snr.)

Não brinca (Você, o Snr.)

» Não brinque (Você, o Snr.)

Não diz (Você, o Snr.)

» Não diga (Você, o Snr.)

Não veste (Você, o Snr.)

» Não vista (Você, o Snr.)

Não põe (Você, o Snr.)

» Não ponha (Você, o Snr.)

Me dá

» Dá-me (tu)

Me dê (Você, o Snr.)

» Dê-me (Você, o Snr.)

Me dê isso para mim

» Dê-me isso, ou: dê-mo

Se eu ver

» Se eu vir

Se eu ver êle

» Se eu o vir

Quem ver o João...

» Quem vir o João...

Se eu vir da fazenda

» Se eu vier da fazenda

Se me convir

» Se me convier

NOTA: Devem-se ter presentes os futuros do subjuntivo dos verbos *ver* e *vir*:

de ver:

Se eu vir

» tu vires

» êle vir

» nós virmos

» vós virdes

» êles virem

de vir:

Se eu vier

» tu vieres

» êle vier

» nós viermos

» vós vierdes

» êles vierem

Vi êle, vi ela

por Vi-o, vi-a (Encontra-se, em Fernão Lopes, escriptor português do século XV um exemplo igual a *vi êle*; e um exemplo em Bernardim Ribeiro, do séc. XVI; mas do século XVI em diante, com o estudo forte do *latim puro*, desapareceu tal construção, que é ilógica).

Vi-lhe

por Vi-o, vi-a

Abraçei-lhe

» Abraçei-o, abraçei-a

Cumprimentei-lhe

» Cumprimentei-o, cumprimentei-a

Já lhe conhecia

» Já o conhecia, já a conhecia

Encontrei-lhe

» Encontrei-o, encontrei-a

Não lhe vejo, fazem 2 meses

» Não o vejo, faz 2 meses

Vou na cidade

» Vou à cidade

Cheguei na cidade

» Cheguei à cidade

Cheguei em casa

» Cheguei a casa

NOTA: Em *cheguei a casa*, o *a* não é acentuado, por motivos que estão apresentados no ponto « crase ».

Vá lá em casa

por vá lá a casa (quem vai, vai a um lugar)

Apareça lá em casa (está bem; quem aparece, aparece *em* algum lugar)

Dizer a êle

» dizer-lhe

Eu disse para êle que não ia

» Eu disse-lhe que não ia

NOTA: A forma vernácula é realmente: *eu disse-lhe que* (ou: *eu lhe disse*), como se pode ver em Camões, Vieira, Herculano, Re-

bêlo da Silva, e outros. Há, contudo, um caso nos « Lusíadas », canto III, em que se encontra: *dizer para ele*:

« Ela
Para o avô cruel assim dizia »

Doutor, olha bem	por Doutor, olhe bem
Senta, Doutor	» Sente-se, Doutor
Levanta, Doutor	» Levante-se, Doutor
Êle assustou	» Êle assustou-se
O réu tomou com 6 meses de prisão	» O réu foi condenado a 6 meses de prisão
Até assustei	» até me assustei
Eu namoro com ela	» eu namoro-a

Observe-se: { *por ora* (locução = por agora, por enquanto)
 por hora. Ex.: Anda 3 léguas *por hora*.

Eu esqueci disso	por Eu esqueci-me disso
Êle não lembra disso	» Êle não se lembra dis- so
Disse que só em abril que faria isso	» disse que só em abril é que faria isso
Assisti uma sessão	» Assisti a uma sessão
Assisti a festa	» Assisti à festa

NOTA: Devem-se observar as acepções dêste verbo:

- 1) *Assistir a* (verbo relativo). Ex.: Assisti a uma sessão.
- 2) *Assistir* (verbo transitivo). Ex.: O enfermeiro ou o médico *assistem* o doente.
- 3) *Assistir* (verbo intransitivo). Ex.: Eu *assisto* em São Paulo = eu moro em São Paulo. Também se diz em linguagem forense: *assistir num processo* = intervir nêle, não como parte principal, mas como interessado.

Êle inventou de mudar para Santos	por Êle resolveu de repen- te, mudar para San- tos (quem inventa, inventa alguma cou- sa; não se pode di- zer <i>inventou de</i>)
--------------------------------------	---

Laranja para mim comer » ...para eu comer

Note-se esta expressão, que é vernácula: « Para mim, ensinar é agradável » E' igual a: « Ensinar é agradável para mim », ou: « o ensinar é agradável para mim ».

Não vás sem eu por ... sem mim

NOTA: Dir-se-á porém: *chegou uma carta para mim; não vás sem eu vir.*

A moça está na janela por Está à janela

NOTA: Se a criada estiver lavando vidros em cima do peitoril, então ela «está na janela».

O João está na mesa por O João está à mesa

A sopa está na mesa (está bem)

Chapéu à cabeça » Chapéu na cabeça

A criada leva a lata à cabeça (está bem)

| Caso...
| No caso de...

Deve-se dizer:

Caso os livros lhe agradem...
No caso de os livros lhe agradarem...

* *Este moço é leviano* — Há gente que diz assim, querendo dizer: *Este moço é leve*. *Leviano* quer dizer: *Imprudente*. *Leviano* no sentido de *leve* usou-se em *português antigo* e é usado ainda hoje por alguns caipiras do interior.

* *Patife* quer dizer em português: *desavergonhado*, *maroto*; em São Paulo, porém, no interior, quer dizer: *tímido*, *covarde*.

| * A Farmácia abre de noite = durante a noite.

| * A farmácia abre à noite = abre até às 10 horas da noite mais ou menos.

Irrascível por Irascível (do latim: *irascibilis*)

Irrequieto » Irrequieto (do latim: *irrequietus*)

Tem gente na sala » Há gente na sala

Lá tem muitos alunos » Lá há muitos alunos

NOTA: Dir-se-á:

A sala tem muitos alunos
Na sala há muitos alunos
Alhures há alunos
Aqui » »
Aí » »
Ali » »
Lá » »
Acolá » »
Cá » »
Além » »
Aquém » »
Algures » »

Nóis vai (gente inculta)
Foi eu que fiz

Nós éramos em 3 no serviço

Fazem 3 semanas que não
o vejo

Tenham (no interior)

Quando lá *cheguemos* (no
interior)

Dormir (no interior)

Esperando sermos atendi-
dos, subscrevemo-nos...

Resolveram serem correto-
res

Resolveram vir para São
Paulo e *estudarem com*
afinco.

Você não lembra-se?

... sarau que realizar-se-á...

Ele que tinha-se lembrado

Ele tinha se formado

por Nós vamos

» Fui eu que fiz; ou:
Fui eu quem fez

» Nós éramos 3 no ser-
viço

» Faz 3 semanas

» Têm (Ex.: Eles tenham
dinheiro; em vez de:
êles têm dinheiro)

» Quando lá *chegamos*

» Dormir

» Esperando *ser* aten-
didos, subscrevemo-
nos...

» Resolveram ser corre-
tores

» { e *estudar...*

» Você não se lembra?

» ...sarau que se reali-
zará...

» Ele que se tinha lem-
brado

» Ele tinha-se formado
(é preciso pôr um
traço de união entre
tinha e se).

...aquilo que não pode-se dizer	por ...aquilo que não se pode dizer; ou: que se não pode dizer; ou: que não pode dizer-se
------------------------------------	---

NOTA: o pronome *se* antes de *não* é comum nos clássicos e na linguagem do povo português, em orações subordinadas.

Na praça, onde encontram- se jornalistas	} por {	Na praça, onde se en- contram jornalistas
Como vê-se...		» Como se vê...
Quando êle sentia-se mal		» Quando êle se sentia mal
Este livro, cujas fôlhas po- dem-se estragar com a umidade	} por {	...cujas fôlhas se po- dem estragar; ou: cujas fôlhas podem estragar-se
Êles sentirão-se bem		» Êles sentir-se-ão bem
Êles sentiriam-se bem	»	Êles sentir-se-iam bem
...e todos saudavam-no	»	...e todos o saudavam
{ Pediu-me para dizer ao João	} por {	{ Pediu-me que dissesse ao João
{ Pediu-me para que dis- sesse ao João		{ Pediu-me que dissesse ao João

NOTA: E' comum até em bons escritores: *pediu-me para dizer*, *pediu-me para que dissesse*, etc., mas a expressão vernácula é: *pe-
diu-me que dissesse*.

Pediu para as almas

Está bem. Esta frase é
igual a:

Pediu (dinheiro) para as
almas.

Pode-se dizer: { *pouco a pouco*
 { *pouco e pouco*
 { *a pouco e pouco*

NOTA: As formas mais comuns são a 1.^a e a 3.^a.

Atirou um pássaro	por Atirou a um pássaro
{ Adonde vai?	» Adonde vai? (e também Onde vai?)
{ Houve festa?! Adonde?	» Houve festa?! Onde?

NOTA: Observem-se estas expressões:

A sala *onde* estou (estar em)
 » » *donde* venho (vir de)
 » » *aonde* vou (ir a)
 » » *para* onde vou (ir para)
 » » *por* onde vou (ir por)

Vemos as formas *onde* e *aonde* confundidas, em bons escritores. Hoje, porém, todos os filólogos aconselham muito cuidado com o seu emprêgo. *Adonde* é forma do povo inculto.

Ele não lhe gosta	por	Ele não gosta do Snr.
Deve usar-se livros	»	Devem usar-se livros (= livros devem ser usados)
Pode usar-se livros	»	Podem usar-se livros (= livros podem ser usados)

NOTA: Embora haja exemplos de frases como estas com os verbos *poder* e *dever* no singular, o que é comum é empregar-se *êste se* como partícula apassivadora.

Aluga-se quartos	por	Alugam-se quartos
Afina-se pianos	»	Afinam-se pianos
Dá-se 4 vales	»	Dão-se 4 vales
Dá-se casos, em que...	»	Dão-se casos, em que...

NOTA: Estas expressões, em que o *se* é partícula apassivadora, são iguais a:

quartos são alugados
 pianos » afinados
 4 vales » dados
 casos » dados, em que...

NOTA: Juridicamente, diz-se: *arrendam-se quartos*, porque: *arrendam-se imóveis e alugam-se móveis*.

Escrevem-se cartas (bem)	por	Cartas são escritas (há voz passiva) — Não se pode dizer respondem-se cartas, porque quem responde, <i>responde a uma carta</i> . O verbo é intransitivo, nesta acepção. Não se pode, pois, fazer passiva pessoal.
Responde-se a cartas (bem)		

E' uma cousa estrambólica } por { E' uma cousa estram-
(popular) } bótica

NOTA: *Estrambótica* vem de *estrambote*, que é uma cauda de 1 ou mais versos, que os poetas antigos acrescentavam, às vezes, ao soneto. Em italiano é que se diz: *strambóllico*. Neste caso, como em muitos outros, poderá observar-se a influência do elemento italiano em São Paulo; ex.: «corso» é um italianismo muito usado no sentido de passeio de automóvel, lentamente, nas avenidas, e que está já arraigado na linguagem.

Corso em português, significa cardume de sardinhas; habitante da Córsega (o *Corso* = Napoleão); corrida de navios para perseguir piratas.

* Rua de Paula Freitas, 44; Praça de Buenos-Aires.
Os puristas, baseados na linguagem clássica, assim mandam escrever; o uso, porém, hoje é fortíssimo; todos dizem: *Rua Paula Freitas; Praça Buenos-Aires*.

Ali vai um rapaz, que eu gosto dêlo	por	Ali vai um rapaz, de quem eu gosto; ou: do qual eu gosto
--	-----	--

João fez um verso muito bonito	»	João fez uma poesia muito bonita.
-----------------------------------	---	--------------------------------------

NOTA: Um *verso* é apenas uma linha de uma composição poética.

* *Um copo com água* (= um copo com alguma água).
Se se tiver muita sede, dir-se-á: «*dê-me um copo de água*» (= cheio de água).

E' meio-dia e meio	por	E' meio-dia e <i>meia</i> (= é <i>meia</i> hora depois do meio-dia). Note: é meia-noite e <i>meia</i> = meia hora depois da meia-noite).
--------------------	-----	---

Gostei <i>bastante</i>	»	Gostei <i>muito</i> (<i>bastante</i> não quer dizer <i>muito</i> , mas sim: <i>suficientemente</i>).
------------------------	---	---

Já <i>são</i> meio-dia (gente inculta)	por	Já <i>é</i> meio-dia
--	-----	----------------------

Eu não fui por causa que estive doente	»	Eu não fui por causa de estar doente
---	---	---

Já a alguns dias	»	Já há alguns dias
------------------	---	-------------------

Daqui há alguns dias	»	Daqui a alguns dias
----------------------	---	---------------------

Nota: Chegou a tempo (no momento oportuno).

Chegou há tempo (já há algum tempo).

A guerra na frente por A guerra na frente

NOTA: Foi um galicismo usado pelos jornalistas, durante a guerra. *Fronte* é português, mas significa *testa*.

Vou dar aula por Vou à aula

NOTA: Há alunos que dizem: *vou dar aula*; os professores é que o podem dizer.

Ele tem os mesmíssimos argumentos (*mesmíssimos* é bom português).

Todos os dois (galicismo; do francês: *tous les deux*) por Ambos (ou: Ambos os dois); Camões escreveu no canto IV dos Lus.: *ambos de dois*. Veja o que está escrito atrás, nos galicismos, na pág. 258.

Beneficiência » Beneficência (do latim: *beneficentia*)

Beneficiente » Beneficente (Cp. *beneficência*)

* *apenasmente* — Há o advérbio *apenas*; *apenasmente* não é português; *mente* é o único sufixo que há para formar advérbios, e junta-se somente a adjetivos: *bondosamente*, *lindamente*, etc.

Cousíssima nenhuma por Cousa nenhuma
De primeiríssima ordem » De primeira ordem
grandessíssimo » grandíssimo

NOTA: Estas expressões encontram-se em bons escritores, no estilo burlesco; convém grifar, pois, as palavras, para se mostrar que a sua formação é viciosa. E' claro que de *grande* + *íssimo* vem *grandíssimo*; que *cousa* e *primeira* não têm superlativo, porque os substantivos e os numerais não têm superlativo. Não se diz um *livríssimo*, de *segundíssima* ordem, etc.

Um exemplo de Camões:

De disforme e *grandíssima* estatura ».

(Lusíadas, canto V)

Tenho para mim que João voltará (bem) = Penso que João voltará.

{	Não vi nada	{	são expressões puras; as
	Ninguém viu nada		duas negativas <i>não...</i>
	Nem eu vi nada		<i>nada; ninguém... nada</i>
	Nunca vi nada		<i>nem... nada; nunca...</i>
			<i>nada</i> dão vigor à expressão
			são

{	Nem eu não fiz isso	por	Nem eu fiz isso
	Ninguém não pensa nisso	»	Ninguém pensa nisso

NOTA: Gil Vicente, no século XVI, escreveu: «*nem as cabras não nas vi*»; hoje, porém, não se usa tal construção.

De maneiras que	por	De maneira que
De formas que	»	De forma que
De modos que	»	De modo que
Isso passou-se despercebido	»	Isso passou-se despercebido (= não foi percebido)

NOTA: Também há *desapercebido*, mas significa: *desguarnecido*. Ex.: Estou *desapercebido* de mantimentos.

{	<i>Que horas são?</i> — São duas horas. E' uma hora.
	<i>Quantos são hoje?</i> — Hoje são 23. Hoje é o dia 1. Hoje é o dia primeiro.
	<i>Que dia é hoje?</i> — Hoje é o dia 23. Hoje é o dia 1. Hoje é o dia primeiro.

NOTA: E' assim que se diz em português. Poder-se-á dizer: *Quanto é hoje?* — Não.

Deram três horas — E' português puro. Ex.: Deram 9 horas na Igreja do Loreto (Rebêlo da Silva).

{	Observe-se: {	ir ao Rio (para se demorar pouco tempo)
		ir para o Rio (para se demorar bastante tempo).

Destrinchar um leitão por Trinchar um leitão

NOTA: Há *destrinçar*, que significa dizer, expor miudamente. *Destrinchar* não existe em português. Nos faqueiros há um *trinchante* (e não um *destrinchante*).

Ovos estalados

por Ovos estrelados (diz-se em Portugal e nalguns Estados do Norte do Brasil). *Estalados* são todos os ovos, antes de se fazer qualquer cousa com êles, mas *estrelados* são apenas alguns. Há ovos *estrelados*, *quentes*, *mexidos*, *cozidos*, etc.

Vê-se um barco à distância

por a distância (sem crase)

Você está debochando às pressas (usada no Brasil, por analogia com: *às claras*, *às cegas*, etc.)

» Você está zombando
» à pressa (locução adverbial em português puro)

Santa Efigênia

» Santa Ifigênia (do latim: *Iphigenia*; em grego: *Iphigeneia*)

E' a fruta que eu gosto mais

» ...de que eu gosto mais

{ Tenho a *súbida* honra
(gente inculta)

{ Tenho a *subída* honra

Resolvemos a fazer

» Resolvemos fazer; ou: resolvemo-nos a fazer

Começou fazer o livro

» Começou a fazer o livro

Qualquer um o sabe

» Qualquer o sabe

NOTA: Não se diz em português: *qualquer um*; diz-se apenas: *qualquer* ou *um qualquer*.

Tomei um suador

por Tomei um suadouro

Um engraxate (popular)

» Um engraxador

NOTA: E' palavra esquisita, popular no Brasil. Donde proveio? Ter-se-ia formado de *engraxa-te*, como está escrito em algumas tabuletas? Creio que sim.

Um mau-estar

por Um mal-estar

NOTA: Observe-se que se diz *um bem-estar* e não *um bom-estar*; não se deve, pois, dizer *um mau-estar*, mas sim: *um mal-estar*.

<i>si</i> (conjunção), sinão		por	se, senão
Si você estudar		»	Se você estudar
Nem sequer estudei		»	Nem sequer estudei

NOTA: *Se* é que é a forma vernácula. Júlio Ribeiro, ilustre gramático, diz que é melhor *si*, porque está de harmonia com o latim, e porque se faz a distinção entre o *si* conjunção e o *se* pronome.

Não há dúvida de que seria melhor *si*; mas, em filologia, temos que atender aos *factos constantes da linguagem*, e eles mostram-nos que *se* é que é a forma vernácula. Um ou outro clássico de menos importância empregou *si*; mas a forma comum na língua, desde Camões, seu mestre principal, foi *se*. Rui Barbosa, Ernesto Carneiro e Bilac escreveram *se*. Coelho Neto, Mário Barreto e outros escritores brasileiros notáveis escrevem *se*. Observando, além disso, o que se passa nas línguas novilatinas, vemos que em italiano e português é *se*; em espanhol e francês, *si*. Há, pelo menos, uma língua, além da portuguesa, onde se encontra a forma *se*. Carlos Pereira e outros filólogos apresentam, é claro, apenas a forma *se*. Otoniel Mota, ex-catedrático de Português no Ginásio Oficial de Campinas, escreveu até a propósito desta questão: «A grafia *si* (conjunção condicional) é um refinado pedantismo». A Reforma ortográfica manda escrever: *se* e *sequer*.

Encontrei com João

por Encontrei-me com João
ou: encontrei João

Responder uma carta		»	Responder a uma carta
A carta que me escreveu, já <i>a</i> respondi (ou já <i>lhe</i> respondi)		»	A carta que me escreveu já respondi <i>a ela</i> . Quando se diz: «Já <i>lhe</i> respondi» quer dizer: <i>Já respondi a Você, ao Snr.</i> São sutilezas da nossa língua
Respondi vosso officio		»	Respondi <i>a</i> vosso officio
Recebi sua carta, que respondo		»	Recebi sua carta, a que respondo; ou: à qual respondo

NOTA: Mário Barreto, o profundíssimo conhecedor da nossa língua, cita exemplos de Camilo para provar o que fica exposto: «Esta pergunta é feita a mim; e V.^a Ex.^a responde comigo *a ela*». «O que fez

esta pergunta, era Antônio, o Jau; o que *a ela* respondeu, era Camões»
«...a pergunta... para *a ela* vos responder».

Oração participial	por Oração participial (de particípio + al)
Oração principal absoluta	» Oração absoluta. (Há quem diga <i>Oração principal absoluta</i> , quando há uma só no período. E' claro que, havendo só uma oração, ela não é principal; é absolu- ta.
Deixa eu ver	» Deixe-me (Você, o sr.) ver
Informamos-lhe que	» Informâmo-lo de que...
Avisamos-lhe que...	» Avisâmo-lo de que...
Certificamos-lhe que...	» Certificâmo-lo de que...
Cientificamos-lhe que...	» Cientificâmo-lo de que...
Prevenimos-lhe que...	» Prevenîmo-lo de que...

NOTA: Estes verbos são transitivos. Vejamos alguns exemplos de
bons escritores:

Para *avisar el-rei do que se passava*. (Herculano).

E, *sendo o português certificado de que* não havia perigo. (Ca-
mões).

Recomenda-me *que o informe do seu proceder*. (Herculano).

Desceu Vasco da Gama a uma bem toldada lancha, à qual para
o prevenir... (Filinto Elísio).

Convém notar que, nestes verbos como em muitos outros, que
pedem um complemento começado por *de que*, se tira, às vezes, a
preposição *de*, ficando igualmente pura a linguagem.

Exemplo: Eu preciso *que você venha*. Como se sabe, *quem pre-
cisa, precisa de alguma coisa*; logo, pela lógica parece que deveríamos

apenas dizer: Eu preciso *de que* você venha; e, contudo, a expressão *eu preciso que você venha* é comum nos escritores, perfeita, vernácula.

* Recebi os livros, que, gentilmente, você *mos* enviou.

NOTA: Deve ser: que, gentilmente, você *me* enviou. Há quem escreva « *que você mos enviou* », pensando que pondo o pronome *os* pleonástico, dá mais ênfase à frase. Não se pode fazer assim nestas orações *relativas*. Pode-se fazer isto em frases como: « Os livros, eu agradeço-lhos »; « O melro, eu conheci-o » (Junqueiro).

{ A roupa está <i>coarando</i>	por { A roupa está <i>corando</i>
{ A roupa está no <i>coarador</i>	{ (do verbo <i>corar</i> ; não há o verbo <i>coarar</i>)
Isso aconteceu devido estar doente	» { Isso aconteceu devido <i>a</i> estar doente
Andar à pé	» Andar a pé (sem crase)
Dei um livro à João	» Dei um livro a João (sem crase)
Levado pelo juiz à provar	» Levado pelo juiz a provar (sem crase)
Vamos-se embora	» Vamo-nos embora. Ou: vamos embora.
Simpatizei-me com êle	» Simpatizei com êle
Êle está simpatizado comigo	» Êle simpatiza comigo

NOTA: *Está simpatizado* é expressão errada. Tem aspecto de forma passiva. O verbo *simpatizar* não é transitivo; é relativo (quem *simpatiza*, *simpatiza com alguém*); logo, não se pode pôr na voz passiva.

{ Precisa fazer isso?	por E' preciso fazer isso?
NOTA: Há quem diga assim, querendo significar: E' preciso que eu faça isso? E' claro que se deve dizer ou esta expressão, ou: <i>E' preciso fazer isso?</i>	

{ Vou consigo ao Rio	por { Vou com Você (ou com o Snr., com V. ^a Ex. ^a , V. ^a Rev. ^a), ao Rio
----------------------	---

Dei um livro a si	por	Dei um livro a Você
Tenho pena de si	»	(ou: ao Snr.)
		Tenho pena de Você
		(do Snr.)

NOTA: Estas expressões são comuns no falar do povo português e até em bons escritores devido à analogia com os pronomes *tú*, *contigo* e *convosco*. Alguns filólogos (Leite de Vasconcelos e outros), porém, reconhecem que são erradas, mas que estão arraigadas na língua pois que *se*, *a si*, *consigo* só se referem à 3.ª pessoa do singular. Assim, por exemplo, poderão dizer-se as seguintes expressões vernáculas: João foi-se embora e levou *consigo* todos os livros (isto é, levou *com ele mesmo*); ele arroga-se o direito de mandar (isto é, ele arroga o *direito a si mesmo*). Exemplos das primeiras expressões já consagradas pelo uso: «A carta... queimei-a; não é por mim é por *si*» (Herculano). «Há dois períodos na sua carta que me affligem, não por mim, mas por *si*» (Herculano). Há milhares de exemplos em bons escritores portugueses.

Nós mesmos (Maria e Júlia)	por	Nós mesmas
Nós mesmo (João e Pedro)	»	Nós mesmos
Qué dê tempo? (gente inculta). Cadê tempo?	»	Como hei de arranjar tempo? Que é feito do tempo? Que é do tempo?
Você vai com nós (gente inculta)	»	Você vai conosco
Eles referiam-se a si mesmo	»	Eles referiam-se a si mesmos
Elas referiam-se a si mesmo	»	Elas referiam-se a si mesmas

NOTA: Observe-se a expressão *êles discutiam entre si*, que está certa. O pronome *si* pode ser singular e plural, porque já em latim assim era — *sui, sibi, se, se* (no singular e no plural).

Vão haver festas	por	Vai haver festas
Na fazenda deviam	»	Na fazenda devia haver muitos colonos
haver muitos colonos		

NOTA: Tendo o verbo impessoal *haver* um auxiliar, este vai também para o singular.

Nós não posémos (perfeito)	por	Nós não pusemos
Nós não podémos (perfeito)	»	Nós não pudemos

NOTA: Do perfeito *eu pude*, vem naturalmente *podemos*, *pudera*, *pudesse*, *se eu puder*; do perfeito *eu pus*, vem igualmente *pusemos*, *pusera*, *pusesse*, *se eu puser*.

Não se estranhe o *s* nestas formas, porque assim escreveram muitos clássicos e assim era em latim, como se poderá ver:

Eu pus	posui
Tu puseste	posuisti
Ele pôs	posuit
Nós pusemos	posuimus
Vós pusestes	posuistis
Eles puseram	posuerunt

Igualmente o verbo *querer* faz: eu *quis* (do latim *quae-sivi*).

Ele pode

por Ele pôde

NOTA: Eu posso, tu podes, ele *pode* (presente).
Eu pude, tu pudeste, ele *pôde* (perfeito).

Ele casou ou casou-se. As duas expressões são puras. Ex.: «... a fantasia do filho, que casar-se não queria» (Camões, *Lusíadas*, canto III).

Administradeira (forma po-
pular)

Queiras receber um
abraço do amigo que
te estima

por Administradora

» { Recebe um abraço do
amigo...

NOTA: Em cartas, encontra-se esta forma do verbo *querer*, como se ela estivesse no imperativo; ora, este verbo não tem imperativo: há hoje apenas as formas *queira*, e *queiram*. Dir-se-á, pois, somente: Queira Você, ou o Snr., ou V.^a S.^a, V. Ex.^a, receber um abraço; e: Queiram Vocês, ou os Snrs., ou V.^{as} S.^{as}, ou V.^{as} Ex.^{as}, receber um abraço.

Note-se que o verbo *querer* foi usado no imperativo, 2.^a pessoa do plural, por Vieira: «*Querei* só o que podeis»; hoje, porém, não se emprega.

Nas cartas, é comum misturarem-se os tratamentos, erro devido ao fato de muita gente pensar que *tu* e *você* são tratamentos iguais; ora, *tu* é da 2.^a pessoa do singular, e *você* é da 3.^a pessoa do singular.

Já tratei dêste assunto no ponto: «Como se escrevem cartas».

Se você me amolar eu
te parto a cara

por

{ Se você me amolar,
eu lhe parto a cara
(ou: eu parto-lhe
a cara).

NOTA: *Amolar* no sentido de «aborrecer» é linguagem da rua. Os termos pejorativos do povo constituem a *gíria*; quando são sujos, o *calão*.

Virou o vestido *no* avêssô por virou o vestido *do* avêssô

Enquanto à ida para a
fazenda

Esta frase e congêneres encontram-se em bons escritores como Camilo e outros, mas a frase mais comum e pura é: « Quanto à ida para a fazenda »

* Uma coisa *atoa*. E' brasileirismo: é adjetivo que significa: *irrefletido*, *inútil*. Em português, há a locução adverbial: *à-toa* = sem reflexão: ao acaso.

Vim com êste trem por vim neste trem (*Vim com êste trem*, significa que *vim num trem* e vinha outro trem ao lado ou perto)

No quadriênio do Bernardes (forma popular)

» { No quadriênio do Bernardes (do latim: *quadriennium*)

Pisei no chão, no salão

» Pisei o chão, o salão

NOTA: Quem pisa, pisa alguém ou alguma cousa. Ex.: Pisando o cristalino céu formoso (*Lusiadas*, canto I).

Elas parecem serem boas

por { Elas parecem ser boas; ou: elas parece serem boas = parece que elas são boas.

* *Melhormente* — é bom português, embora pouco usado. Ex.: « Dos seus coevos, ainda os *melhormente* aproveitados... » (Camilo, « Introdução aos Estudinhos da Língua Pátria », de Silva Túlio, pág. 3).

Muito obrigado (responderá um homem)

Muito obrigada (responderá uma mulher)

Não, Senhor (responder-se-á a um homem)

Não, Senhora (responder-se-á a uma mulher)

Passar bem	por Passe bem
Faltei uma aula	» Faltei a uma aula
Falhei uma aula	» Faltei a uma aula
A casa, que eu morei nela	» A casa, <i>em que</i> eu morei...
O livro, que eu falei dê-lo	» O livro, <i>de que</i> eu falei...
Entreti-me a fazer	» Entretive-me a fazer
Entretia-me a fazer	» Entretinha-me a fazer
Ele entreviu	» Ele interveio
Ele tinha <i>intervido</i>	» tinha <i>intervindo</i>
Manti-me trabalhando	» Mantive-me trabalhando
Mantia-me, trabalhando	» Mantinha-me, trabalhando
Se eu me manter...	» se eu me mantiver...
Se eu intervir...	» se eu intervier...

NOTA: Um dia, um presidente do senado (Pinheiro Machado) disse a Rui Barbosa, grande cultor da língua, numa sessão: — « Eu me defenderei, enquanto V.^a Ex.^a *se manter* na tribuna ».

— « enquanto *se mantiver*, quer dizer o nobre senador » (retrucou Rui). O presidente respondeu: — « Parece incrível que V.^a Ex.^a queira ridicularizar-me por causa de um simples deslize gramatical ». Rui não respondeu.

Isto entréte muito	por Isto entretém muito
Larga disso	» Largue (Você, o Snr.) isso

NOTA: Há a expressão *largar de*, mas somente em frases, como: *O navio largou do pôrto*.

Ele zangou	por Ele zangou-se
Moças alemães	» Moças alemãs
Viva as férias!	» Vivam as férias!
Viva os Paulistas!	» Vivam os Paulistas!

NOTA: Imperativo do verbo *viver*: Vive tu, Viva você, o Snr. Vivamos nós. Vivei vós, Vivam vocês, (os Snrs., os Paulistas).

* *Esta, essa, aquela* — Muitos confundem *esta* com *essa*. E' claro que *esta cadeira* indica que está perto de nós; *essa cadeira*, que está mais longe; *aquela cadeira* que está ainda mais longe.

Êles lá se avenham (está bem)
 Eles estão desavindos (está bem)

{ Deparei com o João por Deparou-se-me o João

NOTA: Encontra-se *deparar com* num ou outro escritor; mas todos reconhecem que o certo é que *as cousas é que se nos deparam, ou Deus, ou a sorte no-las depara.*

Empréstimos sob penhores por sôbre penhores
 Empréstimos sob hipoteca » sôbre hipoteca

{ Isso indiguína (gente inculta) } » { Isso indigna
 { Fiquei indignado. } { Fiquei indignado

{ — Pode o Snr. fazer isto? } » { — Pode o Snr. fazer isto?
 { — Pode } { — Posso

NOTA: A resposta deve ser dada de harmonia com a pergunta.

Motorneiro por Motoreiro ou motorista

NOTA: Ninguém, absolutamente ninguém, será capaz de tirar este vício; é claro que de *licor + eiro*, veio *licoreiro*, de *motor + eiro*, veio *motoreiro*. Como de *jardim + eiro*, veio *jardineiro*, supuseram alguns (segundo creio) erradamente, que de *motor + eiro* se formaria *motorneiro*; ora, em *jardineiro* não há o sufixo *neiro*, nem tal sufixo existe em português.

{ Passeiar, ceiar, encadeiamento } por Passear, cear, encadeamento

NOTA: Dir-se-á: eu *passeio*, tu *passeias*, êle *passeia*, nós *passeamos*, vós *passeais*, êles *passeiam*. O *i* aparece, como se vê, quando a sílaba tônica é *êi*; quando o acento cai na sílaba seguinte, o *i* desaparece.

Outros exemplos: *cadeia*, *encadear*, *encadeamento*; *rodeio*, *rodear*, etc.

{ *Subscrevemo-nos* com estima (está bem; *subscrevêmo* = *subscrevemos*); o *s* cai por eufonia.

Demos-vos (está bem). Não se diz *demo-vos*.

Berganhar e *breganhar* por barganhar, trocar (do baixo latim: *barcaniare*)

Menas confianças (gente inculta)	por Menos confiança
Ele soa (do verbo <i>suar</i>) (gente inculta)	» Ele sua
Ele chegou mais primeiro (gente inculta)	» Ele chegou primeiro
E' mais melhor (gente inculta)	» E' melhor
{ E' mais preferível (gente inculta) Eu prefiro muito mais... (pleonasma) }	por { E'preferível » Eu prefiro (do latim: <i>praeferre</i> veio <i>preferir</i> . <i>Pre</i> quer dizer <i>antes, mais</i>) }
Ele soube <i>mal</i> e <i>mal</i>	» Ele soube regularmente
{ Eu soube mais ou menos bem }	» { Eu soube regularmente }

*NOTA: Há gente inculta que emprega a forma *mais grande*, que hoje é errada; a forma, porém, *mais pequena* é legítima, usada constantemente em Portugal, embora muitos suponham que não. Um exemplo de Coelho Neto: «E tu, disse Alba à *mais pequena*». Um de Junqueiro n«O Melro»: — «desde a formiga ao mais pequeno inseto».

{ Já pagaste o Ginásio? o professor? }	por { Já pagaste ao Ginásio? » ao professor? }
---	---

NOTA: Quem paga, paga alguma coisa a alguém.

Penamonia (gente inculta)	por Pneumonia (do grego: pneumonia)
<i>pneumático</i>	» <i>pneumático</i>
{ Raspar a barba NOTA: <i>Raspar</i> , em português, tem outro sentido, como: <i>raspar o soalho</i> .	» Rapar a barba

Não sêje bôbo	por Não seja bôbo
Não estêje triste	» Não esteja triste

Por mais dos meus pecados (gente inculta) por Por mal dos meus pecados

Todo e todo o. Todo significa qualquer Ex.: *Todo homem* tem instinto — *qualquer* homem tem instinto. *Todo o* significa *completo*. Ex.: *cobriu todo o homem de palha*. Esta regra, que é seguida sempre em francês, nem sempre o é pelos escritores em português. Camões escreveu: «*espalharei por tóda parte*».

Fui lá em baixo	por Fui lá abaixo
Fui lá em cima	» Fui lá acima
Estive lá em baixo	} (estão bem)
Estive lá em cima	

NOTA: *Quem vai, vai a* algum lugar; *quem está, está em* algum lugar.

ara deixe disso (gente inculta) por ora, deixe-se (você) disso; ou: *ora, deixe isso*.

uma récula de meninos	» um grupo de meninos
-----------------------	-----------------------

NOTA: *Dir-se-á*: uma *récula* de burros. *Récula* não existe.

João está <i>no sol</i>	por João está <i>ao sol</i>
No ano atrasado..., retratado... (popular)	» (Acho que não fica bem <i>atrasado</i> , porque <i>atrasados</i> são todos os que ficam para trás; em português, diz-se: <i>No ano passado</i> (ou: há 1 ano, <i>há 2 anos, há 3 anos</i> , etc.)

E' um moço estórado	» E' um moço estourado
Eu tinha amizade com João	» Eu tinha amizade a João

nóis semos, nóis samos (gente inculta)	» nós somos
--	-------------

guspe	» cuspo (de <i>cuspir</i>) (<i>cuspe</i> é forma popular)
-------	---

Lambuja	» lambujem (= guloseima)
---------	--------------------------

Passado três dias, saí. por *Passados* três dias, saí

{ Irei visitar-lhe » irei visitá-lo

{ O interêsse ou o interêsse? — O Vocabulário de Gonçalves Viana e o Vocab. brasileiro registram: *Interêsse* (substantivo); o subjuntivo presente do verbo interessar é: *interêsse*.

Implicou-se com ela por implicou com ela
Eles costumam a fazer » costumam fazer
fluído » flúido (do latim: *fluidus*)

Um debochado (galicismo) » um devasso
Póstigo » postigo (do latim: *posticum*)

* Formicida

Palavra comum, já firme na língua, mas mal formada, em vez de *formicida* (do latim *formica* + *cadere*) Veio, talvez, do fr.: *fourmicide*

{ Estão-lhe chamando ao telefone } por { Estão-no chamando ao telefone }

NOTA: *Chamei-o* quer dizer: *disse-lhe que viesse*. Há porém, frases como esta, em que há *lhe*, mas o sentido é diferente: *chamei-lhe mau*. Também se encontra na língua: *chamei-o mau*, mas não é tão freqüente. O *povo inculto* também diz *chamei-o de mau* (embora se encontre, no século XVI, um exemplo de Gil Vicente: «que te *chame* de ratinha»).

{ * Cultura ibero-americana (pronúncia: *ibero-americana*)
Reforma fonético-etimológico-histórica }

{ Repare: — só o último adjetivo é que concorda com o substantivo }

A lei atinge aos empregados públicos (êrro cometido por gente culta) por atinge os empregados públicos (*atingir* é verbo transitivo)
Ansim (gente inculta) » assim

Obedecê-lo por obedecer-lhe (Quem
obedece, obedece a
alguém)
Irmãos Quintela » Irmãos Quintelas

NOTA: Os nomes próprios vão para o plural. Ex.: Os Afonsos, os Almeidas (Lusiadas, canto I) « Os Maias » (obra de Eça), os *Andradas*, a *Rua dos Gusmões*, etc.

Convido-lhe por convido-o
Ingüento » ungüento (do latim:
unguentum)
Imbigo » umbigo (do latim: *umbilicus*)
papilote » papelote (de papel +
ote)
Carramanchão » caramanchão (é uma
metátese de *cama-*
ranchão)

* *Seu* João — (é forma popular em vez de *Senhor* João).

O Snr. está servido? (quan- por o Snr. é servido?
do alguém, começando a
comer ou beber, oferece
alguma cousa)

NOTA: Se uma pessoa estiver servindo várias pessoas, então é que poderá perguntar, em caso de dúvida, se já serviu ou não determinada pessoa: — « *O Sr. já está servido?* »

A janta (gente inculta) por o jantar

Um jornalista (gente in- » vendedor de jornais
culto)
(*Jornaleiro* é o trabalhador, a quem se paga jornal
ou jorna ou salário; e o que vende jornais).
(*Jornalista* é o que escreve para os jornais).
(*Vendedor de jornais* é o que vende jornais).

Para vim aqui, tive que suar Ele não quer vim Era pra mim vim aqui, mais eu não pôde	por {	Para vir aqui, tive que suor » Ele não quer vir » Eu queria vir aqui, mas não pude
--	-------	--

* *Estropelia* — é a forma popular de *tropelia*.

Está cheirando café (gente inculta)	por Está cheirando a café
Na rua há muito transe (gente inculta)	» Na rua há muito trânsito
Parteadeira	» prateadeira

Sentei-me na mesa para jantar	» sentei-me à mesa para jantar
Sentei-me na mesa = sentei-me em cima da mesa.	

Satisfazer o (v. transitivo) — Satisfazer dívidas. — Satisfazer os votos da assembleia (Rebêlo da Silva). — Satisfazer a paixão. — Satisfazer o credor. O pai satisfê-lo.

satisfazer ao e à (v. intransitivo) — Satisfazer à desconfiança de outrem (D. Francisco Manuel). Este estudante satisfaz. Satisfazer a vossos desejos (Arrais).

satisfazer (v. reflexivo = faltar-se). O faminto satisfêz-se.

interessar (v. transitivo) — Interessar *alguém* num negócio. O país ofereceu-lhe quantos objetos de estudo podiam interessar sua atividade intelectual (Latino Coelho).

interessar (v. intransitivo) — Isto interessa a todos. Era a Afonso Henriques que interessava anular o tratado (Herculano).

interessar (v. pronominal) — Eu interessei-me por êle.

Disse que vinha; em vez não veio	por	Disse que vinha; entretanto, não veio
----------------------------------	-----	---------------------------------------

Estimei em vê-lo	» Estimei vê-lo
------------------	-----------------

NOTA: Também há *estimar em*, mas no sentido de calcular o valor de uma coisa. Ex.: Estimei a jóia em 30 libras.

* *Presidiu à sessão* (é mais comum do que *presidiu a sessão*).

NOTA: Há: *presidir a um ato*, *presidir um ato* e *presidir num ato*. Esta última regência é desusada hoje. Um exemplo de Bernardes, século XVII, na « Nova Floresta »; « ...que hoje preside na Igreja de Deus ».

Fiquei com uma nervosa por Fiquei com um nervo-
so, com um nervo-
sismo

birote (das senhoras) » virote

NOTA: *Virote* significa *seta curta*, conforme os dicionários. Creio que no caso de *remate do cabelo* das senhoras (usado em São Paulo), também deve ser *virote* (talvez do verbo *virar*) porque o cabelo *vira* e não *bira*.

bassoura (gente inculta) por vassoura (do latim:
versoria)

berruga » verruga (do latim: *ver-
ruca*)

brabo (usado antigamente; » bravo (do baixo latim:
e, ainda hoje, no Bra- *bravus*; ou do latim
sil, pelo povo inculto) puro *barbarus*)

bagem (gente inculta) » vagem (cp. baixo la-
tim: *vaginella*)

Para se ver a troca do *b* e do *v* do povo inculto, leiam-se as obras de Cornélio Pires, Catulo, Leonardo Mota e outros, e, sobretudo, o «Dialeto Cai-pira» de Amadeu Amaral.

Eu pôs (verbo pôr; no per- por Eu pus
feito)

Viage, ontem » viagem, ontem

Um mil réis » Diz-se: mil réis, mil
cruzeiros, mil fran-
cos, mil marcos, mil
homens, etc., em por-
tuguês puro.

Deus lhe ajude » Deus o ajude

Arcediágo » arcediágo (do latim:
archidiáconus)

Aborreci-lhe muito » aborreci-o muito

Neste interím » Neste interim (do la-
tim: *interim*)

Está espiculando » Está especulando (do
latim: *speculari*)

Lavaréda ou labaréda (do
castelhano: *llamarada*)

{	Feiura (popular)	por fealdade
{	Lonjura é termo popular (Cândido de Fig. e Gonçalves Viana)	

Tramela ou taramela

{	Receba um abraço do amigo que lhe estima	» {	Receba... do amigo que o estima
---	--	-----	---------------------------------

Concencioso	» consciencioso (de <i>consciência</i> + <i>oso</i>)
-------------	---

{	Quando vim aqui em São Paulo (gente inculta)	» {	Quando vim para São Paulo
---	--	-----	---------------------------

Ele é que nem eu (gente inculta)	» ele é como eu
----------------------------------	-----------------

{	Receba um abraço do amigo que o quer, João	» {	...do amigo que <i>lhe</i> quer, João
{	Quero muito bem êle	» {	Quero-lhe muito bem
{	Quero muito bem Vovô	» {	Quero muito bem a Vovô

NOTA: Quem quer bem, quer bem *a* alguém. É esta a expressão predominante, hoje. Antigamente, dizia-se também: *Eu quero-o bem*. Há alguns exemplos, que *o* provam; mas, hoje, o que é constante, é: *Eu quero-lhe bem*.

Subscritei uma carta	por sobrescreitei uma carta (vem de: <i>sobrescrito</i> + <i>ar</i>)
----------------------	--

{	Para conversar-mos	» para conversarmos
{	Tu escreves-te uma carta	» escreveste

NOTA: São erros grosseiros dos incultos que pensam que *mos* e *te* são pronomes. *Mos* nunca pode ser pronome. *Te*, neste caso, não o é.

Tu fizestes	por Tu fizeste (Dir-se-á: vós fizestes)
-------------	---

Nós divertimos muito	» Nós divertimo-nos muito
----------------------	---------------------------

Divertiu muito?	» Divertiu-se muito?
-----------------	----------------------

* *etc.* = *et cætera* = *e outras cousas*. Muitos escrevem, por ex.: «*Bilac, Camões, Castro Alves, etc.*» E' communíssimo na língua, mas devia ser: «*Bilac, Camões, Castro Alves e outros*», pois *etc.* quer dizer: *e outras cousas*.

Dezenas de *mil* anos por dezenas de *milhar* de
anos
Dezenas de *milhares* » dezenas de *milhar*.

* *Boas-tardes!* ou: *Boa-tarde!* *Bons-dias!* ou: *Bom-dia!* *Boas-noites!* ou: *Boa-noite!* São expressões puras, tradicionalmente usadas no plural, como *exéquias, funerais, alvíssaras, etc.*, usadas pelos nossos clássicos. Também dizemos, no plural: *Boas-festas! Boas-vindas! Bons ventos o levem!* (Nesta última expressão, os nossos votos são para que não haja *dois* ventos em contrário, mas sim *um* só vento favorável; e, apesar disso, usamo-la no plural: *Bons ventos o levem!*)

Um cristel por um clister (do grego:
Klyster)
Murmúrio » murmúrio (do latim:
murmúrium)

Corpo docente (= profes-
sôres) do latim: *docé-*
re = ensinar
Corpo discente (= alu-
nos) do latim: *discere*
= aprender

Eu sou louro, porque os Eu sou louro, por-
meus descendentes são que os meus as-
louros cendentes...
NOTA: { *Ascendentes* = pai, mãe, avô...
 { *Descendentes* = filho, neto...

O gramo (pêso) por o grama (mas é co-
mum quinhentas
gramas, etc.)
Olhos lagrimosos (popular) » olhos lacrimosos (do
latim: *lacrimosus*)

Febre properal

por febre puerperal (do latim: *puerpera* + *al*)

Que Você trouxe?

» Que trouxe Você? ou:
Que é que Você trouxe?

Porque Você não mo disse?

» Por que não mo disse Você? ou: por que é que Você não mo disse?

NOTA: Nestas frases interrogativas o sujeito vai depois do verbo. Pode vir antes, mas é preciso empregar a expressão de realce: *é que*.

Na natureza nada se perde e nada se *crea*
(Lei de Lavoisier)

por | Na natureza nada se
perde e nada se
cria

NOTA: Indicativo do verbo *criar*: eu *crio*, tu *crias*, êle *cria*, etc. (Veja nos *Lusíadas*, canto V, a descrição da «Tromba marinha»: «chupando, mais e mais se engrossa e *cria*»).

Porém, todavia — Há puristas que dizem que não se deve começar a frase por estas conjunções; que não se deve dizer, por exemplo: «queria ir à cidade; porém, agora não posso». Dizem que deve ser: «queria ir à cidade; agora, *porém*, não posso». — Observando-se o que têm feito os grandes escritores, vê-se a colocação de um e de outro modo, embora o 2.º seja mais comum. Ex.: «Porém já cinco sóis eram passados». (Camões).

* *As diligências resultaram inúteis* — (Expressão que não é portuguesa, diz Când. de Fig.). Vejamos as acepções legítimas deste verbo *intransitivo*: «A glória que lhe resultava de os terem recebido» (F. Mendes Pinto). «Filhos que resultaram do 1.º matrimônio». «A conversação resultou em nada» (Filinto Elísio).

«Pramor de», «por via de»

São expressões populares iguais a: *por amor de*,
por causa de

Estou *ao* par disso
De *par* com êsse fato...

por Estou *a* par disso... (a locução é: *a par de* ou: *a par com*). A par dêsse fato... ou: a par com êsse fato...

NOTA: Diz-se: o câmbio está *ao par*.

Isso é devido à falta de juízo (gente inculta)
Ele tem *muita* dó (gente inculta)
o cal

por Isso é devido à falta de juízo

» Ele tem muito dó (*dó* é masculino).

» a cal (é subs. feminino; do latim: *calx*)

Ele é mais esperto do outro (gente inculta)
Ele acordou-se cedo

» Ele é mais esperto do que o outro

» Ele acordou cedo

NOTA 1: Este verbo não é reflexivo, como muita gente pensa. Significa, escreveu Caldas Aulete, como verbo transitivo: 1) *lembrar*; ex.: «Os pássaros com sua melodia acordavam pensamentos de saudade» (Rodrigues Lôbo); 2) *resolver de comum acôrdo*; ex.: «Acordaram que não seria conveniente sair antes de amanhecer» (Aulete); 3) *tirar do sono*; «Não acordes o cão que está dormindo» (Provérbio); 4) *pôr em atividade*; ex.: «Aquêlê fato acordou a sua sensibilidade adormecida» (Aulete). Significa, como verbo *intransitivo*, *despertar*; ex.: «êlê acordou cedo».

NOTA 2: Muitos tiram erradamente os pronomes pessoais caso oblíquo a certos verbos reflexivos, como *lembrar-se*, *zangar-se* e muitos outros. Ex.: Ele zangou por êle zangou-se; êle lembrou disso por êle lembrou-se disso, etc.

* *Eles foram os mais desastrados possível* — Deve ser: Eles foram *o mais* desastrados *possível* = desastrados *o mais possível*.

O *que é isso?* — Dizem alguns que se deve apenas dizer *Que é isso?* Há, porém, centenas de exemplos em bons escritores, que mostram que *o que é isso?* é vernáculo.

A *olhos vistos* — Dizem alguns que esta expressão está errada; que o particípio *visto*, *vista*, *vistos*, *vistas* deve concordar com o substantivo, a que se refere. Ex.: o rio, a olhos *visto*; a serra, a olhos *vista*, os rios a olhos *vistos*; as serras a olhos *vistas*. Os exem.

plos de bons escritores mostram, porém, que *a olhos vistos* é um idiotismo vernáculo, invariável.

Mais bem organizado — Esta frase e congêneres são vernáculos. Também se encontra: melhor *organizado*.

Da melhor boa vontade — E' expressão que não se justifica, diz Când. de Figueiredo. É, porém, comum hoje nos jornais e na linguagem de gente culta, considerando-se *boa vontade* um substantivo composto.

Fazer com que — Cândido de Fig. diz que é: *fazer que*. Está, porém, mais que provado que se encontra *fazer com que* em bons escritores.

Cumprir com o dever — Când. de Fig. diz que é: *cumprir o dever*. Está, porém, provado que também se encontra *cumprir com o dever* em bons escritores. Ex.: Vingou-se êle, deixando de cumprir com o próprio dever («Hist. da Inquisição», vol. II, pág. 295, Herculano).

Isto é a «prova provada» do que eu afirmei — E' expressão jurídica. E' bom português.

* *Barroso em Riachuelo diz*: «O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever» (frase semelhante à de Nélson, na batalha de Trafalgar: «A Inglaterra espera...» Muitos acham que deve ser *disse*; mas está bem, porque *diz* é o *presente histórico*. Do mesmo modo estão bem frases como: «amanhã, ergo-me cedo, vou à cidade e *digo-lhe*...», em vez de: erguer-me-ei cedo, irei...

Nunca jamais faremos isso — E' expressão portuguesa. Ex.: Nunca jamais naqueles claustros se experimentou... (Frei Luís de Sousa).

Mas porém eu não fiz o que êle queria — E' expressão clássica. Vê-se nos «Lusiadas». Hoje não é empregada pelas pessoas cultas.

Uma pouca d'água — E' expressão pura. A expressão comum é: *um pouco de água*.

O pedido foi aceite — Cândido de Figueiredo diz: Deve ser *aceito*, embora haja exemplos em contrário. O particípio passado do verbo *aceitar* é: *aceito, aceita, acei-*

tos, aceitas. O substantivo é *aceite*. Ex.: *O aceite da letra.* — Mas Leite de Vasconcelos diz que *aceite* tanto pode ser substantivo como particípio passado e cita um exemplo de Camilo: «Veríssimo foi *aceite* com bom ordenado» («Brasileira de Prazins», pág. 190). Gonçalves Viana registra *aceito* e *aceite*. Como se diz *livre* por *livrado*, *entregue* por *entregado*, *extreme* por *extremado*, *quite* por *quitado*.

Custa a crer — Cândido de Fig. diz que deve ser: *Custa crer*. Há, porém, inúmeros exemplos de bons escritores, que provam que *custa a crer* é expressão vernácula. Veja «Réplica» de Rui Barbosa. Pode-se dizer, pois: *custa a crer* e *custa crer*.

Não vejo nada — É expressão vernácula, embora muitos pensem que não. Veja a expressão correspondente em francês: «Le fait est que je ne vois rien» (Florian).

Gente meia disposta — Diz Cândido de Fig. que é: *gente meio disposta* (sendo *meio* um advérbio). Há, porém, exemplos de bons escritores que provam que se pode dizer, devido a uma lei de sintaxe, chamada *atração*, por exemplo: ela está *meia* louca; eles estão *meios* loucos; elas estão *meias* loucas (sendo *meio*, *meia*, etc., um adjetivo). Ex.: Uns caem *meios* mortos (Lusiadas, canto III, est. 50); onde *meios* mortos se afogavam (Lusiadas, canto III, est. 113), «Seis *meias meias* feitas e outras *meias* por fazer quantas *meias* vêm a ser?» (Adivinha popular); «*meia* quebrada, ó cruz!» (Garrett).

Não pode deixar de não ser — Deve ser: *Não pode deixar de ser*.

Trazer à balha ou à baila. São expressões puras. O verbo *balhar* e o subst. *balha* são antigos, mas usados pelo povo ainda hoje, ao lado de *bailar* e de *baila*.

O quer que seja — Deve ser: *O que quer que seja*.

Pede a V. Excia. que se digne mandar... ou: *que se digne de mandar*.

Sirva-se mandar... ou: *sirva-se de mandar*.

Haja vista ao que sucedeu — Deve ser: *Haja vista o que*

sucedeu. Esta frase é igual a: *o que sucedeu haja* (=tenha) *vista*.

O *Snr. haja em vista o meu livro* — Está bem. Esta frase é igual a: O *Snr. haja* (=tenha) *em vista o meu livro*.

Tenho que ele se lembrará de mim (está bem) = penso que ele se lembrará de mim.

«Bandeira brasileira, *sê* bendita, bendita *sejas!*»
(e não: bendita *sê!*)

«*Estuda* embora noite e dia, pouco aprenderás» ou:
«Embora *estudes* noite e dia, pouco aprenderás» (e não: embora *estuda...*).

Água de flor de laranja (a laranja não tem flor). — Devia ser: *água de flor de laranjeira*, mas a expressão *água de flor de laranja* já está arraigada na língua. Esta figura chama-se *sinédoque*. (Do mesmo modo: chá de *fôlha de abacate*, em vez de: *fôlha de abacateiro*).

Tenho ódio d'ele	por Tenho-lhe ódio (quem tem ódio tem ódio a alguém)
<i>Ganhei um presente</i>	» Recebi um presente.

NOTA: Diz-se esta frase em São Paulo. *Ganhar* indica que houve trabalho, esforço para adquirir alguma coisa. Em português diz-se «Recebi um presente».

NOTA: Entre as anomalias lingüísticas que são curiosas e abundantes no linguajar do povo rude do interior, há o verbo pronominal *rir-se*, que na 3.^a pessoa do singular do indicativo presente é assim usado pelo caipira: *êle serre* e *êle sirre* (= *êle ri-se* ou *êle se ri*); como, em vez de *vive*, diz *vêve*.

<i>De vez que isto sucedeu...</i>	por <i>Uma vez que isto sucedeu...</i>
-----------------------------------	--

<i>Tão logo isto suceda</i>	por <i>Logo que isto suceda...</i>
-----------------------------	------------------------------------

{	<i>Em vez do mestre</i> , veio sua espôsa dar aula (bem).
	<i>Ao invés do frio</i> (=ao contrário do frio, de que gosto, veio o calor, que detesto (bem).
	babador (=o que baba)
{	babadouro (=peça de roupa infantil, sôbre a qual a criança baba)
	bebedouro (onde os animais bebem)

- { coradouro (onde a roupa cora)
- { lavadouro, (onde a roupa se lava)
- { suadouro (ato de suar; efeito de um remédio, que faz suar)
- { cartucho = invólucro
- { cartuxo = frade da (ordem) Cartuxa
- { Censurei-lhe, ontem, por censurei-o, ontem.
- { Censurei-lhe, ontem, o proceder (bem) = censurei, ontem, o *seu* proceder
- { doi-lhe a cabeça? = a *sua* cabeça dói?
- Chamei-o no escritório por *ao* escritório
- { deferir o requerimento (bem) = atender
- { diferir = adiar
- { existem casos... { (bem)
- { bastam três homens { o sujeito é: *casos; três homens*
- { descrição = ato de descrever
- { discricção = ato de ser discreto
- { despensa = onde se guarda comida
- { dispensa = ato de dispensar
- { discriminar = distinguir
- { descriminar = exculpar ou desculpar
- dinheiro que dispomos por de que dispomos
- o que preciso é paz por o de que preciso é paz (= paz é o de que preciso)
- dispender por *despender* (= fazer despesa)
- { emitir = expelir, lançar
- { imitir (em direito) = mandar para, contra; imissão de posse
- { estrato = nuvem, camada
- { extrato = loção, coisa que se extraiu de outra
- { extático = enlevado
- { estático = em repouso
- { falar { Há diferença. *Falar* tem um tom mais alto e fixo (às vèzes fala-
- { dizer { mos muito; mas não *dizemos* nada; ou *falamos* pouco, *dizendo* muito).
- { fragrante = perfumado
- { flagrante = evidente, manifesto
- { incidente = episódio
- { acidente = o que é casual, desgraça
- { Sucedeu Dom Pedro a Dom Afonso IV (bem)
- { Sucedeu a república à monarquia
- { obsessão = importunação, ato de obsidiar (de cercar), ato de vexar (* in-
- { fluxo de um demônio). (*Obsedar* não existe).
- { obcecação = ato de obcecar, de cegar espiritualmente. F. está obcecado (= desvairado).

{ Estou quite (singular)
 { Estamos quites (plural)

Noticiaram você do crime? por Noticiaram o crime a você?

Previne-se os fregueses de que... por Previnem-se os fregueses de que...

* rítimo por ritmo (do grego: (rhythμός))

* Resigne-se (não se deve dizer: resigüine-se)

João utilizou do telefone por { João utilizou-se do telefone ou: João uti-
 { lizou o telefone.

{ *tenção* = intento (e briga)
 { *tensão* = rigidez; o povo ficou em grande tensão de nervos

Pedro zangou por zangou-se

Pedro sumiu por sumiu-se

Meu filho vá trocar-se por vá trocar de roupa

Éramos em quatro por Éramos quatro

O conclave dos estudantes { Conclave usa-se só para a reunião dos cardeais;
 { para a eleição secreta de um papa (do la-
 tim: *conclave*; de *cum* e *clave* = *com a cha-
 ve*): sala fechada à *chave*.

Prefiro estudar do que negociar por { ...a negociar. (Prefere-se uma coisa
 { a outra).

aspirar o ar a longos haustos {
aspirar a um alto cargo { (bem)

quer sejam ricos ou pobres por quer sejam ricos, quer (sejam) pobres.

{ degradado (quem sofreu a pena de degrêdo).
 { degradado (= aviltado)

o cataclismo (do grego: *Kataklysmós*) (* não existe "cataclisma")

magnate ou magnata

alarme e alarma, mas, hoje, é mais usado: o *alarme*

{ *arrear* = adornar
 { *arriar* = abaixar

{ bororo (ôro) = índio de Mato Grosso
 { bororó = veado

Os *pseudos*-cristãos { por Os *pseudo*-cristãos. (*Pseudo* = falso). *Pseudo* é um
 { adjetivo *invariável*, tomado *adverbialmente* =
 { = os falsamente cristãos. Entra na formação
 de palavras compostas.

A QUESTÃO ORTOGRÁFICA

Desde o alvorecer da língua portuguesa, houve sempre a maior anarquia na maneira de grafar as palavras. Camões, nos «Lusiadas», chega a escrever a mesma palavra de quatro maneiras (exemplo: *antam*, *antão*, *entam* e *então*, como se pode ver na edição *princeps* de 1572).

A história da ortografia tem dois períodos: 1.º *até ao século XVI*, em que houve a representação dos sons das palavras por letras, que realmente os representavam, e a ausência, em geral, de caracteres não proferidos; 2.º *o pseudo-etimológico*, do século XVI em diante, em que o latim começou a ter o brilho que a Renascença lhe deu, surgindo *etimologistas pretensiosos*, que puseram nas palavras, muitas vezes, caracteres falsos, ou desnecessários, ou que não correspondiam a sons da fala corrente.

Escrever apenas segundo a *etimologia* (isto é, segundo a origem das palavras), é impossível, como todos reconhecem. Teríamos que escrever, por exemplo, *phthísica* (do grego *phthisis*), *thio* (do grego *theios*), *diphthongo* (do grego *diphthongos*), *haghora* (= *agora*; do latim *hac + hora*), quando a ortografia corrente é: *física*, *tio*, *ditongo* e *agora*. Escrever apenas *foneticamente* (isto é, segundo a pronúncia das palavras), é igualmente impossível, visto que, «sendo a palavra escrita a imagem exata da palavra falada, a mudança de pronúncia, determinaria a mudança da sua representação». Haveria, por ex., duas ortografias fonéticas para a diferente pronúncia de certas palavras da língua, no Brasil: — a do norte e a do sul. Escrever-se-ia, por exemplo, *minino* em São Paulo, e *mênino* no Maranhão e outros Estados do Norte.

Para se evitarem tais incoerências, e com intuito de simplificação, foi feita, em Portugal, por um processo *fonético-etimológico-histórico* (segundo os ditames da Filologia) em setembro de 1911, uma reforma ortográfica por uma comissão nomeada pelo governo, e à qual pertenceram os seguintes filólogos: Gonçalves Viana, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Cândido de Figueiredo, Manuel Borges Graña, José Joaquim Nunes, Gonçalves Guimarães, Ribeiro de Vasconcelos, Júlio Moreira e a erudita lente da Universidade de Coimbra, D. Carolina Michaëlis. Nesta reforma, que adotou processos semelhantes aos da língua espanhola e italiana, Gonçalves Viana preocupou-se sempre com a pronúncia geral portuguesa e brasileira, como se poderá ver nos seus estudos preliminares. Os preceitos expostos por Gonçalves Viana são:

- 1.º «Tudo o que se diferencia na fala, tem de ser diferenciado na escrita.
- 2.º Todas as pronúncias legítimas devem ser representadas na ortografia comum, para que a língua escrita seja uma só.
- 3.º Todos os artifícios etimológicos inúteis, ou que se não expliquem pela evolução da língua falada, serão desterrados da escrita portuguesa, como contrários à sua expressão gráfica.»

Foi logo publicado por Gonçalves Viana, relator da Comissão, o «Vocabulário ortográfico e remissivo», que é o guia seguro da Reforma.

Eis a *súmula* desta reforma:

- 1.º — Não se duplicam consoantes. Portanto: beleza, abade, Matos, Mota.
- 2.º — Simplificam-se e substituem-se os grupos, *ph*, *th*, *rh*, *ch* (com o valor de *k*). Portanto: filosofia, teatro, reumatismo, quimera, química.
- 3.º — Não se emprega *y* nem *k* nem *w*. Portanto: lira, martírio, calendário, Venceslau. Excetuam-se só os vocábulos, derivados de nomes próprios estrangeiros, como: byroniano, kantismo, wiclefitas.
- 4.º — Dentro de vocábulos não se escreve *h*. Portanto: inerente, inábil, compreender.
- 5.º — Os ditongos orais *de*, *do*, *eo*, *oe* substituem-se por *ai*, *au*, *éu*, *ói*. Portanto: pai, jornais, marau, chapéu, anzóis.
- 6.º — Evitam-se consoantes inúteis. Portanto: escritura, escultura, dis-trito, salmo, luta.

Excetuam-se os casos, em que a consoante, embora se não pronuncie, dê valor sônico à vogal anterior. Ex.: *excepção*.

7.º — O pronome pessoal enclítico *lo* liga-se aos verbos por um traço. Portanto: tu fáze-lo e eu não posso fazê-lo; louvá-lo; ouvím-lo.

8.º — O emprego do *s* e do *z* é regulado pela etimologia e pelas tradições da língua. Portanto: português, francês, cortês, defesa, tu vês; e, ao mesmo tempo: natureza, civilizar, talvez, uma vez.

9.º — Acentuam-se graficamente todos os vocábulos esdrúxulos. Portanto: pálido, túmulo, crisântemo, hipódromo, diário. Acentuam-se os homógrafos, não homofônicos, pois há *sêde* e *sede*, *gôverno* (verbo) e *gôverno* (substantivo), *clínica* (verbo) e *clínica* (substantivo). O acento grave (`) pertence às vogais abertas, não tônicas. Portanto: prégador, pégada. E também se pode usar para desfazer ditongo, como em: proibir, miudamente; e para mostrar que o *u* se pronuncia depois de *g* ou *q*, como em: agüentar, freqüente. »

A acentuação gráfica tem uma grande importância, para se uniformizar a pronúncia das palavras. Não havendo acento, entende-se que ele recai, em geral, sobre a penúltima sílaba. Ex.: *A mulher sábia não sabia o que era um sabiá*. Ele não pára sem ir para o Pará.

Nesta frase há: *pára* (do verbo *parar*); *para* (preposição átona); e *Pará* (nome próprio).

O que mais impressionou as pessoas, foi o escrever-se *química*, *quimera*, etc. Deve-se, porém, notar que assim todos sabem ler o que se escreve. Evita-se a confusão: se há *ch* (isto é, se o *ch* é *chiente*) pronuncia-se *x*, ex.: *Anchieta* (e não *Anquieta* como muita gente diz). Se o *ch* é *duro*, escreve-se *qu* (antes de *e* e de *i*) como em *química*; e *c* nos outros casos, como em *Cristo*. A regra mais difícil de seguir, é a que manda escrever as palavras com *s* ou *z* conforme a origem; mas é preciso respeitar o *s*, porque ele é latino.

No Brasil, algumas pessoas ilustres seguiram esta reforma, entre as quais mencionaremos Mário Barreto, Sílvio de Almeida, Amadeu Amaral, Silva Ramos, Antenor Nascentes, Tasso Fragoso, Sousa da Silveira. A «Revista de Filologia Portuguesa», cuja publicação cessou há pouco, seguiu-a também.

A Academia Brasileira de Letras, adotou, em 1907, uma Reforma, que logo foi abandonada, pois, sendo sobretudo fonética, apresentava inúmeras incoerências. O seu autor foi Medeiros e Albuquerque, que era um literato, um admirável jornalista, mas não um *filólogo*.

Passados anos, a Academia adotou a Reforma ortográfica portuguesa. Mais tarde, porém, rejeitou-a. Em 21 de novembro de 1929, foi aprovada, de novo, a Reforma de 1907 com algumas modificações.

Esta reforma provocou grande celeuma no Brasil e em Portugal. Atacaram-na, dizendo que, sendo obrigatório escrever *z* quando tem o valor de *s*, as palavras ficam, às vezes, desfiguradas (como *dezonra*); que o *z* é uma letra grega e que o *s* é latino; que o *z* traía fortemente a tradição latina da nossa língua; que a reforma não tratava da acentuação das palavras, o que é absolutamente necessário, dado o desleixo de pronúncia que se nota até nas pessoas cultas; que a reforma não era fonética, nem etimológica, mas sim *fantástica*.

Na própria Academia houve homens notáveis que se insurgiram contra ela como Afrânio Peixoto, Coelho Neto e outros, tendo alguns dito: «se já temos uma reforma cientificamente feita, que é a portuguesa, não precisamos de outra».

José Oiticica, ilustre filólogo brasileiro, escreveu no «Estado de São Paulo»: «Neste assunto, tenho por indispensável a colaboração com Portugal. A alegação de serem as línguas diferentes é grave erro. Pesa-me vê-lo, agora mesmo, ainda repetido. Queiram ou não os nacionalistas, a nossa língua é, em tudo e por tudo, a língua portuguesa. É a língua dos jornais, dos livros, da conversação usual, dos papéis oficiais. Lá porque o caipira fala «essa língua», deformando-a, incando-a de termos novos, não vamos concluir ser nossa fala a deles. Leio o artigo de Nascentes e não vejo nele sombra de caipirismo. É português legítimo, subscrevível por qualquer escritor português. Nunca ouvi nem o professor Nascentes, nem o professor Nogueira, nem o Snr. Pedro do Couto conversarem acaipiradamente, pronunciando: «muié», «fazê», «truxe», nem dizendo: «pra mim vim hoje», «soto dia», «amode coisa que sim», «havéra di sê», etc.

Tanto não é nossa língua a fala caipira, como não é a língua dos portugueses o linguajar minhoto, o dialeto mirandês ou o ilhéu.

A língua de um povo é sua língua culta. O «francês» nem é o parisiense, nem o gascão, nem o bretão. É a língua dos seus escritores, das suas escolas, dos seus jornais, dos seus documentos oficiais.

O confronto das línguas em Portugal e no Brasil revela a sua quase identidade. Afora as expressões regionalistas, mais ou menos efêmeras, e as novidades

vocabulares, não há diferença notável entre as duas falas. Tão português é a língua do Brasil culto, quanto é inglês a língua culta dos Estados- Unidos.

Liquidando esse ponto, cumpre reconhecer que nenhum passo pode alguém dar nessa matéria, sem apoiar-se nos trabalhos de Gonçalves Viana. Foi este mestre quem melhor aprofundou o assunto, quem o examinou com lentes críticas por todos os ângulos e com raro critério orientou os estudiosos para a solução mais aceitável.

Silva Ramos numa carta a Júlio Nogueira («O exame de Português», pág. 366), escreveu:

«Há nesta questão (a ortográfica) duas objeções formuladas pelos leigos, as quais me não deixam impassível, por envolverem má fé e falsidade manifesta; contra essas me insurjo com todas as veras, portas a dentro das minhas aulas, e vem a ser: que a grafia oficial portuguesa é fonética e que é incompatível com a pronúncia do Brasil. Os adversários daquele sistema desconhecem que foram as centenas de erros de etimologia introduzidos no correr dos últimos séculos que provocaram a fixação das formas legítimas dos vocábulos, de acordo com a história da língua, apenas simplificadas. E em que é que a supressão de letra dobrada, a omissão dos sinais gregos e a substituição do *k* por *qu* e por *c*, que a tanto se reduzem as modificações operadas pela reforma, ofendem a pronúncia do português aqui no Brasil?»

Fazer no Brasil uma reforma diferente da de Portugal, seria um grandíssimo erro. Povos irmãos, que falam a mesma língua, devem ter uma escrita igual, pois que, espalhados os livros dos escritores brasileiros em Portugal, e os dos portugueses, no Brasil, com diferentes ortografias, isso produziria uma confusão ainda maior. (Note-se que os livros brasileiros têm sido pouco lidos em Portugal; mas, atualmente, pelo convênio luso-brasileiro de 1922, que isenta de impostos a entrada de livros (só os brochados) portugueses no Brasil e a de livros brasileiros em Portugal, a sua difusão é cada vez maior).

No Brasil, muitos dizem que Portugal não convidou o Brasil a colaborar na reforma, o que foi uma indelicadeza. Implantada a república em 1910, surgiram problemas importantíssimos. Trabalhava-se à pressa na concretização de idéias que tomavam vulto desde a monarquia. Portugal estima deveras o Brasil. Basta ver as atenções que dispensa a qualquer brasileiro culto, que lá vai, e as que tem para com o governo brasileiro, constantemente. Há até na Universidade de Lisboa a cadeira de «Estudos brasileiros». Os filólogos aproveitaram a ocasião em que um ministro da Instrução, favorável à Reforma, ocupava o poder. Sabiam bem que os ministérios surgiam e caíam facilmente nessa época de grande crise política. E, de fato, dias depois de ser aprovada, esse ministro saía do poder.

Amadeu Amaral escreveu em «O elogio da mediocridade»: «Não houve, aqui no Brasil, menino recém-egresso do grupo escolar que se não julgasse habilitado a desfazer com dois piparotes a obra, em que se condensaram as longas reflexões de romanistas como Carolina Michaelis, Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho e Gonçalves Viana».

A questão ortográfica está nas seguintes condições: O Governo brasileiro oficializou, em 1931, o acordo feito entre a «Academia Brasileira de Letras» e a «Academia das Ciências de Lisboa».

Em 1933, foi publicado, baseado no Vocabulário de Gonçalves Viana, o «Vocabulário ortográfico e ortoépico da Língua portuguesa organizado pela Academia Brasileira de Letras, de acordo com a Academia das Ciências de Lisboa» (Vocabulário Oficial).

Em 1934, porém, (após longa discussão no seio da *Constituinte*) a «Constituição brasileira» (16 de julho de 1934) revogou o acordo de 1931, no seguinte texto: — «Esta Constituição, escrita na mesma ortografia da de 1891 e que fica adotada no país, será promulgada pela Mesa da Assembléia, depois de assinada pelos deputados presentes, e entrará em vigor na data da sua publicação».

Como se vê, esteve em vigor, de novo no Brasil, a malfadada ortografia usual ou mista, que é um acervo de incoerências. Basta dizer que a Constituição de 1891 não tinha uniformidade de escrita, pois a mesma palavra era grafada de dois modos, às vezes, como *Brasil* e *Brazil*.

A «Academia Brasileira de Letras», (instituto onde, logicamente, devem ser discutidos assuntos de certo caráter científico, como as questões linguísticas), porém, como protesto, declarou que todos os seus membros continuariam a escrever conforme o acordo de 1931.

Em fevereiro de 1938, foi decretado, novamente, para as escolas, o *Acordo ortográfico* de 1931.

Em 1943, foi organizado no Brasil o «Pequeno Vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa», que, depois de aprovado, começou a vigorar em 1 de janeiro de 1944.

As instruções para a organização desse Vocabulário foram aprovadas, em sessão de 12 de agosto de 1943, pela Academia Brasileira de Letras.

Instruções para a organização do Vocabulário ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* terá para base o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa, edição de 1940, consoante a sugestão do Sr. Ministro da Educação e Saúde, aprovada unanimemente pela Academia Brasileira de Letras, em 29 de janeiro de 1942. Para a sua organização se obedecerá rigorosamente aos itens seguintes:

- 1.º — Inclusão dos brasileirismos consagrados pelo uso.
 - 2.º — Inclusão de estrangeirismos e neologismos de uso corrente no Brasil e necessários à língua literária.
 - 3.º — Substituição de certas formas usadas em Portugal pelas correspondentes formas usadas no Brasil, consoante a pronúncia e a morfologia consagradas.
 - 4.º — Fixação da grafia de vocábulos cuja etimologia ainda não está perfeitamente demonstrada, consignando-se em primeiro lugar a de uso mais generalizado.
 - 5.º — Fixação das grafias de vocábulos sincréticos e dos que têm uma ou mais variantes, tendo-se em vista o étimo e a história da língua, e registro de tais vocábulos um a par do outro, de maneira que figure em primeira plana, como preferível, o de uso mais generalizado.
 - 6.º — Evitar duplicidade gráfica ou prosódica de qualquer natureza, dando-se a cada vocábulo uma única forma, salvo se nêle há consoante que facultativamente se profira, ou se há mais de uma pronúncia legitimada pelo uso ou pela etimologia, casos em que se registrarão as duas formas, uma em seguida à outra, colocando-se em primeiro lugar a de uso mais generalizado.
 - 7.º — Registro de um significado ou da definição de todos os vocábulos homófonos não homógrafos, bem como dos homógrafos heterofônicos, — mas não dos homógrafos perfeitos, — fazendo-se remissão de um para outro.
 - 8.º — Registro, entre parênteses, da vogal ou sílaba tônica de todo e qualquer vocábulo cuja pronúncia é duvidosa, ou cuja grafia não mostra claramente a sua ortoépia; não sendo, porém, indicada a sílaba tônica dos infinitos dos verbos, salvo se forem homógrafos heterofônicos.
 - 9.º — Registro, entre parênteses, do timbre da vogal tônica de palavras sem acento diacrítico, bem como da vogal da sílaba pretônica ou postônica, sempre que se faça mister, em especial quando há metafoia, tanto no plural dos nomes e adjetivos quanto em formas verbais. Não será indicado, porém, o timbre aberto das vogais *e* e *o* nem o timbre fechado das dos vocábulos compostos ligados por hífen.
 - 10.º — Fixação dos femininos e plurais irregulares, que serão inscritos em seguida ao masculino regular.
 - 11.º — Registro de formas irregulares de verbos mais usados em *ear* e *iar*, especialmente das do presente do indicativo, no todo ou em parte.
 - 12.º — Todos os vocábulos devem ser escritos e acentuados graficamente de acôrdo com a ortoépia usual brasileira e sempre seguidos da indicação da categoria gramatical a que pertencem.
- Para acentuar graficamente as palavras de origem grega, ou indicar-lhes a prosódia entre parênteses, cumpre atender ao uso brasileiro: registra-se a pronúncia consagrada, embora esteja em desacôrdo com a primordial; mas, se ela é de uso apenas em certa arte ou ciência, e ainda esteja em tempo de se corrigir, convém seja corrigida, inscrevendo-se a forma etimológica em seguida à usual.

O Vocabulário conterá:

- a) o formulário ortográfico, que são estas instruções;
- b) o vocabulário comum;
- c) registro de abreviaturas.

O Vocabulário Onomástico será publicado separadamente, depois de aprovado por decreto especial.

I

ALFABETO

1. O alfabeto português consta fundamentalmente de vinte e três letras: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, z.*
2. Além dessas letras, há três que só se podem usar em casos especiais: *k, w, y.*

II

K, W, Y

3. O *k* é substituído por *qu* antes de *e, i*, e por *c* antes de outra qualquer letra: *brequê, caqui, caulim, faquir, níquel*, etc.
4. Emprega-se em abreviaturas e símbolos, bem como em palavras estrangeiras de uso internacional: *K.* = potássio; *Kr.* = criptônio; *kg* = quilograma; *km* = quilômetro; *kw* = quilowatt; *kwh* = quilowatt-hora, etc.
5. Os derivados portugueses de nomes próprios estrangeiros devem escrever-se de acordo com as formas primitivas: *frankliniano, kantismo, kepleriano, perkinismo*, etc.
6. O *w* substitui-se, em palavras portuguesas ou aportuguesadas, por *u* ou *v*, conforme o seu valor fonético: *sanduíche, talvegue, visigodo*, etc.
7. Como símbolo e abreviatura, usa-se em *kw* = quilowatt; *W.* = oeste ou tungstênio; *w* = watt; *ws* = watt-segundo, etc.
8. Nos derivados vernáculos de nomes próprios estrangeiros, cumpre adotar as formas que estão em harmonia com a primitiva: *darwinismo, wagneriano, zwinglianista*, etc.
9. O *y*, que é substituído pelo *i*, ainda se emprega em abreviaturas e como símbolo de alguns termos técnicos e científicos: *y* = ítrio; *yd* = jarda, etc.
10. Nos derivados de nomes próprios estrangeiros, devem usar-se as formas que se acham de conformidade com a primitiva: *byroniano, maynardina, taylorista*, etc.

III

H

11. Esta letra não é propriamente consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma, se conserva no princípio de várias palavras e no fim de algumas interjeições: *haver, hélice, hidrogênio, hóstia, humildade; hã!, hem!, puh!*; etc.
12. No interior do vocábulo, só se emprega em dois casos: quando faz parte do *ch*, do *lh* e do *nh*, que representam fonemas palatais, e nos compostos em que o segundo elemento, com *h* inicial etimológico, se une ao primeiro por meio do hífen: *chave, malho, rebanho; anti-higiênico, contra-haste, pré-história, só-bre-humano*; etc.
- OBS.: Nos compostos sem hífen, elimina-se o *h* do segundo elemento: *anarmônico, biebdomadário, coonestar, desarmonia, exausto, inabilitar, lobisomem, reaver*, etc.
13. No futuro do indicativo e no condicional, não se usa o *h* no último elemento, quando há pronome intercalado: *amá-lo-ei, dir-se-ia*, etc.
14. Quando a etimologia o não justifica, não se emprega: *arpejo* (substantivo), *ombro, ontem*, etc. E mesmo que o justifique, não se escreve no fim de substantivos nem no começo de alguns vocábulos que o uso consagrou sem este símbolo: *andorinha, erva, felá, inverno*, etc.
15. Não se escreve *h* depois de *c* (salvo o disposto em o n.º 12) nem depois de *p, r* e *t*: o *ph* é substituído por *f*, o *ch* (gutural) por *qu* antes de *e* ou *i* e por *c* antes de outra qualquer letra: *corografia, cristão, querubim, química; farmácia, fósforo; retórica, ruibarbo; teatro, turbulo*; etc.

IV

CONSOANTES MUDAS

16. Não se escrevem as consoantes que se não proferem: *asma*, *assinatura*, *ciência*, *diretor*, *ginsio*, *inibir*, *inovação*, *ofício*, *ótimo*, *salmo*, e não *asthma*, *assignatura*, *sciencia*, *director*, *gymnasio*, *inhibir*, *innovação*, *officio*, *optimo*, *psalmo*.

OBS.: Escreve-se, porém, o *s* em palavras como *descer*, *florescer*, *nascer*, etc. e o *x* em vocábulos como *exceto*, *excerto*, etc., apesar de nem sempre se pronunciarem essas consoantes.

17. Em sendo mudo o *p* no grupo *mpc* ou *mpt*, escreve-se *nc* ou *nt*: *assuncionista*, *assunto*, *presunção*, *prontificar*, etc.

18. Devem-se registrar os vocábulos cujas consoantes facultativamente se pronunciam, pondo-se em primeiro lugar o de uso mais generalizado, e em seguida o outro. Assim, serão consignados, além de outros, estes: *aspecto* e *aspeto*, *característico* e *caraterístico*, *circunspecto* e *circunspeto*, *conectivo* e *conetivo*, *contacto* e *contato*, *corrupção* e *corrução*, *corruptela* e *corrutela*, *dactilografia* e *datilografia*, *espectro* e *espetro*; *excepcional* e *excecional*, *expectativa* e *expetativa*, *infecção* e *infeção*, *optimismo* e *otimismo*, *respectivo* e *respetivo*, *secção* e *seção*, *sinóptico* e *sinótico*, *sucção* e *sução*, *sumptuoso* e *suntuoso*, *tacto* e *tato*, *tecto* e *teto*.

V

SC

19. Elimina-se o *s* do grupo inicial *sc*: *celerado*, *cena*, *cenografia*, *ciência*, *cientista*, *cindir*, *cintilar*, *ciografia*, *cisão*, etc.

20. Os compostos dessa classe de vocábulos, quando formados em nossa língua, são escritos sem o *s* antes do *c*: *anti-científico*, *contracenar*, *encenação*, etc.; mas quando vieram já formados para o vernáculo, conservam o *s*: *consciência*, *côncio*, *imprescindível*, *insciente*, *inscio*, *multisciente*, *nêscio*, *presciência*, *prescindir*, *proscênio*, *rescindir*, *rescisão*, etc.

VI

LETRAS DOBRADAS

21. Escrevem-se *rr* e *ss* quando, entre vogais, representam os sons simples do *r* e *s* iniciais; e *cc* ou *çç* quando o primeiro soa distintamente do segundo: *carro*, *farra*, *massa*, *passo*, *convicção*, *occipital*; etc.

22. Duplicam-se o *r* e o *s* todas as vezes que a um elemento de composição terminado em vogal se segue, sem interposição do hífen, palavra começada por uma daquelas letras: *albirrosado*, *arritmia*, *altíssimo*, *derrogar*, *prerrogativa*, *presentir*, *ressentimento*, *sacrossanto*, etc.

VII

VOGAIS NASAIS

23. As vogais nasais são representadas no fim dos vocábulos por *ã* (*ãs*), *im* (*ins*) *om* (*ons*) *um* (*uns*): *afã*, *cãs*, *flautim*, *folhetins*, *semitom*, *tons*, *tutum*, *zuns*, etc.

24. O *ã* pode figurar na sílaba tônica, pretônica ou átona: *ãatã*, *cristãmente*, *maçã*, *órfã*, *romãzeira*, etc.

25. Quando aquelas vogais são iniciais ou mediais, a nasalidade é expressa por *m* antes de *b* e *p*, e por *n* antes de outra qualquer consoante: *ambos*, *campo*; *contudo*, *enfim*, *enquanto*, *homenzinho*, *nuvenzinha*, *vintênzinho*; etc.

VIII

DITONGOS

26. Os ditongos orais escrevem-se com a subjuntiva *i* ou *u*: *aipo*, *cai*, *canto*, *degrau*, *dei*, *fazeis*, *idéia*, *mausoléu*, *neurose*, *retorquiu*, *rói*, *sois*, *sou*, *souto*, *uivo*, *usufrui*, etc.

OBS.: Escrevem-se com *i* e não com *e*, a forma verbal *fui*, a 2.^a e 3.^a pessoa do singular do presente do indicativo e a 2.^a do singular do imperativo dos verbos terminados em *uir*: *aflui*, *fruis*, *retribuis*, etc.

27. O ditongo *ou* alterna em numerosos vocábulos, com *oi*: *balouçar* e *baloiçar*, *calouro* e *caloiro*, *dourar* e *doirar*, etc. Cumpre registrar em primeiro lugar a forma que mais se usa, e em seguida a variante.

28. Escrevem-se assim os ditongos nasais: *ãe*, *ãi*, *ão*, *am*, *em*, *en* (*s*), *õe*, *ui* (*proferido ãi*): *mãe*, *pães*, *cãibra*, *acórdão*, *irmão*, *leãozinho*, *amam*, *bem*, *bens*, *devem*, *põe*, *repões*, *muito*, etc.

OBS. 1.^a: Dispensa-se o til do ditongo nasal *ui* em *mui* e *muito*.

OBS. 2.^a: Com o ditongo nasal *ão* se escrevem os monossílabos, tônicos ou não e os polissílabos oxítonos: *cão*, *dão*, *grão*, *não*, *quão*, *são*, *tão*; *alcorão*, *capitão*, *cristão*, *então*, *irmão*, *senão*, *sentirão*, *servirão*, *viverão*, etc.

OBS. 3.^a: Também se escrevem com o ditongo *ão* os substantivos e adjetivos paroxítonos, acentuando-se, porém, a sílaba tônica: *órfão*, *órgão*, *sótão*, etc.

OBS. 4.^a: Nas formas verbais anoxítonas se escreve *am*: *amaram*, *deveram*, *partiram*, *puseram*, etc.

OBS. 5.^a: Com o ditongo nasal *ãe* se escrevem os vocábulos oxítonos e os seus derivados; e os anoxítonos primitivos grafam-se com o ditongo *ãi*: *capitães*, *mães*, *pãezinhos*; *cãibo*, *zãibo*; etc.

OBS. 6.^a: O ditongo nasal *ẽi(s)* escreve-se *em* ou *en(s)* assim nos monossílabos como nos polissílabos de qualquer categoria gramatical: *bem*, *cem*, *convém*, *convéns*, *mantém*, *manténs*, *nem*, *sem*, *virgem*, *virgens*, *voragem*, *voragens*, etc.

29. Os encontros vocálicos átonos e finais que podem ser pronunciados como ditongos crescentes escrevem-se da seguinte forma: *ea* (*áurea*), *eo* (*cetáceo*), *ia* (*colônia*), *ie* (*espécie*), *io* (*exímio*), *oa* (*nódoa*), *ua* (*contínua*), *ue* (*tênue*), *uo* (*tríduo*), etc.

IX

HIATOS

30. A 1.^a, 2.^a e 3.^a pessoa do singular do presente do conjuntivo e a 3.^a do singular do imperativo dos verbos em *ear* escrevem-se com *oe*, e não *oi*: *abençoe*, *amaldiçoes*, *perdoe*, etc.

31. As três pessoas do singular do presente do conjuntivo e a 3.^a do singular do imperativo dos verbos em *uar* escrevem-se com *ue*, e não *ui*: *cultue*, *habituê*, *preceitue*, etc.

X

PARÔNIMOS E VOCÁBULOS DE GRAFIA DUPLA

32. Deve-se fazer a mais rigorosa distinção entre os vocábulos parônimos e os de grafia dupla que se escrevem com *e* ou com *i*, com *o* ou com *u*, com *c* ou *q*, com *ch* ou *x*, com *g* ou *j*, com *s*, *ss* ou *c*, *ç*, com *s* ou *x*, com *s* ou *z*, e com os diversos valores do *x*.

33. Deve-se registrar a grafia que seja mais conforme à etimologia do vocábulo e à sua história, mas que esteja em harmonia com a prosódia geral dos brasileiros, nem sempre idêntica à lusitana. E quando há dois vocábulos diferentes, v. g., um escrito com *e* e outro com *i*, é necessário que ambos sejam acompanhados da sua definição ou do seu significado mais vulgar, salvo se forem de categorias gramaticais diferentes, porque, neste caso, serão acompanhados da indicação dessas categorias. Ex.: *censório*, adj. Cf. *sensório*, adj. e s. m.

Assim, pois, devem ser inscritos vocábulos como: *antecipar*, *criador*, *criança*, *criar*, *diminuir*, *discrecionário*, *dividir*, *filintiano*, *filipino*, *idade*, *igreja*, *igual*, *imiscuir-se*, *invés*, *militar*, *ministro*, *pior*, *quase*, *tigela*, *tijolo*, *vizinho*, etc.

34. Palavras como *cardeal* e *cardial*, *desfear* e *desfiar*, *descrição* e *discrição*, *destinto* e *distinto*, *meado* e *miado*, *recrear* e *recriar*, *se* e *si* serão consignadas com o necessário esclarecimento e a devida remissão. Por exemplo: *descrição*, s. f.: ação de descrever. Cf. *discrição*. *Discrição*, s. f.: qualidade do que é discreto. Cf. *descrição*.

35. Os verbos mais usados em *ear* e *iar* serão seguidos das formas do presente do indicativo, no todo ou em parte.

36. De acôrdo com o critério exposto, far-se-á rigorosa distinção entre os vocábulos que se escrevem:

a) com o ou com u: *frágua*, *lugar*, *mágoa*, *manuelino*, *polir*, *tribo*, *urdir*, *veio* (v. ou subst.), etc.

b) com c ou q: *quatorze* (seguido de *catorze*), *cinquenta*, *quociente* (seguido de *cociente*), etc.

c) com ch ou x: *anexim*, *bucha*, *cambaxirra*, *charque*, *chimarrão*, *coxia*, *estrebuchar*, *fazina*, *flecha*, *tachar*, (notar, censurar), *tazar* (determinar a taxa; regular), *xicara*, etc.

d) com g ou j: *estrangeiro*, *jenipapo*, *genitivo*, *gíria*, *jeira*, *jeito*, *jibóia*, *jirau*, *laranjeira*, *logista*, *majestade*, *viagem* (subst.), *viajem* (do v. *viajar*), etc.

e) com s, ss ou c, ç: *ânsia*, *anticéptico*, *boça* (cabo de navio), *bossa* (protuberância; aptidão), *bolçar* (vomitar), *bolsar* (fazer bolsos), *caçula*, *censual* (relativo a censo), *sensual* (lascivo), etc.

OBS.: Não se emprega ç em início de palavra.

f) com s ou x: *espectador* (testemunha), *expectador* (pessoa que tem esperança), *experto* (perito; experimentado), *esperto* (ativo, acordado), *esplêndido*, *esplendor*, *extremoso*, *flux* (na locução *a flux*), *justafluvial*, *justapor*, *misto*, etc.

g) com s ou com z: *alazão*, *alcaçuz* (planta) *alisar* (tornar liso), *alizar* (s. m.), *anestesiár*, *autorizar*, *bazar*, *blusa*, *brasileiro*, *benzina*, *coliseu*, *comezinho*, *cortês*, *dissensão*, *empresa*, *esfuziar*, *esvaziamento*, *frenesi* (seguido de *frenesim*), *garçês*, *guizo* (s. m.), *improvisar*, *irisar* (dar as côres do iris a), *irizar* (atacar [o iris] o cafeteiro), *lambuzar*, *luzidio*, *mazorca*, *narcisar-se*, *obséquio*, *pezunho*, *prioresa*, *rizotônico*, *sacerdotisa*, *sazão*, *tapiz*, *trânsito*, *xadrez*, etc.

OBS. 1.ª: E' sonoro o s de *obséquio* e seus derivados, bem como o do prefixo *trans*, em se lhe seguindo vogal, pelo que se deverá indicar a sua pronúncia entre parênteses; quando, porém, a êsse prefixo se segue palavra iniciada por s, só se escreve um, que se profere como se fôra dobrado: *obsequiar* (ze), *transoceânico* (zo), *transecular* (se), *transsubstanciação* (su); etc.

OBS. 2.ª: No final de sílaba átona, seja no interior, seja no fim do vocábulo, emprega-se o s em lugar do z: *asteca*, *endes*, *mesquita*, etc.

37. O x continua a escrever-se com os seus cinco valores, bem como nos casos em que pode ser mudo, qual em *exceto*, *excerto*, etc. Tem, pois, o som de

1.º — ch, no princípio e no interior de muitas palavras: *xairol*, *xerife*, *xicara*, *ameixa*, *enxoval*, *peixe*, etc.

OBS.: Quando tem êsse valor, não será indicada a sua pronúncia entre parênteses.

2.º — cs, no meio e no fim de várias palavras: *anexo*, *complexidade*, *convezo*, *bórax*, *lítez*, *sílex*, etc.

3.º — z, quando ocorre no prefixo *exo*, ou *ex* seguido de vogal: *exame*, *êxito*, *êxodo*, *exosmose*, *exotérmico*, etc.

4.º — ss: *aproximar*, *auxiliar*, *máximo*, *proximidade*, *sintaxe*, etc.

5.º — s final de sílaba: *contexto*, *fênix*, *pretexto*, *sexta*, *textual*, etc.

38. No final de sílabas iniciais e interiores se deve empregar o s em vez do x, quando não o precede a vogal e: *justafluvial*, *justaposição*, *misto*, *sistino*, etc.

XI

NOMES PRÓPRIOS

39. Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aportuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns.

40. Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser manterá em sua assinatura a forma consuetudinária. Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registro público.

41. Os topônimos de origem estrangeira devem ser usados com as formas vernáculas de uso vulgar; e quando não têm formas vernáculas, transcrevem-se consoante as normas estatuídas pela Conferência de Geografia de 1926 que não contrariarem os princípios estabelecidos nestas Instruções.

42. Os topônimos de tradição histórica secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já esteja consagrada pelo consenso diuturno dos brasileiros. Sirva de exemplo o topônimo «BAHIA», que conservará esta forma quando se aplicar em referência ao Estado e à cidade que têm esse nome.

OBS.: Os compostos e derivados desses topônimos obedecerão às normas gerais do vocabulário comum.

XII

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

43. A fim de que a acentuação gráfica satisfaça às necessidades do ensino, — precípua escopo da simplificação e regularização da ortografia nacional —, e permita que todas as palavras sejam lidas corretamente, estejam ou não marcadas por sinal diacrítico, no *Vocabulário* será indicada, entre parênteses, a sílaba ou a vogal tônica e o timbre desta em todos os vocábulos cuja pronúncia possa dar azo a dúvidas.

A acentuação gráfica obedecerá às seguintes regras:

1.^a — Assinalam-se com o acento agudo os vocábulos oxítonos que terminam em *a*, *e*, *o* abertos, e com o acento circunflexo os que acabam em *e*, *o* fechados, seguidos, ou não, de *s*: *cajá*, *hás*, *jacaré*, *pés*, *seridó*, *sós*; *dendê*, *lês*, *pós*, *trisavô*; etc.

OBS.: Nesta regra se incluem as formas verbais em que, depois de *a*, *e*, *o*, se assimilaram o *r*, o *s* e o *z* ao *l* do pronome *lo*, *la*, *los*, *las*, caindo depois o primeiro *l*: *dá-lo*, *contá-la*, *fá-lo-a*, *fê-los*, *movê-los-ia*, *pó-los*, *qué-los*, *sabê-lo-emos*, *trá-lo-ás*, etc.

2.^a — Todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas graficamente: recebem o acento agudo as que têm na antepenúltima sílaba as vogais *a*, *e*, *o* abertas ou *i*, *u*; e levam acento circunflexo as em que figuram na sílaba predominante as vogais *e*, *o* fechadas ou *a*, *e*, *o* seguidas de *m* ou *n*: *drabe*, *exército*, *gótico*, *límpido*, *louvaríamos*, *público*, *úmbrico*; *devêssemos*, *fôlego*, *lâmina*, *lâmpada*, *lêmures*, *pêndula*, *quilômetro*, *recôndito*; etc.

OBS.: Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes: *área*, *espontâneo*, *ignorância*, *imundície*, *lirio*, *mágoa*, *régua*, *tênué*, *vácuo*, etc.

3.^a — Os vocábulos paroxítonos finalizados em *i* ou *u*, seguidos, ou não, de *s*, marcam-se com acento agudo quando na sílaba tônica figuram *a*, *e*, *o* abertos, *i* ou *u*; e com acento circunflexo quando nela figuram *e*, *o* fechados ou *a*, *e*, *o* seguidos de *m* ou *n*: *beribéri*, *bônus*, *dândi*, *iris*, *júri*, *lâpis*, *miosótis*, *tênis*, etc.

OBS. 1.^a: Os paroxítonos terminados em *um*, *uns* têm acento agudo na sílaba tônica: *álbum*, *álbuns*, etc.

OBS. 2.^a: Não se acentuam os prefixos paroxítonos acabados em *i*; *semi-histórico*, etc.

4.^a — Põe-se o acento agudo no *i* e no *u* tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior: *ai*, *balaústre*, *caféina*, *caís*, *contrai-la*, *distribuí-lo*, *egoísta*, *faisca*, *heroína*, *juízo*, *país*, *peúga*, *saía*, *saúde*, *timbouva*, *viúvo*, etc.

OBS. 1.^a: Não se coloca o acento agudo no *i* e no *u* quando precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de *l*, *m*, *n*, *r* ou *z* que não iniciam sílabas e, ainda, *nh*: *adail*, *contribuinte*, *demiurgo*, *juiz*, *paul*, *retribuídes*, *ruim*, *tainha*, *ventoinha*, etc.

OBS. 2.^a: Também não se assinala com acento agudo a base dos ditongos tônicos *iu* e *ui*, quando precedidos de vogal: *atraiu*, *contribuiu*, *pauis*, etc.

5.^a — Assinala-se com o acento agudo o *u*ônico precedido de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i*: *argúi*, *argúis*, *averigúe*, *averigúes*, *obliquê*, *obliquês*, etc.

6.^a — Põe-se o acento agudo na base dos ditongos abertos *éi*, *éu*, *ói*, quando tônicos: *assembléia*, *bacharéis*, *chapéu*, *jibóia*, *lóio*, *paranóico*, *rouxinóis*, etc.

7.^a — Marca-se com o acento agudo o *e* da terminação *em* ou *ens* das palavras oxítonas de mais de uma sílaba: *alguém*, *armazém*, *convém*, *detém-lo*, *mantém-na*, *parabéns*, *retém-no*, *também*, etc.

OBS. 1.^a: Não se acentuam graficamente os vocábulos paroxítonos finalizados por *ens*: *imagens*, *jovens*, *nuvens*, etc.

OBS. 2.^a: A 3.^a pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter*,

vir e seus compostos recebe acento circunflexo no *e* da sílaba tônica: (*êles*) *con-têm*, (*elas*) *convêm*, (*êles*) *têm*, (*elas*) *vêm*, etc.

OBS. 3.^a: Conserva-se, por clareza gráfica, o acento circunflexo do singular *crê*, *dê*, *lê*, *vê* no plural *crêem*, *dêem*, *lêem*, *vêem* e nos compostos desses verbos, como *descreêm*, *desdêem*, *relêem*, *revêem*, etc.

8.^a — Sobrepõe-se o acento agudo ao *a*, *e* abertos e ao *i* ou *u* da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que acabam em *l*, *n*, *r* e *x*; e o acento circunflexo ao *e*, o fechados e ao *a*, *e*, o seguidos de *m* ou *n* em situação idêntica: *agúcar*, *afável*, *álumen*, *córtex*, *éter*, *hífen*; *aljôfar*, *âmbar*, *cánon*, *êxul*, *fênix*, *vómer*, etc.

OBS.: Não se acentuam graficamente os prefixos paroxítonos terminados em *r*: *inter-helénico*, *super-homem*, etc.

9.^a — Marca-se com o competente acento, agudo ou circunflexo, a vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos acabados em ditongo oral: *ágeis*, *devêreis*, *escrevêsseis*, *fariéis*, *férteis*, *fósseis*, *imóveis*, *jóquei*, *pênseis*, *pusêsseis*, *quisêsseis*, *tínheis*, *túneis*, *úteis*, *variáveis*, etc.

10.^a — Recebe acento circunflexo o penúltimo o fechado do hiato *oo*, seguido ou não, de *s*, nas palavras paroxítonas: *abenção*, *enjos*, *perdão*, *vós*, etc.

11.^a — Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo: *afã*, *capitães*, *coração*, *devoções*, *põem*, etc.

OBS.: Se é átona a sílaba onde figura o til, acentua-se graficamente a predominante: *acórdão*, *bênção*, *órfã*, etc.

12.^a — Emprega-se o trema no *u* que se pronuncia depois de *g* ou *q* e seguido de *e* ou *i*: *agüentar*, *argüição*, *eloqüente*, *tranqüilo*, etc.

OBS. 1.^a: Não se põe acento agudo na sílaba tônica das formas verbais terminadas em *que*, *quem*: *apropinquê*, *delinquêem*, etc.

OBS. 2.^a: É lícito o emprêgo do trema quando se quer indicar que um encontro de vogais não forma ditongo, mas hiato: *saúde*, *valdade* (com quatro sílabas), etc.

13.^a — Mantêm-se o acento circunflexo e o til do primeiro elemento nos advérbios em *mente* e nos derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo *z* (*zada*, *zal*, *zeiro*, *zinho*, *zista*, *zito*, *zona*, *zorro*, *zudo*, etc.): *cômodamente*, *cortêsmente*, *dendêzeiro*, *ôvozito*, *pêssegoinho*; *chãmente*, *cristãzinha*, *leõesinhos*, *mãozada*, *romãzeira*, etc.; e o acento agudo do primeiro elemento passará a ser acento grave nos derivados dessa natureza: *avôzinha*, *cafézeiro*, *faiscazinha*, *indelevelmente*, *opúsculozinho*, *sômente*, *sôzinho*, *terrivelmente*, *voluntáriozinho*, *volivelmente*, etc.

14.^a — Emprega-se o acento circunflexo como diferencial ou distintivo no *e* e no o fechados da sílaba tônica das palavras que estão em homografia com outras em que são abertos *êse* e *êsse* o: *acêrto* (s. m.) e *acerto* (v.); *aquêle*, *aquêles* (adj. ou pron. dem.) e *aquele*, *aqueles* (v.); *côr* (s. f.) e *cor* (s. m.); *côrte*, *côrtes* (s. f.) e *corte*, *cortes* (v.); *dêle*, *dêles* (contr. da prep. *de* com o pron. pess. *êle*, *êles*) e *dele*, *deles* (v.); *devêras* (v.) e *deveras* (adv.); *êsse*, *êsses*, *êste*, *êstes* (s. m.); *fêz* (s. m. e v.) e *fez* (s. f.); *fôr* (v.) e *for* (s. m.); *fôra* (v.) e *fora* (adv., interj. ou s. m.); *fôsse* (dos v. *ir* e *ser*) e *fosse* (do v. *fossar*); *nêle*, *nêles* (contr. da prep. *em* com o pron. pess. *êle*, *êles*) e *nele*, *neles* (s. m.); *pôde* (perf. ind.) e *pode* (pres. ind.); *sôbre* (prep.) e *sobre* (v.); etc.

OBS. 1.^a: Emprega-se também o acento circunflexo para distinguir de certos homógrafos inacentuados as palavras que têm *e* ou o fechados: *pêlo* (s. m.) e *pelo* (per lo); *pêra* (s. f.) e *pera* (prep. ant.); *pôlo*, *pólos* (s. m.) e *polo*, *polos* (por e lo ou los); *pôr* (v.) e *por* (prep.); *porquê* (quando é substantivo ou quando vem no fim da frase) e *porque* (conj.); *quê* (s. m., interj., ou pron. no fim da frase) e *que* (adv., conj., pron. ou part. expletiva).

OBS. 2.^a: Quando a flexão do vocábulo faz desaparecer a homografia, cessa o motivo do emprêgo do sinal diacrítico. Acentuam-se, por exemplo, o masculino singular *enfermo* e as formas femininas *enferma* e *enfermas*, em razão de existirem *enfermo*, *enferma* e *enfermas*, com *e* aberto, do verbo *enfermar*, porém não se acentua graficamente o substantivo plural *enfermos*, visto não haver igual forma com *e* aberto; *colhêr* e *colhêres*, formas do infinito e do futuro do conjuntivo do verbo *colhêr*, recebem acento circunflexo para se diferenciarem dos homógrafos heterofônicos *colher* e *colheres*, substantivos femininos que se proferem com *e* aberto, mas não levam acento gráfico as outras pessoas daquele modo e tempo, em virtude da inexistência de formas cujo timbre da vogal tônica seja aberto.

15.^a — Recebem acento agudo os seguintes vocábulos, que estão em homografia com outros: *ás* (s. m.) cf. *às* (contr. da prep. *a* com o art. ou pron. *as*); *pára* (v.), cf. *para* (prep.); *pêla*, *pêlas* (s. f. e v.), cf. *pela*, *pelas* (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *la*, *las*); *pêlo* (v.), cf. *pelo* (agl. da prep. *per* com o art. ou pron. *lo*); *pêra* (el. do s. f. comp. *pêra-fita*), cf. *pera* (prep. ant.); *pôlo*, *pôlos* (s. m.), cf. *polo*, *polos* (agl. da prep. *por* com o art. ou pron. *lo*, *los*); etc.

OBS.: Não se acentua graficamente a terminação *amos* do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da 1.^a conjugação.

16.^a — O acento grave, além de marcar a sílaba pretônica de que trata a regra 13.^a, assinala as contrações da preposição *a* com o artigo *a* e com os adjetivos ou pronomes demonstrativos *a*, *aquêle*, *aqueloutro*, *aquilo*, os quais se escreverão assim: *à*, *às*, *àquele*, *àquela*, *àqueles*, *àquelas*, *àquilo*, *àqueloutro*, *àqueloutra*, *àqueloutros*, *àqueloutras*.

OBS.: *Aquele* e *àqueles* dispensam o acento circunflexo, em razão de o acento grave os diferenciar dos homógrafos heterofônicos *aquele* e *aqueles*.

XIII

APOSTROFO

44. Limita-se o emprêgo do apóstrofo aos seguintes casos:

1.^o — Indicar a supressão de uma letra ou letras no verso, por exigência da metrficação: *c'roa*, *es'prança*, *of'recer*, *'star*, etc.

2.^o — Reproduzir certas pronúncias populares: *'tá*, *'teve*, etc.

3.^o — Indicar a supressão da vogal, já consagrada pelo uso, em certas palavras compostas ligadas pela preposição *de*: *copo-d'água* (planta; lanche), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *ólho-d'água*, *pau-d'água* (árvore; ébrio), *pau-d'alho*, *pau-d'arco*, etc.

OBS.: Restringindo-se o emprêgo do apóstrofo a êsses casos, cumpre não se use dêle em nenhuma outra hipótese. Assim, não será empregado:

a) nas contrações das preposições *de* e *em* com artigos, adjetivos ou pronomes demonstrativos, indefinidos, pessoais e com alguns advérbios: *del* (em *aqui-del-rei*); *dum*, *duma* (a par de *de um*, *de uma*), *num*, *numa* (a par de *em um*, *em uma*); *dalgum*, *dalguma* (a par de *de algum*, *de alguma*), *nalgum*, *nalguma* (a par de *em algum*, *em alguma*); *dalgué*, *nalgué* (a par de *de alguém*, *em alguém*); *doutrem*, *noutrem* (a par de *de outrem*, *em outrem*); *dalgo*, *dalgures* (a par de *de algo*, *de algures*); *daquém*, *dalém*, *dacolá* (a par de *de alguém*, *de além*, *de acolá*); *doutro*, *noutro* (a par de *de outro*, *em outro*; *dêle*, *dela*, *nêle*, *nela*; *dêste*, *desta*, *daquêle*, *daquela*, *naquêle*, *naquela*; *disto*, *nisto*, *daquilo*, *naquilo*; *daqui*, *daí*, *dacolá*, *donde*, *dantes*, *dentre*; *doutro* (a par de *de outrora*), *noutro*; *doravante* (a par de *de ora* *avante*); etc.

b) nas combinações dos pronomes pessoais: *mo*, *ma*, *mos*, *mas*, *to*, *ta*, *tos*, *tas*, *lho*, *lha*, *lhos*, *lhas*, *no-lo*, *no-la*, *no-los*, *no-las*, *vo-lo*, *vo-la*, *vo-los*, *vo-las*.

c) nas expressões vocabulares que se tornaram unidades fonéticas e semânticas: *dessarte*, *destarte*, *homessa*, *tarrenego*, *tesconjuro*, *vivalma*, etc.

d) nas expressões de uso constante e geral na linguagem vulgar: *co*, *coa*, *ca*, *cos*, *cas*, *coas* (= *com o*, *com a*, *com os*, *com as*), *plo*, *pla*, *plos*, *plas* (= *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas*), *pra* (= *para*), *pro*, *pra*, *pros*, *pras* (= *para o*, *para a*, *para os*, *para as*), etc.

XIV

HIFEN

45. Só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido.

46. Dentro dêsse princípio, deve-se empregar o hífen nos seguintes casos:

1.^o — Nas palavras compostas em que os elementos, com a sua acentuação própria, não conservam, considerados isoladamente, a sua significação, mas o conjunto constitui uma unidade semântica: *água-marinha*, *arco-íris*, *galinha-d'água*, *couve-flor*, *guarda-pó*, *pé-de-meia* (mealheiro; pecúlio) *pára-choque*, *porta-chapéus*, etc.

OBS. 1.^a: Incluem-se nestas normas os compostos em que figuram elementos foneticamente reduzidos: *bel-prazer*, *és-sueste*, *mal-pecado*, *su-sueste*, etc.

OBS. 2.ª: O antigo artigo *el*, sem embargo de haver perdido o seu primitivo sentido e não ter vida à parte na língua une-se por hífen ao substantivo *rei*, por ter este elemento evidência semântica.

OBS. 3.ª: Quando se perde a noção do composto, quase sempre em razão de um dos elementos não ter vida própria na língua, não se escreve com hífen, mas aglutinadamente: *abrolhos*, *bancarrota*, *fidalgo*, *vinagre*, etc.

OBS. 4.ª: Como as locuções não têm unidade de sentido, os seus elementos não devem ser unidos por hífen, seja qual for a categoria gramatical a que elas pertencam. Assim escreve-se, v. g., *vós outros* (locução pronominal), *a desoras* (locução adverbial), *a fim de* (locução prepositiva), *contanto que* (locução conjuntiva), porque essas combinações vocabulares não são verdadeiros compostos, não formam perfeitas unidades semânticas. Quando, porém, as locuções se tornam unidades fonéticas, devem ser escritas numa só palavra: *acérca* (adv.), *afinal*, *apesar*, *debaixo*, *decerto*, *de frente*, *depressa*, *devagar*, *deveras*, *resvês*, etc.

OBS. 5.ª: As formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos e os vocábulos compostos cujos elementos são ligados por hífen conservam seus acentos gráficos: *amá-lo-á*, *amáreis-me*, *amásseis-vos*, *devê-lo-ia*, *fá-la-emos*, *pó-las-íamos*, *possuí-las*, *provêem-lhes*, *retêm-nas*; *água-de-colônia*, *pão-de-ló*, *pára-sóis*, *pesa-pa-péis*, etc.

2.º — Nas formas verbais com pronomes enclíticos ou mesoclíticos: *ama-lo* (*amas* e *lo*), *amá-lo* (*amar* e *lo*), *dê-se-lhe*, *fá-lo-á*, *oferecê-la-ia*, *repô-lo-eis*, *sere-nou-se-te*, *traz-me*, *vedou-te*, etc.

OBS.: Também se unem por hífen as enclíticas *lo*, *la*, *los*, *las* aos pronomes *nos*, *vos* e à forma *eis*: *no-lo*, *no-las*, *vo-la*, *vo-los*, *ei-lo*, etc.

3.º — Nos vocábulos formados pelos prefixos que representam formas adjetivas, como *anglo*, *greco*, *histórico*, *infero*, *latino*, *lusitano*, *luso*, *póstero*, *súpero*, etc.: *anglo-brasileiro*, *greco-romano*, *histórico-geográfico*, *infero-anterior*, *latino-americano*, *lusitano-castelhano*, *luso-brasileiro*, *póstero-palatal*, *súpero-posterior*, etc.

OBS.: Ainda que esses elementos prefixais sejam reduções de adjetivos, não perdem a sua individualidade morfológica, e por isso devem unir-se por hífen, como sucede com *austro* (= *austriaco*), *dólico* (= *dolicocéfalo*), *euro* (= *européu*), *telé-grafo* (= *telegráfico*), etc.: *austro-húngaro*, *dólico-louro*, *euro-africano*, *telégrafo-postal*, etc.

4.º — Nos vocábulos formados por sufixos que representam formas adjetivas, como *açu*, *guaçu* e *mirim*, quando o exige a pronúncia e quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente: *andá-açu*, *amoré-guaçu*, *anajá-mirim*, *capim-açu*, etc.

5.º — Nos vocábulos formados pelos prefixos:

a) *auto*, *contra*, *extra*, *infra*, *intra*, *neo*, *proto*, *pseudo*, *semi* e *ultra*, quando se lhes seguem palavras começadas por vogal, *h*, *r* ou *s*: *auto-educação*, *contra-almirante*, *extra-oficial*, *infra-hepático*, *intra-ocular*, *neo-republicano*, *proto-revolucionário*, *pseudo-revelação*, *semi-selvagem*, *ultra-sensível*, etc.

OBS.: A única exceção a esta regra é a palavra *extraordinário*, que já está consagrada pelo uso.

b) *ante*, *anti*, *arqui* e *sobre*, quando seguidos de palavras iniciadas por *h*, *r* ou *s*: *ante-histórico*, *anti-higiênico*, *arqui-rabino*, *sobre-saia*, etc.

c) *supra*, quando se lhe segue palavra encetada por vogal, *r* ou *s*: *supra-azilar*, *supra-renal*, *supra-sensível*, etc.

d) *super*, quando seguido de palavra principiada por *h* ou *r*: *super-homem*, *super-requintado*, etc.

e) *ab*, *ad*, *ob*, *sob* e *sub*, quando seguidos de elementos iniciados por *r*: *ab-rogar*, *ad-renal*, *ob-reptício*, *sob-roda*, *sub-reino*, etc.

f) *pan* e *mal*, quando se lhes segue palavra começada por vogal ou *h*: *pan-asiático*, *pan-helenismo*, *mal-educado*, *mal-humorado*, etc.

g) *bem*, quando a palavra que lhe segue tem vida autônoma na língua ou quando a pronúncia o requer: *bem-ditoso*, *bem-aventurança*, etc.

h) *sem*, *sota*, *soto*, *vice*, *vizo*, *ex* (com o sentido de cessamento ou estado anterior), etc. *sem-cerimônia*, *sota-piloto*, *soto-ministro*, *vice-reitor*, *vizo-rei*, *ex-diretor*, etc.

i) *pós*, *pré* e *pró* que têm acento próprio, por causa da evidência dos seus significados e da sua pronúncia, ao contrário dos seus homógrafos inacentuados, que, por diversificados foneticamente, se aglutinam com o segundo elemento: *pós-meridiano*, *pré-escolar*, *pró-britânico*; mas *pospor*, *preanunciar*, *procônsul*; etc.

XV

DIVISÃO SILÁBICA

47. A divisão de qualquer vocábulo, assinalada pelo hífen, em regra se faz pela soletração, e não pelos seus elementos constitutivos segundo a etimologia.

48. Fundadas neste princípio geral, cumpre respeitar as seguintes normas:

1.^a — A consoante inicial não seguida de vogal permanece na sílaba que a segue: *ení-do-se, dze-ta, gno-ma, mne-mô-ni-ca, pneu-má-ti-co*, etc.

2.^a — No interior do vocábulo, sempre se conserva na sílaba que a precede a consoante não seguida de vogal: *ab-dicar, ac-ne, bet-sa-mi-ta, daf-ne, drac-ma, ét-ni-co, nup-cial, ob-fir-mar, op-ção, sig-ma-tis-mo, sub-por, sub-ju-gar*, etc.

3.^a — Não se separam os elementos dos grupos consonânticos iniciais de sílaba nem os dos digramas *ch, lh* e *nh*: *a-blu-ção, a-bra-sar, a-che-gar, fi-lho, ma-nhã*, etc.

OBS.: Nem sempre formam grupos articulados as consonâncias *bl* e *br*: nalguns casos o *l* e o *r* se pronunciam separadamente, e a isso se atenderá na partição do vocábulo; e as consoantes *dl*, a não ser no termo onomatopéico *dlim*, que exprime toque de campainha, proferem-se desligadamente, e na divisão silábica ficará o hífen entre essas duas letras. Ex.: *sub-lin-gual, sub-rogar, ad-le-ga-ção*, etc.

4.^a — O *sc* no interior do vocábulo biparte-se, ficando o *s* numa sílaba, e o *c* na sílaba imediata: *a-do-les-cen-te, con-va-les-cer, des-cer, ins-ci-en-te, pres-cindir, res-ci-são*, etc.

OBS.: Forma sílaba com o prefixo antecedente o *s* que precede consoante: *abs-tra-ir, uds-cre-ver, ins-cri-ção, ins-pe-tor, ins-tru-ir, in-ter-s-ti-cio, pers-pi-caz, subs-cre-ver, subs-ta-be-le-cer*, etc.

5.^a — O *s* dos prefixos *bis, cis, des, dis, trans*, e o *x* do prefixo *ex* não se separam quando a sílaba seguinte começa por consoante; mas, se principia por vogal, formam sílaba com esta e separam-se do elemento prefixal: *bis-ne-to, cis-pla-ti-no, des-li-gar, dis-tra-ção, trans-por-tar, ex-tra-ir; bi-sa-vó, ci-san-di-no, de-ses-pe-rar, di-sen-tê-ri-co, tran-sa-tlân-ti-co, e-xér-ci-to*; etc.

6.^a As vogais idênticas e as letras *cc, çç, rr* e *ss* separam-se ficando uma na sílaba que as precede, e outra na sílaba seguinte: *ca-a-tin-ga, co-or-de-nar, du-ún-vi-ro, fri-ís-si-mo, ge-e-na, in-te-lec-ção, oc-ci-pi-tal, pror-ro-gar, res-sur-gir*, etc.

OBS.: As vogais de hiatos, ainda que diferentes uma da outra, também se separam: *a-ta-ú-de, cai-ais ca-i-eis, ca-ir, do-er, du-e-lo, fi-el, flu-íu, fru-ir, gra-ú-na, je-su-i-ta, le-al, mi-ú-do, po-ei-ra, ra-i-nha, sa-ú-de, vi-vi-eis, vo-ar*, etc.

7.^a Não se separam as vogais dos ditongos — crescentes e decrescentes — nem as dos tritongos: *ai-ro-so, a-ni-mais, au-ro-ra, a-ve-ri-gueis, ca-iu, cru-éis, en-jei-tar, fo-ga-réu, fu-giu, gló-ria, guai-ar, i-guais, ja-mais, jói-as, ó-dio, quais, sã-bio, sa-guão, sa-guões, su-bor-nou, ta-fuis, vá-rio*, etc.

OBS.: Não se separa do *u* precedido de *g* ou *q* a vogal que o segue, acompanhada, ou não, de consoante: *am-bi-guo, e-qui-va-ler, guer-ra, u-bi-guo*, etc.

XVI

EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS

49. Emprega-se letra inicial maiúscula:

1.^o — No começo do período, verso ou citação direta: Disse o PADRE ANTÔNIO VIEIRA: «Estar com CRISTO em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso».

«Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que à luz do sol encerra
As promessas divinas da Esperança...»

(CASTRO ALVES)

OBS.: Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em CASTILHO:

«Aqui, sim, no meu cantinho,
vendo rir-me o candeeiro,
gozo o bem de estar sôzinho
e esquecer o mundo inteiro.»

2.º — Nos substantivos próprios de qualquer espécie — antropônimos, topônimos, patronímicos, cognomes, alcunhas, tribos e castas, designações de comunidades religiosas e políticas, nomes sagrados e relativos a religiões, entidades mitológicas e astronômicas, etc. *José, Maria, Macedo, Freitas, Brasil, América, Guanabara, Tietê, Atlântico, Antoninos, Afonsinhos, Conquistador, Magnânimo, Coração de Leão, Sem Pavor, Deus, Jeová, Alá, Assunção, Ressurreição, Júpiter, Baco, Cérbero, Via Láctea, Canopo, Vênus*, etc.

OBS. 1.ª: As formas onomásticas que entram na composição de palavras do vocabulário comum escrevem-se com inicial minúscula quando constituem, com os elementos a que se ligam por hífen, uma unidade semântica; quando não constituem unidade semântica, devem ser escritas sem hífen e com inicial maiúscula: *água-de-colônia, joão-de-barro, maria-rosa*, (palmeira), etc.; *além Andes, aquém Atlântico*, etc.

OBS. 2.ª: Os nomes de povos escrevem-se com inicial minúscula, não só quando designam habitantes ou naturais de um estado, província, cidade, vila ou distrito, mas ainda quando representam coletivamente uma nação: *amazonenses, baianos, estremenhos, fluminenses, guarapuavanos, jequienses, paulistas, pontalenses, romenos, russos, suíços, uruguaios, venezuelanos*, etc.

3.º — Nos nomes próprios de eras históricas e épocas notáveis: *Hégira, Idade Média, Quinhentos*, (o século XVI), *Seiscentos* (o século XVII), etc.

OBS.: Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro*.

4.º — Nos nomes de vias e lugares públicos: *Avenida de Rio Branco, Beco do Carmo, Largo da Carioca, Praia do Flamengo, Praça da Bandeira, Rua Larga, Rua do Ouvidor, Terreiro de São Francisco, Travessa do Comércio*, etc.

5.º — Nos nomes que designam altos conceitos religiosos, políticos ou nacionalistas: *Igreja* (Católica, Apostólica, Romana), *Nação, Estado, Pátria, Raça*, etc.

OBS.: Esses nomes se escrevem com inicial minúscula quando são empregados em sentido geral ou indeterminado.

6.º — Nos nomes que designam artes, ciências ou disciplinas, bem como nos que sintetizam, em sentido elevado, as manifestações do engenho e do saber: *Agricultura, Arquitetura, Educação Física, Filologia Portuguesa, Direito, Medicina, Engenharia, História do Brasil, Geografia, Matemática, Pintura, Ciência, Cultura*, etc.

OBS.: Os nomes *idioma, idioma pário, língua, língua portuguesa, vernáculo* e outros análogos escrevem-se com inicial maiúscula quando empregados com especial relevo.

7.º — Nos nomes que designam altos cargos, dignidades ou postos: *Papa, Cardeal, Arcebispo, Bispo, Patriarca, Vigário, Vigário-Geral, Presidente da República, Ministro da Educação, Governador do Estado, Embaixador, Almirantado, Secretário de Estado*, etc.

8.º — Nos nomes de repartições, corporações ou agremiações, edifícios e estabelecimentos públicos ou particulares:

Diretoria Geral do Ensino, Inspetoria do Ensino Superior, Ministério das Relações Exteriores, Academia Paranaense de Letras, Círculo de Estudos «Bandeirantes», Presidência da República, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Tesouro do Estado, Departamento Administrativo do Serviço Público, Banco do Brasil, Imprensa Nacional, Teatro de São José, Tipografia Rolandiana, etc.

9.º — Nos títulos de livros, jornais, revistas, produções artísticas, literárias e científicas: *Imitação de Cristo, Horas Marianas, Correio da Manhã, Revista Filológica, Transfiguração* (de Rafael), *Norma* (de Bellini), *Guarani* (de Carlos Gomes), *O Espírito das Leis* (de Montesquieu), etc.

OBS.: Não se escrevem com maiúscula inicial as partículas monossilábicas que se acham no interior de vocábulos compostos ou de locuções ou expressões que têm iniciais maiúsculas: *Queda do Império, O Crepúsculo dos Deuses, Histórias sem Data, A Mão e a Luva, Festas e Tradições Populares no Brasil*, etc.

10.º — Nos nomes de fatos históricos e importantes, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos: *Centenário da Independência do Brasil, Descobrimento da América, Questão Religiosa, Reforma Ortográfica, Acórdão Luso-Brasileiro, Exposição Nacional, Festa das Mães, Dia do Município, Glorificação da Língua Portuguesa*, etc.

OBS.: Os nomes das festas pagãs ou populares escrevem-se com inicial minúscula: *carnaval, entrudo, saturnais*, etc.

11.º — Nos nomes de escolas de qualquer espécie ou grau de ensino: *Faculdade de Filosofia, Escola Superior de Comércio, Ginásio do Estado, Colégio de Pedro II, Instituto de Educação, Grupo Escolar Machado de Assis*, etc.

12.º — Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados, e de seres morais ou fictícios: *A Capital da República, a Transbrasiliana, moro na Capital, o Natal de JESUS, o Poeta (CAMÕES), a ciência da Antiguidade, os habitantes da Península, a Bondade, a Virtude, o Amor, a Ira, o Medo, o Lobo, o Cordeiro, a Cigarra, a Formiga*, etc.

OBS.: Incluem-se nesta norma os nomes que designam atos das autoridades da República, quando empregados em correspondência ou atos oficiais: *A Lei de 13 de maio, o Decreto-lei n.º 292, o Decreto n.º 20 108, a Portaria de 15 de junho, o Regulamento n.º 737, o Acórdão de 3 de agosto*, etc.

13.º — Nos nomes dos pontos cardeais, quando designam regiões: Os povos do *Oriente*; o falar do *Norte* é diferente do falar do *Sul*; a guerra do *Ocidente*, etc.

OBS.: Os nomes dos pontos cardeais escrevem-se com inicial minúscula quando designam direções ou limites geográficos: Percorri o país de *norte* a *sul* e de *leste* a *oeste*.

14.º — Nos nomes, adjetivos, pronomes e expressões de tratamento ou reverência: *D. (Dom ou Dona); Sr. (Senhor), Sr.ª (Senhora), DD. ou Dig.º (Digníssimo), MM. ou M.º (Meritíssimo), Rev.º (Reverendíssimo), V. Rev.ª (Vossa Reverência), S. E. (Sua Eminência), V. M. (Vossa Majestade), V. A. (Vossa Alteza), V. S.ª (Vossa Senhoria), V. Ex.ª (Vossa Excelência), V. Ex.ª Rev.ª (Vossa Excelência Reverendíssima), V. Ex.ªs (Vossas Excelências)*, etc.

OBS.: As formas que se acham ligadas a essas expressões de tratamento devem ser também escritas com iniciais maiúsculas: *D. Abade, Ex.ª Sr.ª Diretora, Sr. Almirante, Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra, MM. Juiz de Direito, Ex.º e Rev.º Sr. Arcebispo Primaz, Magnífico Reitor, Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Eminentíssimo Senhor Cardeal, Sua Majestade Imperial, Sua Alteza Real*, etc.

15.º — Nas palavras que, no estilo epistolar, se dirigem a um amigo, a um colega, a uma pessoa respeitável, as quais, por deferência, consideração ou respeito, se queira realçar por esta maneira: *meu bom Amigo, caro Colega, meu prezado Mestre, estimado Professor, meu querido Pai, minha amável Mãe, meu bom Padre, minha distinta Diretora, caro Dr., prezado Capitão*, etc.

XVII

SINAIS DE PONTUAÇÃO

50. *Aspas*. — Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

«Aí temos a lei», dizia o Florentino. «Mas quem as há de segurar? Ninguém.» (Rui Barbosa).

«Misérral tivesse eu aquela enorme, aquela

Claridade imortal, que tóda a luz resume!»

«Por que não nasci eu um simples vaga-lume?»

(MACHADO DE ASSIS)

51. *Parênteses*. — Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

«Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida.» (Rui Barbosa).

«A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento.» — «Carta inserta nos *Anais da Biblioteca Nacional*, vol I.» (Carlos de Laet.)

52. *Travessão*. — Emprega-se o travessão, e não o hífen, para ligar palavras ou grupos de palavras que formam, pelo assim dizer, uma cadeia na frase: O tra-

jeto *Maud* — *Cascadura*; a estrada de ferro *Rio* — *Petrópolis*; a linha aérea *Brasil* — *Argentina*; o percurso *Barcas* — *Tijuca*, etc.

53. *Ponto final*. — Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois éste, quando coincide com aquêle, tem dupla serventia. Ex.: «O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam: v. g.: V. S.^a; Il.^{mo}; Ex.^a; etc.» (Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro).

Aprovadas unânimemente na sessão de 12 de agosto de 1943.

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES
Presidente da Academia Brasileira de Letras

ETIMOLOGIA

(FORMAÇÃO DE PALAVRAS)

Etimologia — é a parte da Morfologia, que trata da origem e formação das palavras.

Formam-se palavras geralmente por meio de *afixos*, que são partículas postas antes ou depois das raízes.

Afixos	1) <i>Prefixos</i> — partículas que se põem antes.
	2) <i>Sufixos</i> — que se põem depois.
	3) <i>Infijos</i> — que se põem no interior da palavra. Ex.: <i>inadiável</i> — <i>in</i> — prefixo; <i>ável</i> — sufixo; <i>a</i> infixo; <i>dia</i> — raiz.

Tema, radical ou *raiz* — é a parte mais importante da palavra, não só na forma, mas também na idéia.

Ex.:	extra	ordin	ário (= fora da ordem)
	prefixo	raiz	sufixo

Há dois processos para a formação de palavras: derivação e composição.

1) *Derivação* — faz-se só por sufixos.

Ex.: Pedra + aria = pedraria	Brasa + il = Brasil
Sapato + eiro = sapateiro	Brasil + eiro = Brasileiro (1)
Bras (= fogo, em germano) +	Flor + zinha = florzinha
+ a = brasa	Flor + inha = florinha

2) *Composição* — faz-se:

a) por *prefixos*.

Ex.: pre + fixo = prefixo
sub + fixo = sufixo
extra + ordinário = extraordinário
in + legítimo = ilegítimo.

(1) *Brasileiro* significava no século XVI o que negociava em pau-brasil, fôsse qual fôsse a sua nacionalidade. Depois, veio a significar o nacional. Devia ser *brasilês* ou *brasileense* ou *brasiliense* (de harmonia com a formação dos adjetivos pátrios), mas agora está arraigado na língua.

b) por *justaposição* (=união de duas ou mais palavras).

Ex.: Beija-flor
Pão-de-ló
Pica-pau
Peixe-espada.

c) por *aglutinação* — isto é, quando a justaposição é mais íntima.

Ex.: água + ardente = aguardente
em + boa + hora = embora (observe esta frase de Gil Vicente): «vá-se *embora* ou *má hora*» (=em boa hora ou em má hora).
outra + hora = outrora
homem + essa = homessa! (=ó *homem*, *essa* história é esquisita!)
filho + de + algo = fidalgo.

Os prefixos e sufixos são geralmente gregos e latinos.

SUFIXOS PARA SUBSTANTIVOS

(indicando coleção):

aria, eria: pedraria, correria
ada: boiada
edo: vinhedo
al: figueiral
agem: plumagem
eiro: formigueiro
alha: parentalha
ama: mourama
ame: cordame
ume: cardume
ulho: pedregulho
ena: centena
io: mulherio
ia: penedia
dade: irmandade

(aumento):

ão: portão, beerrão
rão: casarão
zarrão: homenzarrão
aço: mestrão
aça: barbaça
astro: poetastro
ázio: copázio
anzil: corpanzil
eiro: cruzeiro
alho: ramalho
alha: muralha
orra: cabeçorra

arra (basco): bocarra

anha: montanha

az: ladroaz

(diminuição):

inho: mocinho
inha: florinha
zinho: cãozinho
zinha: florzinha
ito: franganito
ita: pequenita
ete: cavalete
eta: valeta
ote: fidalgote
oto: perdigoto
ota: ilhota
ilho: ramilho
ilha: cartilha
ino: pequenino
im: flautim
ulo: glóbulo
ula: fórmula
culo: corpúsculo
cula: partícula
olo: nucléolo
ola: gloriola, aldeola
el: cordel
elo: colunelo
ela: costela
elho: francelho

ejo: lugarejo
ebre: casebre
eco: livreco
eca: padrecia
ico: burrico
ica: pelica
isco: chvisco
il: pernil
acho: riacho
ucho: papelucho
ilo: codicilo

(agente):

dor: vendedor
nte: estudante, ouvinte, servente, presidente, poente
ário: boticário
ária: secretária
eiro: ferreiro, cabel-reiro (de cabeça + eiro)
eira: doceira
ista: jornalista

(sistema):

ismo (grego): positivismo, socialismo

(ação ou resultado dela):

ção: fundação

mento: armamento

ada: facada

(lugar):

douro: matadouro
doura: manjedoura (o campônio português diz também: *doiro*, *doira*, *manjedoura*, *lavoira*)
ário: horário
ária: penitenciária
eiro: agulheiro
eira: fruteira
ório: cartório

(estado):

ura: brancura
eza: viveza
ez: viuvez
idade: brevidade
dade: bondade
ice: velhice, vadiice
ência: assistência
dura: ditadura
tura: quadratura
ite (grego): bronquite

(dignidade, profissão):

ado: ducado
ato: baronato, generalato

SUFIXOS PARA ADJETIVOS

(naturalidade, origem, relação):

ês: português
ense: lisbonense
ano: italiano
ão: beirão
eiro: brasileiro, mineiro, campineiro
ino: argentino
io: algarvio
eno: chileno
oto: minhoto
enho: estremenho
ista: paulista
engo (germânico): flamengo
ático: asiático, aquático
ico: brasileiro
aico: judaico
aco: austríaco
al: estadual
el: fiel
il: civil
ar: familiar
eo: férreo
esco: dantesco
estre: campestre
este: celeste

(modo):

oso: bondoso
onho: tristonho

(aptidão, modo):

ável: amável
ével: indelével
ível: terrível
óvel: imóvel

ável: volúvel

ico: roliço

az: loquaz

bundo: meditaundo

undo: iracundo

ento: nojento

io: fugidio

ivo: pensativo

ório: finório

(superlatividade, abundância):

timo: legítimo

íssimo: lindíssimo

rimo: paupérrimo

limo: facilimo

udo: cabeludo

(sufixos participiais):

ado: amado

ido: movido

osto: composto

udo (arcaico): temudo (= temido), conhecido, sabudo, teúdo, etc.

ando: amando

endo: movendo

indo: partindo

ondo: compondo

(há sufixos derivados de *gerundivo* latino, como *o colendo* = que deve ser respeitado; *o examinando*; *o ba-charelando*)

ante: amante

ente: corrente

inte: pedinte

douro: vindouro

(derivados do gerúndio)

(derivados do participio presente)

SUFIXOS PARA VERBOS

(freqüentativos):

ejar: bracedar
ear: saquear
izar (grego): batizar
 organizar

(causativo):

entar: amamentar
 (incoativos):
ecer: amanhecer
escer: florescer

(diminutivos):

itar: saltitar
inhar: cuspinhar
icar: adocicar

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

(= sem intervenção de sufixos):

- 1) *substantivos próprios de comuns*: Prado, Leitão.
- 2) *substantivos comuns de próprios*: a casimira, o pôrto (= vinho), o lázaro.
- 3) *substantivos de adjetivos*: o justo, o móvel.
- 4) *substantivos de pronomes*: o tudo, o nada, o meu Eu.
- 5) *substantivos de verbos*: o querer, os haveres.
- 6) *substantivos de palavras invariáveis*: o sim, o não, o pró, um se, um ai.
- 7) *adjetivos de substantivos*: homem-gigante.
- 8) *advérbios de adjetivos*: falar alto (altamente).
- 9) *preposição de adjetivos verbais*: exceto (particípio passado do verbo *ex-cetuar*).
- 10) *conjunções de verbos e advérbios*: quer quer.
- 11) *interjeições de verbos, pronomes, etc.*: Viva! Qual!

Palavra parassintética: quando é composta e derivada ao mesmo tempo, isto é, tem prefixos e sufixos.

Ex.: *anticonstitucionalíssimamente* = de um modo contra a Constituição = de um modo contra o que está estabelecido pela vontade do povo na lei fundamental de uma nação.

anti	con	stit	ucion	al	íssima	mente
<i>anti</i> (grego)	<i>cum</i> (latim)	<i>Raiz</i> verbo sto, stas, stare, steti, statum =estar	<i>utio, utionis</i> (latim) constitutio constitutionis	<i>alis, ale</i> (latim) (para ad- jetivos) <i>constitu- tionalis-e</i>	<i>issimus-a-um</i> (latim) (para super- lativos) <i>constitutio- nalissimus a-um</i>	(do latim) <i>mens, mentis,</i>
prefixos		Raiz	sufixos			

Hibridismo — É o fenômeno, pelo qual certas palavras se formam com elementos oriundos de línguas diversas.

Ex.: monóculo

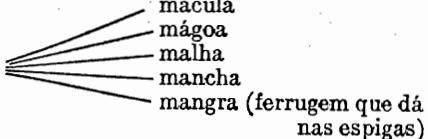
monos (grego = um só) — *oculus* (latim = óculo)
um só óculo

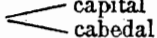
latim e grego: sociologia
árabe e grego: alcalóide
árabe e latim: alcalígeno
árabe e sânscrito: açúcar-cande
tupi e português: cipó-chumbo
francês e grego: burocracia
alemão e grego: zincografia

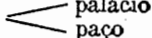
Palavras sincréticas (*syn* = com + *Creta*; na ilha de *Creta*, como havia muitos estrangeiros, havia muitas palavras gregas com duas formas). — São as que têm duas formas.

Ex.: cousa e coisa; noute e noite; ouro e oiro; louro e loiro; aluguer e aluguel; frecha e flecha (mas diz-se só: frechada); cobarde e covarde; taberna e taverna; assobiar (mais usada) e assoviar.

Palavras divergentes — são as que derivam de uma só, latina ou grega, ou de qualquer outra língua.

Ex.: *maculam* (latina) 

capitalem 

palatium (latina) 

FORMAS CONVERGENTES

Quando duas ou mais palavras latinas dão uma só em português.

Ex.: *sanctus*-a-um
 sanus-a-um
 sunt (do verbo *sum*) } são

{ *são — (São Pedro)
 * são (verbo: eles *são* bons)
 * *são* (adjetivo: ele está *são*)

ETIMOLOGIA DOS SUFIXOS NOMINAIS

aceo, aço (do *latim*: *aceu(m)*); sebáceo, violáceo; indica semelhança entre a palavra derivada e a primitiva); tem a forma *aço*, com idéia de aumento: *ricaço, mulherença*. Também há *aço* (de *atium*): *plumatium* deu *chumaço*.

ado (*latim*: *atus*: para formar adjetivos, que indicam posse): *coronatus* > *coroad*; *barbado*. Forma substantivos, com a idéia de cargo: *ducado, marquesado*.

agem (*latim*: *aginem*; popular: *age*): *imagem, borragem*.

agem (*latim*: *aticus*; acusativo: *aticu(m)*); veio, pelo francês, com a terminação *age*; em português, foi-lhe acrescentado um *m* (*agem*), por analogia com *agem* (de *aginem*): *linguagem, carnagem*.

al (*latim*: *ale(m)*): *caudal, olival, real, leal*.

alha, alho (*latim*: *alia*, forma do plural, que tinha a idéia de coleção): *muralha, canalha*. Forma masculina: *alho: cabeçalho, cascalho*.

alho, alha (do *latim* *aculu(m)* (*aclum*); *espantalho, gralho, tinalha* (= tina pequena ou dorna para uvas).

ame (*latim*: *amen*): *cordame, certamen ou certame*.

ança (*latim*: *antia*): deriva do participio presente dos verbos, como de *sperans*, *antis*: *esperança*. Algumas palavras diretamente do *latim*: *ignorância, constância*.

anco, anca (origem ignorada): *barranco, barranca, potranca*.

ando, endo (do gerundivo dos verbos): *venerando, doutorando, colendo, reverendo, fazenda, vivenda*.

âneo, anho (*latim*: *aneus*): *espontâneo* (a forma erudita é *âneo*). A forma popular: *anho: estranho, aranha, castanha*.

ano, ão, ã (latim: *anus*): romano, prussiano. Forma popular: *ão, ã*: pagão, pagã, capitão.

ante, ente, inte (latim: *ante(m)*, *ente(m)*, terminações dos participios presentes, no acusativo): amante, corrente. Por analogia, em vernáculo: ouvinte, pedinte.

ão (latim: *onem*, que deu *om* (forma arcaica) e *ão* (forma moderna): *latronem* > *ladrom* > *ladrão*: lição, tradição. Indicava pessoa agente, como em *brigão*; tornou-se aumentativo: *narigão, mocetão*.

ardo (do germano *ard*, em nomes próprios, como Ricardo, Abelardo): felizardo, bastardo.

arro, orro, urro (do basco): bocarra, homenzarrão, cabeçorra, cachorro, zaburro (= variedade de milho), casmurro.

asco (origem obscura): chavasco (= grosseiro), borrasca.

astro (latim: *aster*; o sentido é depreciativo): poetastro, padrasto (de padre + *aster* > padrastro; o segundo *r* caiu por dissimilação: *padrasto*. Do mesmo modo *madrasta* (de madre + *aster*).

ato (sufixo italiano; traz a idéia diminutiva): lobato (lobo + *ato*) = lobinho; mulato (mulo + *ato*) = mulinho; (em português antigo, *mulato* significava o filho do cruzamento de cavalo e burra ou de jumento e égua).

avo (latim: *avus*): acusativo: (*avu(m)* *octavum* > oitavo. O sufixo *avo* passou a ser substantivo: dez avos, etc.

az (latim: *ace(m)*): rapacem > rapaz; mordacem > mordaz. Em vernáculo, também: *beberraz, lambaz*.

ção (latim: *tionem*): *rationem* > razão.

dade, (i)dade (latim: *tatem*): *bonitatem* > bondade; *amicitatem* > amizade. Em palavras semicultas: natalidade, gentilidade, mobilidade.

dor, deira (do latim: *tor*; acusativo *tore(m)*): *imperatorum* > *imperador*. Une-se a temas verbais: de lavar veio lavrador; de correr, corredor. A forma feminina é *dora* e

deira. Às vezes, é indiferente usar uma forma ou outra: *lavradora* e *lavradeira*. Outras vezes, só se pode empregar uma: *lavadeira*.

douro, *doiro* (latim: *tariu(m)*): duradouro; forma popular *duradoiro*. Há também a forma literária *tório*: lavatório.

eco (origem obscura): caneco, caneca.

edo (latim *etu(m)*; designa coleção): *arboretum* > arvoredos; vinhedo; olivedo.

ego (origem ibérica): labrego, borrêgo.

eiro, *eira* (latim: *ariu(m)*): cavaleiro, guerreiro; laranjeira, bandeira, cegueira. Juntou-se também a *ário* o sufixo *ia*: cavalaria.

* Os sufixos *eria* e *aria*:

Diz Otoniel Mota que não há o sufixo *aria*: — «êste pretendo sufixo, cruzamento de dois (*ário* e *ia*), é *erie*, em francês, e *eria* em italiano e em espanhol. No português, a forma *eria* aparece ao lado de *aria* desde os mais remotos tempos da língua, conforme o testemunho de Viterbo. A explicação da forma *eria* será talvez devida à mera influência das línguas irmãs». Dizem Ribeiro de Vasconcelos e Cândido de Figueiredo que apenas existe o sufixo *aria*, que *eria* vem do francês *erie*, e que, portanto, todas as palavras se devem escrever com aquele sufixo, exceto *galeria*, porque veio do baixo latim já assim formada, sendo a sua origem desconhecida. Contra esta opinião insurgem-se muitos, porque representa um exagero. Heráclito Graça, no seu livro «Fatos da linguagem», cita muitos exemplos de bons escritores desde o século XV até hoje, em que a mesma palavra ora tem a terminação *eria*, ora *aria*. Gonçalves Viana registrou, no «Vocabulário ortográfico», desta maneira, as seguintes palavras:

cavalaria; *lisonjeria*
e *lisonjaria*;
artelharia;
parceria e *parçaria*;
galeria;

loteria e *lotaria*;
grosseria e *grossaria*;
vozeria, *vozaria* e *vozeria*;

*galantaria e galante-
ria;
infanteria e infanta-
ria;
solistaria e solisteria;*

*glutonaria, tapeçaria;
lavandaria, altanaria;
leitaria, alcaidaria;
bateria, selvajaria.*

O «Vocabulário ortográfico da Academia brasileira» registra:

*cavalaria;
lisonjaria;
artilharia;
parçaria e parceria;
galeria;
loteria;
grosseria e grossaria;
vozeria e vozeria;
galantaria e galanteria.*

*infantaria e infanteria;
solistaria;
glutonaria; tapeçaria;
lavandaria e lavanderia;
altanaria;
leitaria e leiteria; alcai-
daria;
bataria e bateria; selva-
jaria e selvageria;*

ejo (sufixo de origem espanhola; em latim *eculu(m)*): *elho* em português: espelho; e *ejo* em espanhol: *espejo*): animal, sobejo.

ela (origem obscura): sacudidela, furtadela.

elho (latim *eculu(m)* ou *icul(um)*): espelho; *oviculam* > ovelha; *articulum* > artelho (donde *artelharia*; artelho + *aria*); rapazelho, fedelho.

encia, ença (latim: *entia(m)*): *intelligentiam* > inteligência. Às vezes contrai-se: *differentiam* > diferença.

engo (germano: *eng*): solarengo. Com a forma *ingo*: *gar-
dingo* (= nobre visigodo).

enho (latim: *ignu(m)*): rouquenho, ferrenho.

eno (latim: *enu(m)*): terreno; do latim *maurum* veio *mouro* em português, e *moro* em espanhol; de *moro* + *eno* > *moreno*.

ento (latim: *entu(m)*): como *cruentum* > cruento. Em vernáculo: avarento, barulhento. *Friorento* vem por analogia com *calorento* (Otoniel Mota) ou, segundo Leite de Vasconcelos, diretamente de *frigorentum*.

Contentum deu o arcaico *contento* e, depois: *contente*.

ês (latim: *ense(m)*): portugalensem > português > portu-

- gaês > português. Igualmente: francês, inglês, etc.; cortês, freguês, marquês, etc.
- esco, isco* (latim: *isc(um)*): cavalheiresco, parentesco. Na forma feminina: soldadesca. Na forma *isco*: pedrisco, chuvisco.
- essa, isa* (latim: *issa(m)*): abadessa, condessa. Com a forma *esa*: baronesa, duquesa; e *isa*: poetisa.
- eto, ete* (latim: *ittu(m)*, que é diminutivo): carrêto, coreto. Forma feminina: trombeta, corneta. Forma *ete*: corpete.
- ez, ice* (latim: *itie(m)*): altivez, honradez; tolice, burrice.
- eza, iça* (latim: *itia(m)*): grandeza, pureza, justeza; justiça, hortaliça. No português arcaico houve a forma *icia*, como em *avarícia* (Diez).
- ia* (sufixo grego, que introduziu no latim muitas palavras: astrologia, monarquia, etc.) Em vernáculo: fidalguia, valentia, etc.
- icio, iço* (latim: *itiu(m)*, *iciu(m)*): caniço, movediço, feitiço, peliça. Segundo alguns, deu também o sufixo *icho*: rabicho. Também, o sufixo *iz* da palavra *aprendiz*.
Formas eruditas: fictício, patricio, adventício.
- ico, eco, oca, uco* (sufixo que aparece na península ibérica: não é latino; é diminutivo): burrico, barbica, pelica, Tonico; Maneco, Ritoca, abelharuco.
- ico* (latim: *īcu(m)*; é sufixo átono, literário): românico, brasílico, itálico, famélico.
- idão* (latim: *udine(m)*; a forma arcaica era *idõe*: *multidõe*, *firמידõe* (de *multitudinem*, *firmitudinem*: multidão, firמידão); o plural era em *ões*: *multidões*, *firמידões*.
Em vez de *multidõe*, *firמידõe*, usou-se *multidom*, *firמידom*, por analogia com *sermom* (de *sermonem*); com *ladrom* (de *latronem*), etc., cujo plural era também em *ões*: sermões, ladrões.
- ido* (latim: *itu(m)*; do participio passado latino): partido, vestido.
- igo* (latim: *icu(m)*): umbigo, postigo.
- il* (latim: *ile(m)*): barril, covil, ovil, canil; gentil, juvenil.

ilha (latim: *ilia*): plural neutro de adjetivo em *ilis*; exemplo: *mirabilis*; plural: *mirabilia* > maravilha.

ilho (latim: *iculu(m)*): cabrestilho, barbilho, clavilha, golilha.

inho (latim: *inu(m)*): indica, em latim, matéria, procedência: *padrinho*, *caminho*). Em romance, tem idéia diminutiva, como nas formas em *ino* e *ina*: menino, neblina; na forma em *inho*: papelinho, branquinho; também com a forma em *zinho*: papelzinho, amorzinho; também em *im*: jardim, mastim, rocim.

ivo, *iva*, *io* (latim: *ivu(m)*): atrativo, pensativo, saliva, vazio, correntio, rapazio, baldio.

ismo (grego: *ismos*; veio pelo latim *ismu(m)*; indica sistema religioso, filosófico, etc.; às vezes é pejorativo): cristianismo, confucionismo, calvinismo, comodismo.

ista (grego *istês*; indica agente): florista, egoísta, separatista.

ita (grego: *itês*): eremita, moscovita.

ito, *ete*, *ote* (diminutivo da baixa latinidade: *itu(m)*): rapazito, pequenito, Carlito; modificou-se a vogal inicial como em: *joguête*, *lembrete*, rapazote e rapagote.

iz (latim: *ice(m)*, como em *radicem* > raiz): perdiz, nariz.

lento (latim: *lentu(m)*): feculento, sonolento.

mento (latim: *mentu(m)*): sofrimento, armamento.

menta (latim: *menta*): plural dos substantivos latinos em *mentum* indica coleção; exemplo: *vestimentum*; plural *vestimenta* > a vestimenta; ferramenta.

**mente* (latim: *mente(m)*; é o único sufixo adverbial; lindamente, cortêsmente.

olo, *ol*, *ó* (latim: *olum*; diminutivo; mudou-se o acento: *olum*): casinholo, camisola, bandeirola; *lintheolum* > lençol; *lusciniolum* > rouxinol; veio através do provençal: *rosinhol*; *floliolum* > filhó; *aviolum* > avó.

or (latim: *ore(m)*, como em *alborem* > alvor): brancor, dulçor.

oso (latim: *osu(m)*): bondoso, criminoso.

ote, *ota* (não é latino): velhote, ilhota.

- tude* (latim: *tudine(m)*): magnitudinem > magnitude; longitude.
- ucho, uz* (latim: *uceu(m)*; segundo Diez é variante de *oceus* e *icius*): gorducho, capucho, capuz, lapuz.
- uco, ugo* (latim: *ucu(m)*): caduco, maluco; sabugo, verdugo, tartaruga.
- udo* (latim: *utu(m)*): narigudo, cabeçudo.
- ugem* (latim: *ugine(m)*): ferrugem, lanugem.
- ulho* (latim, como se vê em *acucula(m)* > agulha). Na forma masculina: marulho, pedregulho.
- um* (latim: *un(um)*): vacuum, ovelhum.
- ume* (latim: *ume(n)*): cerume, queixume, cortume.
- undo* (latim: *undu(m)*): vagabundo, iracundo.
- ura* (latim: *ura(m)*): brancura, bravura.
- usco* (latim: *uscu(m)*): molusco, velhusco.
- bil, vil, vel* (latim: *bīle(m)*): amabilem > amável, amável (hoje: *amável*); visível, sofrível.

SUFIXOS VERBAIS

- ar* (latim: *are*): cortejar; comerciar; avermelhar.
- ear* (latim: *idiare*): guerrear.
- ecer, escer* (latim: *scere*; em verbos incoativos): extardecer, florescer.
- ejar* (outra forma vinda do sufixo *idiare*; é aumentativo): espanejar, esbravejar, pestanejar.
- entar* (latim *entare*, como em *praesentare*): adormentar, apascentar.
- ficar* (latim: *ficare*): versificar, pacificar; (de *a* + *pacificare* > *apaziguar*).
- icar* (latim: *icare*): vindicar, fabricar. Na forma *egar*: navegar; na forma *gar*: vingar; na forma *igar*: mastigar.
- ilhar* (latim: *iculare*): dedilhar.
- inhar* (latim: *inare*): espezinhar, escoicinhar.
- iscar* (origem desconhecida): mordiscar.

itar (latim: *itare*; a origem é erudita; é diminutivo): saltitar.

izar (em grego *izein*; em latim literário *icare* ou, segundo outros, *idiare*: no baixo latim: *izare*, como se vê em *baptizare* > bautizar (arcaico) > batizar. Organ + izar = =organizar; concretizar, civilizar, etc.

NOTA: se na raiz houver um *s*, então o sufixo é apenas: *ar*;

friso + *ar* = frisar;

visar (do latim: *visare* por *visère*);

preciso + *ar* = precisar;

eletrólise + *ar* = eletrolisar;

análise + *ar* = analisar;

pisar (do latim: *pinsare*);

divisar (do latim: *divisare*);

a + liso + *ar* = alisar (mas *deslizar*; do castelhano *desliz* vem *deslize*; *deslize* + *ar* = *deslizar*).

A confusão provém da influência do francês, que tem, por exemplo, *civiliser*, *civilisation*, etc.

ular: (latim: *ulare*): pulular (do latim *pullulare*, freqüentativo de *pullare* = brotar).

PREFIXOS LATINOS

a (partícula expletiva vernácula): ametade ou metade; assentar-se ou sentar-se.

a, *ab*, *abs* (origem latina: apartamento, separação): aversão, abjurar, abster, abstrair.

a, *ad* (lugar, direção): abordar, adjunto.

ante (posição anterior): antepor, anteceder, *anteadado* (arcaico; do latim *antenatus* = nascido antes, do 1.º matrimônio; hoje: *enteadado*).

bene (bom êxito): benévolo, benemérito. Forma vernácula: *bem*: bendizer.

bis-bi (duas vezes): bisneto, bisavô, biscoito, biênio, bimensal.

cis (aquém de): cisplatina (aquém do Prata); cisalpina (aquém dos Alpes).

cum, con, co (reunião): cumprir, conclamar, conduzir, coabitar. (Tornou-se em *cor* em *corcovar* (do latim *concurvare*).

contra (oposição; posição em frente): contraveneno; contramestre. Em latim teve também a forma *contro*: *controvérsia*.

de (origem, separação): decorrer, deportar.

dis (separação, sentido contrário): discordar. Na forma *di*: divergir. Formas vernáculas: *des* e *de*: desfazer, desamor, desarmonia, deformar. Forma mutilada: estroncar por destroncar.

ex, e (separação, procedência): expatriar. Na forma *es*: escorrer. Na forma *e*: emanar, emergir, emigração. *Também indica um pôsto que deixou de ser ocupado: ex-presidente.

extra (para fora): extravio, extravasar (*extra* + *vaso*).

in (tendência, movimento para dentro): induzir, impor, instilar, iludir. Formas vernáculas: *en* e *em*: encenar, embainhar.

in (negação): inábil, incapaz, inimigo (*inimicus*; de *in* + *amicus*).

inter (posição intermédia): interposição, intervenção. Forma vernácula: *entre*: entrelaçar.

intra (idem): intramuros.

intro (idem): intrrometer-se, introdução.

juxta (proximidade): justaposição.

male (mau êxito, má disposição): maledicente. Forma vernácula: mal: maldizente. *Em *malferir* há a idéia de intensificação de ação; quer dizer *ferir de morte*.

minus (minúsculo, minuir (= diminuir)). Forma vernácula: *menos*: menosprezar, mengar.

non: *nonnato* (*nonato*; do latim *non natus* = não nascido; que não nasceu naturalmente).

ob, obs (em frente; oposição): objeto, obter, ocorrer, opor, omitir; obstar. Forma reduzida: *os*: ostentar.

pene (quase): península = quase ilha; penumbra = quase sombra.

per (através): perfurar, permanência.

post, pos (depois): postergar, posposição.

prae, pre (antes): predizer, prevalecer, prever.

praeter (exceção): preterir.

pro (para diante): progresso, propelir.

re (para trás): recuar, refletir.

*Idéia de repetição: repetir, recitar.

*Idéia de intensificação: reluzir, realçar.

*A forma latina primitiva era *red*: *redundar, redarguir*.

retro (para trás): retrogradar, retrospecto.

se (afastamento): seduzir.

sub (debaixo): subúrbio, subchefe, supor.

Outras formas:	so: sorrir, sopapo (=debaixo do papo).
	su: suspirar, suster.
	sob: sobcolor (locução prepositiva: a pretexto de, com a aparência de).

sota, soto (*subta*, adjetivo formado de *subtus*, debaixo): sotapiloto (=2.º piloto), sotavento (=borda do navio, oposta ao lado donde sopra o vento), sotomestre (o que substitui o mestre, a bordo).

subter (por baixo): subterfúgio.

super (por cima): superfino, superintendente.

supra (idem): supra-sensível.

trans, tra (além, do outro lado): transpor, transitar, tramontana. Formas vernáculas: *tras* e *tres*: traspasar e trespassar.

tris, tri, tres: trisanual, tricentenário, tresdôbro.

ultra (além): ultramarino.

vice (em vez de): vice-rei. Forma antiga: *vizo*: vizo-rei.

Forma *vis*: *visconde* (do latim *vice comite* = em vez do conde). *Vice* transformou-se em *vis*; (devia ser *viz*, pois que o *c* dá *z*, mas foi adotada pela reforma ortográfica a forma *visconde*, porque são incompatíveis as letras *zc*, na sequência fonética e gráfica).

ALGUNS PREFIXOS GREGOS

a, an (privação): afônico, anarquia, acéfalo
amphi (dos dois lados; duplo): anfiteatro; anfíbio
ana (elevação; afastamento; duplicação): anacronismo, analogia; análise; anabatista
anti (contra): antipatia
apo (separação): apogeu; apóstata
archi (preeminência): arquimilionário; arcebispo (*archi* mudado em *arce*)
cata (para baixo): catástrofe
dia (através, etc.): diâmetro; dialeto
dis (dualidade): dissílabo
dys (difícil): dispnéia; disenteria
ec ou *ex* (afastamento): êxtase; êxodo
en (tendência): encéfalo, embrião
endo (dentro): endocarpo; endosmose
epi (sobre, etc.): epílogo, epiderme
eu (bom): eufonia; evangelho (= *eu aggelion* = boa notícia)
exo (fora): exosmose
hemi (meio): hemisfério
hyper (excesso): hipérbole
hypo (sob): hipótese (Nota: *hippo* = *cavalo*; ex. — hipódromo, hipopótamo)
meta (com, após, mudança): metátese, metempsicose
para (perto, do lado, etc.): paráfrase, paradoxo, paralelo
peri (em volta, acima): perímetro, perífrase, periferia
pro (diante, antes, para): pródromo, prognóstico
syn (com, conjunção): simpatia; sincronismo; sintaxe.

ALGUNS RADICAIS GREGOS

Alpha, Beta (A. B.): alfabeto
aer, aeros (ar): aeronauta, aeróstato
agogos (guia): pedagogo
akouô (eu ouço): acústica
agon (luta): agonia
akros (elevação): acrópole
algos (dor): nevralgia
anthos (flor): antologia
anêr, andros (homem): monandria, poliandria
anthropos (homem): antropologia
archaicos (antigo): arqueologia
archô (governo): monarquia, anarquia
aristos (o melhor): aristocracia
arithmos (número): aritmética ou arimética (há estas duas formas, porque as duas pronúncias são legítimas)
arctos (urso): ártico, antártico
astêr, astron (astro): astrologia
athlêtês (lutador): atleta
atmos (vapor): atmosfera
autos (por si mesmo): autógrafo, automóvel
barys (grave): barítono, barômetro

biblion (livro): biblioteca, bibliografia
bios (vida): biografia
cheir (mão): cirurgia, quiromancia
chole (bilis): melancolia
cysto (bexiga): cistalgia
chronos (tempo): cronômetro
cyno (cão): cimegética
chroma (côr): cromo
cosmos (mundo): cosmografia
chrysos (ouro): crisóstomo (= bôca de ouro)
crypto (oculto): criptogamia
daktylos (dedo): dactilografia
deka (dez): decálogo
demos (povo): democracia, epidemia
derma (pele): epiderme
dromos (corrida): hipódromo
dynamis (fôrça): dinâmica
edra (lado): poliedro
eidos (forma, semelhante): elipsóide, negróide
eikon (imagem): iconoclasta
ergon (obra): dramaturgo
electros (eletricidade): electroscópio
entomos (inseto): entomologia
ethos (moral): ética
ethnos (nação, costume): etnologia
galactos (leite): galactômetro
gastros (estômago): gastro-enterite
geos (terra): geografia
gymnus (nu): ginossotista
gonos (formação): cosmogonia
gyn, gyneco (mulher): gineceu, ginecocracia
glossa ou *glotta* (língua): glossário, glotologia
graphos (escrever): telegrafia, caligrafia
haima (sangue): hemoptise
haireo (escolher): heresia
helios (sol): heliotrópio
hemera (dia): efêmero, efeméride
heteros (outro): heterogêneo
hieros (sacerdote, sagrado): hierarquia, hieroglifo
hippo (cavalo): hipódromo
homo, home (o mesmo): homogêneo
hydro (água): hidromel
hygro (úmido): higrômetro
ichtyo (peixe): ictiologia
icono (imagem): iconoclasta, iconografia
ídolo (imagem): idolatria
ídios (próprio): idiosincrasia
lithos (pedra): paleolítico
logos (tratado): diálogo, psicologia
macro (grande): macróbio
micro (pequeno): micróbio

mega, megalo (grande): megatério, megalomaniaco
meso (meio): mesologia
metron (medida): metrologia
metro (méter) (mãe): metrópole
misos (ódio): misógino
morphos (forma): morfologia
mythos (fábula): mitologia
monos (um só): monarquia
neos (novo): neologismo
nesos (ilha): micronésia
neuron (nervo): neurastenia
nomos (lei): autonomia
ode (canto): paródia
odos (caminho): êxodo, método
odous, odontos (dente): odontologia
onoma (nome): onomatopéia
ophis (serpente): ofidismo
ops, opos (vista): miopia
orama (vista): panorama
ornis, ornithos (ave): ornitologia
orthos (reto): ortodoxo
pais, paidos (criança): pedagogia
pan, pantos (todo): panacéia
pathos (doença): patologia
phago (comer): antropófago
phemi (eu digo): eufemismo
philos (amigo): filarmônica
phobeo (fugir): daí *jobos*: hidrófobo, anglófono
ploutos (riqueza): plutocracia
phone (voz): telefone
polis (cidade): metrópole, Florianópolis
poly (muito): poligamia
potamos (rio): potamografia, Mesopotâmia
protos (primário): protagonista
pseudos (falsidade): pseudônimo
psyche (alma): psicologia, metempsicose
pyr, pyros (fogo): pirotécnico, antipirina
pylos (porta): piloro
sophos (sábio): filósofo
stereos (sólido): estereotípia, estereografia
taphos (túmulo): epitáfio
tauto (o mesmo): tautologia
techno (arte): politécnica
teras, teratos (monstro): teratologia
tele (longe): telepatia, telégrafo
theos (deus): teologia, teodicéia, teosofia
thermos (quente): termômetro
zoon (animal): zoologia

Palavras compostas de numerais gregos:

monos (1) monoteísmo, monossílabo
dis, di (2) dístico, dissílabo
tri (3) triângulo
tetra (4) tetraedro
penta (5) pentágono
hex (6) hexágono
hepta, hebē (7) heptágono, hebdomadário (= publicação semanal)
octo (8) octógono
ennea (9) eneágono
deca (10) decágono
endeca (11) endecágono
dodeca (12) dodecágono
icos (20) icoságono
hectaton hecto (100) hecatombe, hectolitro
kilo (*quilo* assim se escreve em grego) (1 000) quilograma
myria (10 000) miriâmetro

NOTA: Para estudar raízes gregas, leia: «Jardin des racines grecques» par P. Larousse.

ALGUNS NOMES PRÓPRIOS DE ORIGEM TUPI

Onomástica (estudo dos nomes próprios de pessoas)	Tibiricá — t - ibi - reçá = vigilância da terra
	Jurema — iu - r - ema = espinheiro succulento
	Moacir — mo = faz; aci = doer
	Moema — mo = faz; em = sair = que faz sair o dia = aurora
	Araci — ara = dia; ci = mãe = mãe do dia = aurora
	Iracema — ira = mel; cema = saída = doçura
	Jaci — iá = fruto; ci = mãe = mãe dos frutos = lua
	Jandira — iandi = abelha; ira = mel = abelha de mel
	Guaraci (e Coaraci) — co - ara - ci = mãe do mundo = o sol
	Tupã ou Tupá — Deus
	Rudá ou Perudá — deus do amor
	Caramuru — deus do fogo
	Emboabas — pernas vestidas, homens de além
	Paraguai — paraguá - i = rio dos papagaios
	Iguaraçu = canoa grande
Toponímia (estudo dos nomes próprios de lugares)	Traipu — itira - ipu = fonte do morro
	Propriá = punhal, ferrão
	Aracaju = cajueiro dos papagaios
	Uruguai — uruá - i = rio dos caracóis
	Goiás — guá = gente; iá = semelhante
	Piauí — piau = piau (peixe); hi = rio = rio dos piaus
	Ceará — cê = canta; ará = papagaio
	Paraíba — pará = mar; aíba = mau
	Pernambuco — paranã = semelhante ao mar; puca = rebenta

Toponímia
(estudo dos nomes próprios de lugares)

- Sergipe — siri - gi - pe = no rio dos siris
 Pará — pará = mar
 Paraná — paramã = semelhante ao mar
 Maranhão — mbará = mar; nhã = que corre
 Tamandaré — tamanduá - ré = bom para o tamanduá
 Guanabara — gua - nã - pará = seio semelhante ao mar
 Marajó — mbará = mar; ió = tirado de
 Itamaracá — itá = pedra; maracá = chocalho
 Itatiaia — itá = pedra; tiai = cheio de pontas
 Itaqui — itá = pedra; qui = aguçada
 Itaúna — itá = pedra; una = preta (= ferro)
 Itajubá — itá = pedra; iubá = amarela (= ouro)
 Itacoatiara — itá = pedra; coatiar = listada
 Itaboraí — itá = pedra; porã = bonita; i = rio
 Corumbá — curu - mbá = banco de cascalho
 Araxá = vê o dia
 Uberaba — u - beraba = água clara
 Bagé — de pagé = feitiçeiro
 Itajaí — itaiá - i = rio pedregoso
 Curitiba — curi = pinheiro; tiba = muito
 Araraquara = refúgio das araras
 Ipanema — i - panema = água ruim
 Itanhaem — itá - nhaem = bacia de pedra
 Jacaré = rio dos jacarés
 Itu — i - tu = queda de água
 Piracicaba = colheita do peixe
 Guaratinguetá — guirá = pássaro; tinga = branco, etá (indica o plural) = as garças
 Ubatuba — ubá = fruta; tuba = muita
 Caçapava — caá = mato; sapaba = clareira
 Pindamonhangaba — pinda = anzol; monhangaba = lugar onde se faz
 Sorocaba = ruptura
 Mogi-guaçu — mogi = rio das cobras; guaçu = grande (guaçu = grande; mirim = pequeno)
 Parati = pará - ti = estância do mar

FONOLOGIA (Noções gerais)

FONÉTICA (do grego *phone* = som) — é o estudo dos sons isoladamente como elementos constitutivos das palavras.

APARELHO FONADOR — é constituído pela *laringe*, *faringe*, *fossas nasais* e *bôca*. Emite os sons da voz humana ou *fonemas*, representados por *letras*. O conjunto das *letras* é o *alfabeto* ou *abecedário*.

O NOSSO ALFABETO compõe-se de:

- | | | |
|--------|---|--|
| LETRAS | { | 1) <i>consoantes</i> (= com + soantes), porque só podem soar com uma vogal: <i>be, ce, de</i> , etc.
São: b c d f g h j l m n p q r s t v x z.
O <i>h</i> serve para formar <i>digramas</i> ou letras compostas: <i>nh lh</i> (ex.: <i>manha, malha</i>); para indicar leve aspiração (ex.: <i>oh!</i>); para notação etimológica (ex.: <i>hoje</i>). A reforma ortográfica suprimiu as letras <i>k, y, w</i> , deixando-as apenas em casos especialíssimos.
O <i>y</i> é letra grega; tem o valor do nosso <i>i</i> .
O <i>w</i> é teutónica.
Em alemão, pronuncia-se <i>v</i> (ex.: <i>Westphália</i>); em inglês, pronuncia-se <i>u</i> (ex.: <i>tramway, railway</i>). |
| | | 2) <i>vogais</i> ou <i>vozes livres</i> (porque a corrente de ar passa livremente pela bôca) são: <i>a e i o u</i> . |

ORIGEM DO ALFABETO. — Atribui-se aos *fenícios*, mas escreviam da direita para a esquerda (como ainda hoje fazem os árabes, os japoneses e outros povos asiáticos), bem como do fim do livro para o princípio. Os *gregos* é que começaram a escrever da esquerda para a direita. Modernamente, alguns afirmam que os *iberos* já tinham o alfabeto antes dos fenícios.

FONEMAS VO- GAIS (as 5 vo- gais represen- tam 17 vozes) Os sinais mo- dificadores do som das vo- gais chamam- se <i>diacríticos</i>	1) <i>orais</i> ou <i>puras</i> (os, oris = bôca)	{	<i>á</i> (aberto) — sofá			
			<i>a</i> (surdo) — linda			
			<i>é</i> (aberto) — pé			
			<i>ê</i> (fechado) — você			
			<i>e</i> (surdo) — saúde			
			<i>i</i> (aberto) — ouvi, frio			
			<i>i</i> (surdo) — Ruá			
			<i>ó</i> (aberto) — pó			
			<i>ô</i> (fechado) — avô			
			<i>o</i> (surdo) — lindo			
		{	<i>u</i> (aberto) — peru, puxar			
			<i>u</i> (surdo) — bônus			
			<i>an</i> — vã, dama			
			<i>en</i> — lente, embotar			
			<i>in</i> — injusto, impor			
			<i>on</i> — tonto, pompa, põe			
			<i>un</i> — inunda, bumba			
			2) <i>nasais</i> (nasum = nariz)			

GRUPOS VOCÁLICOS (= união de duas ou três vogais)

- 1) *monotongo* — grupo de duas vogais, mas só soa a última. Ex.: guerra.

- 2) *ditongo* (do grego: *di* = duplo; *phthongos* = som) — grupo de duas vogais pronunciadas de um só impulso

oral

ai — pai
au — mau
éi — fiéis
êi — lei
éu — céu
êu — meu
iu — viu
ói — herói, ne gróide
ói — boi
ou — cousa
gratuito, circuito
ue, ui — cultue

nasal

ãe — mãe
ão — pão
em — têm
(= têm)
õe — põe
ui — muito (há aqui uma nasalação).

- 3) *semiditongo* ou *ditongo imperfeito* — grupo de duas vogais levemente separadas

ex.: áurea
glória
água
goela
série
fátuo

- 4) *tritongo* — grupo de três vogais muito ligadas

ex.: iguais, guaianazes

- 5) *hiato* — grupo de duas vogais, bem separadas na pronúncia

ex.: preeminente
voo
tua
ele historia (verbo *historiar*), etc.

FONEMAS CONSOANTES

- 1) *explosivas* — quando os órgãos bucais se apartam, saindo a corrente expiratória de uma maneira explosiva: *b p*.
- 2) *constritas* — quando os órgãos bucais se aproximam, saindo a corrente expiratória apertada ou constrita: *f s r*.
- 3) *nasais* — quando as fossas nasais têm parte mais importante: *m n*.
- 4) *molhadas* — pela natureza dos sons que representam: *nh lh*.
- 5) *líquidas* — porque *correm* com outras na formação de sílabas. Ex.: digno, prato, aplaudir.
- 6) *apicais* — porque se formam com a ponta ou *ápice* da língua na raiz dos dentes: *t d*.

- FONEMAS CONSOANTES**
- 7) *sibilantes* — pela natureza dos sons que representam: parece que *sibilam*: *s z*.
 - 8) *labiais* — (com os lábios) — *b p m*.
 - 9) *labiais-dentais* (com os lábios e os dentes) — *f v*.
 - 10) *linguais-dentais* — (com a língua e os dentes) — *t d s r l z n*.
 - 11) *linguais-palatais* — (com a língua que bate no céu da boca) — *x j nh lh*.
 - 12) *guturais* — (com a garganta) — *k g*.
- * Chamam-se *homorgânicas* as que se produzem no mesmo órgão.
Ex.: *b* é homorgânica de *p*.

Fonemas consoantes	EXPLOSIVAS		CONSTRITAS		nasais	molhadas
	fortes	brandas	fortes	brandas		
<i>labiais</i>	p	b			m	
<i>labiais-dentais</i>			f	v		
<i>linguais-dentais</i>	t	d	s rr	l z r	n	nh lh
<i>linguais-palatais</i>			x	j		
<i>guturais</i>	k	g				

- GRUPOS CONSONANTAIS** (reunião de duas ou mais consoantes no corpo da palavra: *ressurreição*, *prorrogar*, *pêssego*, *lácnea*)
- 1) *geminadas* ou *dobradas* (= consoantes idênticas) { Ex.: *ressurreição*
 - 2) *sonoras* { quando a 1.^a do grupo soa; ex.: *adjutório*, *lácnea*

MODERNA DIVISÃO DAS CONSOANTES:

- momentâneas:** (a passagem da corrente de ar é *momentânea*)
- as *oclusivas*; isto é, há oclusão ou fechamento da boca, num dos seus pontos *internos* (língua com o véu palatino, com o palato duro, com os dentes); ou *externos* (com os lábios):
- p (*pá*) t (*tu*) c (*cá*); *quer* (q = c)
b (*bom*) d (*dado*) g (*gás*)
- contínuas** (a passagem da corrente de ar é *contínua*)
- as *fricativas*; isto é, há constrição ou apêto da boca, e, portanto, ruído de *fricção*, atrito:
- f (*fê*) s (*sê*) x (*eixo*)
v (*vêu*) z (*Zê*) j (*já*)
- as *líquidas*; isto é, a corrente de ar corre, como um *líquido*, de um lado a outro:
- m (*mau*) l (*lá*) l (*lhe*) nh (*anho*)
r (*aro*) r (*réu*) l (*mal*)

QUADRO DAS CONSOANTES PORTUGUESAS (1)

Oclusivas	Labiais	Denti-labiais	Dentais		Palatais		Velares
			oral	nasal	oral	nasal	
Surdas	p (<i>pá</i>)	—	t (<i>tu</i>)		—		c (<i>cá</i>)
Sonoras	b (<i>bom</i>)	—	d (<i>dado</i>)		—		g (<i>gás</i>)
Líquidas	m (<i>mau</i>)	—	oral	nasal	oral	nasal	l (<i>mal</i>)
			l (<i>lá</i>)	n (<i>nó</i>)	lh (<i>lh</i>)	nh (<i>anho</i>)	
			r (<i>aro</i>) (<i>breu</i>)		r (<i>réu, irra, fardo</i>)		
Surdas	—	f (<i>fé</i>)	s (<i>sé, isso</i>)		x (<i>eixo</i>)		—
Sonoras	—	v (<i>véu</i>)	z (<i>zé</i>)		j (<i>já</i>)		—

(1) Apud Matoso Câmara Jr. (« Elementos da Língua pátria »).

Podem ser ainda:	{	<i>dentais</i> (se a oclusão ou a fricção se der nos dentes)
		<i>labiais</i> (nos lábios)
		<i>denti-labiais</i> (nos dentes e lábios)
		<i>palatais</i> (no palato duro)
		<i>velares</i> (no véu palatino)
		* <i>sibilantes</i> : <i>s</i> (<i>sé</i>); <i>ss</i> (<i>isso</i>); <i>z</i> (<i>Zé</i>); <i>s</i> (<i>asa</i>); <i>x</i> (<i>exame</i>)
		* <i>chiantes</i> : (<i>eixo</i>); <i>j</i> (<i>já</i>); <i>lh</i> (<i>lhe</i>); <i>nh</i> (<i>anho</i>)
		* <i>vibrantes</i> : <i>r</i> (<i>aro</i>); <i>rr</i> (<i>carro</i>); <i>reu</i> .

PROSÓDIA

Prosódia ou *ortoépia* — trata da pronúncia dos sons combinados na formação das palavras.

Sílaba — é um som ou um grupo de sons, pronunciados numa só emissão de voz. Ex.: *lim pi dez*; *fri o*; *viu*.

O VOCÁBULO quanto ao nú- mero de síla- bas:	{	1) <i>monossílabo</i> (do grego <i>monos</i> = uma só sílaba) — <i>pó</i>
		2) <i>dissílabo</i> (gr. <i>dis</i> = 2) — <i>ca sa</i>
		3) <i>trissílabo</i> (gr. <i>tris</i> = 3) — <i>ca sei ro</i>
		4) <i>polissílabo</i> (gr. <i>poly</i> = muitos, mais de 3 sílabas) — <i>per fei ti ssi ma men te</i>

Acento tônico ou *tonicidade* é o *tom forte da voz* na pronúncia de uma sílaba do vocábulo.

SÍLABA	{	1) <i>tônica</i> — Ex.: <i>ca sa</i> (é a 1. ^a)
		2) <i>átona</i> ou <i>atônica</i> (=sem tom) — Ex.: <i>ca sa</i> (é a 2. ^a)

O *acento tônico*, também chamado *icto*, recai na *última*, *penúltima* ou *antepenúltima* sílaba.

VOCÁBULO QUANTO AO ACENTO TÔ- NICO:	{	1) <i>oxítono</i> ou <i>agudo</i> (na última) — <i>café</i> , <i>cantar</i> , <i>novel</i> , <i>refém</i>
		2) <i>paroxítono</i> ou <i>grave</i> (na penúltima) — <i>cantiga</i> , <i>pudico</i> , <i>decano</i> , <i>pegada</i> , <i>grácil</i> , <i>ibero</i> , <i>gratuito</i>
		3) <i>proparoxítono</i> ou <i>esdrúxulo</i> ou <i>dactílico</i> (na antepenúltima) — <i>cântico</i> , <i>estraté- gia</i> , <i>revérbero</i> , <i>crisântemo</i> , <i>orquídea</i> , <i>hi- pódromo</i> , <i>boêmia</i>

Acento secundário — é um acento *um pouco mais baixo* (mas muito claro) em relação ao *acento tônico* de um vocábulo. O Voc. ort. bras. indica-o, nalgumas palavras. Ex.: *sòmente* (de só + mente); *amàvelmente* (de amável + mente); *cômodamente*; *ôvozito*; *cortêsmemente*; *leõeinhos*, etc.

ORTOGRAFIA

Ortografia (do grego *orthos* = correto; + *graphia* = escrita) trata do modo correto de escrever as palavras.

SISTEMAS ORTOGRÁFICOS

- 1) *etimológico* — quando se atende à *origem* da palavra. Ex.: *phthisica*, *thio*, *triphthongo*. Não pode ser seguido com exatidão, porque não se sabe a origem de tôdas as palavras; porque é difícil fixar, às vezes, tantas consoantes inúteis; porque os nossos escritores nunca tiveram uniformidade (Camões, por ex., grafou a mesma palavra, às vezes, de quatro maneiras diferentes).
- 2) *fonético* — quando se atende apenas ao *som*. Não pode ser seguido, porque não se podem representar todos os modos de pronunciar uma palavra, num país, porque a pronúncia varia conforme o clima: assim no Brasil, haveria duas escritas: nos Estados do Norte as vogais são muito abertas, e nos do Sul, mais fechadas. Ex.: *mênino* (no Norte); *minino* e *mênino* (no Sul).
- 3) *usual ou misto* — quando os dois sistemas anteriores são combinados. Tem sido seguido em Portugal e no Brasil, notando-se grandes erros e incoerência nos escritores, através dos séculos. E' por isso que alguns lhe chamam *disparatado* (uns escreviam *igreja*, outros *egreja*; uns *diphthongo*, outros *dithongo*); *systema* (o certo seria pela origem: *systema*); *catecismo* (o certo: *catechismo*); *constricto* (o certo: *conrito*); *degladiar* (o certo: *digladiar*), etc.
- 4) *fonético-etimológico-histórico* — quando se atende ao *som*, à *origem* e à *história* da palavra, três bases da verdadeira ortografia segundo a *Filologia*, ciência iniciada pelo sábio alemão Bopp, no seu «sistema de Comparação» (1816) e «Gramática Comparativa» (1852), onde demonstrou a unidade das línguas arianas ou indo-européias. Entre os grandes filólogos da nossa língua, avulta Gonçalves Viana, o grande foneticista, o mais sábio e sutil chefe do movimento para a reforma científica da ortografia portuguesa, que o grande brasileiro Mário Barreto logo adotou e defendeu. Foi este o sistema adotado pela reforma ortográfica.

- 1) *agudo* (/) para o som aberto: *café*.
- 2) *grave* (\) para a sílaba de acento secundário: aberto: Ex.: *pêzinho, amávelmente, avôzinha, dificilmente*; e para a crase: *à, às, àquele, àquela, àqueles, àquelas, àquilo*.
- 3) *circunflexo* (^) para o som fechado: *avô*.
- 4) *til* (¯) — nasaliza a vogal: *irmão; órgão; ãa (= uma)*. (O acôrdo ortográfico manda grafar *ua* (sem til) no Brasil). A origem do *til*: é um *n* bem aberto sôbre a vogal. Ex.: *organum* → *órgano* → *órgão* (o *n* está sôbre o *a*).
- 5) *cedilha* (¸) põe-se debaixo do *c* antes de *a, o, u* para lhe dar o valor de *s*: *praça, beijo, açude*.
- 6) *trema* ou *diérese* (●●) — põe-se sôbre uma de duas vogais juntas para indicar hiato, isto é, que as duas vogais se pronunciam separadamente: *freqüente* (repare que não se põe em *quente*). Foi adotado pela Reforma ortográfica.
- 7) *hífen* ou *traço de união* — liga vocábulos compostos: *beija-flor*; liga pronomes oblíquos: *disse-me*; reparte vocábulos no fim da linha.
- 8) *apóstrofo* — indica que caiu uma vogal: *deu-m'ô (= deu-me o)*; *d'aquêle (= de + aquêle)*. Foi quase abolido pelo acôrdo ortográfico.

ESTUDO ELEMENTAR DE FONÉTICA HISTÓRICA

Fonética histórica é o estudo das alterações das palavras na evolução de uma língua.

Figuras de metaplasmo (do grego *meta* = além + *plasmos* = formação).

— São alterações nos vocábulos, sem que se altere a significação. Fazem-se por *adição, subtração, permuta, transposição, separação*, etc. A passagem do *latim popular (sermo vulgaris)* para o português, mostra a objetivação destas figuras:

- 1) *prótese* (ou *prótese*) (adição no começo do vocábulo). Ex.: *alevantar* por *levantar*.
- 2) *epêntese* (ou *suarabácti*) (no meio). Ex.: do latim *frenum* veio *freo* e depois *freio*.
- 3) *paragoge* (ou *epítese*) (no fim). Ex.: *assi* (forma antiga: de *ad = sic*); hoje diz-se *assim*. *Mártire* por *mártir* (há poetas que fazem *assim*, por necessidade de metrificação, por *licença poética*).
- 4) *aférese* (subtração no começo do vocábulo). Ex.: *Zé* por *José*. *Ulyssipona* deu *Lisboa*, *psalmo* pronuncia-se *salmo*. *Neste*, *nesse*, etc. Há aqui uma *aférese*. *Em + êste = eneste = 'neste = neste*. Houve, pois, a queda do *e*. O *n* juntou-se a *êste*. Há, pois, uma junção e não uma contração.

- 5) *síncope* (ou queda) (no meio). Ex.: *mor* por *maior*. *Honore* → *onrrar* → *honrar*. *Lēgēre* → *legēre* → *leer* → *ler*. *Tenēre* → *teer* → *ter*.
- 6) *apócope* (no fim). Ex.: *mui* por *muíto*.
Capitale → *capi-tale* { *capital*
cabedal.
- 7) *sinalefa* (supressão de vogal antes de outra. Ex.: de + *este* = *dēste*; de + *o* = *do*).
- 8) *ectlipse* (supressão de *m* do vocábulo *com* antes de vogal). Ex.: com + *o* = *coo*; com + *uma* = *co'uma*; com + *a* + *água* = *co'a água*.
- 9) *sinérese* (contração de duas vogais, formando ditongo). Ex.: *ao* (de *a* + *o*). Vou *ao* Rio.
- 10) *haplologia* (supressão de uma sílaba por influência de outra semelhante: do grego: *haplos* = simples + *logos* = dição). Ex.: *maldade* + *oso* = *maldadoso* = *maldoso*; *bondade* + *oso* = *bondadoso* = *bondoso*.
- 11) *crase* — é a fusão de dois sons vogais idênticos. Ex.: Vou *aa* cidade = vou à cidade. Os escritores antigos, como Camões, grafavam *aa*.
Colorem → *coor* → *côr*
pedem → *pee* → *pé*
- 12) *apofonia* (do grego *apo* = por causa de + *phone* = voz) — é a substituição de uma vogal por outra, devido à influência de uma que fica próxima:
 Ex.: *décima* → *dízima* (*décima* em latim devia dar *dézima* em português; mas deu *dizima* por causa do *i* da penúltima sílaba)
in + *amicum* → *inimicum* = *imigo* e *inimigo*
- 13) *assimilação* ou *aliteração* — é a atração de uma consoante sobre outra; dois sons diversos se identificam.
perfeita — *in* + *regular* = *irregular* (ficam duas consoantes iguais).
in + *regular* = *irregular*
imperfeita — *in* + *pio* = *ímpio*
progressiva — *nostrum* → *nosto* → *nosso*
regressiva — *persicum* → *pêssego*
personam → *pessoa*
- NOTA: *Aliteração* também significa a repetição das mesmas letras ou sílabas.
 Ex.: o rato *rói* a *rôlha* da garrafa do rei Rurik da Rússia.
Per cruce *ad lucem* = pela cruz alcança-se a luz.
Per aspera ad astra = por caminhos ásperos vai-se aos astros.
Per angusta ad augusta = (por cousas apertadas vai-se às cousas augustas).

- 14) *dissimilação* — quando dois sons idênticos se diversificam. É o contrário da assimilação.
Ex.: *Massília* → *Marselha*
- 15) *consonantização* — quando uma vogal se torna consoante.
Hierusalem → *Jerusalém*
hierarquia ou jerarquia
laudare → *lodare* → *loar* → *louar* → *louuar* → *louvar*
audire → *odire* → *oir* → *ouir* → *ouuir* → *ouvir*
- 16) *ditongação* — é a formação de ditongos.
amatis → *amades* → *amais*
amabiles → *amavies* → *amáveis*
sum → *som* → *sou*
sinum → *seo* → *seio*
perfectum → *perfecto* → *perfeito*
- 17) *abrandamento* — substituição de um som forte por um brando.
cito → *cedo*
digitum → *dedo*
- 18) *vocalização* — substituição de uma consoante por vogal.
delectare → *deleitar*
intēgra → *inteira*
cathēdra → *cadeira*
perfectum → *perfeito*
actum → { *aito* (forma antiga)
 auto
- 19) *hipértese* — transposição de um fonema de uma sílaba para outra.
 desvario = *desvairo*
O povo inculto diz *auga* em vez de *água*.
- 20) *hiperbibismo* (designação geral para a *sístole* e a *diástole*): — *sístole* e *diástole* são termos usados para indicar, em medicina, a *contração* (*sístole*) e a *distensão* (*diástole*) do coração.
- a) *sístole* — quando o acento tônico recua para a sílaba anterior.
Ex.: Em latim: *idólum*; em português: *ídolo*.
Ex.: Téseo em vez de Teseu (Camões fez assim por licença poética).
- b) *diástole* — quando o acento tônico avança para a sílaba seguinte.
Ex.: *impía* em vez de *ímpia* (Bocage); *idolátra* em vez de *idólatra* (Camões).
- No *sermo vulgaris* medieval, foi comum a *diástole*:
Ex.: *legēre* - *legere* - leer - ler
 ponēre - *ponere* - poër - pôr
(e muitos verbos da 3.ª conjugação latina).
linteolum - *linteolum* - lençol
límitem - limite

- 21) *metátese* — transposição de um fonema dentro da mesma sílaba.
pro → *por*
inter → *entre*
super → *sobre*
 O povo inculto diz: *eravão* em vez de *carvão*; *purcissão* em vez de *procissão*.
- 22) *diérese* — separação de duas vogais, formando hiato. É o contrário de *sinérese*.
 Ex.: freqüente (*fre qü en te*)
 (repare na pronúncia de *quente*, em que não há diérese).
- 23) *sonorização* (é o contrário do *abrandamento*) — substituição de um som brando por um forte.
 Ex.: *vindicare* → *vingar*
dicere → *dicere* → *dizer*
- 24) *prolação* ou *prolongação* — quando surge um som, numa parte da palavra, devido a haver um outro igual.
 Ex.: *mihi* → *mi* → *mim*
 (houve prolação do *m* inicial)
- 25) *intercalação* ou *suarabácti* — quando há vogal interposta para desunir consoantes incompatíveis. Ex.: *carapinteiro* por *car-pinteiro*; *adevogado*, *indiguiñar-se* (estas formas são do povo inculto).
- 26) *nasalação* — quando uma vogal tem um som produzido pelas fossas nasais.
 Ex.: *mihi* → *mi* (português arcaico) → *mim* (como em *mi* o *i* era nasalado, começaram a escrever mais um *m*, ficando *mim*).
ad + sic → *assi* → *assim*
multum → *multo*
 (*muito* é pronunciado *mun ito* por influência do *m* inicial; dizemos, porém, sem nasalação: *gratuito*, *circuito*, *fortuito*, *intuito*). Os estrangeiros, ao aprenderem a língua, lêem *mú ito* sem nasalação.
- 27) *desnasalação* — o contrário de nasalação; quando uma vogal nasal passa a ser simples.
 Ex.: *alienum* → *alhen* → *alhêo* (o *e* era nasalado antigamente) → *alhêo* → *alheio*; → *sanativum* → *sãadio* → *sadio*.
arenam → *arêa* → *areia*
frenum → *frêo* → *freio-freio*
senum → *sêo* → *seo-seio*
lunam → *lũa-lua*
unam → *ũa-uma*
coronam → *corôa-coroa*
- 28) *palatalização* — transformação de um fonema num *palatal*.
valéo → *valho*
valëam → *valha*
tollere → *tollere* → *tolher*

- 29) *labialização* — transformação de um fonema num fonema labial.
vipera → víbora
- 30) *hendíadis* ou *hendíade* (do grego *hen*, *dia*, *duoin* = uma coisa por duas palavras) — quando se substitui um substantivo seguido de adjetivo ou complemento no genitivo, por dois substantivos.
Ex.: Vestem-se elas *de côres e de sêdas* (Camões) = Vestem-se elas *de sêdas de várias côres* ou *de sêdas coloridas*.
- 31) *próclise* — quando uma palavra anteposta a outra sofre a acentuação desta, formando ambas como uma só palavra.
Ex.: *santo* tornou-se *san* e *são* antes dos nomes próprios começados por consoante: *São João*; *São Pedro*. *Belo* tornou-se *bel* antes da palavra *prazer*. (*A seu bel-prazer* (locução adverbial modal) = *à sua vontade*).
- 32) *ênclise* — quando uma palavra posta depois de outra, sofre a acentuação desta, formando ambas como uma só palavra.
Ex.: *amare illum* (latim) deu *amallo* (assimilação consonântica, regressiva, perfeita). Depois, caiu o 1.º *l*, ficando *amá-lo* (em espanhol: *amar-lo*; *decir-lo*; *hablar-lo*); *dicit illum* (*diz-lo*) *dí-lo*; *tu facis illum*, *tu* (*fázes-lo*), *tu fáze-lo*; etc.

AS CONSOANTES HOMORGANICAS

São as formadas por um mesmo órgão (labial, dental, gutural, palatal)

b p; d t; f v;
z c; g c; r l

Na passagem do latim popular para o português, estas letras oscilam. Por isso ainda hoje há palavras sincréticas (isto é, com duas formas) como: *aluguer* e *aluguel*; *frecha* e *flecha*; *cobarde* e *covarde*; *taberna* e *taverna*. Por isso é que o povo inculto, *em tôdas as línguas*, troca o *b* pelo *v*, o *r* pelo *l*, etc.

LEIS FONÉTICAS

- 1) *Lei do mínimo esforço*: tendência para diminuir a intensidade de qualquer trabalho.
Ex.: *desacoroçoar* ou *descoroçoar* quer dizer: ficar sem ânimo, sem coragem, sem *coração*. Vem de: *des* + *coração* + *ar*.
O povo, porém, diz: *descorçoar* e *desacorçoar*.
* *Entretimento*. O povo diz: *entretimento*.
- 2) *Lei da contração do vocábulo* (corolário da 1.ª lei): tendência que, nas línguas derivadas, as palavras têm para se atrofiar, comparadas com as da língua-mãe.
Ex.: *Cinematógrafo* vem do grego *Kineo* = eu movo + *graphos* = escrever). Mas logo se atrofiou em *cinema* e, ainda mais em *cine*.

apiculam → abelha
 oviculam → ovelha
 cuniculum → coelho
 septimana → semana

- 3) *Lei da analogia*: tendência do espírito em empregar termo ou expressões, guiando-se pela *semelhança* de objetos ou fenômenos. É a base da *metáfora*.

Ex.: Na *flor* dos anos (= na juventude)

cabeça de alfinete
fralda ou *falda* de um monte
leito do rio
barriga da perna
dente de alho, de engrenagem.

- Outrora os verbos *impedir*, *despedir* e *expedir* faziam assim no indicativo presente: eu *impido* (do latim *impedio*) eu *expido*, (*expedio*), ou *despido*. Depois, por analogia com *peço* (do verbo *pedir*; em latim *peto* = *peço*), começaram a dizer: eu *impeço*, eu *expeço*, eu *despeço*.

- Os verbos latinos da 3.^a conjugação tinham o penúltimo *e* do infinito breve, como *facere*, *dicere* e outros. Por analogia, porém, com os da 2.^a, em que o penúltimo *e* é longo, como *tenere*, *jacere*, começou o povo medieval, no seu *sermo vulgaris*, a dizer

por ex.: *facere* → *facere* → fazer
dicere → *dicere* → dizer
legere → *legere* → leer → ler
ponere → *ponere* → poer → pôr
querere → *querere* → querer

- Em geral, os substantivos e adjetivos portugueses vêm do *acusativo do singular latino*, tirando-se-lhe o *m* final: *coelum* = céu; *forum* = foro; *cattum* = gato; *mensam* = mesa; *amicam* = amiga. Às vezes, porém, por *falsa analogia* com os substantivos femininos de igual desinência em *a*, vêm-se *palavras neutras latinas, no plural, terminadas em a*, que dão origem a palavras portuguesas.

Ex.: *folium*, singular, deu *fólho*; *folia*, plural, deu *fólha*.

<i>lignum</i> (= lenho)	(plural: <i>ligna</i>)	a lenha
<i>actum</i>	(» <i>acta</i>)	a ata
<i>velum</i>	(» <i>vela</i>)	a vela
<i>pirum</i>	(» <i>pira</i>)	pêra
<i>opus</i>	(» <i>opera</i>)	a ópera
<i>mirabilium</i>	(» <i>mirabilia</i>)	a maravilha
<i>vestimentum</i>	(» <i>vestimenta</i>)	a vestimenta
<i>myrtum</i>	(» <i>myrta</i>)	a murta
<i>ferramentum</i>	(» <i>ferramenta</i>)	a ferramenta
<i>festum</i>	(» <i>festi</i>)	a festa

NOTA: Vê-se bem que vêm do *neutro latino, plural*, observando que ainda hoje se diz a *fólha* (= folhagem); a *ferramenta* (= utensílios); a *vestimenta* (= as roupas).

Veja-se a analogia nas línguas novilatinas ou românicas:

Latim	Português	Espanhol	Francês	Italiano	Romeno	Rético	Provençal
<i>aurum-i</i>	ouro	oro	or	oro	aur	or	aur
<i>flos-floris</i>	flor frol (antigo)	flor	fleur	fiore	floare	flur	flor
<i>cauda-ae</i>	cauda	cauda	queue	coda	coada	kua	coza

- 4) *Lei da persistência da sílaba tônica*: tendência que as palavras têm em *guardar* o mesmo acento que tinham na língua-mãe. As línguas românicas ou novilatinas mostram a verdade desta lei, pois as palavras conservam, em geral, o *acento* que tinham no *sermo vulgaris* ou latim popular. *Acento* vem de *ad + cantum*; é a *alma da palavra*; é o *centro fonético da sílaba da palavra*; as outras sílabas são *átonas*, quer as que estão *antes* (pretônicas), quer as que estão *depois* (postônicas). A determinação da *sílaba tônica* em latim depende do *timbre* ou *quantidade*: *longa* (—) = duas moras, e *breve* (˘) = uma mora. Em português, a *quantidade* foi substituída pela *tonicidade*, isto é, a maior força da voz em certa sílaba de uma palavra.

legēre — legēre (latim popular) → leer-ler

dōminam → dona

dōminum → dono

quiritare → gritar

māculam → mácula, mágoa, malha, mancha.

NOTA: Há, é claro, sempre exceções às regras. Ex.: *Cleópatra* (pronúncia grega); *Cleopatra* (pronúncia latina). Em português, preferiu-se *Cleópatra* à maneira grega.

- 5) *Lei da persistência da consoante inicial*: tendência para guardar a mesma *consoante inicial* que tinham na língua-mãe.

digitum → dedo

fornacula → fornalha

hominem → homem

januarius → janeiro

lintheum → lenço

feminam → fêmea

rotulum → rótulo

valēre → valer, etc.

- 6) *Lei da clareza pelo analitismo*: tendência que as línguas têm para a clareza, para que o pensamento seja bem explanado. As línguas, como as ciências dos povos, são, ao princípio, *sintéticas* e, pouco a pouco, tornam-se *analíticas*.

Assim o *latim puro*, *latim de ouro* ou *sermo eruditus*, *sintético*, com *casos*, foi substituído, na Idade Média, pelo *latim popular*, cheio de *preposições*. Os verbos em português têm muito mais tempos, pois há 4 auxiliares: *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.

A passagem de vogais e consoantes do latim popular para o português

1) VOGAIS

a) Vogais pretônicas (que estão antes da tônica)

* As *iniciais*, sem apoio em consoante, caem às vezes. Ex.: *episcopum* > bispo; *acumen* > gume e cume; *attonitum* > tonto.

* Quando há mais de uma sílaba pretônica, cai geralmente a vogal que está unida à tônica. Ex.:

verecundiam > ver(e)gonça; > ver(e)gonha (caiu o *e*)

bonitatem > bon(i)dade (caiu o *i*).

malitatem > mal(i)dade (caiu o *i*).

b) Vogais postônicas (que estão depois da tônica)

* Se estiverem no *fim* da palavra e terminarem em *i*, este *i* transforma-se em *e*. Ex.: *partit* > parte; *bibit* > bebe.

* Se estiverem no fim e terminarem em *u*, este *u* transforma-se em *o*. Ex.: *cervum* > cervo; *servum* > servo.

* Depois de *r*, *l*, *z* e *n*, a vogal *e* cai geralmente.

Ex.: *mare* > mar; *crudelem* > cruel; *decem* > deze > dez; *sine* > sem.

* Se estiverem no *meio* da palavra, as vogais caem geralmente. Ex.: *dominam* > dona; *viridem* > verde.

c) Vogais tônicas

A determinação da *sílaba tônica* em latim depende do *timbre* ou *quantidade* (= tempo de duração de uma vogal): *longa* (—) = duas moras; (*mora* = demora, delonga); e *breve* (˘) = uma mora.

Em português o *timbre* ou *quantidade* foi substituído pela *tonicidade*, isto é, a *maior força da voz*, em certa sílaba de uma palavra.

* A vogal *a* longa (—) ou *breve* (˘) conserva-se geralmente: *pratūm* > prado; *āquā* > água.

Há exceções. Ex.: *famem* > fome; *lactem* > leite > leite; *primarium* > primeiro > primeiro.

* A vogal *e* conserva-se, geralmente.

A vogal *e* longa deu geralmente *ê* (fechado): *sebum* > sebo.

A vogal *e* breve deu geralmente *é* (aberto): *nebulam* > névoa.

Há exceções.

* A vogal *i* longa conserva-se, geralmente: *ficum* > figo.

Há exceções: *silvā* > selva.

A vogal *i* breve da *ê*: *cito* > cedo; *pilum* > pêlo.

Há exceções: *nivem* > neve; *fidem* > fee > fé.

* A vogal *o* longa dá *ô* (fechado): *totum* > todo.

A vogal *o* breve dá *ó* (aberto): *novem* > nove.

Há exceções: { *vocem* (o longo) > voz (com o aberto);
 { *focum* (o breve) > fogo (com o fechado).

* A vogal *u* longa dá *u*. Ex.: *acutum* > agudo.

A vogal *u* breve dá *ô*. Ex.: *lupum* > lobo; às vezes, conserva-se: *ducem* > duque; às vezes, transforma-se em *ô*: *nucem* > noz.

d) Ditongos

Ditongo (do grego *di* = duplo + *phthongos* = som) é um grupo de duas vogais pronunciadas de um só impulso.

Prepositiva — a 1.^a vogal.

Subjuntiva — a 2.^a vogal.

* *au* deu *ô* (aberto): *pauperem* > pobre; deu *a*: *augustum* > agôs-to; deu *ou* e *oi*: *aurum* > ouro e oiro.

* *ae* deu *ê* (aberto): *caelum* > céu; *praedicare* > prègar.

* *oe* deu *ê* (fechado): *poenam* > pena.

* *Formaram-se em português muitos ditongos. Ex.:*

amatis > amades > amais
perfectum > perfeito
fructum > fruto (hoje: fruto)
laxare > laixar > deixar > deixar
absentem > ausente
alterum > outro
rabiam > raiva
feriam > feira
froenum > freo > freio
telam > tea > teia
arenam > arêa > areia
coenam > cea > ceia.

* Muitos ditongos românicos, isto é, formados do *latim popular*, do *romanzo* ou *romance*, desapareceram:

fructum > fruto > fruto
crassiam > graixa > graxa
coxam > coixa > coxa
aetatem > idade > idade
lectionem > leição > lição
ceresiam > cereija > cereja
ecclesiam > eigreja > igreja
aequalem ou *adaequalem* > eigual e iugual > igual.

2) CONSOANTES

A consoante que representa mais sons, é o *x*.

x { vale *s* : texto
 vale *z* : exame
 vale *cs* : fixo
 vale *ss* : próximo
 vale *ch* : luxo

a) consoantes no começo da palavra:

Segundo a lei fonética da persistência da consoante inicial, o português conservou, em geral, a consoante inicial das palavras latinas: *hominem* > homem; *feminam* > fêmea; *linteum* > lenço; *tollere* > to-lher, etc.

Há exceções, devido a várias causas: ou a consoante se alterou por um fenómeno sintático, tornando-se intervocálica: (*illu*)*cattu* > gato; ou se alterou no latim vulgar; ou sofreu a influência de outro som próximo; ou o vocábulo não veio directamente do latim, mas por inter-médio de outra língua.

* o *c* transformou-se em *g*: $\left\{ \begin{array}{l} cattum > \text{gato} \\ caveolam > \text{gaiola} \\ caveam > \text{gávea} \end{array} \right.$

* o *l* em *r*: *lusciniolum* > rouxinol (veio através do provençal: *ro-sinhol*)

* o *l* em *n*: *libellum* > nível e nível

* o *n* em *m*: *nasturtium* > masturço e mastruço (= planta crucí-fera, medicinal)

* A palavra *lembrar* vem de: *memorare* > membrar, nembrar (ar-caicos) > lembrar (1)

* $\left\{ \begin{array}{l} o \text{ } v \text{ em } b: vesicam > \text{bexiga} \\ o \text{ } v \text{ em } g: vastare > \text{gastar} \\ o \text{ } v \text{ em } f: verruculum > \text{ferrôlho} \end{array} \right.$

* o *j* em *z*: *juniperum* ou *jiniperum* > zimbro (= árvore, cujos bagos se aplicam na fabricação da *genebra*).

b) consoantes no meio da palavra:

b	dá <i>v</i>	habere > haver
	cai	praebenda > prenda
	conserva-se	sabucum > sabugo
(A confusão entre o <i>b</i> e o <i>v</i> dá-se já no latim clássico, diz J. J. Nunes).		
c	dá <i>z</i> ou <i>ç</i>	facere > fazer
	antes de <i>e</i> e <i>i</i>	decem > dez
		vicinum > vizinho
		lanceam > lança
d		faciem > face
	cai	fidelem > fiel
	seguido de <i>i</i> ,	hodie > hoje
	muda para <i>j</i>	invidiam > inveja
f	dá <i>v</i>	trifolium > trevo
	conserva-se	praefectum > prefeito

(1) Nunes (Gram. Hist. Port.): em *memorare* deu-se a síncope do *o*; ficou um grupo românico difícil *mr*, que se resolveu com a epêntese de um *b*: *memorare*, *mem'rare*, *membrar*. Em espanhol e italiano antigos, vê-se *membrar*; em francês antigo: *membre*. Mais tarde, por dissimilação, o *m* mudou-se em *n*: *nembrar* (Leite de Vasconcelos, Cortesão, Said Ali). Encontra-se *membrar* na «Cantiga de Santa Maria», 256; *nembrar* no «Leal Conselheiro»; e também *lembrar* (pág. 4 e 41). (Vide Dicion. Etimol. de Nascentes).

<i>g</i>	cai antes de a, o conserva-se vocaliza-se cai	ego > eo > eu legalem > leal rogare > rogar plagam > praia; fageam > faia sigillum > sêlo
<i>j</i>	conserva-se conserva o som latino de <i>i</i>	cujus > cujo; majorem > maior majorem > maior pejorem > pior (ou peor)
<i>l</i>	cai conserva-se antes de <i>e</i> ou <i>i</i> dá <i>lh</i>	coelum > céu; malum > mau salem > sal; solitarium > solteiro > solteiro
<i>m</i>	conserva-se	filiam > filha; paleam > palha lacrimam > lágrima
<i>n</i>	conserva-se muda para <i>l</i>	asinum > asno memorare > nembrar > lembrar animam > alma
	torna nasal a vogal ante- rior, desa- parecendo, depois, a nasalação conserva a nasalação dá <i>nh</i> antes de <i>e, i, u</i> dá <i>b</i>	lunam > lũa > lua (nasalada) maniana > manhã vineam > vinha
<i>p</i>	dá <i>b</i> , e de- pois o <i>b</i> dá <i>v</i>	ripam > riba; saporem > sabor; cupam > cuba; superbum > soberbo populum > poboo > povo
<i>q</i>	dá <i>g</i> antes de <i>u</i> muda para <i>c</i>	equam > égua aquilam > águia quinque > cinque (latim popular) > cinco
<i>r</i>	conserva-se	aratrum > arado parabolam > palavra (o <i>r</i> mudou de lugar)
<i>s</i>	tinha em la- tim o som de dois <i>ss</i> ; em português tem o som de <i>z</i> dá <i>j</i> antes de <i>e e i</i> dá <i>x</i>	rosam (rossam) > rosa mensam > mesa basium > beijo; caseum > queijo vesicam > bexiga
<i>t</i>	abranda-se em <i>d</i>	acetum > azêdo solitatem > soidade

v	antes de <i>e e</i> <i>i</i> dá <i>z</i> ou <i>ç</i>	tristitiam > tristeza palatium > paço plateam > praça
	conserva-se	vivere > viver pavonem > pavão pluviam > chuva
	cai na terminação <i>ivum</i>	vacivum > vazio; estivum > estio

c) consoantes no fim da palavra

No latim clássico, as palavras terminavam pelas consoantes seguintes: *b c d l t r s m n*.

Em português, conservaram-se:

<i>m n</i>	nos monossílabos:	{ cum > com in > em
	nasalam a vogal anterior:	{ latronem > ladrom (arcaico) > ladrão
<i>b</i>	no monossílabo <i>sob</i> :	sub > sob
<i>r</i>	por metátese:	{ inter > entre super > sobre
<i>s</i>	ficou nos verbos:	{ amamus > amamos
	nos nomes próprios:	{ Marcus > Marcos
<i>l</i>	por queda de sons	{ crudelem > cruel
<i>r</i>	por queda de sons	{ amare > amar

3) GRUPOS CONSONANTAIS

(= duas ou mais consoantes no corpo das palavras)

a) iniciais

<i>sm</i>	toma um <i>e</i> , antes	smaradgum ou smaralda > esmeralda
<i>cr</i>	conserva-se	credere > crer
	muda para <i>gr</i>	cretam > greda (= espécie de barro) quiritare > gritar
<i>cl</i>	dá <i>ch</i>	clamare > chamar
	dá <i>cr</i>	claviculam > cravelha
<i>fl</i>	dá <i>ch</i>	flammam > chama
	dá <i>fr</i>	flocum > froco (ou floco)
<i>bl</i>	dá <i>br</i>	blandum > brando (ou blando)
<i>gl</i>	dá <i>gr</i>	glutem > grude
	cai o <i>g</i>	glattire > latir

<i>pl</i>	muda para <i>ch</i>	plorare > chorar
	muda para <i>pr</i>	plicare > pregar
<i>qu</i>	conserva-se	quem > quem
	antes de <i>e</i> e <i>i</i>	quindecim > quinze
	muda para <i>c</i>	quomodo > como
	antes de <i>a</i> e <i>o</i>	quaternion > quaderno > caderno

Os grupos *pr*, *fr*, *br*, *dr*, *tr*, *gr* conservam-se:
prædicare > pregar; *fractionem* > fração, etc.

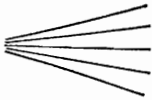
b) mediais

<i>br</i>	precedido de consoante, conserva-se	membrum > membro
	precedido de vogal, abranda-se	librum > livro
<i>cr</i>	precedido de consoante, conserva-se	scribere > escrever
	precedido de vogal, abranda-se	lacrimam > lágrima
<i>fr</i>	precedido de consoante, conserva-se	exfricare > esfregar
	precedido de vogal, abranda-se	saxifraga > seixebrega
<i>pr</i>	precedido de consoante, conserva-se	dispretiare > desprezar
	precedido de vogal, abranda-se	aprilem > abril
<i>tr</i>	precedido de consoante, conserva-se	monstrare > mostrar
	precedido de vogal, abranda-se	patrem > padre
<i>cl</i>	entre vogais dá <i>lh</i>	spec(u)lum > espelho
<i>pl</i>	entre vogais dá <i>lh</i>	scop(u)lum > escolho (= recife)
	entre vogais dá <i>br</i>	duplare > dobrar
<i>gl</i>	entre vogais dá <i>gr</i>	reg(u)lam > regra
	entre vogais dá <i>lh</i>	teg(u)lam > telha
<i>bl</i>	entre vogais dá <i>br</i>	nob(i)lem > nobre
	entre vogais dá <i>lh</i>	trib(u)lum > trilho
<i>cl</i>	dá <i>ch</i> — maculam > macla e mancla > mancha	
	dá <i>cr</i> — concludere > concludire > concurir > concluir	
<i>gl</i>	dá <i>lh</i> — cing(u)lam > cinlha (arcaico) > cilha	
	dá, às vezes, <i>nh</i> — ung(u)lam > unha	

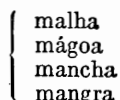
<i>gn</i>	dã, às vêzes, <i>nh</i> — agnum > anho (= cordeirinho)
<i>fl</i>	dã <i>ch</i> — inflare > inchar
	dã <i>fr</i> — affligere > affrigir (arcaico) > affligir
<i>bl</i>	dã <i>br</i> — obligare > obrigar
<i>pl</i>	dã <i>ch</i> — implere > encher
	dã <i>pr</i> — complere > complire > comprar > cumprir

FORMAS DIVERGENTES: SUAS CAUSAS

Formas divergentes ou *alotrópicas* — são duas ou mais palavras, oriundas de uma só. As formas *divergentes* provêm, em geral, de palavras latinas.

Ex.: *maculam* (latim)  mácula
malha
mágoa
mancha
mangra (ferrugem que dá nas espigas)

palatium (latim)  palácio
paço

- Causas:
- 1) a *corrente popular*. As palavras do *latim popular* foram-se transformado em formas portuguesas.
Ex.: *maculam* deu 4 formas populares:  malha
mágoa
mancha
mangra
 - 2) a *corrente erudita*. Começou no século XIV com as pessoas eruditas ou cultas e intensificou-se no século XVI, na Renascença, devido ao estudo forte do *Latim de ouro*. Muitas palavras latinas surgiram, escritas do mesmo modo como eram em *latim de ouro*, com a desinência apenas portuguesa.
Ex.: *maculam* deu pela corrente erudita: *mácula*.
 - 3) a *corrente semi-erudita*. Quando há palavras eruditas, modificadas pela corrente popular.

Ex.:

Latim	Forma erudita	semi-erudita	popular
latinum	latino	ladino	ladinho
finitum	finito	findo	fino
plagam	plaga	praia e praga	chaga
Germanum	Germano	Hermano e mano	irmão

- 4) *a corrente estrangeira*. Começou propriamente no século XII, quando entraram os *trovadores* ou poetas franceses da Provença (condado ao sul da França) em Portugal. Levaram palavras de vária origem, e de origem latina sob outra forma, aparecendo assim palavras portuguesas com duas, três e até quatro formas. Havia também já palavras germânicas, árabes, etc., em Portugal, devido à invasão de germanos (século V) e de árabes (século VIII).

Ex.: *planum*

deu: { pela corrente *popular*: *chão*
pela corrente *erudita*: *plano*
pela corrente *estrangeira*: { *lhano* (espanhol)
piano (italiano)

Causas:

- 5) *a derivação de dois casos lexicogênicos*. O caso lexicogênico geral é o acusativo do singular. Ex.: *latro-nem* deu *ladrão*. Às vezes, porém, o caso lexicogênico é o nominativo do singular. Ex.: *latro* deu *ladro* (*latro*, *latronis* = ladrão ou ladro; feminino: *ladra*).

Outras vezes, é o nominativo do plural.

Ex.: O acusativo do singular *lignum* deu *lenho*. No plural, o nominativo *ligna* deu *lenha*.

Latim	Nominativo do singular	Acusativo do singular
Pavo-pavonis	pavo	pavão (de pavonem)
Cícero-ciceronis	Cícero	Cicerão (de Ciceronem)
Júpiter-Jovis	Júpiter	Jove (de Jovem)
Drago-dragonis	Drago	dragão (de dragonem)
latro-latronis	ladro	ladrão (latronem)

LEIS DA SEMÂNTICA

Semântica ou *semiótica* ou *sematologia* (do grego *semantike techne* = ciência das significações) — é o estudo da mudança da significação das palavras através dos tempos.

- 1) *Lei da especialidade* (formulada por Michel Bréal) — pela qual o espírito humano procura substituir formas *variáveis* por outras *invariáveis e independentes*.

Ex.: No latim, os *casos* (sobretudo o ablativo) que indicavam circunstâncias de um modo vago foram substituídos nas línguas neolatinas por *preposições*, que as indicam claramente, invariavelmente. As línguas caminham, em geral, do *sintético* para o *analítico*.

- 2) *Lei da repartição* — pela qual o espírito humano *reparte* sentidos vários que havia numa só palavra, por *muitas palavras*, para especificar os sentidos. Por isso não há *sinónimos* absolutamente iguais.

Ex.: Vou *ao* Rio e vou *para* o Rio. Há diferença específica no sentido (vou *ao* Rio = vou para voltar logo; vou *para* o Rio = vou para ficar lá muitos dias).

Religião e *religiosidade* (têm a mesma etimologia, mas a significação é diferente).

- 3) *Lei da restrição do sentido* — pela qual o espírito humano deixa o *sentido geral de uma palavra* para lhe dar um *sentido especial*.

Ex.: Vou *à cidade* (o povo refere-se à cidade que está perto, a *Campinas*, *Rio Claro* ou outra; na mesma cidade, o povo quer dizer que vai *ao centro* da cidade).

* *britar* significava: *quebrar qualquer coisa*; — hoje significa apenas: *quebrar pedra*.

* *mana* significava *companheira*, amiga; hoje: *irmã*.

* Os nomes *patronímicos* e *toponímicos*, como: *Carvalho*, *Cordeiro*, *Penteado*, *Lôbo*, *Campinas*, *Ribeirão*, *Saudade* (há várias terras no Brasil com este nome; há até *Saudades-de-baixo* e *Saudades-de-cima*; os portugueses, espanhóis e ingleses fundaram, nas Américas, milhares de povoações, pondo-lhes, saudosamente, o nome da sua terra natal).

* *tratante* era, no século XVI, um homem que *fazia tratos, contratos*; era um *negociante*; hoje é um velhaco, um desonesto.

* *brasileiro* era, no século XVI, um *negociante de pau-brasil*. Hoje, indica: *nacional*, o filho do Brasil.

- 4) *Lei da dilatação do sentido* — pela qual o espírito humano *estende o sentido especial de uma palavra*.

Exemplos:

* *cabo* significava só *extremo*. Hoje: *extremo*, *promontório*, *autoridade militar*, etc.

* *irmão* significava só *filho dos mesmos pais*; hoje: membro de sociedade religiosa, de uma nação, de um Estado, etc.

* *pecúnia* em latim, queria dizer *gado* (*pecus* = gado); como o *gado* servia para *trocas* no comércio, a palavra *pecúnia* começou a significar *dinheiro*.

* *marinheiro* significa também no norte do Brasil: o *português* (porque os portugueses foram grandes marinheiros).

* *Judas*, *César*, *Dom Quixote*, *Nero*, e outros nomes próprios célebres, deram origem a outros sentidos: *os Judas* (= os traidores); *os Césares* (= os orgulhosos); *os Quixotes* (= os idealistas, os aventureiros); *os Neros* (= os cruéis); *os Carrascos* (= os cruéis, porque houve um Belchior Nunes Carrasco, que foi um célebre algoz de Lisboa).

- 5) *Lei da concretização* — pela qual a palavra abstrata designa objetos concretos.

Ex.: *Lembrança* significava *recordação*; hoje significa também: *brinde*, presente.

Faculdade significava *habilidade, talento*; hoje significa também: *ciência de escola superior* e *edifício da escola superior*.

- 6) *Lei da concomitância* ou *contágio* (Bréal) — pela qual uma palavra, que costuma usar-se perto de outra, toma o significado desta. Ex.: *Não o farei jamais*. A negativa *não* emprega-se às vezes com *jamais* para reforçar a negação embora *jamais* (*jam + magis* em latim) não tenha sentido negativo; mas, como começou a empregar-se perto de *não*, começou *jamais* a exprimir negação.

Ex.: Você vai lá? — *Jamais* (= *de modo nenhum* eu irei).

AS TRÊS DECLINAÇÕES DO LATIM POPULAR

Em *latim de ouro* havia 5 declinações.

No *latim popular* da Idade Média ou *sermo vulgaris* foram reduzidas a 3.

→ A 4.^a foi reduzida à 2.^a.

Ex.: *fructus-us* (da 4.^a) passou a declinar-se como *fructus-i* (da 2.^a) → *fruito* → *fruto*.

→ A 5.^a foi reduzida à 1.^a.

Ex.: *dies-diei* (da 5.^a) passou a declinar-se como *dia-diae* (da 1.^a).

* → Os adjetivos (triformes, biformes e uniformes) acompanharam o destino dos substantivos, acomodando-se a eles.

O CASO LEXICOGENICO (OU GERADOR)

→ Caso que *gera* as palavras portuguesas.

E' o *acusativo* (caso regime) *do singular*, e, às vezes, o *nominativo do plural* (veja pág. 322).

* → Raramente há outros casos.

Nom. singular → *Júpiter-Jovis* (3.^a). — O nominativo deu *Júpiter*. O acusativo *Jovem* deu *Jove*. Os patronímicos em geral vêm do *Nom.* às vezes do *Gen.* Ex.: Martinici = Martins.

Dativo → *illi* → *lhe*.

Ablativo → *loco* (de *locus-i*) = no lugar → *logo*.

O DESAPARECIMENTO DO NEUTRO

Houve em latim o *neutro* alheio à idéia do *sexo*.

Em português, devido à lei glótica da clareza e simplicidade, desapareceu. O *neutro* desapareceu em todas as línguas novilatinas.

O *plural neutro*, *folia* por exemplo (*folium-ü* = fôlho, plural *folia*) deu fôlha, que é feminino em português.

Mas há alguns vestígios do neutro, nas construções sintáticas:

→ Maçã é *bom* para o estômago. (*Bom* não é masculino; é vestígio do neutro).

→ Ele está triste, mas eu não o estou. (= Ele está triste, mas eu não estou *isso*).

E também há vestígios do neutro em: *isto, isso, aquilo, o belo, o justo*.

FATOS DEVIDOS À ANALOGIA

→ veja a analogia (pág. 355).

E' o fenômeno comum das línguas, através dos tempos, pois o povo, criador das línguas, tende para a simplicidade.

Ex.: *septentrionalis-e* = setentrional

meridialis-e = meridiano = do meio-dia (adjetivo).

Por analogia com *setentrional*, o povo começou a dizer: *meridional*.

JUSTIFICAÇÃO DAS REGRAS REFERENTES ÀS FLEXÕES DE GÊNERO E DE NÚMERO, E A GRADUAÇÃO SINTÉTICA

Flexão de gênero:

→ Em geral, os da 1.^a são femininos: *mensa* = mesa.

Mas há alguns que são masculinos: *poeta-ae* = poeta.

Alguns da 4.^a como *platanu-us* (4) = o plátano, passaram a ser masculinos, por analogia com os da 2.^a (*servus-i* = servo) que também terminam em *us*.

* As palavras em *esa, essa, isa* vêm de *issa* (*itia*), muito usada no baixo latim: — *condessa* (de *comitissa*); *prioresa* (de *priorissa*); *poetisa* (de *poetissa*).

* As palavras em *or, ês e ol* não variavam no feminino: o *senhor*, a *senhor*; o *português*, a *português*; o *espanhol*; a *espanhol*.

Flexão de número:

* O sânscrito e o grego tinham 3 números: *singular, plural* e *dual*. No latim o *dual* ficou só em: *ambo* e *duo*.

* Acrescenta-se um *s* (é regra geral).

* Alguns são usados só no *plural*: (as núpcias, as calendas).

* Alguns são usados só no *singular*: a *caridade*.

* Alguns são usados no *singular* e no *plural*: a *calça* e as *calças*.

* O plural dos nomes terminados em *ão* formou-se com o acréscimo de *s* às formas antigas em *õe, ãe, ão*, dando, pois: *ões, ães* e *ãos*, conforme os plurais latinos, no acusativo, das palavras terminadas em *ones, anes, anos* (*manus* — mãos; *panes* — pães; *pavones* — pavões).

* Os terminados em *el* e *il* deram: *eles, íles*: *papeles, fáceles*; depois, deram *papees, fácies*; finalmente: *papéis, fáceis*.

* Som teve o plural *sões*. *Dom, dões*. Hoje, diz-se: sons, dons.

* Os nomes em *al, ol, ul* deram: *ales, oles, ules* (do latim: *ales, oles, ules*) como: *capitales, soles, paúles* (hoje: *capitais, sóis, paúes*).

* O latim tinha *casos*. Era língua sintética.

O português tornou-se analítico, isto é, passou a usar *preposições* que substituíram os casos, isto é, as flexões dos substantivos.

Nominativo (sem preposição) → era o caso do sujeito e atributo.

Vocativo { → ó João! (interjeições: *ó, oh!* (*ó* nos vocativos).
→ oh! que beleza! (*oh!* nas exclamações).

Genitivo — restritivo (prep. *de*): Livro *de* Pedro.

Dativo → objeto indireto: preposição *a*. Dei um livro *a* Pedro.

Acusativo → obj. direto (sem preposição). Dei *um* livro. Às vezes, há preposição. Amar *a* Deus. Louvou João *a* Pedro.

Ablativo (complementos circunstanciais): preposições *por, com, em*, etc. Ex.: João foi morto *por* Pedro; vou *com* o João; estou *em* férias, etc.

* Graduação sintética:

1) GRAUS DO SUBSTANTIVO:

aumentativo (tem os sufixos *ão, astro, aça, arra*): livrão, poetastro, mulheraça, bocarra.

diminutivo (tem os sufixos *inho, zinho, ito, ico, eto, ucho*): filhinho, florzinha, rapazito, burrico, espadim, folheto.

pejorativo: poetastro (= mau poeta), mulheraça, fidalgote.

afetivo: Julinho, mãezinha, noivinha.

2) GRAUS DO ADJETIVO:

Comparativo de superioridade.

Hoje, dizemos, por exemplo: ele é mais bonito *que* (ou do *que*) João. Em português antigo, usou-se *ca* (do latim: *quam*). Ex.: «E que peor poss'aver *ca* seu desamor?» e que pior possa haver *do que* seu desamor?

Formas de comparativos sintéticos, oriundas do latim:

{ *bom* — melhor
mau — peor (ou pior)
grande — maior
pequeno — menor

3) SUPERLATIVOS ABSOLUTOS SINTÉTICOS:

Formavam-se, em latim, acrescentando-se à raiz do positivo as

terminações: { *issimus-a-um*
rimus-a-um
limus-a-um

Em latim: { *felic issimus*
acer rimus
facil limus

Em português: { *felicíssimo*
acérrimo
facilímo

Estes superlativos apareceram em português só no século XVI, com a Renascença, devido ao estudo do latim de ouro.

* No latim, encontra-se o reforço do superlativo, como *multo formosissimus*. Alguns clássicos usaram-no igualmente. Ex.: *E' mui fertilíssima de todos os mantimentos do mundo* (João de Barros); *dos mui muito ciúmes* (= muitíssimos ciúmes) (Gil Vicente).

* Superlativos irregulares vidos do latim:

{	ótimo	{	mínimo
	péssimo		ínfimo
	máximo		

AS TRÊS CONJUGAÇÕES DO LATIM POPULAR

* Em latim havia 4 conjugações:

* Em português houve primeiro só 3, porque, em geral, os verbos da 3.^a conjugação latina, como *legēre*, passaram a pronunciar-se na Idade Média, como se fôssem da 2.^a.

Ex.: *legēre, legēre, leer, ler*.

Os da 3.^a passaram para a 2.^a. Alguns da 3.^a como *conducēre* passaram a pronunciar-se como se fôssem da 4.^a em latim de ouro: *conducire*, o que deu: *conduzir*. Os da 4.^a em latim deram os da 3.^a em português. Ex.: *audire* > *ouvir*. Portanto houve só três conjugações no latim popular.

1 {	<i>amare</i> — amar
2 {	<i>debēre</i> — dever; <i>legēre</i> — <i>legēre</i> — <i>leer</i> — <i>ler</i> .
3 {	<i>audire</i> — ouvir

→ O verbo *ponēre* (e compostos) pronunciou-se *ponēre* → *poēr*. → *pôr*.

Formou, pois, os verbos da 4.^a, em *ôr*.

Ainda hoje, o camponês português diz *amare, dever* (do latim *amare, debere*); *amore* (do latim *amore*), *flore* (do latim *florem*); como Joan Zorro escreveu no «Cancioneiro da Vaticana», na Idade Média:

«El-rei de Portugale
barcas mandou lavrare;
barcas mandou fazere
e no mar as metere.»

O camponês brasileiro diz *amô, passeá, doutô*, etc., devido ao clima quente, que faz suprimir algumas consoantes finais.

As 3 Conjugações do Latim Popular (*sermo vulgaris*)

1.^a CONJUGAÇÃO

Paradigma: CANTAR

Latim	Português	Latim	Português
INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
<i>Presente</i>		<i>Presente</i>	
<i>Cant-o</i>	> Cant-o	<i>Cant-em</i>	> Cant-e
<i>Cant-as</i>	> Cant-as	<i>Cant-es</i>	> Cant-es
<i>Cant-at</i>	> Cant-a	<i>Cant-et</i>	> Cant-e
<i>Cant-amus</i>	> Cant-amos	<i>Cant-emus</i>	> Cant-emos
<i>Cant-atis</i>	> Cant-ais	<i>Cant-etis</i>	> Cant-eis
<i>Cant-ant</i>	> Cant-am	<i>Cant-ent</i>	> Cant-em
<i>Imperfeito</i>		<i>Imperfeito</i>	
<i>Cant-abam</i>	> Cant-ava	<i>Cant-avissem</i>	> Cant-asse
<i>Cant-abas</i>	> Cant-avas	<i>Cant-avisses</i>	> Cant-asses
<i>Cant-abat</i>	> Cant-ava	<i>Cant-avisset</i>	> Cant-asse
<i>Cant-abamus</i>	> Cant-ávamos	<i>Cant-avissemus</i>	> Cant-ássemos
<i>Cant-abatis</i>	> Cant-áveis	<i>Cant-avissetis</i>	> Cant-ásseis
<i>Cant-abant</i>	> Cant-avam	<i>Cant-avissemus</i>	> Cant-ássemos
<i>Perfeito</i>		<i>Futuro</i>	
<i>Cant-avi</i>	> Cant-ei	<i>Cant-averim</i>	> Cant-ar
<i>Cant-avisti</i>	> Cant-aste	<i>Cant-averis</i>	> Cant-ares
<i>Cant-avit</i>	> Cant-ou	<i>Cant-averit</i>	> Cant-ar
<i>Cant-ávimus</i>	> Cant-amos	<i>Cant-averimus</i>	> Cant-armos
<i>Cant-avistis</i>	> Cant-astes	<i>Cant-averitis</i>	> Cant-ardes
<i>Cant-averunt</i>	> Cant-aram	<i>Cant-averint</i>	> Cant-arem
<i>Mais-que-perfeito</i>		IMPERATIVO	
<i>Cant-averam</i>	> Cant-ara	<i>Presente</i>	
<i>Cant-averas</i>	> Cant-aras	<i>Cant-a</i>	> Cant-a
<i>Cant-averat</i>	> Cant-ara	<i>Cant-ate</i>	> Cant-ai
<i>Cant-averamus</i>	> Cant-áramos	INFINITIVO	
<i>Cant-averatis</i>	> Cant-áreis	<i>Presente</i>	
<i>Cant-averant</i>	> Cant-aram	<i>Cant-are</i>	> Cant-ar
<i>Futuro</i>		PARTICÍPIO	
<i>Cantare-habeo</i>	> Cantar-ei	<i>Passado</i>	
<i>Cantare-habes</i>	> Cantar-ás	<i>Cant-atum</i>	> Cant-ado
<i>Cantare-habet</i>	> Cantar-á		
<i>Cantare-habemus</i>	> Cantar-emos		
<i>Cantare-habetis</i>	> Cantar-eis		
<i>Cantare-habent</i>	> Cantar-ão		
<i>Condicional</i>			
<i>Cantare-habebam</i>	> Cantar-ias		
<i>Cantare-habebas</i>	> Cantar-ia		

NOTA: O aldeão português diz *amare* (do latim: *amare*), *cantare* (do latim: *cantare*), pela influência da pronúncia do latim. Como diz: *amore* (do latim: *amorem*). O camponês brasileiro diz *amã*, *cantã*, *amô* por influência do clima quente.

2.^a CONJUGAÇÃO

Paradigma: DEVER

Latim	Português	Latim	Português
INDICATIVO		SUBJUNTIVO	
<i>Presente</i>		<i>Presente</i>	
<i>Deb-eo</i>	> Dev-o	<i>Deb-eam</i>	> Dev-a
<i>Deb-es</i>	> Dev-es	<i>Deb-eas</i>	> Dev-as
<i>Deb-et</i>	> Dev-e	<i>Deb-eat</i>	> Dev-a
<i>Deb-emus</i>	> Dev-emos	<i>Deb-eamus</i>	> Dev-amos
<i>Deb-etis</i>	> Dev-eis	<i>Deb-eatis</i>	> Dev-ais
<i>Deb-ent</i>	> Dev-em	<i>Deb-eant</i>	> Dev-am
<i>Imperfeito</i>		<i>Imperfeito</i>	
<i>Deb-ebam</i>	> Dev-ia	<i>Deb-uissem</i>	> Dev-esse
<i>Deb-ebas</i>	> Dev-ias	<i>Deb-uissemus</i>	> Dev-esses
<i>Deb-ebat</i>	> Dev-ia	<i>Deb-uisset</i>	> Dev-esse
<i>Deb-ebamus</i>	> Dev-íamos	<i>Deb-uissemus</i>	> Dev-êssemos
<i>Deb-ebatis</i>	> Dev-feis	<i>Deb-uissetis</i>	> Dev-êsseis
<i>Deb-ebant</i>	> Dev-iam	<i>Deb-uisissent</i>	> Dev-essem
<i>Perfeito</i>		<i>Futuro</i>	
<i>Deb-ui</i>	> Dev-i	<i>Deb-uerim</i>	> Dev-er
<i>Deb-uisti</i>	> Dev-este	<i>Deb-ueris</i>	> Dev-eres
<i>Deb-uit</i>	> Dev-eu	<i>Deb-uerit</i>	> Dev-er
<i>Deb-uimus</i>	> Dev-emos	<i>Deb-uerimus</i>	> Dev-ermos
<i>Deb-uistis</i>	> Dev-estes	<i>Deb-ueritis</i>	> Dev-erdes
<i>Deb-uerunt</i>	> Dev-eram	<i>Deb-uerint</i>	> Dev-erem
<i>Mais-que-perfeito</i>		IMPERATIVO	
<i>Deb-ueram</i>	> Dev-era	<i>Presente</i>	
<i>Deb-ueras</i>	> Dev-eras	<i>Deb-e</i>	> Dev-e
<i>Deb-uerat</i>	> Dev-era	<i>Deb-ete</i>	> Dev-ei
<i>Deb-ueramus</i>	> Dev-êramos	INFINITIVO	
<i>Deb-ueratis</i>	> Dev-êreis	<i>Presente</i>	
<i>Deb-uerant</i>	> Dev-eram	<i>Deb-ere</i>	> Dev-er
<i>Futuro</i>		PARTICIPIO	
<i>Debere-habeo</i>	> Dever-ei	<i>Passado</i>	
<i>Debere-habes</i>	> Dever-ás	<i>Deb-itum</i>	> Dev-ido
<i>Debere-habet</i>	> Dever-á		
<i>Debere-habemus</i>	> Dever-emos		
<i>Debere-habetis</i>	> Dever-eis		
<i>Debere-habent</i>	> Dever-ão		
<i>Condicional</i>			
<i>Debere-habebam</i>	> Dever-ia		
<i>Debere-habebas</i>	> Dever-ias		

3.^a CONJUGAÇÃO

Paradigma: PARTIR

Latim	Português	Latim	Português
INDICATIVO			
<i>Presente</i>			
<i>Part-io</i>	> Part-o	<i>Partire-habebat</i>	> Partir-ia
<i>Part-is</i>	> Part-es	<i>Partire-habebamus</i>	> Partir-famos
<i>Part-it</i>	> Part-e	<i>Partire-habebatis</i>	> Partir-feis
<i>Part-imus</i>	> Part-imos	<i>Partire-habebant</i>	> Partir-iam
<i>Part-itis</i>	> Part-is		
<i>Part-iunt</i>	> Part-em		
<i>Imperfeito</i>		SUBJUNTIVO	
<i>Part-iebam</i>	> Part-ia	<i>Presente</i>	
<i>Part-iebas</i>	> Part-ias	<i>Part-iam</i>	> Part-a
<i>Part-iebat</i>	> Part-ia	<i>Part-ias</i>	> Part-as
<i>Part-iebamus</i>	> Part-famos	<i>Part-ia</i>	> Part-a
<i>Part-iebatis</i>	> Part-feis	<i>Part-iamus</i>	> Part-amos
<i>Part-iebant</i>	> Part-iam	<i>Part-iatis</i>	> Part-ais
<i>Perfeito</i>		<i>Part-iant</i>	> Part-am
<i>Part-ivi</i>	> Part-i	<i>Imperfeito</i>	
<i>Part-ivisti</i>	> Part-iste	<i>Part-ivissem</i>	> Part-isse
<i>Part-ivit</i>	> Part-iu	<i>Part-ivisses</i>	> Part-isses
<i>Part-ivimus</i>	> Part-imos	<i>Part-ivisse</i>	> Part-isse
<i>Part-ivistis</i>	> Part-istes	<i>Part-ivissemus</i>	> Part-fssemos
<i>Part-iverunt</i>	> Part-iram	<i>Part-ivissetis</i>	> Part-fsseis
<i>Mais-que-perfeito</i>		<i>Part-ivissem</i>	> Part-issem
<i>Part-iveram</i>	> Part-ira	<i>Futuro</i>	
<i>Part-iveras</i>	> Part-iras	<i>Part-iverim</i>	> Part-ir
<i>Part-iverat</i>	> Part-ira	<i>Part-iveris</i>	> Part-ires
<i>Part-iveramus</i>	> Part-framos	<i>Part-iverit</i>	> Part-ir
<i>Part-iveratis</i>	> Part-freis	<i>Part-iverimus</i>	> Part-irmos
<i>Part-iverant</i>	> Part-iram	<i>Part-iveritis</i>	> Part-irdes
<i>Futuro</i>		<i>Part-iverint</i>	> Part-irem
<i>Partire-habeo</i>	> Partir-ei	IMPERATIVO	
<i>Partire-habes</i>	> Partir-ás	<i>Presente</i>	
<i>Partire-habet</i>	> Partir-á	<i>Part-i</i>	> Part-e
<i>Partire-habemus</i>	> Partir-emos	<i>Part-ite</i>	> Part-i
<i>Partire-habetis</i>	> Partir-eis	INFINITIVO	
<i>Partire-habent</i>	> Partir-ão	<i>Presente</i>	
<i>Condicional</i>		<i>Part-ire</i>	> Part-ir
<i>Partire-habebam</i>	> Partir-ia	PARTICÍPIO	
<i>Partire-habebas</i>	> Partir-ias	<i>Passado</i>	
		<i>Part-itum</i>	> Part-ido

4.^a CONJUGAÇÃO

(formada, depois, no seio da língua)

Paradigma: *pôr*. Compreende *pôr* e todos os seus compostos. Antigamente, só havia três conjugações: em *ar*, *er*, e *ir*. Dizia-se *poer* (do latim *ponere* → *ponere* → *poer* → *pôr*). *Poer* era, pois, da 2.^a conjugação. Repare nestas formas, de adjetivos usadas ainda: galinha *poedeira*, sol *poente*.

Latim	Português	Latim	Português
<i>Indicativo presente</i>		<i>Condicional</i>	
<i>Pon-o</i>	ponho	<i>ponere-habeb-am</i>	por-ia
<i>Pon-is</i>	pões	» <i>-habeb-as</i>	por-ias
<i>Pon-it</i>	põe	» <i>-habeb-at</i>	por-ia
<i>Pon-imus</i>	pomos	» <i>-habeb-amus</i>	por-famos
<i>Pon-itis</i>	pondes	» <i>-habeb-atis</i>	por-feis
<i>Pon-unt</i>	põem	» <i>-habeb-ant</i>	por-iam
<i>Imperfeito</i>		<i>Subj. presente</i>	
<i>poneb-am</i>	punh-a	<i>pon-am</i>	ponh-a
<i>poneb-as</i>	punh-as	<i>pon-as</i>	ponh-as
<i>poneb-at</i>	punh-a	<i>pon-at</i>	ponh-a
<i>poneb-amus</i>	púnh-amos	<i>pon-amus</i>	ponh-amos
<i>poneb-atis</i>	púnh-eis	<i>pon-atis</i>	ponh-ais
<i>poneb-ant</i>	punh-am	<i>pon-ant</i>	ponh-am
<i>Perfeito</i>		<i>Imperfeito</i>	
<i>pos-ui</i>	pus	<i>posuiss-em</i>	pusess-e
<i>pos-uisti</i>	puseste	<i>posuiss-es</i>	pusess-es
<i>pos-uit</i>	pôs	<i>posuiss-et</i>	pusess-e
<i>pos-uimus</i>	pusemos	<i>posuiss-emus</i>	puséss-emos
<i>pos-uistis</i>	pusestes	<i>posuiss-etis</i>	puséss-eis
<i>pos-uerunt</i>	puseram	<i>posuiss-ent</i>	pusess-em
<i>Mais-que-perfeito</i>		<i>Futuro</i>	
<i>posuer-am</i>	puser-a	<i>posuer-im</i>	pus-er
<i>posuer-as</i>	puser-as	<i>posuer-is</i>	pus-eres
<i>posuer-at</i>	puser-a	<i>posuer-it</i>	pus-er
<i>posuer-amus</i>	pusér-amos	<i>posuer-imus</i>	pus-eremos
<i>posuer-atis</i>	pusér-eis	<i>posuer-itis</i>	pus-erdes
<i>posuer-ant</i>	puser-am	<i>posuer-int</i>	pus-erem
<i>Futuro</i>		<i>Imperativo</i>	
<i>ponere-habeo</i>	por-ei	<i>pone</i>	põe
» <i>-habes</i>	por-ás	<i>ponite</i>	ponde
» <i>-habet</i>	por-á	<i>Infinitivo presente</i>	
» <i>-habemus</i>	por-emos	<i>ponere</i>	pôr
» <i>-habetis</i>	por-eis	<i>Particípio passado</i>	
» <i>-habent</i>	por-ão	<i>positum</i>	pôsto

PERDAS SOFRIDAS PELO LATIM LITERÁRIO

Há alguns tempos em *latim de ouro*, que não deram nada em português.

Futuro simples — amabo
Futuro perfeito — amavêro
Imperativo do subjuntivo — amarem
Imperativo — amato — amatote — amanto
O infinitivo perfeito — amavisse
O supino — amatum, amatu
O gerúndio — amandi, amandum
 Os tempos simples da voz passiva (exceto o particípio passado *amatus-a-um* = amado).

Alguns tempos que deram algumas, mas raras palavras:

Particípio futuro — nasciturus-a-um — o nascituro
O gerúndio — legendus-a-um { a legenda
 o doutorando, o colendo
O particípio presente — amans-antis = o amante.

CRIAÇÕES ROMÂNICAS

(isto é, do *latim popular*, ou do *latim romance*)

Futuro { *amare habeo* = amarei (*habeo* deu *hei*. Portanto: amarei)
Condicional { *amare habebam* = amaria (*habebam* deu *havia* e, depois, por contração, *ia*. Portanto: amaria. como *debebam* → *devia*; *debere* + *habebam* → *deveria*.

* Os futuros de *dizer*, *fazer* e *trazer* também se explicam (diz Leite de Vasconcelos): «primeiro foi *dizerei*, *fazerei* e *trazerei*; depois, por síncope do *e* ficou *diz'rei*, *faz'rei* e *traz'rei*, donde, pela assimilação de *z* a *r*, por ser impossível na nossa língua aquele grupo (cfr. na língua usual *dé-rréis* em vez de *dez réis*), resultaram as formas atuais».

* *O infinito pessoal* (não havia em latim; apareceu em português; é um idiotismo do português).

→ latim *amare*

→ português { amar eu amarmos nós
 amares tu amardes vós
 amar êle amarem êles

* *O futuro do subjuntivo* também não havia em latim. Veio do perf. do subj. *amavêrim* = se eu amar).

* *Formação do futuro nas línguas românicas:*

EM PORTUGUÊS:

amarei	amare + habeo	= amar + hei (verbo <i>haver</i>)
amarás	amare + habes	= amar + hás
amará	amare + habet	= amar + há
amaremos	amare + habemus	= amar + havemos ou hemos
amareis	amare + habetis	= amar + haveis ou heis
amarão	amare + habent	= amar + hão

EM ESPANHOL:

amaré	(amar + he (verbo <i>haber</i>))
amarás	has
amará	ha
amarémos	hemos
amaréis	h(ab)eis
amarán	han

EM ITALIANO:

compreró	comprar(e) + ho (verbo <i>avere</i>)
comprerai	hai
comprerá	ha
compreremo	(abbi)amo
comprerete	(av)ete
compreranno	hánno

EM FRANCÊS:

donnerai	(donner) + ai (verbo <i>avoir</i>)
donneras	as
donnera	a
donnerons	(av)ons
donnerez	(av)ez
donneront	ont

EM PROVENÇAL:

chantarai	(chanter) + ai (verbo <i>aver</i>)
chantaras	as
chantará	a
chantarem	(av)em
chantaretz	(av)etz
chantaran	an

EM CATALÃO:

sentiré	(sentir) + he (verbo <i>haver</i>)
sentirás	has
sentirá	há
sentirém	hém
sentireu	h(av)éu
sentirán	han

* Em *romeno* ou *valáquio*, o futuro forma-se com o verbo *velle*.

* Em *ladino* ou *rético* ou *romanche* com o verbo *venire* (Frederico Diez).

FATOS DEVIDOS A ANALOGIA

(do ponto de vista verbal)

Muitos verbos da 3.^a passaram a ser da 2.^a por analogia: *facere* — deu *facere* = fazer. *legere* — deu *legere* — *leer* = ler. Alguns da 3.^a passaram a ser da 3.^a em português: *conducere* — *conducire* = conduzir: As crianças, por analogia, dizem: *eu sabi*, *eu fazi*, *eu trazi*, por analogia com *eu comi*, *eu bebi*, etc.

Explicação das formas verbais mais características, consideradas irregulares pela gramática expositiva

Os gramáticos consideram certas formas verbais irregulares, porque não seguem os paradigmas da gramática. O povo, porém, seguiu as normas de fonética, na passagem do latim para o português. Depois, o povo culto é que, pela analogia com outros regulares, lhes deu nova forma.

Ex.: *jaceo* — *jaces* — *jacere* — *jacui* = *jazer*. *Jaceo* deu *jaço*. Depois é que lhe deram a forma de *jazo*.

O perfeito *jacui* deu *jaugue* e *jougue* (porque o *c* se transformou na homorgânica *g*).

Depois, veio a forma *jouve*. Depois, o povo culto, por analogia, começou a dizer *jazi* (como de *benzer* veio *benzi*). O povo dizia *impido* (de *impedio*); *expido* (de *expedio*) *despido*.

Depois, as pessoas cultas, por analogia com *eu peço* (de pedir), começaram a dizer eu *impeço*, *expeço*, *despeço*. (Há centenas de exemplos).

ETIMOLOGIA DAS CATEGORIAS GRAMATICAIAS

(artigos, alguns substantivos, adjetivos determinativos, numerais, pronomes, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições)

ORIGEM DE NOMES PRÓPRIOS

- 1) *Prenomes* ou *nomes de batismo*: — têm a sua origem em nomes hebraicos, gregos, latinos, germânicos e outros. Ex.:

hebraicos

Adão = homem
Eva = a vida
Abel = a vaidade
Abraão = pai de muitos
Betel = casa de Deus
Betlém = casa do pão
Emanuel = Deus conosco
Maria = obstinada
Sara = princesa
Moisés = salvo das águas
Miguel = semelhante a Deus

João = dom de Deus
Jesus = Salvador
Jerusalém = habitação da paz
Jeová = o eterno
Cristo (cognome) = ungido
Jacó = suplantador
Isac = o riso
Gabriel = varão de Deus
Gólgota = caveira
Esaú = peludo
Eloim = o terrível

latinos:

Vergílio
Antônio
Antão
Celestino
Constantino
Ovídio
Paulo
Otávio
Marcos
Júlio
e outros

gregos:

Ambrósio
Atanásio
Cristóvão
Estêvão
Dionísio
Rafael
Crisóstomo
Teófilo
Epifânio
e outros

germânicos:

Arnaldo
Alberto
Geraldo
Reinaldo
Bertoldo
Frederico
Godofredo
Manfredo
Ricardo
Henrique
Siegfredo e outros

SIGNIFICADO DE ALGUNS NOMES

Aarão	Hebraico	montanha — elevação
Abel	"	valdade
Abraão	"	o pai de muitos
Absalão	"	o pai da paz
Adão	"	terra vermelha
Adolfo	Saxão	felicidade e auxílio
Adriano	Latim	auxiliar
Alan	Céltico	harmonia
"	Eslavo	cão corredor
Alberto	Saxão	todo lúcido — brilhante
Alexandre	Grego	o auxiliar dos homens
Alfredo	Saxão	todo paz — pacífico
Alonso	—	forma de Alfonso
Alfonso	Germano	pronto — de boa vontade
Ambrósio	Grego	imortal
Amos	Hebraico	carga
André	Grego	corajoso
Aníbal	Cartaginês	o senhor gracioso
	ou Púnico	
Antônio	Latim	florescente
Arquibaldo	Germano	observador ousado
Arnoldo	"	mantenedor de honra
Artur	Bretão	homem forte
Augusto	} Latim	augusto — venerável
Agostinho		grande
Balduino	Germano	vencedor temerário
Bardufo	"	famoso auxiliar
Barnabé	Hebraico	filho do profeta
Bartolomeu	"	filho daquele que as águas subirem
Beaumont	Francês	bela montanha
Bede	Saxão	o que reza
Benjamim	Hebraico	filho da mão direita
Benet	Latim	abençoado
Bernardo	Germano	coração de urso
Bertram	"	ilustre
Bertrando	"	corvo brilhante
Bonifácio	Latim	bom autor
Brian	Francês	voz de trovão
Cadwallader	Bretão	valente na guerra
César	Latim	adornado com cabelos
Caleb	Hebraico	cão
Cecil	Latim	vista turva
Carlos	Germano	nobre ardente — animoso
Cristóvão	Grego	portador de Cristo
Clemente	Latim	temperamento suave
Conrado	Germano	conselheiro capaz
Constantino	Latim	resoluto
Cornélio	"	(significação incerta)
Crispim	"	cabelos crespos
Cuthberto	Saxão	famosamente conhecido
Dair	Hebraico	juízo
Daniel	"	Deus é juiz
Davi	"	o bem-amado
Denis	Grego	pertencente ao Deus do vinho
Douglas	Gaulês	cinzento-escuro
Duneau	Saxão	cheife pardo
Dustan	"	o mais alto
Edgar	"	honra feliz
Edmundo	"	paz feliz
Eduardo	"	guardião feliz
Edwin	"	conquistador feliz
Egberto	"	sempre brilhante
Elijá	Hebraico	Deus o Senhor
Elisa	"	a salvação de Deus
Emanuel	"	Deus está conosco

Enoc	Hebraico	dedicado
Efraim	»	fértil
Erasmio	Grego	digno de ser amado
Ernesto	»	honrado — sério
Esau	Hebraico	cabeludo
Eugênio	Grego	de descendência nobre
Eustáquio	»	o que permanece firme
Evan ou Ivã	Bretão	o mesmo que João
Everardo	Germano	de boa fama
Ezequiel	Hebraico	a força de Deus
Febo	Latim	sol
Félix	»	feliz
Ferdinando	Germano	pura paz
Fergus	Saxão	virilmente forte
Francisco	Germano	livre
Frederico	»	rica paz
Gabriel	Hebraico	a força de Deus
Geoffrey	Germano	cheio de alegria
George	Grego	o marido
Geraldo	Saxão	forte com a lança
Gedeão	Hebraico	o quebrador
Gilberto	Saxão	brilhante como o ouro
Giles	Grego	um pequeno bode
Godard	Germano	disposição divina
Godofredo	»	paz de Deus
Godwin	»	vitorioso em Deus
Griffith	Bretão	o que tem grande fé
Guy	Francês	o guia
Haroldo	Saxão	o campeão
Heitor	Grego	defensor forte — valente
Henrique	Germano	um rico senhor
Herbert	»	um brilhante senhor
Hércules	Grego	glória de Hera ou Juno
Hezekiah	Hebraico	ligado ao Senhor
Horácio	Latim	(signif. incerta)
Howell	Bretão	são — completo
Hubert	Germano	côr brilhante
Hugo	Alemão	alto, elevado
Humphrey	Germano	paz doméstica
Inácio	Latim	altivo
Ingram	Germano	de angélica pureza
Isac	Hebraico	risonho
Jabez	»	o que causa dor
Jacó	»	suplantador
James — Jaques	»	sedutores
Joab	»	paternidade
Jó	»	aflicção
Joel	»	o que aquiesce
João	»	a graça do Senhor
Jona	»	a pomba
Jonatan	»	o dom do Senhor
Joscelin	Germano	justo
José	Hebraico	a adição
Josua, Jesus	»	o Salvador
Josiaou	»	»
Josias	»	o fogo do Senhor
Júlio	Latim	cabelo macio
Lambert	Saxão	belo cordeiro
Lancelot	Espanhol	pequena lança
Lourenço	Latim	coroadado com louros
Lázaro	Hebraico	destituído de auxílio
Leonardo	Germano	igual ao leão
Leopoldo	»	defensor do povo
Lewis ou Louis	Francês	defensor do povo
Leonel	Latim	pequeno leão
Llewellyn	Bretão	como um leão
Llervellyn	Céltico	fuzilando
Lúcio	Latim	brilhante
Luke	Grego	bosque

Manfredo	Germano	grande paz
Marcos	Latim	o martelo
Martim	*	marcial
Mateus	Hebraico	dádiva — presente
Maurício	Latim	descendente de mouros
Meredith	Bretão	o bramido do mar
Miguel	Hebraico	quem é como Deus?
Morgan	Bretão	marujo
Moisés	Hebraico	tirado fora
Nataniel	*	o presente de Deus
Neal	Francês	um pouco preto
Nicolau	Grego	vitorioso do povo
Noel	Francês	pertencendo à natividade de cada um
Norman	Francês	nascido na Normandia
Obadiah	Hebraico	o servo do Senhor
Oliveiro	Latim	de oliva
Orlando	Italiano	conselheiro da terra
Orson	Latim	urso
Osmundo	Saxão	paz do lar
Oswaldo	*	chefa do lar
Oeven	Bretão	de boa descendência
Patrício	Latim	nobra
Paulo	*	pequeno
Paulino	*	pequeno Paulo
Percival	Francês	de um lugar em França
Peregrino	Latim	de outra terra
Pedro	Grego	rocha — pedra
Filipe	*	amante de cavalos
Fineas	Hebraico	fisionomia corajosa
Ralfo	Saxão	forma de Randalfo — Randal ou Ranulfo
		— auxílio puro
Raimundo	Germano	completa paz
Reuben	Hebraico	o filho da visão
Reinaldo	Germano	amante da pureza
Ricardo	Saxão	poderoso
Roberto	Germano	famoso no conselho
Roderico	*	rico em fama
Rogério	*	conselheiro forte
Rolando	*	conselheiro da terra
Rufus	Latim	avermelhado
Sansão	Hebraico	o filho pequeno
Samuel	*	ouvido por Deus
Saul	*	o desejado
Sebastião	Grego	o reverenciado
Set	Hebraico	o indicado
Silas	Latim	o que vive nos bosques
Simeão	Hebraico	o que escuta
Simão	*	obediente
Salomão	*	pacífico
Stéfano	Grego	coroa
Swithin	Saxão	muito alto
Teobaldo	*	corajoso entre o povo
Teodoro	Grego	dádiva do senhor
Teodósio	*	dado por Deus
Teófilo	*	amigo de Deus
Tomás	Hebraico	o gêmeo
Timóteo	Grego	o temor de Deus
Tito	*	(significação incerta)
Tobias	Hebraico	a bondade do Senhor
Valentino	Latim	poderoso
Vitor	*	conquistador
Vicente	*	vencedor
Viviano	*	vivente
Walter	Germano	conquistador
Walwin	*	pacífico e valente
Wilfredo	Saxão	corajoso e pacífico
William	Germano	defensor de muitos

Zaqueus
Zacaria
Zebedeu
Zedekiah

Sírio
Hebraico
Sírio
Hebraico

inocente
lembração do Senhor
herdeiro
a justiça do Senhor

MULHERES

Ada
Adela
Adelaide
Adelina
Agata
Agnês
Aletea
Altéia
Alice — Alcía
Alma
Amabel
Amélia
Angelina
Ana
Arabela
Auréola
Aurora
Barbara
Beatriz
Bela
Benedita
Berenice
Berta
Branca
Bona
Bridget
Camila
Carolina
Cassandra
Catarina
Cecília
Caridade
Carlota
Clóé
Cristiana
Clara
Clarissa
Constância
Dagmar
Débora
Diana
Dorcas
Dorotéia
Edit
Eleonor
Elisa, Elisabet
Emília
Ema
Ester
Eudora
Eudósia
Eugênia
Eunice
Eva
Flora
Florence
Francisca
Gertrudes
Grace
Hagar

Germano
»
»
»
Grego
Germano
Grego
»
Germano
Latim
»
Francês
Grego
Hebraico
Latim
»
»
Italiano
Latim
Grego
»
Francês
Latim
Irlandês
Latim
»
Grego
»
Latim
»
»
Germano
Hebraico
Grego
»
»
Saxão
»
»
»
Germano
Hebraico
Grego
»
Francês
Grego
Hebraico
Latim
»
Germano
»
Latim
Hebraico

o mesmo que Edit
o mesmo que Adelina
o mesmo que Adelina
princesa
boa
casta
a verdade
caçadora
nobre
benigna
amável
amada
angélica
graciosa
bela pedra de Ara
de ouro
brilho da manhã
forasteira ou estrangeira
a que torna feliz
bela
abençoada
portadora da vitória
famosa
clara
boa
brilho luminoso
assistente do sacrifício
ardente
reformadora de homens
pura — limpa
fem. de Cecil
amor — bondade
tôda nobre
erva verde
pertencente a Cristo
brilhante — clara
brilhante — clara
constante
alegria de Danes
a abelha
filha de Júpiter
rosa selvagem
dádiva de Deus
felicidade
fértil
juramento de Deus
corrupção da palavra Amélia
enfermeira
discreta
bom presente
bem dada
bem nascida
brilhante vitória
fonte da vida
flores
florescido
livre
tôda verdade
graça — favor
a estrangeira

Hannah	Hebraico	graciosa
Helena	Grego	atraente — sedutora
Henriqueta	"	fem. de Henrique
Hilda	Germano	donzela guerreira
Honória	Latim	honrada
Isabel	Espanhol	bela Elisa
Joana	"	fem. de João
Jemima	Hebraico	a pomba
Joice	Francês	agradável
Judit	Hebraico	a que louva
Júlia — Juliana	"	fem. de Júlio
Keturah	"	incenso
Keziah	"	acácia
Laura	Latim	louro
Lavinia	"	do Latium
Letícia	"	alegria
Lilian — Lili	"	lírio
Lucrécia	"	uma casta Romana
Luci	"	fem. de Lúcio
Lídia	Grego	descendente de Lud
Mabel	Latim	adorável
Madalena	Sírio	magnificante
Margarida	Grego	pérola
Maria	Hebraico	amarga
Marta	"	amargura
Matilde	Germano	dama de honra
Maud	"	diminutivo de Matilde
May	Latim	Maio
Mercedes	Inglês	compaixão
Milched	Saxão	voz suave
Noemi	Hebraico	atraente — sedutora
Nicolina	Grego	fem. de Nicolau
Olivia	Latim	oliva
Olimpia	Grego	celestial
Ofélia	"	a serpente
Paciência	Latim	ação de ser paciente
Penélope	Grego	tecelã
Persis	"	destruidora
Filadélfia	"	amor fraternal
Filipa	"	fem. de Filipe
Febe	Latim	lua
Filis	Grego	galho verde
Priscila	Latim	de meia-idade
Prudência	"	prudência
Psique	Grego	a alma
Raquel	Hebraico	o cordeiro
Rebeca	"	gorda
Roda	Grego	rosa
Rosa	Latim	rosa
Rosália	"	rosa
Rosalina	"	rosinha
Rosalinda	"	linda como a rosa
Rosabela	Italiano	bela rosa
Rosamunda	Saxão	rosa da paz
Roxana	Pérsico	ocaso — tarde
Rut	Hebraico	beleza
Sabina	Latim	descendente dos sabinos
Salomé	Hebraico	perfeita
Safira	Grego	safira
Sara	Hebraico	princesa
Selina	Grego	a lua
Sibila	"	a conselheira de Deus
Sofia	"	sabedoria
Susana	Hebraico	lírio
Tabita	Sírio	cabrita
Teodósia	Grego	dada por Deus
Trifena	"	delicada
Trifosa	"	deliciosa

Vitória	Latim	vitória
Ursula	»	ursa
Walburga	Saxão	graciosa
Winifrida	»	paz vitoriosa
Zenóbia	Grego	vida de Júpiter

- 2) *origem de patronímicos* (= que indicam a filiação):
 Aivarici → Álvarez ou Alvares (filho de Álvaro)
 Antunici → Antunez ou Antunes (filho de Antônio)
 Dominquici → Dominguez ou Domingues (filho de Domingo)
 Lupici → Lopez ou Lopes (filho de Lopo)
 Menendici → Menendez ou Mendes (filho de Mem)
 Petrici → Perez ou Peres (filho de Pedro)
 Suarici → Soarez ou Soares (filho de Soeiro)
 Ruderiquici → Rodriguez ou Rodrigues (filho de Rodrigo)
 e outros.
- 3) *origem dos apelidos ou cognomes* (derivação imprópria):
 — são tirados de um ofício; ex.: João *Guerreiro*; João *Monteiro*
 — de um animal; ex.: João *Coelho*, *Rato*, *Carneiro*, *Bezerra*
 — da localidade, em que se habita, donde vem, do domínio que possui, ex.: João *Portugal* (e também: João *de Portugal*; a preposição *de* antes do cognome indica, às vezes, fidalguia, nas línguas novilatinas; como no alemão: *von = de*):

ETIMOLOGIAS CURIOSAS E DUVIDOSAS

- * *Tratante*, no século XVI, era *negociante*, homem que fazia *tratos*. Do latim *tractare* veio *tratar*, negociar.
 Hoje, *tratante* é um *velhaco*.
- * *Brasileiro* — Era antigamente o homem que negociava em pau-brasil. Podia ser até um estrangeiro. Em germano *bras* quer dizer *fogo*. *Bras + a = brasa*. *Brasa + il = Brasil*. *Brasil + eiro = Brasileiro*.
Português do Brasil significava o *nacional*. *Brasis* eram os *índios*. *Brasileiro* veio a significar, mais tarde, o *nacional*. O sufixo *eiro* é impróprio para designar os adjetivos gentílicos. Devia ser: *brasilês* ou *brasiliense* ou *brasilense*.
Brasileiro, porém, já está arraigado na língua.
- * *Cadáver* — Vem do latim: *cadaver* (como se vê em César e Cícero) e não, segundo a fantasia de J. de Maistre, da expressão: *caro data vermibus* = carne dada aos vermes. (Segundo Meillet et Vendryes («*Traité de grammaire comparée des langues classiques*»): *cadáver* parece ser um particípio do perfeito arcaico do verbo *cado*, is, ère, cecidi, casum = *cair*, *morrer*; isto é = *que caiu, que morreu*).
- * *Larápio* — Vem, dizem, de *Lucius Amarus Rúfilus Apius*. Era um pretor (= juiz) romano célebre, que dava sentenças favoráveis a quem melhor pagava, e que assinava:
L. A. R. Apius = Larapius.
- * *Joanete* — Não tem que ver com João. Vem de *genu* = joelho. *Joanete* = saliência do pé.

- * *maleita*. Do latim *maledicta* veio *maldita* (como se diz no norte do Brasil, por ex.: no Pará) e *maleita*.
- * *mascavo*. Açúcar *mascavo*. Mascavo = mascavado. Vem talvez de *menoscabado* (*mascabar* por *menoscabar*).
- * *malandro*. Do italiano *malandrino* veio *malandrim*; daqui o derivado regressivo *malandro*.
- * *Queluz*. Diz-se que vem da expressão: *Que luz!* (exclamação que alguém soltou, ao ver um diamante enorme, nessa região).
- * *Olinda*. Diz-se que vem de: *Oh! linda!* (exclamação do 1.º donatário de Pernambuco, ao ver aquela região belíssima). Outros dizem: de *Olândia* (que lembrava *Holanda* aos invasores holandeses de 1630). Outros dizem de *Olinde*; *linde* = linha de separação (linha entre Recife e Olinda).
- * *caloiro*. Talvez de *calvorum* → *calvoiro* → *caloiro*. (Carolina Michaelis). A raiz é *calv*, *calvo*, porque os veteranos cortam o cabelo aos caloiros.

ORIGEM DE ARTIGOS, ADJETIVOS, PRONOMES, VERBOS, ETC.

Port. Latim

artigos	<i>o</i> — illum, illo, ello, lo - o
	<i>a</i> — illam, illa, ella, la - a
	<i>os</i> — illos, illos, ellos, los - os
	<i>as</i> — illas, illas, ellas, las - as
	<i>el</i> (artigo em <i>el-rei</i>) — do latim <i>illum</i> veio <i>ello</i> e, depois, <i>ell</i> , <i>el</i> , como se vê no português antigo: <i>ell rei</i> (Leite de Vasconcelos).
	<i>um</i> — unum, uo, um
	<i>uma</i> — unam, ãa, uma

adjetivos e pronomes

<i>meu</i> — meum
<i>minha</i> — meam, mia, mha - minha
<i>teu</i> — tuum (analogia com <i>meu</i>)
<i>tua</i> — tuam
<i>seu</i> — suum (analogia com <i>meu</i>)
<i>sua</i> — suam
<i>nosso</i> — nostrum, nosto, nosso
<i>nossa</i> — nostram, nosta, nossa
<i>vosso</i> — vostrum (arcaico), vostro - vosso
<i>vossa</i> — vostram, vosta - vossa
<i>êste</i> — iste
<i>êsse</i> — ipse
<i>esta</i> — ista
<i>essa</i> — ipsa
<i>aquêle</i> — ecu'ille (lat. popular)
<i>aquela</i> — ecu'illa

Port. Latim

NOTA: No português antigo dizia-se aqeste, aqesta, aqesto = *êste*, *esta*, *isto*.

<i>mesmo</i> — metipsissimum, metipsimum, medesimo, meesmo (e medês) mesmo
<i>mesma</i> — metipsissimam
<i>próprio</i> — proprium
<i>própria</i> — propriam
<i>cujo</i> — cujus
<i>tal</i> — talem
<i>qual</i> — qualem
<i>tanto</i> — tantum
<i>quanto</i> — quantum
<i>algum</i> — aliquis + unum
<i>nenhum</i> — nec + unum
<i>pouco</i> — paucum
<i>certo</i> — certum
<i>todo</i> — totum
<i>eu</i> — ego, eo, eu
<i>tu</i> — tu
<i>êle</i> — ille
<i>ela</i> — illa
<i>nós</i> — nos
<i>vós</i> — vos
<i>êles</i> — (plural de <i>êle</i>)
<i>elas</i> — (plural de <i>ela</i>)
<i>me</i> — me
<i>mim</i> — mihi, mi, mim

Port.	Latim
<i>migo</i> —	mecum
<i>comigo</i> —	com + migo
<i>te</i> —	te <i>ti</i> — tibi
<i>tigo</i> —	tecum, tego, tigo
<i>contigo</i> —	com + tigo
<i>se</i> —	se <i>si</i> — sibi
<i>sigo</i> —	secum, sego, sigo
<i>consigo</i> —	com + sigo
<i>o</i> —	illum, lo, o
<i>a</i> —	illam, la, a
<i>os</i> —	illos, los, os
<i>as</i> —	illas, las, as
<i>lhe</i> —	illi
<i>lhes</i> —	(plural de <i>lhe</i>)
<i>nos</i> —	nos
<i>nosco</i> —	nobiscum
<i>conosco</i> —	com + nosco
<i>vos</i> —	vos
<i>vosco</i> —	vobiscum
<i>convosco</i> —	com + vosco
<i>isto</i> —	istud, esto, isto
<i>isso</i> —	ipsum, esso - isso
<i>aquilo</i> —	ecum illud
<i>o</i> (neutro) —	illud, ello, lo, o
* <i>que</i> (pronome relativo) —	qui
<i>o qual</i> —	illum + qualem
<i>quê?</i> —	quid?
<i>quem</i> —	quem
<i>quanto?</i> —	quantum
<i>alguém</i> —	aliquem
<i>ninguém</i> —	nec quem
<i>outro</i> —	alterum
<i>outrem</i> —	alterum
<i>nada</i> —	nata (nulla re nata)
<i>al</i> —	aliud
<i>todo</i> —	totum
<i>tôda</i> —	totam
<i>tudo</i> —	totum
<i>muito</i> —	multum
<i>muita</i> —	multam
<i>pouco</i> —	paucum
<i>pouca</i> —	paucam
<i>cada</i> —	(do grego: <i>kata</i>)
<i>algo</i> —	aliquid
<i>fulano</i> —	(do árabe: <i>fulan</i>)
<i>numerais</i>	
<i>um, uma</i> —	unum - unam
<i>dois</i> —	duos, doos, dous (como

Port.	Latim
	em: « <i>Dous Córregos</i> », cidade paulista), <i>dois</i>
<i>três</i> —	tres
<i>4</i> —	quatuor
<i>5</i> —	quinque
<i>6</i> —	sex
<i>7</i> —	septem
<i>8</i> —	octo
<i>9</i> —	novem
<i>10</i> —	decem
<i>11</i> —	undecim
<i>12</i> —	duodecim
<i>13</i> —	tredecim
<i>14</i> —	quatuordecim
<i>15</i> —	quindecim
<i>16</i> —	decem ad sex (= de- zasseis)
<i>17</i> —	decem ad septem (= de- zassete)
<i>18</i> —	decem ad octo
<i>19</i> —	decem ad novem (= de- zanove)
	<i>Dezasseis, dezassete, dezanove</i> são formas clássicas. <i>Dezes-</i> <i>seis, dezessete, dezenove</i> (também são usadas hoje).
<i>20</i> —	viginti, viiente, vinte
<i>30</i> —	triginta, triinta, trinta
<i>40</i> —	quadraginta
<i>50</i> —	quingenta
<i>60</i> —	sexaginta
<i>70</i> —	septuaginta
<i>80</i> —	octoginta
<i>90</i> —	nonaginta
<i>100</i> —	centum
<i>200</i> —	ducenti
<i>300</i> —	trecenti
<i>400</i> —	quatro + centos
<i>500</i> —	quingenti
<i>600</i> —	seis + centos
<i>700</i> —	sete + centos
<i>800</i> —	oito + centos
<i>900</i> —	nove + centos
<i>1000</i> —	mille
<i>Primeiro</i> —	primarium - primeiro, primeiro
<i>Primo</i> —	primum
<i>Segundo</i> —	secundum
<i>Terceiro</i> —	tertiarium
<i>4.º</i> —	quartum
<i>5.º</i> —	quintum

Port. Latim

6.º	—	sextum
7.º	—	septimum
8.º	—	octavum
9.º	—	nonum
10.º	—	decimum
11.º	—	undecimum
12.º	—	duodecimum
20.º	—	vicesimum
30.º	—	tricesimum
40.º	—	quadragesimum
50.º	—	quingagesimum
60.º	—	sexagesimum
70.º	—	septuagesimum
80.º	—	octogesimum
90.º	—	nonagesimum
100.º	—	centesimum
200.º	—	ducentesimum
300.º	—	trecentesimum
400.º	—	quadringentesimum
500.º	—	quingentesimum
600.º	—	sexcentesimum
700.º	—	septingentesimum
800.º	—	octingentesimum
900.º	—	nongentesimum
1000.º	—	millesimum

<i>simples</i>	—	<i>simplicem</i>
<i>dúplice</i>	—	<i>duplicem</i>
<i>duplo</i>	—	<i>duplum</i>
<i>tríplice</i>	—	<i>triplicem</i>
<i>tríplo</i>	—	<i>triplum</i>
<i>quádruplo</i>	—	<i>quadruplum</i>
<i>quíntuplo</i>	—	<i>quintuplum</i>
<i>sêxtuplo</i>	—	<i>sextuplum</i>
<i>sétuplo</i>	—	<i>septuplum</i>
<i>óctuplo</i>	—	<i>octuplum</i>
<i>nôñuplo</i>	—	<i>nonuplum</i>
<i>décuplo</i>	—	<i>decuplum</i>
<i>undécuplo</i>	—	<i>undecuplum</i>
<i>duodécuplo</i>	—	<i>duodecuplum</i>
<i>cêntuplo</i>	—	<i>centuplum</i>

Advérbios

<i>mais</i>	—	<i>magis</i>
<i>menos</i>	—	<i>minus</i>
<i>muito</i>	—	<i>multum</i>
<i>sempre</i>	—	<i>semper</i>
<i>nada</i>	—	<i>nata</i> (nulla re nata)
<i>trás</i>	—	<i>trans</i>
<i>atrás</i>	—	<i>a + trans</i>
<i>não</i>	—	<i>non</i>

Port. Latim

<i>nunca</i>	—	<i>nunquam</i>
<i>jamaís</i>	—	<i>já + mais</i>
<i>sim</i>	—	<i>sic</i>
<i>acinte</i>	—	<i>ad + scientem</i>
<i>assim</i>	—	<i>ad + sic</i>
<i>adiante</i>	—	<i>ad + in + ante</i>
<i>ainda</i>	—	<i>ad + inde</i>
<i>assaz</i>	—	<i>ad + satiem</i>
<i>acima</i>	—	<i>ad + cimam</i>
<i>adrede</i>	—	<i>ad + directe</i>
<i>acaso</i>	—	<i>ad + casum</i>
<i>aliás</i>	—	<i>alias</i>
<i>bem</i>	—	<i>bene</i>
<i>mal</i>	—	<i>male</i>
<i>aquí</i>	—	<i>eccu + hic</i>
<i>aí</i>	—	<i>a + i</i> (<i>i</i> de <i>hic</i>)
<i>ali</i>	—	<i>a + li</i> (<i>li</i> de <i>illic</i>)
<i>lá</i>	—	<i>illac, ala, lá</i>
Em português antigo dizia-se:		
		<i>i, li.</i>
<i>além</i>	—	<i>ad + illic + inde = alen-</i> <i>de > além</i>
<i>aquém</i>	—	<i>eccu + inde</i>
<i>antes</i>	—	<i>ante</i>
<i>avante</i>	—	<i>abante</i> (latim popular)
<i>já</i>	—	<i>jam</i>
<i>cá</i>	—	<i>ecce + hac, acá, cá</i>
<i>acolá</i>	—	<i>eccu + illac</i>
<i>após</i>	—	<i>a + post</i>
<i>algures</i>	—	<i>alicubi</i> deu o arcaico <i>algun</i> ; depois, por analo- gia com <i>alhures</i> , deu <i>al-</i> <i>gures</i> .
<i>alhures</i>	—	<i>aliorum</i>
<i>nenhures</i>	—	<i>de nenhum</i> (por analogia com <i>algures</i>)
<i>dentro</i>	—	<i>de + intro</i>
<i>fora</i>	—	<i>foras</i>
<i>cêrca</i>	—	<i>circa</i>
<i>onde</i>	—	<i>unde</i>
<i>hoje</i>	—	<i>hodie</i>
<i>amanhã</i>	—	<i>ad + manianam</i>
<i>ontem</i>	—	<i>ad + noctem, aontem,</i> <i>ontem</i>
<i>ora</i>	—	<i>hora</i>
<i>agora</i>	—	<i>hac + hora</i>
<i>também</i>	—	<i>tam + bene</i>
<i>eis</i>	—	<i>ecce</i> (ou de <i>haveis</i> = <i>heis</i>)
<i>quicá</i>	—	<i>quid sapit</i>
<i>cedo</i>	—	<i>cito</i>

Port.	Latim
<i>arriba</i> —	ad + ripam
<i>talvez</i> —	tali + vice
<i>depois</i> —	de + ex + post, des- pois, depois
<i>então</i> —	in + tunc, enton, então
<i>longe</i> —	longe
<i>tarde</i> —	tarde
<i>embora</i> —	em + boa + hora
<i>quase</i> —	quasi

Preposições

<i>a</i> —	ad
<i>ante</i> —	ante
<i>após</i> —	a + post
<i>até</i> —	ad + tenus ou do árabe <i>atab</i>
<i>com</i> —	cum
<i>contra</i> —	contra
<i>de</i> —	de
<i>desde</i> —	de + ex + de
<i>em</i> —	in
<i>entre</i> —	inter
<i>para</i> —	per + ad — pera — para
<i>per</i> —	per
<i>perante</i> —	per + ante
<i>por</i> —	pro
<i>sem</i> —	sine
<i>sob</i> —	sub
<i>sobre</i> —	super
<i>trás</i> —	trans
<i>durante</i> —	durans, antis
<i>conforme</i> —	conformis
<i>consoante</i> —	consonans, antis
<i>salvo</i> —	salvus
<i>segundo</i> —	secundus
<i>mediante</i> —	(medians, mediantis)
<i>exceto</i> (do v. excetuar)	

Conjunções

<i>e</i> —	et
<i>nem</i> —	nec
<i>não só</i> —	non solum
<i>ou</i> —	aut
<i>ora</i> —	hora
<i>quer</i> —	quaerit
<i>já</i> —	jam
<i>mas</i> —	magis
<i>porém</i> —	proinde, porende (ar- caico)
<i>portanto</i> —	pro + tantum
<i>todavia</i> —	toda + via

Port.	Latim
<i>contudo</i> —	cum + totum
<i>senão</i> —	si + non
<i>pois</i> —	post (ou: <i>postēa</i>)
<i>entretanto</i> —	inter + tantum
<i>logo</i> —	loco
<i>quando</i> —	quando
<i>como</i> —	quomodo
<i>que</i> —	conj. causal e integrante: <i>quia</i> ; <i>que</i> conj. comparativa: <i>quam</i>
<i>se</i> —	si
<i>porque</i> —	pro + quid

Interjeições

<i>ai</i> —	vae, guai, ai
<i>eia</i> —	do grego eia
<i>sus</i> —	sus
<i>oxalá</i> —	do árabe in + xa +
<i>Allah</i> =	por Alá! = por Deus!
<i>cáspite</i> —	cáspite

NOTA: As interjeições são, às vezes apenas gritos, de modo que poucas têm origem etimológica conhecida.

Alguns verbos

Latim	Port.
<i>stare</i> —	estar
<i>tenēre</i> —	teer, ter
<i>habere</i> —	haver
<i>sedēre</i> —	seer, ser (outros dizem: do baixo latim: <i>essere</i>). Os tempos do perfeito vêm do perfeito do verbo <i>sum</i> (<i>fui</i>).
<i>pōnere</i> —	ponēre, poer, pôr
<i>laxare</i> —	leixar, deixar
<i>vidēre</i> —	veer, ver
<i>pulsare</i> —	puxar
<i>dare</i> —	dar
<i>potēre</i> —	(latim popular) — poder
<i>dicere</i> —	dicēre - dizer
<i>petire</i> —	(latim popular) — pedir
<i>venire</i> —	viir - vir
<i>ire</i> —	ir

NOTA: Este verbo forma-se de três latinos: *vado* - *vadis* - *vadere*; *fugio* - *is* - *ēre* - *fugi* - *fugitum*; *eo* - *is* - *ire* - *ivi* - *itum*.

NOTA: Sabendo-se latim, logo se vê a correspondência dos tempos dos verbos portugueses aos latinos. A formação do futuro e do condicional, porém, é diferente: Ex.: do verbo *dare* (e qualquer outro):

Futuro			Condicional		
<i>dareĩ</i>	— dare	+ habeo	<i>daria</i>	— dare	+ habebam
<i>darás</i>	— »	+ habes	<i>darias</i>	— »	+ habebas
<i>dará</i>	— »	+ habet	<i>daria</i>	— »	+ habebat
<i>daremos</i>	— »	+ habemus	<i>dariamos</i>	— »	+ habebamus
<i>dareis</i>	— »	+ habetis	<i>darieis</i>	— »	+ habebatis
<i>darão</i>	— »	+ habent	<i>dariam</i>	— »	+ habebant

(*Habeo* deu *hei*. Portanto: *dareĩ*. *Habebam* deu *havia* e, depois, por contração *ia*. Portanto: *daria*. Como *debebam* deu: *devia*, *debere* + *habebam* deu: *deveria*.

Verbo SER

(VEM DE 2 VERBOS LATINOS: *esse* E *sedere*)

No portug. arcaico, ocorriam as formas, vindas dos 2 verbos. Só eram comuns o *infinito*, o *imperat.*, o *gerúndio*, o *fut.* e o *condic.*

O verbo *esse* deu:

Ind. pres.

sum — sōo - som - são - sou
 es — es
 est — est
 sumus — somos
 estis (não deu nada). *Sois* vem
 do arcaico: *sondes* — sōdes -
 sodes - soes - sois
 sunt — son - som - são

Imperf.

eram — era
 eras — eras
 etc. etc.
 eratis — erades - eraes - éreis

Perf.

Fui — fui
 etc. etc.

M.-q.-perf.

fuëram — fôra
 etc. etc.

Imp. subj.

fuissem — fôsse
 etc. etc.

Futuro

Fuëro — foor - fôr
 etc. etc.

O verbo *sedere* deu:

Ind. pres.

sedeo — sejo
 sedes — sees - sês
 sedet — see - sê
 sedemus — seemos - semos
 sedetis — sededes - seedes - sêdes
 sedent — seem - sem

Imperf.

sedebam — seía - siia - sia
 as — seías - siias - sias
 at — seía - siia - sia
 amus — seíamos - siíamos -
 síamos

atis — seiades - siades -
siaes - sieis
ant — seiam - siiam - siam

Perf.

sedevi — seeve - seve
isti — seeveste - seveste
it — seeve - seve
imus — seevemos - sevemos
istis — seevestes - sevestes
erunt — seeveron - severan

M.-q.-perf.

sedeveram — severa
as — severas
at — severa
etc.

Imperativo

sede — see - sê
sedete — seede - sêde

Subj. pres.

Sedeam — seja
as — sejam
at — seja
amus — sejam
atis — sejam - sejam - se-
jais
ant — sejam - sejam

Imperf. subj.

sedevissem — sevesse
es — seveses

et — sevesse
etc.

Futuro do subj.

sedevero — sever
sedeveris — severs
etc.

Futuro

sedere + habeo - serei
etc.

Condicional

sedere + habebam - seria
etc.

Infinito impessoal

sedere — seere - ser

Infinito pessoal

sedere — seer - ser
es — seeres - seres
et — seer - ser
emus — seeremus - sermos
etis — seeredes - seerdes -
serdes
ent — seeren - serem

Gerúndio

Sedendum — seendo - sendo

Particípio passado

sido (formou-se, por analogia
com os *part. pas.* em *ido*)

Algumas palavras e expressões arcaicas

preto = perto (de origem incerta; segundo Gonç. Viana: do espanhol antigo: *prieto*)
ca (ainda hoje usado no Algarve) = *porque*, *que* (conjunção integrante)
e *que* (conj. comparativa)
perdante — per-de-ante
quicais (de *quid sapit*; o *s* latino não dá *ç*; mas o som *ds* deu *ç*, como de *Gund'salvu* vem *Gonzalo* e *Gonçalo*; em espanhol antigo: *quicab*) = *quicá*, talvez.
aque — (ainda hoje: *aque-d'el-rei*) — (de *eccu* ou de advérbio *aquí*)
en, ende (de *inde*) = de aí
aquende = *aquém*
alende = *além*
u = *onde* (de *huc*. Em francês: *où*)

en (de *in*) = em
suso (de *sursum*) = acima
oi (de *hodie*) = hoje
juso, *deusu* (de *deorsum*) = embaixo
s. (de *scilicet*: *scire licet*) = convém saber, isto é
redro (de *retro*) = para trás
samicas = porventura
eiri ou *eire* (de *heri*) = ontem: (*ontem* vem de *ad noctem*)
cras (de *cras*) = amanhã
unde (de *unde*) = onde
antano (de *ante annum*)
perol = porém
ógano (de *hoc ano*)
én (de *inde*, *ende*, *en*) = isso
cote, *cotio*, *quittidio* (de *quotidie*) = quotidianamente
aduro, *adur* (de *ad durn*) = apenas
anvidos (de *invitus*) = contra vontade
rem ou *ren* (de *rem*). Foi pronome arcaico. De *algo* + *rem* veio *algorém*
 e *algorrém* = algo; *rem* = cousa
ensembra (de *in simul*) = juntamente
so (de *sub*) = sob
agião, *aginha*, *asinha*, *azinha* (de *agina*) = depressa
homem (de *hominem*) = gente. Também se encontra: *ome*
chus (de *plus*) = mais
che, *xe* (era pronome pessoal expletivo, ético; vem do pronome *ti*, que,
 seguido de *a* e *o*, deu *cha*, *cho*, e o arcaico *che*; ex.: «dou-che
 lo vivo»).

aficar = teimar
aguça = vigilância
andança = sorte
après = perto de
ataa = até
avença = pacto
barva = barba
becha = bicha
brasmar = blasfemar
brevagem = beberagem
bogia = vela
caje = quase
cal = qual
chantar = plantar, pôr
chor, *frol* = flor
congosta = rua
conquerer = conquistar
avém (de *aviir*) = acontece
deostar = doestar, molestar
dulta = dúvida
eivigar = edificar
empeto = todavia
en, *ende* = dali, dêle, disso
filhar = agarrar

fis = firme
fraire = frade, freire
fraisseo = freixo
gracir = agradecer
guarecer = curar
heresia = heresia
Ieramaa = em hora má
leixar = deixar
loer = louvor
loitar = lutar
ma = minha
macar = ainda que
mentre = entanto, enquanto
nombro = número
nengun = nenhum
nulho = nenhum
nega = senão
oir = ouvir
oultre = outrem
paravoa = palavra
prão = plano
qualxiquer = qualquer
quitar = tirar
rem, *ren* = cousa, nada

revora = maioridade
ricomen = rico-homem, fidalgo
sa = sua
seenço = silêncio
certão = certo
seestro = sinistro, esquerdo
segre = século
semel = descendência
sobinho = de costas
sem = senso, razão
traer = trair
teevras = trevas
tridigo = trigo
usso = urso
vezada = vez
vergonça = vergonha
mao peccado! (locução interjet.)
mar (era feminino antigamente)
fim (era feminino antigamente)
planeta (era feminino antigamente)
linhagem (mascul. antigamente)
linguagem (mascul. antigamente)

tribo (era mascul. antigamente)
mia Senhor = minha Senhora
 (Senhor era mascul. e fem.)
por semelhante = para igualmente
fïjs = fins
percalçar = alcançar
çarrar = cerrar, fechar
postumeyra = última
atee a terra = até ao rés-do-chão
per en = por isso
infynta = fingimento
como ssy mesma = como a si
 mesma
meor = menor
porém = por isso
pagar-se = agradar-se
mallandante = infeliz
coita = angústia; *rrey* = rei; *ssy*
 = si

NOTA: Os antigos geminavam o *r*
 quando era rolado, e o *s*, quando era
 surdo.

**Observações sobre a ortografia,
apoiadas nos conhecimentos de fonética histórica**

*Palavras mal grafadas
durante séculos:*

Theor

Palavras escritas corretamente, segundo a reforma ortográfica, a qual é fonético-etimológico-histórica; isto é, atende ao som, à origem e à história de cada palavra:

por Teor (do latim: *tenorem*)

Systhema

» Systema, sistema (do grego: *systema*)

Rethórica

» Rhetórica, retórica (do latim: *rhetoricam*)

Sátyra

» Sátira (do latim: *satiram*)

NOTA: Há também *sátyro*, *sátiro*, que está bem escrito, que significa *devasso*, *imoral*, e que vem do latim: *satyrum*.

Collosso

por Colosso (do latim: *collossum*)

Defeza

» Defesa (do latim: *defensam*)

Despeza

» Despesa (do latim: *depensam*)

NOTA: Mais à frente, vêm as palavras em *eza* e em *esa*.

Ellypse

por Ellipse, elipse, (do grego: *elleipsis*)

Eclypse

» Eclipse (do latim: *eclipsen*)

Esphynge

» Esphinge, esfinge (do latim: *sphingem*)

Hypódromo

» Hippódromo, hipódromo (do grego: *hippodromos*)

Rebeca (instrumento musical)

» Rabeca (do árabe: *rabeb*)

NOTA: Desta palavra veio também *râbil* ou *arrabil* e *rabecão*. *Rebeca* foi uma célebre hebréia, mulher de Isac.

Explendor	por Esplendor (do latim: <i>splendorem</i>)
Explendido	» Esplêndido (do latim: <i>splendidum</i>)
Expontaneamente	» Espontâneamente (do latim: <i>spontaneam</i> + <i>mentem</i>)
Ephigenia	» Iphigênia, Ifigênia (do latim: <i>Iphigenia</i> ; em grego: <i>Iphigeneia</i>)
Alemquér	» Alenquer (do árabe: <i>Alanquer</i>)
Author	» Auctor, autor (do latim: <i>auctorem</i>)
Paraizo	» Paraíso (do latim: <i>paradisum</i>)
Ascensão	» Ascensão (do latim: <i>ascensionem</i>)
Cathegoria	» Categoria (do latim: <i>categoria</i> ; em grego: <i>kategoria</i>)
Condicção	» Condição (do latim: <i>conditionem</i>) (*)
Contricção	» Contrição (do latim: <i>contritionem</i>)
Contricto	» Contrito (do latim: <i>contritum</i>)
Tradicção	» Tradição (do latim: <i>traditionem</i>)
Transicção	» Transição (do latim: <i>transitionem</i>)
Chrispim	» Crispim (do latim: <i>Crispinum</i>)
Sachristão	» Sacristão (do latim: <i>sacristanus</i>)
Sachristia	» Sacristia (do latim: <i>sacristia</i>)

(*) O *t* latino dá apenas um *c*. Quando há *ct* em latim, há geralmente dois *cc* em português, como por ex.: *sectionem* = secção. As vezes o *c* do grupo *ct* dá *i*. Ex.: *perfectionem* dá perfeição.

Sepulchro por Sepulcro (do latim: *sepulcrum*)

NOTA: Há o adjetivo *pulcro*, *pulcra*, *pulcros*, *pulcras* (= belo); vem do latim: *pulcher*, *pulchra*, *pulchrum*.

Degladiar por Digladiar (do latim: *digladiari*)

Thiago por { Tiago (de Santo +
Iago = San Tiago

Acêrto = ato de acertar.

Asserto = asserção, afirmação (do latim: *assertum*)

Atraz por Atrás (do latim: *a + trans*)

Atravez » Através (do latim: *a + transverse*)

Aereonauta » Aeronauta (do latim: *aer + nauta*)

Cathecismo » Catechismo, catecismo, (do grego: *katechismos*)

Catecúmeno » Catecúmeno, catecúmeno, (do grego: *katechoumenos*)

Addiar » Adiar (*a + dia + ar*)

Aggremiar » Agremiar (*a + grêmio + ar*)

Allemão » Alemão (do latim: *alamanus*)

Papel almasso ou almaço.

NOTA: Não se sabe bem a origem desta palavra. Gonçalves Viana apresenta *almasso* e *almaço* no seu «Vocabulário Ortográfico». O Vocabulário brasileiro só traz: *almaço*.

Amarello por Amarelo (de ambarelo; âmbar + elo)

Amisade » Amizade (do baixo latim: *amicitatem*; o *c* latino deu *z* em português)

Vós amasteis	por Vós amastes (<i>amavis-</i> <i>tis</i>)
Tu amastes	» Tu amaste (<i>amavisti</i>)

NOTA: Escrever-se-á corretamente:
Se vós *amásseis* (*amavissetis*).

Anedocta	por Anecdota, anedota, (do grego: <i>Anéckdotos</i>)
----------	--

NOTA: A pronúncia devia ser *anédotá*, mas ninguém assim diz.

Ancia, aneio	por Ânasia, anseio (do la- tim: <i>anxia</i> ; o <i>x</i> la- tino não dá <i>c</i> em português). Alguns clássicos grafaram até <i>anxia</i> .
--------------	---

Aza	» Asa (do latim: <i>ansa</i>)
Brazão	» Brasão (do latim: <i>bla-</i> <i>so</i>)
Cahos	» Chaos, caos (do latim: <i>chaos</i>)
Berne	» Berna (assim escreve- ram os antigos)
Assucar	» Açúcar (do árabe: <i>çuk-</i> <i>kar</i>)

NOTA: É argumento bastante, em defesa da grafia açúcar, com *c* cedilhado, saber que Gonçalves Viana assim se expressou:

« Açúcar e não assúcar, escreveram sempre os nossos; está esta ortografia em harmonia com o castelhano antigo *açucar*, modernamente escrito *azucar*. O vocábulo é de origem imediata arábica, e não da remota latina *saccharon*, ou grega *saucharon*, como o prova o *u*, e para português e castelhano a adjunção do artigo árabe. Já se advertiu que os *ss* das palavras arábicas estão representados em português por *ç* em quase todos os vocábulos, mesmo modernamente, e é inútil abrirem-se exceções, que põem a ortografia usual em desacôrdo injustificável com a antiga, e são francesismos de escrita que convém expungir. »

Braza	por Brasa (do germano: <i>bras</i> = fogo)
Brazil	» Brasil (de <i>brasa</i> + <i>il</i>)

NOTA: Nas principais línguas, exceto em inglês, é com *s*. Os clássicos, como João de Barros, Camões, e outros, escreveram com *s*. Na Gramática de Anchieta está *Brasil* 62 vezes.

[illegible]

Camphora » Cânfora (do árabe: *al-cânfor*)

Cerimônia (vem do latim: *caerimonia*)

Chrysalis (from *do* Latin: *exsurgere*)
 Chrysal por Crystal, cristal (do la-
 tim: *crystallum*)

Colyseu » Coliseu (do latim: *colosseum*)

{ Cear = comer a ceia (do latim *coenare*)
 { Ciar = ter ciúmes (de *cio* + *ar*)
 { Ciar = remar para trás; é termo marítimo; do espanhol:
ciar.

{ Conselho (do latim: *consilium*)
 { Concelho (do latim: *concilium*)

Concelho é circunscrição administrativa em Portugal.

Conselho é opinião, parecer, corpo administrativo: administrador de *concelho*; *conselho* de ministros.

{ Consêrto (do latim: *consertus*)
 { Concêrto (do latim: *concertare*)

Concertar vozes, assistir a um *concêrto*

Consertar relógios, calças

Crina (do latim: *crinis*). Também: *clina* (do castelhano: *clina*)

Contheúdo	por	{ Conteúdo (forma an- tiga do particípio <i>contido</i> do verbo <i>conter</i>)

Crânio » Crânio (do latim: *cranium*)

[Aluguer e aluguel (do castelhano antigo: *alouer*)

NOTA: Encontram-se estas formas em bons escritores. *Aluguer* é mais usado, hoje, em Portugal; *aluguel*, no Brasil.

Avestruz (do latim: *avis-struthio*)

Frecha e flecha (do alemão *flitsch*, ou do castelhano: flecha)

Cobarde e covarde (do castelhano: *cobarde*)

Taberna e taverna (do latim: *taberna*)

- | Cegar = ficar cego (do latim: *caecare*)
 | Segar = ceifar (do latim: *secare*)

Dansa

por

Dança (do castelha-
no. danza; ou, se-
gundo Diez, do an-
tigo alto alemão:
danson)

O Vocabulário Or-
tográfico de Gonçal-
ves Viana traz: *dan-
ça*. O Vocabulário
brasileiro traz: *dan-
ça*)

Debotar ou Desbotar
Diminutivo

| Diminutivo (do la-
tim: *diminutivum*)

Dentrifício, dentrífico

» Dentifrício, dentífirico

- | *Dezenove ou dezanove?*
 | *Dezessete ou dezassete?*
 | *Dezesseis ou dezasseis?*

As formas clássicas são: *dezasseis*, *dezassete* e *deza-
nove* (*decem ad sex*, *decem ad septem*, *decem ad novem*).
Em italiano é também: *diciasei* (pouco usado), *dicia-
sette*, *dicianovè*. O Vocabulário ortográfico brasileiro traz
só as formas populares: *dezesseis*, *dezessete*, *dezenove*.

Dignatario

por Dignitário (do latim.
dignitas + *ário*)

Discreção (do latim *discretionem*: ato de ser discreto)

NOTA: Dizem Gonçalves Viana e Când. de Fig. que a forma encon-
trada nos clássicos é *discrição* (qualidade de ser *discreto*), e que todos
assim pronunciam. O Vocabulário ortográfico de Gonçalves Viana traz
discrição; o brasileiro traz: *discrição* e *discreção*. Também há *descrição*
(do latim: *descriptionem*), mas significa *ato de descrever*.

- | Chácara — é um quintal, uma pequena herdade
 | Xácara — é uma narrativa popular em verso (do árabe:
 zácara)
 | Corrector, corretor (de provas) (do latim: *correctorem*)
 | Corretor (de café) (talvez do espanhol: *corredor*)
 | Corsel por corcel (do castelhano: *corcel*)

Adaga (do latim: *daga*) = arma branca de lâmina larga e curta

Adarga (do latim: *addaraca*) = escudo

Barbaria ou barbárie = selvajaria

Berberia — é nome geográfico. Os *berberes* são os habitantes

Bêbado — é a forma popular de *bêbedo*

Coser — com agulha, costurar (do latim: *consuere*)

Cozer — batatas (do latim popular: *cocere*; o *c* dá *z* em português)

Cozinhar (do latim: *cocina*; *cozinha* + ar)

Cabido (de cônegos) (do latim: *capitulum*)

Cabide (móvel, em que se pendura roupa) (do latim: *capitulum*, ou talvez do árabe *makbid*)

Criar (do latim *creare*). A Reforma ortográfica prescreveu apenas: *criar* (como *criatura*, *criança*, *criado*, etc.).

Edade, Egreja, Igual ou *Idade, Igreja, Igual*? Muitos clássicos escreveram *idade* (*aetatem*), *igreja*, *igual* (*aequalem*). A origem, de *igreja* é *ecclesia*, que teve a forma intermédia *eigreja*; caíndo o *e* inicial, ficou *igreja*. A reforma ortográfica prescreve: *idade*, *igreja*, *igual*.

Edicto, edito = decreto, ordem (do latim *edictum*)

Édito = ordem do juiz, da autoridade administrativa, edital (do latim *éditum*). E' termo forense.

Escrevel-o, amal-o, ouvil-o, pol-o; ou:

Escrevê-lo, amá-lo, ouví-lo, pô-lo?

Não há dúvida de que é: *escrevê-lo*, *amá-lo*, etc. Razão: Em português há o pronome-artigo *lo* (de *illum*, *illos*, *illam*, *illas*), como lhe chamou o maior filólogo lusitano, Gonçalves Viana. Quando *lo* servia de pronome, nos dialetos da Península Ibérica, e estava posto aos infinitos, escrevia-se assim: *amar-lo*, como, ainda hoje, os espanhóis escrevem: *hablar-lo*, *decir-lo*. Camões e muitos clássicos escreveram: *julgallo*, *experimentallo*, o que prova que era: *julgar* + *lo*, *experimentar* + *lo*, dando-se uma assimilação consonântica, regressiva, perfeita, como muito bem diz o ilustre professor José Rizzo, no seu livro «O pronome-artigo *lo*». Sendo

a pronúncia *jul gá lo*, e tendo caído, pois, o 1.º *l*, ficou a forma: *julgá-lo*, como escreveram muitíssimos clássicos, como escrevem hoje *todos* em Portugal e como escreveram no Brasil, Lameira de Andrade, Pacheco da Silva Júnior, Augusto Freire, Heráclito Graça, Sílvio de Almeida, Carlos Pereira (nas últimas edições da Gram. Expos. e na Gram. Histórica) e muitos outros. A reforma ortográfica prescreve: *amá-lo*, *pô-lo*, etc.

Diz ou dize? (nos imperativos)

Faz ou faze?

Traz ou traze?

De ambos os modos. Hoje, em Portugal, onde o tratamento de *tu* é comum, todos dizem: *diz*, *faz*, *traz*. Ex.: Faz-me um favor, João; diz-me como te chamas.

Está, além disso, de harmonia com estes dois imperativos latinos: *dic*, *fac*: o *c* deu *z* em português.

Embalsamento	por Embalsamamento (de bálsamo)
Embroglio	» Imbróglio (do italiano: <i>imbróglio</i>)

{	Eminente = ilustre, egrégio (do latim <i>eminentem</i>)
	Imminente, iminente = sobranceiro, que ameaça (do latim <i>imminentem</i>)

eça por *essa* (catafalco, estrado; do latim *ersa*, do verbo *erigere*. E' errônea a forma usual *eça*)

{	Em pró, ou: em prol (do latim: <i>pro</i>)
	Ex.: Pôr a vida <i>em pró</i> da sua dignidade (Filinto (Elísio)
	Lutar <i>em prol</i> da Justiça

Espilrar ou espirrar (do latim: *expirulare*)

NOTA: *Espilrar* é usado pelo povo.

Explosir	por Explodir (do latim: <i>explódere</i>)
Estramalhado	» Tresmalhado (de tres + malha + ado)

{	Extrangeiro	» Estrangeiro (do fr. <i>étranger</i>)
	Extranhar	» Estranhar (do latim: <i>straniari</i>)

Extremo (bem; do latim: *extremum*)

Exempção e isenção

NOTA: A origem é *exemptionem*, donde devia vir *exenção*; como a pronúncia é, porém, *isenção*, *isento*, começaram muitos a escrever assim. Gonçalves Viana dá as duas formas. O Vocabulário ortográfico brasileiro dá só *isenção*.

Exforço	por Esfôrço (do ital.: <i>sforzo</i>)
Exuberante	» Exuberante (do latim: <i>exuberantem</i>)
Exorbitar	» Exorbitar (do latim: <i>exorbitare</i>)
Expluir	» Explodir (do latim: <i>explódere</i>)

Evoluir	» Evolver (do latim: <i>evolvere</i>)
---------	--

NOTA: *Evoluir* é muito usado modernamente; mas não tem étimo legítimo.

Facha	por Faixa (do latim: <i>fascia</i>)
-------	--------------------------------------

NOTA: Também há *facha* (do latim *faculam*), mas significa, em calão, *rosto*. Exemplo: Triste de facha (Bocage); significa também *facho*. Exemplo: Com que facha de caridade é aceso em Deus (Herculano).

Fagulha e faúlha	(do latim: <i>favilla</i>)
------------------	-----------------------------

NOTA: *Fagulha* é forma popular.

Férvido = impetuoso; do latim *férvidum*; ex.: Tais, contra Inês, os brutos matadores... se encarniçavam *férvidos* e irosos (Camões)

Fervido (particípio do verbo ferver)

Flórido e florido (que está em flor, florescente)

Estilo *flórido* e engalanado mais do que cumpre.. (Latino Coelho).

Flórido vem do latim *flóridus*; *florido* vem do verbo *florir*. Diz-se: *estilo flórido*; *ramo florido*. Disse o Pe. Manuel Bernardes: «Em português, não diremos bem do estilo do pregador, que é *florido*, carregando no *i*, nem de um ramo que está *flórido*, carregando o *o*; senão às avessas» (apud Assis Cintra). Hoje, usa-se comumente *florido* para os dois casos.

Frak	por Fraque (do alemão: <i>frack</i>)
------	---------------------------------------

NOTA: Aportuguesando a palavra, temos naturalmente: *fraque*.

Farça

por Farsa (do castelhano:
farsa, ou do italia-
no: farsa)

- [Fraga = rocha escarpada, pedregulho
- [Frágua (do latim: *fabrica*) = forja; ex.: Acende a *frágua* o ferreiro ao tempo que o galo canta (Sá de Miranda)
- [Franguinho ou frangainho, frangote ou franganote
- [Razão:
- [De frango + inho veio franguinho. De frângão + inho veio frangainho
- [De frango + ote veio frangote. De frângam (ou frângão) + ote veio franganote

NOTA: Frango e frângão têm a mesma significação.

Fruto (do latim *fructus* veio *fruito* e, depois: *fruto*)

- [*Gaulês*. *Gaulês* é francesismo oriundo de *gaulois*; de *Gallia* só poderá vir *Galo* ou *Gálio* (*). E' difícil tirar a palavra *gaulês*, porque o seu uso é constante; Gonçalves Viana registra as duas formas, *gálio* e *gaulês*. Igualmente, o Vocab. ort. brasileiro.

Geito por jeito (do latim: *jactum*)

- Gorgeta por Gorjeta (de gorja = garganta + eta)
- Gorgeio » Gorjeio (de gorja + eio)
- Gaz » Gás (do alemão: *gas*)

NOTA: Diz C. de Fig. que em espanhol, italiano, alemão e inglês é *gás*; que a palavra foi inventada por um flamengo, Van Helmont, que a derivou do grego *khaos* (= massa informe). *Gaz* = medida de extensão.

[Hespanha por Espanha

NOTA: *Espanha* vem do baixo latim *Spana* ou *Spania*; no latim puro há *Hispania*, e, por isso, podíamos escrever *Hispanha*, mas nunca *Hespanha*. O melhor é escrevermos sempre: *Espanha*, porque o baixo latim *Spana* deu em inglês *Spanisch*, em alemão *Spanien*, em espanhol *España*, em francês *Espagne*, em italiano *Spagna*. Mas, escrever-se-á: *hispano-americano*.

Hombro e *ombro* — Diz C. de Fig. que os dicionários dão a origem *humerus* a *ombros*; mas que Quicherat registrou *humerus* e *umerus*; que os filólogos vi-

(*) Um exemplo de Camões, *Lusíadas*, canto X: «...os admirados Alemães, Galos, Itálos e Inglêses...».

{ ram que, nas fontes sânscrita, grega e latina (nos mais autênticos documentos), não há *h*; que deve ser, pois, *ombro*. Gonçalves Viana registra as duas formas, preferindo a segunda. O Vocab. ort. brasil. registra só: *ombro*.

* *Hesitar* (do latim *haesitare*). É erro grosseiro escrever *exitar*, como se vê, às vezes.

{ Hontem por Ontem.

NOTA: Todos os que sabem português se convencem de que se deve escrever *ontem*, mas todos o evitam. *Ontem* vem, segundo Cornu e muitos filólogos, de: *ad noctem*. E por que é que lhe puseram sempre *h*? Porque hoje vem de *hodie*; e, como *ontem* se diz em latim *heri*, julgaram que *ontem* veio de *heri*, o que não pode ser. Gonçalves Viana registra *ontem* e *hontem*, preferindo a 1.^a forma. O Vocab. ort. brasil. registra só: *ontem*.

Illucidar por Elucidar (do latim: *elucidare*)

Imantar (galicismo) por Imanar ou imanizar (de *imã* + ar ou izar)

{ Immigrar, imigrar (do latim *immigrare* = entrar num país)
Emigrar (do latim *emigrare* = sair de um país)
Immergir, imergir (do latim *immergere* = mergulhar)
Emergir (do latim *emergere* = sair de onde estava mergulhado)

Immiscuir-se por Envolver-se, misturar-se

NOTA: *Immiscuir* é erro, porque não tem origem legítima; do latim *immiscere* não pode vir *imiscuir*; mas é muito usado.

Inficioso por { Infeccioso (do latim: *infectio-*
nem = infecção + oso); ou:
infectuoso (de infecto + oso)
e infetuoso.

Indefesa ou indefensa (do latim: *indefensam*)

NOTA: *Indefensa* é uma forma alatinada.

{ O sufixo «izar». Vem diretamente do baixo latim: *izare*, como se vê nas palavras: *baptizare*, *latinizare*.
Em grego: *izein*; em latim: *icare*.
Certos verbos terão a forma final *izar*, se tiverem o sufixo *izar* depois da raiz. Exemplo:
organ + izar (=organizar; — organização, etc.)

civil + izar (= civilizar; — civilização, etc.)
 concret + izar (= concretizar)
 poet + izar (= poetizar) (não é de *poetisa* + *ar*)
 generalizar narcotizar profetizar, etc.

Note-se, porém: deslize (do castelhano: *desliz* + *ar* = *deslizar*).

Certos verbos terão a forma final *isar*, se a raiz tiver *s* e o sufixo fôr *ar*. Exemplo:

frisa + ar (= frisar)
 visar (do latim *visare* por *visere*)
 análise + ar (= analisar)
 preciso + ar (= precisar)
 a + liso + ar (= alisar)
 pisar; vem do latim: *pīnsare*
 divisar (do latim: *divisare*)

NOTA: A causa da confusão que se nota nos escritores advém da falta de cuidado e da influência do francês, que tem, por exemplo: *civiliser*, *civilisation*, etc.

O sufixo «*zinho*», «*zito*» (do castelhano: *cico*, *cito*, *zuelo*).

Escrever-se-ão com *z* os diminutivos, cujo sufixo é *zinho*, *zito*; ex.: *Joãozinho*, *animalzinho*, *sòzinho*, *florzinha*, *cãozinho*, etc.

Casinha, porém, tem *s*, porque é *casa* + *inha*; *mesinha* (*mesa* + *inha*); quando há *s* na raiz, o sufixo é *inha* e não *zinha*. Note-se, porém, que *mezinha* (= clister, remédio) tem *z*, porque vem do latim *medicinam*; o *c* latino dá *z* em português.

io e *iu*; *eo* e *eu*.

Quando há duas sílabas finais, escreveremos *io*; ex.: proveio, veio. Quando há uma sílaba final, escreveremos *iu*; ex.: êle riu, êle sorriu, êle viu, êle ouviu.

Os clássicos em geral escreviam as palavras com a terminação *io* (eu sorrio (presente) e êle sorrio (perfeito)). Hoje, fizeram-se as devidas distinções; por isso, escreve-se hoje: *meu*, *teu*, *seu*, *venceu*, *comeu*, *cêu*, *chapêu*, *Deus*, etc., e eu sorrio e êle sorriu, êle veio.

Laranjeira

por Laranjeira (de *laranja* + *eia*)

Limitamos-nos	por Limitamo-nos
Pomos-nos	» Pomo-nos
Subscrevemos-nos	» Subscrevemo-nos

NOTA: O *s* cai por eufonia.

Lisongeiro por Lisonjeiro (lisonja + eiro)

Logar e lugar. Diz Aulete e dizem alguns dicionários que *logar* veio de *locus*, o que não pode ser; de *locus* veio *logo*; a origem de *logar* é, talvez: *locale*, ou o castelhano: *lugar*; os clássicos escreveram *lugar*; mas, se nós temos *local*, *localidade*, *locar*, *localizar*, etc., acho que a palavra *logar* fica bem igualmente. Gonçalves Viana apresenta as duas formas: *logar* e *lugar*. O Voc. ort. brasileiro dá apenas *lugar*.

Liz por Lis do francês: lis; em latim: *lilium*)

Mac-adam » Macadame (vem de *Mac-Adam*, nome do inventor)

A palavra já se aportuguesou.

Maciço, macisso, massiço

NOTA: As três formas são usadas pelos escritores. Os filólogos, entre os quais Gonçalves Viana, preferem *maciço* (do castelhano: *mazizo*). Os Voc. ort. port. e bras. dão só: *maciço*.

Magestade por Majestade (do latim: *majestatem*)

Manuel (do latim *Emmanuel*, um dos nomes do Messias; em hebraico quer dizer: Deus *conosco*)

Massa = pasta

Maça = clava, pau pesado, com uma extremidade mais grossa e que, noutros tempos, servia de arma

Maçada e não: massada (de maço + ada)

Massagem — Gonçalves Viana diz: *massagem* (do francês *massage*). Esta é que é a verdadeira origem.

Escrever-se-á: *contigo* ou *contigo*, *comforme* ou *conforme*?

A regra antiquíssima, que se vê nas gramáticas, é que se emprega *m* antes de *b* e *p*. Escrever-se-á, pois: *contigo*, *consigo*, *convosco*, *conforme*. Viam-se formas certas e formas erradas; assim, muitos escreviam *conchegar* e escreviam *contigo*, incoerentemente. A Re-

forma ortográfica portugêsa manda fazer exceção, nas palavras começadas por *bem*, como: *Bemvinda*, *Bemfica*, *bemaventurado*, *bemfeitor*, etc., e em: *emquanto*, *emfim*. O Voc. ort. brasileiro manda escrever: *benfeitor*, *enquanto*, etc., seguindo a regra geral, e *bem-aventurado* e *bem-vindo*.

No, *neste*, *naquele* não se podem escrever *n'o*, *n'êste*, *n'aquêle*, porque *em* + *êste* = *eneste* = *neste*. Se tivéssemos, pois, que escrever apóstrofo, teríamos que pô-lo antes do *n*.

Dêle, *dêsse*, *daquêle* poder-se-iam escrever *d'êle*, *d'êsse*, *d'aquêle* (*de* + *êle* = *d'êle*, etc.), mas, como escrevemos *do*, *da*, *dos*, *das* sem apóstrofo, a Reforma ortográfica mandou tirá-lo. O apóstrofo desapareceu da língua. Quando fôr preciso escrever, por exemplo: N«Os Lusíadas», N«O Estado de S. Paulo», far-se-á assim: — Em «Os Lusíadas»; Em «O Estado de S. Paulo», etc.

Nem se quer por Nem sequer

NOTA: Escrever-se-á *se quer*, quando houver a conjunção *se* e o verbo *querer*.

Dar-lha (= *dar* + *lhe* + *a*). Ex.: A caneta, eu já lha dei — E, se houver *lhes* + *a*, como faremos?

Por ex.: Você deu a caneta às crianças?

— Eu já lha dei (= já *lhes* dei *a* caneta). Esta frase é pura? Sim.

NOTA: Os clássicos empregavam, às vèzes, *lhe* em vez de *lhes*. Ex.: «Este... por não causar discórdias... *lhe* (às damas) diz:» (Camões).

Notar = observar (do latim: *notare*)

Nutar = oscilar (do latim: *nutare*)

Obsecar por Obcecar (do latim: *obcaecare*)

Oh ou ó?

Os latinos geralmente escreviam *o*. Os franceses fazem distinção, escrevendo *o* nos vocativos; ex.: *ó João*; e *oh* nas exclamações; ex.: *oh! que beleza!* A Reforma ortográfica manda seguir esta regra.

Paiz por País (do francês *pays*. Em latim: *pagus*)

Palhêta (em pintura) » Paleta (de *pala*) ou do italiano: *paletta*)

Em papos-de-aranha

NOTA: Houve quem dissesse que era *palpos de aranha*; Gonçalves Viana, porém, e outros filólogos, acharam que o certo é *papos*, como todos dizem. Também há *palpo* (do latim: *palpus*), que significa cada um dos dois apêndices articulados da boca dos insetos.

Pensar (meditar) e pesar; do latim: *pensare*.

Pensar (de penso) do latim: *pensum* = pêso de lã para fiar + ar = aplicar um penso. Ex.: Pensar uma ferida = aplicar o curativo.

Percursor	por Precursor (do latim: <i>praecursorem</i>)
Pêcego	» Pêssego (do latim: <i>persicum</i>)
Pêzames	» Pêsames (de <i>pesar</i>)

NOTA: Pode dizer-se: o *pêsame* e o *parabém*. Vieira escreveu: *E assim vos damos o parabém*.

Phthisica. Segundo a origem está bem (do grego: *Phthisis*), mas segundo a reforma ortográfica: *tísica*.

Pictoresco ou pitoresco ou pinturesco ou pintoresco.

NOTA: A forma *pittoresco* é um italianismo; vem do italiano (*pittoresco*); as outras formas, porém, são melhores, porque a 1.^a e a 2.^a vêm do latim *pictor*, e as outras são formadas no seio da língua.

Poderoso = que tem poder (de poder + oso)

Ponderoso = pesado, importante. Ex.: Uma razão ponderosa (do latim: *ponderosus*)

Percentagem (de *per* + *centum* + *agem*). É forma vernácula. *Porcentagem* é forma popular, no Brasil.

Posponto ou pesponto?

Os clássicos escreveram (e o povo ainda hoje diz) *pesponto*, *pespontar*. Depois, começaram os dicionários a dizer: *posponto* (pos + ponto). C. de Figueiredo diz que êle também registrou irrefletidamente no seu dicionário *posponto*, mas que a forma legítima é *pesponto*, porque assim escreveram os clássicos e assim se escreve em castelhano: *pespunte*. Gonçalves Viana e o Voc. ort. bras. registram apenas *pesponto*.

Poude	por Pôde (Êle <i>pôde</i> , perfeito do verbo poder; êle <i>pode</i> é indicativo presente)
-------	---

Puz, poz, se eu pozer, eu pozera, que eu pozesse
 Deve ser: eu pus (do latim *posui*)
 êle pôs (do latim *posuit*)
 se eu puser (do latim *posuerim*)
 eu pusera (do latim *posueram*)
 que eu pusesse (do latim *posuisssem*)

NOTA: Escrever-se-ão, pois, com *s* também os compostos do verbo *pôr*.

São comuns os erros: podera, podesse, se podér, posera, posesse, se poser. Deve ser: de *pude* (perfeito do verbo *poder*): pudera, pudesse, se puder; de pus (perfeito do verbo *pôr*): pusera, pusesse, se puser.

Eu *quiz*, eu *quizera*, eu *quizesse*

Deve ser: eu quis (do latim: *quaesivi*)
 eu quisera (do latim: *quaesiveram*)
 que eu quisesse (do latim: *quaesivissem*)

NOTA: *Querer* vem do latim *quaerere*. Os tempos primitivos são: quaero, quaeris, quaerere, *quaesivi*, *quaesitum*. No perfeito *quaesivi* há um *s*, como se está vendo. Por que razão escreviam os verbos portugueses com *s* ou com *z*, consoante a origem latina (exemplo: tu *vês* (tu *vides*), êle *fêz* (ille *fecit*), e não olhavam para a origem, quando escreviam o verbo *pôr* e o verbo *querer*?

Incoerências da ortografia usual ou mixta ou disparatada!

Praia-mar

por Preamar (de *plena* + *maré* ou do castelhano: *pleamar*)

Preeminente — elevado, distinto. Ex.: homem preeminente. Os clássicos assim escreveram. Camões no canto X dos *Lusíadas*, estância CLI, e em outros lugares, escreveu *preeminente*. (Do latim: *preeminentem*)

Proeminente = que forma relêvo, saliente. Ex.: Nariz proeminente. Emprega-se em sentido físico (do latim: *proeminentem*)

NOTA: Cândido de Fig. diz que devemos fazer distinção.

Os dicionaristas, porém, apresentam também *proeminente* com sentido moral. Alguns escritores assim têm feito também; ex.: A feição mais proeminente que caracteriza o vulto moral de D. Frei Francisco... (Latino Coelho). É preciso que um caráter proeminente distinguisse êsses gênios (Mont'Alverne).

Pregar (um sermão) — (do latim: *praedicare*)

Pregar (um prego) — (do latim: *plicare*)

NOTA: *Pregar* também se usa intransitivamente com a preposição *com*, ex.: «Quem pregou com ela nesse abismo?» (Castilho). O Voc. ort. bras. só traz pregar sem acento grave para o 1.º caso.

Pucela é palavra portuguesa antiga (de *pullicella* diminutivo do latim *puella*)

Lilaz por Lilás ou lilá (do persa: *lilak* = anil)

O crisma (óleo)

A crisma (o ato de crismar)

Capitânia (= a nau, em que vai o capitão da armada)

Capitania (= circunscrição territorial; a capitania de São Vicente, a de Santo Amaro)

Diu (colônia portuguesa) por Dio

El-rei — *El* é artigo em espanhol e português = *o*. Hoje, só neste caso, é que se pode empregar *el* em português

Leonês — (de Leão, antigo reino de Espanha)

Lionês — (de Lyon, cidade francesa)

Cousa ou coisa; taberna ou taverna; cobarde ou covarde; ouro ou oiro; louro ou loiro

NOTA: São formas sincréticas, isto é, formas simultâneas de uma mesma palavra.

Prejurio por Perjúrio (do latim: *perjurium*)

Presar » Prezar (= considerar) do latim: *pretiare*; o *t* latino dá *z*, às vezes, em português

NOTA: Escrever-se-á, porém: *presar* ou *apresar*, no sentido de capturar, tomar uma presa. Presa + ar = *presar*; a + presa + ar = *apresar*.

Pretensão (do latim: *praetensionem*)

NOTA: Há *praetentio*, *praetentionis* e *praetensio*, *praetensionis*, porque o supino do verbo *praetendo* é *praetentum* ou *praetensum*. O Vocab. ortográf. de Gonçalves Viana dá as duas formas. O Vocab. ort. brasil. só dá: *pretensão*.

Primaveril ou primaveral

Pic-nic por Piquenique (forma aportuguesada do inglês *picnic*)

Princeza	por Princesa (Do castelhano: princesa)
Duqueza	» Duquesa (De duque + esa)
Marqueza	» Marquesa (Do baixo latim: <i>mar-chensis</i> = marquês + a)

As palavras terminadas em *esa* e *eza*, em *ês* e *ez*.

E' preciso saber-se a etimologia. Segundo a *ortografia usual ou mixta*, escreviam-se com *z*: portuguez, portugueza, etc. Ora, segundo a etimologia, deve ser: *português, portugêsa* (do latim: *portucalensis*).

O que é curioso é que a *ortografia usual* mandava escrever *portuguez* (com *z*) e *tu lês, tu vês* (com *s*). Não havia uniformidade. Por isso Când. de Fig. escreveu: «Se se convencionou escrever *portuguez* e outras palavras com *z* para évitar o acento circunflexo no *e*, conclui-se que deveríamos também escrever: Quero que me *dez* êsse livro que tu *lez*, porque bem *vez* que preciso dêle».

Como se vê, sabendo-se a origem, tudo se uniformiza. Escreveremos: que tu *dês* (latim: *des*); tu *vês* (latim: *vides*); tu *lês* (latim: *legis*); esta vez (latim: *vicem*; o *c* latino dá *z* em português); talvez (latim: *talem* + *vicem*); dez (latim: *decem*).

De harmonia com a legítima origem, escrever-se-ão com *s*:

consulesa
baronesa
emprêsa
mesa
defesa
reprêsa
portuguêsa
francesa
inglês
japonêsa
berlinesa

(e outros nomes que indicam a nacionalidade).

devesa
artesa
freguesa
despesa

duquesa
marquesa
princesa
surprêsa
toesa
camoesa
camponesa
entrepresa
priorresa
acesa
maltesa
salpresa
têsa
retêsa
burguesa
montanhesa
montesa
tavanesa
lesa-majestade
ilesa
obesa
Teresa
prêsa

De harmonia com a legítima origem, escrever-se-ão com *z* os seguintes substantivos geralmente *abstratos*:

alteza	nobreza
baixeza	pobreza
beleza	presteza
braveza	proeza
certeza	pureza
clareza	rudeza
crueza	torpeza
destreza	tristeza
fereza	vileza
fineza	viveza
firmeza	afoiteza
franqueza	agudeza
fraqueza	aspereza
frieza	moleza
grandeza	avareza

largueza	barateza
lhaneza	estranheza
limpeza	estreiteza
lindeza	fortaleza
magreza	gentileza
impureza	
incerteza	
inteireza	
ligeireza	
madureza	
miudeza	
natureza	
redondeza	
singeleza	
sutileza	
tibieza	
delicadeza	
reza	

De harmonia com a legítima origem, escrever-se-ão
com s:

cortês	pavês
arnês	rês
calcês	rês
camoês	torquês
camponês	três
freguês	burguês
garcês	
marquês	
mês	
japonês	
(e outros que indicam nacionalidade).	
descortês	
montanhês	
montês	
pedrês	
tavanês	
tremês	
busca-pés	
enviês	
convês	

grés
lavapés
de lés a lés
revés
viés

De harmonia com a legítima origem, escrever-se-ão com *z* os seguintes substantivos, que, geralmente, são *abstratos*:

altivez	pez
desnudez	prenhez
doblez	honradez
entremez	indez
gaguez	intrepidez
hediondez	jaez
morbidez	languidez
mudez	malvadez
nitidez	vez
pacatez	viuvez
palidez	pescarez
polidez	soez
pequenez	sordidez
rudez	
sisudez	
solidez	
surdez	
talvez	
tez	
timidez	

NOTA: Seria ocioso mencionar a origem latina; geralmente, acrescenta-se à raiz da palavra o *sufixo* português, que tem *s* ou *z*, conforme o latim. As terminações *és* ou *esa* dos vocábulos vêm, em geral, do sufixo latino *ensis*, como em *português* (do latim: *portucalensis*).

As terminações *ez* ou *eza* dos vocábulos vêm, em geral, do sufixo latino *itia*. Como o *t* latino não dá *s* em português, teremos que escrever vocábulos que tenham este sufixo, com *z*.

Protagonista

por Protagonista (do gre-
go: **protos** + **ago-**
nistes = prot + ago-
nista)

Puchar

» Puxar (do latim: **pul-**
sare)

Puding	por Pudim (é a forma portuguesa; do inglês: pudding)
Punch	» Ponche (é a forma portuguesa; do inglês: punch)
Querella	» Querela (do latim: querela)
Quesília	» Quezília ou quezila (do quimbundo: <i>kijila</i>)
Quichote	» Quixote (do espanhol: <i>Quijote</i> = Quixote)
Rectaguarda	» Retaguarda (de retro + guarda)
Regeitar	» Rejeitar (do latim: rejectare)

Registro ou registo (do baixo latim: **registrum**, veio **registro** e depois **registo**, como de **rostrum** veio **rostro** e depois **rosto**. Em latim puro: **regestum**). Gonçalves Viana regista as duas formas. O Vocab. ort. brasil. traz também *registro* e *registo*.

NOTA: **Registo** é usado constantemente, hoje, em Portugal; encontra-se também nalguns clássicos e nos artigos acerca do « Registo » no Código Civil português, que começou a vigorar em 22 de março de 1868.

Repórter faz no plural **repórteres**

3.^{as} pessoas do indicativo presente dos verbos **ver** e **vir**:

de ver (e compostos)	de vir (e compostos)
êle vê	êle vem
êles vêem	êles vêm

incerto = duvidoso (do latim: **incertum**)

inserto = colocado entre outras cousas (do latim: **insertum**). É' participio do verbo *inserir*.

Em dois jornais **inseri** algumas fôlhas do meu memorandum (Garrett).

Reportório ou repertório (do latim: **repertorium**). O Voc. Ort. bras. só traz a 2.^a.

Réptil; plural: **répteis**

Se se disser **reptil**, o plural é **reptis**; se se disser **réptil**, o plural é **répteis**.

Como é sabido, a pronúncia comum é *reptil* mas é errada, porque do latim *réptilis* só poderia vir *réptil*.

Gonçalves Viana apresenta as duas formas, preferindo *réptil* com o respectivo plural *répteis*. A Reforma ortográfica brasileira dá as duas formas também.

Resar por Rezar (do latim: *recitare*; o *c* latino dá *z* em português)

Rés-do-chão — O seu plural é: **os** rés-do-chão

Roménia ou România

NOTA: Os habitantes são **Romenos**; *Romaico* é o grego moderno.

Rubi ou rubim (do latim: *rubidus*)

Russo — da Rússia

Ruço — adjetivo = côr parda (do castelhano *rúcio*)

Ruy por Rui (de **Rodrigo**)

S. Vicente de **Paula** por S. Vicente de **Paulo**. Assim lhe chama a Igreja Católica, porque o santo era francês: Saint Vincent de **Paul**. Há um santo, de que fala o *Flos Sanctorum*, chamado **Francisco de Paula**, mas não se deve confundir com o primeiro.

Santo e São

Escreveremos **Santo** antes de palavra começada por vogal (Santo Antônio, Santo Amaro).

Escreveremos **São** antes de palavra começada por consoante (São Bento, São Pedro, São Tomás) (os antigos preferiam: *Santo Tomás*, para distinguir o grande filósofo cristão).

NOTA: Os clássicos não tiveram uniformidade; hoje, porém, prevalece esta regra, com as seguintes exceções: **Santo Padre** (= Papa), **Santo Tirso**, **Santo Rio** (= designação religiosa dada, na Índia, ao rio Ganges); Santo Jó (Bernardes escreveu: «o Santo Job disse que... »).

Sarah e Sara (do hebraico: **Sarah**)

Há quem escreva de ambos os modos; mas, como o *h* é uma inutilidade, é preferível **Sara**.

xá — soberano da Pérsia (do persa; **xhah**)

chá — planta (do chinês: **cha**)

ceara por seara (tem parentesco morfológico com o latim **serere** = semear; do espanhol: *senara*).

NOTA: cereal, porém, escreve-se com c, porque vem do latim: *cerealem*.

Servo, criado, escravo (do latim: **servum**)

cervo — veado (do latim: **cervum**)

Semelhante (do latim: **similantem**)

NOTA: Do mesmo modo: **semelhança**, **assemelhar**. Foi o que prescreveu a Reforma ortog. brasileira.

Simples — o plural é **simples**

Símplices — é um substantivo masculino, plural; significa **plantas medicinais**; Garcia da Horta escreveu um livro que tem o seguinte título: «Dos símplies e drogas».

Simplíssimo por simplicíssimo (do latim: **simplicissimum**)

Sizania por cizânia ou zizânia (do grego: **zizanon** através do latim: *zizania*).

Significa planta que estraga os trigais, o joio, e, em sentido figurado, **intriga**, como se vê na estância XLIII, canto VI, *Lusíadas*.

Slavo por eslavo (forma aportuguesada) como de **splendidum** veio **esplêndido**, de **spontaneum** veio **espontâneo**, etc.

Sobresselente e sobressalente

Socegar por sossegar

NOTA: Segundo Carolina Michaelis, a origem é o latim hipotético **sessicare** ou **sub-sedicare**. Em português antigo era: **sessegar**.

Em castelhano é **sosegar**. Camões escreveu: «Estavas linda Inês posta em **sossêgo**». Jorge Ferreira de Vasconcelos, escritor quinhentista, grafou no seu livro «Eufrosina»: **assossêgo**. Houve ainda quem dissesse que de **solum** + **secum** (= somente consigo) veio **sossêgo**.

Souza por Sousa

Os clássicos assim escreviam. Vem do latim **saxa** = seixo, rocha; o x latino dá s em português.

Strychinina por Estrycnina (*estricnina* forma simplificada; de *estrycno*)

Subscriber por Sobrescriptar (*sobrescritar*, forma simplificada) (de sobrescrito + ar)

sugeito, sugeitar, por sujeito, sujeitar (do latim: *subjectum, subjectare*)

Suíssa por Suíça

Diz Când. de Fig.: «Quase todos, entre nós, têm escrito **Suíssa**, à francesa; mas o alemão **Schweiz**, o castelhano **Suiza** e o italiano **Svizzera** não autorizam, em português, senão **Suíça**, doa a quem doer». **Suíça** = barba nas faces (do cast.: *suizo*)

Cintra por Sintra

Antes do século XVIII só se escreveu **Sintra** e **Síntria**. Herculano assim escreveu também. Gonçalves Viana registra as duas formas, preferindo a segunda. Sulphato por sulfato (de *sulfur* (= enxôfre) + *ato* = *sulfo* + *ato* = sulfato)

Do mesmo modo: **sulfúreo, sulfúrico**

Sustância é a forma popular de substância

Syringa vem do grego *syrix* = cana, mas o que é comum e corrente é **seringa**

Tapessaria por tapeçaria (de **tapeçar**)

Terremoto e terramoto

NOTA: Do latim *terraemotus*, que se pronuncia *terrèmotus*, veio **terremoto**. O P. Antônio Vieira empregou **terramoto**; Gonçalves Viana e o Vocab. ort. brasil. registram as duas formas, preferindo a primeira.

Testemunho por testemunho

E' verdade que a origem latina é *testimonium*, mas o corrente é **testemunho, testemunhar**, etc.

Textis por têxteis

Do latim *téxtilis* veio **têxtil**, que tem, portanto, o plural: **têxteis**.

Themudo (nome de homem) por *Temudo* (vem de **temudo**, antigo particípio passado do verbo **temer**, que hoje é **temido**).

Thio — Segundo a etimologia está bem, porque vem do grego **Theios**; Caldas Aulete escreveu também

thio no seu Dicionário; mas a forma corrente e prescrita pela reforma, é **tio**

Transmontano e trasmontano

Transmontar e trasmontar

Transmudar e trasmutar

Nota: **trans** é um prefixo latino, que deu em português: **trás**.

Traz-ante-ontem por trasanteontem

Traz-os-Montes por Trás-os-Montes

Trás! (interjeição) (do latim: **trans**)

Trás (preposição) (do latim: **trans**)

Atrás (advérbio) (do latim: **a + trans**)

Traz (indicativo presente do verbo **trazer** que vem de **tragere**, de **trahere**) (do latim: **trahit**, que é a 3.^a pessoa do indicat. presente do verbo **trahere**)

Apoz por após (do latim: **a + post**)

| Três (do latim: **tres**)

| Treze (do latim: **tredecim**; o **c** dá **z** em português)

Vadiice (de vadio + ice)

Vale — substantivo: planície entre montes (do latim **vallis**); no acusativo é *vallem*.

Vale — 3.^a pessoa do singular do indicativo presente do verbo **valer** (do latim: **valet**)

Vale — substantivo: escrito representativo de uma dívida (do verbo **valer**)

Vale — substantivo: adeus (do latim: **vale!**)

Não havia um sacerdote, que lhe desse o extremo vale (Herculano); Elmano, oh! vale! (Filinto Elísio)

Válido — adjetivo: robusto

Valido — substantivo: favorito. Ex.: o valido del-rei

Inválido — adjetivo: fraco

Desvalido — adj. e subst.: pobre, desprotegido

Vasar por vazar (do latim: **vacuare**)

Vasio por vazio (do latim: **vacivus**)

Vasa — subst.: lodo (do anglo-saxônio: **wase** = lodo)

Vaza — subst.: termo usado no jogo (do espanhol: **baza**)

Vendável ou vendível

Vendível, porque, assim como de **temer** veio **temível**, de **crer**, **crível**, de **vender** virá **vendível**

Veiu por veio (pretérito perfeito do verbo **vir**; há duas sílabas: **vei-o**)

Vigéssimo por vigésimo (o **s** soa **z**) do latim: **vice-simus**)

Virgílio por Vergílio (do latim: **Vergilius**)

NOTA: Como em francês é **Virgile**, começaram ultimamente a escrever **Virgílio**; mas a verdadeira forma é **Vergílio**, como os eruditos escrevem. Em italiano é igualmente **Vergílio**. No latim puro é **Vergilius**, como Leite de Vasconcelos demonstrou.

Visinho por vizinho (do latim: **vicinus**; o **c** dá **z**).

Corpo docente: os professores (do latim: **docére** = ensinar)

Corpo discente: os alunos (do latim: **díscere** = aprender)

Accender, acender: pôr fogo (do latim: **accêndere**)

Ascender: subir (do latim: **ascêndere**)

Prophetisa (**profetisa**) — substantivo feminino; escreve-se com **s**, porque vem do latim **profetissa**.

Prophetiza (**profetiza**) — verbo; escreve-se com **z**, porque vem do latim **prophetizat**.

Aclimar ou aclimatar

Álcool; o plural é: **álcoois**

A origem é árabe: **al** + **cohol**.

A miúdo e amiúde. A **miúdo** é uma locução adverbial; **amiúde** é um advérbio que veio do latim **minute**.

Moça — feminino de **Moço** (do latim: **musteus**)

Mossa — sinal ou marca num objeto

Vem do latim: **morsa** — particípio do verbo **mordeo**, **mordes**, **mordére**, **momordi**, **mórsum**, significando **mordedura**.

Palavras terminadas em **ás** e **az**:

agua-rás	carnaz
ananás	carcás

Arrás	capataz
ás	cartaz
Brás	fatacaz
ferrabrás	goraz
gás	joaz
Goiás	lambaz
lilás (ou lilá)	machacaz
gilvaz	montaraz
alcatraz	paz
alparavaz	pescaz
anaz	rapaz
antraz	roaz
arcaz	sequaz
arganaz	tenaz (adjetivo)
cabaz	tenaz (subst. = torquês)

Os adjetivos como **audaz**, **tenaz**, **pertinaz**, etc. têm **z** (do latim: **audacem**, **tenacem**, **pertinacem**).

assaz (advérbio)
 aliás (advérbio)
 atrás (advérbio)
 trás (interjeição)
 traz (verbo)
 zás (interjeição)
 zás-trás! (locução interjetiva)

Os verbos escrever-se-ão como vulgarmente se escrevem, porque estão de harmonia com a origem; por ex.: faz (do latim: **facit**), etc.

Palavras terminadas em **is** e em **iz**:

bis	juiz
cris (adjet. = eclipsado; sol)	matiz
cris)	matriz
cris (subst. masc. = punhal)	nariz
lis	perdiz
país	petiz
Paris	proiz
cerviz	sobrepeliz
chafariz	raiz
chamariz	tapiz
cicatriz	teliz
codorniz	variz

nós (pronome)	vós (pronome)
queirós (plural de queiró = urze do mato)	

NOTA: As palavras terminadas em **ó** terão um **s** no plural, como **avó** que, no plural, é **avós**.

albatroz	feroz
albornoz	foz
alcaboz	lioz
caboz	noz (substantivo)
algeroz	tardoz
atroz (adjetivo)	veloz (adjetivo)
cadoz	voz (substantivo)
algoz	arroz

Palavras terminadas em **us**, **ux** e em **uz**:

alcatruz	alcaçuz
catrapus! (interjeição)	alçuz
Jesus	alvaçuz
obus	andaluz
pus (substantivo)	arcabuz
avestruz	sus! (interjeição)
cachapuz! (interjeição)	
alcatruz	

* eu **pus** (o verbo **pôr** e seus compostos terão um **s** no pretérito perfeito; do latim **posui**)

NOTA: Forma-se o plural das palavras terminadas em **u**, acrescentando-lhes um **s**, como **peru**, **perus**.

êle aduz	truz-truz! (interjeição)
» conduz	êle deduz
capuz	» induz
chapuz (subst. e interj.)	» produz
cruz	» reproduz
Cruz	» reduz
cuscuз	» seduz
flux	» traduz
lapuz	» luz
luz	» reluz
noctiluz	» transluz
truz! (interjeição)	

Palavras terminadas em **usa**, **uza** e em **uso**:

blusa	fusa
escusa	gusa

hipotenusa	Siracusa
infusa	tremifusa
Medusa	circunfusa
medusa	fiúza
Lusa	andaluza
musa	inclusa
reclusa	abstrusa
semifusa	conclusa
difusa	contusa
escusa	confusa
exclusa	lambuza
infusa	luza
intrusa	produza
lusa	recusa
obtusa	reconduza
profusa	reduza
reclusa	reluza
VERBOS:	parafusa
aduzar	reproduza
abusa	seduza
acusa	traduza
alcatruza	transluza
arcabuza	usa
conduza	em uso:
cruza	uso
deduza	abuso
encruza	Druso
enlambuza	druso
escusa	luso
induzar	Luso
recusa	parafuso

NOTA: Tôdas as palavras das listas atrás expostas e registradas no « Vocabulário ortográfico », têm s ou z consoante a legítima origem.

Preguntar e perguntar

A Reforma ortográfica feita em Portugal adotou **preguntar** e **perguntar**. O Vocabulário ortográfico brasileiro traz: *perguntar*.

Entre os filólogos que defenderam esta forma, nota-se Ribeiro de Vasconcelos, que assim escreveu: « O verdadeiro étimo de **preguntar** está no verbo do latim popular **precunctari** — **precunctare**, que se encontra nos manuscritos medievais, e de que nos dá conta o

«Glossarium mediæ et infimæ latinitatis» de Du Cange, 3.^a edição. Este verbo confundiu-se nos seus usos com **percontare** e usurpou-lhe a significação. Encontramos a forma portuguesa **preguntar** invariavelmente nos documentos do português arcaico e na linguagem literária até ao século XVI e ainda hoje se conserva nos falares do povo em todo o país. Em Camões, encontram-se as formas **preguntar**, **proguntar** e **perguntar**. Tanto no codialeto galego, como na língua espanhola, encontramos, ainda hoje, na própria linguagem literária, a palavra **preguntar**. Foram os pretensiosos etimologistas dos séculos XVI e XVII que tentaram aproximar a palavra portuguesa da latina **percontare**, e a torturaram, violentando-a a tomar artificialmente a forma **perguntar**...

Jerônimo Cardoso, antigo dicionarista, registrou **preguntar**.

O povo rude diz realmente em Portugal, nas colónias e no interior de alguns Estados do Brasil: **perguntar**, **preguntar** e **proguntar**. Até em Ceilão, diz Când. de Figueiredo, o povo diz: **pruguntar**. Os escritores portugueses contemporâneos preferem **preguntar**; os brasileiros, **perguntar**.

Ephigénia por Iphigénia, Ifigénia (do latim: **Iphigenia**)

Cleópatra e Cleopátra — Gonçalves Viana diz: «é melhor: **Cleopátra**». (Em grego era **Cleópatra** e em latim, língua-mãe, **Cleopatra**). Devíamos respeitar a pronúncia latina, mas a pronúncia comum foi sempre: **Cleópatra**.

Heliogábalo e não Heliogabálo, imperador romano (do latim: **Heliogábalus**)

Sardanápálo e não Sardanápalo, rei de Assíria (do latim: **Sardanápálus**)

Theresa e Thereza por Teresa; esta palavra assim se escreveu na Idade Média: Tareja, Taresia, Teresa.

Estudo de Português histórico por meio de trechos característicos dos séculos XII, XIII, XIV, XV, XVI e XVII

(Portugal surge como nação independente em 1139 — século XII)

PORTUGUÊS PROTO-HISTÓRICO

(Antes do século XII)

LATIM BÁRBARO

(Latim estropiado dos tabeliões da Idade Média, do século IX ao século XII
há vários documentos; já há palavras da língua falada)

(Era. 1177). Mando ego Horraca Petri meum corpus ad monasterium Sancti Salvatoris de Sauto et ipsum meum casalem de Rial integrum cum omnibus que ad illum pertinent, in quo moravit Menendus Luz, et meum lectum cum almuzala et cum mea manta nova. Ad Mariam Pelagiz I ovelia, I capra cum sua filia. Ad Mariam, filiam de Petro Calvo, I ovelia et I capra et II quartarios de pan et I arca et I telega de pan in quocumque anno, donec habeat virum. Mando ut Petrus Pelagiz teneat in vita sua ipsas casas in quibus morat. Ad Petrum Gunsalviz, meum abbatem, I ovelia et I capra. Ad gafos de Vimarans et de Bragaa et de Barcelos singulas telegas. Ad Sanctum Martinum de Candaosu II morabitinos de hereditate de Portela de Lectões.

Em português de hoje:

« Eu, Urraca Pedro, lego ao mosteiro de S. Salvador do Souto o meu corpo e o meu próprio casal, completo e com tudo o que lhe pertence, no qual morou Mendo Luz, e bem assim o meu leito com a coberta e a minha manta nova. A Maria Plágia deixo 1 ovelha e 1 cabra com a sua cria. A Maria, filha de Pedro Calvo, 1 ovelha, e 1 cabra e 2 quarteiros de pão (cerca de 32 alqueires) e 1 arca e 1 teiga de pão todos os anos, até que se case. Ordeno que Pedro Pelágio viva até à morte nas próprias casas em que mora. A Pedro Gonçalves, meu abade, deixo 1 ovelha e 1 cabra. Aos gafos (leprosos) de Guimarães, de Braga e de Barcelos deixo 1 teiga (antiga medida de cereais) a cada. A S. Martinho de Candaosa 2 morabitinos (antiga moeda gótica, de valor de 27 réis) da herança da Portela de Leitões.

DOAÇÃO

1. Fofino, Gaton, Astrilli, Arguiro, Vestremiru, Gumilli et Aragunti placitum fecimus inter nos, onus ad alios, per scripturam firmitatis, notum die quod erit III^o nonas aprilis erat DCCCC^a XL^a super ipsa ecclesia et super nos.
5. tras hereditates quantas habuerimus et *ganare* potuerimus usque ad obitum nostrum *que* non habeamus licentiam super illas nec *uindere*, nec donare, nec testare in parte extranea, nisi unus ad alios aut ad ipsa ecclesia vocabulo sancti Andree apostoli. Et qui minima fecerit et istum
10. placitum excesserit pariet parte de *que* isto placito obseruauerit x boues de XIII^m XIII^m, et indicato. Nos

pernominatos in hoc placito manus nostras ro ffffff
voramus.

Tro test: — Oliti test. — Tramondou test. — Arguiri
15. test. Mennende notuit.

(De Portugaliae manumenta historica:

Diplomata et Chartae, vol. I, pág. 5.).

NOTAS:

notum die quod erit. Expressão para indicar a data. Também se encontra: *quod est, quo erit, notum die diem, quod est era, erit die.*

ipsa ecclesia (= a igreja de Sosêlo (Cinfães). Nesta doação entravam a igreja e as propriedades.

vindere = vinder, vender.

et qui minima fecerit = e quem não cumprir à risca o contrato.

pariet parte de que isto placito obseruauerit = pagará à parte, ou aos que cumprirem a escritura.

X boues de XIII^m XIII^m modios = que cada um dos 10 bois que havia de pagar o que não cumprisse o contrato, seria do valor de 13 moios (o moio de trigo ou milho são 64 alqueires). Nos documentos medievais repetia-se o número, em vez de se empregar um numeral distributivo. O *m* (de XIII^m) quer dizer a última letra do numeral *tredecim* = treze.

indicato = custas para o juiz, ou multa.

rouoramus = confirmamos, roboramos (do latim puro *roborare* veio *roborar*), corroboramos, damos mais força, assinando de cruz. A assinatura de cruz era feita por pessoas que não sabiam escrever (o que era comum em plebeus e fidalgos). Há assinatura de cruz, nos pergaminhos, curiosíssimas. Não era apenas uma cruz (porque haveria confusões). Cada um, desenhava uma cruz, mas punha um enfeite, como um ramo, uma estrela, etc., de lado, ou embaixo, ou em cima.

test. = *testis* = testemunha.

notuit = do latim *notescere* = notar.

PORTUGUÊS HISTÓRICO

1.º PORTUGUÊS ARCAICO (séculos XII, XIII, XIV e XV)

Crestomatia ou antologia ou florilégio

SÉCULO XII

O documento mais antigo em verso

(O documento mais antigo, segundo Carolina Michaëlis, em verso é uma *cantiga de amor*, de 1189, dirigida pelo trovador Paio Soares de Taveiros à famosa Maria Pais Ribeiro, a *Ribeirinha*, favorita de Sancho I. *Cantiga de amor* é a que o poeta dirige à dama; *cantiga de amigo* é a que a dama dirige ao namorado).

No mundo non me sei parelha,
mentre me for como me vai,
ca moiro por vós — e ail
mia Senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraia,
quando eu vos vi en saia!
Mau dia me levantei,
que vos enton não vi feia!

E, mia Senhor des aquel' di', ail
me foi a mim mui mal;
e vós, filha de Dom Paay,
Moniz, e bem vos semelha
d'haver eu por vós guarvaia,
pois eu, mia Senhor, d'alfaia
nunca de vós houve, nem hei
valia d'ũa correia...

Non me sei parelha = não sei de cousa semelhante; *mentre* vem do latim: *dum interim* = enquanto; *cá* = porque; *moiro* = morro; *mia Senhor* = minha Senhora; *queredes que vos retraia* = quereis que vos retrate; *me foi a mim mui mal* = eu tive grande mal; *e bem vos semelha* = e bem vos parece; *d'haver eu por vós guarvaia* = de ter eu para vós um estôfo (tecido de seda); *nunca de vós houve alfaia* = nunca tive (recebi) de vós uma alfaia.

A RIBEIRINHA

PAIO SOARES DE TAVEIROS

No	$in + illum > illo > elo > lo > o$ (em + o = enno > eno; por aférese > 'no > no)
mundo	mundus-i (2) Ac. mundum > mundo
non	non (adv.); non > nom, nam, no > não

me	ego-mei-mihi-me-me. Ac. <i>me</i>
sei	sapio-is-ěre (3) Ind. pres. sapio > <i>sei</i> . Infinito presente: <i>sapěre</i> > <i>sapēre</i> > saber.
parelha,	paricula-ae (1) Ac. pariculam > <i>parelha</i>
mentre	dum interim $\begin{matrix} \rightarrow & \text{dementre (= enquanto)} \\ \rightarrow & \text{mentre (depois desapareceu)} \end{matrix}$
me	
for	sum-es-esse-fui; fuěrit > <i>fór</i>
como	quomōdo (adv.)
me	
vai,	vado-is-ěre (3) Ind. pres. vadit > <i>vai</i>
ca	segundo uns, erradamente, vem de <i>quare</i> (em francês antigo <i>ca</i> , hoje <i>car</i> = porque); segundo os maiores filólogos, vem de <i>quia</i> , conj. causal = porque. <i>Que</i> , pronome relativo, vem de <i>qui</i> . <i>Que</i> , conj. causal e integrante, vem de <i>quia</i> , que, pela redução vocálica, deu <i>ca</i> e depois <i>que</i> . <i>Que</i> , conj. comparativa, vem de <i>quam</i> , que, pela redução vocálica, deu <i>ca</i> e depois <i>que</i>
moiro	mori-or-ěris-mortuus sum-mori; morior > moiro > morro
por	do latim pro (metátese)
vós —	vos-vos-vestri (ou vestrum) vobis-vos-vobis. Ac. <i>vos</i>
e	<i>et</i> (conj.)
ai!	interjeição: <i>vae</i> > guay (arcaico) > ay > ai. Segundo outros, é um grito onomatopaico, de dor ou alegria.
mia	meam > <i>mia</i> > mha > minha
senhor	senior (comp. de <i>senex</i>). Ac. seniore > seniore > <i>se-nhor</i> . Servia para os 2 gêneros
branca	do germano <i>blank</i> , através do provençal
e	
vermelha,	vermiculum (pequeno verme, a cochonilha, de que se extrai o carmim) > <i>vermelho</i> . Tornou-se depois adjetivo
queredes	quaero-is-quaesivi(ii)-itum-ěre(3); quaerěre > querěre > > <i>querer</i> . Ind. pres. quaerilis > <i>queredes</i> > quereis
que	conjunção integrante, neste caso; vem de <i>quia</i>
vos	vos-vos-vestri (ou vestrum) vobis-vos-vobis. Ac. <i>vos</i>
retraia,	retraho-is-axi-actum-ěre (3) retrahěre > retraer > <i>re-trair</i> . Subj. pres. <i>retraham</i> > <i>retraia</i> (= <i>retrate</i> que vem de retracto-as-avi-atum are (1). Subj. pres. <i>re-tractem</i> > <i>retrate</i>)

quando	<i>quando</i>
eu	ego-meí-mihi-me-me. Nom. ego > eyo > eo > <i>eu</i>
vos	
vi	video-es-vidi-visum-ēre (2); vidēre > veer > ver. Perf. vidi > vi
en	in > <i>en</i> > em
saia!	do francês <i>saie</i>
Mau	malus-a-um. Ac. malum > malu > mau
dia	dies-diei (5). No latim popular, muitos nomes da 5. ^a declinação passaram a ser da 1. ^a , como <i>dia-ae</i> (1)
me	
levantei,	levans-levantis. Ac. levantem > levante (sol levante); le- vante + ar > <i>levantar</i>
que	neste caso, conjunção causal: <i>quia</i> > ca > <i>que</i>
vos	
enton	in + tunc > <i>entom</i> > então
não	non (adv.); non > nom, nam, no > não
vi	
feia!	foedus-a-um (trif.) Ac. foedam > <i>feia</i>
E,	
mia	
senhor	
des	de + ex = des. Depois juntou-se a prep. <i>de</i> e ficou <i>desde</i> . Forma arcaica: <i>des</i> .
aquel'	<i>eccu'ille</i>
di'	(= dia)
ai!	
me	
foi	sum-es-fui-esse. Perf.: fuit > <i>foi</i>
a	<i>ad</i> (prep.)
mim	ego-meí-mihi-me-me-Dat. mihi > mi > <i>mim</i> (nasalação)
mui	forma apocopada de <i>muito</i> (<i>multum</i>). (Repare na nasa- lação curiosa <i>muito</i> . Esta nasalação é antiga; já apa- rece no Cancioneiro da Ajuda, como se vê pela gra- fia: <i>muyn</i>)
mal;	malum (aqui é substantivo; <i>me foi a mim mui mal</i> é um latinismo; é um dativo de posse = eu tive muito mal).

Cantiga de amigo, de Sancho I, à *Ribeirinha*, acima citada, feita talvez em 1200:

Ai eu, coitada, como vivo
en grão cuidado por meu amigo
que hei alongado! Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Ai eu, coitada, como vivo
en grão desejo por meu amigo
que tarda e não vejo! Muito me
[tarda]
o meu amigo na Guarda!

O documento mais antigo em prosa

(O documento mais antigo, em prosa, é este *auto de partilhas*, de 1192).

PARTIÇON. — *In christi nomine amen. Hec est notitia* de partiçon, e de devison, que fazemos entre nos dos erdamentus e dus coutos, e das Onrras, e dos Padruadigos das Eygreygas, que forum do nosso padre, e de nossa madre, en esta maneira: que Rodrigo Sanchiz ficar por sa partiçon na quinta do Couto do Viiturio, ena quinta do Padroadigo, dessa Eygreyga, en todolos herdamentus do Couto, e de fora do Couto. Váasco sanchiz ficar por sa partiçon na onrra dulueira e no padroadigo dessa eygreyga en todolos us herdamentos dolveira e en úu casal de carapezus que chamam de vluar e en outro casal en Agiar que chamam quintáa. Méén sanchiz ficar por sa partiçon na onrra de carapezus e nus outros herdamentus e nas duas partes do padroadigo dessa eygreyga e no padroadigo da eygreyga de Creysemil e na onrra e no herdamento darguiffi e no herdamento de lauoradas, e no padroadigo dessa eygreyga... (1192).

SÉCULO XIII

ORDENANÇAS. — Maa costume dantigo soya ssêr assy em Coimbra como em todalas vilas da nossa estremadura come en todalas partes do rreyno que assi nós come aqueles que de nós tinham terras ou alcaydarias leuauam de todalas cousas de comer que uendessem a terça parte. E esto he gran dano e prejuizo dos mezquinhos. A qual cousa pera todo o sempre estabelecemos que nom ualha. LEGES ET CONSUETUDINES.

CANTIGA DE AMIGO

Ai flores, ai flores do verde pino
se sabedes novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é? ⁽¹⁾

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!
Ai Deus, e u é?

(1) *Ai, Deus, e onde está (êle)?*
u vem de *huc* ou *ubi* = *onde* (em francês *où*).

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo!
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu do que mi á jurado!
Ai Deus, e u é?

Vós me preguntades polo voss' amigo?
E eu ben vos digo que é san'e vivo.
Ai Deus, e u é?

Vós me preguntades polo voss'amado?
E eu bem vos digo que é viv'e sano.
Ai Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é san'e vivo,
E seerá vosc'ant'o prazo saido.
Ai Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é viv'e sano,
e será vosc'ant'o prazo passado.
Ai Deus, e u é?

D. DENIS, apud M. Lang.

CANTIGA DE AMIGO

D. DENIS

ai	int. vae > guay > ay > ai. Segundo outros, é um grito onomatopaico de dor ou alegria.
flores,	flos-floris (3) Ac. florem > flore > flor (arcaico: <i>fror</i> , <i>frol</i>) (Há também a forma <i>chor</i> , num adágio de Valpaços, em Trás-os-Montes: — «no tempo da <i>chor</i> é cortar e pôr»).
ai	
flores	
do	de + illum > illo > ello > lo > o = do (sinalefa)
verde	viridis-e (biforme). Ac. viridem $\begin{matrix} \rightarrow & \text{viride} \\ \rightarrow & \text{verde} \end{matrix}$
pino	pinus-i (2) Ac. pinum > pino > pinho
se	si (conj.)
sabedes	sapio-is-ëre (3) sapëre > sapëre > <i>saber</i> . Ind. pr. sapitis > <i>sabedes</i> > sabeis
novas	novus-a-um (trif.) Ac. novam > <i>nova</i>

do	_____
meu	meus-a-um (trif.) Ac. meum > <i>meu</i>
amigo!	amicus-i (2) Ac. amicum > <i>amigo</i>
Ai	_____
Deus	Deus-Dei (2) Nom. <i>Deus</i>
e	et (conj.)
u	<i>ubi</i> = onde (em fr. = <i>où</i>)
é?	sum-es-esse-fui. Ind. pres. <i>est</i> > <i>é</i>
Ai	_____
flores,	_____
ai	_____
flores	_____
do	_____
verde	_____
ramo,	ramus-i (2) Ac. ramum > <i>ramo</i>
se	_____
sabedes	_____
novas	_____
do	_____
meu	_____
amado!	amo-as-are-avi-atum (1) amare > <i>amar</i> . Part. Pas. amatus-a-um. Ac. <i>amatum</i>
Ai Deus,	_____
e u é?	_____
Se	_____
sabedes	_____
novas	_____
do	_____
meu	_____
amado,	_____
aquel	ecu'ille (lat. pop.)
que	qui (pron.)
mentiu	(latim hipotético: mentio-is-ivi-itum-ire (4) mentire > <i>mentir</i> (arcaico: <i>mintir</i>) Perf. <i>mentivit</i> ; (em latim de ouro: mentior-mentiris-mentiri-mentitus sum)
do	_____

que	qui (pron.)
pôs	pono-is-sui-situm-ere (3); ponere > ponere > poer > > pôr. Perf. posuit > pôs
comigo!	mecum > mego > migo (com + migo). Arcaico: <i>comego</i>
Ai Deus,	_____
e u é?	_____
Se	_____
sabedes	_____
novas	_____
do	_____
meu	_____
amado,	_____
aquel	_____
que	_____
mentiu	_____
do	_____
que	_____
mi	mihi-mi-mim
á	habeo-es-ere-ui-itum (2) Ind. pr. <i>habet</i>
jurado!	juro-as-avi-atum-are (1) jurare > jurar. Part. Pas. ju- ratus-a-um. Ac. <i>juratum</i>
Ai Deus,	_____
e u é?	_____
Vós	vos (pron.)
me	ego-mei-mihi-me-me. Ac. <i>me</i>
preguntades	do lat. popular <i>precunctare</i> . Ind. pres. <i>precunctatis</i> > preguntades > preguntais.
polo	de por + lo; do arc. <i>per lo</i> > pello, <i>polo</i> . <i>Polo</i> equi- vale a <i>pelo</i>)
voss'	vostrum (arc.) > vosto > <i>vosso</i>
amigo?	_____
E	_____
eu	ego-mei-mihi-me-me. Nom. ego > eo > <i>eu</i>
ben	bene (adv.)
vos	_____

digo	dico-is-dixi-dictum-ēre (3); dicēre > dicere > <i>dizer</i> . Ind. pr. dico > <i>digo</i>
que	quia (conj. integrante)
é	
san'	sanus-a-um (trif.) Ac. sanum > sano > <i>são</i>
e	
vivo.	vivus-a-um (trif.) Ac. vivum > <i>vivo</i>
Ai Deus,	
e u é?	
Vós	
me	
preguntades	
polo	
voss'	
amado?	
E	
eu	
bem	
vos	
digo	
que	
é	
viv' e	
sano.	
Ai Deus.	
e u é?	
E eu	
bem	
vos digo	
que é	
san' e	
vivo,	
E	
seerá	sedere-habet > <i>seerá</i> > <i>será</i> (criação românica)
vosc'	vobiscum > <i>vosco</i> (com + vosco = convosco)

ant'	ante
o	_____
prazo	placitum
saido.	salio-is-ire-ii ou ui-ltum-ire. Participio passado
Ai Deus,	_____
e u é?	_____
E eu	_____
bem	_____
vos digo	_____
que é	_____
viv' e	_____
sano,	_____
e será	_____
vosc'ant'o	_____
prazo	_____
passado	do latim hipotético passo-as-avi-atum-are (freqüentativo de pandêre) Participio passado.
Ai Deus,	_____
e u é?	_____

CANTIGA DE AMIGO

Dizia la fremosinha:
 ay deus, val!
 Com'estou d'amor ferida,
 ay deus, val!
 Dizia la ben talhada:
 ay deus, val!
 Com'estou d'amor coytada (1)
 ay deus, val!
 Com'estou d'amor ferida,
 ay deus, val!
 non ven o que ben queria,
 ay deus, val!
 Com'estou d'amor coytada,
 ay deus, val!
 non ven o que muit'amava,
 ay deus, val!

D. AFONSO SANCHES
 Cancioneiro da Vaticana

(1) *coytada* = quem tem *coyta*, isto é, aflição.

CANTIGA DE AMIGO

(La fremosinha)

D. AFONSO SANCHES

Dizia	dico-is-dixi-dictum-ēre (3) Imperf.: dicebat > dicia > > <i>dizia</i> (o <i>c</i> latino dá <i>z</i> em português)
la	illam > illa > ela > la > a
fremosinha	formosus-a-um (trif.) Ac. <i>formosam</i> deu <i>fermosa</i> , por dissimilação, e <i>fremosa</i> , por metátese; formas arcaicas); <i>fremosa</i> + + <i>nam</i> (sufixo) = fremosinha
ay	interj. vae > guay > ay > ai
Deus	Deus-Dei (2) vem do nom.: <i>Deus</i>
vall	interj. vem do verbo defectivo: <i>vale! valet!</i> (vale! = = tem saúde, felicidade)
Como	quomodo (adv.)
estou	sto-stas-steti-statum-stare (1) Ind. pres.: sto > <i>estou</i>
de	de (prep.)
amor	amor-ōris (3) Ac. <i>amorem</i> > amore > <i>amor</i>
ferida!	ferio-is-ire (4) Particípio passado
ay	_____
Deus	_____
vall	_____
Dizia	_____
la	_____
ben	bene (adv.)
talhada:	talio-as-avi-atum-are (1) Part. pas. <i>taliatus-a-um</i> . Ac. <i>taliatam</i> > <i>talhada</i>
ay	_____
Deus	_____
vall	_____
Como	_____
estou	_____
de	_____
amor	_____

coytada	(coquo-is-coxi-coctum-ëre (3) cozer (= cozinhar). Part. pas. coctus-a-um. De cocta > coyta (= aflição; é metáfora); do latim <i>coctare</i> veio <i>coitar</i> . Coitar + ada = coitada.
ay	_____
Deus	_____
vall	_____
Como	_____
estou	_____
de	_____
amor	_____
ferida,	_____
ay	_____
Deus,	_____
vall	_____
non	non (adv.); non > nom, nam, no > não
ven	venio-is-ire-veni-ventum (4) Ind. pres. venit > <i>vem</i>
o	illum > lo > o
que	qui (pron.)
ben	_____
queria,	quaero-is-quaesivi(ii) quaesitum-ëre (3) Imperf. quaerebam > <i>queria</i>
ay	_____
Deus,	_____
vall	_____
Como	_____
estou	_____
de	_____
amor	_____
coytada,	_____
ay	_____
Deus,	_____
vall	_____
non	_____
ven	_____
o	_____

que	
muito	multum
amava,	amo-as-avi-atum-are (1) Imperf. <i>amabam</i>
ay	
Deus	
val!	

PASTORELA

(D. Denis; do *cancioneiro da Vaticana*).

Oi (1) hoj'eu cantar de amor
em un fremoso (2) virgeu (3)
ũa fremosa pastor (4)
que ao parecer seu
jamais nunca lhi (5) par (6) vi;
e porém (7) dixi-lh' (8) assi:
— «Senhor, (9) por vosso vou eu!»

Tornou sanhuda entom, (10)
quando me est' (11) oíu dizer,
e disse: — Ide-vos, varom (12).
Quem vos foi aqui trajer, (13)
para me irdes destrovar
d'u (14) dig'aqueste (15) cantar,
que fez quem sei bem querer?

— Pois que me mandades (16) ir,
— dix'-lh'eu — senhor, ir-m'ei,
mas já vos hei de servir
sempre, e por voss'andarei,
cá voss'amor me forçou,
assi que por vosso vou,
cujo (17) sempre eu já serei.

Diz ella: — Non vos tem prol (18)
esso (19) que dizedes (20), nem
mi praz de o oir sol (21)
ant'hei noj'e pesar em (22),
cá meu coração nom é,
nem será, per bõa fé,
senom do que quero bem!

— Nem o meu — dixi-lh'eu já —
senhor, nom se partirá
de vós, por cujo s'el tem.
— O meu — diss'ella — será
u foi sempre e u está,
e de vós nom curo rem! (23)

- | | |
|-----------------------------|--|
| 1) oi = (eu) ouvi | 13) trazer = trazer |
| 2) fremoso = formoso | 14) d'u = de onde |
| 3) virgeu = vergel, jardim. | 15) aqueste = este |
| 4) pastor = pastôra | 16) mandades = mandais |
| 5) lhi = lhe | 17) cujo = de quem |
| 6) par = igual | 18) nom vos tem prol = de nada
vos vale |
| 7) porém = por isso | 19) esso = isso |
| 8) dixi = disse | 20) dizedes = dizeis |
| 9) Senhor = Senhora | 21) sol = sòmente |
| 10) Entom = então | 22) em = nisso |
| 11) Est', esto = isto | 23) rem = cousa, nada. |
| 12) varom = varão, senhor | |

PASTORELLA

D. DENIS

Oi	audio-is-ivi-itum-ire (4) audire > odire > oir > ouir > > ouuir > <i>ouvir</i> . Perf. audiui > <i>oi</i> > ouvi
hoj'	hodie
eu	ego-mei-mihi-me-me. Nom. ego > eo > <i>eu</i>
cantar	canto-as-avi-atum-are (1) cantare > cantar
de	de (prep.)
amor	amor-ōris (3) Ac. amorem > <i>amor</i> .
em	in > en > <i>em</i>
un	unus-a-um (trif.) Ac. unum > ūu (arcaico) > um
fremoso	formosus-a-um (trif.) Ac. formosum > fremoso, fermoso e formoso
virgeu	do lat. viridiarium (do franc. <i>verdier</i> segundo Nunes)
ũa	unus-a-um (trif.) Ac. unam > ũa > uma
fremosa	formosus-a-um (trif.) Ac. formosam > fremosa, fermosa e formosa
pastor	pastor-ōris (3) Ac. pastorem > <i>pastor</i> (era para os 2 gêneros)
que	qui (pron.)
ao	<i>ad</i> (prep.) + o = ao (sinérese)
parecer	do lat. hipotético <i>parescere</i> , incoativo de <i>parēre</i>
seu	suum (analogia com <i>meu</i>)
jamaiz	já (jam) + mais (magis)
nunca	nunquam
lhi	illi
par	par-paris (unif.) Ac. parem + <i>par</i>

vi;	video-es-vidi-visum-ēre (2) vidēre > veer > ver. Perf. vidi > <i>vi</i>
e	et (conj.)
porém	do lat. <i>pro inde</i> > <i>por ende</i> (arcaico) > porém
dixi-	dico-is-dixi-dictum-ere (3) dicēre > dicēre > dizer. Perf. <i>dixi</i> > disse
lh'	illi
assi:	ad + sic > assi > assim (nasalação)
« — Senhor	senior (comp. de senex). Era para os 2 gêneros.
por	pro (metátese)
vosso	vostrum (arc.) > vosto > <i>vosso</i>
vou	vado-vadis-vadēre (3) Ind. pr. <i>vado</i>
eu!»	
Tornou	torno-as-are-avi-atum (1) tornare > <i>tornar</i> . Perf. <i>tornavit</i> > <i>tornou</i>
sanhuda	sanha + uda (de insania-ae (1) + uda (lat. <i>ulam</i> , sufixo)
enton,	in + tunc > entom > então
quando	quando
me	ego-mei-mihi-me-me. Ac. <i>me</i>
est'	istud > <i>esto</i> > isto
oíu	audio-is-ivi-itum-ire (4) audire > <i>ouvir</i> . Perf. <i>audivit</i> > <i>oíu</i> > ouviu
dizer	dico-is-dixi-dictum-ēre (3) dicēre > dicēre > <i>dizer</i>
e	et (conj.)
disse:	dicēre > dicēre > <i>dizer</i> . Perf. <i>dixit</i> > <i>disse</i>
— Ide-	eo-is-ire-ivi(ii)-itum (ir.). Imperativo: ite > <i>ide</i>
vos	vos (pron.)
varom	<i>varão</i> é alteração de <i>barão</i> (vem do germano <i>baro</i> ; do lat. pop. <i>baro-ōnis</i> (3))
quem	qui-quae-quod. Ac. <i>quem</i>
vos	
foi	sum-es-esse-fui. Perf. <i>fuit</i> > <i>foi</i>
aqui	do lat. <i>eccu</i> + <i>hic</i>
trajer,	do lat. hipotético <i>tragere</i> ou <i>tracere</i> por <i>trahere</i> (traho-is-xi-ctum-ēre (3))
para	per + ad > pera > <i>para</i>

me	
irdes	eo-is-ivi-itum-ire (ir.). Inf. ire > <i>ir</i>
destróvar	des + trova + ar = destróvar (trova = (canção) do provençal <i>trobar</i> > trovar)
d'	de (prep.)
u	<i>ubi</i> = onde (em fr. <i>où</i>)
dig'	dico-is-dixi-dictum-ère (3) dico > <i>digo</i>
aqueste	<i>ecu'iste</i> > aqueste (port. arc.) (iste > <i>éste</i>)
cantar,	canto-as-are-avi-atum (1) cantare > <i>cantar</i> (aqui é verbo substantivado)
que	qui (pron.)
fez	facio-is-feci-factum-ère (3) facere > facere > <i>fazer</i> . Perf. fecit > <i>fêz</i>
quem	
sei	sapio-is-ère (3) Ind. pr. sapio > <i>sei</i>
bem	bene (adv.)
querer	quaero-is-quaesivi(ii)-quaesitum-ère (3); quaerere > > querere > <i>querer</i>
— Pois	<i>post</i> ou <i>postêa</i>
que	conj.: quia
me	
mandades	mando-as-avi-atum-are (1) mandare > <i>mandar</i> . Ind. pres. mandatis > <i>mandades</i> > mandais
ir	eo-is-ire-ivi(ii) itum(ir.). Inf. pr. ire > <i>ir</i>
— dix'	dico-is-dixi-dictum-ère (3). Perf. <i>dixi</i>
lh'	illi
eu —	ego-mei-mihi-me-me. N. ego > eo > <i>eu</i>
senhor	
ir-	
m'	
ei,	habeo-es-ui-itum-ère (2). Ind. pres. habeo > <i>hei</i> (fut. <i>ire-habeo</i> > <i>irei</i>)
mas	magis. No port. antigo dizia-se <i>mais</i> (conj. adversativa); <i>magis</i> deu <i>mas</i> e <i>mais</i> (advérbio)
já	<i>jam</i>
vos	
hei	

de	
servir	servio-is-ivi(ii) itum-ire (4). Inf. pres. servire > <i>servir</i>
sempre,	semper (metátese)
e	et (conj.)
por	pro (metátese)
voss'	vostrum (arc.) vosto > <i>vosso</i>
andarei	de ambitare ou de ambulare > andar; andare-habeo > > andare-hei > <i>andarei</i> (criação românica)
cá	conj. causal: <i>quia</i>
voss'	
amor	amor-is (3). Ac. amorem > amor
me	
forçou	Do baixo latim: fortia-ae (1); fortia + are > fortiare > forçar; perfeito
assi	ad + sic > assi > <i>assim</i> (prolação)
que	
por	pro (metátese)
vosso	
vou,	vado-is-ere (3). Ind. pr. vado > <i>vou</i>
cujo	cujus
sempre	
eu	
já	
serei	sedere habeo > <i>serei</i> (criação românica)

DOCUMENTOS APÓCRIFOS

E' do fim do século XII ou princípio do século XIII a « *Canção do Traga-mouros* » (documento apócrifo, isto é, de cuja autenticidade se duvida).

Tinhera-bos, non tinhera-bos
Tal a tal ca monta!
Tinheradesme, non tinheradesme
De lá vinherades, de cá filharades
Cá andabiá tudo em soma.

Por mil goivos trebelhando
Oy, oy, bos lombrego,
Algorem-se cada folgança
Amei eu: per que do terreno
Non ahi tal percheço.

Ouroana, Ouroana, oy tem por certo
 Que inha vida do biber.
 Se olvidrou per teu alvidro perque em cabo
 Mas não ha per que se ver.

A canção do «Traga-mouros» vem citada na edição do *Amadis de Gaula*, de Teófilo Braga, 1873. Além dêste, traduziram-na, entre outros, Afrânio Peixoto e Almeida Garrett e, já em nossos dias, Guerreiro Murta.

A tradução ou versão de Almeida Garrett é a seguinte:

Ora vos tenho, ora não;
 E um a um êles que chegam!
 Já me apanhais e já não...
 Daqui largam, e dali pegam,
 Que anda tudo ao repelão.

Por mil goivos retouçando,
 Ai, ai que vos avistei!
 Já sei por que ando lidando,
 Que em tais terras bem pensei
 Melhor fruto não verei

Oriana, Oriana, oh! tem por certo
 Que esta vida de viver,
 Tôda em ti se olvidou naquele apêto
 E o que em troca eu vim a haver
 Não há mais para se ver.

TROVA DOS FIGUEIREDOS OU CANÇÃO DO FIGUEIRAL

(Segundo Frei Bernardo de Brito, escritor do século XVIII e Miguel Leitão, que disse tê-la ouvido cantar «muita sentida a uma velha de muita idade, natural do Algarve»).

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrey,
 Seis ninhas encontrara, seis ninhas encontrei,
 para elas andara, para elas andei,
 lhorando las achara, lhorando las-achei,
 logo las pescudara, logo las pescudei,
 quem las mal tratara y a tam mala ley?

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrey,
 uma reprecara: «Infançom nom sei,
 mal cunusse la terra que teme ó mal rei;
 s'eu las armas usara, y a mi fee non sei,
 se hombre a mi levava de tam mala lei;
 adios vos vayades, garçom, ca non sei
 se onde me falades mais vos falarei».

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrey,
 eu la reprecara: — A mi fee non irey,
 ca olhos dessa cara caros comprarey,
 a las longas terras en trás vós me irei,
 las compridas vias eu las andarei,
 lingua de aravias eu las falarei,
 mouros se me visse eu los matarei.

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrey,
 mouros que las guarda cerca las achei,
 mal las meazara, eu mal me anogey,
 troncom desganhara, troncom desgahney,
 todos machucara, todos machuquey,
 las ninhas furtara, las ninhas furtei,
 la que a mim falara na alma la chantey,
 no figueiral figueiredo a no figueiral entrei.

Algumas notas do ilustre filólogo Sílvio de Almeida sobre esta trova:

«Esta canção, galega na forma, não é mais do que, como disse Teófilo Braga, uma reacção do gênio suevo contra a invasão árabe da península. A sua espontaneidade é atestada por Fr. Bernardo de Brito e Miguel Leitão de Andrade, que a ouviram cantar entre o povo.

A esta composição ligou-se a lenda do cavaleiro Goesto Ansures, que encontrou uma vez pelos campos uma *taifa* de mouros levando donzelas cristãs em cativeiro. O herói arrancou então o tronco de uma figueira e, afugentando os inimigos, libertou as moças, casou com uma delas e tomou, depois disto, o nome de Figueiredo, que se perpetuou em famílias da mais alta linhagem.

As trovas recordam ainda em Espanha, Galiza e Portugal, a tradição do tributo das donzelas, exigido pelos mouros, ou modernos *minotauros*; o novo Teseu chama-se Goesto em Portugal, Burdelo na Galiza e Santiago na Espanha; não é mais, como na Grécia, um mito solar, mas um cavaleiro e até um santo.»

SÉCULO XIV

MEMORIAS. — Pera se non perder per tepo de memoria dos homens a uida que en este mundo fez a muy nobre senhor dona Isabel per graça de deos Raynha de portugall & do algarue. E o acabamento que ouue. E as cousas que nosso senhor ihũ xpõ em ssa vida & depoy sseu saymento deste mûdo por ella fez.

BATALHA DO SALADO. — Disserõ a grãdes vozes: — Senhor Jesu Christo, louuado he o teu nome, ca asi praz a ti, Senhor piadoso, que acores a que te praz, mâte-nos e estas forças que nos deste, ca oie o teu nome seerã espargudo e nomeado antre todas as gentes do mundo. — Ali se mudou a auentura que estaua de choro e de lagrimas, de grã lastima e amargura a toda a cristãidade e tornô-se e toda lidece e e

todo goyvo. Os christãos seguirão a uera cruz per hu ya. Os iiijo mogotes dos iiijo mil caualeiros que estauã folgados pera prender os cristãos, como uos iã ei mostrado, uirão que os cristãos yam pera mal e que a az da coynha andaua destroindo e eles, pensarão que a lide era fijda e os christãos ueçudos, ueerão ferir e eles, alañar muyto aficadamente sas azagayas pera os preder. dando grandes algaridos e poendo sas espadas de toda sa força, e diziã a grãdes vozes: — Catiuos, catiuos.

SÉCULO XV

Cantiga

Folguo muyto de vos ver,
pesa-me quando vos vejo.
Como pod-aquisto sser,
Que ver-vos he meu desejo? !

Isto nam sey que o faz,
nem donde tall mall me vem;
sey bem que vos quero bem,
com quanto dano me traz.

Mas ystee para descrer
ter senhora tam gram pejo,
morrer muyto por vos ver,
pesa-me quando vos vejo.

TRISTAM TEYXEYRA

Cançoneiro Geral, de Garcia de Rêsende

Cantiga

Senhora, partem tãtristes
meus olhos por vós, meu bẽ,
que nũca tam tristes vistes
Outros nenhũs por ninguém!

tam tristes, tam saudosos,
tam doentes da partyda,
tam canssados, tã chorosos;
da morte mays desejosos

cem myl vezes que da vida!
partem tam tristes os tristes,
tam fóra desperar bem,
que nũca tan trystes vistes
outros nenhũs por ninguém!

JOAO RODRIGUES DE CASTELO BRANCO

Canç. Geral, II, 134.

CANTIGA

JOÃO RODRIGUES DE CASTELO BRANCO

Senhora,	senior (comp. de <i>senex</i>) > senhor + a = <i>senhora</i>
partem	do latim hipotético <i>partio-is-ivi(ii) itum-ire</i> (4) <i>partire</i> > partir. Ind. pr. <i>partiunt</i> > <i>partem</i>
tã	tam > <i>tã</i> > tão
tristes	<i>tristis-e</i> (bif.) Ac. <i>tristem</i> > <i>triste</i>
meus	<i>meus-a-um</i> (trif.) Ac. <i>meum</i> > <i>meu</i>
olhos	<i>oculus-i</i> (2) Ac. <i>oculum</i> > <i>ólho</i>
por	pro (metátese)
vós,	vos (pron.)
meu	_____
bẽ,	<i>bene</i> > <i>bẽ</i> > bem
que	(conj.) <i>quia</i>
nunca	<i>nunquam</i>
tam	_____
tristes	_____
vistes	<i>video-es-vidi-visum-ere</i> (2) Perf. <i>vidistis</i> > <i>vistes</i>
Outros	<i>alterum</i>
nenhũs	<i>nec</i> + <i>unum</i>
por	_____
ninguem!	<i>nec</i> + <i>quem</i>
tam	_____
tristes,	_____
tam	_____
saudosos,	forma haplológica de <i>saudadoso</i> , formado de <i>saudade</i> + <i>oso</i> . Saudade vem de <i>solitas-tatis</i> (3) Ac. <i>solitatem</i> > soedade > soidade > suydade > <i>saudade</i>
tam	_____
doentes	<i>dolens-dolentis</i> . Ac. <i>dolentem</i> > dolente > <i>doente</i>
da	<i>de</i> + <i>illam</i> > <i>illa</i> > <i>ella</i> > <i>la</i> > a = <i>da</i>
partyda,	do latim hipotético: <i>partio-is-ivi-itum-ire</i> (4) <i>partire</i> > <i>partir</i> . Part. pass. <i>partitus-a-um</i> . Ac. <i>partitam</i> > <i>partida</i> (verbo substantivado)
tam	_____

cansados,	cansar vem de <i>quassare</i> , part. pass. <i>quassatus</i> -a-um
tã	_____
chorosos;	chorar vem de <i>plorare</i> — chorar + oso > <i>choroso</i>
da	_____
morte	mors-mortis (3) Ac. mortem > <i>morte</i>
mays	magis > <i>mays</i> > mais
desejosos	desejar vem de <i>desidiare</i> por <i>dissidiare</i> , que deu o arc. <i>desejar</i> . (+ oso = desejoso)
cem	centum (apócope)
myl	mille > <i>myl</i> > mil
vezes	vix-vicis (genitivo desusado) (3) Ac. vicem > <i>vez</i>
que	conj. comparativa <i>quam</i>
da	_____
vida!	vita-ae (1) Ac. vitam > <i>vida</i>
partem	_____
tam	_____
tristes	_____
os	illos > illos > ellos > los > <i>os</i>
tristes,	_____
tam	_____
fora	foras (adv.)
de	de (prep.)
esperar	spero-as-avi-atum-are (1) <i>sperare</i>
bem,	_____
que	_____
nũca	_____
tan	_____
trystes	_____
vistes	_____
outros	_____
nenhũns	_____
por	_____
ninguem!	_____

A DOM MANUEL. — Estorea, muy excellente Rey, he assi mui liberal Princesa de todo bem, que nunca em sua louvada conversação nos recolhe, que della não partamos, sem em toda calidade de bondades e virtudes spirituaes e corporaaes nos acharmos logo outros, e sentimos em nós hum outro singular melhoramento. Nem he sem causa; porque a doutrina hystoryal, polo grande provimento dos verdadeiros enxemplos passados que consigo teem, he assi doce e conforme a toda a humanidade, que atem os maaos que per lição, ou per ouvida com ella participam torna logo boos, ou com desejo de o seer, e os boos muyto melhores. Cuja virtuosa força he tamanha, que per obras ou vontade, dos fracos faz esforçados, e dos escassos liberaes, e dos crus piadosos, e dos frios na Fé Catolicos e boos Christaaos; e asy dis-cordando per totalas outras virtudes. RUY DE PINA.

VIRTUOSA BENFEITORIA. — Semelhavelmente este nome uirtuosa bemffeytura nom significa specialmente huū cousa geeral, nem singular; mais representa todo bem que he feyto por alguū com boa ordenança. E esto mostra a sua composiçom que he de tres palauras em Latim; e a primeyra he aquesto uocabulo, *Moralis*, que quer dizer, Uertuosa: E outra he, *Bene*, que quer dizer bem: E a terceira he, *Fecere*, que quer dizer fazer: Das quaes todas se iuntão, *Moralis beneficentia*, que significa uirtuosa bemffeytura a que os antigos philosophos chamarom beneficio. E eu screpuendo, nom farey deferença entre estes nomes; mas entenderey per cada huū delles sempre hũa cousa segundo se mostra pella obra seguinte. INFANTE DOM PEDRO.

DUAS ESTANCIAS DE «OS LUSÍADAS» (século XVI)

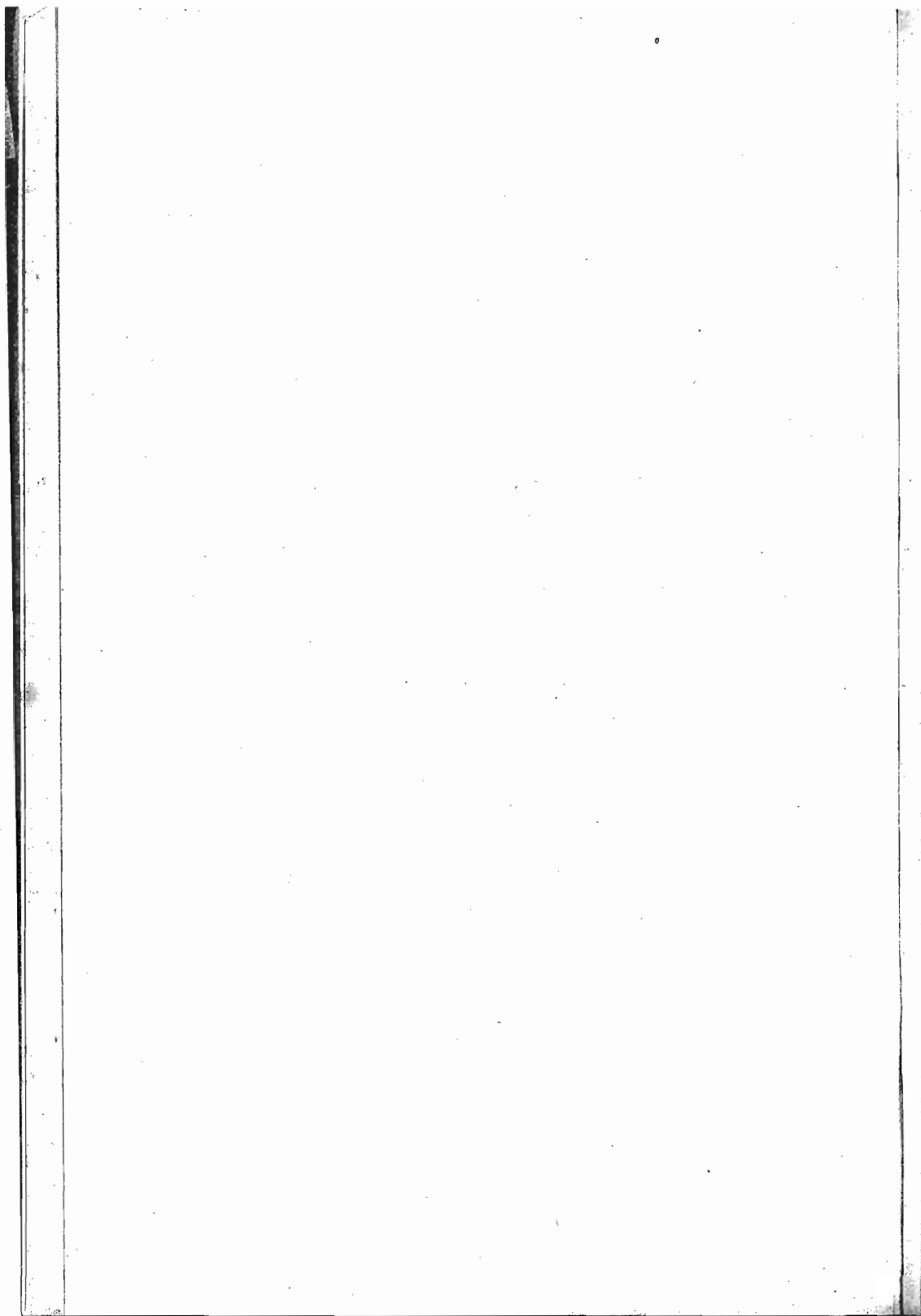
CAMÕES

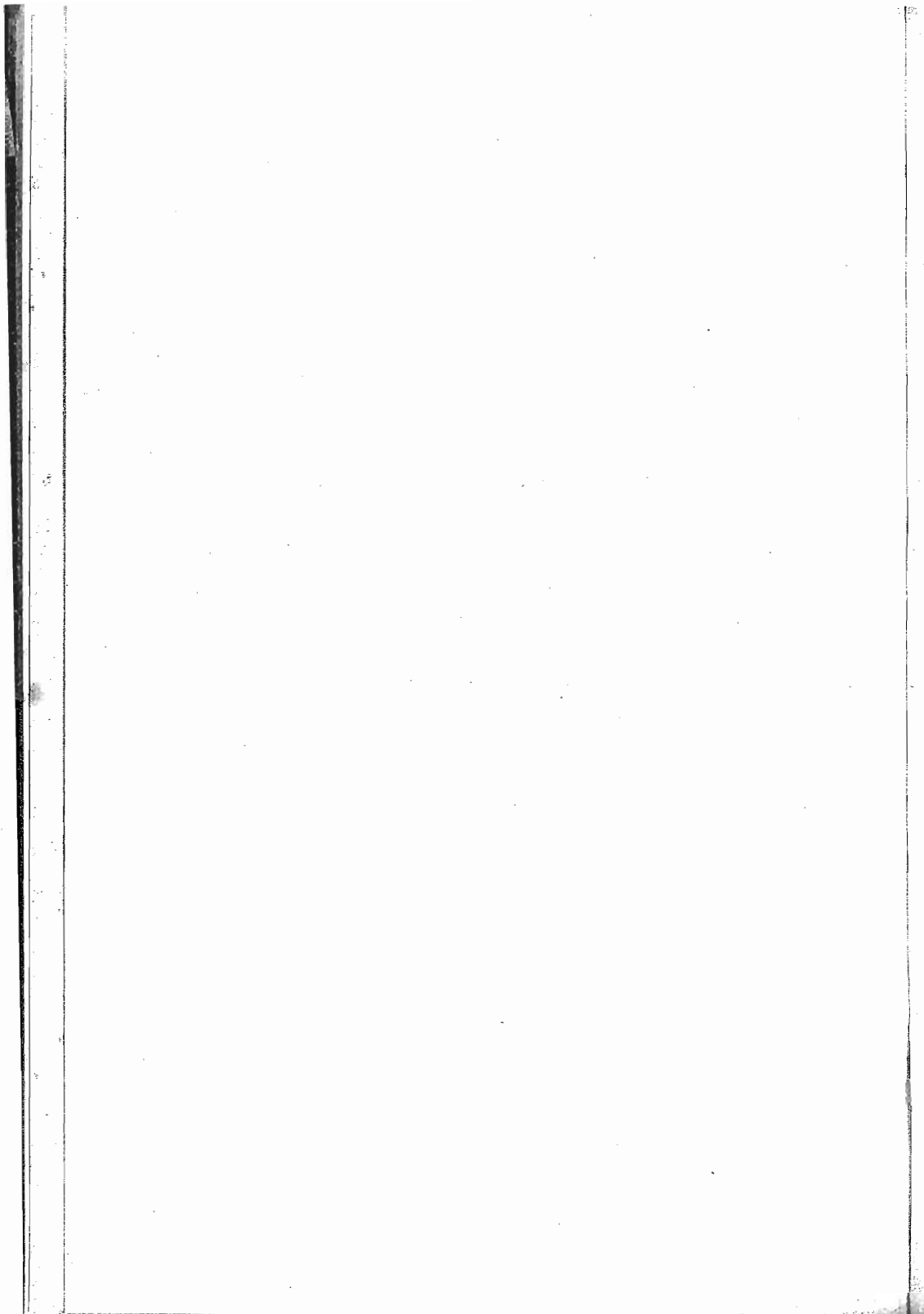
As	illas > illas > ellas > las > a;
armas	arma-orum-(pluralia tantum)
e	et (conj.)
os	illos > illos > ellos > los > os
barões	do germano <i>baro</i> ; lat. pop. <i>baro-ōnis</i> (3)
assinalados,	do latim: <i>signalis</i> > sinal (a + sinal + ar = assinalar)
que	qui (pron.)
da	<i>de</i> + <i>illam</i> > <i>illa</i> > <i>ella</i> > <i>la</i> > <i>a</i> = <i>da</i>
Occidental	<i>occidentalis</i> -e
praya	do lat. <i>plaga</i>
Lusitana,	<i>lusitanus</i> -a-um. Ac. <i>lusitanam</i>
Por	pro (metátese)
mares	<i>mare-maris</i> (3n) Ac. <i>mare</i> > <i>mar</i>
nunca	<i>nunquam</i>

de	de (prep.)
antes	ante
navegados,	navigo-as-avi-atum-are (1); navigare > <i>navegar</i> . P. Pass. navigatus-a-um. Ac. navigatum > <i>navegado</i>
Passaram	do latim hipotético <i>passare</i> , freqüentativo de pandere. Perfeito
ainda	ad + inde
além	ad + illic + inde > alende > <i>além</i>
da	
Taprobana	do lat. Taprobāna-ae (1) (é a ilha de Ceilão)
Em	in > en > <i>em</i>
perigos,	periculum-i (2n) Ac. periculum > <i>perigo</i>
e	et (conj.)
guerras	do alto alemão <i>werre</i>
esforçados,	es + fortia-ae (1) + ados = esforçados (<i>fortia</i> é latim popular)
mais	magis
do	de + illum > illo > ello > lo > o = <i>do</i>
que	quam (conj.)
prometia	promitto-is-si-issum-ere (3) Imp. promittebat > <i>prometia</i>
a	illam > illa > ella > la > <i>a</i>
força	fortia-ae (1) Ac. fortiam > <i>fôrça</i> (l. pop.)
humana,	humanus-a-um (trif.) Ac. humanam > <i>humana</i>
E	et (conj.)
entre	inter > entre (metátese)
gente	gens-gentis (3) Ac. gentem > <i>gente</i>
remota	remotus-a-um (trif.) Ac. remotam > <i>remota</i>
edificação	aedifico-as-avi-atum-are (1) aedificare > <i>edificar</i> . Perf. aedificavērunt > <i>edificação</i> > <i>edificaram</i>
novo	novus-a-um. Ac. novum > <i>novo</i>
reino	regnum-i (2n) Ac. regnum > <i>reino</i>
que	qui (pron.)
tanto	tantum
sublimarão	sublimo-as-avi-atum-are (1) sublimare > <i>sublimar</i> . Perf. sublimavērunt
E	et (conj.)

tambem	tam + bene
as	
memórias	memoria-ae (1) Ac. <i>memoriam</i>
gloriosas	gloriosus-a-um. Ac. <i>gloriosam</i>
Daqueles	de + aquêles (do lat. pop. <i>ecu' ille</i>)
Reis,	rex-regis (3) Ac. <i>regem</i> > <i>rei</i>
que	qui (pron.)
forão	sum-es-fui-esse. Perf. <i>fuērunt</i>
dilatando	dilato-as-are-avi-atum (1) <i>dilatare</i> > <i>dilatar</i> . Gerúndio
A	<i>illam</i> > <i>illa</i> > <i>ella</i> > <i>la</i> > <i>a</i>
Fee,	<i>fides-ei</i> (5) Ac. <i>fidem</i> > <i>fee</i> > <i>fé</i> (crase)
o	<i>illum</i> > <i>illo</i> > <i>ello</i> > <i>lo</i> > <i>o</i>
Império,	<i>imperium-ii</i> (2n) Ac. <i>imperium</i>
e	et (conj.)
as	<i>illas</i> > <i>illas</i> > <i>ellas</i> > <i>las</i> > <i>as</i>
terras	<i>terra-ae</i> (1) Ac. <i>terram</i> > <i>terra</i>
viciosas	<i>vitiosus-a-um</i> (trif.) Ac. <i>vitiosam</i> > <i>viciosa</i>
De	de (prep.)
Affrica	<i>Africa-ae</i> (1) Ac. <i>Africam</i> > <i>África</i>
e	et (conj.)
de	de (prep.)
Ásia	<i>a-ae</i> (1) Ac. <i>Asiam</i> > <i>Ásia</i>
andarão	de <i>ambitare</i> , freqüentativo de <i>ambire</i> , ou tipo simétrico de <i>ambulare</i> . Perfeito.
devastando	<i>devasto-as-avi-atum-are</i> (1) <i>devastare</i> > <i>devastar</i> . Gerúndio
E	et (conj.)
aqueles	<i>ecu' ille</i> (lat. pop.)
que	qui (pron.)
por	pro (metátese,
obras	<i>opera-ae</i> (1) Ac. <i>operam</i> > <i>obra</i>
valerosas	<i>valère</i> > <i>valer</i> (+ <i>osa</i> = <i>valerosa</i>)
Se	<i>sui-sibi-se-se</i> . Ac. <i>se</i>
vão	<i>vado-is-ère</i> (3) Ind. pres. <i>vadunt</i>
da	de + <i>illam</i> > <i>illa</i> > <i>ella</i> > <i>la</i> > <i>a</i> = <i>da</i>

ley	lex-legis (3) Ac. legem > <i>ley</i> > <i>lei</i>
da	
morte	mors-tis (3) Ac. mortem > <i>morte</i>
libertando,	de liberto + ar
Cantando	canto-as-avi-atum-are (1) cantare > cantar. Gerúndio
espalharey	es + palha + ar (diz Adolfo Coelho; C. de Figueiredo diz: dispalo-as-avi-atum-are (1) (latim hipotético) <i>dispalare-habeo</i> (criação românica)
por	
toda	totus-a-um. Ac. totam > <i>tôda</i>
parte,	pars-tis (3) Ac. partem > <i>parte</i>
Se	si (conj.)
a	ad (prep.)
tanto	tantum
me	ego-mei-mihi-me-me. Ac. <i>me</i>
ajudar	adjuto-as-avi-atum-are (1) freqüentativo de adjuvare
o	illum > illo > ello > lo > <i>o</i>
engenho	ingenium-ii (2n) Ac. ingenium
e	et (conj.)
arte	ars-artis (3) Ac. artem > <i>arte</i>





2.º PORTUGUÊS CLÁSSICO (séculos XVI, XVII e XVIII)

SÉCULO XVI

ALGUNS EPISÓDIOS DE «OS LUSÍADAS» (O MAIOR PADRÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA)

CANTO I

(ortografia camoniana)

Proposição: o poeta Camões diz que vai cantar os navegadores e todos os homens ilustres portugueses.

1. As armas, & os barões assinalados,
Que da Occidental praya Lusitana,
Por mares nunca de antes nauegados,
Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificarão
Novo Reino, que tanto sublimarão;
 2. E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que forão dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas
De Affrica & de Asia andarão deustando,
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando,
Cantando espalharey por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.
 3. Cessem do sabio Grego, & do Troyano,
As nauegações grandes que fizerão:
Callese de Alexandro, & de Trajano,
A fama das victorias que tiverão,
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se aleana.
- (Invocação às Tágides, isto é, ninfas do Tejo (em latim: Tagus), para que o auxiliem a cantar as glórias lusitanas).*
4. E vos Tagides minhas, pois criado
Tendes em my hum nouo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foy de my vosso rio alegremente,
Daime agora hum som alto, & sublimado,
Hum estilo grandiloco, & corrente,
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que não tenham enueja aas de Hypocrene.
 5. Daime hũa furia grande & sonora,
E não de agreste avena, ou frauta ruda:
Mas de tuba canora & belicosa,
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda;
Daime igoal canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe & se cante no vniuerso,
Se tam sublime preço cabe em verso.

(Dedicatória a D. Sebastião, jovem rei português).

6. E vos ò bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certissima esperança,
Do aumento da pequena Christandade:
Vos o nouo temor da Maura lança,
Marauilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deos q̃ todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande;
7. Vos tenro, & nouo ramo florecente,
De hũa amore de Christo mais amada
Que nenhũa nascida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada:
Vedeo no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria ja passada.
Na qual vos deu por armas, & deixou
As que elle pera si na Cruz tomou;
8. Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,
O Sol logo em nascendo ve primeiro:
Veo tambem no meio do Hemispherio,
E quando dece o deixa derradeiro.
Vos que esperamos jugo & vituperio,
Do torpe Ismaelita caualleiro:
Do Turco Oriental, & do Gentio.
Que inda bebe o licor do sancto Rio,
9. Inclina por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que ja se mostra, qual na inteira idade,
Quando sobindo yreis ao eterno templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,
De amor, dos patrios feitos valerosos,
Em versos deuulgado numerosos.

Narração (começa a descrição da viagem de Vasco da Gama, a caminho da India).

19. Ia no largo Oceano nauegação,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiração,
Das naos as vellas concauas inchando:
Da branca escuma os mares se mostração
Cubertos, onde as proas vão cortando.
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Próteo sam cortadas.

Episódio do Concílio dos Deuses no Olimpo (os deuses discutem sobre se hão de consentir que os Lusos cheguem à India, ou não; Baco, deus do vinho, é contra; Marte, deus da guerra, e Vênus, deusa da beleza, são a favor).

20. Quando os Deoses no Olimpo luminoso,
Onde o gouerno está, da humana gente
Se ajuntão em consilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o cristalino Ceo fermoso,
Vem pela via Lactea, juntamente
Conuocados da parte de Tonante.
Pelo Neto gentil do velho Atlante.
21. Deixão dos sete Ceos o regimento:
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que so co pensamento
Gouerna o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:

Ali se acharão juntos num momento,
Os que habitão o Arcturo congelado.
E os que o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

22. Estava o Padre ali sublime & dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num assento de estrellas cristalino,
Com gesto alto, seuro, & soberano;
Do rosto respirava hum ar diuino,
Que diuino tornara hum corpo humano;
Com hua coroa, & ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.
23. Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, & de perlas, mais abaixo estauão
Os outros Deoses todos assentados,
Como a Razão, & a Ordem concertauão:
Precedem os antigos mais hourrados,
Mais abaixo os menores se assentauão:
Quando Iupiter alto assy dizendo,
Cum tom de voz começa, grave & horrendo:
24. Eternos moradores do luzente
Estelifero polo & claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso, não perdeis o pensamento,
Deueis de ter sabido claramente
Como he dos fados grandes certo intento
Que por ella sesqueção os humanos,
De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.
25. Ia lhe foy (bem o vistes) concedido
Cum poder tam singelo & tam pequeno
Tomar ao Mouro forte & guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhana tam temido
Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.
Assi que sempre em fim com fama & gloria,
Teue os tropheos pendentes da victoria.
26. Deixo Deoses atras a fama antiga,
Que co a gente de Romulo alcançarão,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamarão.
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando aleuantarão
Hum, por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerna espirito diuino.
27. Agora vedes bem que cometendo,
O duuidoso mar, num lenho leue
Por vias nunca vsadas, não temendo
De Affrico & Noto a força, a mais satreue:
Que auendo tanto ja que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, & onde breue,
Inclinão seu proposito, & perfia
A ver os berços, onde nasce o dia.
28. Prometido lhe està do fado eterno,
Cuja alta ley nam pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas agoas tem passado o duro Inuerno,
A gente vem perdida & trabalhada.
Ia parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a noua terra que deseja.

29. E porque, como vistes, tem passados
Na viagem, tam asperos perigos,
Tantos Climas & Ceos exp'imentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Affricana como amigos.
E tendo guarneçada a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota:
30. Estas palavras Iupiter dizia.
Quando os Deoses por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro difiria,
Razões diuersas dando & recebendo:
O padre Baco, ali nam consentia
No que Iupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se la passar a Lusitana gente.
31. Onuido tinha aos Fados que viria
Hũa gente fortissima de Hespanha,
Pelo mar alto, a qual sojeitaria
Da India, tudo quando Doris banha:
E com nouas victorias venceria,
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha;
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nisa celebra inda a memoria.
32. Ve que ja teue o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agoa de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado,
Seu tam celebre nome, em negro vaso,
Dagoa do esquecimento, se la chegão
Os fortes Portugueses, que nauegão,
33. Sustentaua contra elle Venus bella
Afeiçãoada aa gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga tam amada sua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrellla,
Que mostrarão na terra Tingitana:
E na lingoa, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção cre que he a Latina.
34. Estas causas mouião Cytarea,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de ser celebrada a clara Dea,
Onde a gente beligera se estende.
Assi que hum pela infamia que arrecea,
E o outro pelas honras que pretende
Debatem, & na perfia permanecem,
A qualquer seus amigos fauorecem:
35. Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
De siluestre aruoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impito & braueza desmedida.
Brama toda montanha, o som murmura,
Rompe as folhas, ferue a serra erguida
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os Deoses no Olimpo consagrado.
36. Mas Marte que da Deosa sustentaua,
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigaua,
Ou porque a gente forte o merecia,

De entre os Deoses em pee se leuantaua,
Merencorio no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando pera trás medonho & irado.

37. A viseira do elmo de Diamante,
Aleuantando hum pouco, muy seguro,
Por dar seu parecer se pos diante
De Iupiter, armado, forte & duro:
E dando hũa pancada penetrante,
Co conto do bastão, no solio puro:
O ceo tremeo, & Apolo de toruado,
Hum pouco a luz perdeo, como inflado.
38. E disse assi: ô padre a cujo imperio,
Tudo aquillo obedece, que criaste,
Se esta gente que busca outro Emispherio,
Cuja valia, & obras tanto amaste:
Não queres que padeção vituperio,
Como ha ja tanto tempo que ordenaste
Não ouças mais, pois es juyz direito,
Razões de quem parece que he sospeito.
39. Que se aqui a razão se não mostrasse
Venoida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tam priuado:
Mas esta tenção sua, agora passe,
Porque em fim vem de estamago danado.
Que nunca tirará alhea enueja,
O bem que outrem merece & o ceo deseja.
40. E tu padre de grande fortaleza
Da determinaçam que tes tomada,
Nam tornes por detras pois he fraqueza
Desistir se da cousa começada.
Mercurio pois excede em ligeireza
Ao vento leue, & aa seta bem talhada,
Lhe va mostrar a terra, onde se informe
Da India, & onde a gente se reforme.
41. Como isto disse o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mauorte valeroso,
E Nectar sobre todos esparzio:
Pelo caminho Lacteo glorioso,
Logo cada hum dos Deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Pera os determinados apousentos.
42. Em quanto isso se passa, na fermosa
Casa Eterea do Olimpo omnipotente
Cortaua o mar a gente belicosa:
Ia la da banda do Austro, & do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, & a famosa
Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente
Queimaua entam os Deoses, que Tifeo
Co temor grande em pexes conuerteo.
43. Tam brandamente os ventos os leuauão,
Como quem o ceo tinha por amigo:
Serenos o ar, & os tempos se mostrauão
Sem nuues, sem receio de perigo:
O promontorio prasso ja passauão
Na costa de Ethiopia, nome antiguo.
Quando o mar descobrindo lhe mostraua,
Nouas ilhas que em torno cerca, & laua.

44. Vasco da gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece,
De soberbo, & de altivo coração,
A quem fortuna sempre fauorece
Pera se aqui deter, não ve razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinaua:
Mas nam lhe soccedeo como cuydaua.

EPISÓDIO DE INÊS DE CASTRO

(ortografia atual)

CANTO III

120. Estavas, linda Inês, posta em sossêgo,
De teus anos colhendo o doce fruto,
Naquele engano da alma, ledó e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto;
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.
121. Do teu príncipe ali te respondiam
As lembranças, que n'alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam:
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam:
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memórias de alegria.
122. De outras belas senhoras e princesas
Os desejados tálamos enjeita;
Que tudo em fim, tu, puro Amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,
123. Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem prêso;
Crendo co sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande pêso
Do furor mauro, fôsse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?
124. Traziam-na os horríficos algozes
Ante o rei, já movido à piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saudade
Do seu príncipe e filhos, que deixava,
Que, mais que a própria morte, a magoava,
125. Para o céu cristalino alevantando
Com lágrimas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos,
E depois nos meninos atentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orfandade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia:

126. «Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sômente
Nas rapinas aéreas têm o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como coa mãe de Nino já mostraram
E cos irmãos que Roma edificaram:
127. O' tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzela
Frac e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.
128. E se, vencendo a maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida com clemência
A quem para perdê-la não fez erro;
Mas, se t'ó assi merece essa inocência,
Põe-me em perpétuo e mísero destêrro
Na Cítia fria, ou lá na Líbia ardente,
Onde em lágrimas viva eternamente.
129. Põe-me onde se use tôda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se nêles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei.
Ali co amor intrínseco, e vontade
Naquele por quem morro, criarei
Estas relíquias suas, que aqui viste,
Que refrigério sejam da mãe triste. »
130. Queria perdoar-lhe o rei benino,
Movido das palavras, que o magoam;
Mas o pertinaz povo o seu destino,
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali pregoam.
Contra uma dama, ó peitos carnicheiros,
Feros vos amostrais, e cavaleiros?
131. Qual contra a linda moca Polixena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha;
Mas ela os olhos, com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na mísera mãe postos, que endoidece,
Ao duro sacrifício se oferece:
132. Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amôres
Aquêl que depois a fez rainha,
As espadas banhando e as brancas flores,
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fêrvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.
133. Bem puderas, ó Sol, da vista dêstes
Teus raios apartar aquêl dia,
Como da seva mesa de Tiestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia!

Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Per muito grande espaço repetistes!

134. Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a côr murchada:
Tal está morta a pálida donzela,
Sêcas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr coa doce vida.
135. As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram:
E, por memória eterna, em fonte pura,
As lágrimas choradas transformaram:
O nome lhe puseram, que inda dura,
Dos amôres de Inês, que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água, e o nome amôres!

CAMÕES

BATALHA DE ALJUBARROTA

(ortografia atual)

CANTO IV

28. Den sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, e temeroso,
Ouviu o monte Artabro, e Guadiana,
Atrás tornou as ondas de medroso:
Ouviu o Douro, e a terra Transtagana,
Correu ao mar o Tejo duvidoso:
E as mães que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.
29. Quantos rostos ali se vêem sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes, o temor,
E' maior muitas vêzes que o perigo,
E se o não é, parece-o, que o furor
De ofender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir, que é perda grande e rara
Dos membros corporais da vida cara.
30. Começa-se a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala,
Uns leva a defesa da própria terra,
Outros as esperanças de ganhá-la:
Logo o grande Pereira em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala
Derriba, e encontra, e a terra enfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.
31. Já pelo espêssô ar, os estridentes
Farpões, setas, e vários tiros voam,
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavalos, treme a terra, os vales soam:
Espedacem-se as lanças, e as freqüentes
Quedas, com as duras armas tudo atroam.
Recrescem os imigos sôbre a pouca
Gente do fero Nuno que os apouca.

32. Eis ali seus irmãos contra êle vão,
(Caso feio e cruel) mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a pátria se alevanta:
Dêstes arrenegados muitos são,
No primeiro esquadrão, que se adianta,
Contra irmãos e parentes (caso estranho)
Quais nas guerras Civis de Júlio e Magno.
33. O' tu Sertório, ó nobre Coriolano
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas pátrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos:
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravíssimos castigos
Dizei-lhe que também dos Portuguêses
Alguns traidores houve algumas vêzes.
34. Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a êles vão:
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortíssimo leão
Que cercado se vê dos cavaleiros
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem-no com as lanças, e êle iroso
Torvado um pouco está, mas não medroso.
35. Com tórva vista os vê, mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrescem:
Tal está o cavaleiro que a verdura
Tinge com sangue alheio; ali perecem
Alguns dos seus, que o ânimo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

CAMÕES

PARTIDA DA ARMADA, DE LISBOA

(ortografia atual)

CANTO IV

84. E já no pôrto da inclita Ulisséia
Cum alvorôço nobre, e cum desejo
(Onde o licor mistura e branca areia
Co salgado Netuno o doce Tejo:)
As naus prestes estão, e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente marítima e a de Marte
Estão para seguir-me a tôda parte.
85. Pelas praias vestidos os soldados
De várias côres vêm, e várias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Para buscar do mundo novas partes:
Nas fortes naus os ventos sossegados
Ondeam os aéreos estandartes,
Elas prometem vendo os mares largos
De ser no Olimpo estrêlas como a de Argos.
86. Depois de aparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhamos a alma para a morta
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:

Para o sumo poder que a Etérea côrte
Sustenta só coa vista veneranda,
Imploramos favor que nos guiasse
E que nossos começos aspirasse.

87. Partimo-nos assim do santo templo
Que nas Praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado:
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.
88. A gente da cidade aquêlle dia
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver sômente) concorria
Saudosos na vista e descontentes;
E nós coa virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solene a Deus orando
Para os batéis viemos caminhando.
89. Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres com chôro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam,
Mães, Espôsas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação e frio mêdo
De já nos não tornar a ver tão cedo.
90. Qual vai dizendo: O' filho a quem eu tinha
Só para refrigério, e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em chôro acabará, penoso e amaro:
Por que me deixas, misera e mesquinha?
Por que de mim te vais, ó filho caro
A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de peixes mantimento?
91. Qual em cabelo: O' doce e amado espôso
Sem quem não quis amor que viver possa,
Por que is aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha, e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento.
92. Nestas e outras palavras que diziam
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos os seguiam
Em quem menos esforço pôe a idade.
Os montes de mais perto respondiam
Quase movidos de alta piedade,
A branca areia as lágrimas banhavam
Que em multidão com elas se igualavam.
93. Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a Mãe, nem a Espôsa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado:
Determinei de assim nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que pôsto que é de amor usança boa
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

(Fala do Velho do Restêlo)

94. Mas um velho daspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vèzes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Cum saber só d'experiências feito
Tais palavras tirou do esperto peito.
95. O' glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama,
O' fraudulento gôsto que se atixa
Cua aura popular, que honra se chama:
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama,
Que mortes, que perigos, que tormentas
Que crueldades nêles exprimentas!
96. Dura inquietação d'alma e da vida
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos, e de impérios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios,
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana.
97. A que novos desastres determinas
De levar êstes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás, que histórias?
Que triunfos, que palmas, que vitórias?

CAMÕES

TROMBA MARINHA**CANTO V**

17. Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que têm por mestra a longa experiência,
Contam por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela aparência:
E os que têm juízos mais inteiros,
Que só por puro engenho e por ciência
Vêem do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal-entendidos.
18. Vi, claramente visto, o lume vivo,
Que a marítima gente tem por santo
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e causa certa de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas águas do Occano.
19. Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho e sutil fumo,
E, do vento trazido, rodear-se:

Daqui levado um cano ao pólo sumo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da matéria das nuvens parecia.

20. Ia-se pouco e pouco acrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de água em si chupava;
Estava-se coas ondas ondeando,
Em cima dêle ua nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co cargo grande d'água em si tomada.
21. Qual roxa sanguessuga se veria
Nos beijos da alimária (que imprudente
Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co sangue alheio a sêde ardente;
Chupando mais e mais se engrossa e cria:
Ali se enche e se alarga grandemente;
Tal a grande coluna, enchendo, aumenta
A si e a nuvem negra, que sustenta.
22. Mas, depois que de todo se fartou,
O pé, que tem no mar, a si recolhe,
E pelo céu chovendo enfim voou,
Porque coa água a jacente água molhe;
As ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sábios na escritura
Que segredos são êstes da natura.

CAMÕES

EPISÓDIO DO ADAMASTOR

CANTO V

37. Porém já cinco sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca doutrem navegados,
Prósperamente os ventos assoprando;
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sôbre nossas cabeças apareça.
38. Tão temerosa vinha e carregada
Que pôs nos corações um grande mêdo;
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
O' Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segrêdo,
Este clima e êste mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?
39. Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquelada:
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pálida
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

40. Tão grande era de membros que bem posso
Certificar-te que êste era o segundo
De Rodas estranhíssimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo;
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabelo
A mim e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.
41. E disse: «O' gente ousada mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas;
Tu que per guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois que os vedados térmios quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados de estranho ou próprio lenho:
42. Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do úmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento:
Ouve os danos de mi que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Per todo o largo mar e pela terra,
Que inda hás de subjugar com dura guerra.
43. Sabe que quantas naus esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer per estas ondas insofridas,
Eu farei de improviso tal castigo,
Que seja mor o dano que o perigo.
44. Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas naus vereis cada ano
(Se é verdade o que meu juízo alcança)
Naufrágios, perdições de tôda a sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.
45. E do primeiro illustre que a ventura
Com fama alta fizer tocar os céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Per juízos incógnitos de Deus;
Aqui porá da turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.
46. Outro também virá de honrada fama,
Liberál, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará formosa dama,
Que Amor per gran mercê lhe terá dado;
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.
47. Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres ásperos e avaros
Tirar à linda dama os seus vestidos;

Os cristalinos membros e preclaros
A calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pisada longamente
Cos delicados pés a areia ardente.

48. E verão inais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes míseros ficarem
Na férvida e implacável espessura;
Ali depois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e misérrima prisão 1.
49. Mais ia per diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: « Quem és tu? que êste estupendo
Corpo, certo, me tem maravilhado ».
A boca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:
50. Eu sou aquêlê oculto e grande cabo,
A quem chamaís vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompônio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram, fui notório:
Aqui tôda a africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontório,
Que para o pólo antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende.
51. Fui dos filhos aspérrimos da terra,
Qual Encélado, Egeu e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que pusesse serra sôbre serra,
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Netuno, que eu buscava.
60. Assim contava, e cum medonho chôro
Súbito dante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e cum sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo côro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

CAMÕES

OS DOZE DE INGLATERRA

CANTO VI

43. No tempo que do reino a rédea leve
João, filho de Pedro, moderava,
Depois que sossegado e livre o teve
Do vizinho poder que o molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erínis dura e má cizânia,
Que lustre fôsse à nossa Lusitânia.

44. Entre as damas gentis da cõrte inglêsa.
E nobres cortesãos, acaso um dia
Se levantou Discórdia em ira acesa;
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em tais damas não há para ser damas;
45. E que se houver alguém com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que êles em campo raso ou estacada
Lhe darão feia infâmia, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opróbrios tais, vendo-se nua
De forças naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.
46. Mas, como fôsem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fêrvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem,
Com lágrimas formosas e bastantes
A fazer que em socorro os deuses levem
De todo o céu, por rostos de alabastro,
Se vão tôdas ao duque de Alencastro.
47. Era êste Inglês potente, e militar
Cos Portugêses já contra Castela,
Onde as forças magnânimas provara
Dos companheiros, e benigna estrêla:
Não menos nesta terra exp'rimentara
Namorados afeitos, quando nela
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte rei que por mulher a toma.
48. Este, que socorrer-lhe não queria,
Por não causar discórdias intestinas,
Lhe diz: « Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas
Que êles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.
49. E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vós lhes mandarei embaixadores,
Que, por cartas discretas e polidas,
De vosso agravo os façam sabedores;
Também por vossa parte encarecidas
Com palavras de afagos e de amôres
Lhes sejam vossas lágrimas, que eu creio
Que ali tereis socorro e forte esteio ».
50. Destarte as aconselha o duque esperto,
E logo lhe nomeia doze fortes:
E porque cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sôbre êles lancem sortes;
Que elas só doze são: e descoberto
Qual a qual tem caído das consortes
Cada uma escreve ao seu por vários modos,
E tôdas a seu rei, e o duque a todos.
51. Já chega a Portugal o mensageiro;
Tôda a cõrte alvoroça a novidade:
Quisera o rei sublime ser primeiro,
Mas não lho sofre a régia majestade.

- Qualquer dos cortesãos aventureiro
Deseja ser com férvida vontade;
E só fica por bem-aventurado,
Quem já vem pelo duque nomeado.
52. Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do govêrno.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavalos e concertos de mil côres.
53. Já do seu rei tomado têm licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquêles que escolhidos por sentença
Foram do duque inglês exp'rimetado.
Não há na companhia diferença
De cavaleiro destro, ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia,
Destarte fala à forte companhia:
54. «Fortíssimos consócios, eu desejo
Há muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis, e várias manhas:
Agora que aparelho certo vejo
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.
55. E quando caso fôr que eu, impedido
Por quem das cousas é última linha,
Não fôr convosco ao prazo instituído,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mim fareis o que é devido;
Mas, se a verdade o espírito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja
Não farão que eu convosco lá não seja.»
56. Assim diz: e, abraçados os amigos,
E tomada licença, enfim se parte:
Passa Leão, Castela, vendo antigos
Lugares, que ganhara o pátrio Marte;
Navarra, cos altíssimos perigos
Do Pireneu, que Espanha e Gália parte
Vistas enfim de França as cousas grandes,
No grande empório foi parar de Frandes.
57. Ali chegado, ou fôsse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a ilustríssima companhia
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra à costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias;
Do duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos e amimados.
58. Chega-se o prazo e dia assinalado
De entrar em campo já cos doze Inglêses,
Que pelo rei já tinham segurado:
Armam-se d'elmos, grevas e de arneses:
Já as damas têm por si fulgente e armado
O Mavorte feroz dos Portuguêses:
Vestem-se elas de côres e de sédas,
De ouro e de jóias mil, ricas e lédas.

59. Mas aquela a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavaleiro nesta empresa;
Bem que os onze apregoam que acabado
Será o negócio assim na corte inglesa,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Pôsto que dois e três dos seus faleçam.
60. Já num sublime e público teatro
Se assenta o rei inglês com toda a corte:
Estavam três e três, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço e d'ânimo mais forte
Outros doze sair, como os Ingleses
No campo contra os onze Portugueses.
61. Mastigam os cavalos, escumando,
Os áureos freios com feroz semblante;
Estava o sol nas armas rutilando
Como em cristal ou rígido diamante;
Mas enxerga-se num e noutro bando
Partido desigual e dissonante,
Dos onze contra doze: quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.
62. Viram todos o rosto aonde havia,
A causa principal do reboliço;
Eis entra um cavaleiro que trazia
Armas, cavalo ao bélico serviço:
Ao rei e às damas fala; e logo se ia
Para os onze, que este era o grão Magriço.
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.
63. A dama, como ouviu que este era aquele
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegra e veste ali do animal de Hele,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão sinal, e o som da tuba impele
Os belicosos ânimos, que inflama;
Picam d'esporas, largam rédeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.
64. Dos cavalos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme.
O coração no peito, que estremece,
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavalo voa, que não desce;
Qual, co cavalo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.
65. Algum dali tomou perpétuo sono
E fez da vida ao fim breve intervalo.
Correndo algum cavalo vai sem dono,
E noutra parte o dono sem cavalo:
Cai a soberba inglesa do seu trono,
Que dois ou três já fora vão do valo:
Os que de espada vêm fazer batalha,
Mais acham já que arnês, escudo e malha.
66. Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
E' desses gastadores, que sabemos
Maus do tempo, com fábulas sonhadas;

Basta por fim do caso, que entendemos,
Que com finezas altas e afamadas,
Cos nossos fica a palma da vitória,
E as damas vencedoras e com glória.

67. Recolhe o duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas e alegria,
Cozinheiros ocupa e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil cada hora e cada dia,
Enquanto se detêm em Inglaterra,
Até tornar à doce e cara terra.

CAMÕES

SONETO

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor, que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

CAMÕES

AUTO DA MOFINA MENDES

(ortografia de Gil Vicente)

Mofina Mendes é uma pastora, que entra episódicamente no auto. O patrão pede-lhe contas do seu gado; ela pede-lhe da sua soldada.

PESSIVAL — Achaste a tua burra Andrei?
AND. — Bofá não. PES. Não pode ser (1).

Busca bem, deixa o fardel;
Que a burra não era mel,
Que a havião de comer.

ANDRÉ — Saltarião pegas nella,
Por caso da matadura?

PES. — Pardeos! essa seri'ella! (2)
E que pèga seria aquella.
Que lhe tirasse a albardura?

(1) Bofá ou bofé, indiferentemente: à boa fé!

(2) Pardeos - Por Deus! exclamação frequentíssima.

PAY. — Mas crê que andou per hi
Mofina Mendes, rapaz:
Que segundo as cousas faz,
Se isto não for assi,
Que não seja eu Payo Vaz.
Ora chama tu por ella.
E aposto-te a carapuça,
Que a negra burra ruça
Mofina Mendes deu nella.

AND. — Mofina Mendes! ah Mofina Men!

MOF. — Que queres, André? que has? (*de longe*)

AND. — Vem tu cá, e vê-lo-has;
E se has de vir, logo vem,
E acharás aqui também
A teu amo Payo Vaz.

Entra Mofina Mendes, e diz.

PAYO VAZ — Onde deixas a boiada,
E as vacas, Mofina Mendes?

MOF. — Mas que cuidado vós tendes
De me pagar a soldada,
Que ha tanto que me retendes?

PAY. — Mofina dá-me conta tu
Onde fica o gado meu.

MOF. — A boiada não vi eu,
Anda lá não sei per hu,
Nem sei que pascigo he o seu.
Nem as cabras não nas vi,
Samicas c'os arvoredos (1);
Mas não sei a quem ouvi
Que andavão ellas per hi
Saltando pelos penedos.

PAY. — Dá-me conta rez e rez,
Pois pedes todo teu frete,

MOF. — Das vacas morrerão sete,
E dos bois morrerão tres.

PAYO VAZ — Que conta de negregura!
Que taes andão os meus porcos?

MOF. — Dos porcos os mais são mortos
De magreira e má aventura.

PAY. — E as minhas trinta vitellas
Das vacas, que te entregarão?

MOF. — Creio que hi ficarão dellas,
Porque os lobos dezimarão,
E deu ôlho mau por ellas,
Que mui poucas escaparão.

PAYO VAZ — Dize-me, e dos cabritinhos
Que recado me dás tu?

(1) Adv. talvez, porventura.

MOR. — Erão tenros e gordinhos,
E a zorra ⁽¹⁾ tinha filhinhos,
E levou-os hum e hum.

PAYO VAZ — Essa zorra, essa malina,
Se lhe corrêras trigosa ⁽²⁾,
Não fizera essa chacina:
Porque mais corre a Mofina
Vinte vezes qu'a raposa.

MOR. — Meu amo, já tenho dada
A conta do vosso gado
Muito bem, com bom recado;
Pagae-me minha soldada,
Como temos concertado.

PAYO VAZ — Os carneiros que ficarão,
E as cabras, que se fizerão?

MOR. — As ovelhas reganhirão,
As cabras engafecêrão,
Os carneiros se afogirão,
E os rafeiros morrerão.

PES. — Payo Vaz, se queres gado,
Dá ó demo essa pastora:
Paga-lh'o seu, vá-se embora
Ou ma-ora,
E põe o teu em recado.

PAYO VAZ — Pois Deus quer que pague e peite
Tão daninha pegureira,
Em pago desta canseira
Toma este pote de azeite.
E vae-o vender á feira;
E quiçaes medrarás tu,
O que eu contigo não posso.

MOR. — Vou-me á feira de Trancoso
Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que he a cousa mais barata
Qu'eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dará hum pato,
E cada pato um tostão,
Que passará de um milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
Per estes ovos de pata,
E o dia que for casada
Sahirei ataviada
Com hum brial d'escarlata ⁽³⁾,
E diante o desposado
Que me estará namorando:
Virei de dentro bailando
Assi dest'arte bailado
Esta cantiga cantando.

(1) rapôsa.

(2) Apressada, ligeira.

(3) Estôfo rico.

Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite à cabeça, e andando enlevada no baile, cai-lhe e diz

PAYO VAZ — Agora posso eu dizer,
E jurar e apostar,
Qu'és Mofina Mendes toda.

PES. — E s'ella baila na voda,
Qu'está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,
E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar;
Que menos podia ser?

Vai-se Mofina Mendes, cantando

MOFINA MENDES

« Por mais que a dita m'engeite,
« Pastores, não me deis guerra;
« Que todo o humano deleite,
« Como o meu pote d'azeite,
« Ha de dar consigo em terra. »

Entram outros pastôres, cujos nomes são Braz Carrasco, Barba Triste e Tibaldinho; e diz

BRAZ CARRASCO — O Pessival meu vizinho!
PES. — Braz Carrasco, dize, viste
A burra desse outeirinho?

BRAZ — Pergunta tu a Tibaldinho,
Ou pergunta a Barba triste,
Ou pergunta a João Calveiro.

TIB. — O fato trago eu aqui,
E a burra eu a meti
Na córte do Rabileiro
Nós deitamo-nos per hi.
Andamos todos cansados,
O gado seguro está:
E nós aqui abrigados
Dormamos senhos (1) bocados,
Que a meia noite vem já.

GIL VICENTE, Obras
Coimbra (1907), págs. 11-14

(1) *Senhos*. Do latim *singulos* = cada um de per si.

SÉCULO XVII

DESCRIÇÃO DO POLVO

(DE VIEIRA)

O polvo com aquelle seu capello na cabeça parece um monge; com aquelles seus raios estendidos parece uma estrella; com aquelle não ter osso, nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta apparencia tão modesta, ou desta hypocrisia tão santa testemunhão contestemente os dois grandes doutores da Igreja latina e grega que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir, ou pintar das mesmas côres de todas aquellas côres a que está pegado. As côres que no camalião são gala no polvo são malicia: as figuras que em Proteo são fabulas, no polvo são verdade e artificio. Se está nos limos faz-se verde; se está na areia faz-se branco; se está no lodo faz-se pardo; se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E daqui que succede? Succede que outro peixe innocente da traição vai passando desacautelado, e o salteador que está de emboscada dentro do seu proprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fa-lo prisioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais, porque nem fez tanto. Judas abraçou a Christo, mas outros o prenderão; o polvo he o que abraça e mais o que prende. Judas com os braços fez o sinal, e o polvo dos proprios braços fez as cordas. Judas he verdade que foi traidor, mas com lanternas diante; traçou a traição ás escuras, mas executou-a muito ás claras. O polvo escurecendo-se a si tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo, que faz, hé á luz para que não distinga as côres. Vê, peixe aleivoso e vil, qual he a tua maldade, pois Judas em tua comparação já he menos traidor.

O ESTATUÁRIO

(de VIEIRA)

Arranca o Estatuário huma pedra dessas montanhas tôsca, bruta, dura, informe, & depois que desbastou o mais grosso, toma o maço, & o cinzel na mão, & começa a formar hum homem, primeiro membro a

maiores, & depois feição por feição, até á mais miúda: ondea-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui despréga, alli arruga, acolá recama: & fica um homem perfeito, & talvez hum Santo, que se pôde pôr no altar.

DEGENERACÃO DE PORTUGAL

(de BERNARDES)

As espadas largas degenerarão em cotós, e os capacetes se trocarão em perucas; já o pente em vez de se fincar na barba ensanguentada, se finca, publicamente na cabelleira, alvejando com polvilhos. Cheirão os homens a mulheres; não a Marte, mas a Venus. Quem havia de imitar ao grande Albuquerque prendendo a barba no cinto, se já não ha novas de cintos, nem de barbas? Quem haveria de sair aos leões em Africa, se é mais gostoso estar no camerote em Lisboa, gracejando com as farçantes, e atirando-lhes já com chistes, já com dobrões? Ou como se havião adestrar em ambas as sellas, andando pelas ruas bamboaleando nas segas? Amolleceu-nos a infusão dos costumes estrangeiros, que veneramos, devendo aborrecê-los; e nós, que estamos no fim da terra, ficamos no meio do mar de suas depravações.

OS TRÊS RISOS

(de BERNARDES)

Estando em artigo de morte um padre antigo do famoso deserto de Cites, os outros monges, rodeando-lhe a pobre cama ou esteira em que jazia, choravam amargamente. Neste ponto abriu os olhos e sorriu-se; dali a pouco tempo tornou a rir, e, depois de outro breve intervalo, terceira vez deu a mesma mostra de alegria. Causou isto nos circunstantes não pequeno reparo, por ser austera a pessoa, e formidável a hora; perguntaram a causa, e respondeu-lhes: « A primeira vez me ri, porque vós outros temeis a morte; a segunda, porque, temendo-a, não estais apparelhados; a terceira, porque já lá vai o trabalho, e vou para o descanso ».

Tornou a cerrar os olhos, e desatou-se seu espírito.

DOENÇA E MORTE
DE FR. BARTOLOMEU DE S. DOMINGOS
(de FR. LUÍS DE SOUSA)

Sendo velho, foysselhe corrompendo a chaga da perna, e era intoleravel o tormento, que lhe causauão as dores, e juntamente o asco, e mau cheiro da corrupção. Mas acudialha o Senhor com hua paciencia tão mayor, que o trabalho, que já nam parecia paciencia, senam alegria, e triumpho; chegauão os religiosos a consolalo com lastima; tays respostas lhes daua, que tornauão compungidos, e confusos. Dores são, dizia, do Inferno, as que me cercão; mas eu tomara ter muitos corpos, e em cada hum muitos mais membros dos ordinarios e em cada membro outra tal chaga, e muito mayores dores das que padeço neste: porque tudo fora ganho para mim, e merce de meu Senhor Jesu Christo, para lhe satisfazer, por meus grandes peccados, e algua parte do muito, que elle fez por mim: erão desejos de coração. Parece que forão ouvidos no Ceo. Nam se pode crer a tempestade de males, que vierão de nouo sobre elle, que a longa idade fazia mais pesados. Veio a ficar tolhido de todos os membros, e sem mouimento natural em nenhum mais, que na lingua, e olhos. Mas neste estado a lingua, como a de outro Job, pregoua lououres de Deos, e os olhos pregados em hum Crucifixo dauão testemunho com abundancia de lagrimas, que tudo hauia por pouco, para que se sentia obrigado a padecer por tam bom Senhor.

Deu o Ceo segundo testemunho em honra do Sancto aos quinze anos depois de seu bemdito transito. Abrio-se a coua para outro defuncto (estiuera até então respeitada por quem nella jazia) eis que apparece estranha marauilha; topão os coueiros debaixo da terra com capa preta, e habitos brancos, tam saos, e puros, como se daquella hora foraõ ali lançados. Passaraõ adiante: áchão o corpo inteiro, e tam longe de corrupção para mais espantar, que alegrava, recreava, e consolava hum halito, que daquella terra fria espirava: terra tam poderosa, em virtude do Senhor a quem seruira, que bastou a communicar, sua incorrupção, e fragancia, até a lam dos animais, de que era composto o vestido. Dignissimo caso para se illustrar com mais que escriptura ordinaria: se nos nam fizera pusillanimes em todo tempo, recrearmos, que nos lance cores ao rosto, celebrar cousas, que por serem de nossos irmãos, ficaõ em lugar de proprias. Hũa e outra ficou a beneficio de tradição, e memoria dos successores; mas sabidas com tanta certeza, que não ha nenhũa na Prouincia mais aueriguada.

Anjo Bento

Dêstes que campam no mundo
Sem ter engenho profundo
E, entre gabos dos amigos,
Os vemos em papa-figos
Sem tempestade, nem vento:
Anjo bento!

De quem com letras secretas
Tudo o que alcança é por tretas.
Baculejando sem pejo,
Por matar o seu desejo,
Desde a manhã té à tarde:
Deus me guarde!

Do que passeia farfante,
Muito prezado de amante,
Por fora luvas, galões,
Insígnias, armas, bastões,
Por dentro pão bolorento:
Anjo bento!

Dêstes beatos fingidos,
Cabisbaixos, encolhidos,
Por dentro fatais maganos,
Sendo nas caras uns Janos,
Que fazem do vício alarde:
Deus me guarde!

Que vejamos teso andar
Quem mal sabe engatinhar,
Muito inteiro e presumido,
Ficando o outro abatido
Com maior merecimento:
Anjo bento!

Dêstes avaros mofinos,
Que põem na mesa pepinos,
De toda a iguaria isenta,
Com seu limão e pimenta,
Porque diz que o queima e arde:
Deus me guarde!

GREGÓRIO DE MATOS GUERRA
(escritor brasileiro)

(*Obras poéticas* — 1882, tomo I, págs. 45-47)

SÉCULO XVIII

(ESCRITORES PORTUGUESES)

COMBATE DO GAMA COM TIMOJA

Todo fogo e vingança, a vista estende
Onde a refrega é erva e mais acesa:
Tal das nuvens o açor, que os ares fende,
Se precipita demandando a presa:
Nem a vulgares campeões atende,
Só Timoja procura, os mais despreza;
Como a Tancredo se lhe põe diante.

Turquesco alfange esgrime e, denodado,
Afeito à guerra intrépido o vibrava,
Em nobre sangue português banhado,
Com militar exemplo os seus mandava:
De todo o cobre escudo sobraçado,
Plumagem rica o elmo lhe assombrava;
Veste, não qual gentio inerte e imbele,
Dum tigre mosqueado a hirsuta pele.

Qual massílio leão, que vem ferido
De mouro caçador, coa lança dura,
Que a cauda bate a grenha, enfurecido
Entre milhares o agressor procura;
Tal corre o Gama forte e destemido
De vis arábios pela turba escura;
Pula-lhe o sangue, a raiva lhe recresce,
Quando o soberbo campeão conhece.

«Aprende, ó fero, a conhecer a espada
(Lhe diz, parando, o capitão valente)
Vê como d'honra ao grito provocada
Até agora venceu n'Africa ardente;
Foi eleita do Céu, do Céu mandada
Mudar o fado ao lúcido Oriente;
E pois despreza a paz, e acende a guerra,
No mar a sinta, e sentirá em terra.»

Disse, e de ponta o fere; êle turbado
A esta, àquela parte eis luta ansioso
Qual aos golpes do rígido machado
Ferido, antes que caia, o freixo anoso;
Tenta esgrimir a cimitarra irado,
Porém da morte o manto lutuoso
O cobre: o sangue em borbotões derrama,
Expira, blasfemando, aos pés do Gama.

J. AGOSTINHO DE MACEDO
(do poema *Oriente*)

EPIGRAMAS

(de BOCAGE)

O pai enfêrmo e o doutor

Um velho caiu na cama;
Tinha um filho esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.
O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai;
Diz-lhe o velho suspirando:
«Repara que sou teu pai.»

A moléstia e a receita

Para curar febres podres,
Um doutor se foi chamar,
Que, feitas as cerimônias,
Começou a receitar.
A cada penada sua
O enfêrmo arrancava um ai!
— «Não se assuste (diz Galeno),
Que inda desta se não vai.»
— Ah! senhor! (torna o coitado,
Como quem seu fado espreita)
Da moléstia não me assusto,
«Assusto-me da receita.»

Conselho a um impaciente

Homem de gênio impaciente,
Tendo uma dor infernal,
Pedia, para matar-se,
Um veneno, ou um punhal.

— « Não há (lhe disse um vizinho
Velho que pensava bem),
Não há punhal, nem veneno;
Mas o médico aí vem. »

A parca e o médico

— « Morte! (clamava o doente)
Este mísero socorre. »
Surge a Parca de repente,
E diz de longe: — « Recorre
Ao teu médico assistente. »

Vingança de médico

Um médico ressentido
De certo seu ofensor,
Ante um amigo exclamava,
Todo abrasado em furor:
— « Para punir este indigno,
Este vil, tomara um raio. »
Acode o outro: — « Há um meio
Muito mais fácil; curai-o. »

O récipe

Pôs-se médico eminente
Em voz alta a receitar.
— « *Récipe* » (diz)... de repente
Grita da cama o doente:
— « Basta, que mais é matar. »

O adeus do doutor

Um médico receitou:
Súbito o récipe veio.
Do qual no bucho do enfermo
Logo embutiu copo e meio,
— « Adeus até à manhã »
(Diz o fôfo professor).
Responde o doente: — « Adeus
Para sempre, meu doutor. »

O letrado

Inda novel demandista
Um letrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou:
— «Em Cujácios, em Monóquios,
Em Pegas e Ordenação,
Em Reinícolas e Estranhos
Tem carradas de razão.»
— «Sim, sim, por tôda essa estante
Tem razão, razão demais.»
— «Ah senhor! (o homem replica)
Tê-la-ei nos tribunais?»

Título para uns aforismos

Certo Averróis quis no prelo
Ver seus aforismos juntos.
Pôs-lhe o editor singelo:
Arte de fazer defuntos. —

A cura

Lavrou chibante receita
Um doutor com todo 'o esmêro,
A uma moça, que passava,
Que ficou sã como um pêro.
— Tão cedol é milagre — (assenta
A mãe, que de gôsto chora —)
— «Minha mãe, não é milagre:
Deitei o remédio fora.»

Aliança de duas altas potências

Arrumado às duas portas
Pingue boticário estava,
E brandamente acenou
A um doutor, que passava.
Mal que chega o bom Galeno,
Diz o outro em ar jocundo:
«Unamo-nos, meu doutor,
E demos cabo do mundo.»

Apóstrofe dita de repente a uma mulher de nariz grande

Nariz, nariz, e nariz,
Nariz que nunca se acaba,
Nariz que, se êle desaba,
Fará o mundo infeliz...
Nariz, que Newton não quis

Traçar-lhe a diagonal...
 Nariz de massa infernal,
 Que, se o cálculo não erra,
 Pôsto entre o céu e a terra
 Faria eclipse total.

Aos pés de Nicolau Tolentino

Se o Padre-Santo tivesse
 Um pé dos teus, Nicolau,
 Podia mesmo de Roma,
 Dar beija-pé em Macau.

Sonêto ditado na agonia

Já Bocage não sou!... A cova escura
 Meu estro vai parar desfeito em vento...
 Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento
 Leve me torne sempre a terra dura;

Conheço agora já quão vã figura,
 Em prosa e verso fez meu louco intento:
 Musa!... Tivera algum merecimento
 Se um raio da razão seguisse pura.

Eu me arrependo; a língua quase fria
 Brade em alto pregão à mocidade,
 Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... a santidade
 Manchei!... Oh! Se me crêste, gente impia,
 Rasga meus versos, crê na eternidade!

BOCAGE

Diálogo

- Minha mulher expirou!
 E a doce tranqüilidade
 sobre a minha alma baixou!
- Pois não lhe tinha amizade?
- Só uma vez me agradou.
- Quando foi? — Quando passou
 desta vida à Eternidade.
- E por quê? — Porque foi só
 no que me fez a vontade.

CURVO SEMEDO

Soneto

Chaves na mão, melena desgrenhada,
batendo o pé na casa, a mãe ordena
que o furtado colchão, fôfo e de pena,
a filha o ponha ali, ou a criada.

- A filha, moça esbelta e aperaltada,
lhe diz co'a doce voz, que o ar serena:
— «Sumiu-se-lhe um colchão; é forte pena;
olhe; não fique a casa arruinada!»
- «Tu respondes assim?! tu zombas disto?!
Tu cuidas que, por ter pai embarcado,
já a mãe não tem mãos?!» E, dizendo isto,
arremete-lhe à cara e ao penteado.
- Eis senão quando (caso nunca visto!)
sai-lhe o colchão de dentro do toucado.

NICOLAU TOLENTINO

(ESCRITORES BRASILEIROS)

Belezas e opulência do Brasil.
Estado de Portugal quando o descobriu.
Posição geográfica do Brasil
(ROCHA PITA)

1.º) Do Novo Mundo, tantos séculos escondido e de tantos sábios caluniado, onde não chegaram Hannon com suas navegações, Hércules Líbico com suas colunas, nem Hércules Tebano com suas emprêsas, é melhor porção o Brasil; vastíssima região, felicíssimo terreno, em cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais útil alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave bálsamo, e os seus mares o âmbar mais selete; admirável país, a tôdas as luzes rico, onde pròdigamente profusa a natureza se desentranha nas férteis produções, que em opulência da monarquia e benefício do mundo apura a arte, brotando as suas canas espremido néctar, e dando as suas frutas sazoadas ambrosia de que foram mentida sombra o licor e vianda que aos seus falsos deuses atribuía a culta gentilidade.

2.º) Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bela a aurora: o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios tão dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes; as estrêlas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes,

ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros: as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aquedutos, são as mais puras; é enfim o Brasil terrenal paraíso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios; domina salutar clima; influem benignos astros, e respiram auras suavíssimas, que o fazem fértil e povoado de inúmeros habitantes, pôsto que, por ficar debaixo da tórrida zona, o desacreditassem e dessem por inabitável, Aristóteles, Plínio e Cícero; e com gentios os padres da Igreja, Santo Agostinho e Beda, que, a terem experiência d'este feliz orbe, seria famoso assunto das suas elevadas penas, aonde a minha receia voar, pôsto que o amor da pátria me dá as asas, e a sua grandeza me dilata a esfera.

3.º) Florescia o Império Lusitano muitos séculos depois de ser fundado por Tubal, ampliado por Luso e por Lísias, e de terem os seus naturais gloriosamente na pátria obrado ações heróicas, e concorrido fora dela para as maiores emprêsas, já nos socorros que deram aos Cartagineses conduzidos por Safo para domar a Mauritânia, já nos que acompanharam a Aníbal para conquistar a Itália, já concorrendo com Mitridates contra Pompeu, e com Pompeu e seus filhos contra César; e de haverem na defesa da própria liberdade feito admiráveis provas de valor com os seus capitães Viriato e Sertório contra os Romanos; e finalmente, depois que, livre da sujeição dos Suevos, dos Alanos, dos Gôdos e dos Sarracenos, tendo já logrado, no seu primeiro rei português, o invicto D. Afonso Henriques, e na sua real prole, o suave domínio de treze sucessivos monarcas naturais, se achava na obediência do felicíssimo rei D. Manuel.

4.º) Mantinha com a Tiara Romana a antiga união firme com a nossa obediência e religião; com Castela estava em paz assegurada pelas nossas vitórias; tinha amizade com a Coroa Imperial, com as de França, Inglaterra, Escócia, Suécia, Polónia e Dinamarca; com as repúblicas e nações setentrionais e italianas, pelos interesses recíprocos e comuns das monarquias; fazia guerra aos Mauritanos, aos Etiópes e aos Asiáticos, para lhes introduzir a fé católica; achava-se dilatado com o descobrimento das ilhas de Porto Santo, da Madeira e dos Açores no Oceano, e por diferentes mares, com muitas praças e províncias em África, com grandes povoações e conquistas na Etiópia, e começava a mostrar-lhe os seus maiores domínios a Ásia, quando o Novo Mundo lhe abriu as portas de sua mais vasta região.

Carta a um enviado de Portugal na Côrte de Inglaterra

(ALEXANDRE DE GUSMÃO)

Meu amigo e senhor. — Estimo as notícias de Vossa Senhoria, e lhe dou o parabém de ter chegado felizmente a essa côrte, aonde se acha livre de animais que o molestavam, e goza da liberdade que Deus conferiu ao homem, sem ofender os preceitos de sua lei.

Os Ingleses ignorantes aborrecem os católicos, sem saberem o porquê; mas os bem instruídos e civis são excelentes para a sociedade, sem ofenderem a nossa crença. Logram-se em Inglaterra muitas outras delícias que aqui são ignoradas; e como Vossa Senhoria não vai a negociar cousa alguma, pode levar boa vida sem ofensa do seu caráter, que só

correria risco querendo encher as obrigações do seu ministério; mas como aqui não querem isso, está Vossa Senhoria desobrigado.

Não se esqueça Vossa Senhoria dos amigos, que deixou lutando com as ondas do mar da superstição e da ignorância; e agradeça aos seus inimigos o mimo de que atualmente goza. Eu também havia de descompor os meus, se tivesse a certeza de lhes merecer semelhante desatender: mas lembra-me a queixa de Camões a respeito do desconcerto do mundo, e por isso me empenho em esquecer-lhes; no que serei afortunado, se o puder conseguir.

Não há mais novidades que arder o palácio do *Lavra*, e ainda que el-rei já não arde, sempre suavizou a mágoa com o pêsame, e com várias madeiras e outros oferecimentos. — Fico para dar gosto a Vossa Senhoria, que Deus guarde. — Lisboa, a 16 de fevereiro de 1750.

(ALEXANDRE DE GUSMÃO. — Coleção de vários escritos inéditos, políticos e literários).

LIRA I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro
Que viva de guardar alheio gado,
De tóscos trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos sóis queimado;
Tenho próprio casal e nêle assisto;
Dá-me fruta, legume, vinho, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite
E mais a fina lã, de que me visto,
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrêla!

Eu vi o meu semblante numa fonte,
Dos anos inda não está cortado:
Os pastôres que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado;
Com tal destreza toco a sanfoninha
Que inveja até me tem o próprio Alceste:
Ao som dela concerto a voz celeste;
Nem canto letra que não seja minha.
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrêla!

Mas, tendo tantos dotes de ventura,
Só aprêço lhes dou, gentil pastora,
Depois que o teu afeto me assegura,
Que queres do que tenho ser senhora;
E' bom, minha Marília, é bom ser dono
De um rebanho que cubra monte e prado;
Porém, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais que um rebanho e mais que um trono.
Graças, Marília bela,
Graças à minha estrêla!

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

O CARAMURU**(CANTO VI)**

E' fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-se a nau na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam:
Entre as ondas com ânsia furiosa
Nadando, o espôso pelo mar seguiam,
E nem tanta água que flutua vaga,
O ardor que o peito tem, banhando, apaga.

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo assombrada;
E ignorando a ocasião da estranha empresa,
Pasma da turba feminil, que nada;
Uma, que às mais precede em gentileza,
Não vinha menos bela, do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à nau, se apegava ao leme.

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

O URUGUAI**(CANTO I)**

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tépidos, e impuros,
Em que ondeiam cadáveres despídos,
Pasto de corvos. Dura inda nos vales
O rouco som da irada artilharia.
Musa, honremos o Herói, que o povo rude
Subjugou do Uruguai, e no seu sangue
Dos decretos reais lavou a afronta.
Ail tanto custas, ambição de império!
E Vós, por quem o Maranhão pendura
Rôtas cadeias, e grillhões pesados,
Herói, e irmão de Heróis, saudosa, e triste,
Se ao longe a vossa América vos lembra,
Protegei os meus versos. Possa em tanto
Acostumar ao vôo as novas asas
Em que um dia vos leve. Desta sorte
Medrosa deixa o ninho a vez primeira
Águia, que depois foge à humilde terra,
E vai ver de mais perto no ar vazio
O espaço azul, onde não chega o raio.

BASÍLIO DA GAMA

SONETO

Onde estou? Este sítio desconheço;
Quem fez tão diferente aquêlo prado?
Tudo outra natureza tem tomado,
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar um dia a ela reclinado;
Ali, em vale um monte está mudado...
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que fazia perpétua a primavera;
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era...
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera?!

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

LIRAS

A Bárbara Heleodora, sua espósa.

Bárbara Bela,
Do Norte estrêla,
Que meu destino
Sabes guiar,
De ti ausente,
Triste, sòmente
As horas passo
A suspirar.

Por entre as penhas
De incultas brenhas,
Cansa-me a vista
De te buscar;
Porém não vejo
Mais que o desejo,
Sem esperanças
De te encontrar.

Eu bem queria
A noite e o dia
Sempre contigo
Poder passar;
Mas orgulhosa
Sorte invejosa
Desta fortuna
Me quer privar.

Tu, entre os braços,
Ternos abraços
Da filha amada
Podes gozar;
Priva-me a estrêla
De ti e dela,
Busca dois modos
De me matar.

ALVARENGA PEIXOTO

O CAJUEIRO (rondó)

«Cajueiro desgraçado
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor.

No teu tronco pela tarde,
Quando a luz no céu desmaia,
O novilho a testa ensaia,
Faz alarde do valor.

Para fruto não concorre
Este vale ingrato e sêco:
Um se enruga murcho e pêco
Outro morre ainda em flor.

Cajueiro, etc...

Vês nos outros rama bela,
Que a Pomona por tributos
Oferece doces frutos
De amarela e rubra côr?
Ser copado, ser florente
Vem da terra preciosa
Vem da mão industriosa
Do prudente agricultor.

Cajueiro, etc.»

SILVA ALVARENGA

MADRIGAL

«Se eu conseguisse um dia ser mudado
Em verde beija-flor, oh! que ventura!
Desprezara a ternura
Das belas flores no risonho prado.
Alegre e namorado
Me verias, ó Glaura, em novos giros
Exalar mil suspiros,
Roubando em tua face melindrosa
O doce néctar de purpúrea rosa...»

SILVA ALVARENGA

CARTAS CHILENAS

(EXCERTOS)

(São um poema satírico, aparecido em 1786, assinado por *Critillo*, contra *Fanfarrão Minézio*, que outro não era senão o odiado Capitão Luís da Cunha Meneses, governador de Minas Gerais. São atribuídas a Cláudio Manuel da Costa, a Álvarenga Peixoto e a Tomás Antônio Gonzaga. José Veríssimo afirmou, com grande cópia de argumentos, serem de Gonzaga).

Tem pesado semblante, a côr é baça,
o corpo de estatura um tanto esbelta,
feições compridas e olhadura feia;
tem grossas sobrancelhas, testa curta,
nariz direito e grande; fala pouco
em rouco, baixo som de mau falsete;
sem ser velho, já tem cabelo ruço;
e cobre este defeito e a fria calva
à força de polvilho, que lhe deita.
Ainda me parece que o estou vendo
no gordo rocinante escarranchado!
As longas calças pelo umbigo atadas,
amarelo colête, e sôbre tudo
vestida uma vermelha e justa farda.
De cada bôlso da fardeta prendem
listradas pontas de dois brancos lenços;
na cabeça vazia se atravessa
um chapéu desmarcado; nem sei como
sustenta o pobre só do laço o pêso.

«...Acabou-se a função: o nosso chefe
À casa com o bispo se recolhe.
A nobreza da terra os acompanha
Até que montem a doirada sege.
Aqui meu Doroteu, o chefe mostra
O seu desembaraço e o seu talento
Só numa função destas se conhece
Quem tem andado terras onde habitam
Despidos dos abusos, sábias gentes.
Vai passando por todos sem que abaixe
A empoada cabeça; qual mandante
Que passa pelo meio das fileiras.
Chega junto à sege; à sege sobe
E da parte direita toma assento.

O bispo, o velho bispo atrás caminha
Em ar de quem se teme de desfeita.
Com passos vagarosos sobe à sege

Encaixa na estribeira o pé cansado
E duas vezes por subir forceja.
Acodem alguns padres respeitosos
E por baixo dos braços o sustentam:
Então com mais alento o corpo move,
Dá o terceiro arranco, o salto vence,
E, sem poder soltar uma palavra,
Ora vermelho ora amarelo fica,
Do nosso Fanfarrão ao lado esquerdo...»

«Agora dirás tu, que bruto é êsse?
Pode haver um tal homem que se atreva
A pôr na sua sege ao seu prelado
Da parte da bôlsa?! Eu tal não creio,
Amigo Doroteu, estás mui ginja.
Já lá vão os rançosos formulários
Que guardavam, à risca, os nossos velhos.»

«Em outro tempo, amigo, os homens sérios
Na rua não andavam sem florete
Traziam cabeleira grande e branca
Nas mãos os seus chapéus; agora, amigo,
Os nossos próprios becas têm cabelo
Os grandes sem florete vão à missa
Com a chibata na mão, chapéu fincado,
Na forma em que passeiam os caixeiros.
Ninguém antigamente se sentava
Senão direito, e grave nas cadeiras;
Agora, mesmo as damas atravessam
As pernas sôbre as pernas. Noutro tempo
Ninguém se retirava dos amigos
Sem que dissesse — Adeus —; agora é moda
Sairmos dos congressos em segrêdo.»

E' TARDE

(EXCERTO)

«...Não, não poderei terminar o quadro, que acabei de bosquejar: compelido por uma força irresistível a encetar de novo a carreira que percorri vinte e seis anos, quando a imaginação está extinta, quando a robustez da inteligência está enfraquecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do Santuário, e eu mesmo pareço estranho àqueles que me escutam, como reproduzir êsses transportes, êsse enlêvo com que realcei as festas da religião e da pátria!

E' tarde! E' muito tarde! Seria impossível reconhecer um carro de triunfo neste púlpito, que há dezoito anos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação aflitiva, um fantasma infenso e importuno, a pira em que arderam meus olhos, e cujos degraus descí só e silencioso

para esconder-me no retiro do claustro. Os bardos do Tabor, os cantores de Hermon e do Sinai, batidos de tribulações, devorados de pesares, não ouvindo mais os ecos repetirem os seus cantos nas quebradas das suas montanhas pitorescas; não escutando a voz do deserto que levava ao longe a melodia dos seus hinos, penduravam seus alaúdes nos salgueiros que bordavam o rio da escravidão; e quando os homens que deleitavam-se com o perfume do seu estilo e a beleza das suas imagens, vinham pedir-lhes a repetição dessas epopéias em que perpetuavam a memória de seus antepassados e as maravilhas do Todo-Poderoso, eles cobriam suas faces umedecidas do pranto, e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas de seus instrumentos músicos ao vento da tempestade.

Religião divina, misteriosa e encantadora, tu, que dirigiste meus passos na vereda escabrosa da eloquência; tu a quem devo tôdas as minhas inspirações; tu, minha estrêla, minha consolação, meu único refúgio, toma esta coroa... Se dos espinhos que a cercam rebentar alguma flor; se da silva que a enlaça reverdecerem algumas fôlhas: se um adorno renascer destas vergônteas já sêcas, deposita-a nas mãos do Imperador, para que suspenda como um troféu, sobre o altar do grande homem a quem êle deve o seu nome e o Brasil a proteção mais decidida! »

FREI MONT'ALVERNE

PORTUGUÊS HISTÓRICO

(traços gerais)

O Latim. A pronúncia *tradicional* e a *restaurada*. *Filologia*. *Glottologia* e *Literatura*.

Segundo Hovelacque, há paridade entre o *poligenismo das raças humanas* e o *poligenismo lingüístico*. Apareceram, pois, à superfície da terra, várias raças e várias línguas (poligenismo) e não um só par bíblico que deu origem a todas as raças, nem uma só língua, que deu origem às línguas flexivas (monogenismo).

Mais claramente: segundo uns, houve um só par bíblico (Adão e Eva), que deu origem a todas as raças, como houve uma só língua (o *sânscrito*), que deu origem a todas as línguas flexivas (é o *monogenismo*); segundo outros, houve várias raças e várias línguas desde o aparecimento do mundo (é o *poligenismo*).

Segundo a doutrina do *monogenismo das famílias lingüísticas*, as línguas flexivas têm, como tronco robusto, o *sânscrito*, falado pelos árias no planalto central da Ásia. Como a raça jafética, ariana ou indo-européia emigrou para a Europa, encontramos lá vários ramos desse tronco robusto, como o *céltico*, o *grego*, o *itálico* (cujo ramo principal era o *latim*), o *eslavo*, o *germânico* e o *lético*.

No ramo itálico, a língua principal era o *latim*.

Do *latim* derivam as línguas novilatinas ou românicas: *português*, *castelhano* (ou espanhol), *francês*, *italiano*, *romeno* (ou valáquio), *atalão*, *rético* (ou *ladino*, ou *romanche*), *provençal*, *sardo* (da Sardenha) e *dalmático* (da Dalmácia).

Houve o *latim de ouro* ou *sermo eruditus* da época de Augusto; é o *latim* de Cícero, Horácio, Vergílio e outros.

Depois, o *latim* foi-se abastardando com a decadência lenta do povo romano; daí as designações curiosas, que alguns latinistas deram ao *latim*: — *latim de ouro*, de *prata*, de *cobre*, de *ferro* e de *chumbo*. Este último é o *latim* do soldado romano, o *sermo vulgaris*, ou *latim popular* ou *latim castrense*, cheio de preposições que substituíram os casos, em obediência às *leis glóticas*, numa evolução gradual. Surgindo independente o reino de Portugal no século XII (em 1139) (em plena Idade Média, época em que nascem, do embate dos bárbaros com os romanos, nações novas e línguas novas) é natural que também a língua portuguesa se fôsse diferenciando, com traços especiais, até alcançar uma certa firmeza de formas, com Camões, no século XVI, em plena Renascença. Havia, na Idade Média, duas maneiras de falar. Uns falavam *latine* (= latinamente) em *latim* puro; e outros *romanice* (= romanicamente), isto é, um *latim* estropiado, com um certo sabor *romano*

ou *românico*. Daí as palavras *rimance*, *romance*, *romanço* para se designarem as lendas medievais, e a própria língua (*latim romanço*). Em resumo, houve:

Latim arcaico — o mais antigo latim (*prisca latinitas*).

Latim de ouro — o falado e escrito no século de Augusto.

Latim baixo — é a última degenerescência do *latim escrito*, de que a «Vulgata» é ótimo modelo.

Latim popular ou vulgar ou romanço — é língua falada pelo povo, língua viva, embrião das línguas românicas. Ao português literário deram no século XV o nome de língua *ladinha*, isto é, derivada do *latim popular*.

Latim bárbaro — é o dos tabeliães da Idade Média.

Latim hipotético — quando há palavras que não aparecem nos documentos escritos, mas que se supõe que eram do latim popular.

É, pois, do *latim popular* que se formou sobretudo o *português*, bem como as línguas novilatinas ou românicas. No século XVI, com a cultura latina do Renascimento, quando, nas Universidades de Paris, Oxford, Cambridge, Heidelberg, Praga, Bolonha, Salamanca, Coimbra (as mais antigas Universidades do mundo; a primeira foi a de Bolonha, em 1100, e a segunda, a de Paris, em 1150) e outras, os estudantes falavam latim correntemente, é natural que muitas palavras novas aparecessem, vindas do *latim de ouro* de Cícero, Horácio, Vergílio e outros, cujas obras eram usadas nas *classes*, pelos *jesuítas*, fundadores do *Curso secundário ou curso de Humanidades*, em seus célebres *colégios*. Daí o nome de época *clássica* dada à que vai do século XVI ao fim do século XVIII; e o nome de autores *clássicos* aos da mesma época. A ortografia portuguesa é, na Idade Média, sobretudo *fonética*; por influência da Renascença, começa a tornar-se *etimológica* e *pseudo-etimológica*, usando os escritores, às vezes, caracteres falsos ou desnecessários. A língua transforma-se sempre, é claro, pois é um organismo vivo que evoluciona, lentamente, obedecendo às leis glóticas e à célebre máxima: «*natura non facit saltus*». Toda língua está em eterno caminho de alteração. Às vezes, vemos nos dicionários que tal palavra vem do *latim hipotético*. Isto quer dizer que se supõe que houve uma palavra latina usada nesses tempos remotos, que devia ter existido na linguagem do povo, mas que *não aparece nos documentos escritos*, nos *pergaminhos* medievais (*pergaminho* era a pele de ovelha, alisada, preparada com alúmen para os *copistas* e outros escreverem, pois o *papel* só aparece no fim da Idade Média, feito de trapos, pelos árabes; chama-se *pergaminho*, porque foi em *Pérgamo*, cidade da Ásia-Menor, que se começou a usar). O *pergaminho* era caro, e, por isso, usavam folhas já utilizadas, raspando o que estava escrito. Estes manuscritos chamam-se *palimpsestos*. Hoje, tem-se conseguido reler a primitiva escrita, salvando-se obras, consideradas perdidas, como a «*República*» de Cícero. Os *copistas* cometiam muitos erros de ortografia, substituindo, por exemplo, o *i* pelo *y*, porque era uma letra de aspecto mais bonito, e faziam pinturas de lindas *vinhetas* (isto é, letras emolduradas por lindas ramagens) e de *iluminuras* (isto é, ornamentos floridos, entremeados de figuras de deuses). O *papel* generaliza-se no fim da Idade Média.

Latim bárbaro é o dos tabeliões da Idade Média, estropiado, mesclado de palavras já da língua falada. Há documentos em Portugal, desde o século IX

* *A pronúncia do latim* («tradicional» e «restaurada»): Cada povo, pronuncia, hoje, o latim, conforme o uso tradicional, que vem desde tempos remotos. Mas, o *latim de ouro* (o da época de Augusto) não era assim pronunciado. Com a deturpação do latim, na decadência, a pronúncia foi mudando, tendo, é claro, traços especiais em cada país. Como se pode saber a verdadeira pronúncia do latim no século de Augusto? Observando o seguinte: — os gregos puseram, nos seus livros, muitos trechos latinos, escrevendo os sons das palavras latinas com as letras correspondentes em grego; assim *Cícero* tinha o som de *Kíkero*, *rosa*: *rossa*; *mensae*: *mensái*, etc.; — Terêncio, o grande comediógrafo latino, para escrever o som de uma gargalhada, escreveu: *hahahahae*, o que prova que a sílaba final era pronunciada *hai* e não *hè*, pois a gente não emite, na gargalhada, os sons: *hahahahè*, mas *hahahahái*...; — as inscrições epigráficas antigas têm muitas letras que indicam como era a pronúncia exata das palavras naquele tempo; igualmente, nos dizeres das moedas; — na língua alemã, vê-se, por exemplo, a palavra *Kaiser* que vem do latim *Caesar*, o que prova que a pronúncia era *Kaissar* (C = K; ae = ái; s = ss).

Desde 1885, na Inglaterra, começaram os primeiros estudos sobre a pronúncia exata do *latim de ouro*. Hoje, nas Universidades, todos os professores frisam bem a diferença da pronúncia, afirmando que os dois povos, que têm a pronúncia mais parecida com a do latim, são o *italiano* e o *português*.

O latim não tinha acentos, mas, para efeito de métrica e de estudos gramaticais, havia o *acento longo* (—) = a duas *moras*; e o *acento breve* (˘) = a uma *mora*.

Eis um quadro da pronúncia do *latim de ouro*, (*pronúncia restaurada*):

ě = é	c = k
ē = ê	g = g (com o som que tem na palavra <i>gume</i>).
ō = ó	t = t (sempre com o valor que <i>t</i> tem em português. Ex.:
ō = ô	<i>justitia</i> não se pronunciava, como na pronúncia tradicional: <i>justicia</i> , mas <i>iustitia</i>)
æ = âi	
œ = ôi	núncia tradicional: <i>justicia</i> , mas <i>iustitia</i>)
i-j = i	r (intervocálico) = rr; z = dz.
s (intervocálico) = ss	(rosa = <i>rossa</i>) u ou v = u.

A *Filologia* (do grego *filos* = amigo + *logos* = tratado, discurso) trata do estudo geral das línguas, atendendo sobretudo à sua estrutura histórica. É o estudo de uma língua como instrumento de uma literatura. O seu método é a *observação* e a *comparação*.

A *Literatura* atende às manifestações artísticas das línguas.

A *Glottologia* ou *Linguística* ou *Glótica* é uma ciência natural (mais profunda que a *Filologia*) que estuda os fatos de linguagem, que estuda todas as línguas, quer tenham documentos escritos quer não, ao passo que a *Filologia* só atende aos documentos literários. Schleicher compara a *Glottologia* com um botânico, que olha sempre para um fim científico; e a *Filologia* com um jardineiro, que olha só para um fim utilitário.

Vários estudiosos como o francês Cœurdoux e o inglês W. Jones, já tinham notado a semelhança entre o latim, o grego e o sânscrito. Surgiram logo ilustres alemães com estudos admiráveis: Humboldt, Grimm, Pott, os irmãos Schlegel, Schleicher, Curtius e Benfey.

Foi, porém, Bopp (1791-1867) o criador da ciência glotológica no seu «Sistema de Comparação» (1816) e em sua «Gramática Comparativa» (1852). De então para cá, homens pacientíssimos, de profunda cultura, surgiram: Leskien, Brugmann, Osthoff, Max Müller, Hovelacque, Whitney, Stheintal, Bréal, Diez, Meyer-Lübke, Darmsteter, Adolfo Coelho, Carolina Michaelis, Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos, João Ribeiro, Ernesto Carneiro, Rui Barbosa, Mário Barreto e outros. Foi Adolfo Coelho que introduziu em Portugal o critério da Filologia moderna.

Para o estudo do *sermo vulgaris*, é indispensável conhecer a obra notabilíssima de Du Cange: «*Glossarium mediae et infimae latinitatis*» e a do eminente filólogo: Meyer-Lübke: «*Romanisches etymologisches Wörterbuch*» (em abreviatura: REW).

* O primeiro *dicionário etimológico*, digno de admiração, foi, por muito tempo, e ainda o é, o de Adolfo Coelho. Desde 1933, há o do ilustre brasileiro Antenor Nascentes, premiado pela Academia Brasileira de Letras, que é o mais perfeito que temos.

O GREGO E O LATIM

O grego e o latim são necessários elementos desta educação nobre. Deixar calar modernos e modernices, petimetres e neologistas de toda a espécie; o homem que se destina, ou que o destinou seu nascimento, a uma vocação pública, não pode sem vergonha ignorar as belas letras e os clássicos. Saiba ele mais matemática do que Laplace, mais química do que Lavoisier, mais botânica do que Jussieu, mais zoologia do que Linneu e Buffon, mais economia política do que Smith e Say, mais filosofia de legislação do que Montesquieu e Bentham; se ele não fôr o que os ingleses chamam *a good scholar*, triste figura há de fazer falando, ou seja na barra, na tribuna, no púlpito, — tristíssima escrevendo, seja qual fôr a matéria, porque não há assunto em que as graças do estilo e a correção da frase e beleza da dição não sejam necessárias e indispensáveis. Ponham-me Demóstenes, Cícero — e Canning também, — com seus grandes talentos, fortes de químicas e economias políticas, e com todos os códigos de suas respectivas nações na cabeça, mas desprovidos de suas imensas riquezas literárias, do irresistível feitiço de sua linguagem clássica — ponham-nos no areópago de Atenas, no senado de Roma e na câmara de Londres, e veremos se são os mesmos homens, os mesmos estadistas, os mesmos oradores onipotentes, diante de quem tremem os Filipes, os Catalinas e as Santas Alianças.

Escreva alguém com dobrada erudição e engenho o *Espírito das Leis*, mas sem os encantos do estilo clássico de Montesquieu, e veja quantos lho lêem. Traduzam em língua de farelos as obras de Plutarco, de Cícero, de Laplace, e veremos quantos leitores têm.

Ora, é tão impossível escrever bem em português, em castelhano, em inglês, em qualquer das línguas do ocidente da Europa, sem saber grego, e principalmente latim, como era impossível aos escritores de Roma fazê-lo bem na sua, sem conhecerem a de Atenas; ou ainda hoje ao poeta ou orador de Ispahan ou de Stambul o escrever bom turco ou bom persiano, sem saber o árabe antigo, a língua do Koran e de Hafiz, agora tão morta para eles como o grego e o latim para nós, como o sânscrito para Índios e Mongóis.

(GARETT, *Educação*, carta I)

ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

(Famílias lingüísticas)

As línguas dividem-se em 3 grupos, quanto à morfologia:

1) <i>flexivo</i> (línguas que têm declinações e conjugações)	indo-europeu e ariano-semítico
2) <i>monossilábico</i> (línguas com raízes simples, justapostas)	chinês anamita siamês tibetano
3) <i>aglutinante</i> (línguas de selvagens, em geral, em que as raízes perderam o seu valor; há apenas prefixos e sufixos)	hotentote-boximane malaio-polinésico uralo-altaico japonês

Há no mundo muitas famílias lingüísticas. A família lingüística *indo-européia* ou *ariana* é a mais importante. Os *ários* (descendentes de *Jafet*, filho de Noé) saíram do centro da Ásia e invadiram a Europa. As várias tribos dos *ários* fixaram-se em várias regiões da Europa, formando várias línguas, filiadas à mesma família lingüística indo-européia. Falavam o *sânscrito* (hoje língua morta, tronco robusto das línguas flexivas), e línguas irmãs. Bopp (pai da Filologia), demonstrou que o *sânscrito*, o *grego*, o *eslavo*, o *lético*, o *céltico*, o *germânico* e o *latim* são línguas irmãs, isto é, da mesma família lingüística indo-européia primitiva. Esta família divide-se, como a palavra indica, em 2 ramos: um, *asiático* (o indo); o outro, *uropeu*.

Família
lingüística
indo-européia

a)	RAMO ASIÁTICO	
	<i>índico</i> { sânscrito (nos livros dos Vedas)	hindustani bengali sindi marata
	<i>irânico</i> { antigo persa (em escrita cuneiforme) zend (no Zend-Avesta, livro de Zoroastro) persa moderno	
	1) <i>helêno</i> — (o grego antigo e o moderno)	Português espanhol francês italiano romeno rético provençal catalão sardo dalmático
	2) <i>itálico</i>	latim sabélico úmbrio volscos osco falisco
	3) <i>céltico</i>	gaélico { irlandês escocês e o dialeto da ilha de Man e o câmbrico (no País de Gales ou Câmbría) côrnico (em Cornualha) (hoje extinto) bretão ou armoricano (na Bretanha de França) galo (falado outrora nas Gálias)
b)	RAMO EUROPEU	
	gótico — (na bíblia do bispo Vulfilas feita no 4.º século d. C.) escandinavo { suécio ou norueguês nórdico { dinamarquês islandês	
	4) <i>germânico</i>	saxão anglo-saxão (inglês) baixo-alemão propriamente dito baixo-alemão { holandês flamengo alto alemão (desde o séc. XVI a língua literária da Alemanha) eslavão litúrgico (língua morta) polábico (língua morta) russo ruteno polaco cheque ou boêmio sérvio sérvio-croata esloveno búlgaro
	5) <i>eslavo</i>	
	6) <i>lético</i>	antigo prussico (língua morta) lituano letão

NOTA: Neste quadro, veem-se as línguas da Europa, exceto as seguintes que pertencem a outra família lingüística:

Família lingüística uralo-altaica	{ ramo fino- húngaro	finlandês
		estônio
		livônio
		lapão
		húngaro
		ostíaco
		vogul

* O *jargão* ou *idisch* é uma mistura de alemão antigo, de hebraico e de russo. É falado pelos judeus na Europa oriental. (Polónia, Rússia e outros países).

Há também uma língua chamada *espanhola* (mistura de espanhol com hebraico) falada pelos judeus da Turquia, Grécia e outros países balcânicos, devido à emigração dos judeus da Europa, no tempo dos reis católicos Fernando e Isabel. Os judeus dividem-se em 2 grupos: *askinazi* (em hebraico quer dizer *alemão*) e *séphardim* (em hebraico quer dizer: *Espanha*). Desde 15 de maio de 1948, há já o « Estado de Israel », independente, com a volta dos judeus para a Palestina, como está predito na Bíblia. A língua oficial é o *ivrit* (o hebraico puro). A bandeira é azul e branca; ao centro tem o signo de Salomão: 2 triângulos entrelaçados.

* O *basco* ou *vasconço* é um idioma dos Piréneus, falado do lado da Espanha e do lado da França. É língua aglutinante, sem parentesco com outra língua conhecida, tendo originalíssima estrutura gramatical.

OUTRAS FAMÍLIAS LINGÜÍSTICAS

(nas outras partes do mundo)

1) Família indo-china	{ tibetano birmano chinês siamês anamita
2) Família dravídica (ao sul da península cingalesa)	{ tâmil ou tâmul télugo ou telinga malabar canarim ou canará malaiala ou malaialim tulo ou túluva
3) Família malaio-polinésia	{ ramo malaio { (dialetos da península de Malaca, das ilhas de Sunda e de Madagáscar) ramo melanésio { (língua das ilhas da Melanésia) ramo polinésio { (línguas das ilhas da Polinésia)
4) Família uralo-altaica	{ ramo fino-húngaro { finlandês estônio livônio lapão húngaro ostíaco vogul e outros para além dos Urais ramo samoiédico { 5 dialetos nas regiões do Norte da Ásia ramo turco ou tártaro { Dialetos dos povos: iacutos basquires quirguiz uigures usbeques turcomanos osmanlis e outros

- | | | |
|------------------------|---|--|
| 5) Línguas afro-negras | Grupo guineo-sudanês | línguas e dialetos de terras compreendidas entre o Saará, o Oceano, a baía do Calabar e o lago Chad e Zadá: <i>mandinga, pulo</i> ou <i>fulfulde, pepel, axanti, daomé</i> ou <i>efé, ioruba, nupé</i> ou <i>tapa, hauçá, canuri, ualofo</i> , etc. |
| | Grupo banto
(línguas e dialetos da África Austral e terras um pouco acima do Equador exceto os dos hotentotes, ou sanos e dos boximanes) | Ramo oriental: <i>quiquile</i> ou <i>su'le, xijau</i> ou <i>ajau, quicua</i> ou <i>macua, xixuabo</i> ou <i>ixuabo, xinhungue</i> ou <i>tetense, xicena, xixope, quitunga, xiçua, xironga</i> ou <i>landim, zulo</i> ou <i>pondo</i> , etc.
Ramo ocidental: <i>conguês</i> ou <i>quicolongo, quiombe, fan</i> ou <i>pongo, quimbundo</i> (mais conhecido por <i>língua bunda</i>), <i>umbundu</i> ou <i>benguela, bangala, lundês, ovampo</i> , etc. |
- 6) Família camítica
- | |
|---|
| { antigo egípcio (nos hieroglifos)
cóptico (proveniente do antigo egípcio)
líbio antigo (de algumas inscrições)
líbio moderno ou berbere (ou berber)
o ramo etiópico (diversos dialetos da África central perto do Egito e em partes da Abissínia). |
|---|
- 7) Família semítica
- | | |
|------------------------|---|
| { ramo arâmico-assírio | { antigo assírio
ara- { caldeu
maico { siríaco |
| { ramo cananeu | { hebreu
fenício |
| { ramo arábico | { árabe { árabe literário } dialetos { da Arábia
{ árabe vulgar } { da Berberia
{ da Síria
{ do Egito
{ dialetos da Arábia do Sul e da Abissínia |
- 8) Japonês e coreano
(línguas aglutinantes)
- 9) Línguas ameríndianas
(dos índios da América)
- | |
|---|
| { Principais:
dos peles-vermelhas
dos Maíos
dos antilhanos (taínos)
dos Aztecas
dos incas (línguas <i>quichua</i> e <i>aimará</i> ; <i>inca</i> é o nome dos imperantes nativos do <i>Perú</i>).
dos tupis-guaranis (a língua é o <i>tupi-guarani</i>);
dos outros grupos: o <i>gé</i> ou <i>crã</i> , o <i>aruáque</i> , o <i>caraiíba</i> , o <i>quiriri</i> . |
|---|

O DOMÍNIO DO PORTUGUÊS

(constituição do léxico português; as línguas românicas)

O ramo *itálico* compreende:

	o <i>latim</i>
	o <i>sabélico</i>
	o <i>úmbrio</i>
	o <i>volscó</i>
	o <i>osco</i>
	o <i>falisco</i>

O *latim* absorveu, depois, todos êstes ramos e espalhou-se por todo o Império Romano.

O Português deriva essencialmente do latim.

Do *latim popular* (*sermo vulgaris*) mais do que do *latim puro* (*sermo eruditus*) derivam as línguas *novilatinas* ou **românicas**:

	Português (em Portugal e colônias, e no Brasil)
	Espanhol (na Espanha e colônias, e em 21 países americanos)
	Francês (na França e colônias)
	Italiano (na Itália e colônias)
	Romeno ou Valáquio (na Romênia, onde o imperador romano Trajano fundou uma colônia, cuja língua, o <i>latim</i> , se transformou através dos tempos)
	Rético ou Romanche ou Ladino (no vale dos Grisões e montanhas da Suíça)
	Provençal (na Provença, que é uma província ao sul da França)
	Catalão (na Catalunha, província da Espanha. E' parecido com o <i>provençal</i>)
	<i>Sardo</i> (falado na <i>Sardenha</i> , ilha da Itália)
	<i>Dalmático</i> (falado nas costas da Dalmácia).

Há, todavia, na língua portuguesa, muitas palavras oriundas de línguas faladas *antes* ou *depois* do Latim na

Península Ibérica. Vejamo-las, seguindo cronologicamente os povos que habitaram a Península, ou aquêles, cujas línguas influíram e influem no Português:

1) PALAVRAS IBÉRICAS. (Os *Iberos*, (pronuncia-se *ibé-ros*) segundo muitos autores, emigraram da *Ibéria*, região da Ásia, para a região européia que se ficou chamando Península Ibérica): *bacalhau*, *sapo*, etc.

2) PALAVRAS CÉLTICAS. (Os *Celtas*, vindos da Ásia, fundiram-se com *Iberos*, o que originou a raça *celtíbera*): *amarra*, *arnês*, *brisa*, *barão*, etc.

3) PALAVRAS FENÍCIAS. (Os *Fenícios* vieram da Ásia-Menor e fundaram colônias na Península): *Espanha*, *Lusitânia*, *Cádiz*, *barca*, etc.

4) PALAVRAS GREGAS. (Os *Gregos* também fundaram colônias; a língua grega exerceu profundíssima influência no português): *balada*, *bastão*, *bíblia*, *bôlsa*, etc.

5) PALAVRAS CARTAGINESAS. (Os *Cartagineses*, descendentes dos Fenícios, pois que Cartago, a figadal inimiga de Roma, foi fundada na África por Elisa ou «Dido, a fugitiva», estabeleceram colônias na Espanha, entre as quais Cartagena ou Nova Cartago. Pela Península passaram eles guiados por Amílcar e Aníbal, para ir derrotar os Romanos na Itália (guerras púnicas); a influência da língua foi pequena; já demos exemplos de palavras, ao falar nos Fenícios, cujo idioma era igual).

6) PALAVRAS LATINAS. (Roma vence Cartago e domina a Península: o Latim é falado por povos da Península, mas o latim que se fala, é o *popular*, cheio de preposições para substituírem os casos do latim puro: é dêste latim *popular* que deriva o *Português* quase totalmente; as palavras derivam em geral do acusativo latino): *catum* = *gato*, *berylantem* = *brilhante*, *bôca*, etc.

7) PALAVRAS GERMÂNICAS. (No séc. V, depois de Cristo, Vândalos, Alanos, Suevos e Visigodos, vindos da Germânia, conquistaram a Península. Os Visigodos formaram a vasta monarquia Visigótica. O latim cai ainda mais. E' do embate forte entre o latim e as línguas bárbaras que

vai surgindo uma língua mais ou menos generalizada na Península): *elmo, lança, guerra*, etc.

8) PALAVRAS ÁRABES. Em 711, depois de Cristo, entraram os Árabes na Península, sacudindo os povos, que a habitavam, para as Astúrias. Em 718, *Pelágio* começa a expulsar os árabes que são sacudidos para o sul a pouco e pouco. Vão-se formando reinos cristãos ao norte. Surge Portugal em 1139 e, com êle, a formação da língua portuguesa. Os árabes saem de Portugal, em 1264, e da Espanha, em 1492. São 609 (diz Antenor Nascentes) as palavras árabes, em geral começadas por *al*, que é um artigo): *álgebra, almofada, alfândega, açúcar*, etc.

9) PALAVRAS AFRICANAS. (No século XV, os portugueses exploraram as costas da África, e depois chegaram à Índia. Descoberto, depois, em 1500, o Brasil, os pretos, para aqui trazidos, introduziram grande riqueza vocabular.

Dos idiomas bânticos: angola, calunga, capiango, carimbo, carcunda ou corcunda, cafundó, camundongo, candimba, caxinguelê, calumba, cacimba, coringa, dendê, dengue, dunga, fubá, farofa, liamba (diamba, riamba), macota, mariangombe (Maria Gomes), marinha, marimbondo, miçanga, moringa, mucama, moleque, muxoxo, mungunzá, quitanda, quiabo, quimbobô, quilombo, quibungo, tamina, tanga, jongo, mulambo, etc. Adjetivos: aça, bamba, banguela, cacório, mambembe, macambúzio, quiba, zerê, etc. Uma interjeição: *ué!* Verbos: babatar, banzar, coxilar, fungar, jingar, sungar, xingar, encafuar, amocambar, encalombar, etc. Topônimos: Angu, Bongue, Cangulo, Canzé, Caxito, Cubango, Cubatão, Dunda, Macaco, Macota, Marimbás, Mulaco, Muzambo, Quiçanga, Quitungo, Zimbo, Zumbi, etc.

Do grupo *guinéio-sudanês*: do *ioruba* (têrmos relativos a iguarias e condimentos: abará, oberé, acarajé, ado, afurá, ambrozô, araré, auçá, dengue, ecuru, efó, eguci, ipetê, latipá, pejerrecum, tutu, vatapá, xinxim, xuxu. Do *efé* (língua dos daomeanos): acaçá, bobó, nagô. Do *madinga*: banana, bá. O *ioruba* deu-nos duas interjeições: (h)*eta!* e (h)*epa!* *Catinga* é de origem tupi: *catin*.

10) PALAVRAS ASIÁTICAS. (Pela Bíblia vieram-nos muitas palavras hebraicas): *abade, sábado*, etc.

Os portugueses descobrem o caminho marítimo para a Índia, em 1498, entrando no Português palavras *hindus*, como: *bambu, pagode*, etc.

chinesas, como: *chá, chávena, cetim*, etc.

pérsicas, como: *túlipa* (a pronúncia comum é *tulipa*, mas a certa é *túlipa*), *caravana*, etc.

turcas, como: *divã, sultão, huri*.

11) PALAVRAS ITALIANAS. (No séc. XVI, época da renascença, a literatura italiana influi nas outras línguas, entre as quais a Portuguesa): *concerto, carnaval, soneto, gazeta*, etc.

12) PALAVRAS ESPANHOLAS: *castanholas, bolero*, etc. Do *basco, vasconço* ou *biscainho*, língua falada nos Pireneus, de origem desconhecida, vieram poucas palavras em *arro, arra, orro, orra: bocarra, cachorro, bizarro, modorra*, etc.

13) PALAVRAS AMERICANAS. (São, sobretudo, da língua *tupi*). Numerosos são os termos tupis. Não se incluindo os de animais, plantas, lugares e acidentes, temos, por exemplo: *babaquara, caboclo, caipira, capiau, tabaréu, capixaba, xará, mameluco (mamaruco), carapina; tapioca, moqueca, mingau, paçoca, pirão, pamonha, pipoca, crueira, sica; combuca, cuia, cuité, jacá, jirau, moquém; arapuca, arataca-mundéu, biboca, maloca, taba, taboca, tocaia; peteca, maracá, metara, piteira; caíva, capão, perau, tapera, sanga, tijuco; pixé, pororoca, catapora, curuba, pereba; aíva, cainana, cangueira, coroca, jururú, pixaim, sarará*, etc. Há muitas criações novas, como verbos: *capinar, cutucar, espocar, pererecar, pitar, sapecar, tinguir, atocaiar(-se), empipocar*, etc.

14) PALAVRAS ESLAVAS: *tzar* ou *czar, cossaco, mazurca, estepe*, etc.

15) PALAVRAS GREGAS MODERNAS. (Por causa do progresso industrial, foram precisos muitos termos, que fomos procurar à língua grega): *telepatia, antipirina, polígrafo, telefone, gramofone*, etc.

16) PALAVRAS ALEMÃS: *níquel, zinco, gás, quartzo*, etc.

17) PALAVRAS INGLÊSAS: *club*, (hoje, é comum a forma aporuguesada: *clube*), *túnel*, *foot-ball* (futebol).

18) PALAVRAS FRANCESAS. (A língua francesa é de todas as línguas a que tem mais influído na língua portuguesa, desde o séc. XVIII; por isso há enorme quantidade de galicismos): *boné, paletó, patinar*, etc.

O domínio do português

(o português, seus codialetos, dialetos e subdialetos)

Na Península hispânica falava-se *latim*. No século V depois de Cristo os bárbaros Visigodos, Vândalos, Alanos e Suevos invadiram-na.

Em 711, depois de Cristo, os Árabes (Mouros) entram na Península hispânica, derrotando os Visigodos em Guadalete. Estes fugiram para as Astúrias, ao norte, e daí começaram a *reconquista cristã*, expulsando os Mouros a pouco e pouco para o sul. Formaram-se, assim os reinos cristãos das Astúrias, Oviedo, Castela, Leão, Aragão e Navarra. Do reino de Leão e Castela separa-se um pedaço, dando origem ao reino de Portugal. Surge assim a *Língua portuguesa*, que logo se manifesta com *traços literários* na sua poesia trovadoresca (a poesia é a primeira manifestação da infância dos povos). Mas a Galiza, separada de Portugal, tivera grandes pontos de contato com a nova nação portuguesa, pelo sangue suevo, pelas tradições, pela religião, pelo linguajar que era comum. Assim a língua que lá se fala (o galego) é um *dialeto do espanhol*, mas, como tem grandes semelhanças com o *Português*, pois usa, por exemplo, o *infinito pessoal*, é, ao mesmo tempo, um *codialeto* do Português.

Na província de Trás-os-Montes há três terras, que, vivendo insuladas, conservaram a sua linguagem especial até hoje. São: *Miranda*, *Guadramil* e *Rionor*, onde há, portanto, três codialetos (o *mirandês*, o *guadramilês* e o *riodonorês*).

Mas em tôdas as regiões de Portugal, há a *linguagem fina* e a *popular*, bem como no *Brasil* e nas colônias portuguesas. Daí os *dialetos* e *subdialetos*.

Codialeto — é um dialeto, que proveio de uma língua, juntamente com outro dialeto. Ex.: o português, o galego, o quadramilês, o mirandês e o riodonorês provieram juntamente da mesma língua, o *latim*. São, pois, *codialetos*.

Leite de Vasconcelos assim os considerou («*Esquisse d'une Dialectologie portugaise*» (1901); mais tarde, porém, mudou de opinião, escrevendo: «Se em alguma cousa dissinto agora do que primeiramente escrevi, é em não considerar o mirandês codialeto do português. Tanto o mirandês (com o sendinês), como o riodonorês e o quadramilês, representam em substância, evoluções locais do latim vulgar, levados pelos Romanos para essas regiões. Os grupos idiomáticos, assim originariamente paralelos ao Português, mas independentes dêle, são vizinhos, na essência e na extensão geográfica, de grupos análogos da Espanha» («*Opúsculos*», vol. IV).

Dialeto — é a linguagem do povo numa região; é uma variedade especial de linguajar em tórno do mesmo tipo fundamental.

Subdialeto — é a linguagem própria de uma pequena região, já especial quanto ao dialeto geral.

Gíria — é a linguagem da gente plebéia, de estudantes, de gatunos, e outros grupos sociais, como: *frege*, *encrenca*, *farra*, etc. Chama-se *calão*, quando é *baixa*.

Esquema dos codialetos e dialetos hoje existentes, segundo o filólogo Leite de Vasconcelos:

	Codialetos	Dialetos	Grupos	Subdialetos
Língua Românica-Lusitana	GUADRAMILÊS (em Guadramil)			
	GALEGO (na Galiza prov. da Espanha)		<i>Interamnense</i> (= entre rios) (= entre Douro e Minho)	{ Alto-minhoto Baixo-minhoto Baixo-duriense
	MIRANDES (em Miranda)			
	RIODONORES (em Rionor)		<i>Trasmontano</i> (em Trás-os Montes)	{ Da fronteira De Macedo e Mogadouro Alto-duriense
		Continental	<i>Beirão</i> (na Beira-Alta e na Beira-Baixa)	{ Da Beira ocidental Alto Beirão Baixo Beirão De Fundão a Portalegre
			<i>Meridional</i> . . (na Extremadura, Alentejo e Algarve)	{ Extremenho Alentejano Algarvio
	PORTUGUÊS . .			
		Insulano . .	<i>Açoreano</i> (nas ilhas dos Açores) <i>Madeirense</i> (na ilha da Madeira)	
		Ultramarino	<i>Brasileiro</i> Crioulos (de África, Ásia e Oceania) (em Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde, São Tomé, Príncipe, Goa, Damão, Dio, Macau e Timor)	

Modernas concepções de língua e dialeto:

Diz a Filologia que entre *língua* e *dialeto* não há uma diferença fundamental. A princípio, todos os dialetos estão no mesmo pé de igualdade. Mais tarde, por circunstâncias políticas ou literárias, um deles predomina. Exemplos: Nos dialetos itálicos, um deles, o *Latim* tornou-se língua geral da Itália e, depois, do Império Romano. Na França, até ao século XII, o borgonhês, o picardo, o normando e o dialeto da Ilha de França tinham o mesmo valor. Depois, como Paris se tornou a capital da França, começaram os outros a aproximar-se da linguagem da corte e da literatura do último, vindo assim o *Francês* a sobrepujar todos os outros.

Em Espanha, os reis católicos Fernando e Isabel escolheram Madrid para capital; assim o *Castelhano* aí falado, predominou, sendo a língua geral. Na Itália o *toscano* de Dante e Petrarca passou a ser língua oficial (o *toscano* nasceu em *Siena*, perto de Florença, capital da Toscana, por isso se chama também: *sienês*). Na Inglaterra, como Guilherme, o Conquistador, escolheu Londres para capital, começou o dialeto falado nesta cidade a ser a língua oficial.

O PORTUGUÊS DO BRASIL

(Opiniões de vários brasileiros ilustres)

«Tem-se afirmado ultimamente que a língua portuguesa se vai transformando no Brasil; e que, se o não impedir a reação erudita, poderá perder os seus característicos, tornando-se uma algaravia insuportável.

A leitura dos bons modelos vernáculos, de Portugal e do Brasil, convence-nos de que a língua portuguesa entre nós é em tudo a mesma que recebemos de Portugal.

Já havia chegado ali, desde os séculos XVI e XVII, a êsse grau de perfeição, no qual de tal sorte se fixam as línguas que se não podem alterar sem corromper-se.

«Une langue bien faite, disse Renan, n'a plus besoin de changer...; on ne prétend l'enrichir que quand on ne veut pas se donner la peine de connaître sa richesse.»

O mesmo já haviam dito, além de outros, Villemain e Voltaire.

São dêste as seguintes palavras:

«Toute langue étant imparfaite, il ne s'ensuit pas qu'on doive la changer. Il faut absolument s'en tenir à la manière dont les bons auteurs l'ont parlée; et quand on a un nombre suffisant d'auteurs approuvés, la langue est fixée. Ainsi on ne peut plus rien changer à l'italien, à l'espagnol, à l'anglais, au français, sans les corrompre; la raison en est claire; c'est qu'on rendrait bientôt intelligibles les livres qui font l'instruction et le plaisir des nations.»

A língua, de que se servem os nossos escritores mais polidos, como Rui Barbosa, não é diferente da que admiramos nos melhores modelos clássicos; salvo as indispensáveis inovações, a que todo idioma está sujeito, as quais de nenhum modo lhe alteram a estrutura, índole e feição peculiares.

E o número dêsses escritores tende a aumentar, gra-

ças ao interesse que a boa linguagem vai despertando, principalmente depois dos trabalhos do Código Civil.

Antigamente, havia entre nós menos cuidado nas composições literárias, e ainda nos trabalhos destinados ao ensino da mocidade.

Sirva de exemplo o conhecido compêndio do Cônego Honorato (adotado durante muitos anos em todo o Brasil para o ensino da eloquência).

Tratando do estilo, diz (2.^a ed., p. 120):

«Estilo, em sua acepção primitiva, era o nome *que dava-se* (deve ser: *que se dava*) a um instrumento de aço em forma de agulha *com que escrevia-se* (deve ser: *com que se escrevia*) sobre tábuas de cêra; depois passou a significar o *que escrevia-se...*» (deve ser: *que se escrevia*)⁽¹⁾.

Assim escreveu Agostinho de Campos, publicista luso, na «Revista de Cultura»:

MACHADO DE ASSIS, o excelente novelista, queria que a Academia Brasileira de Letras servisse para *conservar na federação política a unidade literária* de Portugal e Brasil; e escreveu o seguinte: «Não me parece aceitável a opinião que admite tôdas as alterações da linguagem, ainda aquelas que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza do idioma».

JOSÉ VERÍSSIMO, crítico eminente, dizia: «Não desadorno, ao contrário, estimo e amo a nossa língua»; e aconselhava que, sem excessos de purismo, se salvasse, *pelo apuro e cultivo do idioma literário*, a personalidade da língua.

SÍLVIO ROMERO, sociólogo e patriota dos melhores, escreveu: «Como aspiração nacional, como ardente desejo, devemos esforçar-nos para que esta língua (portuguêsa), grandiloqua e sonora, seja eterna em nossas almas, para que nunca mais desapareça das plagas da Guanabara, nem de tôda esta imensa e amada terra que vai do Amazonas ao Prata».

EDUARDO PRADO, o fino espírito, o grande amigo de Eça de Queirós queria, segundo o testemunho de Afonso Arinos, que o *Brasil fôsse o santuário onde, dentro de menos de um século, os Lusíadas fôssem guardados por cem milhões de brasileiros*.

JOAQUIM NABUCO, admirável inteligência, orgulho legítimo do Brasil mental, escreveu: «Tudo precisamos empenhar para secundar o esforço e acompanhar os trabalhos dos que se consagram em Portugal à pureza do nosso idioma. Nesse sentido nunca virá o dia em que Herculano, Garrett e os seus sucessores deixem de ter tôda a vassalagem brasileira».

(1) Solidônio Leite.

RAIMUNDO CORREIA, poeta dos melhores da nossa língua disse assim: « Poucos povos têm uma história tão grande como o povo português, e poucas línguas têm hoje uma geografia tão dilatada como a portuguesa língua, em que tão belas obras-primas têm sido moldadas ».

SALVADOR DE MENDONÇA, um dos mais autorizados fundadores da Academia Brasileira, escreveu lapidarmente: « ... E, se já não somos o Reino-Unidos de Portugal e Brasil, podemos, com a calma fraternidade dos ânimos libertos das leis naturais, considerar-nos ainda (portuguêses e brasileiros) a República Unida das Letras Portuguêsas ».

RUI BARBOSA, glória do Brasil e um dos mais puros escritores portuguêses do seu tempo, verberava, com indignada veemência, a fantasia de se constituir no Brasil um idioma autônomo, chamando à pretensa língua brasileira *surrão amplo, onde cabem à larga, desde que o inventaram para sossêgo dos que não sabem a sua língua, tôdas as escórias da preguiça, da ignorância e do mau gôsto*.

OLAVO BILAC, o magnífico escultor do verso, cantou a língua portuguêsã como extremosa mãe, e disse aos seus compatriotas: « Prezai a vossa língua, respeitando-a e libertando-a de feios aleijões, do calão pesado que a desonra e dos estrangeirismos inúteis que a sobre-carregam ».

GRAÇA ARANHA, um dos chefes atuais do nacionalismo no Brasil, entreviu (diz Félix Pacheco) nas mais belas páginas do seu livro « Chanaan », « a unidade literária como um triunfo para o idioma ».

XAVIER MARQUES, acadêmico ilustre, queria que Brasil e Portugal continuassem unidos pela mesma língua literária, *sob o cetro único de El-Rei Camões*.

JOÃO RIBEIRO, prosador nervoso e crítico sagaz, falando da língua portuguêsã com poético entusiasmo, criou esta definição imorredoura: « Foi essa, e não outra, a língua que primeiro praguejou com a tempestade oceânica, e a primeira que traduziu a alma das imensas distâncias — a Saudade ».

MAGALHÃES DE AZEREDO, poeta e ensaísta distintíssimo, protestou: « Não temos a pretensão de criar uma língua nossa, diversa da primitiva. Há muitos escritores nossos, e dos melhores, que na teoria e na prática rejeitam tôda pretensão de alterar na sua estrutura a linguagem vernácula ».

O mais vigoroso novelista do Brasil contemporâneo, COELHO NETO, sintetiza assim o seu sentimento, em face da língua que tanto honra: « A seiva que corre no âmago do idioma falado no Brasil é a mesma que circula nas veias da árvore veneranda, em cujas raízes estão sentados os quatro evangelistas: Camões, Vieira, Bernardes e Camilo ».

E terminaremos, citando AFRÂNIO PEIXOTO, alto espírito de novelista e pedagogo, que a respeito da nossa língua comum se exprime assim: « Cumpre respeitá-la e servi-la: passá-la adiante, como a recebemos dos nossos avós; conservá-la, preservando a sua pureza ».

Agostinho de Campos poderia ainda ajuntar o nome de BATISTA PEREIRA que n'« O Brasil e a Raça » escreveu: « Não pertencemos à escola dos que querem fazer uma língua nova: — o brasileiro. Não vemos a necessidade de renegar a língua dos nossos maiores. Por quê?

Para quê? Não a estamos enriquecendo com vocábulos e construções novas? Falemos o português enriquecido pelo Brasil, mas falemos o português. Não digo que não se aceitem tôdas as contribuições dialetais para o tesouro do idioma. Mas filtrando-as e depurando-as de suas fezes. Impor o solecismo é querer impingir a bôrra pelo vinho. A sintaxe de uma língua é o seu coração, e um coração que não se sujeita como o dos cães e cobaias, aos milagres de transposição cirúrgica dos irmãos Mayos. Há pouco, discutia-se num congresso sul-americano, a língua em que cada delegado devia falar. Quando um dêles, aliás alto e nobre espírito, declarou que falaria no seu dialeto, já com fumaças de emancipação, o delegado da Venezuela, lugar onde talvez o castelhano se conservou mais puro, pediu a palavra: — «Eu me contentarei de falar na língua de um cavaleiro que se chamou Cervantes!» Bela lição para os que se julgam diminuídos por falar a língua de outro cavaleiro que se chamou Luís Vaz de Camões!».

No Brasil, a língua portuguesa é oficial em tôdas as escolas. E' fora de dúvida, porém, que a linguagem familiar apresenta modalidades chamadas *brasileirismos*. O mesmo se dá nos Estados-Unidos com o inglês, e na Argentina e outras ex-colônias espanholas, com o espanhol.

Uma das causas das diferenças dialetais, é a influência dos africanos, que introduziram o desleixo na expressão, dando origem a locuções como *para mim comer, me dá isso para mim*, etc. (O preto, além de indolente, tem os lábios muito grossos, o que o impede de dizer expressões vivas como: *disseram-mo, dê-mo*, etc. Prova-se isto, observando-se as *expressões iguais* (e até a mesma pronúncia) *no linguajar plebeu dos habitantes das colônias portuguesas da África na zona tórrida e tropical (Angola, Moçambique, Guiné, S. Tomé, Príncipe e Cabo Verde)*, pois que, não falando os portugueses desta maneira, e não havendo lá senão *portuguêses e pretos*, foram necessariamente os pretos que introduziram tais construções. E' curioso observar-se lá a *mesma pronúncia* que há no Brasil, o que é natural, devido à influência do mesmo clima dos trópicos. Teixeira Gomes no seu livro «Regressos» diz: — «Um companheiro casual de viagem, *africano* da zona tórrida, mas falando com o mais simpático dos sotaques brasileiros, aconselhou-me que fôsse para o «Hotel dos Caminhos de Ferro». O jornalista brasileiro Austregésilo de Ataíde, ao passar, em 1930, por Lourenço Marques, ficou admirado de ouvir, entre os Moçambiquenses, a mesma pronúncia que há no Brasil. Essa *fala* veio com os escri-

vos africanos para o Brasil e aqui se espalhou. Por isso chamou Rui Barbosa a essa pretensa língua: «surrão amplo, onde cabem à larga, desde que o inventaram para sossego dos que não sabem a sua língua, tôdas as escórias da preguiça, da ignorância e do mau gosto».

Outra causa é a influência da linguagem, quase sempre dialetal, dos italianos, sírios e outros povos imigrantes que, em grande número, para o Brasil do sul acorrem, deturpando o veio tradicional da língua portuguesa.

O Português, em Portugal, é mais enérgico, no norte (devido ao clima mais frio; no sul é mais brando, devido ao clima mais brando do Alentejo e do Algarve); no Brasil é suave, a partir do trópico de Capricórnio para o Amazonas. Por isso é que disse Eça de Queirós: «no Brasil fala-se português com açúcar». Eça generalizou demais, porque, no sul, a pronúncia é muito mais viva. Nos Estados do sul, sobretudo em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul (na zona temperada do sul) é pronunciado com mais rapidez. A causa é o clima. Quando quente, produz a acentuação das vogais, como: *mínimo*, *mênino* e *mênino*, a introdução de vogais onde não as há, como: *adevogado*, *abissolutamente*, *pneumático*, *adequirir*, *indigui-na*, etc., e a queda dos *rr* finais: *passeá*, *doutó*, etc.

O clima nas zonas temperadas, como aquelas em que se acham Portugal e os Estados do sul do Brasil, produz a pronúncia mais rápida e até a eliminação de certas vogais, no meio dos vocábulos (*esp'rança*, em Portugal, por exemplo).

As principais diferenças dialetais são:

- 1) a colocação dos pronomes oblíquos, sobretudo ao começar-se um período: *me dá*; *me diga*, etc. A influência dialetal é tão grande, na colocação dos pronomes oblíquos, que até grandes escritores, às vezes se enganam. Isto faz lembrar o que se passa na Itália, onde há muitos dialetos, devido, como se sabe, a razões históricas. A língua italiana oficial é o *sienês* (de Siena, pequena cidade da Toscana), porque foi nela que escreveu Dante. Pois bem, os escritores, às vezes, acostumados ao dialeto da sua província, cometem deslizes;

- 2) a junção de cerca de 20 000 palavras oriundas das línguas dos índios e dos africanos;
- 3) as palavras *Papai* e *Mamãe* generalizadas, em todo o Brasil. Em Portugal diz-se *Pai* ou *Papá*, *Mãe* ou *Mamã*. Em várias línguas se diz igualmente: *Papá* e *Mamã*;
- 4) a conjunção condicional *si* empregada por muitas pessoas cultas. Os *grandes escritores* brasileiros escrevem *se*, que é a forma predominante no português puro: Bilac, Rui Barbosa, Machado de Assis, Coelho Neto; e os *grandes filólogos* como Mário Barreto, Carlos de Laet, Carlos Pereira, Sílvio de Almeida, Ernesto Carneiro, Otoniel Mota, Silva Ramos, Said Ali, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, Álvaro Guerra e outros escrevem igualmente *se*. A reforma ortográfica adotou: *se*;
- 5) a significação especial de algumas palavras portuguesas (como há diferença de significação, às vezes, de uma mesma palavra no norte e no sul do Brasil);
- 6) algumas construções sintáticas em completa desarmonia com as das línguas flexivas como: *vi êle, para mim comer*, etc.;
- 7) a pronúncia vagarosa das palavras, do trópico de Capricórnio para cima (de São Paulo para cima), pois o calor intenso da zona tórrida faz abrir as vogais, desaparecer o *r* final das palavras (*hórrórosa, passêá, doutô*) e introduzir vogais, onde as não há (absolutamente, pneumático, adevogado, arrôiz, nóis);
- 8) a linguagem com *lusismos antigos*, (dos primeiros colonizadores) que desapareceram do português falado hoje em Portugal;
- 9) o pronome oblíquo colocado geralmente *antes* do verbo, nas orações principais e coordenadas, quando não há nada que atraia o pronome. Ex.: Tõda a gente diz hoje em Portugal: eu amo-te, eu disse-lhe, eu levantei-me, eu vi-o. No Brasil é mais comum: eu te amo, eu lhe disse, eu me levantei, eu o vi (maneira bastante usada na época clássica: séculos XVI, XVII e XVIII);

- 10) a mistura dos tratamentos de *tu* e de *você*, e às vezes de *vós* nas cartas e nas conversas.

A linguagem é mais pura no norte, porque lá é mais forte a tradição portuguesa, havendo poucos estrangeiros. A tendência para as letras é também mais forte no norte, atento o grande número de literatos nortistas (sobretudo do Maranhão e Bahia), que apresenta a Literatura brasileira. Os nortistas intelectuais, vindos para o Rio e São Paulo, tornam-se notáveis.

Quanto à pronúncia, observe-se, por ex., a palavra *menino*: no Rio Grande do Sul é quase *m'nino*; em São Paulo: *minino*; no centro do Brasil: *mênino*; no norte do Brasil: *mênino*.

A medida que nos aproximamos da zona tórrida, a pronúncia vai-se tornando langorosa. Observe-se a pronúncia lenta de um marselhês: *pêtit enfant*; a vertiginosa de um parisiense: *p'tit enfant* e a lânguida de um habitante da Guiana francesa, em plena zona tórrida: *pêtitânfânt*.

Cada povo pronuncia, pois, a língua conforme o seu clima; sucede, porém, que vivem os habitantes de cada região a zombar da pronúncia dos habitantes de outra, apontando-lhes os defeitos, mas não reparando nos seus! É claro que uma pessoa finamente *educada e culta* tem sempre uma pronúncia agradável. Às vezes uma pessoa é culta, mas, como passou a meninice na província entre o povo rude, ficaram-lhe gravados na fala certos defeitos, de que dificilmente se livrará.

A influência do clima já foi apresentada por conspícuos investigadores dos fenômenos sociais, e nos termos que acima ficam expostos; há, porém, diferenças, às vezes, na mesma região, que são devidas a outras causas como as montanhas, as planícies, o mar, etc., mas que não destroem a afirmação geral. É sabido, por exemplo, que os habitantes da beira-mar têm a *fala cantada*, por causa do barulho das ondas; que os de uma planície têm a fala branda; que os montanheseiros têm a fala rude, etc.

Enfim, são as forças do determinismo, que Taine assim apresentou:

- | | | | |
|---|-----------------------------|---|----------|
| { | 1) <i>raça</i> | { | clima |
| | 2) <i>meio social</i> | | educação |
| | 3) <i>momento histórico</i> | | hábito |

O Brasil, sendo uma nação tão extensa, tem naturalmente, nos seus Estados, diferenças de pronúncias, de construção e de termos, chamadas *provincianismos*, e que constituem *subdialetos*. O estudo completo, que até hoje não foi feito dessas diferenças, seria curiosíssimo. Existe já «O dialeto caipira» de Amadeu Amaral, trabalho magnífico relativo à linguagem do povo sertanejo do Estado de São Paulo, mas muitas das suas afirmações têm um caráter genérico, aplicável à linguagem de muitos dos Estados brasileiros. A pronúncia de muitas palavras do caipira é devida à influência dos africanos. Outras vezes, representa a pronúncia dos primeiros colonizadores portugueses (que ainda hoje se ouve, em certas palavras, ao camponês em Portugal). Certas palavras e expressões (*lusismos*) foram usadas no século XV e XVI em Portugal e trazidas com os marinheiros lusos (ainda hoje chamam, no norte, *marinheiros* aos Portugueses). Alguns filólogos enganam-se, às vezes, chamando *brasileirismos* a termos e expressões, que são *lusismos*, deixados aqui pelos marujos do século XVI.

Veríamos particularidades na linguagem do *povo inculto*, como por exemplo:

- 1) No *Pará*, a troca do *o* pelo *u*. Ex.: «Ali vai uma *canua* carregada de *cucos* da *prua* à *pupa*». Em vez de: «ali vai uma canoa carregada de côcos da proa à pôpa». Este caso contraria o que é comum na zona tórrida: — as vogais muito abertas, mesmo no meio das palavras. Só um estudioso paraense poderá encontrar a explicação deste caso excepcional. É comum dizer-se *arroiz* (em vez de arroz), *nóis* (em vez de nós). A preposição *de* é muitas vezes pronunciada *di*: «do lado *di* lá», etc.
- 2) A troca do *r* pelo *l* (lambdacismo) e do *l* pelo *r* (rotacismo) generalizadas em todo o Brasil. Em São Paulo, é mais comum a troca do *l* pelo *r*. Ex.: «ó

sordado marvado sarta para fora da carçada, se não, vai pórvora». Ex.: *coldã* (em vez de *corda*).

- 3) Em Pernambuco, Sergipe e Estados vizinhos, o *r* é pronunciado com muita força. Ex.: Sou sérgipano: sou de Pérnambuco, etc. Troca-se o *l* pelo *r* também: *carçadas artas* = calçadas altas.

As vezes, o som *lh* desaparece: *coler* em vez de *colher*. Noutros Estados: *cuié*, *famiia* (por *família*).

- 4) Em Ubatuba, São Sebastião, Vila Bela e outras terras à beira-mar do E. de São Paulo, troca-se o *b* pelo *v* e vice-versa, fato observado também em várias regiões do Brasil, onde o caipira diz por ex.: *povre* em vez de *pobre* (leia o «Dialeto caipira» de Amadeu Amaral e as obras de Cornélio Pires e de Catulo: é o que sucede na província do Minho em Portugal, e em certas regiões da Espanha, França, Itália e outros países). Na cidade de São Paulo só se troca nestas palavras: *berruga*, *bagem*, *birote* e *bassoura*; as palavras *ber-ruga* e *birote* são ditas até por pessoas cultas. (Em todos os países se trocam as consoantes homorgânicas, isto é, formadas pelo mesmo órgão (labial, dental, gutural, palatal): *b v*; *b p*; *d t*; *f v*; *c z*; *g c*; *r l*).

- 5) No Rio Grande do Sul usam o tratamento de *tu*, mas põem o verbo na 3.^a pessoa do singular, o que é um erro. Ex.: «Tu passa bem?» (em vez de: «Tu passas bem?»).

E ainda: *Tu fizestes*, *tu contastes* em vez de: *tu fizeste*, *tu contaste*.

- 6) Na Bahia, Ceará e outros Estados o *l* vale *u*. Ex.: Ele é *boçau* (em vez de *boçal*); é *gentio* (em vez de *gentil*). Dizem ainda, como noutros Estados: *tiu* em vez de *tio*. Na Bahia, o *x* (com o valor de *s*) tem às vezes o valor de *ch*. Ex.: *próximo*, *aproximar-se* são pronunciados: *próchimo*, *aprochimar-se*. Ouvi uma vez um discurso a Rui Barbosa (que era baiano), com essas palavras assim pronunciadas. Esta pronúncia revela a pronúncia antiga dos colonizadores portugueses. Ainda hoje, alguns aldeões lusitanos assim pronunciam, nalgumas terras.

- 7) Em São Paulo e no Rio (e talvez noutros Estados), as mulheres pronunciam o *d* e o *t* com o valor respectivamente de *dj* e *tch*. E' o que impressiona mais um estrangeiro, ao chegar a São Paulo. Por isso é que Júlio Dantas em «Eva», pág. 236, contando as suas impressões do que viu no Brasil, diz: «O valor de certos grupos dá um encanto, uma meiguice, uma música especial à fala da mulher: não diz, *dia*, mas *dja*; não pronuncia *docemente* mas *docementche*»; (e *bonitchinho* em vez de *bonitinho*).
- 8) No sul do Brasil, a língua não é tão pura como no norte, onde a tradição portuguesa é mais forte. No século XIX houve até tal efervescência literária no Maranhão com *Gonçalves Dias e o grupo maranhense*, que São Luís foi chamada a «Atenas brasileira». A razão é clara: os estrangeiros emigram muito mais para o sul, porque o clima é temperado. Em São Paulo há tal cosmopolitismo (e onde o houver, a língua é pobre de termos, porque se empregam poucos, para que todos se entendam), que há bairros com linguagem especial: Brás, Mooca, Bexiga e Belenzinho (onde predominam os italianos); Ipiranga (os sírios); Bom Retiro (os russos, os húngaros e os judeus). A linguagem nestes bairros é horrível. Os solecismos são a regra geral: *nóis vai*, *nóis faiz*, *nóis não se deixa cair*, *ocê se dêxa namorá com eu*; *vá ponhar isso lá* (*ponhar* é um verbo horrível em vez de *pôr*).
- 9) A troca de tratamentos no Rio de Janeiro, em São Paulo (e também noutros Estados). Misturam constantemente *tu* (2.^a pessoa) e *você* (3.^a pessoa), como por exemplo: «como vai *você*? A tua mãe vai melhor?». Não brinca (em vez de: «não brinque»). Às vezes, também, aparece o tratamento de *vós* com o de *você*. Ex.: «*Você* veio hoje de Campinas? Como ficou o *vosso* pai? Bem?».

Sobre isto escreveu Sud Menucci:

«A salada pronominal que este caso representa, é hoje hábito inveterado no falar brasileiro e é *fato virgem* na história de outros povos. *Virgem* não o é bem. Conheço caso idêntico: há uma região do sul da Itália, cujos habitantes têm o mesmo vício, fazendo salada de

pronomes quando se dirigem à mesma pessoa. Os italianos de outras regiões fazem dêle a fonte de um chasco e uma troça interminável, a ponto de chamarem os seus patrícios *os ingleses da Itália* (sabido é que os ingleses têm grande dificuldade na aprendizagem das línguas latinas). No Brasil não me consta que tenham alcunhado alguém por causa desse vício ».

- 10) Sobre a pronúncia usada em certas regiões remotas, pelo *povo inculto*, assim escreveu Júlio Nogueira: « Estudando, porém, a prosódia brasileira em si mesma, nas classes menos cultas, chegaremos à convicção de que há inúmeros vícios regionais, anomalias verdadeiramente inexplicáveis ». Entre essas anomalias, há algumas curiosíssimas. O verbo *rir-se* é conjugado por certos caipiras de São Paulo, assim, no indicat. pres., 3.^a pessoa do singular: « êle *sirre* »; e também « êle *serre* » (em vez de: *êle se ri*). O caipira pronuncia os gerúndios assim: *apanhano* (em vez de *apanhando*), etc.

Quando se fundou a Academia Brasileira de Letras (15, dez., 1896), disse Joaquim Nabuco: « A principal questão, ao fundar-se uma Academia de Letras Brasileiras, é se vamos tender para a unidade literária com Portugal. Julguei sempre estéril a tentativa de criarmos uma literatura sobre tradições de raças, que não tiveram nenhuma: sempre pensei que a literatura brasileira tinha que sair principalmente do nosso fundo europeu. Julgo outra utopia pensarmos em que nos havemos de desenvolver literariamente no mesmo sentido que Portugal ou conjuntamente com êle em tudo o que não depende do gênio da língua. O fato é que, falando a mesma língua, Portugal e Brasil têm de futuro destinos literários tão profundamente divididos como são os seus destinos nacionais. Querer a unidade em tais condições seria um esforço perdido. Portugal, decerto, nunca tomaria nada essencial ao Brasil, e verdade é que êle tem muito pouco de primeira mão que lhe queiramos tomar. Uns e outros nos fornecemos de idéias, de estilo, de erudição e pontos de vista nos fabricantes de Paris, Londres, ou Berlim... A raça portuguesa, entretanto, como raça pura, tem maior resistência e guarda assim melhor o seu idioma; para essa uniformidade de língua devemos tender. Devemos opor um embaraço à deformação, que é mais rápida entre nós; devemos reconhecer que êles são os donos das fontes, que as nossas empobrecem mais depressa e que é preciso renová-las indo a êles. A língua é um instrumento de idéias que pode e deve ter uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para secundar o esforço e acompanhar os trabalhos dos que se consagrarem, em Portugal, à pureza do nosso idioma, a conservar as formas genuínas, características, lapidares da sua grande época. Nesse sentido nunca virá o dia, em que Herculano, Garrett, e seus sucessores deixem de ter tódá a vassalagem brasileira. A língua há de ficar perpétuamente *pró-indiviso* entre nós; a Literatura, essa tem de seguir lentamente a evolução diversa dos dois países ».

A respeito da colocação dos pronomes oblíquos, principal diferença dialetal, assim escreveu o grande crítico José Veríssimo: «A nossa colocação de pronomes, embora foneticamente explicável, é viciosa, e melhor é perseverarmos na reação, mediante a qual os vamos desde vinte anos colocando melhor. Não basta descobrir um fato ou uma lei filológica, para, à conta dêle, modificarmos os preceitos e usos consagrados da nossa língua; é preciso que esse fato alcance tal grau de generalidade e universalidade, que dispense a justificação dos gramáticos. Ora, isso não se passa ainda com o da posição dos pronomes no Brasil. E' certo que aqui, os mesmos cultos, e até os gramáticos, no falar corrente, os colocam de maneira diversa dos portugueses, ainda rústicos. Mas, aqui mesmo, os escritores mais vernáculos, como um Gonçalves Dias ou um João Lisboa, para não falar senão dos mortos, pondo-os ainda algumas vezes à brasileira, timbram em seguir a construção portuguesa clássica. Esta, com as legítimas modificações do natural evoluer da língua, devem seguir os escritores que pensam em dar à nossa pátria, uma expressão literária, que não seja uma geringonça, ou uma algaravia de gente inculta.

E' um fato, que a crítica não pode deixar de verificar com satisfação, o da melhoria do português no Brasil. Aqui se está hoje escrevendo mais castiça e mais elegantemente do que nunca se escreveu, e não me arreio de dizer, em geral, melhor do que em Portugal. Ao menos, os nossos jornalistas e escritores ligeiros, escrevem melhor que os de lá, não sendo a sua língua tão inçada de galicismos de construção e de vocabulário, como é a singular língua, que se está escrevendo no Chiado. Este resultado é devido à importância aqui dada às questões gramaticais e à abundância destas. Sem embargo do que podem muitas delas ter tido de bizantinas e até de ridículas, o seu efeito foi útil, como utilíssima foi a ação dos gramáticos e dos outros estudiosos ou amadores da nossa língua, obrigando os nossos escritores a lhe darem maior aprêço, a estudarem-na, e cultivarem-na com maior estimação e a escreverem com mais cuidado. Salvo no período português, em que os nossos escritores reproduziram na idéia e na forma os da metrópole, nunca, de fato, se escreveu bom português no Brasil. Com todo o seu engenho e outras qualidades, os nossos românticos escreveram, senão propriamente mal, muito descaramente: Gonçalves Dias, João Lisboa e os Maranhenses, em geral, faziam exceção. José de Alencar, por um errado espírito de independência literária, que sacrificou, sob este aspecto da língua, a sua obra, não respeitou, quanto convinha, a tradição vernácula. Macedo escrevia péssimamente e Bernardo Guimarães e outros não escreviam melhor. Ainda em vida destes, começou, e depois deles prosseguiu a reação em favor de uma língua mais apurada, e os seus resultados, se não são ainda quais os quiséramos, são já bastante satisfatórios e patentes para nos autorizar a crer que legaremos ao futuro Brasil uma literatura mais perfeita que a que recebemos.

Começa-se a compreender ou já se compreendeu, que não há escritor, bom ou grande escritor, sem língua. E' o que dizia Boileau:

« Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin
Est toujours, quoi qu'il fasse, um méchant écrivain »

LITERATURA

Noções preliminares. Literatura. Arte literária. Prosa e verso. Ritmo
Formas de exposição: narração, descrição e dissertação.

Literatura é, no *sentido lato*, o repositório de todos os documentos escritos da mentalidade de um povo.

E', no *sentido estrito*, fundamental, o repositório dos documentos da mentalidade de um povo, que têm *arte*. Não se atende só à *idéia*, ao pensamento: atende-se *também* à emoção, isto é, ao sentimento, e à *forma*, isto é, ao talhe artístico, ao estilo.

Há literaturas nacionais numa só língua. Ex.: a portuguesa e a brasileira, em *português*; a espanhola, a argentina, a mexicana e outras, em *espanhol*; a inglesa e a norte-americana, em *inglês*; a francesa, a suíça e a belga, em *francês*.

A língua é a mesma, mas o sentimento, a forma, certas palavras e expressões, o colorido, são diferentes; são diferentes, pois, as literaturas de cada povo.

Na Literatura há sempre: 1.º) uma alma nacional; 2.º) uma língua; 3.º) uma língua estilizada pela arte; 4.º) uma mentalidade nacional contínua.

A Literatura é, segundo De Bonald, «a expressão da sociedade»; é o grande espelho de uma nacionalidade; é a alma de uma nação em prosa e em verso. Todo cidadão deve ler os grandes escritores, para ter a consciência perfeita da sua nacionalidade.

O Professor de Literatura não pode fazer escritores. Desperta o gosto pela leitura e faz pesquisadores e críticos, que são os garimpeiros da cultura literária. O escritor, como todo artista, nasce: Já traz, ao nascer, a sigla, o fogo sagrado, o carisma, a graça divina da sensibilidade artística.

Arte literária é o conjunto de regras sobre a expressão artística do pensamento.

Só lendo os bons escritores, lendo muito e devagar, observando, anotando e meditando, é que podemos adquirir um vasto cabedal de conhecimentos e penetrar na urdidura sutil da arte literária de cada escritor.

Prosa e verso — Ritmo

Prosa é a forma de falar ou escrever, natural ou com traços artísticos, mas sem sujeição a medida certa de sílabas ou de palavras.

Verso ou *metro*, segundo Castilho, é um agrupamento de palavras, e, às vezes, uma só palavra, com pausas obrigadas e número determinado de sílabas, de que resulta uma cadência aprazível.

Ritmo é a graça resultante da variedade dos sons das palavras, da acentuação de certas sílabas, das pausas de certas expressões, o que dá ao período em prosa ou em verso uma cadência especial, agradável.

Formas de exposição: narração, descrição e dissertação

a) *Narração*

O *gênero narrativo* expõe, conta os fatos da vida, com naturalidade e expressão.

Compreende: a *história*, o *romance*, a *novela*, o *conto*, as *viagens*, etc.

Um exemplo:

PAIS LEME

Um ricaço de São Paulo tomou a si a exploração regular do interior; a ele se deve o conhecimento do vasto sertão das Minas Gerais, como ao depois chamou. Era este homem já muito maduro, porém, de ânimo juvenil, Fernão Dias Pais Leme, experimentado em empresas de igual ordem como eram as bandeiras de caça aos índios. Após a morte de Bezerra, resolveu pessoalmente e à própria custa organizar a empresa de descobrimento pelo que o Governo lhe concedeu por antecipação o título de Capitão-mor das minas de esmeraldas. No ano seguinte partia a bandeira de Pais Leme para longa e extrema jornada; de espaço a espaço, lavravam plantações e formavam estações que deviam ser intermediárias entre o termo da expedição e o ponto de partida. Depois de penosas marchas, atingiram a terra deserta, situada entre as cabeceiras do Rio Doce e do São Francisco, no lugar que é hoje o

Sêro; aí fêz quartel o aventureiro, e por quatro anos destacou sortidas para todos os pontos. Ouro ou pedras preciosas não se acharam.

Provações sofreram incalculáveis: na maior parte os companheiros esmoreceram e outros, conspirando contra o chefe inflexível, desligaram-se dêle e tomaram o caminho da pátria. Pais Leme conservou-se indiferente e inacessível ao desânimo. Cheio de seus próprios sonhos, o espírito seu havia-se endurecido, tornando-se alheio à mobilidade das paixões dos que o cercavam e aos rigores e às inclemências do deserto. Despachou um correio à mulher para mandar-lhe de tudo quanto necessitava e, vindo as suas provisões que a espôsa preparou, não poupando jóias «e adornos das filhas», internou-se mais pelas florestas ainda hoje ínvias e quase desconhecidas e atingiu as terras pantanosas de Vupabuçu (depois Lagoa Encantada).

Aí dizia a lenda que eram em montões as esmeraldas; e aí permaneceu com louca temeridade o ousado bandeirante, mau grado as febres, a insalubridade da região o descontentamento dos seus. A sua vontade de ferro tudo se dobrava ou havia de quebrar-se. Numa rebelião deu o duro exemplo de enforcar na primeira árvore um seu filho natural que surpreendera entre os rebeldes. Com êsse castigo, a que a sua louca rudeza emprestava estranha autoridade, todos voltaram à obediência. E afinal, após tantos trabalhos, conseguiram êsses aventureiros achar as pedras preciosas que pesquisavam. Carregados de montões delas voltaram a São Paulo, que Pais Leme não conseguiu tornar a ver, porque, esfalfado e desfalecido, expirou nas margens do Rio das Velhas. Não teve ao menos a decepção de verificar, como se verificou, que as pedras que descobrira não eram esmeraldas. O seu genro Manuel Borba Gato, que veio com um novo bando depois nas suas pegadas, chegou ainda a tempo de dar um adeus ao moribundo e de receber-lhe das mãos o ilusório tesouro.

JOÃO RIBEIRO

b) *Descrição*

O *gênero descritivo* expõe, pinta, com traços fiéis e claros, os objetos.

Um exemplo:

POR DE SOL

A tarde descia, calma, radiosa, sem um estremecer de folhagem... Do lado do mar, subia uma maravilhosa côr de ouro pálido, que ia no alto diluir o azul e lhe dava um branco indeciso e opalino, um tom de desmaio doce, e o arvoredo cobria-se todo de uma tinta loura, delicada e dormente. Todos os rumores tomavam uma suavidade de suspiro perdido. Nenhum contôrno se movia, como na imobilidade de um êxtase. E as casas voltadas para o poente, com uma ou outra janela acesa em brasa, os cimos redondos das árvores apinhadas, descendo a serra numa espessa debandada para o vale, tudo parecia ficar de repente parado, num recolhimento melancólico e grave, olhando a partida do sol que mergulhava lentamente no mar.

EÇA DE QUEIRÓS

c) *Dissertação*

O *gênero dissertativo* expõe, explana um assunto moral, filosófico, científico ou artístico.

Exemplos:

PLANTAR

«Enquanto Deus nos dê um resto de alento, não há que deseperar da sorte do bem. A injustiça pode irritar-se; porque é precária. A verdade não se impacienta; porque é eterna. Quando praticamos uma ação boa, não sabemos se é para hoje ou para quando. O caso é que seus frutos podem ser tardios, mas são certos. Uns plantam a semente da couve para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho para o abrigo no futuro. Aquêles cavam para si mesmos. Estes lavram para o seu país, para a felicidade dos seus descendentes, para o benefício do gênero humano.»

RUI BARBOSA

O COMUNISMO

O «Comunismo» não é a fraternidade: é a **invasão** do ódio entre as classes. Não é a reconciliação dos homens: é a sua exterminação mútua. Não arvora a bandeira do Evangelho: bane a Deus da alma e das reivindicações do povo. Não dá tréguas à ordem. Não conhece a liberdade cristã. Dissolveria a sociedade. Extinguiria a religião. Desumanaria a humanidade. Everteria, subverteria, inverteria a obra do Criador.

RUI BARBOSA

A CARIDADE

A caridade é o coração que se abre, a boca que se abre, a mão que se abre — o coração que se abre para a condolência, a boca que se abre para o conselho, a mão que se abre para a esmola; o coração que verte bálsamos, a boca que verte ensinosa, a mão que verte socorros; o coração que ameiga, a boca que anima, a mão que protege; o coração que atrai do abismo, a boca que acautela do perigo, a mão que arranca da miséria; o coração que se vulcaniza num vesúvio de afetos, a boca que se esbraseia numa cratera de bênçãos, a mão que se desfaz numa constelação de benefícios: — a virtude dobradamente portentosa, que acendrando e clarificando o nosso ser em seus ardentíssimos arroubamentos celestes, exalça o homem ao perdão das injúrias, ao esquecimento das afrontas, à estimação dos inimigos, e, no seu extremo requinte, a essa demência inefável, a essa loucura sublime, aconselhada nestas palavras do divino Mestre: «Se queres ser perfeito, vai, vende quanto tens, dá-o aos pobres e segue-me».

ALVES MENDES

Gêneros de composição em prosa e em verso

Composição literária é todo trabalho escrito, notável pela *idéia*, isto é, o pensamento; pela *forma*, isto é, o talhe artístico, o estilo; e pela *emoção*, isto é, o sentimento.

1) GÊNEROS EM PROSA:

- 1) *didático* ou *didascálico* — tem por objeto o ensino, a instrução, compreendendo *tratados* gerais ou particulares (sendo particulares, têm o nome de *monografias*) sobre qualquer assunto, *obras de crítica, descrições, viagens*, etc.
- 2) *narrativo* — compreende a *história, o romance, a novela, o conto, viagens, descrições*, etc.
- 3) *epistolar* — compreende a *carta familiar* e a *carta doutrinal*. Este gênero requer muito cuidado, pois só será brilhante quando a linguagem fôr simples, espontânea, despretensiosa, fluente, sem pruridos científicos nem literários. Impõe-se pela ausência de artifício, pela naturalidade, que dará sempre realce à cadência dos períodos. A carta familiar versa assuntos referentes à vida privada. A carta doutrinal contém sempre ensinamentos, expressos, porém, numa forma clara e simples: é usada sobretudo, entre espíritos cultos, numa permutação de impressões sobre os vários assuntos da vida social. Sendo, aparentemente, fácil o gênero epistolar, muito poucos escritores, todavia nêle se têm salientado. A mulher tem grande tendência para êle, atentos os nomes ilustres de epistológrafas que as literaturas nos apresentam como Madame de Sévigné, Sórora Mariana e outras. «Este sexo, diz La Bruyère, vai mais longe do que nós, neste gênero. Primeiro está o sentimento. Eis por que as mulheres nos levam a palma».
- 4) *oratório* — tem por fim persuadir por meio da palavra e do gesto; compreende a *eloquência sagrada* e a *parlamentar*. A eloquência sagrada revela-se nos *sermões*, onde são tratados os assuntos referentes à

religião. São *panegíricos*, quando é feita a apologia das virtudes dos santos e das santas. A eloquência parlamentar revela-se nos *discursos* em assembléias legislativas feitos pelos representantes da nação, atinentes à vida política dos povos. Há ainda os discursos dos advogados no *júri*, os dos tribunos populares nos comícios públicos e as *conferências*, versando assuntos vários. O discurso clássico tinha 4 partes: *exórdio* (em que se preparava o auditório); *exposição* (em que se apresentava o assunto); *confirmação* (em que se provava o assunto); *peroração* (em que se recapitulava a essência do assunto e em que o orador se despedia). Boileau escreveu. «Não creio que possa ser excelente orador quem não possuir faculdades de comediante».

- 5) *dramático* — compreende a *tragédia*, o *drama*, a *comédia* e a *farsa*. A *tragédia* descreve ações violentas, com um desenlace fatal; o *drama* descreve ações tristes, comoventes; a *comédia*, ações alegres, onde a vida social é criticada; a *farsa*, ações burlescas, com pilhérias grosseiras.

2) GÊNEROS EM VERSO:

- 1) *épico* ou *heróico* — descreve assuntos heróicos, ou históricos ou lendários. Os elementos do gênero épico são: *ação*, *personagem*, *maravilhoso* e *forma*. A *ação* é o que se descreve, o acontecimento grandioso, o trecho do poema ou epopéia. Assim, por exemplo, a ação do «Uruguai» de Basílio da Gama, é o incidente com as possessões espanholas ao sul do Brasil. O *personagem* é o herói do poema. No «Uruguai» o herói é «Cacambo». O *maravilhoso* faz entrar no poema os deuses, ou elementos inverossímeis, realçando a ação heróica. Na idade clássica há em geral nos poemas épicos a intervenção das divindades da mitologia pagã, como por exemplo, nos «Lusíadas». A *forma* refere-se à disposição do poema em cantos, ao número de sílabas do verso, à disposição das rimas, etc. O «Caramuru», por exemplo, de Rita Durão, está dividido, como os «Lusíadas», em can-

tos, os cantos, dividem-se em estâncias de oitava rima (8 versos), com 6 versos de rima entrelaçada e dois emparelhada; os versos são decassílabos (com 10 sílabas). O «Uruguai» tem versos *brancos* ou *soltos*, isto é, não rimam. Na literatura grega e latina o verso é *hexâmetro* (6 pés); na francesa, *alexandrino*; na portuguesa e brasileira, *decassílabo* e *alexandrino*. O gênero épico tem decaído em tôdas as literaturas. Os poemas de hoje têm um tom diferente, uma *feição científica*, uma *tese social* a demonstrar, como a «Morte de D. João» de Junqueiro. O verso hoje usado na lit. port. e brasil. é o alexandrino (12 sílabas), como em parte da «Morte de D. João». Os grandes poemas, mais conhecidos, são: *Maabarata* e *Ramaiana* (dos Hindus; o 2.º é atribuído a Valmiki); *Iliada* e *Odisséia* (de Homero); *Eneida* (de Vergílio); *Farsália* (de Lucano); *Divina Comédia* (de Dante); *Niebelungen*, poema alemão de vários autores; *Lusiadas* (de Camões); *Jerusalém libertada* (de Torquato Tasso); *Orlando furioso* (de Ariosto); *Paraíso Perdido* (de Milton); *Messiada* (de Klopstock); *D. João* (de Byron); *Henriqueida* (de Voltaire); *A morte de D. João* (de Guerra Junqueiro); *Kalevala* (de Lönrot, sobre as lendas finlandesas); *Evangelina* (de Longfellow); *Mireille* (em provençal, de Mistral). Há uma grande obra espanhola de fama universal: *D. Quixote de la Mancha* (de Cervantes), a quem alguns críticos chamaram: «o grande poema em prosa». No Brasil, destacam-se: *Caramuru* (de Rita Durão); *Uruguai* (de Basílio da Gama); *O Caçador de esmeraldas* (de Bilac).

Exemplo:

LUSÍADAS
(SÉCULO XVI)

CANTO I

1. As armas, e os barões assinalados,
Que da Ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram, ainda além de Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2. E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África, e de Ásia, andaram devastando,
E aqueles, que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
3. Cessem do sábio Grego, e do Troiano,
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano,
A fama das vitórias que tiveram,
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.
4. E vós Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloquo e corrente,
Porque de vossas águas Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.
5. Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena, ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

2) **Gênero lírico** — descreve sentimentos humanos. O lirismo é a primeira manifestação literária de um povo. «Os povos, nascem cantando». Este gênero teve grande importância na Grécia, onde os poetas cantavam suas composições apaixonadas, dedilhando a *lira*. As formas do gênero lírico têm variado de época para época. Na época clássica (séculos XVI, XVII e XVIII), ressurgiram as diversas formas da literatura grega e latina com a Renascença, que vamos apontar:

Ode — canta altas qualidades de homens ilustres, o amor e outros sentimentos. A ode pode ser *pindárica* (de Píndaro, poeta grego), quando canta os heróis; *anacreôntica* (de Anacreonte, poeta grego), quando canta o amor, a beleza, a vida feliz; *sacra*, quando trata de assuntos religiosos; *filosófica* ou *moral*, quando trata de assuntos morais ou filosóficos; *sáfica* (de Safo, poetisa grega), quando versa assuntos lúbricos

ou imorais. A ode divide-se em estrofes de maior ou menor número de versos, conforme o desejo do escritor.

Exemplo:

ODE SACRA

Estrofe 1.^a

Ó Sinai! Ó montanha assinalada
 Dos pés do Onipotente!
 Eu sinto ainda soar a voz sagrada,
 Que entre raios promulga a lei gravada,
 No espírito inocente
 Do homem justo. O livro grande e santo!
 Tu me enches de assombro, horror e espanto.

Antístrofe 1.^a

Um povo antigo atesta a integridade
 De tudo que em ti leio;
 Com vivo fogo, augusta majestade
 Me retratas do Eterno a potestade:
 Do mundo firme esteio,
 Único, providente e bom o aclamas,
 E em fervoroso amor minh'alma inflamas.

Epodo 1.^o

Quem do comum naufrágio,
 Que o orbe inteiro em erros sumergia,
 Este povo salvou, e do contágio
 Da cega idolatria?
 Quem no meio de inóspito deserto
 Do imenso a mão lhe fez notar de perto?
 E ainda temes, ó prezada lira.

.

PADRE SOUSA CALDAS

Hino — canta vibrantemente a pátria, os heróis, os deuses, etc. A forma varia.

Canção ou *trova* — a canção tem diversas formas e descreve assuntos diversos, ao sabor da fantasia do poeta. Cada país tem as suas canções especiais, elaboradas espontâneamente entre o povo, reveladoras da sua psicologia: assim os *fados* em Portugal, as

modinhas e os *lundus* no Brasil, as *seguidilhas* na Espanha, etc.

A *lira* é semelhante à *canção*, com versos de medidas várias. Ex.: as *liras* de Tomás Antônio Gonzaga.

Exemplos:

Chamaste-me a *tua vida*;
e eu *tua alma* quero ser;
a *vida* acaba coa morte;
a *alma* não pode morrer.

(Considerada a mais fina quadra *popular*, em Portugal).

Sino, coração da aldeia;
Coração, sino da gente:
— um, a sentir, quando bate;
— outro, a bater, quando sente.

ANTÔNIO CORREIA DE OLIVEIRA
(port.)

A saudade é um cuidado
na doença da afeição:
— é como um golpe (fechado
em falso) no coração.

MARQUES DA CRUZ

Onde anda o corpo, é verdade
que a sombra vai pelo chão:
— é assim também a *saudade*:
— a sombra do coração...

ADELMAR TAVARES
(bras.)

As almas de muita gente
são como um rio profundo:
— a face tão transparente!
mas quanto lódo no fundo!

BELMIRO BRAGA
(bras.)

Mal de amor raro se perde;
é como a nódoa da amora:
— Só com outra amora verde
a nódoa se vai embora.

FREDERICO BRITO
(port.)

Elegia — é uma composição triste, repassada de sentimentalismo; a forma é livre. Também de assunto triste é o *epitáfio*, dizeres que se esculpem nos mausoléus, a *nênia* ou *epicédio*, poesias chorosas lamentando a morte de pessoa querida.

Cantata — é uma composição, a que depois se adapta a música, versando, geralmente, acontecimentos grandiosos, em forma livre, dividida em coros, solos, etc.

Rondó — trata de assuntos amorosos. Esta composição poética é entrecortada de um *estribilho* ou *refrão*, que se vai repetindo de estrofe em estrofe.

Vilancete — poesia amorosa, que começa por um mote, geralmente, um *tercêto*. A seguir vêm as *voltas*, isto é, duas ou três estrofes, em que aparecem os versos do tercêto. O verso é quase sempre de 7 sílabas.

MOTE

Descalça vai para a fonte
 Leonor pela verdura;
 Vai formosa, e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
 O têsto nas mãos de prata,
 Cinta de fina escarlata,
 Sainho de chamalote:
 Traz a vasquinha de cote,
 Mais branca que a neve pura;
 Vai formosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
 Cabelos de ouro entrançado,
 Fita de côr d'encarnado,
 Tão linda que o mundo espanta:
 Chove nela graça tanta,
 Que dá graça à formosura;
 Vai formosa, e não segura.

CAMÕES

Madrigal — versa o amor, a paixão, os galanteios dos namorados.

Ditirambo — hino celebrando o deus Baco, exprimindo o entusiasmo, a alegria intensa, o delírio.

Puf

Rataplã!
 Turumbã!
 Tan!
 Ah!
 Eviá!
 Pode rir, afinal,
 quem julgar a moral vã!
 Carnaval! Carnaval!
 A loucura é legal!

Ra
 ta
 plã!
 Eh!
 Evoé!
 Ih!
 Frenesi!
 Oh!
 Sabaó!
 Uh!
 Belzebu!

MARTINS FONTES E BILAC

Écloga ou *égloga*, *idílio* e *pastoral* — composições sôbre assuntos campestres, em que entram sempre figuras de pastôres. Geralmente, são em forma de diálogo. Estas composições constituem o gênero *bucólico*.

Balada — composição sentimental, onde vibra a nota predominante da saudade e do amor.

Epitalâmio — canto empregado nas núpcias, por meio do qual se saúdam os noivos.

Canto genetliaco — composição onde se felicita alguém pelo aniversário natalício.

Acróstico (do grego *àkros* = extremidade + *stikhos* = linha) — composição, cujos versos começam pelas letras da pessoa que se estima, ou pelas letras do nome da pátria, etc. Esta composição não raro fica sem brilho de expressão, em virtude de o poeta ter que subordinar a idéia a uma forma rigorosíssima.

A PINTORA EVA RUBIN

Eva, atire à Vida a sua arte!
vál dê ao homem rude, (barro ufano),
altíssimos balouços de estandarte...
Reforme-o; faça dêle um aeroplano!
una-lhe duas asas de gaivota,
brancas e lindas como o Belo e o Bem!
isto é o grande ideal, a flor, que brota
na terra, e vai pelo Infinito além...

MARQUES DA CRUZ

Glosa — poesia que começa por um ou mais versos, que constituem o *mote*; depois, seguem-se as estrofes que terminarão por cada verso do *mote*.

MOTE

*Elmano foi mais que um deus:
hoje é mísero mortal.*

GLOSA

Quando entre os carinhos teus
Gozou dos bens a excelência,
Elmano despiu a essência,
Elmano foi mais que um deus:
Entranhou-se pelos céus,
Foi ao cume divinal,
A Júpiter viu-se igual,
Falou-lhe a felicidade;
Volveu à humanidade,
Hoje é mísero mortal.

Desenganai-vos, ateus,
Vêde a vossa insipiência,
Eu vos mostro a onipotência,
Elmano foi mais que um deus:
Eia, acreditai os céus,
Crede no bem divinal;
Mas oh pranto! Oh dor! Oh mal!
Torne à incredulidade,
Porque quem foi divindade
Hoje é mísero mortal.

BOCAGE

Sonêto — a mais bela de tôdas as formas líricas, criada pelo trovador francês Girard de Bourneuil, em 1278. Segundo outros, pelo italiano Petrus de Vineis, e levada para a França por Saint Gelais. «E' um pensamento de ouro num cárcere de aço». «Deve abrir com *chave de prata* e fechar com *chave de ouro*». Compõe-se de duas quadras e dois tercetos. (O sonêto é uma composição pequena mas difícil de fazer, como tôdas as composições literárias pequenas: a *quadra*, de versos de 7 sílabas (com 4 rimas), o *conto*, a *peça* de teatro em 1 ato e a *carta* simples mas expressiva. Basta reparar que são raríssimas as composições dêste gênero, que são célebres). Boileau escreveu: «Un sonnet sans défaut vaut seul un long poème». E Teófilo Gautier: «Si le venin du scorpion est dans sa queue, le mérite du sonnet est dans son dernier vers». Na época clássica o verso empregado era o decassílabo, tendo as duas quadras as rimas entrelaçadas geralmente; nos dois tercetos a disposição das rimas variava. Como, às vêzes, a idéia não ficava tôda expressa nos 14 versos do sonêto, acrescentavam-lhe os poetas um *estrambote*, ou cauda, de um, dois ou três versos mais. O *estrambote* desapareceu há muito. Dada a liberdade de formas implantada com o romantismo, vêem-se, depois, sonetos, em que as rimas da primeira quadra não rimam com as da segunda, em que os versos são de menos de 10 sílabas (*sonetinho*), ou de mais de 10, em que aparecem primeiro os tercetos e depois as quadras, etc. Ex.:

Sete anos de pastor Jacó servia
 Labão, pai de Raquel, serrana bela;
 Mas não servia ao pai, servia a ela,
 Que a ela só por prêmio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
 Passava, contentando-se com vê-la;
 Porém o pai, usando de cautela,
 Em lugar de Raquel lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
 Assim lhe era negada a sua pastora
 Como se a não tivera merecida,

Começou a servir outros sete anos
 Dizendo: — Mais servira, se não fôra
 Para tão longo amor, tão curta a vida.

CAMÕES

Exemplo de um sonêto moderno, em que as duas quadras têm rimas diferentes:

CIVILIZAÇÃO

Um campo verde. Um desatêrro. Uma barraca.
 Uma casa. Outra casa. Um burro ao sol orneia.
 O porco. O cão. Galo e galinha. Boi e vaca.
 O amor-simpleza. A terra em flor. — Nasceu a *aldeia*.

Política. O correio. O pó-de-arroz. A sêda.
 Médico. Escola e professor. Igreja e abade.
 A farmácia e a « má-língua ». O cinema. A alamêda.
 Clube. Jornal. Esgôto. — E nasceu a *cidade*.

Depois, o dolo, a inveja, o orgulho, a grande gala,
 a cocaína, o amor-aberração, a lima
 da intriga vil que tudo rói, que tudo estala.

E, garboso, o *Bom-Senso*, em clarões de fogacho,
 dizendo, em vão, que a podridão que rola em cima,
 é, às vèzes, maior do que a que rola em baixo.

MARQUES DA CRUZ

BRASIL

Cheio de flores, frutas, gemas, graça infinda,
 sou o Brasil imenso, airoso e hospitaleiro;
 de par em par, tenho a alma aberta, sempre, à vinda
 de qualquer raça, qualquer crença de estrangeiro.

Terra de Santa Cruz! Na caravela linda,
a cruz; a cruz no cipó-cruz alvissareiro;
braços em cruz, Jesus no Corcovado ainda,
e, a sorrir, lá no céu, palpitante, o Cruzeiro.

Não farei guerra-de-conquista bruta, ativa;
mas, ofendida a dignidade, sou bravura,
sou jaguar com coração de patativa.

Como Gusmão, Dumont, num vôo racial,
hei de sempre subir, intrépido, à procura
da Verdade, do Bem, do Belo, do Ideal!

MARQUES DA CRUZ

A liberdade da forma não se dá modernamente só no soneto; dá-se em todas as composições literárias. A disposição das rimas é a mais variada, preocupando-se os poetas sobremaneira com a naturalidade da expressão e o ritmo cadenciado do verso. O ritmo poético tem hoje um tom diferente do empregado nos versos românticos e ultra-românticos que eram, em geral, marciais, a compasso. Ex.:

Ó guerreiros da taba sagrada,
Ó guerreiros da tribo tupi,
Falam deuses nos cantos do piaga
Ó guerreiros meus cantos ouvil

Esta noite, era a lua já morta,
Anhangá me vedava sonhar:
Eis na horrível caverna que habito
Rouca voz começou-me a chamar.
etc.

(GONÇALVES DIAS, *Canto do Piaga*)

Veja-se nesta poesia moderna a liberdade caprichosa da modulação e das rimas, e a disposição libérrima dos versos. Alguns poetas nem medem sequer os versos, mas dão um ritmo à estrofe, que é agradável ao ouvido.

Sinos tristes

(lenda)

Sinos do *campanário*
badalando,
quando as velhinhas vão *rezando*
no seu *rosário*...

E elas dizem, *quando*
o sino toca *manso* e *gembundo*;
— «Que Deus o ponha lá em bom *descanso*!
está para partir um *moribundo*..»

E essas santas *velhinhas*, lendo *bem*
na longa experiência da *velhice*,
dizem assim às *vizinhas*
se morre alguém:
— Eu bem no *disse*.. eu bem no *disse*..

*

Quer se alegre, quer se zangue,
coração também é sino;
— o badalo é nosso sangue;
— o sineiro é o Destino...

MARQUES DA CRUZ

3) Gênero dramático — versa cenas da vida social, e compreende a *tragédia*, o *drama*, a *comédia* e a *farsa*.

Tragédia — composição onde se desenrolam paixões violentas, intensíssimas, que terminam sempre por um desenlace fatal, horroroso.

Drama — trata de ações tristes.

Comédia — descreve cenas chistosas, onde são postas a ridículo figuras e fatos da vida quotidiana. *Ridendo castigat mores* = rindo, castiga os costumes (frase atribuída a Juvenal).

Farsa — comédia onde vibra a pilhéria incisiva e grosseira.

O gênero dramático é um dos gêneros mais difíceis, em virtude da disposição das cenas, das entradas e saídas naturais no palco, do desenrolar lentamente progressivo da ação até ao desenlace, e ainda, principalmente, da *tese*, do princípio moral que se deve apresentar bem claro, com expressão bem nítida, bem demonstrado.

4) Gênero satírico — compreende o poema *herói-cômico*, a *sátira*, a *paródia* e o *epigrama*.

O poema *herói-cômico* — descreve uma ação ridícula, fútil, por uma forma majestosa, solene, épica. Ex.: O

Hissope de Cruz e Silva (escritor português do século XVIII).

A *sátira* e o *epigrama* têm por fim castigar os homens e os costumes. O epigrama é uma composição menor.

A UM LETRADO PEQUENO E PRESUMIDO
(sátira)

Tu és mosquito que cantas,
Pequeno e bem zumbidor,
Dos lençóis malquistador,
Aborrecido das mantas;
Com o ferrão da língua espantas
E com a música enfadas;
Caminhas às trombetadas
E não sabemos por onde,
Porque o invisível te esconde
Para poupar bofetadas.

GREGÓRIO DE MATOS

EPIGRAMA A UM CALVO PEDANTE

Cabeça! que desconsôlo!
Cabeça! força é dizê-lo:
— Por fora, não tem cabelo;
por dentro, não tem miolo.

LAURINDO RABELO

Na Vida, de quando em quando,
muita gente de alto tino
chupa sal, imaginando
que é açúcar muito fino...

MARQUES DA CRUZ

*

Mulher não guarda segredo?
Eu sei de uma que o guardou:
— mal acabava de ouvi-lo,
veio um raio que a matou...

(Popular)

A *paródia* — é uma composição humorística, baseada numa séria, aproveitando desta quase todos os termos e empregando apenas os necessários para exprimir o tom ridículo.

MAL SECRETO

Se a cólera, que espuma, a dor que mora
Na alma e destrói cada ilusão que nasce;
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espírito que chora.
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse;

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

RAIMUNDO CORREIA

MAL DISCRETO

Paródia ao *Mal Secreto*
de RAIMUNDO CORREIA

Se a prontidão, a pinda, a quebradeira
E os vários males desta mesma classe,
Tudo o que punge a tísica algebeira,
Sobre o rosto do pronto se estampasse;

Se se pudesse a crise financeira
Ler através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que da primeira
Fila, então, para a última passasse...

Quanta gente nós vemos, quanta gente,
Cujo largo plastrão, discretamente,
Uma camisa enxovalhada esconde!

Quanto moço elegante e perfumado
Que anda, imponente, de automóvel... fiado,
Porque lhe faltam níqueis para o bondel

D. QUIXOTE
(pseudônimo de Bastos Tigre)

- 5) Gênero didático — tem por fim a instrução. Compreende o *apólogo*, a *fábula* e a *máxima*. O *apólogo* e a *fábula* contêm sempre uma lição moral útil na vida. A *fábula*, tira essa lição, descrevendo ações entre

os animais irracionais, e o *apólogo* entre os objetos da natureza. A *máxima* é uma sentença expressa em poucas palavras, contendo ensinamentos. São célebres as « Máximas do Marquês de Maricá ».

VERSIFICAÇÃO

Verso ou *metro* — diz Castilho — é um ajuntamento de palavras e até, em alguns casos, uma só palavra, compreendendo determinado número de sílabas, com uma ou mais pausas obrigadas, de que resulta uma cadência aprazível.

As sílabas no verso não se contam como em prosa. Quando há dois sons suaves, devem ser fundidos numa só sílaba.

Ex.:

Mercúrio
Lhe vá mostrar a terra onde se informe
Da Índia e onde a gente se reforme

CAMÕES

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Lhe vá mos trar a te rron de sin for me

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
Da In die on da gen te se re for me

Regras para contar as sílabas:

- 1) Duas ou mais vogais justapostas numa palavra, ou no final de uma palavra e começo de outra fundem-se numa só sílaba poética. Ex.: *Laborioso. La-bo-rio-so.* Também se poderá contar: *La-bo-ri-o-so. Andava um dia. An-da-vum-di.*
- 2) Se a 1.^a vogal fôr fortemente acentuada, não há fusão. Ex.: *Só ela foi lá. Só-e-la-foi-lá.*
- 3) Se a última palavra do verso fôr aguda, contam-se tô-

das as sílabas do verso. Se fôr grave ou esdrúxula, contam-se as sílabas só até ao acento da última palavra.

A palavra *sua*, atualmente, tem duas sílabas. As palavras *porfia*, *sorria*, etc., têm três sílabas. A palavra *luar* tem duas sílabas; há casos, porém, em que Junqueiro faz de *luar* uma só sílaba.

Só pela leitura constante das composições poéticas se poderá apreciar o modo de contar as sílabas das palavras no verso.

Rima é a igualdade ou semelhança de sons, no fim de duas ou mais palavras, no extremo dos versos.

Em geral, as rimas têm o mesmo som, como *cantar* e *chorar*, *santa* e *tanta*. São rimas *consoantes*. Há, porém, rimas com o som *quase* igual, como *donzela* e *estrêla*, *vertigem* e *virgem*. Estas rimas são *toantes*. Assim é que alguns poetas brasileiros rimam por ex.: *nus* com *azuis* (ex.: «Meus oito anos» de Casimiro de Abreu), *capaz* com *mais*. E alguns portugueses: *também* com *Mãe*. Fazem isto, não porque suponham que o som é igual, mas porque é semelhante.

Aliteração é a repetição das mesmas letras ou das mesmas sílabas nas várias palavras dos versos, para produzir um tom onomatopaico ou imitativo, o que dá graça especial à poesia.

Encadeamento é a maneira de dispor os versos em estrofes e de dispor as rimas, numa conexão artística.

Paralelismo é a repetição de versos, ao fim de cada estrofe, com mais ou menos as mesmas palavras, frisando a mesma idéia, como um *estribilho* ou *refrão*.

Versos brancos ou soltos são os que não têm rima. Ex.: os do poema «Uruguai» de Basílio da Gama.

Rimas pobres são as que se fazem com as palavras da mesma categoria gramatical; ex.: *cantar* e *chorar*. *Rimas ricas*, quando as palavras são de diferente categoria. Ex.: *cheia* e *pompeia*; *vendo-a* e *amêndoa*; *diz-mo* e *abismo*.

Quando o verso terminar por uma palavra paroxítona ou grave, não será contada a última sílaba; quando termi-

nar por palavra proparoxítona ou esdrúxula não serão contadas as últimas duas.

Um soneto perfeito deve ter as rimas com palavras *paroxítonas* ou *graves*. A última rima do *terceto* é que pode ser *aguda* ou *oxítona*. Devem-se evitar as *homofonias* (isto é, rimas com sons parecidos) como no 1.º terceto do célebre soneto «Ouvir estrêlas» de Bilac, de que êle não gostava, pois, sendo um grande artista parnasiano, achava que era um deslize:

«Ora (direis) ouvir estrêlas! Certo
perdeste o senso!» E eu vos direi, no entanto,
que, para ouvi-las, muita vez desperto
e abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos tôda a noite, enquanto
a *Via-láctea*, como um pálido aberto,
cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: «Tresloucado *amigo!*
que conversas com elas? Que *sentido*
tem o que dizem, quando estão *contigo?*»

E eu vos direi: «Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
capaz de ouvir e de entender estrêlas».

Versos de 1 sílaba

¹
«*Amo*

¹
Gemo

¹
Clamo

¹
Tremo»

de 2 sílabas

Têm o acento, na 2.ª sílaba.

¹ ²
«*Amigo*,

¹ ²
Passeia

¹ ²
Comigo »

de 3 sílabas

Têm o acento obrigatório na 3.^a sílaba.

¹ ² ³
« *Lindo* sonho

¹ ² ³
Vem a mim

¹ ² ³
Vem risonho

¹ ² ³
Querubim »

de 4 sílabas

Têm o acento obrigatório na 4.^a sílaba.

¹ ² ³ ⁴
« *Andava um dia*

Em pequenino

Nos arredores

De Nazaré

Em companhia

De São José

O Deus-Menino

O Bom-Jesus. »

JOÃO DE DEUS

de 5 sílabas (ou redondilha menor)

Têm o acento obrigatório só na 5.^a ou na 2.^a e 5.^a sílabas.

¹ ² ³ ⁴ ⁵
« *Salve templo belo*
Padrão glorioso! »

¹ ² ³ ⁴ ⁵
« *Não chores meu filho*
Não chores que a vida
E' luta renhida
Viver é lutar. »

GONÇALVES DIAS

de 6 sílabas

Têm o acento obrigatório na 6.^a sílaba.

1 2 3 4 5 6
«*Por quê, divino Mestre*
Com teu poder celeste
Ao homem que cegara
De novo ver fizeste?»

de 7 sílabas (ou redondilha maior)

Têm o acento obrigatório na 7.^a sílaba. Se tiverem os acentos nas 3.^a e 7.^a, ficam mais harmoniosos.

1 2 3 4 5 6 7
«Se aquilo, que a gente sente
cá dentro, tivesse voz,
muita gente, tôda a gente
teria pena de nós.»

AUGUSTO GIL

de 8 sílabas

Têm o acento obrigatório na 4.^a e 8.^a ou na 2.^a, 5.^a e 8.^a sílabas.

1 2 3 4 5 6 7 8
«No horrendo pântano profundo,
Em que vivemos, é o cisne...

1 2 3 4 5 6 7 8
Bem como serpentes, que o frio...»

(Os versos de 8 sílabas são pouco usados).

de 9 sílabas

Têm o acento obrigatório na 4.^a e 9.^a ou na 3.^a, 6.^a e 9.^a sílabas.

1 2 3 4 5 6 7 8 9
«Boêmia ardente na despedida!
Noite de rosas, noite de palmas!
Mas anoitece na nossa vida,
Mas anoitece nas nossas almas...»

1 2 3 4 5 6 7 8 9
«O' guerreiros da taba sagrada,
O' guerreiros da tribo tupi,

Falam deuses nos cantos do piaga
O' guerreiros meus cantos ouvi!»

de 10 sílabas

Épicos ou heróicos, se têm o acento obrigatório na 6.^a e 10.^a sílabas. Chamam-se assim porque são os mais usados nos poemas épicos como em «Os Lusíadas», no «Caramuru» e no «Uruguai». Podem também ter o acento obrigatório na 4.^a, 8.^a e 10.^a sílabas. Neste caso, chamam-se *sáficos* (de Safo, poetisa grega).

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
«*As armas e os barões assinalados*
Que da ocidental praia lusitana»

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
«*Vai alta a lua na mansão da morte*
Já meia-noite com vagar soou!
Que paz tranqüila; dos vaivéns da sorte
Só tem descanso quem ali baixou.»

de 11 sílabas

Têm o acento obrigatório na 5.^a e 11.^a ou na 2.^a, 5.^a, 8.^a e 11.^a sílabas.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
«*Pela estrada plana, toc, toc, toc*
Guia o jumentinho uma velhinha errante;
Como vão ligeiros ambos a reboque
Antes que anoiteça, toc, toc, toc,
A velhinha atrás, o jumentinho adiante.»

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
«*Sou índia, sou virgem, sou linda, sou débil*
E' quanto vós outros, ó tapes, dizeis;
Sabei, bravos tapes, que sei com destreza
Cravar minhas setas nos peitos dos reis!»

de 12 sílabas ou alexandrinos

«Verso extenso, de um caráter retumbante e épico, o metro alexandrino contém todos os recursos para a expressão de sentimentos exaltados, para as imagens arro-

jadas, para as idéias imprecisas, mas violentas, para a adjetivação superabundante, ousada até à extravagância».

O trovista *Alexandre de Paris* é que inventou os *alexandrinos*.

Têm o acento obrigatório na 6.^a e 12.^a sílabas. Deve haver nestes versos a separação de dois *hemistíquios*, isto é, deve o verso desdobrar-se em dois de 6 sílabas. O ponto de ligação do primeiro verso de 6 sílabas ao segundo também de 6 sílabas chama-se *cesura*.

1 2 3 4 5 6 | 7 8 9 10 11 12
Manhã de junho arden | te. Uma encosta escavada,
 Sêca, deserta e nua à beira duma estrada

6) Manhã de junho ardente.

6) Uma encosta escavada.

1 2 3 4 5 6 | 7 8 9 10 11 12
Eu era mudo e só | na rocha de granito.

6) Eu era mudo e só

6) Na rocha de granito

Neste verso não há *cesura*, porque a 6.^a sílaba é constituida por uma palavra oxitona.

Disseram uma vez a Castilho: «Se o verso alexandrino se compõe de 2 versos de 6 sílabas, então não é preciso fazer alexandrinos; basta fazer versos de 6 sílabas». Castilho respondeu: «E' verdade, mas o alexandrino tem mais imponência, mais brilho. Assim, quando temos muita sede, preferimos beber um só copo grande de água a beber dois pequenos».

* Observe-se este verso, em que, apesar de haver 12 sílabas, a sílaba *bra* (de *sombra*) não se liga ao segundo verso de 6 sílabas, em virtude de *fraca* começar por consoante:

1 2 3 4 5 6 | 7 8 9 10 11 12
Dava lhe a custo a som | bra fraca e pequenina

6) Dava-lhe a custo a sombra

5) Fraca e pequenina.

Este verso está certo, porém, diz Régnier. Os acentos ficam na 4.^a, 8.^a e 12.^a sílabas.

Foram usados por E. Rostand e por poetas portugueses e brasileiros:

Quem me defende? a minha côrte? a minha guarda?
Como hei de crer em saltimbancos e em mendigos?

GUERRA JUNQUEIRO

Depois do incêndio, a catedral ficou em ruínas.

EUGÊNIO DE CASTRO

No desconforto do meu quarto de estudante.

VICENTE DE CARVALHO

Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor.

MACHADO DE ASSIS

ESTROFAÇÃO. RIMAS. ESTÂNCIAS OU ESTROFES. POEMAS DE FORMA FIXA

As rimas podem ser:

a) *emparelhadas*, quando os versos rimam dois a dois.

Ex.: «E a lágrima celeste, ingênua e *luminosa*
ouviu, sorriu, tremeu... e *quedou silenciosa.*»

JUNQUEIRO

b) *entrelaçadas ou cruzadas*.

Ex.: Para brilhar, certa gente *
usa força e até *espuma*: →
— mas o sol, que é tão *luzente*, *
nunca fez força *nenhuma* →

MARQUES DA CRUZ

c) *interpoladas ou misturadas*.

Ex.: um *triolé*, composição poética de origem francesa; tem 8 versos; o 1.º rima com o 3.º e o 5.º; o 2.º com o 6.º; o 4.º e o 7.º são iguais ao 1.º; o 8.º é igual ao 2.º.

1 « Saudemos a nossa terra
2 nesta data aurifulgente,
3 que tanto júbilo encerra!
4 Saudemos a nossa terra
5 com o fervor, que se aferra
6 na nossa lira contente!
7 Saudemos a nossa terra
8 nesta data aurifulgente! »

Estância ou estrofe é a reunião de 2 ou mais versos.

a) *Parelha ou distico*: quando tem 2 versos.

« Cesse tudo o que a Musa antiga canta
que outro valor mais alto se alevanta! »

CAMÕES

- b) *Tercêto*: quando tem 3 versos. Rimam, geralmente, o 1.º com o 3.º, e o 2.º com os extremos do tercêto seguinte. Pode também o 2.º rimar com o 2.º do tercêto seguinte. Pode ainda o 1.º rimar com o 1.º, o 2.º com o 2.º e o 3.º com o 3.º do tercêto seguinte.

Ex.:

- 1.º caso: { « E se vires que pode merecer-te
alguma cousa a dor, que me ficou
da mágoa sem remédio de perder-te,
roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te
quão cedo de meus olhos te levou. »

CAMÕES

- 2.º caso: { « Amo o teu viço agreste, o teu aroma
de virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
em que da voz materna ouvi: « meu filho! »
e em que Camões chorou, no exílio amargo,
o gênio sem-ventura e o amor sem brilho! »

BILAC

- 3.º caso: { « Vendo o triste pastor que com enganos
assim lhe era negada a sua pastôra,
como se a não tivera merecida,
começou a servir outros sete anos,
dizendo: — Mais servira, se não fôra
para tão longo amor tão curta a vida. »

CAMÕES

- c) *Quadra ou quarteto*: quando tem 4 versos de qualquer tamanho.

« São guarda-chuvas, no porte,
os amigos que eu conheço:
— quando o vento é muito forte,
viram logo do avesso... »

MARQUES DA CRUZ

- d) *Quintilha*: quando tem 5 versos. A disposição das rimas varia.

« Críticos de furta-côres,
que de talento dais carta
a vis escrevinhadores,

ide ao raio que vos parta;
não preciso de favores.»

AUGUSTO GIL

- e) *Sextilha ou sextina*: quando tem 6 versos. A disposição das rimas varia.

«E' melhor uma goteira
a pingar, a noite inteira
de inverno, em cima da gente,
que um dia de moedeira,
a ouvir a companheira,
ralhando continuamente.»

de SALOMÃO

- f) *Setilha*: quando tem 7 versos. E' pouco usada.
g) *Oitava*: quando tem 8 versos. Usa-se, em geral, na poesia épica. E' chamada *oitava rima*. O 1.º verso rima com o 3.º e o 5.º; o 2.º com o 4.º e o 6.º; o 7.º com o 8.º. Tem, como se vê, 6 versos com rimas *entrelaçadas*; os dois finais com rimas *emparelhadas*. «Os Lusíadas» de Camões e «O Caramuru» de Rita Durão são escritos em *oitava rima*.

«Um Deus (diz), um Tupã, um ser possante
quem poderá negar que reja o mundo,
ou vendo a nuvem fulminar tonante,
ou vendo enfurecer-se o mar profundo?
Quem enche o céu de tanta luz brilhante?
quem borda a terra de um matiz fecundo?
é aquela sala azul, vasta, infinita,
se não está lá Tupã, quem é que a habita?»

CARAMURU

- h) *Estrofe de 9 sílabas*: é pouco usada.
i) *Décima*: quando tem 10 versos. A disposição das rimas varia.

«Tendes o cravo no peito;
o lugar impróprio é,
pois, se o tivésseis no pé,
era o lugar mais perfeito.
Não julgueis que o meu conceito
vos faz a menor censura;
é só com doce brandura
e sem vos fazer agravo,
dar-vos pancada no cravo
sem tocar na ferradura.»

ESTILO. VIRTUDES ESTILÍSTICAS

Retórica — é a arte de bem-falar; o conjunto de regras relativas à eloquência.

Estilística — é a parte da *Retórica*, que trata das várias maneiras especiais de exprimir o pensamento.

Estilo — é a maneira particular que um autor tem de exprimir pensamentos, falando ou escrevendo; é o talhe, a feição especial do trabalho de um artista. Vem do latim *stilus* = objeto agudo, ponteiro, *estilete* de ferro ou de osso, com que os antigos escreviam nas tabuinhas enceradas. O *estilete* era agudo, na ponta, para gravar, e chato, atrás, para apagar qualquer erro. (A palavra *estilo* não vem do grego *stylos* = coluna, encôsto, como alguns afirmaram). Ainda hoje se diz: *F. tem boa pena*, isto é, *tem bom estilo*.

Buffon disse — «O *estilo* é o homem».

Cada escritor põe no que escreve, a sua psicologia, um traço especial, uma sigla, um sinal, um sinete, um modo personalíssimo de plasmar o seu pensamento. Põe sempre a sua *inteligência* e a sua *arte*; a sua *alma* nem sempre, pois há escritores que lançam, às vezes, certas idéias, só para agradar às multidões, ou escrevem *trabalhos encomendados*.

A *Arte é a Natureza vista através de um temperamento*, disse Zola. Isto quer dizer que cada escritor, cada artista, tem um modo especial de ver e de sentir, e, portanto, um *estilo* próprio. Se pusermos, por exemplo, 6 ou mais pintores a pintarem uma paisagem, cada um pintará um quadro, com um colorido especial, porque cada um viu e sentiu a paisagem de um modo personalíssimo, especial. A *Arte*, disse Ruskin, é *universal, variável, específica e indefinível*.

Emerson disse: — «E' prova de alta cultura dizer as coisas mais profundas do modo mais simples».

Anatole France: — «O mais difícil para um verdadeiro Artista é ser simples».

La Fontaine: — « Chassez le naturel; il revient au galop ».
O escritor deve atender sempre à *simplicidade* e à *clareza*. Bilac o diz lapidarmente:

« Mas que na forma se disfarce o emprêgo
do esforço; e a trama viva se construa
de tal modo que a imagem fique nua,
rica mas sóbria como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
do mestre. E, natural, o efeito agrade,
sem lembrar os andaimes do edifício:

— porque a Beleza, gêmea da Verdade,
arte pura, inimiga do artifício,
é a força e a graça na simplicidade. »

Albalat escreveu em « A arte de escrever »: — « E' preciso limpar o estilo, joeirá-lo, peneirá-lo, tirar-lhe a falha, clarificá-lo, fortalecê-lo, até que deixe de ter lascas de madeira, até que a fundição fique sem rebarba e se tenham tirado tôdas as escórias do metal ». Rui disse: — « E' preciso fazer a *toilette* do discurso ».

Virtudes estilísticas

1) *Pureza. Correção.*

* Em primeiro lugar, o escritor deve conhecer bem a língua, deve escrevê-la com asseio gramatical, sem barbarismos, sem solecismos.

Já Boileau disse:

« Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus divin est,
toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivain. »

2) *Ordem.* E' a maneira de ligar, de concatenar as idéias. O autor deve atender ao tempo, a que se refere o assunto (ordem cronológica) e à lógica do pensamento (ordem racional). Assim as palavras devem seguir a ascensão do pensamento ou a descida com uma ordem natural, precisa.

3) *Movimento.* E' o calor, a força, o sentimento que agi-

tam o estilo. Há estilos *calmos* (como o de Machado de Assis); *vivos* (como o de Euclides da Cunha).

- 4) *Colorido*. É a imaginação criadora, o traço específico do autor. A *adjetivação* dá grande colorido, porque o adjetivo é o enfeite, a jóia do vestido de um período. Eça de Queirós foi o maior adjetivador da língua portuguesa. Disse Martins Fontes: — «Camões criou o idioma; Eça o multicoloriu».

Exemplos:

Um regato *esperto* fugia...
 O riscar de fósforos *espavoridos*...
 Davam-lhe o apelido *cacarejante* de «Maricoquinhas»...
 O passo *fôfo* do gato...
 Uma tarde *arrepiciada*...
 Uma gravata *tranquila*...
 Um bigode *plangente*...
 Um cigarro *triste*...
 Um silêncio *côncavo*...
 O ar *parado* de um domingo...
 Escondiam-se bocejos *prováveis*...
 Um olho *fariscante*...
 A felinidade *feminina*...

A *comparação* dá também grande colorido ao estilo. Eça foi também extraordinário nas comparações:

O fraque escorria-lhe pelas costas...
 A minha curiosidade se sumiu como uma água, que a areia absorve...
 A Concha murchou como, depois de uma rajada, uma bandeira caída ao comprido de um mastro...
 Os destinos deles escorriam felicidades como taças muito cheias...
 Na valsa, a mulher faz a poesia do movimento...; o homem faz-lhe a força.

- 5) *Nobreza*. É a expressão alta, fina, aristocrática, do estilo. O autor deve evitar as imagens grosseiras, os plebeísmos, as cacofonias.
- 6) *Precisão, Propriedade*. O autor deve empregar termos ou expressões que se ajustem à idéia como uma luva a ua mão. Evitará assim a prolixidade e a redundância de palavras. Vieira, Eça de Queirós e Rui foram notáveis nesta virtude estilística. Exemplo:

O Estatuário

Arranca o Estatuário uma pedra dessas montanhas tósca, bruta, dura, informe; e, depois que desbastou o mais grosso, toma o maço, e o cinzel na mão, e começa a formar um homem, primeiro membro a membro, e depois feição por feição até a mais miúda: ondeia-lhe os cabelos; alisa-lhe a testa; rasga-lhe os olhos; afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço; estende-lhe os braços; espalma-lhe as mãos; divide-lhe os dedos; lança-lhe os vestidos: aqui desprega, ali arruga, acolá recama: e fica um homem perfeito e talvez um Santo, que se pode pôr no altar.

A. VIEIRA, *Sermões*

- 7) *Simplicidade e Clareza.* O autor deve evitar a obscuridade e a ambigüidade. O pensamento deve ser expresso com muita naturalidade, de modo que fique transparente, cristalino, facilmente inteligível ao leitor. Eça de Queirós deu muita claridade à língua: abriu-lhe janelas largas; arejou-a.
- 8) *Harmonia.* O autor deve evitar o *eco*, o *hiato* e a *colisão*. E' o emprêgo de palavras, com sons variados, às vêzes, (com onomatopéia se fôr necessário), o que produz um ritmo, uma cadência agradável. E' a música do estilo.

Eça, para descrever a lentidão de um rio, escreveu, em estilo onomatopaico: «O rio, defronte, descia, preguiçoso e como *adormentado sob a calma já pesada de maio*, abraçando, sem um sussurro, uma larga ilhota de pedra que rebrilhava». (Repare na monotonia das palavras grifadas, em que a letra *a* é acentuada).
- 9) *Elegância.* E' o emprêgo de figuras estilísticas, de atavios de linguagem; é o torneio gracioso do estilo.
- 10) *Sublimidade.* E' própria das composições épicas ou heróicas e oratórias. A maneira é grandiosa, enérgica, exaltada.
- 11) *Moderação.* E' própria dos trabalhos históricos. E' o emprêgo comedido, sóbrio, das figuras estilísticas.

Variedades de estilo (segundo os antigos):

- 1) *ático* (de Atenas) — puro, irrepreensível;
- 2) *asiático* — verboso, empolado;
- 3) *conciso* ou *lacônico* (da Lacônia) — curto, sóbrio;
- 4) *ródio* (de Rodas) — moderado; entre o *ático* e o *asiático*).

Como os nomes indicam, o estilo pode ter
variadíssimos aspectos:

- 1) natural;
- 2) simples;
- 3) rebuscado ou afetado ou precioso;
- 4) enfático ou empolado;
- 5) majestoso, sublime;
- 6) nobre;
- 7) familiar;
- 8) amplo;
- 9) conciso;
- 10) calmo;
- 11) vivo;
- 12) elegante.

Estilos de alguns prosadores brasileiros e portugueses:

- de *Vieira*: majestoso, sublime, nobre;
- de *Bernardes*: natural, simples;
- de *Herculano*: nobre, brônzeo;
- de *Garrett*: elegante;
- de *Castilho*: ático, puro;
- de *Camilo*: natural e vivo;
- de *Eça*: natural, vivo, sutil, sorridente. É a língua de monóculo;
- de *Fialho*: vivamente colorido, faiscante;
- de *Ramalho*: sereno, nobre;
- de *Alencar*: natural, simples;
- de *Machado de Assis*: calmo, sereno, plácido;
- de *Euclides da Cunha*: vivo, forte, torneado («estilo de cipó» dizia Joaquim Nabuco);

- de *Rui*: majestoso, amplo, nobre («estilo de cimento armado» disse alguém);
- de *Humberto de Campos*: elegante;
- de *Coelho Neto*: vivo, elegante.

DEFEITOS DE ESTILO

1) Todos os barbarismos ou vícios de linguagem mancham o estilo: *solecismo*, *colisão*, *ambigüidade*, *eco*, *cacofonia*, *peregrinismo*, etc.

2) *decalque* ou *pasticho* — é a imitação malfeita de uma boa obra literária). (*Pasticho* é um galicismo já corrente em português; refere-se, sobretudo, à pintura).

Há sempre *pequenos Ruis*, *Eças*, *Camilos*, etc. Um grande escritor é como um sol, o centro de um sistema planetário. Os satélites são os pequenos escritores, os imitadores. Monteiro Lobato escreveu algures: A obra de arte pode ser: *ótima*, *boa*, *sofrível*, *má*, *péssima* e *bonitinha*. A *bonitinha* é a dos imitadores, dos que fazem pastichos. É pior que *péssima*.

3) O *emprêgo demasiado* de orações subordinadas e incidentes, sobretudo o emprêgo abusivo da partícula *que*, muito dura no estilo.

A partícula *que*, repetida abusivamente, dá à frase torneios complicados, em que o pensamento se quebra, se interrompe, em que uma idéia se enreda na outra, dando-se o vício chamado *enjambement* (do francês *jambe* = perna). «O *que* pode substituir-se quase sempre por participípios, por orações infinitivas, etc.,» — diz Albalat.

Ex.: «Este costume, *que* julgavam ridículo». Pode substituir-se por: «Este costume, julgado ridículo». «Esta passagem, *que* é citada no livro...». Pode substituir-se por: «Esta passagem, citada no livro...».

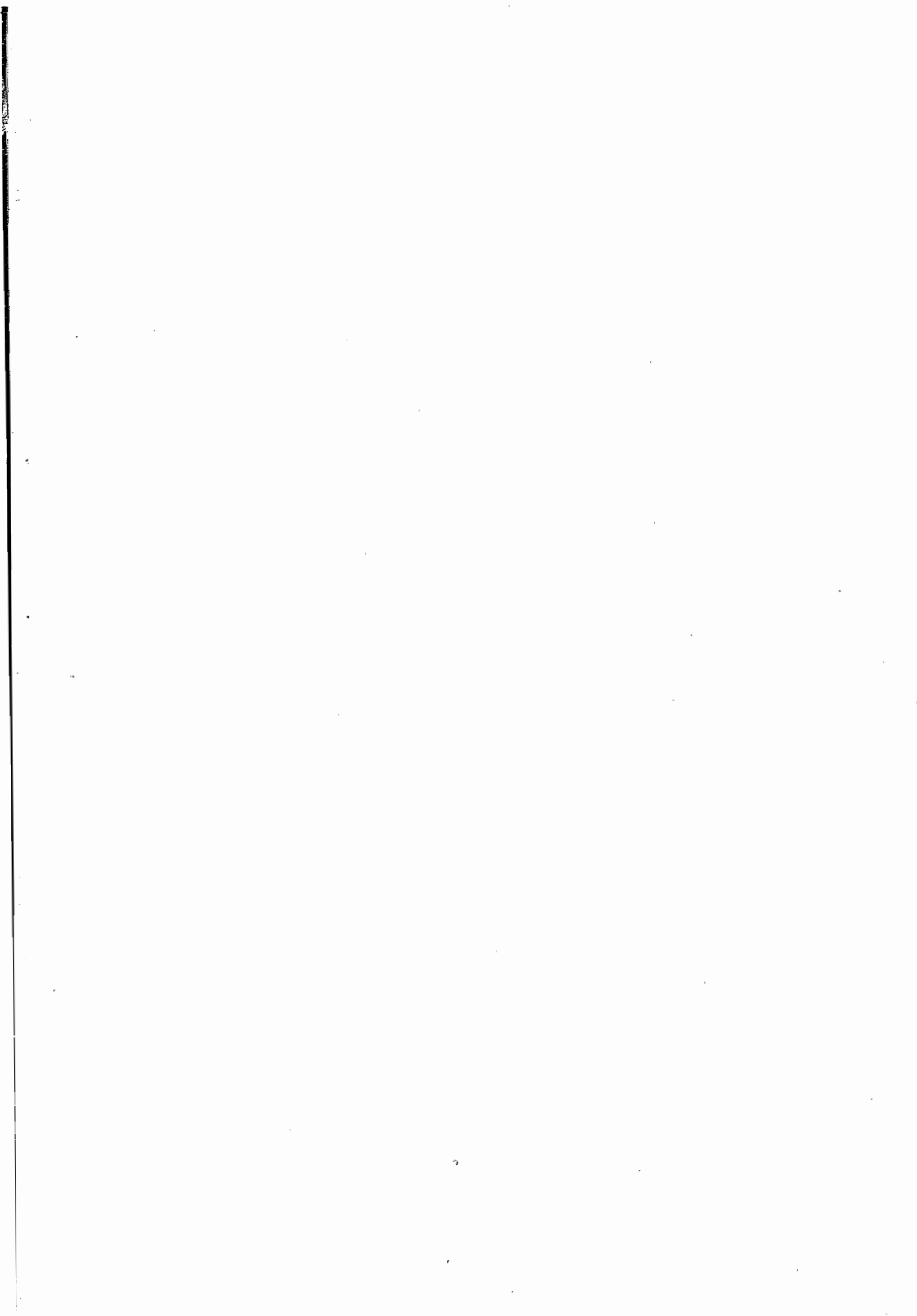
Repare-se nesta quadra de Afonso Lopes Vieira, onde o *que* produz dissonância:

« Esta palavra Saudade,
aquêle *que* a inventou,
a primeira vez *que* a disse
com certeza *que* chorou. »

4) O *emprêgo demasiado* dos verbos auxiliares *ser*, *ter*, *haver* e *estar* (Albalat). Os auxiliares de um participio de um verbo são palavras cômodas. O melhor será empregar o verbo próprio, estreme, coesivo, no seu tempo simples, o que dá fôrça e côr ao estilo.

Ex.: « O horizonte *estava* velado de vapores ». Diga-se: « O horizonte *velava-se* de vapores ».

5) o *emprêgo demasiado* das *parasitas* do estilo, isto é, advérbios e locuções, que servem de ligação às frases: — *efetivamente*, *por outro lado*, *a dizer a verdade*, *certamente*, etc. As boas frases não precisam de cavilhas; formam um bloco (Albalat).



ÍNDICE ALFABÉTICO

Os números indicam as páginas

A

a qual (= cada qual) 167
adjetivos 42-51
adjetivos qualificativos 42
adjetivos pátrios 43
adjetivos determinativos 47
adjetivos que indicam côr 47
advérbios 109
apôsto 168
análise lógica 116-152
anfibologia 248
anacoluto 203
antônimos 115
apelidos 382
artigos 48
atributo 56

B

barbarismos 246

C

cacófato 248
cacografia 246
cardinais 49
cartas 234
caso lexicogênico 368
categorias 31
cedilha 352
cláusulas 120
cognatas 115
colocação dos pronomes oblíquos 212
complementos 131
concordância 158-170
conjugações de verbos 62-75
conjunções 111
convergentes (formas) 330
crase 223
criações românicas 376
cujo 49

D

declinações do latim popular 368
defectivos (verbos) 58
diminutivos 35
demonstrativos 49-53
derivação 326; 329; 330
desnasalação 355
determinativos 47
diérese 355
diagramas 144
ditongo 347
divergentes (formas) 330; 365
documentos da língua 425

E

eclipse 29; 353
eis 109
elipse 202
ênclise 214-216; 356
epêntese 29; 352
epiceno 32
estilo 547
estrangeirismos 250
etimologia 326
ético (dativo) 205

F

feminino de substantivos 36
figuras de sintaxe 202
figuras literárias 207
filologia 494
flexão (graus dos substantivos) 35
flexão (dos adjetivos) 42
fonologia 346
fonema 346
fonética 352
formas divergentes 330; 365
formas convergentes 330

formas sincréticas 330
 formação de palavras (sufixos) 326-345
 francesismos ou galicismos 251
 frase 25
 freqüentativos (verbos) 59
 futuros do subjuntivo 99

G

galicismos 251
 gênero (flexão) 36
 genitivo 370
 gentílicos 43
 gerúndio e particípio presente 107
 glotologia ou glótica 494
 gramática (divisão) 26
 graus (dos subst.) 35
 graus (dos adj.) 42

H

haver (verbo) 60
 hemistíquio 543
 hiato 250
 hífen 352
 hipérbato 204
 hipértese 30; 354
 hiperbibasmo 354
 histórico (Português histórico) 492
 homófonas (palavras) 115
 homógrafas (palavras) 115
 homônimas (palavras) 114

I

idioma 25
 idiotismo 102; 203
 imitativo (verbo) 59
 imperativos 97
 imperfeito do subjuntivo 100
 incoativo (verbo) 59
 indefinido 48; 54
 infinito pessoal 102
 infixos 324
 interjeição 114
 italianismo 250

J

jazer (verbo) 85
 justaposição 29

L

lambdacismo 248
 latim vulgar (*sermo vulgaris*) 493
 lexicologia 26

léxico 26
 língua 25
 linguagem 25
 literatura 519
 locuções adverbiais 109
 locuções prepositivas 111
 locuções conjuntivas 111
 locuções interjetivas 114

M

meio, meia 306
 mesmo 255
 mesóclise 221
 metaplasmo (figuras) 29; 352
 metátese 30; 355
 métrica (versificação) 537
 mímica 25
 mais-que-perfeito simples do indicativo com o valor de condicional e imperfeito do subjuntivo 100
 monossílabo 350
 monotongo 347
 morfologia 26
 multiplicativos 51

N

nada 110; 306
 nasalação 355
 negação (repetição) 110; 306
 neolatinas ou novilatinas (línguas) 492; 500
 neologismo 248
 neutro 368
 no-lo; vo-lo 222
 nome predicativo 56
 nomes próprios (origem) 378
 notações ortográficas 352
 numerais 49; 386

O

ó e oh! 114
 o e lhe 55; 209
 objeto direto 54-55; 132
 objeto indireto 56; 132
 oblíquos (colocação dos pronomes) 212
 onomatopaico (verbo) 59
 onomatopéia (no estilo) 208; 550
 optativas (orações) 221
 oração (nomes das orações) 25; 120; 142

ordinais 50
origem de língua portuguesa
ortografia (reforma ortográfica) 308;
350; 393
oxítonas (palavras) 350

P

paciente (da ação verbal; quando
o sujeito sofre a ação) 59
palavra 25
palavra composta (substantivos) 39
paragoge 29; 352
parágrafo ou *alínea* 245
parêntese 245
parônimas (palavras) 115
participios duplos 76
partícula apassivadora 94
passivo (verbo) 59; 69
pátrios (adjetivos) 43
patronímicos 32; 384
pejorativo 36
per (preposição) 101; 111
peregrinismo 250
período (análise de período) 27;
116; 135
pleonasma 202
plural de subst. e adj. 38; 47
poer (verbo) 375
poesia 524; 537
polissílabo 350
ponto de exclamação 245
ponto de interrogação 244
ponto final 244
pontuação 244
por (polo, pola) 101
Português do Brasil 507
Português histórico 493
positivo 42
possessivo 48; 52
predicado 27
predicativo (nome) 56
prefixos 326; 338; 341
preposição 111
próclise 216; 356
promíscuos 32
pronomes 51; 212
pronome "se" 94
pronominal (verbo) 72
proparoxítonas 350
proposição 25; 116

próprio (subst.) 32; 378
prosódia 26
prótese 29; 352
provincianismo 250

Q

qualificativos (adjetivos) 42
que (a partícula "*que*") 126
querer (o verbo *querer*) 84
querer e require 84

R

recíprocos (verbos pronominais) 59
reflexivos (verbos) 58
regência 209
reticências 245
rotacismo 248

S

se (estudo lógico do pronome "*se*")
94
semântica 26
semiditongo 347
semiótica 26
sentença 25; 116
silepse 205
sinalefa 353
síncope 29; 353
sincréticas (palavras) 330
sinérese 352
sinônimas (palavras) 114
sínquise 205
sintaxe 26; 115
sistemas ortográficos 308; 351; 393
solecismo 246
substantivos 32
sufixos 327; 331; 337

T

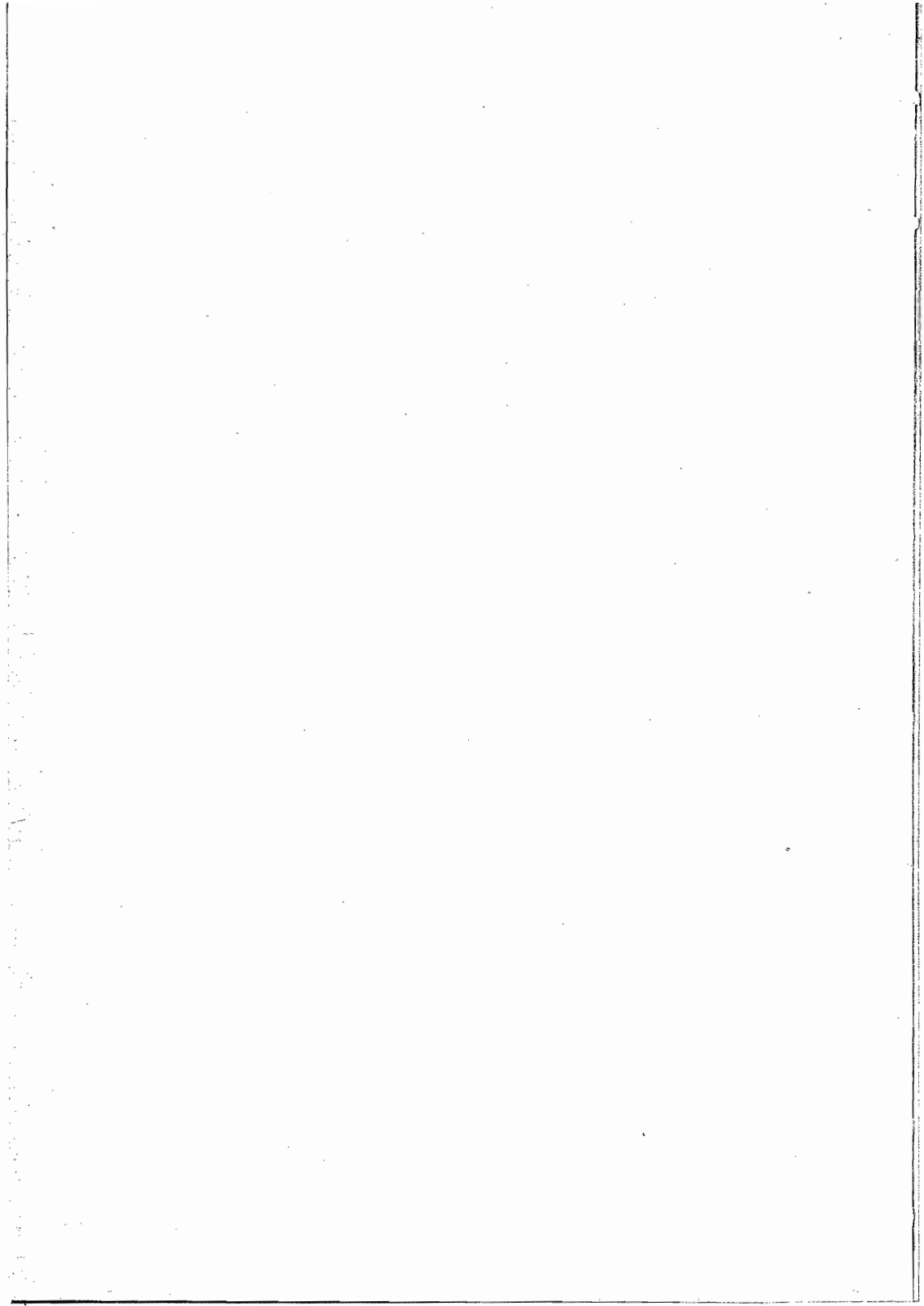
taxinomia 26
tmese 205
tritongo 347
tratamentos 235

V

verbos 54-77
verbos em *ar* 77; em *ear* e *iar* 82
verbos em *er* 83
verbos em *ir* 89
versificação 537
vícios de linguagem 246; 262
vo-lo; no-lo 222

Z

zeugma 202



Sôbre o "PORTUGUÊS PRÁTICO"

De Cândido de Figueiredo

.....
 É um livro cheio de ensinamentos, que muito contribuirá para o cultivo da linguagem.

«Jornal do Comércio», edição do Rio, 1920.

Da «Revista Brasileira de Pedagogia»

(Rio, abril de 1938, n. 43, artigo de José Schlavo):

«Muitas vêzes temos recomendado aos que conosco se aconselham sôbre o mais didático de nossos livros de Português, a obra do conceituado Prof. Marques da Cruz, sobejamente conhecida em todo o país, o «Português Prático». Não sabemos de outro, no gênero, que possa perfeitamente substituí-lo. A «Crase» ninguém, entre nós, ainda a expôs com mais clareza.»

Do «Correio Paulistano»

Vícios de linguagem, colocação de pronomes, o emprêgo da crase, maneira de escrever cartas, tratado de versificação e um interessante estudo sôbre as correntes literárias contemporaneas, tudo isso é o objeto desta obra, de flagrante utilidade — obra simples e prática que pode ser entendida por qualquer inteligência. O brilhante autor realizou, consoante o seu desejo, «um trabalho de vulgarização» que, sem dúvida, ótimo serviço há de prestar aos que o compulsarem com o intuito de se enfronhar em certos pontos obscuros ou mesmo verdadeiros mistérios da língua portuguesa. Uma vista de olhos através destas páginas, é para o espírito do intelectual, gramático ou escritor, o que é uma pouca de água para uma planta murcha. Por isso, reputamos como excelente este volume de estudo do idioma vernáculo — volume em que tanto o erudito como o neófito muita coisa encontrará de interesse e que se recomenda, ainda, pela sua feição clara e sintética. Este livro é dos que devem ser lidos e relidos. É um professor de aula — e professor que expõe por métodos intuitivos.

«Correio Paulistano», 11-nov.-1920.

«Da Revista do Brasil»

Há muito que se assinalam no Brasil os estudos de português. Precisaremos recordar os monumentais trabalhos do Código Civil, com sua redação, réplica é tréplica?

As excelentes gramáticas nacionais juntam-se, dia a dia, estudos práticos, de incontestável valor.

Este, da autoria do sr. Marques da Cruz é um deles. Mas de que maneira o faz! Dotado de um grande senso pedagógico, o sr. Marques da Cruz tem no livro o que se quer em classe: — paciência, vagar, método, meticulosidade. Professor assim é raro. Autor assim, raríssimo. Detém-se em cada particularidade, figura todos os casos, mostra tôdas as hipóteses e, exemplos sôbre exemplos, esclarece as dúvidas que ocorram ao mais suspicaz dos estudantes. Todos os absurdos são previstos, para a competente lição. Com tudo isso o sr. Marques da Cruz revela um profundo conhecimento da gente, que estuda, e uma grande capacidade para lhes transmitir por escrito o ensino.

«Revista do Brasil», 1920.

Do poeta Afonso Lopes Vieira

.....

Ao ler o seu «Português Prático», compreendi logo, pela clareza com que são tratados os vários capítulos, a razão por que este nobre livro tem tido tão franco, tão espontâneo acolhimento no Brasil.

(de uma carta ao autor).

Do filólogo Mário Barreto

«Meu prezado confrade.

Os meus parabéns pelos seus lindíssimos versos publicados no 3.º número da «Revista de Filologia Portuguesa».

Num artigo, que estampeei no mesmo número da citada revista, fiz uma referência ao meu distinto colega e ao seu livro utilíssimo e muito bem-feito «Português Prático».

Fi-la com muito gosto e com inteira justiça.

Creia-me seu velho admirador muito obrigado e afetuoso,

Rio, 4-3-1942.

Mário Barreto. »

Do «Estado de São Paulo»

A campanha iniciada há algum tempo contra o pouco caso, o desleixo e a incúria com que a massa popular tem tratado a nossa língua, incúria criminosa que ameaça a beleza e a pureza do idioma começa já de produzir os primeiros e benéficos frutos.

E' que a maioria letrada do país, especialmente aquela a quem está confiada a tarefa de educar a infância e a mocidade nacional — e sobre quem recaem as mais pesadas culpas, no caso — compreendeu em boa hora, que esse afastamento do povo pelas boas normas tradicionais, dependia muito da má orientação do ensino e principalmente dos péssimos livros didáticos adotados para a transmissão dos conhecimentos.

E começou, então, uma era nova, que visa transformar os métodos até agora seguidos.

E' consolador verificar tal reação, a que se pode chamar a reação da cultura.

Aqui temos mais um excelente livro

Faz bem o A. em insistir nesses pontos. E' só por meio da insistência e da repetição que se consegue fazer reter e fixar as regras e as normas do bem-falar e da boa escrita, e, ainda que costumem chamar, depreciativamente, a essas questões «chinesices» é mister reconhecer que só o seu pleno conhecimento pode permitir a aprendizagem de uma língua, que apresenta tantas dificuldades como a nossa.

Além dessas questões, o livro traz mais um esplêndido capítulo «como se escrevem cartas», que facilita aos mestres o ensino de um dos pontos de mais difícil aprendizagem, que é o emprêgo certo do tratamento.

O método adotado, em todo o livro, pelo sr. Marques da Cruz, se recomenda especialmente pela clareza e concisão, e é digna de elogios a exemplificação abundante, com que documenta as suas afirmações.

Escrito num estilo corrente e desataviado, o «Português Prático» será nas escolas de grande vantagem para o ensino.

Do «Estado de São Paulo», 1920.

Do filólogo João da Silva Correia

Diretor da «Faculdade de Letras» de Lisboa:

«Quis V. honrar-me com um presente espiritual, rico e proveitoso. Gostei imensamente do «Português Prático». Louvo a largueza de vistas e de informações, e o plano da obra, que merecia maior divulgação em Portugal.»

Do ilustre escritor e historiador português, Alfredo de Matos

Nestas colunas, já se fez menção de alguns trabalhos literários, quer em verso, quer em prosa, de Marques da Cruz.

Com isso, nem pretendemos revelar um poeta, nem miramos apresentar um prosador. Hoje, sim, julgamos trazer alguma coisa de novo, alguma coisa de importante, acêrca da personalidade literária de Marques da Cruz, ao menos para a maioria dos leitores. É indicá-lo como autor didático, e, dentro da didática, como autor de compêndios para alunos de português. Tenho diante de mim os 4 volumes que publicou sob a designação comum de "Português Prático". Já os li (estou a dizer mal) já os estudei todos, de lápis na mão. O método usado, a clareza da exposição, o empenho com que estuda pormenores, a largueza das lições e o seguro da doutrina fazem com que nos lamentemos de não o ter seguido, em vez do tal compêndio "oficialmente aprovado", que Afonso L. Vieira deitou fora.

Com possuí-lo, agora, e tê-lo aqui à mão tenta, para socorro nas dúvidas, procuraremos remediar males, de que enfermamos sem culpa.

"*Ensina-se a gramática pela língua*" é o axioma que bem transparece em tôdas as páginas de cada volume. Posto o trecho literário, arrancado a poeta ou prosador, tanto brasileiro como português, o esclarecido professor, em curtas notas de roda-pé, gradualmente, vai servindo de dicionário, de gramática, ao fornecer a significação, o sinônimo, a origem filológica duma palavra ou a fonte histórica de uma locução, ao dar o porquê claro de certa construção frásica, na censura de erros e vícios de linguagem. Quando o aluno já está preparado, no meio da própria seleta, enxerta leis da gramática, que, dêste jeito, perde o ar de secura tão nosso conhecido. Estudamos e temos visto outros estudarem o livro da leitura, isoladamente. A relação entre *êle* e a *gramática* surge abruptamente, na análise gramatical — floresta densa, onde o aluno se perde não raro.

De todo o "Curso" merece-nos particular estima a "Gramática" *para uso das quatro séries do curso ginasial*. Nela se aprende a escrever uma carta, nela se podem estudar completa e praticamente as funções do "*que*" (Marques da Cruz aponta e documenta, com exemplos, 21!).

Lá vem um rol apreciável de galicismos. E que diremos a respeito da maneira como estuda o português histórico? Só lendo se pode avaliar. Até hoje não vimos coisa que se lhe compare, em livro similar

Portugal (Leiria)... "O Mensageiro" (21-8-1954).